



A EVOLUÇÃO DA ZOOLOGIA E DOS MUSEUS DE HISTÓRIA NATURAL EM PORTUGAL

Luis Miguel Pires Ceríaco

Tese apresentada à Universidade de Évora
para obtenção do Grau de Doutor em História e Filosofia da Ciência
Especialidade: Museologia

ORIENTADORES : *João Carlos Pires Brigola*
Paulo Guilherme Leandro de Oliveira

ÉVORA, NOVEMBRO DE 2014



À MINHA MÃE, responsável pela
minha paixão pela História Natural
desde tenra idade.

À MARIANA, que comigo partilha
essa e todas as outras paixões.

NOTA PRÉVIA

Nos termos do nº2 do artigo 8º do Decreto-Lei nº 388/70, foram incluídos em alguns capítulos desta dissertação os resultados de trabalhos já publicados ou em publicação. Em todos estes trabalhos, o candidato participou na obtenção, análise e discussão dos resultados, bem como na elaboração da publicação, embora alguns sejam resultados de colaborações.

A instituição de origem do candidato foi o Departamento de Biologia da Universidade de Évora (DBio-UE), tendo o trabalho sido realizado sob orientação do Professor Doutor João Carlos Pires Brigola, Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de História da Universidade de Évora (DHist-UE), e co-orientação do Professor Doutor Paulo Guilherme Leandro de Oliveira, Professor Auxiliar do DBio-UE. A instituição de acolhimento foi o Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência (CEHFCi).

Este trabalho foi apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através da atribuição de uma bolsa de doutoramento de referência SFRH/BD/66851/2009, cofinanciada pelo POPH/FSE.



A Evolução da Zoologia e dos Museus de História Natural em Portugal

Resumo:

Os estudos zoológicos modernos e o estabelecimento de coleções de história natural no país remontam à segunda metade do século XVIII e mantiveram-se ao longo do século XIX e XX até aos dias de hoje. O seu desenvolvimento terá sido influenciado por circunstâncias políticas, económicas e sociais, que ora os estimularam, ora os retraíram. No entanto, desde a fundação de Real Gabinete de História Natural da Ajuda por Domingos Vandelli e da adoção do sistema lineano, à fama internacional da secção Zoológica do Museu Nacional de Lisboa dirigida por Barbosa du Bocage, o país manteve-se sempre a par das ideias e teorias modernas, adotando práticas comuns e contribuindo direta ou indiretamente para o conhecimento da fauna principalmente de origem ibérica, africana e brasileira. As coleções para além de resultado direto do esforço colecionista, e base material para a investigação de então, mantêm-se ainda hoje como um importante património histórico-científico a preservar.

Palavras-chave: História da Ciência; Coleções de História Natural; Zoologia; Espécimenes; Museus.

The Evolution of Zoology and Natural History museums in Portugal

Abstract:

Modern zoological studies and the establishment of natural history collections in Portugal date back to the second half of the eighteenth century, and have run through the nineteenth and twentieth centuries to the present day. Their development has been influenced by political, economical and social circumstances, that either stimulated them or not. However, since the foundation of the Ajuda Royal Cabinet of Natural History by Domingos Vandelli, to the international prestige of the National Museum of Lisbon Zoological Section directed by Barbosa du Bocage, the country has remained abreast of the modern theories and ideas, adopting common practices and directly or indirectly contributing to the knowledge of Iberian, Brazilian and African faunas. Further from being the result of collecting efforts and being the material base to past investigations, the collections remain today as an important historical and scientific heritage to be preserved.

Keywords: History of science; Natural History collections; Zoology; Specimens; Museums.

Agradecimentos:

Por muito solitário e pessoal que seja o processo de elaboração de uma tese de doutoramento, é inegável que para ela contribuem um miríade de pessoas, cujo reconhecimento público é devido.

Devo ao Prof. João Brigola e ao Prof. Paulo de Oliveira um especial reconhecimento, por terem aceitado a supervisão desta tese. Não fossem os seus conselhos, sugestões, correções e indicação de caminhos a tomar este trabalho não teria sido possível. Em especial, agradeço-lhes por terem confiado e acreditado em mim, e me terem proporcionado um forte estímulo intelectual e supervisão pedagógica durante os quatro intensos anos desta tese.

Aos professores do programa de doutoramento deixo também uma palavra de especial apreço. Gostaria de referir especialmente, por uma maior proximidade pessoal e académica o Prof. Jorge Rivera, pelo constante incentivo a um pensamento crítico e ao desenvolvimento de novas ideias, ao Prof. João Paulo Príncipe pela oportunidade de poder trabalhar com ele na primeira fase do programa e à troca de ideias sobre variados assuntos académicos, ao Prof. Augusto Fitas, pelos conselhos sábios que me soube dar ao longo de todo o programa, e ao Prof. José Brandão, pela proximidade à minha investigação e "amenas cavaqueiras" que me proporcionou. À Prof. Maria de Fátima Nunes, devo no entanto uma menção especial, não só pelo apoio prestado como diretora do programa de doutoramento em todos os assuntos burocráticos e processuais, mas principalmente pelos "raspanetes" que me deu ao longo dos anos e que sem dúvida me fizeram crescer bastante, em termos intelectuais, académicos e pessoais. Aos colegas do programa de doutoramento, muito obrigado pela camaradagem e disponibilidade para troca de impressões e ideias.

Devo um particular agradecimento à Doutora Judite Alves do Museu Nacional de História Natural e da Ciência de Lisboa, pela permissão de acesso e estudo do Arquivo Histórico do Museu Bocage, a principal fonte da minha pesquisa. Por isso, mas também pela amizade e apoio em muitos outros projetos,

fica aqui o meu muito obrigado! Também do Museu, não poderia deixar de agradecer à Doutora Marta Lourenço. Agradeço-lhe por me ter acolhido no seu grupo de investigação e me ter proporcionado momentos únicos, quer do ponto de vista académico e pessoal. Graças a ela pude também ter a honra e o prazer de conhecer e trabalhar com os colegas David Felismino e Inês Gomes, cuja paixão pela história da ciência e das coleções nos levou a sempre animados e produtivas conversas, bem como a trabalhos em comum. Não posso neste contexto de deixar uma palavra à colega Catarina Madruga, que partilha comigo a paixão pela vida e obra de José Vicente Barbosa du Bocage, e que tem partilhado comigo dados valiosíssimos e ideias sempre interessantes. Ainda do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, tive a oportunidade de trabalhar com o Dr. Vitor Gens, a Doutora Patrícia Garcia Pereira, a Doutora Cristina Luis, a Doutora Natascha Mesquita, a Doutora Cristiane Bastos-Silveira, o Doutor Luis Filipe Lopes, entre muitos outros. Pela amizade e simpatia como sempre me receberam e recebem, um muito muito obrigado!

Da cidade do Porto, e em particular do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, quero deixar um especial agradecimento à sua curadora (e grande amiga) Dr.^a Luzía Sousa, pelo seu apoio durante todas as minhas investigações no Museu. Não fosse a sua energia contagiante e grande paixão por uma das mais impressionantes coleções nacionais, certamente que o meu trabalho no Porto teria sido bastante mais complicado. Do Porto ainda, uma palavra de apreço à Dr.^a Maria José Cunha, também ela curadora do mesmo museu, e ao seu diretor Doutor Nuno Ferrand de Almeida.

Da Universidade de Coimbra devo o meu mais sincero obrigado à Dr.^a Ana Rufino, que sempre me abriu as portas e acolheu nas magníficas coleções do antigo Museu Zoológico. À Dra. Maria do Rosário Martins e à Dra. Maria Arminda Miranda do antigo Museu Antropológico deixo um beijinho, e um muito obrigado pelas vezes que tão bem me receberam nas coleções antropológicas. Também de Coimbra, quero agradecer a todos aqueles que, de um modo ou de outro, me ajudaram nas minhas investigações: Dr.^a Catarina Pires, Dr. Gilberto Pereira e a Dr.^a Maria Inês da Silva. Os Doutores Paula Gama Mota e Pedro Casaleiro, diretores

do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra deram todas as permissões necessárias para as várias visitas. Do Museu de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, gostaria de agradecer ao Doutor Santos Rosa, diretor da FMUC pela permissão de visita e de fotografar no Museu de Anatomia Patológica, e em especial ao Dr. Nuno Garcia e Dr. António Lopes, da FMUC, pela simpatia e apoio prestado durante a visita ao mesmo museu.

Do Museu da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, o Dr. Pedro Henriques prestou uma ajuda fundamental para a localização de um importante espécimen monstruoso do século XVIII.

Ao Dr. João Paulo Constância, curador de Zoologia do Museu Carlos Machado de São Miguel, um grande abraço e um maior obrigado por me receber no Museu.

A Dra. Paula Leandro do Aquário Vasco da Gama permitiu o meu acesso às coleções da biblioteca do Rei D. Carlos.

Na Biblioteca Pública de Évora fui sempre auxiliado e bem recebido pelo Dr. José Chitas, que me prestou importantes préstimos para a localização de documentação.

Do Museu de Évora, o Dr. Celso Mangucci recebeu-me sempre com a maior das simpatias, dando-me acesso à importante e esquecida coleção de "naturalia" do mesmo Museu.

Tout d'abord, je tiens à remercier toute l'équipe du Musée d'Histoire naturelle qui à su m'accueillir comme l'un des leurs, dans cette magnifique institution. Je remercie particulièrement Dr Annemarie Ohler (Herpétologie), Dr Alain Dubois (Herpétologie), Mr Marc Cugnet (Herpetologie), Dr Romain Causse (Poissons), Dr Cécille Callou (Mammalogie), Dr. Céline Bens (Mammalogie) et Anne Préviato (Ornithologie). Je tiens aussi à remercier spécialement le Dr. Roger Bour, pour m'avoir fait découvrir et partager le monde merveilleux qu'est la nomenclature zoologique. Et pour m'avoir donné l'occasion de travailler avec lui sur le cas " Gigantea". Cette expérience dans le monde de la science à marqué à

jamais mon parcours étudiant. Je vous envoie toute mon amitié sincère et un grand "abraço"!

I also have to thank to some great friends and colleagues from the other side of the Atlantic. To Dr. Aaron Bauer, for receiving me in his house and introducing me to one of the biggest and richest Herpetological libraries in the world - his own! - where the rarest eighteenth century classic shares room with the most recent novelties in herpetological research, for his passion in history of science and collections, for his interest in my work and for introducing me to his team, I owe him one of the biggest thanks. Dr. Edward Stanley, who has helped me during my bibliographical researches in the American Museum of Natural History, as well as during my failed attempts to capture ophidians in Angola, a big hug! From the Smithsonian Institution, Dr. Tad Bennicoff have gently sent to me copies of Bocage's letters. From the library of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia, Dr. Megan Gibes helped a lot during my research in the Academy archives. Last, but not least, Dr. David Blackburn has received me in the California Academy of Sciences and helped during the identification of some early twentieth century Bethencourt Ferreira type specimens from Porto museum. For this, as also for his friendship and guidance, a big hug!

As investigações no Naturalis Biodiversity Center (Leiden) só foram possíveis graças ao apoio do Dr. Luis Morgado, amigo micólogo eborense que me deu guarida durante as investigações, e à Dr. Esther Dondorpp, manager das coleções herpetológicas pelo apoio prestado durante o trabalho em si.

Da Universidade de Évora, não posso deixar de dar uma palavra de apreço a todo o pessoal do departamento de Biologia que carinhosamente se foram interessando pelo meu trabalho e dando os seus mais sinceros incentivos. Um abraço em particular para o Doutor Diogo Figueiredo, com quem tenho tido o prazer de trabalhar ao longo destes anos.

Todos os meus colegas e amigos que durante os últimos quatro anos aturaram as minhas conversas sobre museus, bichos empalhados, brigas nomenclaturais e afins um grande abraço. Pela força e apoio que me deram

durante esta importante fase da minha vida académica fica o meu mais sincero agradecimento ao Miguel Bilou, Carlos Vila-Viçosa, André Caeiro, Luis Fernandes, Natália Madeira, Sara Carvalho, Margarida Pereira, Ivo Rego, João Azoia, Francisco Calado, João Galhardo, Guilherme Mira, Rita João Ramos, Verónica Sanita, entre muitos outros.

À minha família pelo amor incondicional. Ao meu pai e ao meu irmão por estarem sempre disponíveis para me ajudar em qualquer problema. Ao Eduardo, à Isabel, à Madalena e à Anabela, por tão bem me receberem como novo membro da família.

À minha mãe. Por ser ela a principal responsável da minha paixão pela História Natural. Porque ainda me lembro das visitas ao "Museu" da escola, o fascínio que os "bichos empalhados" me despertavam, e o terror despertado pelo famoso esqueleto de "gorila". Por ter estado invariavelmente do meu lado em todos os momentos desta tese, e por me incentivar a nunca desistir e a seguir os meus sonhos, não só lhe agradeço, como lhe dedico esta tese.

À Mariana devo tudo o que de bom o que tive neste últimos anos. Por ter acompanhado a tese desde os seus primórdios até à sua conclusão, por ter estado sempre ao meu lado nos piores e melhores momentos, por me incentivar e apoiar todas as minhas decisões, por correr comigo museus e bibliotecas, pela sua amizade e amor... Por ser o porto de abrigo para onde volto após todas e quaisquer aventuras por esse mundo fora, o meu obrigado. Amo-te.

Índice:

Resumo	11
Abstract	13
Agradecimentos	15
Índice geral	21
Índice de figuras	25
Índice de tabelas	29
Introdução	31
Enquadramento	33
Estado da arte	37
Opções metodológicas e fontes	47
Estrutura do texto	55
Parte 1 - História Natural no Iluminismo Português (1768-1810)	
Capítulo 1 - A génese da História Natural em Portugal	61
Capítulo 2 - As viagens filosóficas: ciência e coleções	77
<i>A viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792)</i>	82
<i>A viagem a Goa e Moçambique de Manuel Galvão da Silva</i> <i>(1783-1790)</i>	97
<i>A viagem a Angola de Joaquim José da Silva (1783-1810)</i>	103
<i>A viagem a Cabo Verde José da Silva Feijó (1783-1792)</i>	109
Capítulo 3 - Coleções: enriquecimento e gestão interna	117
Capítulo 4 - O papel das coleções no discurso naturalista, pedagógico e filosófico	155
Capítulo 5 - As invasões napoleónicas e a missão de Geoffroy	

Saint-Hilaire	171
Epílogo - Sistemas, catálogos e coleções: a génese da História Natural	188

Parte 2 - Os anos negros da Zoologia Portuguesa (1810-1861)

Capítulo 6 - Das invasões francesas à guerra civil	203
Capítulo 7 - Tempos de mudança: do fim da guerra civil ao fim do gabinete da Ajuda	227
Capítulo 8 - Museus e História Natural nos primeiros anos do Liberalismo	254
Capítulo 9 - Resultados da missão de Saint-Hilaire: as coleções da Ajuda em Paris na primeira metade do século XIX	294
Capítulo 10 - Da degradação ao encerramento do Museu Nacional de Lisboa	326
Capítulo 11 - As coleções de D. Pedro V no Museu Real do Paço das Necessidades	344
Epílogo - Coleções naturalistas e o plano da natureza	372

Parte 3 - Sob a batuta de Barbosa du Bocage: os anos de ouro da Zoologia Portuguesa (1861-1910)

Capítulo 12 - O renascimento do Museu de Lisboa	383
Capítulo 13 - Novos museus, novas personagens: gestão interna e modelos de desenvolvimento	415
<i>A Secção Zoológica do Museu de Lisboa</i>	416
<i>O Museu Zoológico da Universidade de Coimbra</i>	438
<i>O gabinete de Zoologia da Academia Politécnica do Porto</i>	450
<i>O "Museu Açoreano"</i>	460
Capítulo 14 - Atividade Científica: Taxonomia, evolucionismo e inserção nas redes internacionais	467
Capítulo 15 - As coleções e os trabalhos científicos de Carlos I	489
<i>As coleções de História Natural e os projetos ornitológicos</i>	492

<i>As expedições e o Museu Oceanográfico</i>	496
<i>A criação do Aquário Vasco da Gama</i>	502
<i>Carlos de Bragança, Zoólogo</i>	507
Epílogo - Entre inventários e a "Evolução": os anos de ouro da Zoologia .	515
Considerações Finais	525
Fontes bibliográficas	537
Fontes manuscritas	539
Fontes impressas	574
Apêndices (em CD-Rom anexo)	

Índice de Figuras:

Figura 1- Espécimes de monstros citados por Vandelli no Dissertatio, ainda presentes nas coleções de Coimbra.	70
Figura 2 - Aguarela representando uma das canoas da esquadra de Alexandre Rodrigues Ferreira.....	82
Figura 3 - Ilustração original representando a captura de tartarugas para alimentação e estudo.....	83
Figura 4 - Aguarela original da "Mata-Mata", feita pelos desenhadores da viagem.	90
Figura 5 - Representação das trocas realizadas entre o naturalistas e os "mouros e cafres".	100
Figura 6 - Ilustração da Hyena coletada por Silva em Angola.	107
Figura 7 - Páginas e detalhe dos desenhos da obra "Lepidoptérum...".....	119
Figura 8 - Exemplar de "peixe herborizado" da coleção do Museu de Ciência da Universidade de Coimbra.....	120
Figura 9 - Esquema da organização geral da primeira sala do Gabinete.....	142
Figura 10 - Esquema da organização geral da parte superior da segunda sala do Gabinete.	145
Figura 11 - Frontão vestibular com inscrição latina referente à Teologia Natural..	160
Figura 12 - Fronstespício da " <i>Relação</i> ...".....	180
Figura 13 - Retrato de Félix de Avelar Brotero.	202
Figura 14 - Exemplar de Pirarucu (<i>Arapaima gigas</i> Schinz, 1822), proveniente da viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira, então nas coleções do Museu Bocage, na segunda metade do século XX.....	209
Figura 15 - Prancha do 1º volume do "Quadro Elementar ...", dedicado à comparação anatómica de esqueletos de vertebrados, prática mestra da Anatomia Comparada, e tabela com a classificação utilizada por Cuvier..	211
Figura 16 - Ilustração da "Le Petit Phoque" de Buffon, baseada no exemplar presente no Muséum National d'Histoire Naturelle visto também por Brotero e usado como comparação com o exemplar da Ajuda.	214

Figura 17 - Ilustração da "Phoca vitulina subrufa" referida por Brotero.....	216
Figura 18 - Coleções do Museu de Lisboa em 1836.	245
Figura 19 - Estampa de zoologia do tempo de Ribeiro e Paiva, atualmente presente na Biblioteca de Zoologia da Universidade de Coimbra (sala antiga).	248
Figura 20 - Evolução das remessas de produtos naturais para o Museu de Lisboa entre a data da abertura das suas portas (1838) até à sua transferência para a Escola Politécnica.	255
Figura 21 - Frontispício do "Catalogo da Collecção Zoologica do Museu da Universidade de Coimbra"	272
Figura 22 - Retrato de José Carneiro da Silva.....	284
Figura 23 - Litografias do "Ateles Marginatus" e do "Ateles Arachnoides" e correspondentes holótipos, acualmente nas coleções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris	301
Figura 24 - Litografia e holótipo do "Simia ursina" e "Simia Satanas"	303
Figura 25 - Fotografia de José Vicente Barbosa du Bocage (1823 - 1907), tirada muito provavelmente na década de 1850, por época da sua nomeação para Sócio Efectivo da Academia das Ciências de Lisboa.	331
Figura 26 - Evolução das coleções de vertebrados desde a transferência do material da Ajuda para a Academia (já contando as coleções Maynenses e da própria Academia), até à sua chegada às mãos da Escola Politécnica de Lisboa.	339
Figura 27 - Evolução do número de exemplares de aves e de conchas na coleção do Museu Real durante a direção de D. Pedro V.....	358
Figura 28 - Estampa da "Ornithologia Lusitana" de D. Pedro V, com desenhos de sua autoria.....	361
Figura 29 - Ilustração original da "Chioglossa lusitanica" publicada nos Proceedings of the Zoological Society of London	400
Figura 30 - Fotografia de Félix Brito Capello.....	404
Figura 31 - Retrato de José de Anchieta.....	408
Figura 32 - Planta da secção Zoológica em meados da década de 1880, desenhada por Arruda Furtado.	427
Figura 33 - Sala de África, circa 1900.	429
Figura 34 - Sala de Portugal, circa 1900.....	429

Figura 35 - Fotografia da nova galeria aquando da sua inauguração.....	438
Figura 36 - Anfiteatro de Zoologia, em 1893, fotografia por Augusto Bobone.....	439
Figura 37 - Sala das coleções gerais, em 1893, fotografia por Augusto Bobone.	441
Figura 38 - Fotos dos espécimenes oferecidos por Theodoro José da Cruz ao Museu.....	448
Figura 39 - Laboratório de Anchieta em Caconda.....	467
Figura 40 - Mapa da das localidades Europeias e Mundiais em que Bocage possuía correspondentes.	475
Figura 41 - Fotografias do Museu Oceanográfico do Paço das Necessidades.....	497
Figura 42 - As instalações do aquário no início do século XX.	503

Índice de Tabelas:

Tabela 1 - Reprodução integral da " <i>Relação Geral de todos os Productos Naturaes dos trez Reinos Animal, Vegetal, e Mineral; além das Curiosidades artificiaes dos Gentios, e Indios domesticados: As quaes se observaõ, recolherao, prepararaõ, e remette remetteraõ para o Real Gabinête de Historia Natural, em Diligencia da Expediçaõ Philosóphica: desde 28 de Outubro de 1783, em que chegou à Cidade do Pará, até 21 de Junho de 1788, em que da Villa de Barcellos, Capital da Capitania do rio Negro, se remetteo a Oitava, e ultima Remessa dos Productos do dito Rio; e Decima Terceira Remessa dos Productos recolhidos em todo o Estado do Graõ-Pará</i> " (AHMB ARF 14)	92
Tabela 2- Pequenas ofertas efetuadas ao Museu de Lisboa no ano de 1840	286
Tabela 3 - Pequenas ofertas efetuadas ao Museu de Lisboa entre 1841 e 1848	287
Tabela 4 - Pequenas ofertas efetuadas ao Museu de Lisboa entre 1849 e 1850	289
Tabela 5 - Espécimenes de peixes originários da remessa de Geoffroy Saint Hilaire actualmente presentes nas colecções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris....	310
Tabela 6 - Espécimenes de anfíbios e répteis originários da remessa de Geoffroy Saint Hilaire actualmente presentes nas colecções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris.....	314
Tabela 7 - Espécimenes de aves originárias da remessa de Geoffroy Saint Hilaire actualmente presentes nas colecções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris....	315
Tabela 8 - Espécimenes de mamíferos originários da remessa de Geoffroy Saint Hilaire actualmente presentes nas colecções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris....	320
Tabela 9 - Oferta de espécimenes originários do Museu Real do Paço das Necessidades para o Museu de Lisboa.....	364
Tabela 10 - Entradas de colecções e de espécimenes no Museu Real das Necessidades durante a direcção de D. Pedro V	365
Tabela 11 - Listagem de espécimenes e colecções enviadas da Secção Zoológica do Museu de Lisboa para outras instituições nacionais e internacionais	431
Tabela 12 - Publicações realizadas por naturalistas do Museu de Coimbra, ou por naturalistas externos utilizando as suas colecções.....	484

Introdução

Enquadramento

O presente trabalho apresenta-se como uma tese de doutoramento em História e Filosofia da Ciência - especialidade em Museologia. Tal como o seu título indica, o tema prende-se com a Zoologia e as coleções de História Natural em Portugal no período compreendido entre o reinado de D. José I e o final da monarquia. Pese a necessária e obrigatória interseção entre várias áreas do saber - as Ciências Naturais, a Museologia, e a História da Ciência - pretende-se preencher uma importante lacuna no que toca à História da Ciência no nosso país, em particular ao legado zoológico que chegou ao século XX..

A origem dos estudos sobre a História da Ciência poderá remontar ao início da própria Ciência moderna mas terá sido fundamentalmente na segunda metade do século XX, que este campo do saber viria a consolidar as suas bases teóricas e conceptuais e a assumir-se como autónoma. Para tal muito contribuiriam as obras de Thomas Khun (1922 - 1996), em especial "*A Estrutura das Revoluções Científicas*"¹ de 1962 e subsequentes escritos, mas também famosos livros como o "*Leviathan and the Air-Pump*" (1985) de Steven Shapin e Simon Schaffer², entre outros. Estas obras viriam a ser fundamentais para a criação de uma nova tradição historiográfica da Ciência. A História da Ciência, que até então havia sido interpretada e escrita como que uma História das "grandes ideias" e dos "grandes cientistas", e que conseqüentemente ignorava a respetiva conjuntura, era agora compreendida como uma análise muito mais detalhada do contexto social, económico, político e filosófico em que os cientistas trabalhavam, e em particular

1 Kuhn (1962)

2 Shapin & Shaffer (1985)

todas as idiossincrasias da sua vida pessoal e profissional, as suas redes de contactos e o seu enquadramento histórico e social. À luz desta nova interpretação que, como nos apresenta Mario Biagioli em "*Galileu, Cortesão*" (1993), tende a identificar e estudar "*os processos, as conduções, os recursos e os constrangimentos que moldaram a sua vida quotidiana e a sua actividade científica*"³, e substitui o foco até então dado às "grandes descobertas dos grandes cientistas" para as práticas mais comuns e convencionais da atividade científica, impôs-se uma nova forma de encarar e estudar a História (e as Histórias) da Ciência. Ao focar o dia-a-dia das instituições científicas e dos seus cientistas, a nova História da Ciência não só conseguiria captar de forma muito mais próxima da realidade a natureza da prática científica e das suas "revoluções", como também alargar claramente os limites históricos e geográficos da sua aplicação. O âmbito deixaria de ser limitado ao estudo dos maiores - Galileu, Newton, Voltaire, e na Zoologia Lineu ou Darwin - mas alargar-se-ia aos estudos de todos aqueles que durante o mesmo período trabalharam os mesmos temas, construíram a base teórica que levaria ao desenvolvimento as "grandes" teorias, com eles comungando da mesma opinião, ou debatendo, e servindo como base de trabalho para as investigações que se seguiriam. O âmbito deixaria também de ser exclusiva sobre as grandes teorias ou grandes descobertas - da Mecânica Newtoniana, da Evolução das Espécies, ou da Relatividade Geral - para passar a abarcar todas as práticas e atividades de índole científica - da produção de material pedagógico ao aprofundar do conhecimento neste ou naquele ponto em particular.

Esta nova tendência levaria a que se iniciassem estudos sobre personagens, temas e locais que até então escapavam por completo aos historiadores da Ciência. Estes novos estudos contribuiriam não só para conhecer estas Histórias esquecidas, mas principalmente para compreender a natureza e evolução da Ciência nas mais diversas regiões e épocas, e conseqüentemente contribuir para um conhecimento mais sólido sobre aquilo que a Ciência representou e representa para a humanidade. O desenvolvimento da História da Ciência nos últimos tempos

3 Biagioli (1993)

encontra-se patente no cada vez maior número de obras publicadas sobre o tema, e concomitantemente crescimento na oferta de revistas científicas da área, na criação de sociedades, academias e centros de estudo a ele dedicados, o surgimento de ferramentas digitais de pesquisa focadas no contexto da História da Ciência, bem como na rápida multiplicação de cursos académicos, especialmente em programas de mestrado e doutoramento, em História da Ciência. Em Portugal, por exemplo, assistiu-se na última década à criação de um mestrado e quatro programas de doutoramento: o mestrado em História e Filosofia das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que iniciou a sua atividade no ano letivo de 2003/2004, o doutoramento em História, Filosofia e Património da Ciência e da Tecnologia, da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa, iniciado no ano letivo de 2008/2009, o doutoramento em História e Filosofia das Ciências da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, iniciado no ano letivo de 2009/2010, o programa de doutoramento em História e Filosofia das Ciências, do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora, iniciado no ano letivo de 2009/2010 e, mais recentemente, o doutoramento em História das Ciências e Educação Científica, da Universidade de Coimbra, com início no ano letivo de 2013/2014.

O crescimento da investigação em História da Ciência conduziu também ao cruzamento, senão mesmo confluência, de trilhos de outras áreas científicas como a Museologia, a História das coleções e dos objetos, ou mesmo a Filosofia da Ciência⁴. Esta interdisciplinidade, que naturalmente veio a colocar desafios aos investigadores, traduzir-se-ia no surgimento de oportunidades únicas para a construção de uma visão mais aprofundada sobre o tema em estudo. Este tipo de abordagens multidisciplinares é consideravelmente mais frequente no domínio das Ciências histórico-naturais, como a Zoologia, a Botânica, a Geologia, mas também a própria Antropologia e a Etnografia. Pela natureza museológica e *corpus* teórico em que estas Ciências se baseiam, existe a constante necessidade por parte

⁴ São várias os trabalhos que o exemplificam. Veja-se por exemplo, Alexander & Alexander (2007), Asma (2003), Daston (2000, 2004), Daston & Park (1998), Genoways & Andrei (2008), Macgregor (2007), Mackenzie (2009), Yanni (2005).

dos seus investigadores de recorrer aos museus, às suas coleções e espécimenes, ao estudo da sua História e trajeto, e ao enquadramento historiográfico da sua "criação" - da coleta, ao estudo, à exposição - obrigando-os pois à adoção de uma abordagem claramente multidisciplinar⁵.

⁵ Esta situação é completamente contrária à das Ciências exatas como a química ou a física. No caso destas Ciências, o património museológico atualmente existente baseia-se principalmente em coleções de instrumentos científicos e não de espécimenes ou objetos de estudo. Ora o estudo dos instrumentos não é per se o objeto de estudo destas Ciências. Contrariamente aos espécimenes de História Natural, cuja dimensão epistemológica transborda o limite da simples ferramenta (seja ela pedagógica ou exemplificativa), e que na sua base são eles próprios o objeto de estudo, os instrumentos são apenas ferramentas que permitem aos cientista aceder ao dito objeto. Enquanto os instrumentos científicos rapidamente se tornam obsoletos, ficando limitados à sua dimensão e valor histórico, os espécimenes de História Natural apresentam-se como virtualmente fontes eternas de informação científica.

Estado da arte

A nível internacional a abordagem multidisciplinar tornou-se bastante comum. São exemplos disso os importantes trabalhos de Emma Spary⁶ e Bertrand Daugeron⁷ relativamente à história das coleções do *Cabinet du Roi* e da sua transformação no *Muséum National d'Histoire naturelle*, de Paris, o de Paula Findlen sobre o surgimento dos museus renascentistas italianos⁸, ou ainda a mais recente obra sobre o gabinete setecentista de Pedro Franco d'Ávila, embrião da Museologia naturalista espanhola⁹.

Os primeiros estudos sobre a história da zoologia em Portugal remontam à segunda metade do século XIX, nomeadamente com a publicação por Ignacio de Vilhena Barbosa (1811 - 1890), sócio efetivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, de "*Apontamentos para a Historia das Collecções e dos Estudos de Zoologia em Portugal*"¹⁰, a que se seguiriam outras publicações, tais como as de Balthazar Osório (1855 - 1926)¹¹ e Victor Ribeiro (? - ?)¹². Durante os meados do século XX, e principalmente devido à iniciativa de autores ligados às Ciências Naturais, foram produzidos alguns textos relativos à sua História. Entre eles contam-se as dos

6 Spary (2000)

7 Daugeron (2009)

8 Findlen (1996)

9 Villena et al. (2009)

10 Barbosa (1885)

11 Osório (1894).

12 Ribeiro (1904).

botânicos Abílio Fernandes (1906 - 1994)¹³ e Américo Pires de Lima (1886 - 1966)¹⁴, e do professor e zoólogo Germano da Fonseca Sacarrão (1914 - 1992)¹⁵. São de destacar, pela sua densidade, profundidade e excepcional alcance historiográfico, as obras publicadas ao longo da segunda metade do século XX, que até certo ponto podemos mesmo considerar como pontos de partida para uma nova tradição historiográfica das Ciências em Portugal. Exemplo claro disso são as obras de Rómulo de Carvalho (1906 - 1997) sobre a História Natural e o seu ensino em Portugal¹⁶, bem como a obra de Luis Pisani Burnay e António Antunes Monteiro, desta vez exclusivamente dedicada à História da Malacologia em Portugal¹⁷, e a obra pioneira de William Joel Simon, de âmbito simultaneamente político e naturalista, relativamente à história das expedições portuguesas às suas antigas colónias¹⁸. É ainda de destacar o trabalho publicado por Jean Daget e Luiz Saldanha¹⁹, relativo às relações naturalistas entre Portugal e a França entre o século XVIII e XIX, o estudo que melhor retrata todo o episódio relativo às requisições napoleónicas, e subsequentes negociações e história das coleções conduzidas para Paris. O nome de Carlos Almaça (1934-2010), professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e diretor do Museu Bocage, é por um lado referência incontornável nestes estudos, sendo autor de mais de duas dezenas de publicações relativas ao tema²⁰, porém a sua obra nunca alcançou a profundidade e detalhe historiográfico suficiente para que se pudesse considerar como uma verdadeira História da História Natural em Portugal, apesar do acesso

13 Fernandes (1944, 1980, 1986, 1988)

14 Lima (1947, 1953, 1954), Lima & Santos-Júnior (1944).

15 Sacarrão (1953); Sacarrão (1968).

16 Carvalho (1981, 1987)

17 Burnay & Monteiro (1988)

18 Sobre este tema, e no seguimento de Simon (1983), veja-se também Domingues (2001).

19 Daget & Saldanha (1989)

20 Veja-se Almaça 1991a, 1991b, 1991c, 1991d, 1991e, 1993a, 1993b, 1993c, 1993d, 1993e, 1996a, 1996b, 1996c, 1997a, 1997b, 1997c, 1997d, 1998, 1999, 2000a, 2000b, 2002a, 2002b.

privilegiado a fontes primárias até agora inéditas presentes no arquivo histórico da instituição que dirigia. Não obstante, pela grande diversidade de temas trabalhados, apresenta-se como um interessante manancial de informações históricas, deixando pistas que merecem ser atentamente aprofundadas.

Trabalhos subsequentes têm vindo a desenvolver consideravelmente a vida e obra de algumas personagens ligadas ao universo naturalista luso-brasileiro. Nomes como os de Domingos Vandelli²¹, Alexandre Rodrigues Ferreira²², Abade Correia da Serra²³, Frei Mariano da Conceição Veloso²⁴, Frei Manuel do Cenáculo²⁵, ou Félix de Avelar Brotero²⁶, são hoje bastante bem conhecidos pela historiografia moderna. Também algumas personagens mais recentes, tais como José Vicente Barbosa du Bocage²⁷, ou o rei D. Carlos I²⁸ na sua atividade de naturalista, têm sido objeto de alguns trabalhos de índole biográfica. Mais raros, no entanto, são os

21 Como refere Brigola (2003), não existe ainda hoje uma verdadeira biografia sobre um dos personagens mais importantes da História da Ciência portuguesa. Veja-se Cruz (1976) e Mendes (1986). Sobre a História Natural e Ciência económica na obra de Vandelli veja-se Serrão (1994) e Cardoso (2003a, 2003b). No âmbito de uma exposição luso-brasileira, a personagem de Vandelli foi extensamente explorada, e no catálogo da mesma, intitulado "O Gabinete de Curiosidades de Domingos Vandelli" (Dantes 2009: Vol. 1), encontram-se vários textos sobre o naturalista. No contexto da mesma edição foi editada também a correspondência científica entre Vandelli e Lineu (Dantes 2009: Vol. 2).

22 Sobre o explorador naturalista luso-brasileiro existe uma extensíssima bibliografia publicada, reflexo do interesse que a sua vida e obra desperta. Dentre a vasta bibliografia refira-se a biografia fundamental do naturalista por Lima (1953), mas também os recentes trabalhos de Antunes & Taquet (2002), Antunes & Balbino (2003), Almaça (2002b), Antunes (2003). Um importante contributo para o estudo e divulgação da obra do naturalista foi dado pelo Conselho Federal de Cultura do Rio de Janeiro quando em 1972 e 1974 editou vários textos inéditos do explorador (Ferreira 1972, 1974), de que é feita uma interessante resenha por Carvalho (1983).

23 Simões et al. (2006).

24 Nunes & Brigola (1999)

25 Vaz (2009)

26 Embora sejam várias as biografias existentes, pode-se considerar a de Abílio Fernandes (Fernandes 1944) ou a mais recente biografia do botânico por Cristina Castelo-Branco (Castelo-Branco 2003), como aquelas mais completas e interessantes. Américo Pires de Lima publicará também alguns estudos sobre o botânico (Ver Lima & Santos-Júnior (1944) e Lima (1946)).

27 Sacarrão (1968)

28 Saldanha (1990,1997)

estudos dedicados às instituições museológicas propriamente ditas. Para além da seminal obra de João Brigola sobre museus, coleções e colecionismo no século XVIII²⁹, pouco ou nada se tem escrito relativamente à história das instituições científicas ligadas à História Natural em Portugal. Excetuam-se talvez duas obras, ambas decorrentes de teses de doutoramento e cujo foco museal, com uma perspetiva mais dos problemas museológicos atuais do que dos tópicos de História das Ciências, são contribuições de relevo para o panorama português nesta área. Referimo-nos à obra de Ana Delicado, sobre a musealização da Ciência em Portugal³⁰, e à de José Brandão sobre coleções e museus geológicos em Portugal³¹. Por sua vez, do lado brasileiro, Maria Margaret Lopes, à semelhança de Brigola, apresenta a história das instituições museológicas de História Natural brasileiras, desde os seus primórdios sob domínio colonial às primeiras décadas do século XX, colmatando uma lacuna que se fazia sentir na historiografia brasileira³². Até à data, a obra de Margaret Lopes assume-se como uma das poucas fontes disponíveis para o conhecimento daquilo que foi o movimento museológico e naturalista no Brasil no século XIX e início do século XX. Não se considere porém que a academia brasileira não se debruça sobre a História da História Natural no país. Existem várias investigações e trabalhos publicados sobre o tema, algumas das quais com particular importância e interesse para o caso português, visto reportarem-se maioritariamente à época colonial, e conseqüentemente à batuta naturalista de Domingos Vandelli. No entanto, a grande maioria destes trabalhos foca-se principalmente na temática da "viagem" e da pesquisa científica, e muito pouco à temática museal³³. É pois comprovada a necessidade de continuar a desenvolver uma "História da História Natural" portuguesa que possa servir como referência

29 Brigola (2003)

30 Delicado (2009)

31 De notar que o trabalho de Brandão representa a primeira tese de doutoramento em História e Filosofia da Ciência - Museologia, defendida na Universidade de Évora.

32 Lopes (2009)

33 Veja-se por exemplo Pataca (2003, 2011), e Kury (1998, 2004)

para compreender a evolução desse campo científico no país, bem como clarificar alguns episódios que ainda hoje se encontram pouco estudados ou mesmo envoltos em polémicas, ou erroneamente interpretados.

Nas entrelinhas de toda a bibliografia existente, surgem por vezes episódios de importância para a compreensão de várias questões ligadas aos domínios comuns da História das coleções e das próprias Ciências Biológicas. Estes episódios, que aos olhos do historiador se assumem, como a matéria-prima para a construção de uma representação o mais real possível do passado, apresentam-se adicionalmente aos olhos daqueles que trabalham diretamente com as coleções e/ou com o conhecimento científico nelas baseado, como uma informação preciosa para o esclarecimento das mais variadas questões ligadas à Ciência e às coleções. É aqui que a produção científica inserida no contexto da História da Ciência se confunde, se não mesmo mistura, com a produção e investigação em História Natural propriamente dita. São vários os exemplos que retratam particularmente bem esta sobreposição de domínios, e que, curiosamente, representam trabalhos realizados por investigadores ligados às Ciências Biológicas e que se acham principalmente publicados em revistas e obras tradicionalmente associados a estas. Os trabalhos realizados por especialistas e utilizadores diretos das coleções de História Natural, em que a necessidade de recorrer a métodos e fontes tradicionalmente utilizadas por historiadores têm vindo a suceder-se, com resultados surpreendentes, onde se inclui por exemplo a descrição de espécies novas de mamíferos africanos³⁴, ou a redescoberta de importantes espécimes científicos³⁵.

No entanto, a ideia de museu como depósito de coisas mortas e empoeiradas, como "*mausoléus científicos*" e monumentos aos passados trunfos da Ciência³⁶, mas também o surgimento de áreas e atividades científicas que fizeram

34 Gippoliti & Amori (2007).

35 Gippoliti & Bruner (2007); Bour (2006)

36 Arnold (2006) *cit. in* Delicado (2009: p. 118)

os naturalistas “sair do Museu” (como o caso da Embriologia, Ecologia, Etologia, Fisiologia, Genética, Microbiologia, etc), terá contribuído para que “*ao longo de boa parte do século XX [...] a situação dos museus de Ciências Naturais em Portugal pouco se alterou, sendo até notório algum declínio*”³⁷. Esta decadência deve-se também “*à incapacidade de adaptar os temas e objectos apresentados às realidades que interessam ao público, ao desenvolvimento inaudito das ciências experimentais que dispensam o apoio didáctico de uma apresentação museológica, e ao crescimento dos jardins zoológicos e meios audiovisuais, que tornam os objectos dos museus obsoletos*”³⁸. Os estudos clássicos de taxonomia e sistemática, que tinham o museu e as suas coleções como base fundamental de trabalho, perderam o protagonismo, chegando mesmo a colocar em causa a pertinência destas instituições para a Biologia moderna³⁹. Embora atualmente as coleções de História Natural comecem a ser utilizadas para responder a novos problemas e tópicos (problemas ambientais, ecológicos, sociais, conservação e gestão ambiental, estudos parasitológicos, ecotoxicologia, genética, etc.⁴⁰), muitas das vezes transcendendo os seus propósitos tradicionais, tem sido difícil contrariar a tendência de abandono e deterioração. Este afastamento acarretou consequências bastante graves para as coleções. Segundo Howie, “*a visão mais optimista é que um terço das colecções mundiais de História Natural esteja num estado extremamente precário, com possivelmente algo como trinta milhões de espécimes por ano a serem deteriorados a ponto da inutilização total*”⁴¹. Esta “*segunda tragédia de Alexandria*”, como é apelidada por Cotterill numa expressiva referência à destruição da mítica

37 Delicado (2009: p. 125). Esta afirmação, feita para Portugal, pode praticamente considerar-se verdadeira a nível mundial.

38 Heim (1953) cit. in. Delicado (2009: p. 119).

39 “*When the early natural history museums were established, they served as centers of scientific work. Their expeditions added to human knowledge of the natural world and brought in vast collections of specimens. Their staffs described and classified these ever-increasing material, and Darwin’s theory of evolution provided a rational Framework to explain the whole. Today, however, the study of nature and life has moved in many directions and technology has altered the scientists’ reliance on museum specimens*” in Alexander & Alexander (2008: p. 75)

40 Winker (2004)

41 Howie (1993) cit. in Cotteril (1997)

biblioteca de Alexandria, aqui metamorfoseada na perda irrecuperável de informação biológica⁴², coloca problemas graves aos museus bem como para a própria Ciência, pois conduz a uma perda de referências e a uma dependência cada vez maior de novos dados, que podiam ser supridos pelo manancial dos Museus⁴³. Ainda segundo Cotteril, esta crise apresenta consequências bastante graves, nomeadamente 1) pela dependência "pivotal" por parte do conhecimento biológico nas coleções ser insuficientemente reconhecida pela comunidade científica; 2) por, apesar dessa importância global para a Ciência (devido à sua representação cosmopolita do biota terrestres), as coleções serem gravemente desvalorizadas; 3) por os recursos para a preservação e para a manutenção de recursos humanos especializados na curadoria e interpretação das relações entre os espécimes e a natureza serem tão inadequados que ameaçam gravemente a integridade do conhecimento científico, devido à eventual perda de espécimes, destruindo irremediavelmente meios de validação de conhecimento publicado; e por fim, 4) por ser urgente e necessária uma solução global para o problema⁴⁴.

O caso português é particularmente delicado neste aspeto. As coleções de História Natural nacionais encontram-se hoje numa encruzilhada: detentoras de um património biológico constituído em alguns casos ao longo de dois séculos, as coleções portuguesas foram vítimas de abandono, de má gestão e deficiente conservação, e, acima de tudo, esquecimento. Esta situação conduziu-as a estados de degradação tais que o seu futuro se encontra hoje em risco. A degradação não é apenas física. Em alguns casos a perda da informação científica a elas associada diminui-lhes o valor científico⁴⁵. Esta situação infelizmente não é pontual, mas

42 Cotterill (1997)

43" *As coleções de ciências naturais devem, assim, ser analisadas como elementos patrimoniais, mas também como poderosos instrumentos de investigação actual. Este aspecto distingue-as de outras coleções científicas e deve ser central à sua valorização, quer no que diz respeito à comunicação e à história da ciência, quer à investigação nas áreas das ciências da vida e da terra.*" in Von Praet (2010)

44 Cotteril (1997)

45 Sobre a importância das informações acopladas aos espécimes veja-se por exemplo Corado (2005) ou Boessenkool et al. (2010) -

generalizada na maioria das coleções nacionais, onde séries inteiras e coleções importantíssimas pela sua raridade e valor científico se encontram perdidas ou desorganizadas.

Em parte, esta situação relaciona-se com a falta de continuidade geracional da atividade naturalista em Portugal. Esta situação teve graves consequências, não só para o desenvolvimento da área, mas principalmente para as coleções. O repetido corte geracional conduziria progressivamente ao esquecimento e perda de informações, com gravíssimas consequências para a Ciência. Por sua vez, a existência de um grande número de instituições museológicas dedicadas à História Natural, tendo em conta a dimensão do país, fisicamente e administrativamente separadas, contribuiu ainda mais para o agravar destes problemas.

Atualmente, constata-se um afastamento dos museus, que se reflete na situação profissional dos biólogos portugueses. De acordo com os resultados do *"Inquérito Sócio-profissional aos Biólogos em Portugal"*⁴⁶, dos Biólogos a trabalhar em Portugal no ano de 2004, apenas cerca de 2% se encontravam em instituições museológicas, associados nomeadamente a departamentos universitários (28%), laboratórios estatais (17%) ou a escolas básicas e secundárias (15%). Era, aliás, das 12 categorias de instituição consideradas no estudo, aquela que, a par da administração local, menor número de biólogos tinha contratado. Também no mesmo inquérito, a categoria "Museu" obteve uma percentagem extremamente reduzida (menor que 1%) no que toca às preferências quanto à instituição onde os biólogos gostariam de obter emprego, estando os laboratórios estatais (20%), parques naturais e reservas (15%), e departamentos universitários (13%) no topo das preferências.

Com o intuito de combater esta tendência de degradação, recentemente têm sido realizadas várias iniciativas com o objetivo manifesto de salvaguardar e valorizar o património científico e museológico nacional. Merece particular destaque a formação de um consórcio nacional formado por algumas das

46 Oliveira (2009)

principais instituições museológicas detentoras de património científico: o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Lisboa), o Instituto de Investigação Científica Tropical (Lisboa), o Museu da Ciência (Coimbra), o Museu de História Natural da Universidade do Porto (Porto) e o Museu do Funchal (Funchal), conscientes da situação precária das coleções nacionais, associaram-se e estabeleceram em Dezembro de 2010 o Consórcio Nacional para a Preservação e Uso em Investigação das Coleções de História Natural (NatCol)⁴⁷.

Ademais, este súbito, e feliz, interesse pelos museus conduziria ao desenvolvimento de outras iniciativas similares. Recentemente⁴⁸ realizaram-se no Museu Nacional de História Natural e da Ciência as jornadas de trabalho intituladas "Museus e Coleções Científicas como Infraestrutura de Investigação para as Ciências e Humanidades". Estas jornadas, nas quais estiveram representadas mais de meia centena de unidades de investigação, revelaram claramente o renovado interesse nas coleções nacionais, mas principalmente o sentimento de urgência e necessidade dominante daqueles que direta ou indiretamente com elas trabalham. Como resultado foi produzido um documento com as suas principais conclusões⁴⁹.

47 Numa das raras exposições públicas do consórcio, feita no jornal diário Público, edição de 5 de Agosto de 2011, num breve artigo de Helena Geraldês intitulado "*Museus de História Natural têm dois milhões de espécimes prestes a sair do armário*", o seu porta-voz, Paulo Gama Mota, diretor do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, afirmaria que "*algumas coleções estão muito bem cuidadas*", mas a maioria "*precisa de medidas urgentes*", e que, para além de salvar os "*tesouros*", o objetivo do consórcio era o de "*construir uma atitude nova relativamente ao património científico de história natural do país*". Na mesma exposição, o porta-voz apresentava como principal objetivo do consórcio até ao fim do ano (2011) - "*ter um levantamento do estado de digitalização das coleções*". Pese embora o fôlego inicial, o consórcio aparenta estar atualmente num período de menor atividade, refletindo porventura a realidade económica do país. Um exemplo claro dessa inatividade é o próprio *site* do consórcio, cuja única informação nele veiculada - "*brevemente online / online soon*" - atesta (Era esta a situação do site, acessível em <http://natcol.pt>, a 28 de Abril de 2014.)

⁴⁸ 12 de Janeiro de 2013

49 O texto com as conclusões finais foi enviado via email pelo diretor do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, o Prof. Doutor José Pedro Sousa Dias, a todos os participantes nas jornadas. Desconhece-se se estes estão disponíveis na internet, mas certamente poderão ser consultados junto da direção do Museu. Os contributos dos participantes nas jornadas foram gravados em vídeo e podem ser vistos na íntegra em <https://educast.fccn.pt/vod/channels/1juu8kfstm> (consultado a 28 de Abril de 2014).

Embora seja ainda cedo para que o impacto das recomendações destas jornadas se faça sentir, o seu balanço é claramente positivo: pela primeira vez na História da Ciência e das instituições museológicas nacionais houve uma tomada de posição conjunta e concertada com o objetivo da sua salvaguarda e valorização. O presente trabalho, embora iniciado algum tempo antes da realização destas iniciativas, e tendo como objetivo principal a sua apreciação por um júri de doutoramento, insere-se claramente nesta atitude perante as coleções científicas nacionais. A inexistência de uma obra sistematizada sobre História da Zoologia e das suas coleções em Portugal representa não só uma grave lacuna do ponto de vista da História da Ciência nacional, como tem também contribuído para o desconhecimento das coleções atualmente espalhadas pelos vários museus do país.

Opções metodológicas e fontes

Face ao quadro apresentado, e à necessidade de responder às dúvidas e problemas que o atual estado das instituições científicas nacionais e suas coleções levantam, esta tese tem como objetivos principais: 1) propor uma leitura historiográfica da Zoologia e das suas coleções em Portugal, no período compreendido entre 1768 e 1910; 2) reconhecer o lugar da zoologia no discurso político e social das épocas em estudo; 3) avaliar o contributo dos naturalistas portugueses para progresso da Zoologia em Portugal e no mundo; e 4) identificar coleções e espécimes do período considerado que ainda existam nas coleções nacionais e internacionais, de modo a poder contribuir para sua valorização histórica e científica. Estes objetivos implicam escolhas na natureza e organização do trabalho bem como na metodologia a aplicar. Nestas escolhas pesará igualmente a pertinência para as áreas científicas que claramente comunga: a História da Ciência, a Museologia e as Ciências Biológicas.

Tendo em conta estas necessidades e o facto de não existir uma base prévia, optou-se por apresentar uma estrutura mais clássica, de forte índole narrativa, descritiva e construída seguindo uma lógica cronológica. Pesem as suas óbvias limitações, considerou-se que é esta a melhor opção para responder aos objetivos propostos e às expectativas e necessidades da comunidade científica. Nesse sentido, optou-se por apostar no estudo da vida e obra dos naturalistas e suas coleções, deixando em segundo plano a complexa teia das relações sociais, políticas e institucionais em que estes se movimentavam. Não se julgue porventura que a presente decisão se traduz pela adoção de uma atitude puramente internalista da História da Ciência. A evolução da Zoologia e das suas instituições, a vida e obra dos naturalistas, e o impacto dos resultados da sua atividade é enquadrada sempre

que possível no quadro político e social da época. No entanto, para além dos argumentos já referidos acima, o largo espectro temporal em estudo tornava quase que impossível, e até mesmo indesejável explorar com o detalhe necessário cada momento histórico. A obra de João Brigola⁵⁰ é exemplo de uma análise minuciosa da complexa teia que envolvia a vida e obra dos naturalistas. No entanto é forçoso assumir as diferenças entre o presente trabalho e o de João Brigola de modo a justificá-las. Brigola explora as relações de amizade, os interesses económicos e os políticos em que o naturalista da época se enquadrava, de modo a apresentar-nos um retrato político e social das práticas museológicas e científicas do século XVIII Português – ou seja, "*a partir da matriz conceptual da história da cultura*"⁵¹ - pois é esta matriz a que apresenta "*a vocação em elaborar construções sincrónicas das representações e das imagens de uma 'cultura unitária'*"⁵². No presente caso, face aos objetivos que foram assumidos, adotou-se uma postura muito mais típica das obras tradicionais em História da Ciência.

O presente trabalho, cujo horizonte temporal se estende por quase 150 anos, pretende apresentar um estudo do desenvolvimento da Zoologia e das suas coleções, ou, como refere Kragh, uma "*história horizontal da ciência*"⁵³. Embora esta seja a abordagem mais adequada para cumprir os objetivos propostos, o estudo horizontal é complementado por uma investigação "vertical" dos vários momentos trabalhados. A investigação apresenta-se como uma tentativa de enquadrar cada momento "científico" estudado no *zeitgeist* científico de então,

50 Brigola (2003)

51 Brigola (2003: p. 34)

52 Brigola (2003: p. 28)

53 "*A história horizontal da ciência é entendida aqui como significando o estudo do desenvolvimento através do tempo de um dado assunto restrito; uma especialidade científica, uma área de problemas ou um tema intelectual. Nalguns casos é possível identificar a origem (t0) e a "morte" (t+) do assunto, caso em que os limites temporais do assunto estão dados. Noutros casos o limite superior é o tempo presente (t'). [...] A história horizontal é tipicamente história de uma disciplina ou história de uma subdisciplina.*" in Kragh (2001: p. 91).

enquadrando-a na vida cultural e social do período em causa⁵⁴. Esta opção de conjugar ambas as abordagens pretende evitar os perigos associados à utilização restrita de apenas uma delas, nomeadamente, para o caso do uso exclusivo de uma abordagem horizontal, o anacronismo, a descontextualização e uma eventual limitação epistemológica; e, para o caso das abordagens estritamente verticais, a perda de noção das implicações diretas e/ou indiretas que o passado acarreta para determinado momento, tal como as possíveis repercussões que esse momento de estudo tem para a Ciência futura⁵⁵.

De igual importância metodológica, questiona-se a adoção de uma atitude híbrida no que diz respeito a uma História da Ciência sincrónica e uma História da Ciência diacrónica⁵⁶. Assume-se aqui o diacronismo historiográfico como a tendência principal de todo o texto. Esta postura diacrónica permite-nos, como refere Kragh, estudar a Ciência no passado à "*luz da situação e das opiniões que verdadeiramente existiam no passado*"⁵⁷, evitando-se assim julgamentos baseados em dados e factos que os intervenientes à época não dispunham. Esta postura permite compreender melhor a contemporaneidade das práticas e dos temas presentes no período em estudo, enquadrando-as no discurso científico de então. No entanto, considerando que o texto é produzido no presente, e que de facto a História da Ciência aqui apresentada interessa não só à História mas também à investigação científica atual, é importante, se não mesmo imprescindível, que esta possa ser apreendida pelo leitor contemporâneo de forma a que, como refere

54 "A história vertical é uma forma alternativa de organizar os materiais da história da ciência. O historiador inclinado para a história vertical parte de uma perspectiva de natureza mais interdisciplinar, em que a ciência em foco é meramente encarada como um dos elementos na vida cultural e social do período em causa. Um elemento que não pode ser dissociado dos outros elementos desse período e que, juntamente com estes, caracteriza o "espírito da época" que constitui o verdadeiro universo deste tipo de história da ciência" in Kragh (2001: p. 91).

55 Kragh (2001: p. 91).

56 "[...] na prática, o historiador não se vê confrontado com uma escolha entre uma perspectiva diacrónica ou anacrónica. Geralmente, ambos os elementos deviam estar presentes, dependendo as suas importâncias relativas do tema particular a ser investigado e da intenção da investigação." in Kragh (2001: p. 118).

57 Kragh (2001: p. 100).

Hooykaas, tenha mais que um "*interesse puramente arqueológico*"⁵⁸, sendo por isso necessária a adoção de posturas sincrônicas, mesmo que de forma pontual, ao longo do texto.

Para tal procedeu-se numa primeira fase ao levantamento sistemático de todos os contributos publicados sobre a temática, na tentativa de compilar o máximo de informação já existente, e consequentemente identificar as principais lacunas e potenciais questões problemáticas. Numa segunda fase procedeu-se ao levantamento e estudo das fontes primárias dispersas pelas diversas instituições nacionais ligadas à História Natural, por instituições congéneres estrangeiras, e pelos diversos arquivos nacionais e internacionais onde, de forma por vezes pouco criteriosa, algumas destas fontes foram depositadas. Como fontes primárias entende-se todo o material produzido pelas instituições científicas e seus naturalistas, incluindo as suas obras científicas, instruções práticas, regulamentos e legislação vigente, e ainda aquele produzido sobre ou para estas mesmas instituições, além de correspondência não-oficial.

De acordo com Kragh, podem dividir-se as fontes primárias em dois tipos principais, as do tipo simbólico e do tipo não-simbólico⁵⁹. As fontes do tipo simbólico são todas aquelas que contêm informação escrita, enquanto as do tipo não-simbólico não. No que toca a fontes primárias do tipo simbólico, considerou-se para este estudo toda a documentação existente e obras publicadas. A documentação, manuscrita ou tipografada mas não publicada, é constituída por cartas, relatórios internos, listas de remessas, catálogos, papéis avulsos, rascunhos, etc. Todo este material foi, sempre que possível, digitalizado e transcrito pelo autor. As obras publicadas pelos naturalistas em estudo constituem-se assim como das mais sólidas, abundantes e seguras fontes para esta investigação. Encontram-se facilmente em qualquer biblioteca nacional, bem como muitas delas estão já

58 Hooykaas (1970) *cit. in* Kragh (2001: p. 118).

59 Kragh (2001: p. 135).

disponíveis em formato digital em vários sítios da internet⁶⁰. Estas publicações não se resumem apenas aos livros publicados pelos autores, mas também aos artigos publicados em periódicos científicos da época, bem como a outras publicações de índole não-estritamente científico. Como fontes primárias não simbólicas consideram-se as coleções e os próprios espécimes ainda hoje existentes, mas também os edifícios, o mobiliário e todos os artefactos relativos à prática científica. As técnicas de conservação ou o tipo de taxidermia aplicado, a imagem e forma do espécimen (muitas vezes possível de reconhecer através de ilustrações em publicações antigas), mas principalmente a informação a ele acoplada através de etiquetas, notas ou outras pequenas fontes de informação que acompanhem o espécimen, foram importantes fontes. Também a análise do estado do espécimen, da investigação sobre ele realizada, o nome com que atualmente está identificado, mas também o local onde hoje se encontra são importantes fontes para historiografar o trajeto do espécimen, bem como a sua importância histórica e atual. O levantamento destes exemplares foi feito através de visitas às coleções, mas também através da triagem dos exemplares através de referências em publicações e catálogos antigos.

Por fim, como fontes secundárias entendem-se todas aquelas pequenas publicações, informações ou dados recolhidos fora das fontes primárias. Assim, podem-se entender como fontes secundárias jornais e revistas culturais da época, que tenham publicado pequenos artigos ou notícias sobre o tema, bem como informações avulsas, presentes na internet ou mesmo em exposições em museus e outros locais públicos. Também se consideram como fontes secundárias informações de pessoas que conheceram as coleções, ou que tenham presenciado factos e situações relevantes. Em todos os casos, as fontes secundárias foram principalmente entendidas como pistas para aprofundar ou investigar determinadas situações, bem como complementos pontuais da informação retirada das fontes primárias.

60 Note-se neste caso o excelente esforço da equipa do site Biodiversity Heritage Library que têm ininterruptamente disponibilizado online milhares de publicações científicas históricas. Sobre o site e o projeto veja-se Gwin & Rinaldo (2009)

O percurso institucional feito na senda da recolha das fontes simbólicas incluiu o levantamento de informações no Arquivo Histórico do Museu Bocage (AHMB), na Biblioteca do Museu da Ciência da Universidade de Lisboa (BMCUL), no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), na Biblioteca Pública de Évora (BPE), na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), no Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC), na Biblioteca de Zoologia da Universidade de Coimbra (MZUC), no Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (BACL), em material bibliográfico avulso do Museu de História Natural da Universidade do Porto (MHNUP), da Biblioteca do Museu Oceanográfico de D. Carlos, patente do Aquário Vasco da Gama (BMODC-AVG), mas também em instituições estrangeiras como a Bibliothèqe Centrale du Muséum national d'Histoire naturelle (BCMNHN), Paris, na Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Rio de Janeiro, no Smithsonian Institute (SI), Washington e na Academy of Natural Sciences (ANS), Philadelphia.

Para o estudo das fontes não-simbólicas, foram visitadas as coleções do Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MNHNC), do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC), do Museu de História Natural da Universidade do Porto (MHNUP), do Museu Carlos Machado (MCM), do Museu de Évora (ME), do Aquário Vasco da Gama (AVG), do Museu da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (MMFMUL), do Museu de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (MAPFMUC), bem como pequenos equipamentos museológicos associados a escolas secundárias públicas, tais como o Museu das Ciências Naturais da Escola Secundária André de Gouveia (MCNESAG), do Museu de História Natural do Colégio Militar (MHNCM), e as coleções da Escola Secundária Passos Manuel (ESPM). De fora ficaram as coleções do Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa (MMACL), às quais, após vários pedidos formais, não foi concedido qualquer tipo de acesso. No contexto internacional foram visitadas as coleções do Muséum national d'Histoire naturelle (MNHN), Paris, o Naturalis Biodiversity Center (NBC), Leiden, o Museo Nacional de Ciencias Naturales (MNCN), Madrid, tendo também sido estudadas embora não presencialmente visitadas (através de email ou consulta de base de dados online),

as coleções do Natural History Museum (NHM), Londres, e do Musée océanographique de Monaco (MOM).

Estrutura do texto

O corpo principal do presente trabalho apresenta uma estrutura dividida em três partes. Estas três partes representam três períodos temporais consecutivos, cuja separação teórica se justifica por um conjunto de argumentos que conjugam simultaneamente questões políticas, sociais e científicas, bem como a atividade desenvolvida pelos seus principais atores. Cada uma destas partes encontra-se subdividida em vários capítulos dedicados à exploração das várias instituições museológicas, dos trabalhos naturalistas dos seus diversos personagens, aos episódios marcantes de cada época, bem como a algumas conceções científico-filosóficas então vigentes.

A **Parte I**, intitulada "História Natural no Iluminismo Português (1768-1810)", baliza-se entre a data da criação do Jardim Botânico e Real Gabinete de História Natural da Ajuda, em Lisboa, e o fim das invasões napoleónicas em Portugal. É nesta época que se assiste à implementação do sistema de classificação do mundo natural criado pelo sueco Lineu - o *Systema Naturae* - e à criação das primeiras instituições científicas especializadas no estudo da História Natural, em Lisboa e Coimbra, ambas pela mão do naturalista paduano Domingos Vandelli. Integrados numa visão Enciclopedista do mundo natural, mas também fazendo parte da estratégia política e colonial do absolutismo esclarecido, terão sido estes estabelecimentos incumbidos, de por um lado treinar em Coimbra naturalistas capazes de empreender viagens "philosophicas" aos vastos domínios ultramarinos portugueses, com o objetivo de estudar, colecionar e depositar, primariamente em Lisboa, as riquezas naturais desses territórios, bem como de servir como repositório, laboratório e montra das explorações desses naturalistas. Enriquecidas com centenas de milhares de espécimes das extensas possessões

ultramarinas, as coleções da Ajuda constituir-se-iam como um núcleo científico para toda a política do reino, e também elemento fundador das coleções nacionais surgidas entretanto, que tomariam o modelo adotado na Ajuda como o padrão científico a seguir. As invasões napoleónicas, a fuga da família Real para o Brasil, a que se juntaria a visita de Étienne Geoffroy Saint-Hilaire às coleções da Ajuda com a requisição de centenas de espécimes, viriam a ter implicações profundas para a Ajuda e para a generalidade do cenário naturalista no país. O fim da guerra coincidiria também com o fim da era protagonizada por Vandelli, que havia dirigido os destinos da História Natural nacional desde a criação do complexo científico da Ajuda, destituído sob acusações de francesismo. A situação política resultante das invasões, o caos deixado nas coleções nacionais, e a expulsão de Vandelli, apresentam-se como momentos cruciais e com implicações tão profundas na vida científica do país, que julgamos como justificação suficiente para considerarmos o ano de 1810 como o fim de uma era para a História Natural lusitana.

A **Parte II**, intitulada "Os anos negros da Zoologia Portuguesa (1810-1861)", é praticamente *terra incognita* da Museologia e História da Ciência portuguesa. Os anos aqui retratados englobam alguns dos momentos que mais implicações viriam a ter para o desenvolvimento das Ciências Biológicas, e em particular da Zoologia, em Portugal. Este período seria marcado pela tentativa de Félix de Avelar Brotero, botânico que viria a tomar as rédeas do complexo científico da Ajuda até ao início da guerra civil em 1828, de reorganizar as coleções da Ajuda e retomar o percurso de investigação e publicação de novos conhecimentos científicos que Vandelli e os seus discípulos encetaram de forma apenas incipiente. Num tempo onde a especialização se fazia já sentir na produção científica, Brotero, como botânico, pouca atenção dedicará aos estudos zoológicos para além da manutenção das coleções. Em Coimbra, por sua vez, as diminutas coleções continuavam a ser utilizadas para o ensino da História Natural, sem que qualquer produção científica delas resultasse. O início da guerra civil mergulhará o país num caos que durará quase uma década, e que implicará uma quase que suspensão no desenvolvimento científico e museológico ligado à História Natural, caos que culminará no

encerramento do museu e na transferência da totalidade das suas coleções para a Academia das Ciências de Lisboa, em 1836. Aí as coleções manter-se-ão durante cerca de vinte e dois anos, quase que abandonadas apesar das numerosas adições, e sem qualquer tipo de uso científico. Só em 1858, quando, após complicadas negociações, são transferidas para a Escola Politécnica (Museu de Lisboa), se dá início a uma época de ouro para a Zoologia nacional, que será tratada na Parte III. Durante os tempos da permanência das coleções na Academia, forma-se também o Museu de História Natural do Palácio das Necessidades, iniciativa museológica promovida e dirigida pelos futuros reis D. Pedro V e D. Luís I, e que viria a renovar o panorama museológico naturalista do país. Embora rico e famoso além-fronteiras, o museu e o seu programa de trabalhos ficariam em suspenso com a morte de D. Pedro em 1861, e parte das suas coleções mais tarde integradas no Museu de Lisboa. Devido ao momento de mudança, da passagem de um período marcado por produção científica quase inexistente e de grande decadência das coleções, para uma nova atitude científica e museológica que irá caracterizar o Museu de Lisboa, entendemos portanto encerrar a parte II no ano de 1861, ano de morte de D. Pedro V.

Finalizando, a **Parte III**, intitulada "Sob a batuta de Barbosa du Bocage: os anos de ouro da Zoologia portuguesa (1861-1910)", explora com o detalhe possível uma das épocas mais férteis no que toca aos estudos zoológicos e às respetivas coleções em Portugal. O papel de José Vicente Barbosa du Bocage foi fundamental. Diretor da Secção Zoológica do Museu Nacional de História Natural de Lisboa, nas instalações da Escola Politécnica, Bocage conseguia elevar o estatuto das escassas coleções sobreviventes a um nível equiparável à maioria das coleções europeias. Fruto da transferência do Museu Real de D. Pedro V, mas também das várias expedições africanas que o próprio impulsionaria, da criação de extensas redes de colaboradores e de contactos com os principais naturalistas mundiais, as coleções do Museu cresceriam exponencialmente, acompanhadas pela intensa produção de conhecimento metamorfoseado em artigos, livros e coleções de referência. O Museu "de Bocage" viria não só a servir como o novo modelo para muitos outros museus portugueses, alguns deles criados precisamente nesta fase, e

principalmente a servir como principal fornecedor de espécies e coleções através da doação dos seus duplicados. Entre os recetores destas coleções contam-se o recém-criado Museu Açoriano em Ponta Delgada, de génese liceal, o Gabinete de Zoologia da Academia Politécnica do Porto, diversas instituições de ensino liceal, e a própria Universidade de Coimbra. Nesta última assistir-se-ia também à renovação das suas coleções e principalmente ao intenso labor de alguns dos seus naturalistas, em particular de Albino Giraldes e Paulino de Oliveira. A par de todas estas iniciativas públicas, também a casa real se afirmaria como dinamizadora destes estudos, em particular na figura de D. Carlos I. À semelhança do período "Vandelliano", o período "Bocageano" colocará novamente o país na senda dos temas histórico-naturais contemporâneos. O interesse renovado pela catalogação dos territórios ultramarinos, a especialização taxonómica por parte dos naturalistas, a criação de museus e gabinetes, e a disseminação das teorias de Darwin, assim o revelam. No entanto, a morte de Barbosa do Bocage em 1907, e o assassinato de D. Carlos em 1908, deixaram o país sem dois dos homens de Ciência que mais haviam influenciado a Zoologia nacional durante as décadas anteriores. Esta necrologia, coincidindo com o fim de uma época científica, antecedia por dois anos apenas o fim da monarquia constitucional portuguesa e a proclamação da República em 1910. A República trará transformações que, mesmo que mais simbólicas do que práticas, marcarão a vivência das instituições científico-museológicas portuguesas já existentes. Talvez neste caso, a mais visível seja a integração da Escola Politécnica de Lisboa e da Academia Politécnica do Porto, ambas detentoras de importantes equipamentos museológicos, nas recém-fundadas Universidades de Lisboa e do Porto. Assim sendo, optou-se pela simbólica data de 1910 para encerrar o plano de investigações proposto.

O trabalho é encerrado com a apresentação de uma síntese crítica (**Considerações finais**) relativamente aos contributos patentes nas suas três partes, recapitulando os aspetos inovadores desenvolvidos, enquadrando-o no quadro historiográfico, e apontando possíveis linhas de investigação futuras.

Parte I

A História Natural no Iluminismo Português (1768- 1808)

Capítulo 1 - A génese da História Natural em Portugal

O século XVIII na Europa foi uma era prolífica para o crescimento da História Natural, assistindo-se à criação de dezenas, senão mesmo centenas, de coleções de História Natural, pela *intelligentsia* europeia e várias casas reais. No que toca ao panorama museológico português, o país assistiria à criação de diversas coleções já fortemente imbuídas de um espírito naturalista⁶¹. Tal como em várias capitais europeias, a Lisboa chegavam produtos naturais e artificiais, curiosidades e "maravilhas" dos quatro cantos de globo, frutos do intenso comércio e exploração colonial das potências marítimas. Casos concretos desta atividade colecionista poderiam ser encontrados no gabinete real de D. João V no Paço da Ribeira, mas também em coleções privadas reunidas por aristocratas⁶². O diletantismo com que estas coleções eram criadas, enriquecidas e até divulgadas na sociedade espelhavam o estatuto social dos seus proprietários, mas ao mesmo tempo colocavam o "gosto pela filosofia natural" como uma atividade erudita altamente respeitada. Seria no entanto durante os vinte e sete anos de reinado de D. José e principalmente durante a direção política e a atividade reformista de Sebastião José de Carvalho e Melo que viriam a lançar-se as bases para a fundação dos primeiros estabelecimentos nacionais dedicados ao estudo moderno da História Natural. A criação do Real Jardim Botânico e Museu de História Natural da Ajuda, em Lisboa, em 1768, pela iniciativa do futuro Marquês de Pombal, assumir-se-ia como a adoção da tendência europeia e revelar-se-ia como um acontecimento marcante no que toca ao início dos estudos modernos em História Natural no país.

61 Brigola (2003)

62 Brigola (2003)

Ambos os estabelecimentos viriam a ser dirigidos pelo naturalista paduano Domingos (Domenico) Vandelli (1735 - 1816), que ao mesmo tempo viria a ser responsável pela criação e direção de novos estabelecimentos dedicados à história natural da Universidade de Coimbra, em tudo semelhantes aos criados na Ajuda, previsto na reforma dos estudos da Universidade. Caber-lhe-ia também a introdução do sistema lineano de classificação da natureza no país. O Real Museu de História Natural e Jardim Botânico da Ajuda incorporava outros equipamentos científicos e museológicos, como um pequeno laboratório químico, uma livraria e uma casa do "Risco". A conjugação de todos estes equipamentos tornava o estabelecimento da Ajuda como um dos primeiros complexos científicos do país e que se manteria ativo por aproximadamente sete décadas.

A ideia original para a construção de semelhante estabelecimento no país terá tido a decisiva influência de Miguel Franzini (? - 1810), matemático veneziano radicado em Portugal, responsável pela programação científica e pedagógica do Colégio dos Nobres e tutor de D. José, assim como a de Pedro José de Noronha (1716 - 1788), terceiro Marquês de Angeja⁶³. Este último, possuidor de uma das mais afamadas e ricas coleções naturalistas de Lisboa, onde existiriam importantes coleções de produtos naturais, mas também curiosidades de relevo como uma famosa múmia ptolomaica, granjearia uma fama de erudição e de bom gosto, algo que para além das suas raízes nobres, muito contribuiriam para o fortalecimento da sua influência social e política. A sua proximidade e influência junto da casa real portuguesa viriam a desempenhar um papel fundamental na aceitação por parte da coroa da necessidade e pertinência do estabelecimento de um programa museológico de índole naturalista no seio da política de desenvolvimento do reino. Pese embora a riqueza da sua coleção e o seu elevado interesse pelo mundo natural, Angeja era antes de mais um colecionador diletante, cujas coleções serviam muito mais para aguçar a curiosidade e estimular o sentido estético dos seus visitantes, e não propriamente um naturalista. Apesar disso, Angeja não estaria alheado da crescente importância que o estudo da filosofia natural

63 Brigola (2003)

começava a ter nos meios europeus, das importantes inovações conceptuais e da obra de alguns vultos que se começavam a afirmar no contexto da ciência europeia.

Entre 1764 e 1768, Vandelli aproveitaria a sua estadia no país para iniciar novas colecções naturalistas. Vandelli, filho de Girolamo Vandelli (1699 - 1776), doutor em Medicina e Professor na Universidade de Pádua, havia-se formado em Filosofia pela mesma Universidade. Foi desde jovem que começou a reunir colecções naturalistas após viagens feitas pela Itália, ao mesmo tempo que se dedicava a publicar algumas das suas descobertas no que toca às características medicinais das águas termais, à descrição de espécies e à refutação das ideias de Haller⁶⁴. Fruto dos seus trabalhos e particular interesse pela história natural, Vandelli iniciaria em 1759 uma correspondência científica regular com Lineu, correspondência essa que duraria mais de quinze anos. Lineu apreciaria bastante algumas descrições de animais publicadas por Vandelli na sua obra de 1758 "*Epistola secunda et tertia de sensitivitate Halleriana e de Dissertations tres*", bem como as suas críticas às ideias de Haller. Da sua correspondência com Lineu, que viria a ser publicada pelo próprio Vandelli, resultariam a descrição de novas espécies para a ciência, como o caso da *Holothuria* e da *Testudo coriacea*. Ambas as descrições terão sido enviadas por Vandelli a Lineu em 1761 e publicada no mesmo ano com o título "*Epistola de Holothurio et testudine coriacea*"⁶⁵. Esta descrição, que viria a fazer de Vandelli o autor das mesmas espécies, incorreria no entanto em polémica. O exemplar da tartaruga marinha em que Vandelli se basearia para descrever a espécie havia sido oferecida pelo Papa Clemente XIII a Antonio Vallisneri júnior (? - 1777), regente da cadeira de História Natural da Universidade de Pádua, e a quem supostamente caberia o direito e prioridade de a descrever. Este atropelo, associado a outras quezílias entre Vandelli e Giovanni Brunacci (1711 - 1772), Bartolomeo Lavagnoli (?-?) e Vallisneri, minavam as perspectivas futuras de Vandelli relativamente à sua carreira naturalista em Itália, algo que sem dúvida ele terá tido em conta para aceitar o convite do governo

64 Brigola (2003)

65 Vandelli (1761)

português. No entanto não terá sido certamente essa a única razão. As terras lusitanas, mas principalmente as suas extensas possessões ultramarinas eram até então território praticamente virgem no que tocava aos estudos da sua história natural. Em Outubro de 1764, já estabelecido em Lisboa, Vandelli iniciaria as suas primeiras observações naturalistas, comunicando a Lineu os principais resultados. Lineu responderia efusivamente a Vandelli:

*"Tomara que possas ir ao Brasil, terra que ninguém calçou, exceto MARCGRAF, com seu servidor PISO, quando ainda não havia um facho de luz acesso na história natural, e por isso tudo deve ser descrito de novo à sua luz. Estarás mais apto que os outros, tu que estás bastante firme no que diz respeito à natureza, incansável no inquirir, extremamente hábil no retratar os exemplares mais belos. [...] Se portugueses e espanhóis conhecerem os bens da sua natureza, quão infelizes serão os outros, que não possuem terras exóticas! [...] Depois que a Europa inteira foi calcada pelos pés dos botânicos, resta agora somente Portugal, terra próspera que merece a alcunha de Índia da Europa."*⁶⁶.

De Vandelli para Lineu seguiriam constantemente notícias, descrições de espécies de animais e plantas, textos para serem apresentados à Academia de Ciências de Uppsala, bem como sementes várias⁶⁷. A tudo isto Lineu responderia sempre com o mais profundo agrado e amizade. Graças à fama internacional de ser correspondente de Lineu, mas também pelas notícias que corriam a Europa sobre a fundação em Lisboa de um estabelecimento dedicado ao estudo da história natural cuja direção lhe seria entregue, Vandelli tornar-se-ia um correspondente desejável para grande parte dos naturalistas europeus. Rapidamente, e ainda antes da própria abertura dos estabelecimentos, surgiria uma extensa lista de correspondentes, que pretendiam estabelecer parcerias e redes de troca de espécimes entre as suas coleções e o estabelecimento dirigido por Vandelli⁶⁸.

66 Dantes (2009: Vol. 2 p. 58)

67 Dantes (2009: Vol. 2).

68 Entre os correspondentes de Vandelli nesta época contam-se Jacob Christian Schäffer (1718 - 1790) - AHMB CE S 60; AHMB CE S61; AHMB CE S 62; Ferdinando Bassi (1710 - 1774) - AHMB CE B60, AHMB CE B61, AHMB CE B63 - B70, AHMB CE B72; Joannes Burmannus (1707 - 1780) - AHMB CE B73; Lourenço Belfort (1708 - 1777) - AHMB CN B91; Ludovico Bellardi (?-?) AHMB CE B73; Johann Christian Daniel Schreber (1739 - 1810) - AHMB CE S59. Sobre uma análise mais detalhada a esta rede epistolar veja-se Brigola (2003). Um lista detalhada de todas as cartas dirigidas a

A construção do complexo científico da Ajuda iniciar-se-ia em 1768, em terrenos anexos ao Palácio da Ajuda⁶⁹. Desde o início, Vandelli contaria com Julio Mattiazi, jardineiro paduano com quem Vandelli já havia privado em Pádua, como seu braço direito na gestão interna do complexo. O complexo seria logo desde o início constituído não só pelo jardim, mas também por um laboratório químico e um pequeno museu de história natural, formado principalmente pela coleção que Vandelli trouxera de Pádua, os poucos espécimes coligidos nos arredores de Lisboa, e ainda o legado do falecido Capitão Rollem Van-Deck⁷⁰. Abordaremos com maior atenção estas coleções mais adiante, visto que terão sido as mesmas que terão rumado a Coimbra em 1772. Apesar do interesse inerente a todo o projeto e a grande facilidade de adquirir espécimes quer no país quer nos territórios ultramarinos, o facto é que as colecções viriam a crescer muito devagar na primeira década de existência da Ajuda, sendo a maior parte das aquisições feitas à base de ofertas esporádicas ou trocas. Só na década de 80, já no reinado de D. Maria I, é que o estabelecimento assistiria a um rápido e intenso crescimento das suas coleções, nomeadamente devido à organização das viagens filosóficas ao ultramar. Muito à semelhança do Gabinete de Física, o Jardim e o Museu, teriam uma função imediatamente didática, para o ensino dos Príncipes⁷¹. É no entanto crucial entender que a "*instrução dos Príncipes*", no contexto de um regime absolutista, deve ser encarado como uma metáfora para a "*instrução*" geral do país. Seria esse o caso do Gabinete de Física, que para além da instrução dos Príncipes, era visitado por especialistas nacionais (e mesmo estrangeiros) de modo a nele poderem estudar as suas peças e colecções⁷². No entanto podemos antever no complexo da Ajuda, nomeadamente pela inclusão de um laboratório, uma função que claramente extravasava o ensino, mas que se assumia como uma necessidade

Vandelli pode ser encontrada no Apêndice "Catálogo cronológico da documentação originária do Real Jardim Botânico e Gabinete de História Natural da Ajuda existente no AHMB"

69 Cardoso (2003: p. 51-52)

70 Cardoso (2003: p. 52)

71 Lourenço & Felismino (2013)

72 Lourenço & Felismino (2013)

pragmática no contexto da política de expansão económica e aproveitamento dos recursos naturais do Império, ao mesmo tempo que, segundo Vandelli, se pretendia dar início ao estudo e futura publicação de uma "*História Natural das Colónias*"⁷³. Como seria de esperar, e após a fundação do complexo, Vandelli continuaria a fomentar uma extensa rede epistolar com os principais colecionadores e instituições ligadas à História Natural Europeias⁷⁴, mas também com figuras ligadas ao governo colonial do Brasil⁷⁵.

A ação reformista de Pombal estender-se-ia naturalmente à Universidade portuguesa. A Universidade de Évora seria extinta em 1759 e a de Coimbra viria a sofrer profundíssimas alterações. O processo de reforma do ensino superior português não deixava de estar associado à expulsão dos Jesuítas de Portugal, considerados por D. José no decreto que os expulsava de Portugal como "*rebeldes, traidores, adversários e agressores*" contra a sua figura e poder. A Companhia de Jesus controlava até então importantes sectores da sociedade portuguesa, onde se incluía o ensino superior em Évora, e o seu poder causava desconfiança e ódios por parte de variados grupos. Pesem todas as motivações políticas e económicas que ditariam a expulsão da ordem, o facto é que no contexto educativo também esta era conotada com o ensino escolástico, de natureza dogmática e contrário às Luzes.

73 Cardoso (2003)

74 Entre os correspondentes de Vandelli, cuja correspondência se incia após a fundação do complexo da Ajuda encontram-se Carlo Ludovico Allioni (1728 - 1804) - AHMB CE A7, AHMB CE A8; Saverio Manetti (1723 - 1785) - AHMB CE M42; Filippo Fabrizzi (? - ?) - AHMB CE F59; António Iurra, (? - ?) - AHMB CE I1, AHMB CE I2, AHMB CE I3, AHMB CE I4, AHMB CE I5; Antonio Giuseppe Landi (1713 - 1791) - AHMB CN K1, AHMB CN S58; Pierre Cusson (1727-1783) - AHMB CE C25, AHMB CE C26, AHMB CE C27; Jean-François Seguier (1703 - 1784) - AHMB CE S63; Adolph Modeer (1738-1799) - AHMB CE M41; Phillip Miller (1691 - 1771) - AHMB CE M39; Robert Jacob Gordon (1743 - 1795) - AHMB CE G100; Joseph Banks (1743 - 1820) - AHMB CE B75, AHMB CE B76; John Hill (1707 - 1775) - AHMB CE H28; João Jacinto Magalhães (1695 - 1773) - AHMB CE M40; Christen Friis Rottbøll (1727 - 1797) - AHMB CE R28; Barão de Hupsch (?-?) - AHMB CE B77; Heinrich Johan Nepomuk von Crantz (1722 - 1797) - AHMB CE C28; Paul Dietrich Giseke (1741-1796) - AHMB CE G101. Sobre uma análise mais detalhada a esta rede epistolar veja-se Brigola (2003). Uma lista detalhada de todas as cartas dirigidas a Vandelli pode ser encontrada no Apêndice "Catálogo cronológico da documentação originária do Real Jardim Botânico e Gabinete de História Natural da Ajuda existente no AHMB".

75 Luís Pinto de Balsemão - AHMB CN B92; Luis de Albuquerque Melo Pereira e Cáceres - AHMB CN C112

Embora tivesse sido para a construção do Colégio dos Nobres que as atenções de Pombal se centrariam durante os primeiros anos da década de 60, a Universidade de Coimbra não se encontrava de maneira alguma fora dos planos de Pombal. A intenção de reformar ganharia forma e começaria logo nos primeiros anos da década seguinte. A ratificação dos estatutos em 1772 e a nomeação de D. Francisco de Lemos de Faria (1735-1822) para o cargo de reitor alterariam profundamente a Universidade. Esta alteração, que claramente privilegiava os estudos das ciências e tinha a experiência como fundamento basilar, levaria a que fossem formadas novas faculdades. Às clássicas, juntavam-se agora a Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Matemática, bem como se reformava a Faculdade de Medicina. Com uma aposta no ensino de índole claramente experimental, surgia a necessidade de dotar estas faculdades com equipamentos experimentais e museológicos. Após a expulsão da "*funestíssima escória dos jesuítas*" e a toda a reformulação que Pombal promovera no ensino superior em Coimbra, Vandelli informa Lineu das várias alterações promovidas por Pombal, das cerimónias de lançamento da primeira pedra para as obras das novas faculdades, mas principalmente da sua tomada de posse como professor de História Natural e Química⁷⁶. Desde a sua génese ficaria bem patente nos Estatutos da reformada Universidade de Coimbra, publicados em 1772, a intenção de dotar a Faculdade de Filosofia de vários equipamentos destinados ao apoio das ciências naturais⁷⁷. É logo o primeiro a ser referido nos Estatutos seria precisamente o "Gabinete de História Natural".

"Sendo manifesto, que nenhuma cousa póde contribuir mais para o adiantamento da História Natural, do que a vista contínua dos objectos, que ella comprehende; a qual produz idéas cheias de mais força, e a verdade, do que todas as Descrições as mais exactas, e as figuras mais perfectas: He necessario para fixar dignamente o Estudo da Natureza no centro da Universidade, que se faça huma Collecção dos Productos, que pertencem aos tres Reinos da mesma Natureza."

76 "Lembro-me agora que no dia anterior à festa [a 2 de Maio de 1773] tomei posse das cadeiras de história natural e de química, que me foram confiadas, e fiz uma palestra para poucos sobre a matéria das futuras aulas. Falei sobre a antiguidade do globo terrestre e sobre quão necessária é a ciência das coisas naturais em Portugal. Aqui, excelente Mestre, muito de bom grado e oportunamente fiz uso das tuas palavras: Bom Deus! Se portugueses e espanhóis conhecerem os bens da sua natureza, quão infelizes serão os outros, que não possuem terras exóticas!" in Dantes (2009: Vol. 2 p. 106-109)

77 Universidade de Coimbra (1772: Vol. 3).

Assim, e dada a existência de várias coleções particulares que na mão dos seus herdeiros para nada serviam e rapidamente se destruíam, poderiam "os ditos primeiros possuidores deixar as referidas Collecções ao Gabinete da Universidade, que deve ser o *Thesouro público da Historia Natural, para Instrucção da Mocidade*". Para construir e estabelecer o gabinete, necessitava-se de "*huma Sala com a capacidade, que requer hum Museu, ou Gabinete digno da mesma Universidade. E estará dividida em tres Repartimentos, cahida hum delles destinado aos Productos de hum dos Reinos da Natureza; procurando-se quanto for possivel, que os mesmos Productos se ordenem methodicamente pelas suas Classes, generos, e especies.*", e de um professor que o deveria gerir e conservar, fazendo "*hum Catalogo bem ordenado de tudo o que estiver no dito Gabinete, para que se possa achar com facilidade qualquer cousa que busque*", e de "*applicar todos os meios, que a Arte tem descoberto para conservar as diferentes materias, e substancias, que entram no mesmo Gabinete.*".

As obras do dito gabinete iniciar-se-iam logo em 1773, sendo gastas consideráveis verbas no que toca ao pagamento dos funcionários, obras, limpeza e aquisição de materiais⁷⁸. As coleções iniciais da Ajuda seriam então transferidas para Coimbra, funcionando como embrião do gabinete universitário⁷⁹. No entanto, e contrariamente às colecções nacionais, as suas coleções paduanas seriam pagas⁸⁰. Através do documento manuscrito "*Saggio Del Museo di Domenico Vandelli. Padova (1763)*"⁸¹, podemos ter uma noção geral do que era a sua colecção Paduana, cujas colecções eram originárias das viagens feitas por Vandelli na Itália, Tirreno e Adriático, mas também fruto de trocas epistolares com correspondentes em França, Suécia, Alemanha, Grécia, Egito, etc. formado por vinte e oito armários,

78 Caixa "Museu de Historia Natural" – Arquivo Histórico da Universidade

79 "*...dei princípio ao Museu com algumas produções naturais daquele, que eu tinha formado nesse Real Jardim, e que dei de presente à Universidade de Coimbra, com outras daquele que possuía em Padoca, e que veio para a mesma Universidade, e com algumas, e os armários do Museu do Cap. Vandeck.*" in Cardoso (2003: p. 52).

80 Brigola (2003)

81 Brigola (2003: 581).

e principalmente rica em espécimes minerais. Para além destas, seriam também incluídas no núcleo fundador das coleções do gabinete universitário as coleções de Van-Deck, em cujos armários se arrumavam entretanto as coleções da Ajuda. A transferência das coleções do falecido militar José Rollem Van-Deck (? - 1773), que as havia deixado como herança, dar-se ia em 1774⁸². Realizava-se assim um dos postulados dos estatutos da Universidade relativamente ao enriquecimento das coleções do seu gabinete - a oferta de coleções privadas para o bem público. No entanto a "oferta" não deixaria de ser paga, e a Universidade teria que suportar a fatura de cerca de "*hum Conto e seis centos mil reis*" de modo a custear as dívidas que o seu antigo proprietário tinha contraído para a juntar⁸³. Esta coleção viria a ser colocada no gabinete de História Natural da Universidade em armários que devidamente a identificassem como "*Legado de Joseph Rollem Van-Deck*". Pelas informações, na sua maior parte indiretas por se desconhecer o paradeiro dos catálogos que acompanharam a doação à Universidade, pode-se no entanto afirmar que as coleções de Van-Deck seriam consideravelmente ricas e importantes. São disso exemplo as remessas que Francisco Luís de Meneses faria de Goa para o Museu de Van-Deck em 1771⁸⁴ ou das coleções Brasileiras remetidas pelo Governador do Mato-Grosso Luís Pinto de Balsemão⁸⁵. Vandelli concluiria a instalação deste núcleo fundador do gabinete de história natural por volta de 1775. No documento "*Museo da Universidade de Coimbra, que foi de Domingos Vandelli*."⁸⁶, sem data mas muito certamente relativo à altura da instalação, sabemos que o Museu universitário se dividira por "*tres Casas*". A "*Casa primeira*" apresentaria uma grande variedade de aves, peixes, "*Paineis de Taboas Anatomicas*", um "*Escheletro Inteiro do Peixe Roas Bandeira com o seu membro, e*

82 Brigola (2009: p. 15-16)

83 Brigola (2009: p. 15-16)

84 AHMB Rem. 382

85 AHMB CN B93

86 O original deste documento encontra-se no Arquivo Histórico Colonial, e fac-similado em Dantes (2009: Vol. 1).

lingoa", um "*Feto humano monstruoso com dois cabeças*", alguns invertebrados e uma "*Bengala de marfim*", a "*Casa Segunda*" seria bastante mais diversificada, com "*Caixas de vidros de marca grande, cinco dellas contem Bourboletas do Brasil, e tres os Insectos de Portugal*", vários monstros humanos e animais, animais preservados em álcool, aves e os seus ovos e ninhinhos, vários peixes e outros animais vertebrados, inúmeras amostras mineralógicas e geológicas e fósseis; por fim a "*Casa Terceira*" guardava o "*Ervario*" com cerca de 6000 espécies e algumas inscrições antigas, sendo também nessa "*Casa*" que se encontrava o "*Teatro p.^a as Dimonstrações*".

Desde cedo estas coleções serviriam como base para alguns trabalhos de Vandelli. Falamos por exemplo da sua obra teratológica "*Dissertatio de monstris*"⁸⁷, publicada pela Imprensa da Universidade em 1776⁸⁸. O tema dos monstros era bastante comum em Portugal, tal como no resto da Europa, no século XVIII, bem como já o era nos séculos XVI e XVII⁸⁹. Foram então publicadas algumas dezenas de notícias, por exemplo em jornais como a *Gazeta de Lisboa*⁹⁰, ou em publicações avulsas ou de cordel, sobre o nascimento ou aparição de monstros, no país e no mundo⁹¹. As interpretações dadas a estes monstros eram diversas, sendo os monstros apresentados ora como entidades sobrenaturais, portadoras de avisos de Deus, ora apenas como acontecimentos naturais, onde o "monstro" era "cientificamente" dissecado e ilustrado, sem qualquer tipo de interpretação sobrenatural⁹². Nesta pequena dissertação, Vandelli dedicaria o terço inicial do texto a apresentar e discutir as teorias de geração dos animais e como isso poderia ajudar a compreender a origem de "monstros". Nele apresentaria as teorias

87 Vandelli (1776)

88 Parte deste trecho sobre "monstros" foi publicado autor no livro "*História da ciência Luso-Brasileira. Coimbra entre Portugal e o Brasil*" (Ceríaco et al. 2013).

89 Daston & Park (1998)

90 Brigola (2003)

91 Costa (2005); Ramos (2008)

92 "*Um elemento essencial a destacar é o da coexistência destas interpretações em diversos períodos da história, por vezes, pelos mesmos autores.*" in Costa (2005: p. 3).

preformacionistas dos “ovistas” Harvey, Malphigi, Graaf e Haller, ou as teorias rivais dos “espermistas” (ou “animaculistas”) Hartsoccker e van Leeuwenhoek, como também as teorias epigenistas de Buffon e Needham sobre a existência de uma força ativa, ou vitalidade, que iniciaria o desenvolvimento dos seres após a fecundação, às quais Vandelli reconheceria uma maior sensatez e sustentação⁹³. Para Vandelli, os monstros seriam nada mais do que excessos ou defeitos desta força, avançando assim uma explicação científica para o nascimento destes, largos anos antes dos famosos trabalhos de Étienne Geoffroy Saint-Hillaire (1772-1844). Saint-Hillaire, devido à sua extensa obra exclusivamente dedicadas ao tema é considerado como o fundador da Teratologia, ou a “ciência das monstruosidades ou maravilhas naturais”. A sua primeira publicação dedicada ao estudo científico de um fenómeno “monstruoso” é datada de 1802, intitulada de “*Note sur deux frères de la race des Hommes Porc-Épics*”, publicado no terceiro volume do *Bulletin Philomathique*. Seguir-se-ão, a partir da década de 1820, várias dezenas de dissertações sobre o tema, as causas da sua formação⁹⁴, a sua classificação, bem como a descrição de vários casos particulares. Saint-Hillaire considerava, tal como Vandelli, que os monstros eram apenas variações do plano organizacional idêntico ao dos seres em estado normal, e assim sendo, poderiam também ser classificados de acordo com a sua variação⁹⁵. A obra de Vandelli assume-se assim como uma abordagem teratológica muito semelhante aos trabalhos de Saint-Hillaire. Apesar de a sua publicação não ter conduzido, nos anos seguintes, a mais trabalhos sobre o tema, não podemos deixar de reconhecer em Vandelli o seu pioneirismo, dissertando sobre monstros nas coleções portuguesas, na linha de Buffon e Saint-Hillaire. Dos monstros referidos, no Museu de Coimbra estariam presentes um ser humano de duas cabeças (meninas siamesas, de lábio leporino), conservada em solução, uma menina de duas cabeças, conservada a seco e já esviscerada, um cão

93 Sobre a história da embriologia como ciência, também sobre monstros, veja-se Correia (1998).

94 Mais tarde, em 1836, também o seu filho, Isidore Geoffroy de Saint-Hillaire, publicaria a obra “*Histoire générale et particulière des anomalies de l’organisation chez l’homme et les animaux*”, onde apresentaria uma classificação para os “monstros” humanos e animais, classificação essa ainda hoje usada para descrever estes exemplares.

95 Guyader (2004).

de sete patas, conservado em solução, um gato com duas cabeças, conservado em solução, um frango de duas cabeças, conservado em solução e um cordeiro com três bocas, também conservado em álcool. Já no Museu da Ajuda, referia também um esqualo verde de duas cabeças. Destes, três deles encontram-se desenhados no *Dissertatio*, nomeadamente o gato, as meninas siamesas, onde se inclui um pormenor da dissecação do tórax, e o cão de sete patas, todos eles ainda hoje presentes nas coleções coimbrãs⁹⁶ (Figura 1).

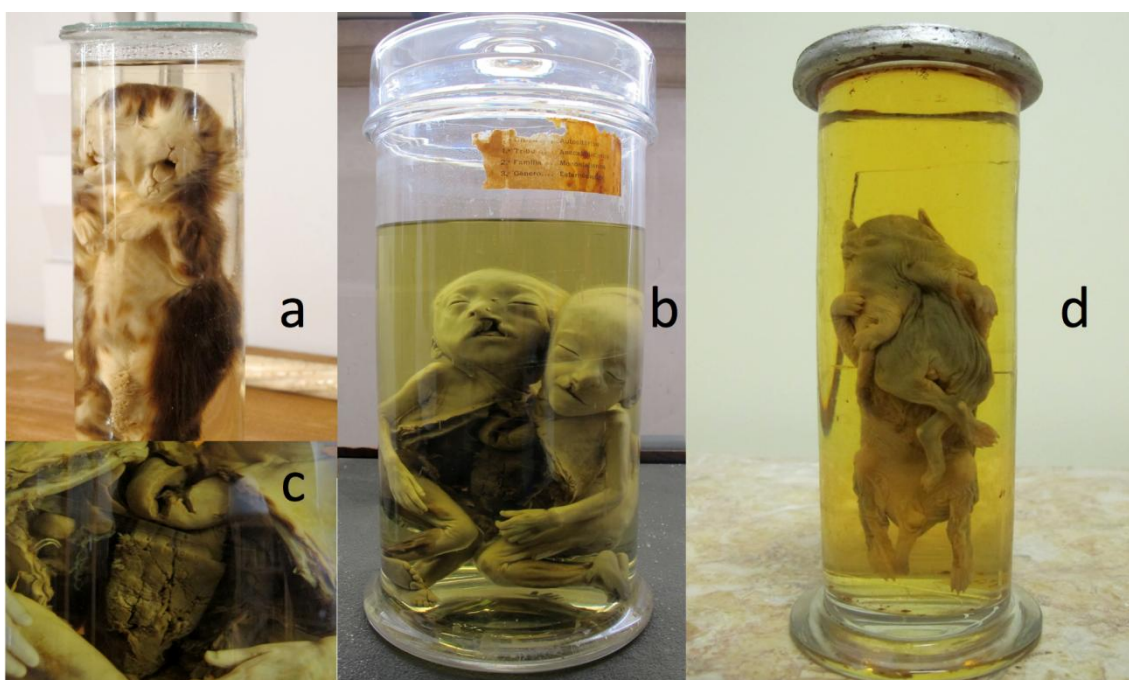


Figura 1- Espécimes de monstros citados por Vandelli no *Dissertatio*, ainda presentes nas coleções de Coimbra. a) Gato com duas cabeças; b) meninas siamesas; c) pormenor do tórax; d) cão de sete patas. Adaptado de Ceríaco et al. 2013

Como estabelecimento científico, também o Jardim Botânico e Real Museu de História Natural da Ajuda se assumiriam como uma importante fonte de contributos para o conhecimento e estudo da história natural em Portugal. Em parte isto deveu-se à utilização de metodologias modernas e à adoção do sistema de classificação lineano, vários anos antes de, por exemplo, a França, onde as posturas antissistemáticas de Buffon dominavam. Vandelli trouxe a taxonomia Lineana não apenas para a ordem e configuração interna do Jardim Botânico e

96 Ceríaco et al. (2013)

Museu de História Natural, mas também para o mundo académico português, com a adoção do *Systema Naturae* como manual para as aulas da História Natural na Universidade de Coimbra. Também começaria a fazer parte da literatura científica, com a descrição de novos *taxa*: um dos primeiros trabalhos feitos por Vandelli em Portugal terá sido a descrição do género *Dracaena* em 1768⁹⁷, baseada num espécimen presente no Jardim Botânico da Ajuda. Vandelli seguiria todos as premissas lineanas para a sua descrição e delimitação, e este exemplo mostra como rapidamente o estabelecimento régio se assumiu como um local científico, muito para lá da "instrução dos Príncipes". Para além dos espécimenes vivos do Jardim Botânico, as coleções presentes no Museu também rapidamente viriam a ser estudadas e classificadas segundo princípios modernos. Em 1771, apenas três anos após a sua criação, Vandelli escreveria uma lista de plantas, minerais e animais presentes no estabelecimento da Ajuda, o manuscrito "*Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii Specimenque Historiae Naturalis Lusitaniae Cum novis generibus et Specibus*"⁹⁸, escrito por Vandelli apresentava centenas de espécies de plantas distribuídas por vinte e quatro géneros e que ocorreriam no Jardim Botânico, descrevia novos taxa vegetais (os géneros *Bragantia* e *Angeja*⁹⁹, dedicado ao Marquês de Angeja, bem com as espécies *Viola Ipecacuanha*¹⁰⁰ e *Balsamona Pinto*¹⁰¹, dedicada Luis Pinto de Balsemão), bem como iniciaria uma lista de plantas portuguesas (*Florae Lusitanicae specimen*), uma lista de minerais (*Mineralogiae specimen*) e de espécimenes de animais (*Faunae specimen*) presentes nas coleções. Nesta última lista, onde não se verificava a exclusividade da fauna nacional, Vandelli apresentaria a descrição de algumas espécies de

97 Vandelli (1768).

Vandelli, D. (1771a). O manuscrito original pode ser encontrado na Biblioteca Pública de Portugal (Manuscritos Reservados, COD. 3750) ou acessível online em <http://purl.pt/15104> (acedido em 7 de Novembro de 2012).

99 O género *Bragantia* é actualmente reconhecido como sinónimo de *Gomphrena*, enquanto o género *Angeja* é reconhecido como sinónimo de *Melastoma*.

100 Actualmente sinónimo de *Carapichea ipecacuanha*.

101 Actualmente sinónimo de *Cuphea carthagenensis*.

animais até então desconhecidos, seguindo a sistemática lineana. O conteúdo deste manuscrito viria a ser publicado em dois episódios diferentes: em 1771, no mesmo ano do manuscrito, Vandelli publicaria "*Fasciculus plantarum cum novis generibus, et speciebus*"¹⁰², onde os novo taxa vegetais que havia originalmente descrito no manuscrito viriam a conhecer a estampa, e em 1797 no artigo "*Florae, et faunae lusitanicae specimen*"¹⁰³, publicaria a mesma lista de plantas portuguesas e animais presentes no museu, excetuando os espécimenes mineralógicos e apresentando apenas pequenas correções. Nesta lista apresentava-se a descrição de vários novos taxa animais, como a *Amphisbaena Cinerea*. Esta espécie, já referida e descrita no manuscrito de 1771, referir-se-ia a um endemismo ibérico, atualmente reconhecido como *Blanus cinereus* Vandelli, 1797, conhecida em Portugal por Alicranço ou Cobra-Cega, terá sido descrita por Vandelli da seguinte forma:

*"Amphisbaena Cinerea annulis corporis 123. caudalibus 20. Alicranço. Caput primo fex areolis subquadratis majoribus divisis a suturis, deinde multis minimis areolis. Oculi minimi, ut difficilime reperiuntur. Color maxillarum exalbidus. Linea lateralis excavata ab utraque parte corporis. Annuli longitudinaliter striati. Color totius corporis fulvocinereus, striis, & annulorum divisionibus exalbidis. Longitudo saepe 10 pollicum, cassitries 2 .1/2 lineam. H. sub terra venenosissimum animal."*¹⁰⁴.

Através de publicações futuras pode perceber-se que esta espécie seria certamente apresentada por Vandelli aos seus estudantes de Coimbra, visto ser vagamente referida e ilustrada no "*Dicionario...*" de 1788¹⁰⁵, bem como no trabalho apresentado em Julho de 1788 à Academia Real das Ciências de Lisboa, e também publicado em 1797 por Manoel Dias Baptista, aluno de Vandelli, onde listava a

102 Vandelli (1771b)

103 Vandelli (1797)

104 Veja-se Vandelli (1771: p. 161-161v) e Vandelli (1797: p. 69-71). Apesar de no artigo de 1797 Vandelli repetir toda a descrição do animal, omitiria a parte do habitat. É interessante constatar que a descrição de Vandelli terá parcialmente adotado ideias antigas relativamente à mítica "*Amphisbaena*". De acordo como o folclore de muitos bestiários medievais, a "*amphisbaena*" era um animal serpentiforme, venenoso, com uma cabeça em cada extremidade do corpo, capaz de se mover em ambas as direções. Vandelli não só adotaria o nome para nomear o género, mas também se referiria à alegada venosidade do animal. Este folclore encontra-se ainda hoje presente em muitas zonas de Portugal, embora o animal seja completamente inofensivo.

¹⁰⁵ Vandelli (1788)

espécie para a região de Coimbra¹⁰⁶. Para além do *B. cinereus*, Vandelli terá também reconhecido outra nova espécie de réptil, tendo dado a sua descrição exata, sem propor um novo nome para ela¹⁰⁷: quer no manuscrito de 1771, quer na publicação de 1797, existe a descrição de uma "Víbora", imediatamente antes da descrição da *Amphisbaena*. Vandelli identificou-a como *Coluber aspis*, o nome da víbora descrita por Lineu em 1758, que se sabe hoje não ocorrer em Portugal e possui algumas diferenças morfológicas consideráveis com as espécies portuguesas do género *Vipera*. Terão sido estas diferenças que terão levado Vandelli a apresentar uma sua descrição da mesma, e referir, apenas no manuscrito, que o *habitat* do espécimen que possuía na Ajuda como "*Transtaganum Caparica*", ou seja, a vila da Caparica¹⁰⁸. Esta lista, publicada em 1797 mas feita em 1771, dá-nos uma ideia da dimensão e variedade das primeiras coleções da Ajuda, e denotam o claro uso das coleções de história natural para o estudo e disseminação dos novos conhecimentos, ao mesmo tempo que constituiria a primeira e única lista referente à fauna portuguesa durante todo o século XVIII e boa parte da primeira metade do século XIX.

106 Baptista (1797).

107 A designação de um novo nomen é uma das condições fundamentais para descrever novos taxa animais. Visto que Vandelli não o terá feito, e mesmo que na sua descrição se tenha referido a uma espécie diferente da *Vipera aspis* de Lineu, a autoria de uma nova espécie não é válida.

108 Este espécime descrito por Vandelli nunca poderia ser a *Vipera aspis* de Lineu, visto que a sua distribuição geográfica se limita a zona da Europa central, e seria certamente um exemplar de *Vipera latastei*, espécie apenas descrita em 1878 pelo zoólogo espanhol Eduardo Boscá.

Capítulo 2 - As viagens filosóficas: ciência e coleções

Com a morte de D. José em Fevereiro de 1777 suceder-se-iam importantes alterações políticas e estratégicas no país. A coroação de D. Maria I em Maio do mesmo ano resultaria numa alteração significativa do aparelho governativo, a "Viradeira". Em consequência destas alterações o todo-poderoso Marquês de Pombal seria demitido e ostracizado, a Igreja e Alta Nobreza voltariam a assumir papéis preponderantes na sociedade e a própria Universidade de Coimbra seria alvo de críticas e reestruturações. De especial importância para os estabelecimentos da Ajuda seria a nomeação de Martinho de Melo e Castro (1716 - 1796), para o cargo de ministro assistente ao despacho de D. Maria I, cargo que acumularia com o de Secretário de Estado da Marinha e do Ultramar. Seria neste reinado que as ciências histórico-naturais e as suas instituições assistiriam ao seu maior desenvolvimento e afirmação: a criação da Academia Real das Ciências em 1779, a preparação e realização de grandes expedições naturalistas às colónias, e o aumento generalizado de recursos para os estabelecimentos museológicos. Neste contexto toma especial relevo a ideia há muito acalentada de uma extensa viagem de exploração ao Brasil. É interessante notar que a movimentação para a colocação de naturalistas no Brasil se inicia logo em 1777, altura da assinatura do tratado de Santo Ildefonso entre Portugal e Espanha e do início das expedições geográficas para a delimitação das fronteiras das colónias sul-americanas. Por esta altura Vandelli inicia contactos com o objetivo expresso de que os seus naturalistas fizessem parte dessas mesmas expedições. Para tal Vandelli recorreria ao Marquês de Angeja para que este intercedesse junto do governo instando-o a que alguns dos seus discípulos da Universidade de Coimbra pudessem acompanhar a equipa de matemáticos destinada ao estabelecimento das demarcações do Brasil.

Através da intensa produção de textos de "instruções" naturalistas, podemos compreender que os anos que se seguiriam a estas negociações seriam uma época de preparação para as viagens filosóficas, não só ao Brasil mas à maioria das colónias ultramarinas, que se iniciariam no início da década de oitenta. Logo em 1779, Vandelli redigiria as instruções intituladas "*Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar*"¹⁰⁹. Neste extenso texto, onde se abordavam temas e questões que iam desde a necessidade da elaboração dos diários de viagem pelos naturalistas, ao conhecimento antropológico e sociológico dos povos, da geografia dos locais, à mineralogia, botânica e zoologia, eram sumariadas todas as observações e técnicas passíveis de serem utilizadas pelos naturalistas nas suas missões. No que à realização de coleções diz respeito, as "*Viagens filosóficas*" de Vandelli apresentavam-se como um autêntico manual prático sobre a forma de proceder à colheita, à preparação e conservação dos espécimes e por fim ao seu transporte e remessa para a metrópole. Não seriam no entanto as únicas instruções a ser publicadas no início da década de oitenta. Os anos subsequentes seriam férteis no que toca à publicação de instruções, contando-se pelo menos duas publicações impressas, as "*Breves Instrukçoens aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos e noticias pertencentes a historia da Natureza para formar um Museo Nacional*", publicadas pela Academia das Ciências de Lisboa em 1781, sem autoria nomeada mas que se assume serem em boa parte escritas por Vandelli, e o "*Compendio de observaçoens que fórmão o plano da viagem política e filosófica que se deve fazer dentro da pátria*"¹¹⁰, publicado em 1783 por José António de Sá, Doutor em Leis, Magistrado e sócio da Academia, e uma manuscrita, da autoria de Alexandre Rodrigues Ferreira (1759 - 1815), discípulo de Vandelli, e datada de 1781, o "*Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais Segundo o Plano, que tem concebido e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos*

109 Dantes (2009: Vol. 1 p. 93).

110 Sá (1783)

Curiozos que vizitão os Certoins, e Costas do Mar."¹¹¹. Embora nunca publicado o "*Methodo de Recolher...*" apresenta-se como um documento de relevo para a compreensão das técnicas adotadas pelos naturalistas da Ajuda. Contrariamente às elaboradas e complexas listagens de técnicas e métodos presentes nas instruções de Vandelli ou mesmo de Sá, onde a referência e inspiração em obras e autores estrangeiros é comum, o "*Methodo*" apresenta-se como um produto da interpretação e apropriação prática por parte dos naturalistas da Ajuda, daquilo que eram os cânones europeus e nacionais. A sua redação terá certamente servido para demonstrar a Martinho de Melo e Castro uma prova de que os naturalistas conheciam e compreendiam de forma clara e inequívoca as técnicas necessárias para as viagens naturalistas¹¹², mas para além disso deixam-nos hoje uma ideia mais aproximada das técnicas que estes considerariam mais eficazes, e que viriam a aplicar no terreno. Estas instruções, à semelhança das "*Instructio peregrinatoris*" de Lineu, apresentavam-se como programas de viagem destinados ao estudo da história natural, visando essencialmente os viajantes enviados em missão oficial ou que pelo seu forte patriotismo pretendessem contribuir para o enriquecimento de coleções nacionais¹¹³. Por toda a Europa seriam várias as publicações do género, todas elas suficientemente detalhadas para que qualquer pessoa fosse capaz de contribuir para a empresa da História Natural. Nelas se apresentavam as mais importantes metodologias, mas também os principais instrumentos e técnicas a usar¹¹⁴. Seriam estes manuais, autênticos compêndios sobre o estado da arte das

111 AHMB Res. 18

112 "Ao Ill.mo e Exm^o Snr. Martinho de Mello e Castro Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Ultramar. Ill.mo. e Exm^o Snr. Mandou-nos V. Ex^a, q dizendo em pouco o q se tem pensado sobre o *Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais, dessemos aler aos Curiozos, o q ha nesta parte de util somente, e necessario para as provizoins, q deles pode esperar o Gabinete Nacional. Em cumprimento das ordens de V. Ex^a oq julgamos digno de escrever-se, he o q pomos nas suas maons. Como distingue particularme.te a alma de V. Ex^a o conhecimento das relaçoins q tem com a felicidade publica, estes productos, quando os trata, como deve ser, a Industria Popular, digne-se V.Ex^a continuar na Protecção de huns Estudos, q nos temos de profissão estudar, e V.Ex^a proteger. [a partir daqui letra de A. R. Ferreira] DE V.Ex^a Humildes Criados, os Naturalistas." in AHMB Res. 18.*

113 Kury (1998)

114 Larsen (1996)

técnicas naturalistas da época, que os naturalistas da Ajuda assimilavam antes de seguirem as suas viagens, e é através deles que podemos recriar e compreender o *modus operandi* dos naturalistas. Finda a sua formação em Coimbra, e de certa forma como um treino nas técnicas ligadas à preparação dos espécimes, bem como a sua identificação, os naturalistas Manuel Galvão da Silva (1750 - ?), Joaquim José da Silva (?-?), João da Silva Feijó (1760-1824) e Alexandre Rodrigues Ferreira, alunos de Vandelli em Coimbra, estagiariam no complexo científico da Ajuda¹¹⁵. Alexandre Rodrigues Ferreira e João da Silva Feijó levariam a cabo pequenas viagens filosóficas no território português, nomeadamente uma visita de estudo às minas de carvão de Buarcos, perto do Mondego, a que cabia aos dois jovens naturalistas estudar e reportar o seu estado, sempre tendo em vista o uso do carvão para a indústria nacional¹¹⁶.

Em Junho de 1778 Vandelli dirigir-se-á desta vez ao ministro Martinho de Melo e Castro dando-lhe conta de que se encontrava a preparar os planos para as explorações no Brasil, mantendo a ideia de enviar vários naturalistas na companhia dos matemáticos responsáveis pelas demarcações, e incluindo nesta equipa o próprio vice-diretor do estabelecimento museológico Júlio Mattiazi¹¹⁷. No entanto, aquilo que se afigurava como uma grande expedição multidisciplinar ao Brasil viria, no final de 1782, a ser radicalmente alterada, não tanto no que toca aos

115 Sabemos que antes de iniciarem as suas viagens filosóficas, os pupilos de Vandelli terão completado os catálogos de conchas e de aves das colecções do museu - "*Eu já fiz o catálogo dos peixes; os naturalistas antes de irem a viajar nas colónias completarem aquele das conchas, e das aves, que naquele tempo existiam; ...*" in "Relação da origem e estado presente do Real Jardim Botânico, Laboratório Químico, Museu de História Natural e Casa do Risco" transcrito em Cardoso (2003: p. 55).

116 Simon (1983: p. 9)

117 "*Tenho feito todas as diligencias p^a. completar o plano de expedição dos Naturalistas, e remetella a V. Ex^a. neste correio, porem o continuo trabalho da Unversid.e não me tem dado lugar a acabalo, e somente agora presento a V. Ex^a. o rol dos instrumentos q tiverão, e assim formar com a maior diligencia possivel huma exacta Historia Natural de tão vasto Continente; e porque esta seja de maior utilidade, me pareceria conveniente, que alem daquelles Naturalistas, q devem acompanhar os Mathematicos, ficasse Julio em companhia de hum Nat^a. no Rio Jeneiro de donde poderião examinar huma grão parte da costa internandose athe 40, ou 50 legoas, e deste modo se se descobrissem cousas uteis, maes facil seria o transporte, e maior quantidade de produçoens Naturaes se poderião obter, o q tão facilmente não se pode esperar da os interiores sertoes, donde o naturalistas não se pode caregar de muitas produçoens da Natureza.*" in Simon (1983: p. 13).

planos originais, mas principalmente relativamente ao seu quadro pessoal¹¹⁸. Ao invés de uma equipa de matemáticos e naturalistas, onde se contavam Ferreira, os Silvas, Feijó e o próprio Mattiazi, a expedição ao Brasil ficaria reduzida apenas a um naturalista, Alexandre Rodrigues Ferreira, enquanto os restantes ficariam incumbidos de missões nos territórios africanos e asiáticos. Assim, Joaquim José da Silva seguiria para o Reino de Angola, onde seria eleito como secretário do governo no final de 1782, Manuel Galvão da Silva seria nomeado para o mesmo cargo mas no governo de Moçambique, e por fim João da Silva Feijó tomaria o cargo de naturalista nas ilhas cabo-verdianas. Júlio Mattiazi ficaria em Lisboa, onde nas funções de vice-diretor do estabelecimento da Ajuda, viria a ter um papel decisivo na gestão à distância das missões, fazendo a ponte entre os naturalistas e o governo português.

Como já referido, pela sua natureza e singularidade as “viagens philosophicas” realizadas pelos naturalistas portugueses do século XVIII, têm sido trabalhadas por um grande número de investigadores nacionais e internacionais, podendo-se mesmo afirmar que no que à História da História Natural portuguesa diz respeito, o episódio das viagens é aquele que mais atenções tem tido por parte da comunidade académica¹¹⁹. No entanto a generalidade destes trabalhos têm-se centrado nos aspetos ligados à viagem, ao trabalho de campo, e a questões muito mais focadas no “terreno” do que propriamente num dos seus principais resultados – os espécimes e coleções. Tomando como base a documentação, boa parte dela ainda inédita, presente no AHMB, enquadrando-a em outras fontes já publicadas, pretendemos pois apresentar uma visão das coleções das “viagens philosophicas”. Julgamos que esta abordagem se justifica em boa parte por poder responder a várias questões que apesar da grande quantidade de trabalhos sobre o assunto, ainda não se encontram totalmente esclarecidas, nomeadamente: 1) como se traduziram, em quantidade e qualidade, as coleções feitas por cada naturalista?;

118 Simon (1983: p. 18)

119 Areia et al. (1991), Bates (1944), Carvalho (1983), Costa (2001), Cruz (2002), Cunha (1991), Domingues (1991, 2001), Falcão (1970), Lima (1953), Raminelli (1998, 2001), entre outros.

2) como eram elas entendidas e classificadas pelos naturalistas ainda no terreno?;
3) de onde, como, quando e para onde foram enviadas as referidas coleções?; 4)
qual a recepção que as coleções tiveram no seu destino?

De forma similar à logística da viagem, às listas de materiais de campo, e à própria atuação e práticas de colheita e investigação empregadas pelos naturalistas no terreno, as coleções, como resultado direto destas, revela-nos por si só uma visão adicional e complementar às visões produzidas pela análise das demais questões. Assim sendo passaremos a individualizar cada uma das expedições na tentativa de para cada uma responder às perguntas acima formuladas.

A viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783 – 1792)

Pela sua importância científica e política a viagem de quase uma década ao Brasil têm sido alvo de uma miríade de trabalhos e investigações, materializadas num considerável número de publicações. A multiplicidade de abordagens, reflexo da diversidade de autores que a este estudo se dedicaram, podem conduzir à ideia de que a personagem de Alexandre Rodrigues Ferreira e a sua atividade naturalista no Brasil se encontraria hoje totalmente explorada e conhecida. No entanto há várias questões relativas à atividade científica de Ferreira e à constituição das suas coleções que têm sido pouco exploradas¹²⁰. Como enquadramento das mesmas, passa-se a recuperar em traços gerais toda a história desta viagem¹²¹, focando os pontos com mais importância para a construção do conhecimento e constituição das coleções.

¹²⁰ O documento AHMB ARF. 14, já reproduzido várias vezes em algumas publicações sobre Alexandre Rodrigues Ferreira, nunca foi convenientemente analisado, quanto aos números, descrições e observações nele contidas, porém são de primaz importância para a compreensão da atividade naturalista de Ferreira, mas principalmente para o conhecimento sobre a natureza e números das coleções por ele recolhidas e enviadas para a Ajuda.

¹²¹ Um importante resumo deste missão, baseado em correspondência presente no Arquivo Histórico Ultramarino foi já publicada por Lima (1953).

Em Agosto de 1783 a expedição partia para o Brasil, liderada por Alexandre Rodrigues Ferreira "*levando debaixo da sua Inspeção a Jozé Joaquim Freire, Riscador, Joaquim José Codina, tambem Riscador; e Agostinho Joaquim do Cabo, Jardineiro*", com ordens para "*examinar, e descrever tudo o que houver nesse Estado relativo á Historia Natural; e em recolher, e preparar o que se deve remetter a esta Corte, na conformidade das Instruçoens que leva o dito Alex.^e Roiz*"¹²². A equipa chegaria a Belém do Pará no final de Outubro de 1783, onde se manteria durante primeiros meses da missão, observando as terras e culturas agrícolas da região e na principalmente da Ilha Grande de Joannes (atualmente a ilha de Marajó). A partida para o Rio Negro, calendarizada para Dezembro de 1783¹²³, viria a sofrer atrasos, nomeadamente na devido a atrasos na construção das canoas e na disponibilidade de matérias e recursos. As canoas só viriam a estar preparadas em Setembro de 1784, altura em que a expedição partiria para o Rio Negro¹²⁴ (Figura 2). A exploração pelo Rio Negro, tendo Barcelos como base operacional, demorar-se-ia por dois anos, e no início de 1786, término esperado da expedição, a equipa receberia ordens para explorar o Rio Branco e o rio Jupurá¹²⁵. Por esta altura, face à quantidade de colheitas já efetuadas, Ferreira começar-se-ia a convencer que continuar a colecionar material sem estudar o já recolhido seria um erro¹²⁶. No entanto, a missão continuaria e em Junho de 1786 Ferreira e a sua equipa encontrar-se-iam em São Joaquim do Rio Branco para analisar minas de cristais,

122 Lima (1953: 110)

123 Lima (1953: 117-118)

124 Lima (1953: 133)

125 Lima (1953: 159-160)

126 "*Persuado-me por tanto, que tenho a felicidade de fallar a V. Ex.a que bem conhece as minhas intençoens, e quão longe estou de me subthrahir ao serviço de S. Mag.e e ás ordens de V. Ex.a ou seja aqui, ou em toda aoutra qualquer parte, mas como este serviço he de natureza tal, q em huma parte se principia, e em outra se acaba, quanto mais se prolongar a collecção dos productos, mas se retardará depois o conhecimento individual de cada hum no confuso chaos de milhares de producçoens diversas: V. Ex.a porem resolverá o q for servido.*" in Lima (1953: 159-160)

que se revelariam de pouco ou nenhum valor¹²⁷. Para além da preocupação com a quantidade das coleções, toda a equipa era constantemente vítima de várias doenças e infortúnios¹²⁸. No início de 1787 o jardineiro Joaquim do Cabo seria incumbido por Ferreira para explorar o Rio Aracá¹²⁹.



Figura 2 - Aguarela representando uma das canoas da esquadra de Alexandre Rodrigues Ferreira. De notar o naturalista dentro da tenda a estudar as coleções. Fonte AHMB

Findas as viagens pelo Amazonas, Rio Negro e Rio Branco, a expedição para a qual há muito Ferreira pedia um fim seria estendida para uma nova fase. Esta iniciar-se-ia em 1788 e seria marcada pela subida do Rio da Madeira em

127 Lima (1953: 175)

128 "[...] desde a ultima carta, q me escreveo Julio Mattiazzi, na data de 20 de Julho de 1784, nem se quer tenho sabido, se lá tem chegado as producçoens remettidas. E esta he a mais pungente mortificação q passo, vacillando sempre, se ao penozissimo trabalho, q todas ellas custão em observar, recolher, e preparar sobrevirá a desgraça, de chegarem mal acondicionadas. Porq ja succedeo ter o Tenente do Mar Antonio Joseph Monteiro o descuido de expôr a o tempo os caixoens, q transportarão os Jacarés; caixoens, q eu mandei calafetar, e q dispuz o melhor q permittião as madeiras vêrdes, q são as q ha, e segundo soube depois, chegarão penetrados da humidade." in Lima (1953: 189-193)

129 "[...] aonde já todos nos entrámos em Jan.ro de 86, p.a naquelle R.o se empregar V. M. em recolher, e preparar os Animaes, e as Plantas, q poder; visto q nelle se facilita mais do q neste a Caça, e a Pesca principm.te dos Piraurucus. Emq.to eu aqui continuo a fazer as minhas observ.es e escriptas, e os Desenhadores os seus Desenhos, faça V. M. a diligencia possivel para ajuntar os productos, q a estação do Invernohe permitir, p.a depois de acondicionados nesta V.a quando V. M. voltar, ter o gosto de os vêr remetter; o q supponho q se verificará pelo princípio de Mayo proximo futuro." in Lima (1953: 205)

Setembro¹³⁰. Por esta altura acompanhava Ferreira, Cabo e Codina uma companhia de catorze oficiais inferiores e soldados, onde se contavam ferreiros, marceneiros, carpinteiros de canoas, sangradores, amanuenses, e ainda dois índios "*em qualidade de Preparadores*", de seus nomes Cipriano de Sousa e José da Silva¹³¹. Apesar de todos os mantimentos e materiais necessários terem sido providenciados, a viagem pelo Rio da Madeira revelar-se-ia bastante mais difícil e perigosa, tendo mesmo por exemplo, sido ordenada a aquisição de tartarugas para a alimentação de toda a equipa "*p.^a supprir a falta das galinhas*"¹³² (Figura 3).

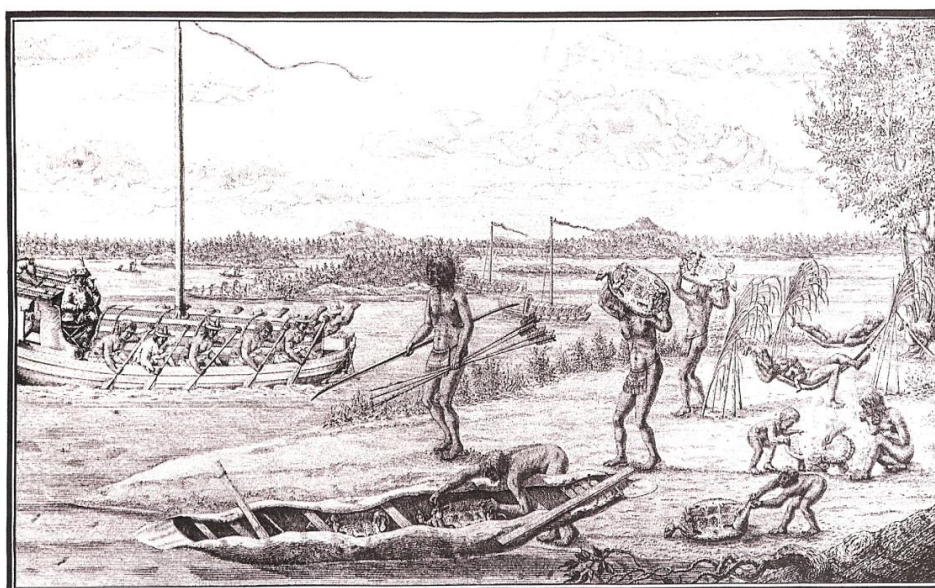


Figura 3 - Ilustração original representando a captura de tartarugas para alimentação e estudo. Fonte Ferreira (1972).

Em Outubro de 1789, após a chegada da equipa a Villa Bella o jardineiro Agostinho Joaquim do Cabo¹³³ morreria de febre, e a 6 de Abril de 1790 Codina viria "*a espirar nos braços*" de Ferreira, "*accomettido de huma tão forte corrupção,*

130 Lima (1953: 278-279)

131 Lima (1953: 263-264)

132 Lima (1953: 274)

133 Lima (1953: 289)

que a nehum remedio da arte obedeceo"¹³⁴. A expedição encontraria o seu término nos finais de 1791, sendo comunicada a Ferreira através de uma carta de João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres¹³⁵. A última carta de Ferreira durante a sua missão no Brasil seria escrita a 6 de Fevereiro de 1792, no Pará. Dirigindo-se a Martinho de Melo e Casto, resumia em traços largos a sua expedição e deixava antever o "prémio" que desejava pelo sucesso da missão - um posto na Real Junta do Comércio, Agricultura e Fábricas¹³⁶. Ainda antes de partir Ferreira casaria com Germana Pereira da Cunha e Queirós, filha de Luis Pereira da Cunha¹³⁷. Finda a expedição e após a sua chegada a Portugal, seria concedido a Ferreira o hábito de Cristo, com sessenta mil réis de tença, e nomeado oficial da Secretaria de Estado dos Negócios Ultramarinos (cargo para o qual teria sido indicado por Vandelli devido aos seus "*vastos conhecimentos da ciência económica e política, das produções das colónias e do seu comércio*."¹³⁸) e inspetor e administrador das Reais Quintas de Queluz, Caxias e Bemposta¹³⁹.

Durante toda as fases da expedição a equipa remeteria para a Ajuda várias remessas. Sendo este o ponto fulcral desta nossa análise passaremos pois a olhar detalhadamente para as mesmas coleções. Na primeira carta dirigida a Martinho de Melo e Castro, datada de Outubro de 1783, Ferreira dava conta que já havia iniciado os seus trabalhos e registava a primeira remessa, onde se referem animais pescados no mar alto, do porto do Pará e do sedimento costeiro¹⁴⁰. Incapaz de conter as novidades, no dia seguinte à primeira carta, Ferreira escreveria novamente ao ministro, dando-lhe a notícia que o Governador lhe havia mostrado

134 Lima (1953: 295)

135 Lima (1953: 346-347)

136 Lima (1953: 353)

137 Lima (1953: 354)

138 Cardoso (2003: p. 58).

139 Lima (1953).

140 Lima (1953: 113)

uma cabeça de índio Tapuya, para que este visse "*se para alguma coiza servia*", deixando Ferreira tão eufórico que "*tal foi a sofreguidão com q ví esta rara peça, q logo fui a Palacio dizer a S. Ex.^a que ele tinha a felicidade de remeter p.^a o Gabinete de S. Mag.^e huma pela de q nos Gabinetes da Europa não ha exemplo.*", tendo enviado a mesma no dia seguinte "*juntam.^e com [...] huma enfiada de dentes, huns poucos de colares, e braselêtes de pennas q tudo vinha junto com a cabeça em huma caixa, [...] 2 frascos, hum dos q leva 6 Apegadores, e outro quatro Genipapos q ja não tem flor.vão as 7 estampas já feitas, e em huma dellas o desenho dos coelhos q S. Ex.^a remette vivos, q são os Porcos da India*"¹⁴¹. Ferreira viria a receber apoio de toda a população, pois todos lhe ofereciam "*hum bixo, outro huma pedra, porq no Real Gabinete de S. Mag.^e a todos digo q terão os seus Nomes.*"¹⁴². Durante a estadia da equipa no Pará seriam efetuadas pelo menos mais três remessas: uma "*remessa de Jacarés, e mais producçoens q na Ilha*", da Ilha de Marajó em Dezembro de 1783¹⁴³; uma de "*produtos naturais*" do Pará em Março de 1784¹⁴⁴ [Tartaruga Chelus]; e uma terceira remessa "*de producçoens naturais desta Cidade* [quarta desde o início da expedição], *onde as tenho recolhido desde 21 de Outubro do anno passado*", e que consistia em "*dous caixotes de madeira, huma caixa de fôlha de Flandres huma frasqueira, e hum cilindro*", no início de Setembro de 1784¹⁴⁵.

Das prospeções pelas várias paragens ao longo do Rio Negro seriam remetido a 9 de Janeiro de 1785, a partir de Santarém, "*5 Peixes Boys, 2 Bôtos, 1 Jacaré-tinga, 1 Pirarucu, e 2 Pirararas*"¹⁴⁶. Seria no entanto a partir de Barcelos que o naturalista viria a fazer um maior número de remessas. A primeira em Junho de 1785, continha:

141 Lima (1953: 115-116)

142 Lima (1953: 116)

143 Lima (1953: 117-118)

144 Lima (1953: 127)

145 Lima (1953: 132)

146 Lima (1953: 141)

" Nesta carta vai inclusa a Relação dos volumes desta remessa, q he á primeira do Rio Negro. vão algumas Tartarugas das grandes, e das pequenas, q ainda não são tantas, quantas dezejo, mas irei remetendo. Na caixa de Folha de Flandres vão perto de 96 riscos, e juntas com elles as relações q explicão o q são os productos, q vão numerados dentro dos caixos. Nas ditas relações vão as Memorias sobre as Tartarugas, sobre as cuyas, e sobre os Peixes-boys, q a V. Ex.^a remeti da Villa de Santarem. As quais Memorias peço a V. Ex.^a q as dê ao Julio p.^a as guardar, porq nem deixo, nem posso deixar copias."¹⁴⁷.

A seguinte, em Abril de 1786, conteria:

"5 Participaçoes primeiras, q contem a História do Estado, em q ficão as Povaçoens deste Rio, até a de S. Gabriel: ajunteilhes mais, 7 Memorias de diferentes titulos, á saber, a 1.^a = sobre as Tartarugas, q vão preparadas nos caixos n.º 1.º, até n.º 6 = a 2.^a sobre os Peixes boys, que forão remettidos da villa de Santarem nos caixos da ultima remessa da Capitania do Pará, e do que agora remetto no caixão N.º 9. 3.º sobre as cuyas, que fazem as Indias de Monte-Alegre, e de Santarem, para ser appensa ás amostras, q remetty no caixão n.º 1.º da primeira remessa deste rio, 4.º sobre a Louça, q fazem as Indias de, Barcellos, para tambem ser appensa ás amostras, q se remetterão nos caixos n.ºs 1.º 5.º e 8.º 5.^a sobre as salvas de palhinha pintadas pelas Indias de Santarem; 6.^a sobre o Isqueiro, ou caixa de guardar a isca, para o fogo; 7.^a e ultima, sobre os intrumentos, de q usa o Gentio, para tomar o tabaco Paricá." repartidos por "19 volumes, que constituem esta segunda remessa" onde se incluía "não menos, do q 118 desenhos", tal como o "Plano de viagem, q representa a porção do Rio Negro, desde a villa capital de Barcellos, até a Fortaleza fronteira de S. Joseph de Marabitenas, conforme as cartas antigas; e as porçoens dos Rios naupés, Içaná, Ixié, Dimity, Cauaburys, Padaury, e Uaracá, navegados, e estimados em viagem da Expedição Philosophica, pelos ditos Rios", "12 Prospectos das villas, e dos lugares", "9, de cachoeiras" e "96 de Plantas, e de Animaes"¹⁴⁸.

A 10 de Agosto de 1786, Ferreira enviaria um: "Herbario [...] acompanhado de 76 desenhos, e as outras curiosidades naturaes, á excepção dos Animaes"¹⁴⁹. Em Novembro do mesmo ano voltaria a enviar outra remessa de doze volumes de produtos naturais¹⁵⁰, e em Fevereiro de 1787 seriam enviados para Lisboa mais "21 volumes"¹⁵¹. As coleções efetuadas na expedição realizada por Joaquim do Cabo ao

147 Lima (1953: 147)

148 Lima (1953: 158-159)

149 Lima (1953: 186)

150 Lima (1953: 189-193)

151 Lima (1953: 202)

Rio Aracá seria remetido para Lisboa em Maio de 1787¹⁵², sendo acompanhados pelas "Memorias" "[...] a Marinha interior do Estado do Grão-Pará", a "Descrição do Peixe Piráurucú", as "Observações Medicas sobre as Enfermidades Endemicas, e Epidemicas do Rio Nêgro", e o "Tratado particular de alguns de generos de Agricultura, os quaes se cultivão no Rio Negro."¹⁵³.

Uma lista substanciada das coleções produzidas durante esta primeira fase da viagem é-nos apresentada no manuscrito "*Relação Geral de todos os Productos Naturaes dos trez Reinos Animal, Vegetal e Mineral; além das Curiosidades artificiaes dos Gentios, e Indios domesticados: Asquaes se observarao, recolherao, prepararao, e remettersao para o Real Gabinete de Historia Natural, em Diligencia da Expedição Philosófica: Desde 28 de Outubro de 1783, em que chegou á Cidade do Pará, até 21 de Junho de 1788, em que da Villa de Barcellos, Capital da Capitania do Rio Negro, se remetteo a Oitava e ultima Remessa dos Productos do dito Rio; e Decima Terceira Remessa dos Productos recolhidos, em todo o Estado do Grão-Pará.*", datada de Barcellos, 21 de Junho de 1788 e assinada pelo jardineiro Agostinho Joaquim do Cabo¹⁵⁴. Desde a primeira remessa, a 28 de Outubro de 1783 até à décima terceira em 4 de Junho de 1788, terão sido remetidos à Ajuda mais de mil setecentos e oitenta e quatro espécimenes de vertebrados (Tabela 1), centenas de invertebrados, várias dezenas de produções vegetais (onde se incluíam pelos menos dez pastas de herbário), cerca de noventa e três amostras minerais, seiscentos e vinte e nove desenhos naturalistas, e centenas de "*Curiosidades artificiaes dos Gentios, e Indios domesticados*". Porém, ainda referente à primeira fase da viagem mas não referido neste documento, é importante referir a remessa de algum material e manuscritos, deixados pela equipa em Barcelos antes de saída

152 "São os Prod.os que mandei recolhêr ao Rio Uaracá, pouco superior a esta villa, na margem septentrional do Nêgro, para onde expedi o Jardineiro Botanico Agostinho Joachim do Cabo; a qual na verdade dezempenhou a comissão que lhe dei de aproveitar o tempo em recolhêr, e preparar os Peixes daquelle Rio" in Lima (1953: 205-207)

153 Lima (1953: 205-207)

154 AHMB ARF 14

para o Rio Madeira, e enviados por João Pereira Caldas a Martinho de Melo e Castro em Setembro de 1788¹⁵⁵.

Da segunda fase da viagem, a primeira remessa conhecida é a de Abril de 1790, aquando das explorações sobre os minérios auríferos, dos quais resultariam o envio de treze amostras de ouro, acompanhadas de uma memória manuscrita¹⁵⁶. A esta memória sobre o ouro, seria anexada uma outra, as "*Observações Geraes, e Particulares; sobre a classe dos Mammaes observados nos Territórios dos tres Rios, das Amasónas, Nêgro, e da Madeira: com as descrições circunstanciadas, que de quase todos elles derão os antigos, e modernos Naturalistas; e principalmente, com a dos Tapuyas*"¹⁵⁷. Para além desta remessa, conhecemos apenas dois documentos manuscritos referentes às coleções reunidas, preparadas e enviadas pela equipa de Ferreira para Lisboa nesta segunda fase, inéditos até à presente data, e que relatam o envio de duas grandes coleções. São estes a "*Relação dos Productos Naturaes recolhidos em Viagem da Expedição Philosóphica pelo Rio da Madeira acima, que vão incluídas nas 24 Frasqueiras, nos 10 Barriz encapados de madeira, e nos 17 Caixoes, incluindo dentro de hum delles huma caixa de Folha de Flandres, os quaes se remetem p.or Primeira Remessa, da Primeira Cachoeira de Santo António do referido Rio para o real Gabinete de História Natural- Aos 30 de Janeiro de 1789.*"¹⁵⁸, e a "*Relação dos Productos Naturaes, que remette o D.or. Naturalista Alexandre Roíz Ferreira, para o Real Gabinete de História Natural, em os 17 Volumes q. constituem a Primeira Remessa da Capitania de Mato Grôso.*"¹⁵⁹ datada de Villa Bella a 16 de Abril de 1790. Neles se contam centenas de espécimenes, repartidos entre material zoológico, botânico e geológico, que terão rumado à Ajuda na reta final da viagem. Seguindo o exemplo das listas individuais referentes às remessas

155 Lima (1953: 283-284)

156 Lima (1953: 293)

157 Lima (1953: 297-298)

158 AHMB ARF. 12

159 AHMB ARF. 13

da primeira fase, também aqui Ferreira dedicava algum espaço à descrição física e económica de parte dos espécimes listados, reconhecendo por várias vezes que estes representavam importantes novidades, bem como dando várias informações de índole ecológica.

Neste contexto somos forçados a liminarmente rejeitar interpretações de que Ferreira terá atuado no Brasil muito mais como um funcionário da máquina colonial portuguesa do que como naturalista¹⁶⁰. É um facto há muito reconhecido que apenas uma ínfima parte das potencialidades da viagem e consequentes coleções tivessem sido realizadas, e na sua maioria por terceiros que não Ferreira. No entanto outra coisa não seria de esperar tendo em conta a situação do Museu na Ajuda, com um reduzidíssimo quadro de pessoal, em que o único naturalista (Mattiazi, e posteriormente Ferreira) se veria a braços com todo o tipo de funções burocráticas, roubando-lhe o tempo para o estudo das suas coleções. Por outro lado, não podemos deixar de notar um certo anacronismo ao referir Ferreira teria escrito memórias como se "*fosse um naturalista de gabinete, distante das espécies estudadas*."¹⁶¹. É difícil, senão mesmo impossível, encontrar na história da ciência algum naturalista do final do século XVIII que não fosse de facto um naturalista de gabinete. Tendo em conta que a metodologia assentava praticamente apenas na comparação entre espécimes e na análise e confronto das suas características externas com as descrições das espécies à altura conhecidas e presentes nos museus, é impensável transportar para a época aquilo que hoje consideramos como um "naturalista de campo", isto é, alguém cuja a metodologia assenta no estudo dos seres vivos e da natureza no próprio contexto natural.

No entanto, é possível identificar no acervo ainda hoje existente da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira, algumas memórias produzidas pelo naturalista durante a própria expedição. São disso exemplo as memórias, completamente inéditas até aos dias de hoje, intituladas "*Alexandre Rudericii Ferreira Testudo*

160 Raminelli (1998)

161 Raminelli (1998)

torticollis Quam In Lusitania Aequinoctiali collegit, atque descripsit"¹⁶², datada de 23 de Janeiro de 1784, e a "Memoria Sobre o Peixe Pirá-urucú de que já se remetterão dous da Villa de Santarem para o Real Gabinête de Historia Natural; e agora se remetem mais cinco desta Villa de Barcellos, os quais vão incluidos nos cinco Caixoens, que constituem parte da Sexta Remessa do Rio Negro."¹⁶³, Datada de 30 de Abril de 1787. Na primeira, Ferreira fazia a descrição de uma nova espécie, a "*Testudo torticollis*", conhecida pelo seu nome Paraense como "Matamatá". Esta memória, embora nunca tivesse sido publicada e se referisse a uma espécie descrita um ano antes por Schneider (atualmente reconhecida como *Chelus fimbriatus* Schneider, 1783), apresenta-se como um dos primeiros e mais interessantes exemplos dos trabalhos sistemáticos de Ferreira. Olhando para o rascunho elaborado em latim e dividida pelas três partes do corpo do animal - "*Caput*", "*Truncus*" e "*Artus*" - acompanhado de breves trechos relativamente à ecologia da espécie, revelam uma atitude e metodologia moderna, com o uso de terminologia lineanas e um especial cuidado na seleção de caracteres morfológicos diagnosticantes. A descrição seria acompanhada de uma aguarela do dito animal (Figura 4).

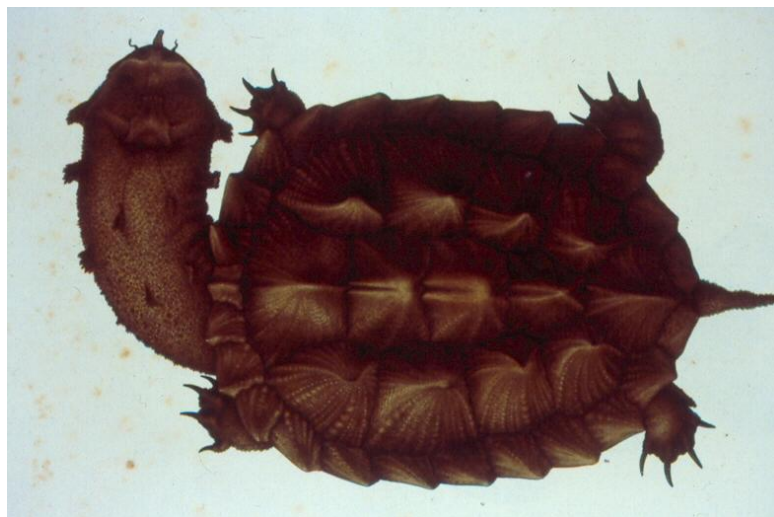


Figura 4 - Aguarela original da "Mata-Mata", feita pelos desenhadores da viagem. Fonte AHMB

162 AHMB ARF 18

163 AHMB ARF 19

A primazia de Schneider sobre a descrição de Ferreira não lhe tira qualquer valor, pois é facilmente compreensível que Ferreira não tivesse acesso no Brasil a uma obra publicada na Europa e por isso não tivesse conhecimento que a espécie já tivesse sido descrita.

Na segunda, o naturalista descreveria o peixe como pertencendo à Classe "Abdominales" de Lineu, começando a sua descrição em latim pelas características da cabeça (*Caput*), tronco (*Truncus*), e barbatanas (*Artus*), utilizando toda a terminologia lineana. Já em Português acrescentava Ferreira:

"Pelo nome de Pirá-urucú, que em ambas as Capitánias do Estado do Graõ Pará, se dá a este Peixe pertendem os Indios significar a idea que se lhes excita do Urucú; quando observaõ a côr de que são pintadas as membranas das margens exteriores das escamas delle X dizendo entre si o mesmo, que entre nós significa Peixe pintado de Urucú. Assim se chama huma Arvore do Paiz, que já a muito he conhecida pelos Botânicos da Europa debaixo da denominação de .. Bixa-orellana; de cujas sementes se extrahe a fecula, chamada Urucú entre os nossos Droguistas, ou Achiotte entre os Francêzes. Quazi todo o Gentio se pinta com ella: e talvez, que por esta razão, reflectindo elle na pintura do Peixe, lhe desse o nome que hoje em dia se lhe conserva."

A esta explicação etimológica seguiam apontamentos gerais sobre a ecologia da espécie, a sua biologia, e artes de pesca. No seguimento da descrição da tartaruga "mata-mata", a descrição do "Pira-urucú" demonstra uma das funções do naturalista ainda no terreno. De Ferreira eram esperadas, para além de coleções, memórias que as acompanhassem, e que de certo modo adiantassem trabalho quanto à identificação e descrição formal das espécies, tarefa essa que deveria ser completada já em Lisboa, nas coleções da Ajuda, rodeado de material comparativo e bibliografia recente. No entanto, podemos antever que para certos casos, nomeadamente aqueles onde a espécie em questão se apresentava de tal modo singular que dificilmente poderia ser "encaixada" nas espécies descritas à altura, esta descrição fosse adiantada pelo naturalista.

Tabela 1 - Reprodução integral da "Relação Geral de todos os Productos Naturaes dos trez Reinos Animal, Vegetal, e Mineral; além das Curiosidades artificiaes dos Gentios, e Indios domesticados: As quaes se observaõ, recolherao, prepararaõ, e remette remetteraõ para o Real Gabinête de Historia Natural, em Diligencia da Expedição Philosóphica: desde 28 de Outubro de 1783, em que chegou à Cidade do Pará, até 21 de Junho de 1788, em que da Villa de Barcellos, Capital da Capitania do rio Negro, se remetteo a Oitava, e ultima Remessa dos Productos do dito Rio; e Decima Terceira Remessa dos Productos recolhidos em todo o Estado do Graõ-Pará" (AHMB ARF 14)

Relação Geral de todos os Productos Naturaes dos trez Reinos Animal, Vegetal, e Mineral; além das Curiosidades artificiaes dos Gentios, e Indios domesticados: As quaes se observaõ, recolherao, prepararaõ, e remette remetteraõ para o Real Gabinête de Historia Natural, em Diligencia da Expedição Philosóphica: desde 28 de Outubro de 1783, em que chegou à Cidade do Pará, até 21 de Junho de 1788, em que da Villa de Barcellos, Capital da Capitania do rio Negro, se remetteo a Oitava, e ultima Remessa dos Productos do dito Rio; e Decima Terceira Remessa dos Productos recolhidos em todo o Estado do Graõ-Pará																													
Reino Animal																													
Remessas	Mammaes de diferentes generos e especies.						Aves.					Amphibios									Peixes.			Total dos Mammaes, das Aves, dos Amphibios, e dos Peixes.					
	Terrestres			Aquaticos			Preparadas.	Conservadas em espirito de vinho.	Todas as Aves.	Bocêtas com seus ovos.	Todas as Bocêtas.	Cágados e Tartarugas				Jacarés e outros Reptis				Cóbras			Preparados		Conservadis em espirito de vinho.	Todos os Peixes			
	Vivos	Preparados	Conservados em espirito de vinho	Esqueletos dos ditos	Preparados	Esqueletos dos ditos						Todos os Mammaes.	Preparados	Conservados em espirito de vinho	Esqueletos dos ditos	Todos os Cágados e Tartarugas	Seus ovos	Todos os ovos	Preparados	Conservados em espirito de vinho	Esqueletos dos ditos	Todos os Jacarés e Reptis					Vivas	Conservadas em espirito de vinho	Todas as Cobras
Pela Primeira de 28 de Outubro de 1783	3	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	7	10		
Pela Segunda de 24 de Dezembro de 1783	2	-	-	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6		
Pela Terceira de 20 de Março de 1784	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Pela Quarta de 20 de Setembro de 1784	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Pela Quinta de 10 de Janeiro de 1785	-	-	-	-	6	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	4			
Pela Sexta de 26 de Junho de 1785	-	-	5	-	-	-	5	20	-	20	-	-	14	48	-	62	48	48	8	-	-	8	-	-	4	39	43	135	
Pela Septima de 20	-	2	13	-	1	-	16	45	-	45	1	1	17	-	-	17	24	24	3	3	-	6	1	9	10	1	5	6	96

de Abril de 1786	-	-	8	-	1	-	9	49	-	49	-	-	-	43	-	43	38	38	3	22	-	25	-	20	20	-	17	17	163
Pela Outava de 18 de Agosto de 1786	-	2	34	-	-	-	36	80	-	80	-	-	15	12	-	27	40	40	-	3	-	3	2	11	13	-	18	18	177
Pela Nôna de 17 de Novembro de 1786	-	-	14	-	-	-	14	22	-	22	1	1	20	4	2	26	-	-	3	5	-	8	-	16	16	-	155	155	238
Pela Decima de 24 de Fevereiro de 1787	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	36	255	-	295	-	-	2	31	-	33	-	12	12	35	34	69	405
Pela Undecima de 4 de Mayo de 1787	-	3	25	8	2	2	40	1	4	5	1	1	13	8	4	25	-	-	-	7	-	7	1	23	24	89	12	101	202
Pela Duodecima de 30 de Setembro de 1787	-	11	61	-	-	-	72	33	62	95	1	1	7	-	-	7	225	225	-	15	-	15	-	61	61	1	98	99	349
Pela Decima terceira de 4 de Junho de 1788	5	18	158	1	17	3	201	246	67	312	4	4	122	370	6	498	384	384	22	86	1	108	4	152	156	134	385	519	1784
Somma	5	18	158	1	17	3	201	246	67	312	4	4	122	370	6	498	384	384	22	86	1	108	4	152	156	134	385	519	1784

(continuação)

Remessas	Insectos				Observaçõens.
	Bocêtas dos ditos	Todas as bocêtas	Seus Ninhos	Todos os Ninhos	
Pela Primeira de 28 de Outubro de 1783	-	-	-	-	
Pela Segunda de 24 de Dezembro de 1783	-	-	-	-	Forão mais [Insectos?] preparados avulsos, nos 7 volumes de q se compoz esta Remessa, alem de 12 frascos com Peixes e cobras conservadas em espirito de vinho; e varias conchas avulsas.
Pela Terceira de 20 de Março de 1784	-	-	-	-	Foi hum Barril de Côla do Peixe Gurujúba; e outro de Rixas conservados em espirito de vinho, e varias conchas avulsas.
Pela Quarta de 20 de Setembro de 1784	-	-	-	-	Forão bastantes amostras dos Busios de Colares e das outras conchas chamadas Itâas, Uruás e Yapuriaitás; e finalm.te em hua caixa de folha de Flandres e em 1 cilindro da dita; com 1 Frasqueira; e em 2 caixões de madeira forão muitos animaes.
Pela Quinta de 10 de Janeiro de 1785	-	-	-	-	
Pela Sexta de 26 de	6	6	3	3	Forão mais duas Bocêtas de passaros e hum d'ninhos de Insectos: mais 5 frascos com

Junho de 1785					cóbras conservadas em espirito de vinho e hum de azeite de Bôto.
Pela Septima de 20 de Abril de 1786	3	3	2	2	Foi mais hũa bocêta de ninhos de insectos: 1 frasco d' cóbras conservadas em espirito de vinho e outro d'ovos dekkas: alem d'alguas amostras avulsas de colla de Peixe Arauiba e de [...].
Pela Outava de 18 de Agosto de 1786	-	-	-	-	
Pela Nôna de 17 de Novembro de 1786	-	-	-	-	Forão mais 2 frascos com resinas; 1 com óvos d' Tartarugas, 1 com insectos: mais 1 com ovos de pássaros e d Tartarugas, e outro do azeite de Bôto, mais 1 Bocêta com ovos d'aves e d'amphibios alem d m.tas conchas avulsas, como forão Itâas, Uruas, etc.
Pela Decima de 24 de Fevereiro de 1787	1	1	-	-	Forão mais conchas avulsas: huma bocêta com óvos de Passaros; e dous frascos, hum de Insectos, e outro de Cóbras.
Pela Undecima de 4 de Mayo de 1787	1	1	-	-	Forão mais conchas
Pela Duodecima de 30 de Septembro de 1787	-	-	61	61	Foi mais huma Bocêta de passaros preparados: e forão em huma caixinha, 15 óvos de vermes e 40 ditos de aves, e cinco ninhos d'insectos e diversas conchas avulsas.
Pela Decima terceira de 4 de Junho de 1788	2	2	5	5	Forão mais algumas conchas = [...]; hum frasco de ovos de Tartaruga Uirapequê; e quatro ditos de manteigas das banhas e dos ovos de Tartaruga
Somma	13	13	71	71	

A viagem a Goa e Moçambique de Manuel Galvão da Silva (1783 – 1790)

Manuel Galvão da Silva, nascido na Baía em 1750, formar-se-ia também ele em Filosofia em Coimbra no ano de 1776, embora tenha também frequentado a Faculdade de Matemática. Em 1783, nomeado Secretário do Governo de Moçambique, onde deveria servir como naturalista, parte de Lisboa, acompanhado do desenhador António Gomes e do jardineiro José da Costa, a 7 de Abril. Embora o seu destino fosse Goa e Moçambique, a primeira paragem do naturalista terá sido no Brasil. Aportado na Baía em Junho de 1783, Galvão da Silva teria o intento de visitar a mina da Cachoeira de onde se tinha extraído o famoso cobre nativo que embelezava o centro do Museu, seguindo ordens diretas do próprio ministro Martinho de Melo e Castro¹⁶⁴. Goradas as tentativas de fazê-lo¹⁶⁵, Galvão da Silva seguiria para Goa, onde chegaria por volta de Dezembro de 1783 e onde se demoraria cerca de dois meses na tentativa de fazer alguns levantamentos sobre a sua história natural. Destes dois meses de trabalho resultaria um pequeno levantamento especialmente focado na geologia e botânica da região¹⁶⁶. Um dos primeiros contactos com a Ajuda, nomeadamente com Júlio Mattiazi, seria feito através de uma carta datada de 28 de Janeiro de 1784, onde o naturalista refere as dificuldades do trabalho no terreno e que devido a não ter encontrado pela região muitos minerais, decidira deixar Goa e dirigir-se para Moçambique¹⁶⁷.

164 AHMB CN S26.

165 *"Oque mais me tem afligido nesta viagem e o nao poder fazer hum erbario destas poucas plantas de inverno. Todas que recolhi, alem de serem apanhadas molhadas, e nao poderem ser preparadas, vinhao em tal estado, que se nao conheciao; pois creia, que vi alguma, que me parecerao especies novas; vi generos descriptos ja, que nunca tinha visto: mas que heide fazer? Se esta mina tem sido a minha consumicao, e se esta terra da B^ahia he o Paiz das chuvas, e nao deixa pôr os pes fora de caza."* in AHMB CN S26.

166 Os textos relativos a este trabalho da autoria de Galvão da Silva só seriam publicados já no século XIX, pelas mãos de Cunha Rivara - vide Silva (1862).

167 AHMB CN S27.

A chegada a Moçambique, em Agosto de 1784, seria marcada por grandes dificuldades¹⁶⁸. A falta de resposta às suas deixava-o na dúvida sobre a chegada a Lisboa da pequena coleção feita em Goa¹⁶⁹. A falta de condições e uma breve viagem de oito dias por Moçambique onde terá herborizado e mandado desenhar algumas plantas, bem como a recolha de algumas conchas, levariam Galvão da Silva a questionar-se sobre a exequibilidade das viagens filosóficas no território. O pouco dinheiro que lhe era atribuído para fazer faces aos custos normais da viagem, ao mesmo tempo que o próprio naturalista se teria de ocupar "*de cozinha e historia natural*", faziam com que fosse muito mais fácil descrever as coleções que os governadores facilmente obtinham, do que ele próprio ir para o campo coletar¹⁷⁰. Galvão da Silva conseguiria em Agosto de 1785 empreender uma viagem de vinte e seis dias à Serra da Mutipa e à Serra do Utigulo, com o objetivo principal de averiguar os rumores sobre a existência de minas de cobre e outros minerais¹⁷¹ e onde faria coleções. Finalizada esta primeira viagem, Galvão da Silva

168 "*Eu creio, que os que vem p^a. Moçambique se reputao mortos na corte, e por taes indignos de tracto humano. Duas vezes: huma pela Bahia; outra pela capital da India escrevi a VM, e athe oprezente nao tenho merecido resposta. Ora meo bom amigo, a-nao ser por falta de Saude, nao he boa graça deixar de responder a hum miseravel, que no meio do Mar, nao tem outra consolação senao a esperança de que o julguem ainda vivo nessa Lisboa. Saberá, que com sessenta e sete dias, cheguei a Moçambique, embarcando, e desembarcando doente; ao principio com huma febre heripelastoza [?], cuja inflamação me atacou todo pé, e perna direita, sem mayor inchação, mas com dores taes, que me via morrer; depois de vinte tres diaz, quando me supunha bom, apparecerao as mesmas pintas, que me tinhao afligido a perna, que nao passava do tamanho de hua cabeça de alfinete pequeno, atacando-me os tegumentos da parter direita e posterior do cranio: Entao desconfieei da vida, e temi os formidaveis tobaroens, que me esperavao.*" in AHMB CN S28.

169 "*Eu deixei em Goa Plantas dezenhadas, hum pequeno herbario; hum caixote com Minas de ferro; e a descripção de tudo o que pude observar em tao pouco tempo; mande.me dizer, se sao entregues; e juntamente se algum dos Generos he novo; e como se chama; porque VM. bem sabe q nao tenho livros, e que a cada passo heide encontrar dificuldades, guiado so por Linneo.*" in AHMB CN S28.

170 "*Agora a poucos dias diz huma viagem, por tempo de oito dias, onde achei humas Plantas, que mandei dezenhar, e nao pódem si por fora, recolhi algumas conchas univalves, que nao mando, porque o General Pedro de Saldanha consta-me ja as ter remetido, mas vou ajuntando oque aparece. Creia que vou desconfiando muito das viagens: dao-se-me, dizem oito cruzados, p^a. me sustentar, e os rapazes, e algum soldado, e heide tratar de cozinha e de historia natural; ando por fora oito dias, e ainda nao apareceu oque gastei, que com tudo hade vir. Emfim meo amigo, de baixo de tudo, heide ver se descrevo o que os Governadores mais facilmente achao, do que mil Naturalistas: Que bella remessa nao vai agora p^a. o Museu e que pena nao tenho eu, de a ter no meo quarto, e a nao poder ver.*" in AHMB CN S28.

171 Simon (1983: p. 63-65).

permaneceria cerca de um ano e meio na ilha de Moçambique, atarefado com trabalhos burocráticos associados ao seu posto de Secretário do Governo. Percebemos que os movimentos do naturalista eram limitados às poucas condições de segurança do território e que até este ponto as suas coleções e estudos se limitavam ao que os militares e outras instâncias coloniais lhe faziam chegar às mãos e a uma breve viagem às ilhas, onde tinha coletado peixes e conchas. Mas os problemas não se cingiriam às condicionantes externas. O naturalista queixar-se-ia de que o seu jardineiro assistente José da Costa havia "*cahido nas maiores irregularidades de vida*", prejudicando mais do que ajudava na viagem, tendo mesmo, que ser dispensado¹⁷².

Em território Moçambicano Galvão da Silva empreenderia mais duas expedições: a primeira efetuada no início de 1787 na zona do Rio Sena, acompanhado pelo desenhador António Gomes e a partir de meados do mesmo ano até 1788 na região de Manica e Tete, desta vez já sozinho devido à morte do desenhador¹⁷³. As dificuldades enfrentadas, ao encontrar-se sozinho sem o auxílio do desenhador, levariam a que Galvão da Silva se limitasse à coleta de amostras minerais, abandonando a maioria dos projetos botânicos e zoológicos¹⁷⁴. Em Agosto de 1790 o naturalista voltaria a escrever a Mattiazi, lamentando todas as

172 "*Sou obrigado a dizer-lhe que José da Costa, depois de ter cahido nas maiores irregularidades de vida, chega hohe a ponto de ser incorrigivel por ter de todo perdido a vergonha, de sorte que anda de dia pelas ruas metido em hum galao desses que uzao os Pescadores da outra banda de Lx^a, com o capuz metido na cabeça, e com tanto dezembarasso como se andasse mui bem vestido. Nao lhe posso explicar a pena que me caisa de que se diga que hum rapaz que veio comigo, procede tao mal, nao se encontrando se nao pelas tabernas, ora bebendo com hum soldado, ora jogando com hum Cafre; em hua palavra, meo amigo, tenho sofrido muito a José da Costa, e nao me enfadaria ainda hoje de sofrer, se as suas demasias nao tirassem de procurar intruirse, p^a. servir de alguma utilid.e. nas viagens, porem vendo oque VM. me diz na Sua carta por ordem do Ex.mo Snr. Martinho de Mello, e lembrando deque elle so tem servido p^a. afligir-me desde Goa, perdendo humas vezes os Productos de que o encarregava, e outras vezes rompendo, e despedaçando os Animaes e Plantas, q lhe dava a preparar, fazendo tudo sem gosto e sem applicação, nao servindo para mais do q para consumir o ordenado que lhe-dá S. Mag. gastando-o nos mais torpes vicios, tenho representado ao General o que ele fazia, sendo-lhe a Sua carta, o qual informado da verd.e tem mandado suspender-lhe o ordenado, e dá parte ao Ex.mo. Snr. Martinho de Mello; e brevem.te ficará o dito José da Costa com praça assentatada nas tropas da guarnição de Mon. em recompensa dos seos máos procedimentos.*" in AHMB CN S30.

173 Um versão mais pormenorizada das viagens de Galvão da Silva pode ser consultado em Simon (1983), que documenta bem todas as condições enfrentadas pelo naturalista.

174 Simon (1983: p 73-74).

circunstâncias da missão que tinha sido incumbido pela coroa. Refere Galvão da Silva que sofria com a perda de António Gomes, o que tinha obrigado o naturalista a focar-se quase exclusivamente no estudo da mineralogia, mas principalmente na referência aos problemas relativos ao envio das coleções, tendo-se perdido pelo caminho as coleções feitas na zona do rio Sena e interior de Moçambique e às complicações de vida e de saúde que houvera sofrido, todas elas patentes nos seus diários¹⁷⁵. Galvão da Silva manter-se-ia em Moçambique, sendo rapidamente associado a funções burocráticas e deixando por completo a sua função de naturalista.

Durante os vários anos em Goa e Moçambique seriam bastantes poucas as remessas efetuadas por Galvão da Silva. Em Janeiro de 1784, de Goa terá enviado uma pequena coleção de amostras mineralógicas, zoológicas e botânicas, onde se incluía "*hum frasco de lata com peixes*" e "*cinco plantas deenhadas, e pintadas; e huas poucas em herbario*"¹⁷⁶. A receção destas coleções a Lisboa dar-se-ia apenas no final de 1785 ou início de 1786, quando chegaram vários "*sacos*" de

175 "*Meo amigo do Coração, depois de ter andado pelos Rios de Senna aturando Cafres, e sofrendo doencas, das quaes se escapei, he p^a lhe hir sentindo os terriveis estragos que me cauzarao, aqui paro em Moçambique, desgostoso do muito que trabalhei, e da forma que aproveitarao as minhas efficacias nao tendo podido ate agora consolar-me da perda do Desenhador que me-cauza a maior falta que pode ser, e vendo-me por esta forma obrigado a deixar o Reyno das Plantas, e nao tratar de mais do que da Mineralogia, trabalho aqui so me podia aplicar. Eu ainda nao posso saber este ano se chegarao as remessas, que da cama em q me achava mal poude arranjar-lhe a relação para hirem para Lx^a, ou, se por infelicid.e miha se perderao, e levariao o fim das do anno de 88 que forao confundidos para Goa de donde nao houve noticia dellas. Parece-me que dos rios de Senna lhe escrevi, que no anno de 85 eu remeti p^a Goa, ou por mim os Governadores interinos, 3 caixotes con varias conchas e madreporas, trabalho que eu tinha feita pela outra banda de Mon.e e por esta Ilha, nas quais se comprehendiao alguns productos que o General P^o de Saldanha destinava p^a. mandar p^a. o Reyno, como eu o indicava na Relação que foi. Creio que tudo se perdeo, visto que so dos Peixes, e conchas q mandei das Ilhas de Querimba VM. me certifica terem chegado, e trata disso como da minha primeira remessa. Seja como for, o que desejo he que o Ex.mo. Snr. Martinho de Mello se contente do meu trabalho, e que os meos amigos, como VM., desculpem as minhas falhas, e me dem a noticia de que nao fora baldados os meus passos para recolher essas mesmas poucas produçoens. Para o livrar do incomodo de ser hua longa carta, se q.r. saber da minha saude, leia a relação das minhas viagens, ou se quer que lhe conte impertinencias dos cafres, olhe para o meu Diario de Manica. José da Costa morreo a 14 ou 15 de Dezembro do anno passado, e dos tres que viemos resta este miseravel que mal pode consigo e vai vivendo em quanto Deos assim o permite." in AHMB CN S31.*

176 "*Vao varios pedços de ferro de diversas partes, vai hua pedra das que por aqui se uzao nos Altares, vao alguns saquinhos com argillas, e he toda a remessa: e hum frasco de lata com peixes. Vao tambem cinco plantas deenhadas, e pintadas; e huas poucas em herbario que o tempo nao da para mais. Plantas sim ha por aqui em abundancia, mas como poucas já se achao florecidas, nao se podem conhecer." in AHMB CN S27.*

Moçambique a Lisboa. Mattiazi, em respostas às várias cartas que Galvão da Silva lhe houvera enviado durante os dois anos da sua missão, refere a indignação de Martinho de Melo e Castro pela falta de notícias e materiais de Moçambique, ordenando que Galvão da Silva remetesse todas as amostras mineralógicas possíveis, quer de Moçambique quer do rio Sena, ao mesmo tempo que dava a notícia de que os peixes de Goa haviam chegado arruinados, dando por isso alguns conselhos sobre como proceder das próximas vezes¹⁷⁷. Galvão da Silva responderia a Mattiazi em Dezembro de 1786, dando uma possível explicação sobre o atraso das cartas, dando algumas notícias sobre as suas viagens pelo interior e o perigo a elas associadas e tomando boa nota sobre a dita coleção de peixes de Goa¹⁷⁸.

Da expedição à Serra da Mutipa e à Serra do Utigulo o naturalista conseguiria enviar para Lisboa três caixões contendo amostras de rochas e de minério de Ferro das duas serras, bem com algumas conchas e uma coleção de

177 "Meu Amigo, nao pode VM. pensar o desgosto q tenho denao ter noticias Suas e nao dezejando q fose por falta de Saude ou de outra coisa perjudicial a Vm.: O Ill.mo e Ex.mo Snr. Martinho de Mello e Castro medise q os sacos de Secretaria de Monçao-bique vinha despachado por Vm. e q se escandlizaca de Vm. nao escrever nem remetese producto algu natural: o d^a Snr. me ordena, q avize a Vm. que remeta todas as amostras das Minas de oiro, asim taobem de Cobre e ferro, esp. dez.^a ter p^a. este Gabinete hua Collecçao completa de mineralogia de Monçao-bique, e do rio Sena. Os peixes q VM. mandou de Goa, vierao arruinados, o motivo foi q a agoa do mar molhou a Calispora e em consequencia comeo a folha de Flandres, ficarao os peixes sem a agoa ardente e perderao; os peixes bem condicionados que vierao das outras expedisoes forao os q vierao em barros, ou pipas, enfachados cada hu sobre si, em pannos por que o movim.to do mar nao quebra as barbatanas, e q he necessario, he q a agoa ardente seja bem forte." in AHMB CN M61.

178 "Em Agosto do anno passado tornei a escrever ao mesmo Ex.mo Snr. dando-lhe parte dos motivos da minha estade em Mossambique, e das viagens que fiz áquelle anno pela terra firma, remettendo para o Real Gabinete algumas conchas que pude apanhar por estas Praias, e duas Minas de ferro, huma das quaes descobri coiza de dez legoas distante daqui, e outra que me foi ada por hum cafe, e que nao sendo muito longe, a nao tenho podido observar, como meditava, por temer nao me façao os Cafres o mesmo, que, nao ha muito tempo, fizerao a hum miseravel Portugues, mantado-o dentro das nossas Terras onde entrarao, sem ser a sua guerra connosco, na passagem que faziao contra outros cafres. Depois disso nao tenho encontrado mais Minas, e muito menos de ouro que possa remetter; mas como o meo General manda dez amostras de outras tantas Minas dos Rios de Senna, de donde as trouxe, me persuado ficará suprida a falta, que dellas tem havido, em quanto nao passo a fazer as minhas viagens, deixando de huma vez os officios de huma Secretaria, em o qual primeiro me falta o tempo, do que se-me acaba o trabalho.Pelo que VM. me diz conheço a causa de terem apodrecido os Peixes que remetti de Goa, e nao tornarei a uzar os taes vazos de lata para sua conducçao, e principarei a servirme como faço das vasilhas de pao, que nao pode roer a agoa sálgada, e por isso he muito provavel que cheguem bons os Peixes que trouxe das Ilhas, onde de proposito fui a esta diligencia, que me custou bem cara pelas febres, que ali padeci seguindo omeo costume. Nas mesmas Ilhas tive occasião de fazer huma boa collecçao de conchas, muitas das quaes sao para mim inteiramente novas, ainda que talvez nao sejam." in AHMB CN S30.

"plantas marinhas", não tendo no entanto coletado qualquer tipo de peixes, anfíbios e vermes por não ter ainda notícia do estado em que teriam chegado os peixes que inicialmente remetera de Goa, mencionando que tentaria adquirir aves aos mouros e cafres¹⁷⁹ (Figura 5). Esta remessa nunca chegaria a Lisboa, tendo-se perdido algures durante o seu transporte através de Goa.



Figura 5 - Representação das trocas realizadas entre o naturalistas e os "mouros e cafres". Fonte AHMB

Para além destas referências, temos conhecimento apenas de mais duas remessa: uma após a sua primeira viagem pelo Rio Sena, no início de 1787, contendo algumas conchas, dois barris com peixes e a cabeça de um hipopótamo, e a segunda em 1789, maioritariamente constituída por amostras minerais, que tinha coligido durante a sua expedição a Manica e a Tete entre 1787 e 1788¹⁸⁰. Percebemos pois que o trabalho de Galvão da Silva em Goa e Moçambique, devido

179 Simon (1983: p. 63-65).

180 Simon (1983: p. 75)

às condicionantes do terreno e aos desaires associados à sua equipa, terá sido um fracasso no que respeita às coleções zoológicas.

A viagem a Angola de Joaquim José da Silva (1783 - 1810)

Tal como Galvão da Silva, Joaquim José da Silva seria nomeado "Secretário do Reino de Angola" pelo Alvará de 14 de Dezembro de 1782. O posto que seria inicialmente pensado para três anos viria a revelar-se vitalício. A acompanhá-lo na sua missão a Angola, Silva levaria consigo dois desenhadores, o italiano Ângelo Donati e o português José António. Com o intuito de clarificar as funções de Silva, o ministro Martinho de Melo e Castro escreveria ao Governador de Angola dando-lhe conta da missão de que era incumbido: "*examinar, e descrever tudo o que houver nesse Reyno relativo á História Natural, e em recolher, preparar, e remeter a esta Corte tudo o que houver de dirigir-se a ella, na conformidade dos Exemplares das Instruções que a Academia das Sciencias de Lisboa publicou a este respeito*"¹⁸¹. A equipa liderada por Joaquim José da Silva partiria de Lisboa em Maio de 1783 e viria a aportar em Benguela cerca de quatro meses depois.

Ângelo Donati, "*por não querer tomar os Remedios que lhe applicava o Medico*" faleceria "*de huma dysnteria de sangue procedida de febres*" após a sua chegada a terra¹⁸², e face à riqueza faunística de Angola, comparado por Silva àquela do Brasil, levá-lo-iam a pedir a Mattiazi que lhe fosse enviado um preparador para o poder ajudar¹⁸³. Em Agosto de 1785 Joaquim da Silva realizaria, por sua própria iniciativa, uma viagem para o interior "*em Comp^a. da guerra q p^{or} ali está em marcha*"¹⁸⁴. Por essa altura debatia-se também com dificuldades relativamente à preservação de alguns espécimes interessantes que ele próprio

181 Simon (1983: p. 81)

182 AHMB CN S20

183 AHMB CN S20

184 AHMB CN S21

houvera preparado - "*hu Cavallo ram[...] q se VM^{ce} o visse diria q era a pessa mais digna do Real Jardim Botanico*" e duas "*Sereas (Casal)*", que se deteriorara com o mau tempo e por isso não tinham ainda seguido para Lisboa¹⁸⁵, encontrando-se para além do mais sozinho, devido à morte do José António. A expedição militar, embora lhe permitisse explorar terras "*nunca frequentadas por Europeos*", impediria em parte o desempenho das funções de coletor, o que conduziria atrasos nas remessas¹⁸⁶. No entanto, embora não pudesse recolher uma grande quantidade de espécimes por falta de carregadores, observaria "*excellentes pedras, madeiras estimaveis, e coizas curiosas*"¹⁸⁷.

A iniciativa unilateral de Silva não agradaria a Martinho de Melo e Castro¹⁸⁸. Face às acusações que lhe eram dirigidas por Mattiazi e Melo e Castro, Silva desculpar-se-ia por carta a 24 de Maio de 1787, fazendo no entanto notar as grandes dificuldades da sua expedição¹⁸⁹. Esta carta é reveladora das grandes

185 AHMB CN S21

186 AHMB CN S21a

187 AHMB CN S21a

188 "[...] vejo com mto. desgosto a perda do Cavallo marino. Meu amo S. Exa está mto escandalizado de VMce depois de ter escrito mandando lhe dizer q bastava a expedição d'Angola pa fazer hu grande Gabinete, e ter passado tres annos sem q VMce tenha remetido coiza alguma para este Gabinete, tendo tido a occasiao de hua Fragata de S. Mage q esteve no porto d'Angola 18 dias, occasião q nao hé facil achar-se oque quer S. Exca hé q VMce em ves de andar correndo terras, examinase os arredores d'Angola, pos está persuadido, q nao avia faltar productos q VMce mandase. Tinha o do Snr. rezolvido mandar hu Riscador, porem vendo q VMce tarda tanto com as remessas me parese que pensa he fazer vir a VMce pa esta Corte, ficando inutil hua tao grande despeza sem proveito algu eu avizo a VMce pa q se regula, e q tome o expediente mais prudente q lhe parecer, o q dezejo hé q VMce se desenpenhe com hia boa remesa." in AHMB CN M62

189 "Meu prezado Amigo e Sr: Recebi huma carta de VM sem datta: enella me dá VM a desgostoza noticia de q o Exmo Sor Matinho de Mello pensa em fazer: me retirar, como inutil neste Continente. Porem como S. Exa onaõ fez athegora, tanto melhor; pois ainda me deo tempo de fazer algum Serviço de S. Mage cuja execução he o melhor premio q posso dezejar. Emqto as justas Causas q nella tem influido: se estas naõ forem attendidas, digame Vm, q desgraça pode haver neste mundo, q eu possa temer, depois de taõ acostumado a encarar com a morte, entre fomes e sedes mortaes, ataques de gentis, subidas de montes quaze inacessiveis, e outras desgraças ainda mais sensiveis q estes trabalhos? Seguro a VM, q eu sim naõ terei feito nada, segundo o intender de alguuns, mas emquanto assim vivo na certeza q em iguaes circinstancias poucos faraõ outro tanto. S. Ex.a diz VM tinha resolvido mandar me hú dezenhador, e q vendo a tardança de remessas o naõ fez, pois naõ era melhor q m houvesse mandado pa agora ver como o q mando, esse Real Gabinete era enriquecido com muitas estampas estimaveis, quantas sao as Plantas Novas q tenho achado, e descripto e de outras

dificuldades e incompreensão geral sobre as necessidades e forma de trabalhar dos naturalistas, quer pelos Governadores locais que os desviavam para outras tarefas, quer por Lisboa, onde esperavam dos naturalistas remessas constantes. A total dedicação à investigação que caracterizou a missão de Rodrigues Ferreira no Brasil, não encontrava paralelo nas incursões africanas, onde os dois Silva tinham sido elevados a postos na administração colonial, ficando desse modo à mercê dos desígnios dos governos locais. Essa mesma ideia seria reforçada por Silva dois meses depois desta carta. Enviando a Mattiazi uma nova remessa, com o material que recolhera nas suas excursões, Silva colocava perante Mattiazi as seguintes interrogações: sabendo Mattiazi *"o q he recolher, e descrever em outro Pays e sossego, quanto mais me não custaria nas cirustancias q todo o mundo sabe? Com a arma continuamente ao hombro, em terra inimiga, e entre brutos? Sem fallar nas*

cousas cujos desenhos S. Mage havia de festejar muito. Mas eu vou [?] a V.M. as justas causas q tem influido na sobreda tardança. VM sabe q logo q cheguei a Angolla fui mandado a Cabinda como pa de Reconecer a pedra q servia à construção das Muralhas daquela Fortaleza. Hestando eu esta em sitio ja se ve, q eu nao havia de ser senhor de passear no paus pa colher o q houvesse, e se [?] curiosidade eu nao me houvesse decaminho internado pello Sertão do Dande mto menos colheria coiza alguma: o q me não aconteceo; pois alli Reconheci a Mina de Petroleo, fiz tirar a desenho a desembocadura daquelle Rio, e depois mesmo em Cabinda colhi algumas plantas q dis desenhar, e hum peixe, oq tudo vindo pa Luanda remeti com algumas xouzas mais q tinha. Desta Capital me fizerão partir no rigor do [?] em q Reina a carneirada ate Massangano com pretextos da Historia Natural, sendo o verdadeiro intuito do Governo observar eu como Espião o q passava no Exercito q então estava na Quissama, a fim como dantes o mandarem.me a Cabinda havia sido com a vista de observar o q la se passava pa certos fins bem diferentes do Real Serviço. Mas emfim em Massangano apezar de Repetidas Malginas, e com as Costas realhadas, e taõ enchado como hú Tonel, não peri tempo: por que lembrado do gosto com q o Exmo Sor Martinho de Mello esperava hú Cavallo Marinho, e hu Peixe mulher: eu os fiz caçar, preparar e com a ma mão esfolando o Cavallo, armando [?] pa os suspender, e pondo-o tanto ao natural, q se então eu acabasse a vida, me não daria isso pena, Igualmte preparei hu Casal de peixes mulheres, e remeti tudo pa Angolla pello Rio Quanza: neste Rio principiou a Ruina, por q tendo muito ma barra, q por ser mao tempo, isto he de calor e chuvas, ali estiverão os Animaes demorados dos dous mezes do rigorozo inverno, consvalindo ainda mal secos a podreidaõ q os arruinou. Como ja por estes dias era morte Jozé Antonio, e as minhas molestias me levavaõ a sepultura não pude fazer mais nada a tempo q fui mandado retirarme pa Luanda continuaraõ as molestias a vexame tao tenazmte , e alem disto he o pais tao esteril q nunca jamais pude dar volume à pequena remessa, q então fiz pa essa corte, e sobre a qual não tive respostas alguma. Passados alguns mezes ordenou-se esta Expedição do Sul de q S. Exa tem todo o conhecimento, a qual eu acompanhei pelos Sertoens de Benguella, em elles me demorei dois annos, não sendo possivel fiar as bellas Plantas, q colhi como só nem outras miudezas, dos perigosos transportes, feitos por Negros Brutos. Agore me aprompto nesta Cide , pa a de Luanda donde hei de fazer a Remessa desse pouco q tenho ficando no Cuido de me passar outra vez ao Dande pa a de deligencia do Cavallo, e Peixes mulheres, cujas pelles remeterei com a melhor segurança. Se este meu trabalho não agradar, se não for medido pellas mas forças, de S. Ex.a não se lembrar q eu sou ja pois ate deixei enterrado no Sertão o meo Criado, q me ajudava no trabalho da Empresa e colheita das Plantas, pode S. Exa fazer de mim o q quizer: porq em abono da ma honra a todo o tempo mostrarei a ma razaõ, os meos esforços, e q ainda foi mais do q de mim se devia esperar. VM julgue destas verdes ajustandose e com a Razaõ e me tenha na Sua graça, elhe seguro q a todo o tempo conhecerá q sou." in AHMB CN S22

calumnias, nas mossas, nas fomes e sedes mortais nem n'outras couzas deste genero de trabalhos, com q pejejo ha quatro annos: isto baste."¹⁹⁰. No entender do naturalista, a incompreensão e impaciência por parte de Martinho de Melo e Castro, não só era descabida, como também prejudicava a missão e, reforçando o problema da independência do posto, advertia:

*"Se o Ex^{mo} Sr Martinho de Mello mandar outro Naturalista com esta Comp^a elle so poderia fazer mui g^{de} parte do Real Muzeo, q com esta condição he q eu o disse a S^a Ex^a; mas este deve estar de Assento em Angolla, e mandar p^r autorid^e Real aos diversos Capitaens mores q lhe rementaõ tudo q for o objecto da Historia Natural [...] Concernente à Histoira Natural: escolhase embora com a maior exacção hú homem de procedimento irreprehensivel, Como eu o tenho sido, p^a Naturalista de Angolla, mas este deve vir munido da Autori^{de} Regia, com independencia como disse."*¹⁹¹.

A vida do naturalista em Angola não era fácil, a ponto de este se considerar "*mais hu monstro q'homem*" tal não era a quantidade de trabalhos e problemas de saúde que enfrentava¹⁹². A 12 de Outubro de 1787 apelaria Mattiazi que fizesse por ele as diligências necessárias para dar provimento ao seu pedido de transferência para Secretário da Corte no Rio de Janeiro, onde poderia "*acabar e aperfeiçoar*" o seu diário¹⁹³. Este apelo seria ainda reforçado pelo seu pai, Joaquim José da Silva, antigo funcionário da corte do Vice-Rei do Brasil, que apelaria e enviaria a Mattiazi um pedido formal em nome do seu filho¹⁹⁴. Face aos pedidos de Silva e de seu pai, Martinho de Melo e Castro decidiria trazê-lo de Angola, mas, ao contrário dos apelos do naturalista, o seu destino seria Lisboa. Embora a ordem fosse assinada em Outubro de 1789, as mudanças no Governo colonial minariam o seu regresso. Silva ficaria o resto da sua vida em Angola, cada vez mais embrenhado nas suas funções como funcionário colonial e cada vez menos nas de naturalista. Afastado dos trabalhos de campo, Silva continuaria a enviar para a

190 AHMB CN S23

191 AHMB CN S23

192 AHMB CN S25

193 AHMB CN S25

194 AHMB CN S49

Ajuda várias remessas de espécimenes de história natural. Silva manter-se-ia em Angola até à sua morte, nos primeiras anos da segunda década de oitocentos e, embora fosse mantendo remessas esporádicas, viria a ser completamente consumido pelas funções burocráticas da máquina colonial portuguesa em Angola.

No que toca às coleções e remessas efetuadas por Joaquim José da Silva em Angola, podemos ver que os números seriam consideravelmente superiores aos de Galvão da Silva, mas imensamente inferiores aos da missão de Alexandre Rodrigues Ferreira. A primeira remessa seria efetuada imediatamente após a chegada de José da Silva a Angola, e constaria de uma "*huma caixa de lata com algumas coizinhas*", nomeadamente estampas e alguns peixes apanhados ainda em alto mar e "*doiz coiros de duas castaz de Bois, que chamão Empalanca, e o outro Empacaça, [...] mais hu cylindro, e hum barril com peixes. [...] mais duas pontas [...] de hu dos dos boiz [...] duas pontas de espadarte, e quatro crystaes de Sal marino*"¹⁹⁵, tendo estas chegado à Ajuda em Janeiro de 1785¹⁹⁶. O acompanhar da coluna militar não resultaria no entanto em tantas coleções como José da Silva esperaria, tendo-se a única remessa se limitado ao envio de uma amostra de cânhamo¹⁹⁷ e de algumas amostras¹⁹⁸, particularmente de plantas que lhe pareciam, e certamente seriam, novas para a ciência¹⁹⁹. Após a missão militar, Mattiazi recomeçaria a

195 AHMB CN S20

196 "*tudo quanto dizia a sua carta, e S. Ex^{ca} ficou m^{to} contente do pedaço - Cuprum Malachites, q partido ao meyo, e polidas ambas as faces, ficou um peça rara do Gabinete, pela cor, e veyas q tem.*" in AHMB CN M59

197 "[...] *que se dá bem por estes Sertoens, principalmente no do Ambo, centro do Nano, e deste Sertão, nelle conhecida com o nome de Panguê, sem conhecerem os Naturaes, e Crioulos que o costumão plantar, nem ainda os Portuguezes, que nelle erão estabelecidos, outro uzo mais q o de fumarem as suas folhas, por hú methodo particular, que consiste em fazer ir passando o seo fumo por agua antes de o recolherem na bouca; com cuja pratica misturão os Quimbundos varias crenças supersticiozas*" in AHMB CN S21a

198 AHMB CN S23

199 "[...] *pois essas couzas não se determinaõ so com Lineo; mas em geral descrevi as q m pareceraõ menos bem vistas por Lineo, segundo elle o recomenda, e as q prezumo sao na Realide novas. A respeito dos nomes q levaõ algumas, nem he o meo intento, q os conservem, nem por ora servem de outra couza mais, q de eu mesmo as conhecer, qdo houver de as correger; pois o dto catalogo nao he*

enviar remessas para Lisboa²⁰⁰, tal como uma "*Egoa Marinha*" [Hipópotamo] em Agosto de 1787²⁰¹, "*huma Ave, e hum Barril com hum Peixe-mulher*"²⁰² em Agosto de 1790, ou "*Duas Caixas, hum Tunel, Hum Barril, Huma Ancoreza, ou Pequeno Barril*" com material de história natural, bem como "*Quatro Gayolas de Aves Grandes; Hum Viveiro de Passaros*"²⁰³ em Dezembro de 1791. Seria precisamente durante os primeiros anos de 1790 que Silva conseguiria remeter para Lisboa algumas das suas mais ricas e importantes remessas. O Governador Manuel de Almeida e Vasconcelos remeteria a 5 de Novembro de 1791 a Martinho de Melo e Castro talvez aquela a maior remessa reunida por Silva. Nela se contavam, dispostas segundo a sistemática lineana: "*Hum Tonel, com 2 peixes grandes, e outros menores; Hum Barril, com 1 Lobo, a que chamaõ no Paiz, Quimalanga; o qual suposto tenha grande semelhança com o Hyena [Figura 6] de Lineu, deve notar-se que tendo entre a Cauda, e o Anus, huã bolsa, ou glandula, em que se depoem huã sustancia semelhante no cheiro aos Castores, offerece a aparencia de Hermaphrodita, cujo nome lhe deverá competir na Especie; Huma Ancoreta com peixes pequenos.; Dous frascos, cada hum, com hum Morcego.; Hum dito, com hum Passaro (AM. Pipea?); Quatro gayolas, com hum Passaro, cada huma.; Dous Dentes de Porco Montés, chamado Ngala.*", cento e trinta conchas univalves, trezentas e sete conchas bivalves, dez amostras de minerais, duas amostras de minas, quinze "petrificados", alguns materiais etnográficos e "*Hum Viveiro de Passaros de cores*"²⁰⁴. Semelhante remessa seria enviada no ano seguinte, em Fevereiro de 1792²⁰⁵.

por ora mais q huma memoria ou borraõ: e assim fui pondo algumas os nomes q me lembraraõ no meio dos matos, e q agora não mudei pa não demorar a remessa." in AHMB CN S23

200 AHMB CN S23

201 AHMB CN S24

202 Simon (1983: 92)

203 Simon (1983: 93)

204 Anónimo (1933)

205 Simon (1983: 165)

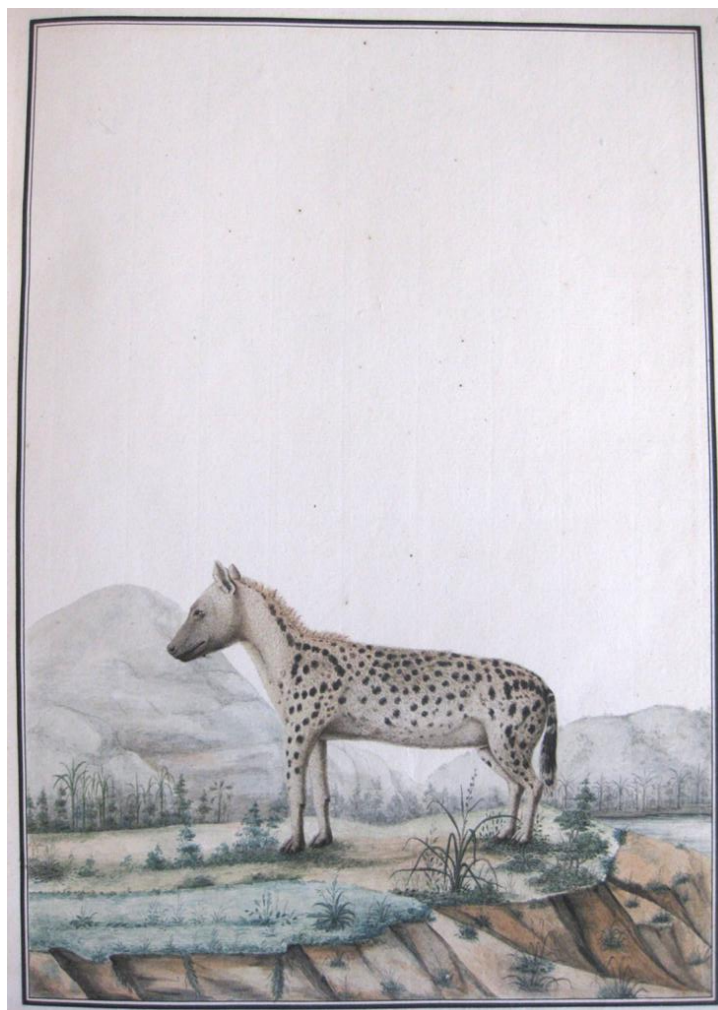


Figura 6 - Ilustração da Hyena coletada por Silva em Angola. O espécimen representado encontra-se ainda hoje no museu de Paris. Adaptado de Ceríaco (*in press*).

A viagem a Cabo Verde de José da Silva Feijó (1783 - 1792)

A viagem de Feijó seria a mais curta e com meios mais escassos. Embora o arquipélago Cabo-verdiano fosse imensamente inferior em termos de área aos territórios consignados aos seus colegas, isso não significaria uma maior facilidade para o naturalista. Feijó viria a ser o único naturalista a partir sozinho, sem o apoio de um jardineiro ou desenhador. No entanto a posição de Feijó equiparar-se-ia à de Alexandre Rodrigues Ferreira, partindo para Cabo-Verde com a função exclusiva

de naturalista, não acumulando qualquer tipo de função burocrática²⁰⁶. Feijó partiria de Lisboa a 3 de Fevereiro de 1783, e a primeira notícia que temos da sua chegada a Cabo-Verde reporta-se a 23 de Abril do mesmo ano, quando escreve a Mattiazi, informando-o do trajeto, e que teria chegado à Ilha de São Nicolau há cerca de um mês, mas que tinha viajado para S. Tiago na companhia do Bispo²⁰⁷.

As dificuldades encontradas por Feijó no primeiro ano não seriam poucas e justificariam o envio de várias missivas a Mattiazi explicando-lhe detalhadamente os seus problemas²⁰⁸. Estes problemas não seriam de índole meramente prática e técnica, mas prender-se-iam principalmente com o próprio estatuto e funções do naturalista na ilha. A sua exclusividade nessas funções causariam estranheza e oposição no seio do governo Cabo-Verdiano, chegando a ponto de a 16 de Setembro do mesmo ano Feijó ter sido chamado a depor em tribunal público na ilha de forma a defender a sua posição e a transmitir à Corte as dificuldades várias que havia encontrado para remeter alguns caixões com os resultados da expedição à Ilha do Fogo e à Ilha Brava²⁰⁹. Os problemas com as autoridades locais e a sociedade cabo-verdiana seriam tais que Feijó chegaria mesmo a temer pela sua vida²¹⁰. Feijó faria várias remessas para Lisboa, que no entanto não satisfariam nem Júlio Mattiazi nem Martinho de Melo e Castro. Em carta datada de 9 de Outubro de 1784, Mattiazi referia a Feijó que a sua última remessa teria chegado em más condições, que aparentava ter sido feita por amadores, e que o naturalista teria de resolver os seus problemas com as autoridades locais²¹¹. Em resposta a

206 Pereira (2002: p. 36)

207 AHMB CN F1

208 AHMB CN F2; AHMB CN F3

209 AHMB CN F4

210 AHMB CN F5

²¹¹ " *A ultima remesa dos productos das Ilhas de S. Nicolao de 30 de Mayo, nao corresponde a da Ilha do Fogo, nem a da Ilha Brava, q na Verd^e bem mostrava ser feita por Naturalista; porem esta ultima se ve, q VM^{ce} a nao fez, eq foi feita por mao de pessoa q nao sabe, q coiza he recolher productos naturaes; apenas vio tal remesa o Ill^{mo} e Ex^{mo} Snr Martinho de Mello e castro, aqueria remeter outra ves, e*

Mattiazi, datada de Maio de 1785, Feijó defender-se-ia, assegurando que os problemas que tinha com o governo regional se deviam principalmente à oposição que demonstrava aos abusos perpetuados pelo governo contra a população que eram também eles contra "*decoro de Sua Magestade*"²¹². Os problemas detetados nas remessas de Feijó levariam Mattiazi a escrever ao naturalista, em 25 de Novembro de 1785, de forma a apresentar-lhe as alterações que deviam ser introduzidas na expedição, métodos de conservação e envio dos produtos naturais²¹³.

medise, q taes productos em hu so dia se podia recolher em Lisboa mesmo, sem ser percizo fazer hua Expedicao ás Ilhas de Cabo-Verde com tanta despeza; porem avizase a Vm^{ce} q se outra ves manda-se productos sem os nomes dos sitios donde são e remesa mais abundantes sertam^{te} o fazia vir p^a sempre p^a Lisboa, este será o premio, q Vm^{ce} conseguirá dos seus inuteis trabalhos [...] Os peixes q Vm^{ce} mandou nao serve decoiza algua pois vierão todos comidos da traça, e sem olhos, por q Vm^{ce} nao se esmerou foi de os ornar de immensas fitas de seda tao superfluas q nao servem mais de q fazer despesas a fazenda real asim percizase q Vm^{ce} mande os d^{os} peixes outra ves, pois sao excelentes, porem com mais cautela, podeos meter empipas, ou barris, sem mais macula, q hia pequena sizera perto da cauda, p^a por li extrair as entranhas, eq fiquem bem acamados, em razao delhe nao fazer perjuizo o movim^{to} da Embarcação; as pipas, ou barris, q venhao cheios de agoardente cachasa, q lá nao falta, e depois ca se prepararão com m^{ta} commodid^e. A respeito das conchas lhe recomendo todas, em particular Spondylus, porq há hua concha particular, eas q Vm^{ce} mandou nao servem em razao de virem sem companheiras, e comidas dos vermes do mar: he possivel q Vm^{ce} nao tenha achado nenhu Helix, coiza q comummente em todas as partes se achao; nao se esqueça das Conchas, e mais productos marinos pequenos, q sao os mais deficeis de achar; Vm^{ce} sabe, q nem todo o tempo he bom p^a apesca nem p^a recolher conchas; porem se espera o tempo oportuno, e capaz, p^a tal colheita não se descuide das plantas, nem de remeter no herbario todos os Lichen e Muscus, q nao hao de faltar nesas Ilhas: nao despreza Vm^{ce} a economia, pois se deve lembrar q hade dar contas de todas as despesas superfluas." in AHMB CN M57

212 AHMB CN F10

213 *""O Ill^{mo} e Ex^{mo} Snr Martinho de Mello e Castro expede daqui hu Riscador que sirva p^a riscar os productos naturaes detodas essas Ilhas q novam^{te} quer q sejam examinadas hua por hua por senão acha satisfeito dos exames q Vm^{ce} ate aque tem feito. Ex^{ca} manda ordem ao Governador q ponha tudo prompto p^a dar principio novam^{te} ao exame dos productos da Ilha do Fogo, q he a mais interessante pela producção do enxofre. S. Ex^{ca} ordena q Vm^{ce} faça hu calculo da despeza q fará o recolher o d^o enxofre e dos transportes do seu nascim^{to} até ao porto Capaz de se poder embarcar (Coiza q Vm^{ce} tinha obrigaçao de ja o ter feito e nao esperar q o administrador da Companhia mandase hua amostra offerecendo a S. Ex^{ca} Navios delle:) e Vm^{ce} acharse ahi dormindo. S Ex^{ca} nao hé só satisfeito do calculo da despeza de o recolher e transportar, mas quer hua planta da d^a Ilha com o seu prospecto, notando e descrevendo todos os lugares onde se acha tal producto assim como todas as amostras de enxofre, advertindo q Vm^{ce} hade descrever novam^{te}, e remeter todas as pedras, e lavas desde a baze da Ilha até a sumid do tamanho da medida q agora remeto p q nao nasça a desordem q Vm^{ce} tem feito na ultima remesa remetendo pedasos de penedos inuteis sendo quazi todos da mesma qualid^e Vm^{ce} cre de emganha S. Ex^{ca} com huma monstruzid^e de volumes, q parece tenha mandado mar e mundo e no fim fica Vm^{ce} enganado a vendo de dar Contas de todas as despesas superfluas q tem feito. VM^{ce} até agora de conchas tem remetido m^{to} poucas, na maior parte nao servem nem p^a ornar hua cascata, tendo essas Ilhas hua imensid^e nos penedos, q estao expostos ao mar como mostra aquelle, q Vm^{ce} mandou, a unica coiza particular q Vm^{ce} mandou foi as duas especes de Echinus q Vm^{ce} barbarm^{te} salgou e em*

O desempenho de Feijó, claramente desapontante aos olhos dos responsáveis de Lisboa, levaria Mattiazi, em Novembro de 1785, a escrever a José Maria Cardoso acerca da possível substituição de Feijó da expedição a Cabo-Verde²¹⁴. Cardoso não se encontrava também ele contente com os trabalhos de Feijó, vindo mesmo a queixar-se a Mattiazi sobre a conduta do naturalista régio Feijó que descurava a sua expedição e que arrogantemente não lhe prestava contas²¹⁵. Associado ao mau clima social e política das ilhas, à dimensão territorial e à menor diversidade em termos de produtos de história natural, Feijó considerava que a sua missão devia ser rapidamente finalizada. A 12 de Março de 1789, quase 4 anos passados desde a última carta que tinha recebido do Jardineiro da Ajuda e seu principal confidente, rogaria a Mattiazi intercedesse por ele de forma a que o Governo o enviasse para os "*Assores ou Maranhão, ou finalm^{te} p^a onde for do maior agrado de VM^{de}*" pois considerava que de Cabo-Verde não lhe poderia enviar mais nada para além do que já remetera²¹⁶. Não seria no entanto esse o entendimento do Governo e Feijó manter-se-ia em Cabo-Verde durante mais alguns anos, começando mesmo a acumular algumas funções burocráticas, como a de Secretário do Governo da Capitania de Cabo Verde e de escrivão da Matricula da Gente de Guerra²¹⁷. Mas a situação continuava a agravar-se e o trabalho de Feijó esbarrava cada vez mais com as idiossincrasias do governo cabo-verdiano, que levariam, entre outros episódios, à cassação de uma remessa que ele houvera

consequencia se apudreserao como taobem os Caranguejos, de forma que he precizo Vm^{ce} os torne amandar, no Seg^{te} modo; Vm^{ce} mandaria fazer caixinhas do tamanho do Echino com boracos em todas as partes p^a poder entrar a agoa ardente, porq as d^{as} caixinhas virao metidas em barris com agoa ardente. Nunca mais Vm^{ce} se lhe meta na cabesa de remeter caixas amolduradas cheia de embrechados, q parese com a Estatua de Nabuco, q nao serve senao de trazer hua grande despeza e perder o seu tempo. No q respeita aos peixes S. Ex^{ca} ordena q Vm^{ce} remeta novam^{te} todos os que tem mandado, e os mais que achar, porq os q remeteo salgados vierao todos podres, Vm^{ce} diz m^{to} bem q eu nao sou homem capaz de lhe dar docum^{tos} eu conheso m^{to} bem a m^a incapasid^e, porem dezejo q Vm^{ce} mediga de q^m aprendeo a preparar os peixes deste modo, nao sabe Vm^{ce} q o sal consóme e corrompe as pelles, em fim." AHMB CN F13

214 AHMB CN M60

215 AHMB CN C8

216 AHMB CN F17

217 Pereira (2002)

preparado em Abril de 1790²¹⁸. Os apelos para a sua substituição e transferência manter-se-iam durante os anos seguintes²¹⁹, tendo Feijó, 26 de Janeiro de 1794, escrito um desesperado e derradeiro apelo a Mattiazi²²⁰. O desespero de Feijó terminaria porém em breve e mesmo a tempo de o salvaguardar de complicações possivelmente mais graves, visto que João Freire de Andrade, um dos principais inimigos do naturalista nas ilhas, havia assumido interinamente o governo do arquipélago. Em Junho de 1795 seria assinada a ordem de regresso de Feijó a Portugal e o naturalista voltaria para o país no início do ano seguinte²²¹. Chegado a Portugal, Feijó viria a trabalhar por algum tempo na Ajuda, levando a cabo o estudo de algum do material que para ali enviara. A 23 de Abril de 1796 escreveria a Vandelli acerca da entrega de sementes das mais curiosas plantas de Cabo Verde para serem semeadas no Jardim²²². Dos seus trabalhos na Ajuda resultariam o seu "*Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde*", publicado só em 1815²²³. Em 1799 partiria para o Ceará, onde ficaria até à sua morte em 1824²²⁴. Aqui manteria a atividade de naturalista, e ainda em Novembro de 1801 enviaria alguns espécimes para a Ajuda²²⁵.

218 AHMB CN F18

219 AHMB CN F19

220 " "Nao posso deixar de ser importuno, quando me lembro as milhares de obrigaçoens que devo a VM^{oe} e que neste Mundo não tenh outra Pessoa dequem me valha no total desamparo emque me contemplo neste desterro onde a minha desgraça quis conduzir me, esse centro detodos os meos infortunios só me consola a lembrança deque VM^{ce} será o meu Protector, e Libertador, e que pr meio de seu vallimento tornarei a ser felix aomenos vendo-me restituído a minha pobre casa eao centro de hua triste Familia, eq gloria Snr, ao conceberá VM^{ce} sendo acausa da minha felicidade! o meu espirito cheio de gratidao não secará de clamar e pedir a D. Omnipote abençoe para sempre os preciosos [?] da existencia de VM^{ce} e de tudo quanto lhe diz respto." " in AHMB CN F20

221 Pereira (2002)

222 AHMB CN F 21

223 Carreira (1986); Feijó (1815).

224 Oliveira & Nodari (2012); Silva (2007).

225 AHMCUL Cota 1863

No que a coleção diz respeito, a expedição de Feijó produziria resultados em tudo semelhantes aqueles de Joaquim José da Silva em Angola. Uma das primeiras remessas para a Ajuda dar-se-ia em 29 de Fevereiro de 1784. Segundo Feijó, esta primeira remessa conteria:

"Vao quantas Borboletas pude recolher, e encontrar vao todas as pedras e terras daquellas duas Ilhas q observei, como tambem todas as plantas q encontrei p.^r ellas com as suas sem.^{tes}, alguas achei q me parecem novas destas descrevi as q pude, entre ellas vai hum Genero novo (q julgo ser) a q tomei a confiança de dar o nome de V. M^c em sina de gr^d obrigaçã em q vivo, V. M^c p^{la} sua bond^e me hade perdoar o meu atrvido [?], mas seguro lhe q he servido de hum coração sempre. Se tivesse hum riscador p me compor as plantas q collecção eu nao faria Sr. Julio, alguns passaros q vao sao unicam^{te} [?] p^a V. M. mandar dar afigura q requerem pois daquelle preparação nao sei edemais nao posso me occupar em tudo; V. M, bem podia fazer com q S. Ex^a me mandasse hum desses rapazes q sabem preparar e algum bom riscador. Vai hua catumplara com peixes, q p^r falta de agoard.^e se perderao mais duas, juntam^{te} p^r ja ja 8 mezes estarem recolhidos, ficaram na dilligencia de tornar a fazer outra collecção, p q tendo agoardente"²²⁶.

A lista substanciada desta remessa ainda hoje existe no Arquivo Histórico do Museu Bocage²²⁷. Da Ilha de São Nicolau seguiria muito pouco depois a *"Primeira Remessa da Real Expedição feita em a Ilha de S. Nicolau e remetida ao Ill^{mo} e Ex^{mo} Sr Martinho de Mello e Castro para o Real Gabinete da Ajuda em 1784"*²²⁸, contendo:

- 67 "Pedras";
- 87 "saquinhos com as amostras das diferentes Terras";
- 30 peixes;
- 1 caixão com "pedras numeradas, e avulsas, Terras em saquinhos numerados, hum instrumento muzico, e outro de que uzão para o governo das suas cavalgadas";
- 1 caixão com "24 plantas secas e semente";
- "huma especie de Madrepora";

226 AHMB CN F6

227 AHMB Rem 558f

228 AHMB REM 559

- "Conxas e Gorgoneas";
- 1 caixão com "Produçoens do Mar, conglutinaçoens de Tubiporas, Esponjas marinhas, conxas, gorgoneas e coralinhas";
- "mais 28 peixes em agoardente",
- "camaroens das Ribeiras, e Madreporas".

Da mesma ilha seguiria uma segunda remessa, detalhada na "*Lista da Segunda Remessa da Real Expedição da Ilha de S. Nicolao feita em 1784 que Remeteo p^a o Real Gabinete do Prince N. Snr. o seu indigno Naturalista nestas Ilhas de C. Verde João da S.^a Feijó. - 3^a de Sua Exp^a*"²²⁹ com trinta e nove amostras de minerais e rochas e sessenta e quatro de amostras de "Terras". Já dos ilhéus de Santa Luzia, Raso e Branco, Feijó enviaria a "*Lista das Produçoens de S^{ta} Luzia; Ilheos Razo; e Br^{co} que observou, recolheo, e remeteo p^a o Real Gabinete do Prince N. Snr. em o anno de 1784 O seu indigno Naturalista destas Ilhas de Cabo Verde João da silva Feijó - 4-Remessa.*"²³⁰, contendo:

- 10 amostras de "Pedras";
- 57 de Terras de Santa Luzia;
- 8 amostras de Terras do Ilheo Raso;
- 8 amostras de rochas e minerais;
- 4 Passaros - "1 Alma de Mestre, 2 Cagarras, 1 Gavia";
- "2 Lagartos do d^o Ilheo";
- "Arvores do Mar, e hum caixão de conxas d^a de S^{ta} Lusía".

A 21 de Agosto de 1785 seguiriam para a capital "[...] 24 caixoens d'amostras dos productos da Ilha de S. Antam"²³¹, e em Agosto de 1786 uma "barrica" com

229 AHMB REM 558b

230 AHMB REM 558c

231 AHMB CN F11; AHMB REM 558d

peixes e aves²³². A 26 de Julho de 1787 seguiria uma nova remessa para a Ajuda. Refere a "*Rellação da remessa dos productos Naturaes feito ao Real Muzeo pella Gallera Sta Izabel e Sta Anna*"²³³, que nela se incluía:

- 1 herbário de 174 plantas;
- sementes de 82 espécies;
- búzios, esponjas marinhas e gorgóneas;
- 1 "*Caixinha de folha com dois cravos feitos de azas de borboletas, Taboleiros de borboletas diversas*";
- 4 "*familias d conxas*";
- 1 "*frasco com lagartos dos Most^{os} na Ilha do Fogo*";
- "*varios peixes e aves*", incluindo um "*Gallo de 3 pernas e dois orificios*".

Em Maio de 1788 remeteria para Lisboa mais dois caixões com "*Peixes, Lagartos, e Passaros*" entre outros de S. Nicolau²³⁴, e em Junho de 1791 Aquando de enviaria "*hum viveiro com 5 casaes de Passarinhos*" que lhe tinham enviado de Goré, bem como de outras curiosidades²³⁵. Alguns dos espécimenes coletados por Feijó, e em particular os "lagartos" dos Ilhéus Raso e Branco viriam a tornar-se alguns dos espécimenes mais famosos da zoologia Cabo-Verdiana do século XIX, como veremos na Parte II e Parte III desta tese.

232 "*Recebo com toda a sumição a reprehensao q Vm^{de} me da sobre o chegarem os peixes [?], pello methodo com q os preparei; Se Vm^{de} soubesse q os fiz em S. Antao onde nao havia agoard^e sem duvida me disculparia; cuida Snr q acertava, [?], pesso a Vm^{ce} se digne p^r qⁿ he [?] de disculpar-me perante Sua Ex^a pois seguro-lhe q nao me sucedera outra. Agora remeto hua barrica delles em aguard^e e alguns passaros o q me tem sido possivel recolher athe agora.*" in AHMB CN F14

233 AHMB REM 561

234 AHMB CN F16

235 AHMB CN F19

Capítulo 3 – Coleções: enriquecimento e gestão interna

Graças às coleções originárias das viagens filosóficas, as coleções da Ajuda atingiriam no final do século XVIII números tais que lhe granjeavam o estatuto de uma das mais ricas coleções de história natural da Europa. Em comparação, as coleções do *Cabinet du Roi* em 1793 não ultrapassariam os setenta e oito espécimes de mamíferos e cerca de quatrocentas e sessenta e três aves²³⁶, enquanto as coleções da Ajuda continham números consideravelmente maiores. Naquele que podemos apelidar de "época de ouro" do complexo científico lisboeta, as coleções, segundo o catálogo manuscrito "*Inventário geral, e particular de todos os productos naturaes, e Artificiaes; Instrumentos, Livros, Utensiz e Moveis pertencentes ao Real Gabinete de Historia Natural, Jardim Botânico, e suas cazas annexas: Como são Gabinete da Biblioteca, Caza do Desenho; Dita do Laboratorio; Dita das Preparaçoens, Amarmem de Reserva, Etc. Tudo como nelle se declara*"²³⁷ de 1795, conteriam nada menos que sete mil duzentos e trinta e dois espécimes zoológicos (cento e vinte e seis mamíferos, mil duzentas e cinquenta aves, seiscentos e um anfíbios e répteis, mil duzentos e trinta peixes, duzentos e oitenta e dois insetos, e quatro mil trezentos e trinta e quatro invertebrados), centenas de amostras botânicas, seis mil quinhentas e cinquenta e três geológicas, amostras de minerais e fósseis, e uma coleção de três mil quatrocentos e doze "*produtos artificiaes*" que incluiriam desde moedas antigas a materiais etnográficos. O enriquecimento das coleções far-se-ia também através da doação de colecionadores privados como o caso de António Jacinto de Araújo ou Luís

236 Saint-Hilaire (1809)

237 Códice 21.1.010, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Albuquerque Pereira Cáceres que viria a doar a totalidade do seu estabelecimento privado à Ajuda²³⁸. Outras ofertas espontâneas viriam a fornecer as coleções da Ajuda com os mais diversos produtos naturais, desde fósseis²³⁹ a "*monstros bicorpóreos*"²⁴⁰. Um dos principais contributos para o enriquecimento das coleções da Ajuda seria a Rússia. O fluxo de espécimenes russos para a Ajuda estender-se-ia durante os anos graças a Horta Machado, embaixador Português na corte Russa, que em Julho de 1786 faria remeter para o estabelecimento lisboeta treze grandes caixas das quais cinco com uma coleção valiosíssima de mil e seiscentas e sessenta e quatro amostras de minerais, e oito com exemplares de animais (mamíferos e aves) em número de oitenta, entre os quais um lince oferecido pelo conde de Cheremetiev e um lobo oferecido pelo marechal-general Razumovsky, seguido de uma outra remessa de dois caixões com cinquenta exemplares de pássaros empalhados em Julho do ano seguinte²⁴¹.

No entanto, a aposta nas relações epistolares com outras instituições europeias não esmoreceria, com o interesse estrangeiro em aceder à natureza brasileira como seu principal motor. Embora esta rede epistolar mantivesse uma amplitude europeia, onde se encontravam nomes como o de Casimiro Gómez Ortega (1741 - 1818), diretor do Jardim Botânico de Madrid²⁴², do frei Pini Ermenegildo (1739 - 1825) do Liceu S. Allessandro de Milão²⁴³, ou o famoso Peter Simon Pallas (1741 - 1811), naturalista alemão ao serviço da Corte Russa²⁴⁴, seria com a comunidade naturalista francesa que a relação seria mais intensa. De Lisboa

238 AHMB Rem. 442, Almanach de Lisboa (1799: p. 463-465)

239 Fernandes et al. (2012)

240 Ceríaco (*in press*)

241 Uma terceira remessa chegaria a Lisboa em 1788, não se tivesse perdido no trágico naufrágio do barco que a transportava (Carvalho 1979)

242 AHMB CE 03; AHMB CE 04; AHMB CE 05

243 AHMB CE P35

244 AHMB CE P34

para Paris, mas também para Montpellier, e vice-versa, seguiriam várias cartas, remessas de sementes e elogios recíprocos. De entre os personagens da cena naturalista francesa de então citam-se como correspondentes de Vandelli o botânico e famoso ictiólogo Francês Antoine Gouan (1733-1821), doutor em medicina do Hospital Militar gaulês e professor do jardim botânico de Montpellier²⁴⁵, André Thouin (1747 - 1824), jardineiro chefe do Jardin du Roi,²⁴⁶ e Antoine Laurent de Jussieu (1748 - 1836)²⁴⁷.

No contexto do enriquecimento e utilização desta riquíssima coleção é importante referir-se a colaboração entre Frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811) e o complexo da Ajuda. As remessas de Veloso, estabelecido no Brasil, para o complexo da Ajuda iniciar-se-ão em 1786, com o envio de coleções de natureza botânica e zoológica, onde se contavam uma coleção de conchas, alguns espécimenes vivos de aves bem como uma coleção xilológica²⁴⁸. A este primeiro envio, seguir-se-iam outros, e logo em 1787 e 1788 chegariam a Lisboa importantes documentos listando a desconhecida diversidade natural brasileira. Referimo-nos aos "*Descriptio animalium quorundam brasiliensium (anno 1787)*", ao "*Descriptio animalium, avium, mineraliumque quorundam brasiliensium (anno 1788, 9 de Julho)*" e ao "*Producta naturalia brasiliae (21 de Dezembro de 1788)*"²⁴⁹. É interessante notar que a organização interna destes documentos seguia o sistema lineano, utilizando todas as suas classes, bem como a sua linguagem típica, e nelas se podem encontrar breves trechos descritivos. Embora não haja documentação que o confirme, é bem provável que estas listagens correspondessem a espécimenes concretos, possivelmente enviados por Veloso para a Ajuda, ou que pelo menos fizessem parte da sua coleção particular. Será no entanto em 1790 que

245 AHMB CE G103

246 AHMB CE R30; AHMB CE G104.

247 AHMB CE D22

248 Nunes & Brigola (1999: p. 59)

249 AHMB Rem. 584

Veloso apresentará o seu maior contributo para as coleções da Ajuda. Acompanhando Luís de Vasconcelos e Sousa após o término do seu mandato governativo no Rio de Janeiro, Veloso viaja para Lisboa trazendo consigo as suas consideráveis coleções de história natural. Estas terão sido depositadas na Ajuda. A descrição que temos da coleção que terá dado entrada na Ajuda apresenta-nos não só um elevado número de espécimes, como também o seu carácter único e importância científica. Dentro de "70 caixões" seguiam os textos originais e as gravuras da sua "*Florae Fluminensis*" bem como:

"[...] uma colecção de todos os peixes de água doce e salgada, feita por um novo método; por outra de insectos marinhos e terrestres; e finalmente por uma de borboletas impressas pela fécula colorante de que se cobrem as membranas das suas asas, obra tão rara e estimável que tem o suplicante notícia não haver outra em algum dos Gabinetes reais da Europa [...]"²⁵⁰.

O referido livro das borboletas existe ainda hoje no Arquivo Histórico do Museu Bocage. Dedicado a D. Maria I e intitulado "*Lepidoptérarum suorum Omne pulchrum Praefectura Fluminensis*" o livro continha cento e setenta e duas ilustrações das diferentes espécies de borboletas existentes na região do Rio de Janeiro²⁵¹. A técnica utilizada consistia no decalque direto dos animais no livro, sendo este decalque acompanhado do desenho dos seus contornos principais, bem como daquelas estruturas que não continham escamas. Assim resultavam ilustrações à escala real das espécies, apresentando as cores características das asas do animal. Outro cuidado apresentado pelo frade naturalista prendia-se em dar duas visões do mesmo animal, uma lateral, mostrando a parte inferior da asa, e outra mostrando o seu lado superior (Figura 7). Por sua vez, a coleção de peixes encontra-se atualmente incompleta, com exemplares dispersos por várias instituições museológicas, nomeadamente a Academia das Ciências de Lisboa²⁵², o Museu de Ciência da Universidade de Coimbra e o Muséum national d'Histoire

250 Nunes & Brigola (1999: p. 60)

251 AHMB Res. 3

252 Um catálogo detalhado dos exemplares presentes na Academia foi publicado por Antunes & Balbino (2003), embora considere que a coleção faria parte das remessas de Alexandre Rodrigues Ferreira.

naturelle. No que toca à sua preparação prática, esta peculiar técnica foi primeiramente descrita por Jean Frederick Gronow (ou Gronovius na forma latinizada), naturalista holandês e médico em Leiden, no volume 42 das *Philosophical transactions of the Royal Society of London*, em 1742²⁵³. Desta metodologia resultaria o primeiro herbário de peixes conhecido na Europa, o do seu sobrinho, o ictiologista Laurent-Theodore Gronow (1730-1777), que viria mais tarde a ser adquirido e estudado pelo famoso ictiólogo britânico do século XIX, John Edward Gray (1800-1875)²⁵⁴.



Figura 7 - Páginas e detalhe dos desenhos da obra "Lepidoptérum...". De notar à direita a vista microscópica das escamas utilizadas para o desenho. Fonte AHMB, fotos Luis Cériaco.

Em Portugal, a técnica de Gronovius era também alvo de referência em algumas obras e documentos técnicos dos naturalistas portugueses. É o exemplo

253 Para uma transcrição total do artigo de Gronovius onde a técnica é apresentada e mais informações sobre a mesma veja-se Ceríaco & Marques (2011).

254 Este herbário encontra-se ainda hoje no British Museum. Sobre a aquisição e estudo por John E. Gray, ver Gray (1854).

de Vandelli que nas "*Viagens filosóficas*" de 1779 refere esta técnica²⁵⁵. Também, nas conhecidas "*Breves instrucções aos correspondentes da Academia...*" é referida a metodologia de "herborização" de peixes²⁵⁶. Não será, porém, apenas Vandelli a referir esta técnica. José António de Sá na obra "*Compendio de Observações, que fórmaõ o Plano da Viagem Política e Filosófica, que se deve fazer Dentro da Pátria*" também a referiria²⁵⁷. A recente descoberta de uma coleção de 68 espécimes de peixes herborizados numa arrecadação da Museu da Ciência da Universidade de Coimbra veio trazer, entre nós, um renovado interesse a esta técnica de preparação de animais (Figura 8). A referida coleção afigura-se como proveniente das coleções da Ajuda, mas não como parte da coleção de Alexandre Rodrigues Ferreira, como propõem alguns autores²⁵⁸.



Figura 8 - Exemplar de "peixe herborizado" da coleção do Museu de Ciência da Universidade de Coimbra. Foto por Luis Ceriaco.

255 Dantes (2009: Vol. 1 p. 157).

256 Anónimo (1781: p. 51-52)

257 Sá (1783: p. 180-182).

258 Casaleiro *et al.* (2011)

Comparando a caligrafia presente na base e por vezes no topo dos espécimes de Coimbra (representando um acrescento do epíteto específico ao nome genérico), com aquelas presentes em outros documentos de Veloso, percebemos, sem qualquer espaço para dúvidas, que terá sido o frade a escrever estes nomes pelo seu próprio punho. Sabemos que, por volta de 1791 e 1792, Veloso terá trabalho em conjunto com Vandelli para a produção de um "*Ictiologia do Reino e do Brasil*"²⁵⁹, obra essa que nunca terá sido dada à estampa, e que como já vimos acima terá trazido do Brasil "*uma colecção de todos os peixes de água doce e salgada, feita por um novo método* [negrito do autor]". Esta hipótese parece-nos muito mais sólida do que aquelas que os atribui a Alexandre Rodrigues Ferreira²⁶⁰ por quatro motivos. O primeiro, por todas as referências relativas aos trabalhos em ictiologia de Veloso transcritas acima. O segundo prende-se com a análise caligráfica das anotações contidas nos espécimes. O terceiro é pela ausência de qualquer referência à técnica no "*Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais*" de Alexandre Rodrigues Ferreira, nem sequer nos próprios inventários de material e instrumentação levados pelo naturalista constar qualquer referência a material destinado a este fim. O quarto e último argumento é o da inexistência de qualquer referência a material ictiológico preparado desta maneira nas várias listagens de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Seria também no reinado de D. Maria que se fundaria no país uma das mais importantes instituições científicas nacionais - a Academia das Ciências de Lisboa - que mais tarde, após a constatação da sua utilidade pública, viria a beneficiar do privilégio e proteção régia, passando a denominar-se Academia Real das Ciências de Lisboa. Fundada em 1779, por iniciativa do segundo Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança de Sousa Ligne Tavares Mascarenhas da Silva (1719 - 1806), a

259 "O compromisso intelectual com a Academia passaria também por um projecto de co-autoria com o director dos estabelecimentos da Ajuda, Domingos Vandelli (1735-1816), que previa a edição de um inventário ictiológico, decidindo-se, por isso, na sessão de 31 de Março de 1792 que: «[...] se fizessem os gastos que se julgassem próprios para os desenhos e estampas da Ictiologia do Reino do Dr. Vandelli e do Brasil do Sr. José Mariano da Conceição Vellozo e algumas viagens se forem precisas»." in Nunes & Brigola (1999: p. 61).

260 Antunes & Balbino (2003); Casaleiro *et al.* (2011)

que se associariam Domingos Vandelli, e entre outros, José Francisco Correia da Serra (1750 - 1823), mais conhecido por Abade Correia da Serra, Luís António Furtado do Rio de Mendonça e Faro (1754 - 1830), sexto Visconde de Barbacena, ou ainda o frade Teodoro de Almeida (1722 1804). O Duque de Lafões viria a ser o seu primeiro Presidente, secretariado pelo Visconde de Barbacena e tendo como vice-secretário Correia da Serra. Os seus primeiros estatutos dividiriam a Academia em três diferentes Classes - a de Ciências de Observação, a de Ciências de Cálculo, e a de Belas Letras. Nos estatutos da Academia encontrava-se previsto o estabelecimento de um "museu" para apoio ao desenvolvimento científico, algo que seria publicamente assumido com a publicação das *"Breves instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos produtos e noticias pertencentes à historia da natureza para reformar hum Museo Nacional"*²⁶¹, que tal como o seu próprio nome indicava serviria para *"formar um Museu Nacional"*, e cuja *"Advertencia"* explicitamente referia que *"Considerando pois a Academia das Sciencias de Lisboa, cujos trabalhos se encaminhão todos ao bem público, a grande utilidade, que de huma similhante Collecção, sendo bem ordenado, póde resultar para o adiantamento das Artes, Commercia, Manufacturas e todos os mais ramos da Economia; propoz-se o projecto de formar nesta Capital hum Museo Nacional, onde principalmente se ajuntem e conservem os productos, ao menos os mais notaveis, que se achão dentro do reino e das suas Colonias"*.

Desde cedo Vandelli, então estabelecido em Coimbra, assumiria em parte a responsabilidade de enriquecer o gabinete da Academia, reservando os duplicados do Museu de Coimbra para esse fim.²⁶² As contribuições de Vandelli para o gabinete da Academia suceder-se-iam, sendo disso exemplo:

- Em Julho de 1780 - *"produções da Russia, entre as quaes huma colleção de marmores, e tãobem a carta mineralogica de todo o*

261 Anónimo (1781)

262 Carta de Vandelli a Correia da Serra, Coimbra a 30 Janeiro de 1780 - *"Eu não me descuidarei em aprontar todo o dobrado do Museo, e logo q.e o tempo o permittir o remetterei."* in Ayres (1927: p. 128)

Imperio" a serem remetidos pelo embaixador Português na Rússia Horta Machado²⁶³;

- Em Janeiro de 1782 - um esqueleto de "*Physeter macrocephalus*" que houvera dado à costa "*nas prayas em visinhança de Aveiro*"²⁶⁴;
- Em Maio de 1787 - duplicados de "*todas as minas da Russia, e Liberia, entre as quaes o ferro virgem, alem de outras muitas raras e particulares pela sua mineralização e mixtura etc*", oferecidos por Simon Pallas, assim que o mesmo gabinete fosse deslocado para uma "*habitação mais segura*"²⁶⁵;
- Em Agosto de 1789 - "*hum calculo urin.º m.to raro*"²⁶⁶.

O apelo da Academia espalhar-se-ia pelos seus sócios e seriam vários aqueles que viriam a contribuir para o crescimento das suas coleções. É disso exemplo Serafim Francisco de Macedo (? - ?), baiano formado em Filosofia pela Universidade de Coimbra, que em Setembro de 1781 reconhecia ser seu dever como sócio contribuir para o seu enriquecimento, pedindo no entanto à Academia que o avisasse "*em q.^l dos Reinos Naturaes se acha o d.º Muzeo mais falto de Produtos, p.^a q com a remessa deses ponha em pratica o meo dever com a exactidão q m fôr possível.*"²⁶⁷. Também Francisco António de Sampaio ofereceria em Maio de 1789 um segundo tomo relativo à "*Historia dos Reinos Vegetal, Animal, e Mineral do Brazil*", "*hua pedra brasiliense exculpida*" e "*hum Relicario clausuradas, as Armas dessa Real Academia*", prometendo dedicar-se ao estudo do mineral em causa, da qual daria mais tarde "*a noção das suas qualidades*"²⁶⁸. Do Brasil, pelas mãos do doutor em Direito Civil Joaquim Amorim Castro, seguiriam, também no verão do

263 Ayres (1927: p. 138)

264 Ayres (1927: p. 251)

265 Ayres (1927: p. 261)

266 Ayres (1927: p. 309)

267 Ayres (1927: p. 192)

268 Ayres (1927: p. 297-298)

mesmo ano, um "*tomo da Historia Natural*"²⁶⁹. Seria no entanto Francisco Luís de Meneses (? - 1804), funcionário do governo colonial de Goa, e que já encontráramos a remeter coleções da capital da Índia portuguesa para o museu de Van-Deck (Capítulo 1), que viria a contribuir com um maior número de coleções para o gabinete da Academia. Tendo sido nomeado sócio correspondente em 1780, Meneses iniciaria uma constante prática de remessas para a Academia a partir de 1783, algo que manteria pelo menos durante mais de dez anos. Em carta ao Visconde de Barbacena, datada de Abril de 1782, Meneses agradecia efusivamente a sua nomeação como sócio correspondente, e tendo "*princiado a fazer huma coleção dos objectos da natureza deste Paiz*" prometia enviá-la para a Academia no ano seguinte²⁷⁰. A "*piquena Colecção das produçoens*" seguiria como prometido no ano seguinte, em Fevereiro de 1783, pedindo Meneses que o informassem de como haviam chegados as mesmas "*Para precaver para o futuro nas remessas do que for ajuntando*"²⁷¹. Em Março de 1785 seguiria de Goa mais uma coleção preparada por Meneses para a Academia²⁷², e em Abril de 1786, Meneses faria uma terceira remessa "*de alguns produtos*", mas também algumas "*memorias e descriçoens feitas com presa*" com figuras "*debuxadas*" pelo próprio²⁷³. No entanto, a falta de notícias preocupava Meneses relativamente à chegada em condições das remessas anteriores, e referiria que "*As péles e mais produtos que vão no caixote estimarei que cheguem perfeitas e livres de avaria.*"²⁷⁴. Em Março de 1787²⁷⁵, e em Fevereiro de 1788 seguiriam novamente coleções goesas de Meneses, e em particular, nesta última, para além de alguns "*productos da natureza*" seguiriam também as suas

269 Ayres (1927: p. 306-307)

270 Ayres (1927: p. 203)

271 Ayres (1927: p. 211); AHMB Rem. 384

272 AHMB Rem 385a; AHMB Rem. 385b

273 Ayres (1927: p. 236-237)

274 Ayres (1927: p. 236-237)

275 AHMB Rem. 385c

"mal acabadas descrisoens e debuxos a elles atinentes"²⁷⁶. Estas descrições seriam as "*Descrisoens de istoria natural apresentadas à Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo Socio Correspondente Francisco Luis de Menezes, Mestre de Campo de Auxiliares com exercicio nas Ordenansas de Goa. Em 1788*"²⁷⁷, contendo a descrição e desenhos dos animais de Goa nomeados por Menezes de "*Caranguejo Crusaxo*", "*Perilampo femea*", "*Pitoli ou Bulbule*", "*Raiboncurdi, especie de Pitoli*" e da "*Salangane Andorinha do ninho*". É provável que a "*Historia Natural e Descrição do Teriô, ou Bicho Vergonhozo: Apresentada a Real Academia das Sciencias de Lisboa pelo Socio Correspondente de Goa, Francisco Luis de Menezes*"²⁷⁸ fosse também uma destas memórias. De Menezes seriam conhecidas pelo menos mais três remessas para a Academia - uma em Março de 1789²⁷⁹, outra em Abril de 1790²⁸⁰, e outra em Maio de 1792²⁸¹. Durante toda a década de 1790, continuariam a chegar ao Museu da Academia ofertas dos mais variados produtos naturais por sócios e particulares, com destaque para as feitas por Conceição Veloso a partir de 1791²⁸².

Face à quantidade e diversidade de cargos sob a sua alçada, Vandelli ver-se-ia obrigado a decidir sobre a sua continuidade nas suas diversas funções. Após a sua nomeação para a Real Junta de Comércio em 1789 deixaria de reger as cadeiras da Faculdade de Filosofia bem como a direção dos seus estabelecimentos, mantendo-se no entanto como diretor do complexo da Ajuda. No entanto também na Ajuda se veria impossibilitado de coordenar sozinho todo o funcionamento do complexo, algo que se agravaria com a morte de Júlio Mattiazi em Setembro de 1794. De imediato Mattiazi seria substituído por Alexandre Rodrigues Ferreira,

276 Ayres (1927: p. 257)

277 BACL - Série Azul, Cod. 203

278 BACL - Série Azul, Cod. 209

279 Ayres (1927: p. 287-288)

280 AHMB Rem. 385d

281 AHMB Rem. 387a

282 BACL - Livro de Secretaria 94B

que a 14 de Setembro de 1794 seria encarregado da administração de todo o complexo da Ajuda²⁸³. O que aparentaria ser uma situação provisória começaria no entanto a revelar-se como um posto definitivo, nomeadamente quando a 6 de Maio de 1795, lhe é ordenada a continuação no cargo da administração económica do complexo devido à impossibilidade de Vandelli poder assistir diariamente a referida organização²⁸⁴. Um mês depois Rodrigues Ferreira seria oficialmente nomeado administrador²⁸⁵. Do decreto assinado pelo marquês Mordomo-mor a 3 de Julho de 1795, constava o seguinte:

*"Sendo-me presente que para haver de se conseguir a perfeita conservação, o progressivo augmento, e a bem regulada Economia do Meu Real Jardim Botânico, Laboratorio Chimico, Museo, e Casa do Risco, de que he Inspector Geral o Marquez Meu Mordomo Mor, e Director o Doutor Domingos Vandelli, se fazem necessarias mais duas Pessoas, huma das quaes seja bem instruida nestas Sciencias, para que com hua assidua assistencia haja de administrar tudo quanto pertencer, e respeitar a estes uteis Estabelecimentos, e a outra que tenha a seu cargo e cuidado o trabalho de huma regular, e exacta Escripção de todas as despezas que nelle se fazem, e se fizerem; E querendo Eu que nada falte em tão proveitosos Estabelecimentos, para que se consigão todos os progressos e vantagens delles: Sou Servida nomear para Administrador dos referidos Estabelecimentos o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, Official da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Dominios Ultra-marinos, dispensando-o do exercicio da dita Secretaria, e vencendo alem do seu respectivo Ordenado, mais trezentos mil reis annuaes, em attenção ao maior trabalho de que o incumbo, e do da Historia Natural das suas Viagens do Brasil de que ja se acha encarregado, e para a Escripção que acima [?] enunciada nomeio a Pedro Chrysologo Ferreira de Carvalho, com o Ordenado annual de cento e oitenta mil reis, em quanto Eu não mandar o contrario."*²⁸⁶.

No entanto a passagem de funções não se processaria sem alguns percalços, sendo notória alguma confusão existente sobre os limites e funções entre os cargos de Vandelli e de Ferreira. Alexandre Rodrigues Ferreira lidaria mal com algumas intromissões do seu antigo mestre na administração do complexo. Na opinião de Rodrigues Ferreira, em exposição a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (que viria a

283 AHMCUL Cota 1863

284 AHMCUL Cota 1863

285 AHMCUL Cota 1863

286 AHMCUL Cota 1863

substituir Melo e Castro após a sua morte em 1795 no Ministério da Marinha, e substituir o mesmo na supervisão do estabelecimento), feita no mesmo ano, queixava-se que se Vandelli havia cedido a administração do complexo "*já não pode nem deve o mesmo Director ingerir-se nela e a razão é evidente*."²⁸⁷. De outra forma, "*em vez de Administrador, foi realmente feito um fiel ou Ajudante do Director*.", algo que manifestamente desagradaria a Ferreira. A confusão relativa à função que cada um teria na Ajuda manter-se-ia durante vários anos, visto que novamente em 1800, após ter sido novamente desconsiderado por Vandelli, Ferreira jocosamente pediria que ao menos se lhe conservasse "*a honra de ficar sendo official Papelista desta Casa*"²⁸⁸. É importante no entanto analisar as aparentes desentendimentos entre naturalistas com algum distanciamento e atenção. Têm sido vários os autores que têm aproveitado as desautorizações feitas por Vandelli a Ferreira como justificação para teorias conspirativas, onde Vandelli é retratado como invejoso e mal intencionado, chegando mesmo alguns autores a afirmar que teria sido o principal culpado pela desorganização e destruição de parte das coleções que Alexandre Rodrigues Ferreira havia feito durante a sua expedição²⁸⁹. Vários serão os argumentos que permitem desarmar estas teses, como a própria análise do problema das desautorizações e atropelos hierárquicos como práticas infelizmente comuns em qualquer instituição, seja ela científica ou não, pública ou privada, mesmo nos dias de hoje. É normal que Vandelli, que tinha sido o diretor da Ajuda desde o primeiro dia, e que para todos os efeitos ainda o era, não visse necessidade ou pertinência em fazer passar por Rodrigues Ferreira alguma documentação ou assuntos que mais facilmente seriam tratados ou resolvidos diretamente por ele. Embora essa "desconsideração" não configure de facto uma boa prática, dando motivos legítimos ao descontentamento de Alexandre Rodrigues Ferreira, o facto é que não revelam *per si* qualquer tipo de conflito exacerbado como muitos autores pretendem retratar, ainda para mais por em

287 Brigola (2009: 54 - 56).

288 Lima (1953: p. 367-368).

289 Esta teoria é várias vezes apresentada por Miguel Telles Antunes - veja-se Antunes (2003) e Antunes & Balbino (2003).

todos os casos se tratarem de problemas meramente burocráticos e de pouca importância para a vida profissional ou pessoal do explorador. Não será de menos importância lembrar as sempre apreciações positivas que Vandelli sempre fez do seu discípulo favorito, nem a grande consideração que sempre teve por ele ao sugeri-lo para os mais diversos cargos. A proximidade e respeito entre mestre e discípulo estender-se-iam para além do domínio profissional e intelectual. Como prova disso é o próprio facto de Vandelli ter tomado parte em ocasiões de índole pessoal e afetiva da vida de Ferreira como o batizado da sua filha Guiomar Joaquina, realizado a 13 de Setembro de 1807 e que o professor paduano apadrinharia²⁹⁰.

As mudanças não se ficariam pela alteração dos quadros estendendo-se também às regras da administração económica da Ajuda, tendo a 3 de Junho 1795, sido decretado uma importante alteração no sistema administrativo do complexo²⁹¹. Esta plano, intitulado de "*Plano segundo o qual se hão de iscripturar, e fiscalizar methodicamente as Despezas, que se houverem de fazer pela Consignação mensal de quatrocentos mil reis, no Jardim Botanico, Laboratorio, Museo, e Caso do Risco no Real Sitio de Nossa Senhora d'Ajuda*", substituiria o então caótico sistema de gestão interno do complexo da Ajuda por um modelo mais eficiente e controlado, e manter-se-ia em funcionamento praticamente até ao encerramento do estabelecimento em 1836. Sobre o estado presente do museu Vandelli referia:

"Como a casa não foi feita [destinada] para um grande Museu, mas somente para conserva-se as amostras das produções das colónias, que se analisavam, e experimentavam para conhecê-las, e os seus uso, ou que ainda se deviam experimentar; assim não pode nesta caber em armários com distribuição sistemática tudo o que contém este riquíssimo Museu, o qual não inveja pela riqueza, e abundância de produções naturais os mais famosos museus de Europa. A maior parte destas produções estão ainda fechadas em caixotes, como vieram. Muitos animais, e principalmente insectos se perderam por não estarem expostas à vista, para embaraçar a sua destruição. Existem nele muitíssimas produções desconhecidas aos naturalistas, entre as quais muitos minerais das colónias e reino, que ainda se devem engajar. O copiosíssimo herbário das colónias contém géneros, e espécies novas e outras não bem conhecidas. Já estão

290 Lima (1954).

291 AHMCUL Cota 1863

*riscadas e iluminadas muitas plantas e animais. Além disso se acha neste Museu uma boa coleção de diferentes vistas do Brasil, figuras de índios, etc. Este Museu não têm ainda catálogo, e os nomes, que algumas produções têm, necessitam de ser novamente examinados. Eu já fiz o catálogo dos peixes; os naturalistas antes de irem a viajar nas colônias completaram aquele das conchas, e das aves, que naquele tempo existiam; e o jardineiro auxiliado das estampas foi pondo nome a mais algumas produções; além dos catálogos dos minerais, que vieram de Inglaterra, Alemanha e Rússia."*²⁹².

A imagem que Vandelli nos oferece é porventura ambígua. Por um lado apresenta-nos orgulhosamente um museu rico, repleto de material novo e interessante, sobre o qual algum trabalho já estava feito, enquanto outro continuava a ser preparado. A propósito dos trabalhos em curso, é importante referir a informação transmitida por Vandelli de que na Casa do Risco já haviam sido iniciados os trabalhos para ilustrar as coleções brasileiras recolhidas por Ferreira. Por outro lado, a referência à exiguidade do espaço, a impossibilidade física de expor todas as coleções, e a destruição de algumas coleções como infeliz consequência desta situação, estão revestidas de uma crítica subjacente, dirigida não só ao anterior administrador, Júlio Mattiazi, e que Vandelli responsabilizava diretamente por alguns desaires ocorridos com as coleções, mas também ao próprio Governo. Este discurso pode ser no entanto compreendido como uma chamada de atenção ao governo, para ter em conta as melhorias necessárias no complexo de formar a continuar a desenvolver o bom trabalho que havia já começado a ser feito. Zeloso do trabalho de Ferreira, Vandelli sugeriria também que, para que este acabasse por fim a preparação da história natural da sua viagem, sendo para tal dispensado das demais funções e granjeado com habitação contígua ao jardim botânico.

Em 1796 o complexo científico contava com um total de vinte e seis trabalhadores, dos quais doze estariam consignados a trabalhos do Jardim Botânico, e os restantes distribuídos pelas várias funções do Museu e laboratório

292 Cardoso (2003: p 54-55).

químico²⁹³. Para além de Alexandre Rodrigues Ferreira como administrador, o Museu empregava cinco desenhadores e três discípulos de desenho, um fiel, três preparadores, um servente do gabinete e um servente do laboratório, onde nenhum deles, para além de Ferreira, era graduado. A pressão colocada em Ferreira era tal que o respeitado explorador naturalista não conseguiria por vezes disfarçar o azedume. A propósito de um impaciente pedido sobre uma análise de "*colla de Peixe*" do Brasil, Ferreira relembra a D. Rodrigo de Sousa Coutinho que as suas funções como "*Adm.or* [administrador], *o escrevente, o Thesoureiro, o Jardinr.o / alem do q mais he nas 3 Q.tas (Quintas) do Infantado*" impossibilitavam que conseguisse cumprir todas as exigências que lhe eram feitas à velocidade desejada, pois "*como tudo isto se faz mais devagar do que se escreve / porque depressa o q se faz bem he fugir*", o trabalho acumulava-se²⁹⁴. É patente no "*Livro de Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinações, que baixão ao Real Jardim Botânico, Laboratória Chimico, Musêo, e Casa do Risco*"²⁹⁵, diário fiel de toda a atividade do complexo científico da Ajuda a grande azáfama colocada em cima dos seus funcionários e principalmente sobre os ombros de Ferreira. De 1791 aos primeiros anos do século XIX chegariam todos os meses as mais diversas ordens ao complexo. Especialmente dirigidas para o Jardim, ao qual se enviavam dezenas de remessas de sementes para aí postas a germinar, de onde eram requisitados pés de diferentes árvores para ajardinar diversas obras públicas, se encomendavam estudos sobre diferentes plantas economicamente úteis como o tabaco ou plantas medicinais, etc, bem como para o Museu e laboratório químico, de onde se exigiam análises de solos e minérios, opiniões sobre a identificação deste ou daquele animal, ou ainda o empréstimo ou doação de determinados materiais, atividades estas que ocupariam o dia a dia da instituição. Estas atividades, claramente inseridas nas necessidades económicas e numa estratégia

293 "*Relação das Pessoas occupadas no Real Gabinete de Historia Natural e Jardim Botanico. Seus Nomesm Empregos, Ordenados ou Jornaes que vencem, e reparticoens por onde os vencem. Tudo como nella se declara*" in AHMB ARF 24

294 Lima (1953: p. 364)

295 AHMCUL - Cota 1863

nacional, levam-nos a conceber o complexo da Ajuda e os seus funcionários como parte integrante de uma estratégia económica e de desenvolvimento técnico, agrícola e comercial do país. O predomínio destas atividades sobre as atividades de índole sistemática, como por exemplo o acalentado projeto da *História Natural das Colónias*, poder-nos-iam sugerir que para a Coroa Portuguesa, a principal função dos naturalistas seria o de responder às necessidades económicas do Estado, e só depois a produção de obras de cariz sistemático. Embora em parte isso seja verdade, é importante analisar o naturalista e o seu trabalho à luz do que eram os conceitos na altura, e o facto é que na grande maioria dos discursos relativos à natureza da "História Natural" produzidos por Vandelli e pelos seus contemporâneos, não existia uma especial preferência da atividade sistemática face às demais. Muito pelo contrário. A maioria dos naturalistas contemporâneos dedicar-se-iam muitas vezes a responder perante o Estado como conselheiros para determinadas indústrias ou questões onde fossem necessários conhecimentos de História Natural. Mas seriam poucos aqueles que, como Ferreira, acumulariam sozinhos as funções de administração a tempo inteiro do principal complexo científico do país, de principal executor de todos os estudos, análises e experiências encomendados pelo Estado, ao mesmo tempo que teriam que produzir sozinhos uma obra compiladora de vários anos de exploração das mais ricas e desconhecidas regiões do globo.

Para além deste tipo de serviços e atividades, as coleções do Jardim e do Museu serviriam ainda como principais fornecedoras de espécimes e coleções às restantes coleções nacionais - as da Universidade de Coimbra, da Academia das Ciências, de Frei Manuel do Cenáculo. Para a Academia das Ciências, por não haver "*hum Musêo que seja suficiente para as Liçoens e Demonstracçoens do que pertence á Historia Natural cuja applicação, e instrucção dezeja se propague, e difunda pelos seus Vassalos em utilidade delles, e em bem do Estado*", seria ordenado a Vandelli, em Maio de 1795, que se entregasse à Academia "*hum exemplar de tudo quanto no referido Real Musêo se achar triplicado, ou quadriplicado, incluindo-se neste entrega Plantas para o estabelecimento de hum Horto ou Ervario, exceptuando-se porem aquellas cujos géneros e especies novas devem servir para ornar os Catalogos da*

Historia Natural das Colonias Portuguezas"²⁹⁶. Desta transferência, que se processaria ao longo de vários meses, a Academia viria a receber um total de oito mamíferos, vinte aves, quarenta e dois "*Amphibios*", sessenta e cinco peixes e cinquenta e nove "Produçoens d'Arte", boa parte do qual teria proveniência brasileira²⁹⁷. Para Frei Manuel do Cenáculo seria enviada em Julho de 1796, uma coleção de duplicados²⁹⁸. Para Coimbra seguiriam pelo menos duas coleções.

Os primeiros anos do século XIX não conduziriam a grandes alterações nas tarefas diárias no complexo da Ajuda. A Alexandre Rodrigues Ferreira continuavam a chegar ordens semelhantes aquelas que cumpria desde a sua nomeação como administrador. Ora enviava "*Ananazes do Brasil*" para as propriedades reais, receberia pinheiros da "*América Inglesa*", anil e "*sangue de Drago*" de Cabo Verde, trataria dos viveiros necessários para as arborizações de zonas públicas de Lisboa, e manteria a constante gestão das plantas, sementes e coleções que entravam e saíam do complexo²⁹⁹. A Vandelli por sua vez competiria o estabelecimento de novos contactos a nível Europeu, e em especial com a Corte de Berlim³⁰⁰. Ao museu chegariam entretanto várias coleções, tais como os casos

296 AHMCUL Cota 1863

297 "*Lista das Produçoens Zoologicas Recebidas Por ordem de S. Mage Do Real Mozeu d'Ajuda Em Junho, Julho, Setembro, e Outubro de 1795, Apresentadas A Academia Real das Sciencias Dispostas conforme o Sistema de Carlos Lineu Por. L. M. P. S. C.*" in AHMB Rem 435

298 "*A Rainha Minha Senhora he Servida Ordenar que de todas as Produccoens Naturaees que houverem no Seu Real Museo, sendo ellas duplicadas, faça V. M.ce acondicionar hua sufficiente Collecção para entregar a Francisco Jozé Maria de Brito, incluindo-se na dita entrega hua Relação, onde se declare quaes e quantos exemplares se entregão, em conformidade desta Real Ordem. Deos Guarde a V. M.ce. . Palacio de Queluz em 29 de Julho de 1796*" in AHMCUL Cota 1863

299 AHMCUL Cota 1863

300 É essa a sugestão de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que em carta datada de 3 de Janeiro de 1803, refere que. "*O Principe Regente Nosso Senhor, Desejando que os sabios dos seus Reinos se comuniquem com os dos outros Paizes não só para augmento das luzes Nacionaes, mas tambem para que os Estrangeiros conheção o estado de melhoramento das mesmas, Hé Servido remetter a V. M.ce a copia do Paragrafo do Officio do Encarregado dos Negocios desta Corte na de Berlim, a fim de que V. M.ce possa seguir huma correspondência, scientifica com os dous Botanicos nelles conteudos.*" in AHMB CN C98. Seria no entanto já sob a égide do Visconde da Anadia, o novo Inspector do complexo, em Novembro do mesmo ano, que esta relação se estabeleceria: "*O Ill.mo Ex.mo Sr Visconde de Anadia mande diser ao Sr Domingos Vandelli que o caixote com sementes de Plantas Silvestres que hontem se mandou entregar nesse D. Jardim Botanico, e q veio do Maranhão, assim*

de "*huma raridade*" oferecida pelo "*Mestre Fabricante de meias Manoel Lourenço Ferreira*"³⁰¹, vários caixotes "*contendo cada hum quatro Caxilhos de Borboletas*" do Rio de Janeiro³⁰², remessas de curiosidades naturais do Pará enviadas pelo governador Luis Pinto de Sousa³⁰³, caixotes com objetos mineralógicos remetidos de Minas Gerais³⁰⁴, coleções de aves enviadas pelo Vice-Rei do Brasil³⁰⁵, "*pássaros do norte da Europa*" enviados pelo conde de Hoffmanssegg³⁰⁶, memórias sobre as minas de Colbato³⁰⁷, "*cascas de três árvores para analisar as cores que se possam extrair, remetidos da Bahia, para manufacturas nacionais*"³⁰⁸, um "*caixote com duas espécies de árvores de quina descobertas no Rio de Janeiro e Descritos por Vicente Gomes para estudos clínicos*"³⁰⁹, ou várias sementes para semear no Jardim Botânico³¹⁰. Por sua vez, de Goa, Francisco Manuel Barroso da Silva, cirurgião mor do Estado da India e "*Lente de Anathomia, e Cirurgia, e opreçoens*" no Hospital Real de Goa, requeria a 15 de Abril de 1804 uma "*Rellação dos Instrum.tos e effeitos mais precizos para se buscarem, prepararem, arrecadarem e remeteram as couzas naturaes produzidas nas margens maritimas, prayas, rochedoes e territorios das Ilhas de Timor, e Sollor, e outros precizos para presentes aos Rajás a fim de conseguir por elles algumas couzas mais raras, e dificeis de se obterem sem q venhão muito do*

como outro Caixote q ahi se ha-de levar tavez hohe, tambem com Sem.es de outras iguaes Plantas vindas do Cearà, são para o Jardim de Berlim, cuja encommenda fez aquella Corte." in AHMB CN V42. Em Junho de 1804 seriam remetidas a Berlim novo conjunto de sementes (AHMB CN V47)

301 AHMB CN C101

302 AHMB CN V57

303 AHMB CN S51

304 AHMB CB V60

305 AHMB CN V66

306 AHMB CN V63; AHMB CN V64.

307 AHMB CN V61

308 AHMB CN V69

309 AHMB CN V70

310 AHMB CN V 62; AHMB CN V65; AHMB CN V67; AHMB CN V68.

interior dos mesmos Territorios das ditas Ilhas"³¹¹, com o intuito de contribuir para a riqueza das coleções reais. A referida relação apresenta-se interessante principalmente por duas razões. Por um lado, os territórios asiáticos eram aqueles que haveriam sido menos contemplados nas viagens filosóficas. Por outro, a listagem de material necessário assemelha-se em tudo aquela produzida por Vandelli décadas antes para as viagens filosóficas dos seus discípulos, e demonstra claramente o interesse e labor naturalista que alguns personagens da máquina colonial tinham em contribuir para o desenvolvimento das coleções da Ajuda. Se associarmos esta intenção de Barroso da Silva, com a restante atividade da Ajuda no início do século, podemos constatar que os primeiros anos de 1800 seriam de grande atividade naturalista, mantendo de certo modo o fulgor iniciado com as viagens filosóficas.

Por sua vez, os importantes préstimos de Vandelli à Universidade, aliados à grande quantidade de cargos e ocupações que o paduano desempenhava na sociedade portuguesa, levariam a que fosse jubilado da Universidade em 1791. Embora afastado, Vandelli não deixaria de contribuir com opiniões para o futuro da Faculdade de Filosofia e em particular das cadeiras histórico-naturais. O retrato que o paduano traça do ensino da História Natural em Coimbra, num documento dessa data³¹², é revelador de amarga desilusão. Segundo Vandelli os formados em filosofia natural eram desaproveitados pelo Estado e que, para a maioria, a história natural era encarada como uma mera obrigação para prosseguir os estudos médicos. Esta situação, na opinião de Vandelli representava um claro problema para o desenvolvimento económico do país, pois embora tivesse tido "*discípulos de grande talento*", poucos tinham seguido a carreira de naturalista, e assim sendo, questionava-se como poderia o país "*conservar, e aumentar a sua riqueza sem pessoas que conheçam e descubram as suas produções naturais, e que saibam por princípios promover a agricultura, as artes e o comércio?*". Como solução para o problema, e para que se tirassem das ciências histórico-naturais "*as maiores e*

311 AHMB REM. 389

312 Serrão (1994: p. 101 - 103).

possíveis utilidades", Vandelli proporia que as cadeiras fossem regidas pelos "*mais hábeis professores*", de quem faria uma lista circunstanciada, e principalmente "*premiando e aproveitando nos empregos públicos os que mais se distinguirem*". Interessante será também referir que na mesma exposição era desejo confesso de Vandelli a expansão do ensino destas ciências, sugerindo para tal a criação de uma cadeira de Química da Academia das Ciências, bem como de uma cadeira de História Natural e demonstração de Química na Ajuda, para o qual ficariam incumbidos Alexandre Rodrigues Ferreira e Feijó.

O quadro de pessoal que o viria a substituir em Coimbra não seguiria os planos deixados pelo paduano. Para seus substitutos seriam nomeados Francisco António Ribeiro de Paiva (? - 1831), doutor em Filosofia pela Universidade de Coimbra, e que viria a tomar a regência da cadeira de Zoologia e Mineralogia, bem como a direção do gabinete universitário, e Félix de Avelar Brotero (1744 - 1828), botânico formado em Medicina em Reims, França, e conduzido à Universidade pela própria D. Maria I, vindo a ficar responsável pelas cadeira de Botânica e Agricultura e pela direção do Jardim Botânico. A substituição de Vandelli por dois professores revela porventura uma inovação conceptual bastante importante no que toca à evolução das próprias ciências histórico-naturais. Enquanto até 1791 havia na Universidade uma única cadeira que tratava de todos os ramos da História Natural, em 1791 assiste-se à importante separação em duas cadeiras diferentes, a de "Zoologia e Mineralogia" e a de "Botânica e Agricultura". Esta separação, que reflete a cada vez maior densidade teórica que cada uma das três áreas da "história natural" começava a revelar, assumir-se-á também ela como um passo importante no contexto europeu, visto que se trataria de um passo quase que único então. É geralmente considerado que a aula de Zoologia iniciada na fundação do *Muséum national d'Histoire naturelle* em 1793 terá sido a primeira inteiramente dedicada à Zoologia³¹³. A criação da cadeira de "Zoologia e Mineralogia", embora sem uma exclusiva dedicação ao ensino da zoologia como no caso francês, assumia-se como uma primeira iniciativa nesse sentido.

313 Spary (2000: p. 9)

A coroação de D. Maria I levaria a um intenso processo de vistoria às instituições públicas das quais a reformada Universidade faria parte. Francisco de Lemos, ainda no título de reformador da instituição universitária, viria a publicar em 1777 um relatório intitulado "*Relação geral do estado da Universidade*", cabendo a Vandelli a autoria da parte referente ao Gabinete de História Natural³¹⁴.

"Estão acabados estes dous Estabelecimentos e ja se fazem as Demonstrações nos seus Theatros respectivos. Falta fazerem-se os Almarios, para se depositarem os Productos Naturaes, e se accomodarem os que ha ja feitos para os Instrumentos de Fisica Experimental. Necessitam ambos estes Estabelecimentos de Regimento, em que se dem as Providencias necessarias para a sua Direcção e Governo."

Os ditos armários demorariam no entanto a serem concluídos, atrasando-se pelo menos até 1782³¹⁵. No entanto, apenas o "*Auto de Exame e Avaliação dos varios generos e productos de que se compoem dous gabinetes do Museu da Historia Natural que se achão nesta Universidade*" nos permite hoje ter uma noção mais clara do conteúdo e organização do gabinete universitário³¹⁶. O exame, realizado a 20 de Julho de 1779 por vários lentes da Faculdade de Filosofia, incluindo Vandelli, com o objetivo de "*examinarem e avaliarem os varios generos e productos de que se compõem o Muzeu da Historia Natural que o Doutor Domingos Vandelli, Lente das Cadeiras de Historia Natural e de Chymica, tinha na Universidade de Pádua e que para esta Universidade, tinha sido conduzido por ordem e a custa de sua Magestade o Senhor Rey Dom José*", levaria os lentes a apreciar "*todos os productos pertencentes aos tres Reinos da Natureza*". Do museu escreveriam:

314 Lemos (1980)

315 "*O Doutor Domingos Vandelli mo fez sciente q para os Armários que estão a concluir na casa do Reyno Animal pertencente ao Gabinete da Historia Natural desta Universidade se faz necessidade mandar vir com tempo os vidros precizos para estarem promptos logo que concluídos os ditos Armários. O mesmo Doutor pede que sejam de Boémia da mema qualidade de que são os outros q se achão colocados nos Armários das mais cazas pertensas do dito gabinete, os quaes se mandarão vir do Porto, e para q saião mais em conta q se vissem de Leiria visto o preço que nesta cidade é preciso pelo arrátel de vidro que colhido a se faz necessidade [?] tudo foi declarado pelo referido Doutor Domingos Vandelli, á vista dos que dou [?] para ser determinado q [?] fazer. Coimbra da Janeiro 30 de 1782"* in Caixa "Museu de História Natural" – Arquivo da Universidade de Coimbra

316 Caixa "Museu de Historia Natural" – Arquivo Universidade de Coimbra

"[...] no Reino Animal contem o dito Muzeu diferentes preparações anatomicas em seco feitas sobre paineis, esqueletos de varios animaes e varios abortos de idades diferentes, conservados em espirito de vinho; e tambem varias conchas raras entre varios testaceos e lithoficos. No Reino Mineral observarão huma copioza collecção de marmores diferentes da Italia e outros Paizes; outra grande collecção de diversas Minas Metalicas, em que entrão algumas de ouro e prata; outra grande collecção de petrificados, tanto do Reino Vegetal como do Animal: Outra boa collecção de pedras duras e preciosas em que entrão topazios, esmeraldas e chrysolitas, Porphiros, e outras e finalmente terras, tanto primitivas como de [?]. E no Reino vegetal examinarão em primeiro lugar huma copiosissima collecção de Plantas secas bem concervadas e dispostas em claces conforme o Systema de Linneo, em muitos armarios em segundo lugar, huma grande de diferentes madeiras, frutas, sementes e outras couzas semelhantes. Allem do referido examinarão huma grande collecção, quazi completa de medallhas Romanas, entre as quais muitas são de prata e algumas de ouro. com muitas outras da Meya idade, e algumas são modernas, e com lucernas antigas, vasos cinerarios e finalmente huma estatua de um centauro de prata feita com arteficio para se mover por si mesma fazendo diferentes giros e atirando setas. [...] outra collecção que o mesmo Doutor Domingos Vandelli tinha ajuntado depois que veio para este Reino e de que fez doação a esta Universidade e tem servido nas demonstrações das lições publicas da Historia Natural desde o principio da Reforma athe o presente [...] vários monstros humanos, e de vários animaes, huma grande collecção de peixes secos concervados na figura natural e o esqueleto de hum peixe monstuozo, huã copiosissima collecção de Insectos e vermes bem conservados em paines fixados com vidros, outra boa collecção de pássaros também postos em painéis fixados com vidros e conservados na figura natural: Outra collecção de testaceos Lithofitos e Zeofitos: No Reino Mineral acharão huma boa Collecção de mármores, principalmente dos que são descubertos neste Reyno, de terras e pedras diferentes, de muitos petrificados, e concretos e finalmente de muitas Minas Metallicas, e de Carvão de pedra: E no Reino Vegetal, outra collecção de diferentes madeiras, frutas, sementes peregrinas, com varias gomas e rezinas."

Sabemos que por volta de 1782, duas salas estariam completas, embora a maior sala, dedicada ao reino Animal, estivesse ainda por ordenar³¹⁷. Pela mesma altura iniciavam-se planos para a enriquecer as coleções com espécimenes novos, criando assim os primeiros fundos próprios do gabinete. É o caso da viagem encomendada pela congregação da faculdade de Filosofia a José de Figueiredo Brandão, lente substituto. Esta viagem, iniciada em "*dois do mez de Junho de mil e setecentos settenta e nove*", satisfaria sobejamente a comissão universitária "*com a entrega da Rellação por escripto da dita viagem empregrada, e dos productos descubertos nella, e estar tudo entregue no Gabinete, como fazia certo*", e seria pago

317 Carta de Vandelli a Correia da Serra, 28 de Janeiro de 1782 - "*Il museo de questa Università é quasi terminato, due sale sono gia ripiene, é mi manca sol.te la sala maggiore del Regno Animale per por in ordine.*" in Ayres (1927: p. 200)

ao lente, "*Attendendo ao gasto, e serviço que fez ás Sciencias Naturaes*", uma "*quantia de sessenta mil reis da Arca dos Parridos*"³¹⁸. Semelhante viagem faria José Alvares Maciel em 1784³¹⁹. Em 1788 seria oferecido por José Marques Vieira, demonstrador de história natural da faculdade, um "*quadro de Insectos da Família Papilionaceos perfeitos e bem acondicionados [...] superior a onze existentes no Museo; e q compreendem esta mesma Família*", sobre o qual Vandelli consideraria merecer o pagamento de "*ao menos cinco moedas, considerando ao grande trabalho de recolher os ditos Insectos*"³²⁰. Mas rapidamente a faculdade saberia aproveitar-se de outra fonte de para a aquisição de coleções, os próprios alunos. Terá sido assim o caso de Manoel Dias Baptista, aluno de Vandelli, que desenvolveria um trabalho sobre a história natural de Coimbra e dos seus arredores, intitulado "*Ensaio de huma descripção, fisica e economica de Coimbra, e seus arredores*"³²¹. Este trabalho viria a ser apresentado na Academia das Ciências em Julho de 1783 e mais tarde publicado no primeiro tomo das Memórias Económicas da Academia, resultaria uma interessante lista faunística e florística, seguia um esquema lineano, não só pela adoção do sistema do naturalista sueco, mas principalmente por representar um tipo de análise muito semelhante à produzida por Lineu e pelos seus discípulos. Como fruto deste labor, a coleção de produtos feita por Baptista seria entregue no museu em Agosto de 1783³²². Vandelli proporia mesmo que "*como por similhante collecção de producções naturaes se deraõ a outros trintas mil Reis, o Sup.^{te} he*

318 "*Diz José Alvares Maciel que foi expressamente mandado pela Congregação da Faculdade de Filozofia a recolher todas as produçoens naturaes da Serra da Estrela para o Muzeu e Jardim Botânico desta Universidade, e porque para continuar na jornada e viagem selhe faz preciso quarenta e [?] mil reis.*" in Caixa "Museu de Historia Natural" – Arquivo Universidade de Coimbra

319 Caixa "Museu de Historia Natural" – Arquivo Universidade de Coimbra

320 Caixa "Museu de Historia Natural" – Arquivo Universidade de Coimbra

321 Baptista (1797).

322 "*Diz Manoel Dias Bapta, formado na Faculdade de Filosofia, e Medicina que elle por direcção do Lente de Historia Natural fez huma collecção dos Productos que achou ao redor desta Cidade até á distancia de huma legoa em circuito, os quaes entregou ao Muzeu desta Universidade com os nomes dos sitios onde se achão, por isso C. A. V. Sna Dna se digne concder licença pa q o Lente de Historia Nal lhe passe isto mo por certidão afim de que em Junta se lhe conceda pa ajuda de custo o premio que se lhe arbitrar.*" in Caixa "Museu de Historia Natural" - Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra

merecedor da mesma quantia como ajuda de custo, tendo accrescentado com a sua colleção abundante de minas de ferro, cobre etc, este Museo."³²³.

Por essa altura, aos olhos de viajantes estrangeiros, o gabinete apresentava boas coleções de animais terrestres e marinhos, bem como grandes séries de minerais e plantas, tudo organizado segundo o sistema lineano, não sendo inferior à maioria dos gabinetes europeus de então³²⁴. Assistiam-se também na Universidade a algumas inovações do ponto de vista teórico e pedagógico, nomeadamente com a tradução encomendada a Ribeiro de Paiva da obra do naturalista francês Pierre Joseph Bonnaterre (1752 - 1804), "*Introduction aux animaux*"³²⁵. Deste trabalho resultaria a publicação em 1794 da "*Introductiones Zoologicae*" por Paiva, adaptação clara da obra de Bonnaterre e que viria a servir como manual para a cadeira de zoologia da Universidade. Para além do manual, Ribeiro e Paiva tentaria suprir algumas das lacunas do gabinete. A inexistência de vários espécimes naturais necessários ao ensino, e a aparente dificuldade em os adquirir, levariam Ribeiro de Paiva em 1792 a sugerir à direção da Faculdade de Filosofia engenhosa solução de se "*mandarem por em quadros as estampas q andão encadernadas entre volumes*" de diversas obras zoológicas, de forma ser possível ilustrar aos estudantes espécies inexistentes nas colecções³²⁶. Para a aves recorrer-se-ia à obra de Buffon³²⁷, para os "*quadrupedes*" e peixes se deveriam tentar

323 Caixa "Museu de Historia Natural" - Arquivo Universidade de Coimbra

324 "*After a few minutes, he consigned me to the care of two young gentlemen, students of the university, who very politely showed me several of the most striking curiosities of the Museum. I regretted that time would not permit me to examine sufficiently the fine collection of land and sea animals this Museum contains. Here are also a very extensive series of the various classes in the mineral and vegetable kingdoms, arranged according to the Linnaem system. If we may judge from the capaciousnes of the several apartments occupied by these rarities, the Museum of Coimbra is inferior to few in Europe; which is not extraordinary, if we recollect that for ages it has been the repository of the curious productions of nature and of art, pouring in from the Eastern and Western hemispheres.*" in Brigola (2010: p. 61).

325 Carvalho (1872: p. 82)

326 Arquivo da Universidade de Coimbra - Processo do Prof. Ribeiro de Paiva.

327 "[...] logo desde a sua [?] instituição foi destinada p ouro das Liçoins, conservandose no mesmo Museo p suprir afalta de exemplares dessta natureza, e tendo a [?] mostrado á mtos annos [?] p q esta

adquirir e emoldurar as estampas de Buffon e da "*Icthyologia de Bloch*". Pragmaticamente, visto ser uma opção claramente fácil e económica, a solução sugerida por Ribeiro de Paiva seria imediatamente adotada³²⁸, embora, a solução que claramente deveria ter sido entendida como provisória viria a manter-se durante décadas, senão mesmo séculos³²⁹.

Ainda que fosse Coimbra, e não na Ajuda, a única instituição habilitada para a formação académica de naturalistas no país, e a ideia inicial de Vandelli de que o destino das coleções das viagens filosóficas fosse o gabinete universitário, o facto é que a Ajuda se assumiria como o principal Museu nacional e o repositório da grande maioria das coleções que chegavam ao país. Esta situação conduziria a um gritante desfasamento entre ambas as coleções que, embora congêneres e fundadas com o princípio da complementaridade entre elas, se começavam a tornar incomparáveis. Enquanto na Ajuda as coleções atingiam números astronómicos, frutos das viagens filosóficas e ofertas, as coleções de Coimbra eram apenas esporadicamente aumentadas por via de trabalhos dos seus alunos ou ofertas particulares. Enquanto na Ajuda os armazéns abarrotavam de espécimes duplicados, em Coimbra supria-se a falta de materiais com estampas. Contrariamente às opiniões formuladas no início da década de noventa, que o apresentavam como "inferior a poucos", as visões de novos visitantes no final da década e primeiros anos do novo século revelavam uma opinião bastante diferente. Heirinch F. Link, em 1798, considera-o "*insignificante*" e com "*poucas peças dignas*

obra asim como asdemais deste lote perdem mto da sua belleza á prpoprção q as estampas são tratados servindo annual e [?], e q por outra parte pouco utelizão os mos studentess q não podem observar os exemplares de q se trata pela dificuldade q há na transmutação de uns ea outras de hum grande e volumoso livro em e q exugem as mesmas estampas, julgo se deverão por em quadros as sobreditas estampas p boa expedição das Liçõins, interesse do ensino publico, conservação das mesmas estampas, e ornato do Museo" in Arquivo da Universidade de Coimbra - Processo do Prof. Ribeiro de Paiva.

328 "*O Adeministrador das obras mande fazer os caixillos necessarios p.a as estampas de que se trata, e mande tambem buscar os vidros que forem necessarios p aconservação de alguns productos governando-se em qu ao numero grandeza e qualidade pela declaração do lente respectivo. Coimbra em juncta de 11 de [?] de 1792." in Arquivo da Universidade de Coimbra - Processo do Prof. Ribeiro de Paiva.*

329 Como veremos adiante, em 1829 estas estampas ainda seriam usadas para o fim destinado por Ribeiro de Paiva, e algumas destas ainda hoje existem separadas na Biblioteca de Zoologia da Faculdade de Ciências da UC, e outras mesmas mantêm-se emolduradas e expostas no Museu.

de nota"³³⁰. Já no século XIX, aquando da primeira invasão francesas, a mulher de Junot referirá que o gabinete não estaria bem organizado e que presumia que havia deixado de ser enriquecido há algum tempo³³¹.

Contrariamente, o museu da Ajuda, embora se distribuisse apenas por duas salas, era apoiado por salas de depósito/reserva, uma casa do risco, um cartório/livraria e um pequeno laboratório químico. O espaço expositivo encontrava-se dividido em duas salas, a primeira dedicada à mineralogia e outra dedicada à zoologia³³². Entre as duas, distribuía-se também alguns materiais etnográficos dos nativos brasileiros, africanos e asiáticos³³³. A primeira sala de exposição era o local destinado aos objetos do reino mineral, como rochas, minérios e fósseis, existindo, no entanto, algumas peças zoológicas esteticamente espalhadas (Figura 9). Seria uma sala quadrangular, não muito vasta, onde cada uma das quatro paredes dispunha de uma porta ao meio. Em cada ângulo do compartimento, entre uma porta e a seguinte, distribuía-se quatro armários de mogno envidraçados - formando um total de dezasseis - contendo toda a coleção que na verdade, não era preciosa pela quantidade mas sim pelo valor dos objetos, sobretudo de alguns dos fragmentos nobres das minas de metais, seguindo a ordem estabelecida por Lineu no *Systema Naturae*. Para além dos armários, a sala encontrava-se equipada com duas mesas, dispostas em dois dos lados da sala onde

330 Brigola (2010: p. 73).

331 "*Le cabinet d'histoire naturelle n'était pas bien organisé, et je ne présume pas que depuis cette époque il ne se soit augmenté. Vandelli, l'homme par excellence alors en Portugal, avait fait l'arrangement du cabinet de Coimbre d'après le système de Linné_ ce dont je l'approuve fort; mais il est moins remarquable que le cabinet et la collection d'instrumens de physique.*" in Brigola (2010: 86-87).

332 Sobre esta "recriação" veja-se Brigola e Ceríaco (*in press(a)*)

333 Não constando em qualquer referência dada por visitantes estrangeiras nem em catálogos específicos de cada sala, a sua presença é atestada no inventário de Alexandre Rodrigues Ferreira (1795), bem como nos próprios materiais que ainda hoje existem no Museu Maynense da Academia das Ciências de Lisboa e no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

se expunham uma coleção de cerca de cinquenta amostras de rochas polidas (“mármore”) de Portugal³³⁴.

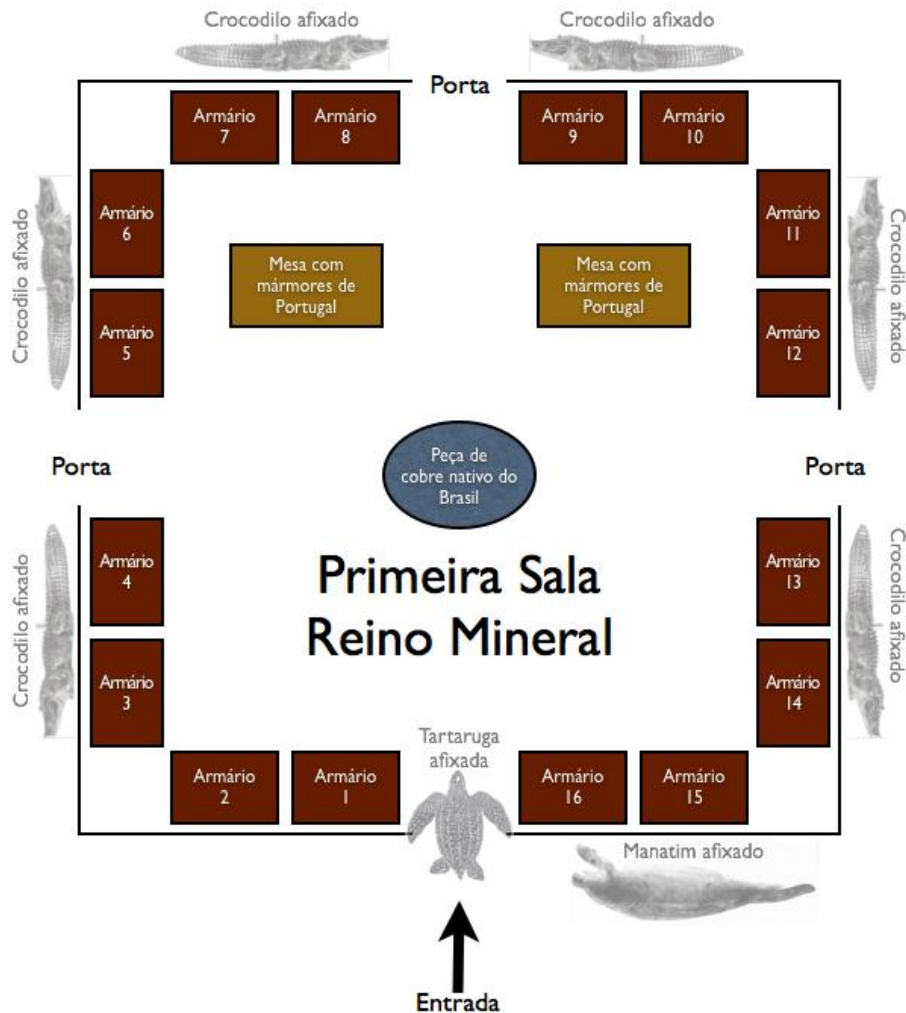


Figura 9 - Esquema da organização geral da primeira sala do Gabinete. Esquema por Luis Ceriaco.

334 Estas duas mesas puderam ser vistas na antiga sala de Paleontologia da Escola Politécnica, mais conhecida como Sala do Veado, até ao incêndio de 1978, onde viriam a ser consumidas pelo fogo. Seriam duas mesas tipo “consola”, que permitia que se encostassem à parede, com várias amostras de rochas polidas incrustadas no tampo. Teriam pernas em forma de “S”, e sobre os dois cantos externos de cada mesa encontravam-se representados em baixos relevos de latão, ocupando uma área de, aproximadamente, 5x5 cm, bustos femininos representado as 4 estações, em que numas das mesas estariam representadas o Outono e o Inverno, e na outra a Primavera e o Verão (Liliana Póvoas, comunicação pessoal). Uma destas mesas pode ser vista numa fotografia da Sala do Veado (anos 40 do século XX), num dos cantos da sala, encostada a uma porta. Existem no Museu Nacional de Ciencias Naturales de Madrid alguns exemplares semelhantes.

Por cima dos armários encontravam-se afixados às paredes, lateralmente, seis enormes crocodilos do Brasil, um manatim (*Trichechus manatus* Linnaeus 1758)³³⁵ e, sobre a porta de ingresso, uma tartaruga de couro gigante (espécie descrita por Vandelli em 1761, actualmente *Dermochelys coriacea* Vandelli, 1761³³⁶) com "quatro braços" de comprimento, capturada na costa de Peniche³³⁷. Ao centro da sala estaria exposto em cima de um pedestal de mármore uma das peças mais importantes e espetaculares de todo o Gabinete -o grande pedaço de cobre nativo da Caxoeira. Este grande exemplar, símbolo máximo das riquezas da natureza brasileira, ocupava ali lugar de destaque, mantendo-se como uma reminiscência dos antigos gabinetes de maravilhas, não obstante o seu valor e interesse científicos. Esta característica, de hibridismo conceptual, é um exemplo perfeito dos traços gerais da Ajuda, bem como dos gabinetes portugueses de história natural do século XVIII, ou seja, a adoção de métodos classificativos modernos, mas ao mesmo tempo a manutenção do curioso, do maravilhoso e do espetacular, herança direta dos gabinetes de curiosidades e maravilhas tardorenascentistas e barrocos. Da segunda sala expositiva possuímos uma descrição menos detalhada (Figura 10). A sala da zoologia deveria ser uma sala semelhante à

335 Sobre um exemplar muito semelhante e da mesma origem deste (senão o mesmo), ainda hoje existente no Museu de Ciência da Universidade de Coimbra, ver Almaça (1998).

336 Sobre a descrição desta espécie por Vandelli ver Fretey & Bour (1980), e sobre este espécimen em particular, que ainda existia no Museu de Lisboa, então na Escola Politécnica, no início do século XX, ver Bethencourt Ferreira (1907, 1911). "*Deux autres exemplaires de Tortue marine de l'espèce généralement connue sous le nom de Tortue luth sont dernièrement parus sur les côtes du Portugal, où elles échouent très rarement. L'exemplaire de cette espèce le plus ancien du Muséum est un adulte de grandes dimensions, capturé à Peniche, au commencement du siècle dernier (1808?) et qui aurait été mentionné par Vandelli (Bocage)*" in Ferreira (1907: p. 83); "*Il existe au Museum de Lisbonne, faisant partie de la collection primitive, formée aux dépens de objets réunis à l'ancien Muséum Royal (d' Ajuda), un exemplaire de Tortue luth très ancien, dont nous avons pu faire l'identification grâce à un manuscrit extrait des Archives du même établissement, où son fondateur, le regretté professeur B. du Bocage a réuni quantité de documents intéressants pour l'histoire de l'institution et en particulier des Sciences naturelles en Portugal.*" in Ferreira (1911: p. 59), onde existe também o fac-símile de um documento escrito por Vandelli referente ao mesmo exemplar.

337 "*Al di sopra degli scaffali sono affissi alle pareti lateralmente sei grossissimi cocodrilli del Brasile, ivi detti volgarmente jacaré o giaccaré, e da Linneo (Lacerta alligator), il più grande dei quali ha una lunghezza non minore di braccia dieci. Evvi pure un grosso vitello marino (Trichechus manatus Lin.), e sopra la porta d'ingresso una testuggine coriacea bi braccia quattro, presa sulla coata di Peniche presso Lisbonna.*" in Orlandini (1817) cit. in Brigola (2010: p. 120); e "*La première est toute consacrée à la minéralogie, sauf quelques crocodiles et tortues qui tapissent les murs au-dessus des armoires.*" in Tollenare (1816) cit. in Brigola (2010: p. 116).

primeira, e no seu seguimento, continha os espécimes animais distribuídos segundo o método lineano³³⁸, sendo principalmente rica em coleções de animais do Brasil, nomeadamente mamíferos, aves e insetos, num ótimo estado de conservação³³⁹. A maioria das coleções estaria colocada nos cerca de dezasseis móveis de mogno envidraçados³⁴⁰, como na primeira sala, mas também em quatro banquetas³⁴¹, por cima dos armários, e, alguns peixes, pendurados no teto³⁴². A ordem estabelecida seguiria o sistema lineano no que toca à disposição dos diferentes grupos pelos armários, pelo que os primeiros três armários da esquerda seriam dedicados aos mamíferos, os quatro seguintes às aves, dois dedicados aos

338 "Most of the articles [...] and are all arranged according to the Linnaen system." in Neale (1809) cit. in Brigola (2010: p. 99)

339 "This leads to the second, which is filled with beasts, birds, insects, and fishes, in high preservation, with a beautiful collection of shells (Soon after, all these things were packed up, to be sent to the Brazils; it being thought that the British were about to evacuate the country)" in Hawker (1810) cit. in Brigola (2010: p. 103).; "La collection des oiseaux, des poissons et des coquilles est riche et contient beaucoup de choses nouvelles, qui mériteroient d'être décrites et nom de rester enterrées ici sans aucune utilité." in Abildgaard (1895-96) cit. in Brigola (2010: p. 65).; "The collection of butterflies is far the best preserved and most perfect, that I have seen; many of them very large, and as beautiful as can be conceived; they all came from the Brazils; the birds are also fine." in Cockburn (1815) cit. in Brigola (2010: p. 110).; "a principale richesse des collections de Youda se forme de mammifères, d'oiseaux et d'insects. [...] Ce que'il y a surtout de satisfaisant, c'est que tous ces animaux sont d'une conservation parfaite. On m'en a dit la raison. Presque tous proviennent d'un envoi qui ne remonte pas à plus de deux ans." in Saint-Hilaire (1808) cit. in Brigola (2010: p. 91).

340 "Most of the articles are placed in mahogany glazed cases [...]" in Neale (1809) cit. in Brigola (2010: p. 99).

341 Este número é inferido através da referência contida no título de um manuscrito, infelizmente desaparecido, intitulado de "Catalogo de todos os animaes, e mineraes, que se achão arranjados nos trinta e dois armários, e quatro banquetas do Real Muzeu. Feito em Dezembro de 1810. (In Autos do Inventário ..., ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Offícios. 1837-1843.) dá-nos então conta de que o número de armários respeitantes aos artigos zoológicos, somados aos 16 já referenciados que continham os espécimes geológicos, era 32, o que nos deixa com o número final. Assim sendo, podemos perceber que as duas salas seriam, em termos de disposição e arrumos, bastante semelhantes.

342 "No tecto da Sala: *Squalus Zygaena* [...] 1, *Squalus Squatina* [...] 1, *Squalus mirimocellas* [...] 1, *Raja rhinobatoides* [...] 1, *Raja* sem n^o especifico 2" in "Catalogo dos Peixes do Real Museo", Ms 2441 Biblioteca Central do Muséum. Estes exemplares, nomeadamente os de *Raja* seriam iguais aqueles ilustrados no encaduto ilustrado "Riscos De Alguns Mammaes, Aves, e Vermes do Real Museo de Nossa Senhora d'Ajuda, Ditos de Peixes, e Vermes de Angola, com o Prospecto da Embocadura do Rio Dande, Ditos de varios Animaes raros de Moçambique, com alguns prospectos, e Retractos." (AHMB Res. 1).

répteis e anfíbios, quatro aos peixes, dois aos invertebrados e o último às monstruosidades³⁴³.

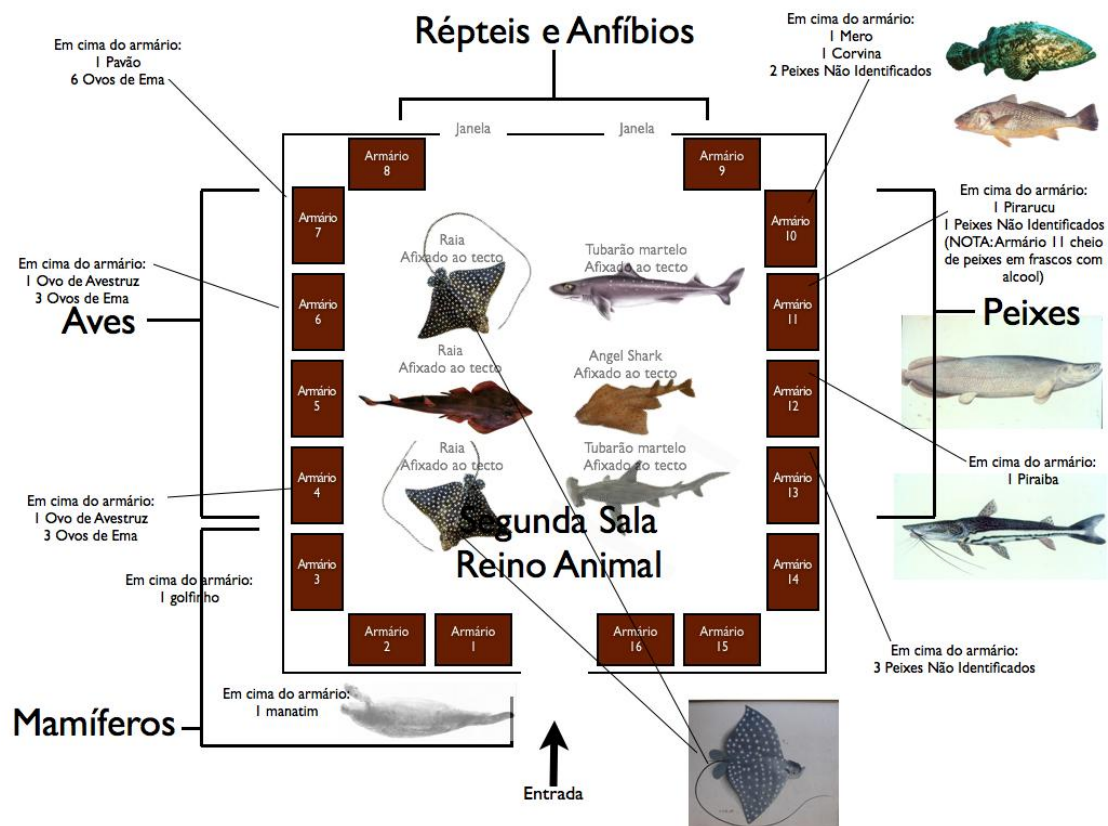


Figura 10 - Esquema da organização geral da parte superior da segunda sala do Gabinete. Muitos dos animais representados são reproduções directas daqueles presentes no AHMB. Esquema por Luis Ceriaco.

Espécimenes de maiores dimensões encontrar-se-iam expostos no centro da sala. Para além das coleções de vertebrados, a sala teria também expostos vários exemplares de invertebrados e estariam em parte expostas nas quatro banquetas existentes na sala. No chão, por baixo destas banquetas existiam ainda

343 A inferência desta disposição deve-se à conjugação da informação disponível em documentos do Ms 2441 da Biblioteca Central do Muséum, onde temos a informação de que as aves ocupariam os armários 4, 5, 6 e 7, e que os peixes ocupariam os armários 10, 11, 12 e 13, e da lógica lineana que colocava a ordem classificativa a iniciar-se na classe dos mamíferos, seguida da das aves, dos anfíbios e répteis, dos peixes e só após isso os invertebrados. A nossa atribuição do ultimo armário dedicado às monstruosidades não é cem por cento fiável, mas, tendo em conta que muitos viajantes referiam claramente a existência de um armário dedicado a estes tipo de espécimenes, e visto este conter "monstros" das diversas classes, consideramos que muito provavelmente seria esta a sua ordenação.

vários exemplares de aves³⁴⁴. Devido ao exíguo espaço das duas salas expositivas, seria nos armazéns de reserva/depósito que a maior parte da coleção se encontraria, encontrando-se a maioria dos animais guardados apenas em pele ou em esqueleto, ou ainda mesmo guardados em caixas, devido ao escasso espaço para exibição. Para além do espaço das coleções, havia também um cartório/livraria, de área reduzida, mas de considerável riqueza em livros e manuscritos, e uma sala de preparação, com todo o material necessário às operações de taxidermia dos espécimes zoológicos, onde se incluíam alguns armários para depósito de químicos, folhas de flandres, frascos para a conservação em álcool, instrumentos, caixotes para envios, e mesa de preparação, em cobre.

Em Coimbra, a documentação existente revela que os gastos feitos com o gabinete se baseavam no arranjo e manutenção, e não propriamente na aquisição de novas coleções³⁴⁵. De modo a contrariar a situação, e de algum modo equilibrar o desfazamento que se faria sentir entre a Ajuda e Coimbra, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, na qualidade de Presidente do Real Erário, alertaria em Novembro de 1801 para a "*necessidade que há de estabelecer a devida correspondência entre o Jardim Botânico da Ajuda e o da Universidade, para que se não sinta a falta nos Produtos e Plantas no Museu e Jardim Botânico da Universidade*". Assim sendo e com autoridade régia, ordenaria a troca imediata de duplicados entre as instituições, devendo todos estes duplicados entregues a João Luís Rodrigues Villar, mestre Jardineiro de Coimbra³⁴⁶. Não é conhecida qualquer documentação que registe a quantidade e qualidade das coleções transferidas nesta altura da Ajuda para Coimbra. No entanto, é bastante bem conhecida a lista detalhada, dos quais alguns espécimes ainda hoje subsistem nas coleções coimbrãs, que

344 "*Debaixo da 4ª banqueta da Conchiologia . Anas Anser [...]*" in "*Catalogo das Aves do Real Museo*", Ms 2441 Biblioteca Central do Muséum

345 Arranjo dos armários do gabinete de zoologia. É comprado grude, brochas de corda e pimenta para selar as físgas dos armários. "Mande hum arrate de Pimenta para se deitar no grudo por cauza da trasa não emtrar pellas físgas q se tapao nos Armários de Estoria Natural." Caixa "Museu de História Natural" – Arquivo da Universidade de Coimbra. (há 4 documentos referentes a esta compra)

346 Brigola (2010: p. 71)

elencava as ricas coleções enviadas da Ajuda para Coimbra em 1806³⁴⁷. Com esta transferência o gabinete da Universidade ficaria provido de algumas das suas mais importantes coleções, visto boa parte dos espécimes ter proveniência brasileira, quer da viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira, quer de outras coleções brasileiras como o caso da de Veloso. No entanto, a intenção de enriquecer o gabinete não ficaria apenas por este tipo de doações. Era, no ver da Universidade, necessário continuar o projeto das viagens filosóficas (algo que se manterá sempre nos planos da Universidade) de modo a conhecer cada vez mais a natureza dos territórios ultramarinos e ao mesmo tempo enriquecer as coleções do gabinete com novidades científicas que só por si granjeariam fama à Universidade. Assim, no mesmo ano em que chegavam a Coimbra as coleções enviadas da Ajuda, seria ordenada pelo reitor da Universidade uma nova viagem filosófica, desta vez ao Pernambuco e chefiada por Luís António da Costa Barradas, doutor em Filosofia, com o *"fim de colligir productos e plantas com as competentes descrições, e fazer remessas d'estas collecções para a Universidade"*³⁴⁸. Não possuímos qualquer tipo de informação relativa à viagem filosófica de Barradas ao Pernambuco (embora este venha a perfilar nos quadros da Casa de História Natural, também conhecida como *"Casa dos Pássaros"* do Rio de Janeiro alguns anos mais tarde), o que nos leva a suspeitar que esta ou não se tenha realizado, ou não tenha sido bem-sucedida. No ano seguinte o Conselho da Faculdade de Filosofia colocava novamente como um dos primeiros pontos das suas resoluções concernentes ao gabinete a necessidade de *"sem perda de tempo, em fazer uma collecção de todos os productos do reino e colónias, alem das collecções instructivas, que se devem adquirir, por serem necessárias e indispensáveis para bem do ensino"*, bem como a catalogação *"de todos os productos existentes no dicto gabinete, e que sirva desde já de inventário."*, e que o

347 AHMB ARF 26a

348 Carvalho (1872: p. 85)

mesmo se imprimisse "*para se estabelecerem trocas com os outros estabelecimentos análogos*"³⁴⁹.

Para além das coleções da Ajuda, de Coimbra e da Academia formar-se-iam ainda outras coleções dedicadas à História Natural - a de Frei José do Mayne (1723-1792) e de Frei Manuel do Cenáculo (1724-1814). Frei José do Mayne, religioso do Convento de Nossa Senhora do Jesus de Lisboa e Geral da Congregação denominada Terceira Ordem da Penitência em 1780, confessor de D. Pedro III, havia investido todos os seus bens pessoais na compra de material didático, como livros, documentos, instrumentos de física e espécimenes de história natural. Da coleção sabemos que algum material teria origem russa como aves, animais embalsamados, minerais do Cáucaso e da Sibéria, bem como caramujos e conchas da Rússia que houveram sido adquiridos a um negociante do Porto, chamado Nicolau Kopke, bem como a aquisição de quadros de índole naturalista encomendados ao pintor Bernardino da Costa Lemos³⁵⁰. Esta grande coleção, situada no Convento de Jesus, seria doada à Real Academia das Ciências, da qual Mayne como sócio, proporia em 1792 que fosse utilizada para a criação de uma aula de "História Natural Teológica".

Por sua vez Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, um dos vultos máximos do Iluminismo português, marcaria a sua época de forma determinante. Em Portugal, conduziria diversos cargos de grande importância, granjeando do respeito e consideração de Pombal. Eleito em 1768 provincial da ordem terceira em Portugal e deputado da Real Mesa Censória, em 1769, foi nomeado confessor do príncipe D. José, tendo no ano seguinte sido nomeado para o cargo de preceptor do mesmo, ficando responsável pela instrução do jovem príncipe. Também em 1770 seria nomeado Bispo de Beja, cargo esse, que desempenharia até 1802, e mais tarde com o intuito de reformar os estudos em Portugal, toma o cargo de presidente da Junta da Providência Literária, cargo este que em 1772, se transformaria na função de

349 Carvalho (1872: p. 85)

350 Carvalho (1987)

presidente da Junta do Subsídio Literário³⁵¹. Em 1802 seria nomeado arcebispo de Évora, para onde se deslocaria, transportando consigo todo o espólio das suas coleções museológicas e bibliográficas.

Durante a estadia em Lisboa, Frei Manuel do Cenáculo contactaria com indivíduos e instituições recém-criadas da capital, ligadas ao movimento que havia fundado os primeiros estudos e coleções de História Natural no país³⁵². Pela sua grande proximidade ao paço e também pela sua assumida função pedagógica, é perfeitamente razoável considerar que Frei Manuel do Cenáculo, enquanto preceptor do príncipe D. José, tenha visitado e utilizado o complexo da Ajuda. O interesse de Frei Manuel do Cenáculo por materiais relacionados com a História Natural encontra-se bem patente na sua correspondência, que, para além das coleções ainda hoje existentes no Museu de Évora, como a sua coleção de livros referentes ao tópico presentes na Biblioteca, algo que constituí uma das principais fontes que nos permitem hoje compreender esta faceta esquecida da sua atividade museológica. Encontram-se na extensa correspondência de Cenáculo várias referências á aquisição e troca de espécimenes de história natural, bem como a ofertas que lhe foram feitas, por uma variedade de personalidades nacionais e internacionais. Um dos primeiros contactos recebidos por Cenáculo relativo à troca de material de História Natural, daria origem a uma das remessas mais interessantes e de maior vulto. O Barão de Hupsch de Lontzen, de Colónia, abastado e ilustrado naturalista, apresenta-se a Cenáculo através de carta, datada de 1771, propondo-lhe o estabelecimento de uma série de correspondência científica entre ambos, bem como o interesse de trocar espécimenes de história natural³⁵³. Não existe qualquer referência de que Cenáculo tenha de facto

351 Vaz (2009).

352 Veja-se Brigola (2003) para uma listagem detalhada das instituições do género existentes na capital portuguesa durante esta época. Das mais importantes, refira-se o Museu particular do Marques de Angeja, o Real Jardim Botânico e Gabinete de História Natural da Ajuda (1768), como também a colecção privada de Frei José do Mayne, no Convento de Nossa Senhora do Jesus em Lisboa, convento este onde Cenáculo também estudou.

353 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 566 CXXVII/1-4

respondido positivamente ao pedido de trocas (pois não existe também qualquer referencia que nos demonstre que Cenáculo possuía os produtos desejados pelo Barão), mas é bem provável que tenha seguido a sugestão de compra dos ditos materiais³⁵⁴. Por outro lado, o Barão de Hupsch, naturalista entendido e possuidor de uma Museu com mais de seis salas³⁵⁵, percebia a importância de Portugal como fonte privilegiada de produtos naturais do Novo Mundo, especialmente devido aos seus territórios ultramarinos, e por isso, para além do pedido endereçado a Cenáculo, pede também que lhe faculte contactos de outros colecionadores portugueses, de modo a que pudesse estabelecer contactos similares aquele que tinha estabelecido com Cenáculo³⁵⁶. Terá muito provavelmente sido através de Cenáculo que o mesmo Barão tenha adquirido o contacto de Domingos Vandelli, também ele contactado pelo Barão em Abril de 1773³⁵⁷.

Vandelli também recorreria e trocava impressões sobre coleções e História Natural com Cenáculo. Através das mãos do seu sobrinho Francisco José de Maria Brito, Cenáculo conseguiria das coleções da Ajuda, “*nove caixoens*” com duplicados de “*produções naturais*” incluindo diamantes³⁵⁸. Cenáculo não deixaria nunca de

354 Um grande número destes produtos existe ainda hoje no acervo Museu de Évora. Não existindo qualquer referencia da aquisição ou oferta deste tipo de materiais ao Museu em tempos posteriores a Cenáculo poderemos, embora sempre sem certezas, apontar como possível origem de alguns dos materiais actualmente presentes no Museu ao Barão de Hupsch.

355 “*Comme j’ai me corresponde fort étendue parmi toute l’Europe, et outre cela un des plus grands cabinet, qui s’étend en six chambres, je pourrai par consequent fourmir toutes sortes de curiosités à votre Excellence, soit Mineraux, agates, pierres serpentines, Petrifications, marbres, albatros, Pierres Poudinques, et toute d’autres curiosités de nons contrées, de la saxe, Boheme, Suisse, Tiyrole, France, Pais-bas, Hongrie, etc etc.*” in BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 566 CXXVII/1-4

356 “*Votre Excellence me pouvoit faire une grande grace, si elle daignoit de me prouver la connoissance et la corresponde de quelques grands amateurs, comme Princes ou Comtes d’autres villes en Portugal, qui commencent à rassembles des Cabinets et à qui j’offre de fournir toute sorte des curiosités pour leurs collections à un prix raissonable ou en echange d’autres curiosités; car je vois que cette Proposition sera sans doute fort agreable aux Amateurs, que desirent d’avoir des curiosités étrangères en attendant l’honneur d’une response je suis avec le plus profond respect.*” in BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 566 CXXVII/1-4

357 Brigola (2003); AHMB CE B 77.

358 AHMCUL Cota 1863

estar a par sobre o que se passava nos estabelecimentos nacionais ou internacionais. Disso são exemplos as novidades reportadas por Vandelli sobre os estabelecimentos científicos Universidade³⁵⁹, o caso do Real Gabinete de História Natural de Madrid sobre o qual Cenáculo é informado por Diogo de Melo aquando da sua visita a Madrid em Março de 1778³⁶⁰. Também sobre o Museu Madrileno, nomeadamente sobre a sua coleção de minerais, remete Ambrósio Joaquim José dos Reis uma carta a Cenáculo, a 6 de Junho de 1794³⁶¹. A remessa de materiais de História Natural, antiguidades e moedas manter-se-ia constante durante todo o resto da sua vida. Citemos alguns exemplos: em 1773, numa carta enviada por António Pereira Palha a 11 de Dezembro, comunicava a Cenáculo que lhe iria enviar algumas medalhas de ouro do Imperador António Pio e que, sabe pelo Dr. João Rosado que Cenáculo se interessa por antiguidades para o seu museu³⁶². A 18 de Setembro de 1782 José Sanches Brito comunica que lhe ia enviar alguns exemplares de História Natural bem como uma lâmina do Calvário³⁶³; no ano seguinte, a 15 de Dezembro, José Sanches de Brito envia, por intermédio de Frei Vicente Salgado, um caixote com cristais e outros produtos da Natureza³⁶⁴; a 18 de Outubro de 1785, Dona Luísa Margarida Leonor Weinholtz envia-lhe um “*bicho da américa*”³⁶⁵, muito provavelmente um tatu (*Dasypus novemcinctus*, L.) ainda hoje existente no Museu de Évora; a 1 de Julho de 1788, João de Sousa Damasceno questiona Cenáculo sobre os seus interesses para o Museu, visto que possuía “*Conchas e outros mariscos; Cobras, peixes conservados na mesma pelle, e outros animaes; como tabem huma pequena criança conservada em spirito de vinho [...]*”

359 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 1413

360 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 1371

361 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 43 CXXVII/1-1

362 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 329 CXXVII/1-2

363 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 3194

364 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 3197

365 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 3549 CXXVII/2-7

que poderia remeter “*com o mais, que são alguns mineraes, petrificaç\oes, cristalizações, e Medalhas: Estas com os mineraes, e petreficações vêem cada couza embrulhada em seu papel e explicada [...]*”³⁶⁶; e finalmente, o contacto de José João Pinto de Vasconcelos que comunica, a 3 de Junho de 1792, a Cenáculo que um amigo seu tem uma coleção de medalhas, uma concha preciosa e um medalhão da fundação de Cartago por 25 moedas³⁶⁷ O mesmo volta ao contacto de Cenáculo, a 25 de Junho do mesmo ano, para dizer que já têm em sua posse a coleção de medalhas e a concha do Malabar, esta ultima que comportava “*dois barris de agua*”³⁶⁸.

366 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - CXXVIII/1-4, Doc. N.º 50

367 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 2159 CXXVII/1-11

368 BPE - Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 2160 CXXVII/1-11. Esta concha existe ainda no acervo do Museu de Évora.

Capítulo 4 - O papel das coleções no discurso naturalista, pedagógico e filosófico

Em 1788 foi publicado por Vandelli o "*Diccionario dos Termos Technicos de História Natural*", obra que viria dotar os alunos de Coimbra com um complemento à bibliografia base da cadeira de história natural, o *Systema Naturae*. A publicação do "*Diccionario*" representaria muito mais do que a publicação de um complemento pedagógico, pois tratava-se da inequívoca adoção da escola lineana por parte da Academia Portuguesa, sendo o objetivo e a estrutura da obra eram claramente indicados na sua introdução³⁶⁹. É importante contextualizar o papel das coleções naturalistas na realidade pedagógica da Universidade de Coimbra. A experimentação, marca fundamental da "nova ciência" (em oposição à escolástica), assumia-se como a principal bandeira e método do ensino moderno. Ora, contrariamente à química e à física, onde os conceitos e ideias se poderia "experimentar" de forma laboratorial ou seguindo determinados protocolos experimentais (i.e. a imagem geral que temos de uma "experiência científica"), a experimentação nas ciências histórico-naturais assentava especialmente na observação do ser ou objeto em estudo por parte dos alunos. Para reconhecer que determinado animal possuía determinadas características, seria necessário ao aluno "experimentá-lo", ou seja, analisar pelos seus próprios olhos se o saber plasmado nas obras se manifestava no mundo real. Essa mesma experimentação seria também ela necessária para a classificação e ordenação sistemática do mundo natural, pois, só na presença do material a classificar, os alunos poderiam encontrar as diferenças e as semelhanças que lhe permitiam colocar o ser em determinado grupo.

369 Vandelli (1788).

Esta posição estaria bem patente em vários textos de Vandelli. São vários os exemplos que poderíamos citar da consideravelmente extensa obra de Vandelli, mas parece-nos ser o manuscrito não publicado "*Memória sobre a utilidade dos Museus de História Natural*"³⁷⁰, aquele que sintetiza de forma mais completa e interessante todo o seu pensamento relativamente ao tema. Este documento, datado de 1787, de que algumas partes viriam a ser mais tarde aproveitadas para a introdução do "*Diccionario*", expõe os três principais temas da "ciência vandelliana": a importância da história natural para a economia, tópico que exploraremos mais adiante, a teologia natural e o conhecimento sistemático da natureza. Segundo Vandelli, os museus teriam duas funções principais - "instruir" e "divertir"³⁷¹.

Ao referir-se à instrução, Vandelli referia-se a algo bem mais amplo do que o ensino universitário. A instrução dos povos, tema tão caro ao Iluminismo Europeu, pretendia trazer novas luzes a todos aqueles dispostos a procurá-las, luzes estas que tinham duas funções primordiais: o desenvolvimento da sociedade em todas as suas vertentes (sociais, económicas, técnicas, etc.) e a procura do plano geral da natureza, que na maioria dos casos não era nada mais do que a procura do plano geral de Deus. A utilidade do estudo das coleções expostas nos museus seria útil a várias indústrias, artes e atividades humanas. Passado o seu período de afirmação no panorama social e científico nacional, Vandelli tornar-se-ia, principalmente após a morte de Pombal, uma das personagens mais influentes e poderosas da sociedade Portuguesa de então. Pese a grande especialização científica e técnica do naturalista, a sua atividade não se encontrava de modo algum estancada no seio dos museus, academias e universidades, muito pelo contrário. Exatamente devido à sua grande bagagem teórica, a personagem do naturalista começava a assumir-se como uma personagem de relevo na sociedade iluminista. A grande importância que começava a ser dada aos conhecimentos da natureza e o crescente reconhecimento que só através do estudo das várias produções naturais se poderia fazer com que a

370 Cardoso (2003: p. 59)

371 Cardoso (2003: p. 62)

economia crescesse e se diversificasse, tornavam o naturalista como ator principal no contexto da economia fisiocrática de então. Por toda a Europa os naturalistas começariam a ser contratados pela Coroa como consultores, administradores ou responsáveis pela elaboração de planos para a melhoria desta ou daquela indústria³⁷².

A importância da atividade naturalista para a economia não se resumia à consultoria dos naturalistas pela Corte. Os próprios estabelecimentos científicos eram locais multidisciplinares, onde várias camadas de interesse se sobrepunham sendo por vezes difícil distinguir os limites que as separavam. Os jardins botânicos, por exemplo, eram locais de excelência para o estudo da diversidade vegetal do país e das colônias, mas este estudo não se encontrava desligado da procura por novas matérias primas para a medicina, a arte ou a indústria³⁷³. Poder-se-á mesmo afirmar que terá sido a simbiose entre o interesse científico económico que terá assegurado o desenvolvimento destes estabelecimentos. A atividade classificativa do naturalista é claramente independente do interesse económico associado ao espécimen, ao mesmo tempo que o uso e aplicação das matérias primas dele extraídas não é no geral influenciada pelo sistema classificativo usado para o identificar. Mas a junção destas duas atividades seria benéfica para ambas. O naturalista era brindado com a enorme diversidade biológica que lhe chegava às mãos, fruto do interesse económico em encontrar novas matérias primas, enquanto os agentes económicos beneficiavam bastante da existência de um sistema classificativo e nomenclatural que lhes permitia uma mais fácil identificação das espécies pretendidas e informação sobre as melhores formas de

372 "Finally, and increasingly during the reign of Louis XVI, naturalists began to be recruited by the Crown as consultants. This process reveals the extent to which their claims of hegemony over the natural world were becoming accepted in government circles: decades of appointing ministers as honorary academicians had paid off. But the act of serving as consultant consolidated that expertise, especially within the public domain. Throughout the second half of the eighteenth century, the state liaised with savant bodies - the Académie Royale des Sciences, the agricultural societies, the Jardin du Roi, and the Observatoire. Savants were often employed as administrators and consultants, as for example in the royal manufactures of Sèvres and Gobelins, the Ponts et Chaussées, and countless inspectorates of fisheries, eaux et forêts, manufactures, and hospitals, of the old regime." in Spary (2000: p. 21).

373 Spary (2003)

as obter e utilizar. Esta relação não se resumiria pois ao jardins botânicos, mas estender-se-ia também aos museus. Através da análise dos solos, do minerais, mas mesmo de alguns animais e das suas partes, como o caso das penas das aves, das glândulas do viverrídeos, etc., os naturalistas providenciavam mananciais de informação passível de ser economicamente aproveitável, o que em parte justificava o seu crescente consumo de recursos para aumentar e estudar as coleções. Outro importante exemplo desta relação entre economia e ciência é o caso da aclimação de plantas e animais exóticos. A tentativa de introduzir novas culturas agrícolas quer na metrópole quer nas colónias teria como bases os jardins botânicos. Eram eles a antecâmara experimental da introdução de novas culturas nos diversos locais. Lineu seria um dos principais fomentadores da ideia da aclimação, tendo tentado, através da importação e troca de sementes, provir a agricultura sueca com a mais diversas variedade de culturas vegetais³⁷⁴. Esta tentativa, fortemente gorada devido aos rigores do clima do norte da Europa, assentava na ideia de que só assim o Estados se poderiam tornar economicamente independentes, pois deixariam de necessitar de importar os produtos que cujas culturas se tentavam aclimatizar. A importância económica das plantas que por ordem dos naturalistas eram transportadas pelo mundo para serem estudadas nos jardins botânicos ou aclimatizadas nas mais diversas latitudes, era tal que por vezes se revestia de um secretismo e proteção ímpar, e o valor das sementes de algumas plantas economicamente importantes, como a baunilha, a chinchona, o cacau ou o tabaco, tornavam-nas várias vezes em alvos principal de espões e piratas³⁷⁵. Disso seria exemplo o caso de um galeão que houvera sido tomado pela marinha Inglesa durante a Campanha do Rossilhão, conflito militar que havia colocado a França contra Espanha e o Reino Unido, na qual Portugal também participaria, entre Março de 1793 e Julho de 1795. Aportado em Lisboa após ter sido tomado, dele seria retirada uma "*coleção de riscos de plantas do Peru, e*

374 Blunt (2002)

375 Schienbinger (2007: p. 38).

*Chile*³⁷⁶ para ser imediatamente copiada pelos desenhadores da Ajuda auxiliados por outros da Real Fundição. A cópia da obra, que "*consistia nas figuras de todas as frutificações dos géneros das plantas até agora desconhecidos*"³⁷⁷ demonstra claramente a importância com que os conhecimentos botânicos eram considerados, tornando-se mesmo um importante espólio de guerra³⁷⁸. É possível pois afirmar que os interesses do "naturalismo económico", as ideias base do fisiocratismo iluminista, seriam em boa parte o motor principal do desenvolvimento da história natural no século XVIII.

A evolução da história natural em Portugal inserir-se-ia claramente nesta tendência Europeia, e teria em Vandelli um dos seus principais impulsionadores. No que toca ao seu papel como conselheiro governamental em matérias ligadas à economia, agricultura e indústria, Vandelli comportar-se-ia tal e qual os seus congéneres Europeus, mas graças à ainda residual indústria Portuguesa de então, o paduano teria mesmo a oportunidade de assumir as rédeas de algumas iniciativas empresariais. As experiências levadas a cabo pelo próprio e pelos seus estudantes relativas às propriedades e usos dos minérios e solos das possessões Portuguesas, levá-lo-iam a fundar uma consolidada indústria de porcelanas em Coimbra em 1784, que viria a obter em 1787 o alvará régio que lhe garantia a exclusividade de venda de louça para as províncias da Beira e do Minho, ao mesmo tempo que as suas técnicas de produção e produtos relacionados com a produção de louça viriam a ser patenteados. Para gerir o negócio das louças, fundaria em 1786, um sociedade comercial com a ajuda de dois sócios no Porto, que em 1793 tornar-se-ia isenta de impostos, algo que não deixaria de dever-se à presença de Vandelli como deputado da Real Junta de Comércio desde 1789. Vandelli soubera-se aproveitar na prática dos conceitos e ideias do naturalismo económico que tanto defendia,

376 Cardoso (2003: p. 52)

377 Cardoso (2003: p. 52)

378 Estas cópias ainda hoje existem nas colecções do Arquivo Histórico do Museu Bocage, encadernadas em quatro volumes sob o título "*Specimen Florae Americae Meridionalis*" (AHMB Res. 2). Embora os tomos apresentem como data 1780, é bem provável que este se reporta à data original presente nos originais e não à data de cópia pelos desenhadores Portugueses.

bem como do elevado estatuto social que como principal naturalista do Reino lhe era granjeado. Embora algumas das ideias e teses de "naturalismo económico" viessem a ser apresentadas por Vandelli nos seus discursos e publicações anteriores, é a partir de 1789, com a publicação do primeiro tomo das Memórias Económicas da Academia Real das Ciências, que estas viriam a assumir uma maior visibilidade pública. Os títulos das contribuições de Vandelli são autoexplicativos no que toca às ideias nelas contidas: "*Memória sobre a algumas produções naturais deste reino, das quais se poderia tirar utilidade*"³⁷⁹; "*Memória sobre algumas produções naturais das conquistas, as quais ou são pouco conhecidas, ou não se aproveitam*"³⁸⁰; "*Memória sobre as produções naturais do reino, e das conquistas, primeiras matérias de diferentes fábricas, ou manufacturas*"³⁸¹, e "*Memória sobre a ferrugem das oliveiras*"³⁸². As contribuições de Vandelli suceder-se-iam no segundo tomo, publicado em 1790: "*Memória sobre o modo de aproveitar o carvão de pedra, e os paus betuminosos deste reino*"³⁸³; "*Memória sobre o encanamento do Mondego*"³⁸⁴; "*Memória sobre as Águas Livres*"³⁸⁵; e "*Memória sobre várias misturas de matérias vegetais na factura dos chapéus*"³⁸⁶. Para além destas contribuições, Vandelli não deixaria de produzir dezenas de outras contribuições sobre temas tão diversos como a agricultura, a instrução pública, o comércio, ou temas de índole claramente política e social como o problema dos Judeus em Portugal, as relações bélicas entre Portugal e Espanha, a pirataria Inglesa e Francesa, ao estado das

379 Vandelli (1789a)

380 Vandelli (1789b)

381 Vandelli (1789c)

382 Vandelli (1789d)

383 Vandelli (1790a)

384 Vandelli (1790b)

385 Vandelli (1790c)

386 Vandelli (1790d)

finanças públicas nacionais³⁸⁷. No que toca ao posicionamento de Vandelli relativamente à importância dos jardins botânicos e dos museus para a economia esta postura "económica" manter-se-ia³⁸⁸. Não se julgue porém que estas ideias surgiriam em Portugal apenas na década de oitenta ou noventa, pois, como vimos atrás, a ideia era já acalentada por Vandelli desde os seus primeiros anos de estadia em Portugal, e terá sido em parte uma das razões que levariam a coroa a patrocinar as viagens filosóficas ao ultramar.

Mas para além do interesse económico imediato as coleções, segundo Vandelli, seriam também um veículo para o conhecimento da obra de Deus. As coleções eram vistas como repositórios das obras de Deus, cujo estudo, era orientado para uma interpretação muito própria e que contribuísse para fortalecer posições teológicas³⁸⁹. A entrada do gabinete da Ajuda continha no frontão do seu portal vestibular uma inscrição latina, retirada da Bíblia, convidando o visitante a “entrar e ver a Obra do Senhor”: “*Venite et videte opera Domini, quae posuit prodigia super terram. P.Salm 45:9-12*”³⁹⁰ (Figura 11).

A teologia natural, uma postura filosófica que se baseava na possibilidade provar a existência de Deus e do propósito divino através da observação e da experimentação da natureza e do uso da razão³⁹¹, era utilizada por vários seriam os autores, fossem naturalistas, filósofos ou religiosos. John Ray publicaria, em 1691, a obra “*The Wisdom of God Manifested in the Works of the Creation*”, onde invocava a Natureza como um agente de Deus, preservando a Sua sabedoria e

387 Serrão (1994)

388 Serrão (1994: p. 4); Cardoso (2003: p. 64)

³⁸⁹ Sobre a Teologia Natural encontra-se in press um texto do autor (em co-autoria com João Brigola) intitulado “*Coleccionismo naturalista na Évora do Séc. XIX: as coleções como fundamento da Teologia Natural no discurso de Frei Manuel do Cenáculo*” (Ceríaco & Brigola in press a), do qual o presente trecho foi adaptado.

³⁹⁰ Esta inscrição ainda hoje se encontra visível e presente no local onde antes fora o dito Gabinete, no terreno contíguo ao Jardim Botânico da Ajuda, actualmente propriedade do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa (ISA-UTL).

³⁹¹ Ver Brooke (2003) e Hankins (2002).

benevolência, ao mesmo tempo que permitiria a explicação de algumas falhas ou desvios da aparente harmonia da natureza.



Figura 11 - Frontão vestibular com inscrição latina referente à Teologia Natural. Fotografia por Luis Ceriaco.

Lineu enunciaria muitas vezes expressões e ideias que remetiam para a importância que o estudo da Natureza tinha para conhecer o Criador:

“Se o criador munuiu este globo, qual um museu, das mais admiráveis provas da Sua sabedoria e poder; e se é verdade que este teatro esplêndido poderia ter sido adornado em vão e ficando sem espectadores; e se o Homem, a mais perfeita de todas as Suas obras, é o único capaz de apreciar a maravilhosa economia do conjunto; conclui-se que o Homem foi criado com o propósito de estudar as obras de Deus, de forma a poder observar nelas as marcas evidentes da sabedoria divina.³⁹²”.

Em 1768 é publicado em Roma um tratado de Teologia Natural, “*Theologiae Naturalis*”, por Frei Tomae Marie Cerboni, professor do Colégio Urbano de

392 Goodman (1980: p. 18).

Propaganda e de Teologia Sacra³⁹³. Nesta obra italiana transparece também a presença de ideias sobre a inferência dos atributos divinos pelo estudo e experimentação da Natureza. Obras como a Teologia dos Insectos³⁹⁴ do alemão Lesser, cujo próprio subtítulo "*demonstration des perfections de Dieu dans tout ce qui concerne les insectes*" evidencia toda a tendência da Teologia Natural, de explicar Deus na natureza e demonstram, o quão difundidas, eram estas ideias no panorama Europeu do século XVIII. No entanto, a expressão só viria a ser cristalizada em 1802 na obra de William Paley, "*Natural Theology*"³⁹⁵, onde o próprio subtítulo - "*Evidences of the Existence and Attributes of the Deity*" - remetia para uma definição da corrente teológica. Obra servida por uma retórica trabalhada e agressiva, *Natural Theology* era uma resposta clara a todos aqueles que começavam a utilizar a razão para roubar terreno à religião. A Teologia Natural de Paley constituía-se como uma espécie de barreira contra o avanço do secularismo francês e um arma para atacar todas as espécies de transformismo mais materialista, como o presente nas obras de Lamarck ou de Erasmus Darwin.

Vandelli e Alexandre Rodrigues Ferreira, no meio dos seus trabalhos de descrição e catalogação de espécimes, defenderiam ideias ligadas à Teologia Natural, partindo do princípio, tal como Lineu, que ao estarem a catalogar o mundo natural, não só estavam a tirar partido dele para a economia e indústria, como também estavam a estudar e a tentar compreender o plano da Criação, ou seja, a catalogarem toda a obra de Deus. Estas referências encontram-se em alguns discursos de Vandelli, principalmente naqueles menos técnicos e mais gerais. Iremos encontrá-las na sua "*Memória sobre a utilidade dos museus de historia*

393 Cerboni (1768). Uma cópia deste livro existe na Biblioteca Pública de Évora, mais especificamente no fundo pertencente à coleção antiga de Frei Manuel do Cenáculo. Devido a alguns apontamentos manuscritos nele presentes, podemos afirmar que Cenáculo lhe terá dedicado algum tempo de estudo e trabalho, conhecendo de certo as ideias gerais nele presente. Estas ideias, como será tratado mais à frente neste capítulo, vão acabar por transparecer no seu discurso museológico e científico.

394 Como veremos mais à frente, Alexandre Rodrigues Ferreira e Frei Manuel do Cenáculo vão também usar referências a estas obra..

395 Paley (2006).

natural"³⁹⁶ ou no documento "Da história natural original"³⁹⁷. Na Memória, Vandelli expunha claramente:

*"A admiração, que faz nascer tantas produções naturais, não pode a menos de nos conduzir a admirar, e temer aquele, do qual esta têm existência. [...] Em um museu, onde a natureza, para assim dizer está reduzida a um ponto, se convence o pirronista, e o mais incrédulo, e admirando tantas, e diferentes coisas, que do acaso não podem ser feitas, é convencido da onipotência do Criador"*³⁹⁸.

Para Vandelli era esta uma das funções do museu, convencer todos aqueles que o visitassem que as produções, nele contidas, não poderiam surgir de outro modo sem que fossem criadas por Deus. Assim, o estudo da natureza era sem dúvida alguma uma forma de "estudar" Deus:

"Nenhum, que se aplicou a estudar e observar as obras da natureza, foi convencido por ateu, ou infiel, porque a ciência natural (*Nela deve o teólogo ser instruído pela inteligência de muitos lugares da Sagrada Escritura.) está unida à religião."*³⁹⁹.

Seria através do levantamento das propriedades e utilidade que as peças contidas no museu tinham para o ser humano e suas indústrias, se perceberia não só a sabedoria e Omnipotência do Criador⁴⁰⁰ como também da sua bondade, que as tinha criado e posto à disposição para a felicidade dos homens, sendo o tópico da felicidade humana era uma parte extremamente importante no discurso da teologia natural. Partindo do axioma que Deus era bom e toda a sua obra também, logo, todas as suas intenções eram também dirigidas para a harmonia e felicidade entre os seres. Surgia então mais uma razão para glorificar e estudar o seu trabalho. Mas a glorificação de Deus através do estudo da natureza não se prenderia apenas com aspetos utilitários ou imediatamente aplicáveis. A própria

396 Cardoso (2003: p. 59)

397 Cardoso (2003: p. 67)

398 Cardoso (2003: p. 61)

399 Cardoso (2003: p. 61)

400 "Todas as propriedades pois, e usos das coisas, que por meio da observação, e a experiência descobrimos nos dá a ideia a mais sublime, a mais magnífica do Criador infinitamente sábio, e onipotente." in Cardoso (2003: p. 62)

beleza, a forma, a função e a diversidade eram dignas de ser apreciadas, pois aí também se mostraria a Providência divina. Era o caso das conchas, bastante abundantes em coleções privadas e museus públicos, mas com pouca utilização prática, sendo, na maioria das vezes, consideradas símbolos de ostentação e riqueza, sem algum proveito para a ciência⁴⁰¹. No entanto, Vandelli explicaria que:

“A coleção dos insectos parece desnecessária; mas também para além de nós maiormente admirarmos neles a onnipotência do Criador (*Lessier), achamos neles muitos de grande utilidade... [...] Se as conchas, ou corais, etc, não estivessem em um museu, ficariam muitas obras do Criador desconhecidas, as quais estavam no profundo mar. As várias cores, a diferente estrutura, e particular mecanismo delas, nos fazem sempre mais admirar a mão do Criador.”⁴⁰².*

Assim, a importância dos museus de história natural justificava-se não só por serem repositórios sistematizados de produções naturais onde era possível estudar e catalogar os seus usos e propriedades interessantes para a economia e indústria, mas porque também eram fonte de informações e evidências que apontavam para um plano e uma ordem definida por um Criador onipotente e bom.⁴⁰³. Esta tendência é consonante com a opinião de Lineu. Revela-se o argumento teleológico pois, já que o “Homem” era a criação máxima de Deus, e se Deus tinha criado toda a natureza para usufruto e felicidade deste, este deveria honrar e agradecer as Suas benesses, estudando e glorificando a Sua obra, pois para todos os efeitos, a natureza “... não é mais do que o braço do Omnipotente, o ministro de suas vontades imortais; é aquela porção da Divindade, que se patenteia, só a fim de perpetuar a existência de todos os entes. O homem, penetrado de

401 Burnay & Monteiro (1988)

402 Cardoso (2003: p. 62-63)

403 “Destes museus para particular divertimento não falo; mas sim daqueles estabelecidos, e dirigidos por sábios naturalistas, que além de ter dispostas com sistema, e dada a nomenclatura a todas as produções da natureza, sabem instruir os espectadores nos segredos da mesma natureza, da sua economia, e polícia; que fazem admirar a onnipotência do Criador, conhecer as propriedades, e usos sabidos, e que investigam, sabem descobrir os desconhecidos: que explicam, quanto é possível a formação, antiguidade, e revoluções do nosso globo.” in Cardoso (2003: p. 64)

acatamento quando contempla as Suas obras; exalta-se até ao Ente criador do universo; só a fim de perpetuar a existência de todos os entes."⁴⁰⁴.

Também Alexandre Rodrigues Ferreira demonstraria o seu apoio a esta conceção teológico-natural. Num dos seus mais curiosos e interessantes documentos, "*Abuzo da Conchyologia em Lisboa. Para servir de introdução á minha Theologia dos Vermes*"⁴⁰⁵, datado de 1781, e na sua origem uma comunicação apresentada à Real Academia das Ciências de Lisboa apadrinhada por Vandelli, para que Ferreira pudesse ser admitido como sócio, Ferreira demonstrar-se-ia como seguidor desta corrente. Este documento aparenta ser um rascunho de uma obra inacabada e nunca publicada do autor, com a indicação de ilustrações aparentemente perdidas entretanto. Na sua "*Theologia dos Vermes*", reconhecia que o estudo da natureza era útil e divertido para o Homem, mas ao mesmo tempo conduziria ao apreciar a obra divina⁴⁰⁶. De todos os "vermes", nenhum era tão apreciado como os moluscos, especialmente aqueles dotados de concha. Os princípios da malacologia, então apelidada "Conchiologia", traçam-se às grandes coleções de conchas, que por sua forma, cor, tamanhos, diversidade e por serem coleções relativamente fáceis de conservar, eram das mais comuns e apreciadas pela maioria dos naturalistas⁴⁰⁷. Não deixando nunca de reconhecer que o "*estudo das conchas*" não era de grande proveito para a economia e indústria, Ferreira reconheceria o seu estudo como uma forma de compreender e glorificar a Obra do Criador, e assim, à semelhança de outros autores europeus, havida decidido

404 Cardoso (2003: p. 67)

405 AHMB ARF 39a

406 "*Se entre todas as applicaçoes humanas, he nesta particularm.e q. o homem se diverte cõ o trabalho, de tão distincta honra a priva quem para a bonança, e considera não so hu único dos seus lados, mas inda ensina o lado mais fraco. Ao fim que ella se propõe, são mui diversos. Levanto aos ceos humas vezes os seus olhos, e pela inspecção das creaturas glorifica ao creador. Abaixo-os para a terra outras, e reflecte q. a gloria do creador anda unida com a utilidade da creatura.*" in AHMB ARF 39a

407 Burnay & Monteiro (1988)

intitular a sua obra de “Theologia dos Vermes”⁴⁰⁸. Tal como Lesser que havia dedicado uma teologia a insetos, Alexandre Rodrigues Ferreira, considerava também que a Obra de Deus não se manifestaria apenas nos grandes animais e obras da natureza, mas, muito pelo contrário, considerava que quanto mais delicada e pequena fosse a criatura, mais mostrava o quão sublime e onipotente era Deus. Assim, tal como os insetos eram “*em pequeno maravilhas tão grandes, que ousando rastejadas os sentidos, so de as ver cega a razão*”, também os vermes assim demonstravam a divina Providência e contrariavam qualquer tentativa de ateísmo⁴⁰⁹, publicado em 1799 por Frei José Mariano Conceição Velloso, obra igualmente dedicada aos “vermes”, traduzida para português a partir dos textos originais de Jacques Barbut, se retomava a retórica de que a sua simplicidade e pequenez, realçaria a sabedoria e Onnipotência de Deus:

*“Por quanto, como animados, gozão huma superioridade real, e incontestavel sobre os entes dos dous reinos vegetal e mineral. Elles receberão do Todo Poderoso hum sopro de via, que senão concedeo aos inanimados, e aos inorganicos. A singularidade dos seus orgãos, e do seu mecanismo interior, a dos liquidos, ou substancias aeriformes, que devem circular nas suas veias, e nervos, em que tem o seu constitutivo, a sua vital animação, enfião os olhos do Physico mais contemplativo. Destituídos de sangue, de ossos, alguns com elles por fora do corpo, como os testaceos, e carecedores de muitos membros, e visceras, que tem os outros animaes, gozão de hum medo de existencia tão simples, tão singular, e tão maravilhoso, que tem feito negar a alguns a animação dos seus individuos. Quem persuadirá ao povo rude, serem as Alforrecas, as Aguas más, como chamão em humas partes, e em outras Aguas vivas, entes animados? Quem dirá que são entes ainda mais nobre, que o tuzeiro da manhã, e o da noite, e que são melhores, que o ouro, que a prata, etc? A pequenez do seu volume realça infinitamente a Sabedoria do seu Divino Artifice.”*⁴¹⁰

408 “Ninguém duvida, diz hum sabio da conchyologia, que a Historia natural apesar de toda a sua utilidade, algumas [?] contentem que parecem simplesmente curiosas. Que o he de facto na economia a maior parte das conchas que se estudão depoem no a historia das observaçoens. Do estudo dellas pelo contrario tração as suas linhas a Fisica, e a Theologia. Neste sentido he certo q. o mais vil se vandija, a menor planta, a mais despresivel concha devão o espirito ao creador. Elevão com effeito o nosso, e de me falando particularm.e depois de terem sahido tantas, e tão doutas obras q. respeitaveis authores se não envergonharão de intitular Theologia da agoa, theologia dos insectos... Eu sou o primeiro que me não envergonho de intitular os Estudos deste genero Theologia dos vermes.” in AHMB ARF 39a

409 Barbut (1799)

410 Barbut (1799)

Para outros atores contemporâneos, como o caso de religiosos Frei José do Mayne ou Frei Manuel do Cenáculo, a teologia natural assumir-se-ia mesmo como a principal motivação para as coleções. É inegável a influência do Clero na ciência iluminista e muito especialmente nos países católicos como Portugal. No entanto, ao invés da ideia muito generalizada de que a Igreja haveria funcionado em Portugal como um forte entrave ao desenvolvimento científico, devido à presença de uma inquisição particularmente agressiva, o facto é que as novas ciências seriam bastante bem recebidas e mesmo promovidas pela maioria dos clérigos nacionais. Era evidente para o clero que o progresso das ciências, a sua aceitação e a grande aplicabilidade na sociedade, tornava impossível a sua rejeição. Ciente desse facto, a Igreja, através de alguns dos seus membros, optaria por outra estratégia. Ao posicionar-se como favorável ao desenvolvimento científico, aproveitaria para "controlar" as interpretações feitas às novas descobertas, adotando, e mesmo desenvolvendo, o discurso teológico-natural. Segundo esta interpretação, a pesquisa científica enquadrar-se-ia na busca geral pelo Divino e os resultados dessa mesma pesquisa serviriam como provas da Sua obra. As coleções de Frei José do Mayne viriam a ser utilizadas para a criação de uma aula de "História Natural Teológica"⁴¹¹. Tal como o nome indicava, a aula pretendia apresentar os conhecimentos contemporâneos de história natural, mas com uma índole "Teológica":

*"[...] destina o Estabelecimento de uma Escola Pública com uma Cadeira de História Natural Teológica, em que se ensine a Ciência da História Natural, cujos conhecimentos são notoriamente interessantes para as Ciências e para as Artes e ao mesmo tempo se ensine a aplicação Teológica das suas doutrinas, tanto para a História Sagrada como para provar pela ordem admirável dos entes naturais contra os Ateístas e Politeístas a Existência de Deus, a sua Sabedoria, Providência, Bondade e mais Atributos, que tanto se fazem demonstráveis pela indagação das coisas criadas, como efeitos da sua Imensidade."*⁴¹².

Esta aula seria dada por um professor e ajudante, focando todos os reinos da natureza e dando-lhes a tônica teológica, com um periodicidade de três aulas por

411 Carvalho (1987)

412 BACL - Série Azul, Ms. 791

semana, abertas a todo o público interessado⁴¹³. Para professor, Mayne compreensivelmente especificava que deveria ser sempre preferido um religioso que tivesse conhecimentos de história natural, mas, caso não houvesse essa possibilidade, poderia abrir-se a hipótese de se aceitar alguém não religioso⁴¹⁴, sendo a Academia nomeada para administradora da dita aula⁴¹⁵. Frei José do Mayne faleceria nesse mesmo ano e não teria a oportunidade de assistir à abertura das aulas, que se iniciariam em Dezembro de 1792 tendo como professor Frei José da Costa Azevedo⁴¹⁶. Estas aulas continuariam nos anos seguintes, a par das demonstrações de física que se faziam no gabinete da Academia todas as terças e sextas-feiras⁴¹⁷.

Esta atitude teológica perante as coleções seria também visível no discurso de Frei Manuel do Cenáculo. Embora a História Natural não fosse o principal interesse de Cenáculo, que se focava principalmente no colecionismo arqueológico, artístico e bibliográfico⁴¹⁸, as coleções naturalistas tinham no entanto uma função importante no museu e em todo o seu discurso pedagógico. A sua principal função era a de servir de base a um discurso rico em ideias de Teologia Natural. Na sua "*Instrução pastoral sobre os Estudos Físicos do Clero*"⁴¹⁹, Cenáculo utilizaria algumas referências às ideias da Teologia Natural, aproveitando, tal como Vandelli

413 BACL - Série Azul, Ms. 791

414 "*O Professor da História Natural, e seu substituto serão sempre Religiosos da minha Congregação, e a Aula e Gabinete no Convento de Nossa Senhora de Jesus, aonde agora se acha para melhor comodidade do ensino dos Religiosos; porém caso que não haja Religioso hábil, ou que não queira ensinar, ainda que espero que não suceda, então poderá ser nomeada outra pessoa secular, ou Eclesiástica.*" in BACL - Série Azul, Ms. 791

415 "*Academia Real das Ciências de Lisboa, e o Corpo da mesma Academia Administrará este estabelecimento, nomeando Professor substituto e mais acima ditas depois da primeira nomeação por mim feita fazendo cobrar as rendas, satisfazer as aplicações, cuidando da conservação e aumento do mesmo Gabinete*" in BACL - Série Azul, Ms. 791

416 Carvalho (1981: p. 33-34)

417 Carvalho (1981: p. 34)

418 Brigola (2003: p. 428).

419 Vaz (2009)

ou Rodrigues Ferreira, a argumentação de Lesser na sua *Theologia dos Insectos*, no que toca aos insetos, referindo que no trabalho de polinização dos insetos se poderia ver “o dedo onnipotente de Deus”, ou outras ideias tal como de que toda a natureza teria sido criada por Deus para proveito e felicidade do Homem, sendo assim o seu estudo quase que uma obrigação⁴²⁰. Mas, é no discurso feito aquando da inauguração do seu Museu em Beja⁴²¹, a 15 de Março de 1791, que estas ideias se manifestavam como maior veemência. Escrita e declamada por Frei José de São Lourenço do Valle, mas certamente vista e revista por Cenáculo, apresenta o Museu e a sua importância para a instrução e para a religião. O estudo de todos os materiais presentes no Museu seria a forma de conhecer todos os ramos do conhecimento, e conseqüentemente, a natureza Divina⁴²², mas sempre com a atenção e a perspectiva de que quanto mais um “sábio” conhecesse, mais perto estaria de conhecer a Obra de Deus, como também mais O glorificaria⁴²³. Como já foi referido, o Museu Cenaculano tinha mais peças que apenas os espécimes naturais, mas mesmo estes não fugiriam do mesmo propósito de ilustrar os espíritos curiosos dentro de interpretações vantajosas para a Igreja. Antigos ídolos ou deuses pagãos jaziam mudos, demonstrando que tudo o que se dizia deles era falso, contrariamente ao que se dizia do Deus católico, antigas estátuas incompletas que mostravam a Arte que Deus tinha concedido aos Homens, e mesmo “monstros”, que não obstante de anormais, enquadravam-se na ordem e harmonia da natureza.

420 “Tais são a maneira pela qual os animais verificam seu instinto; como é o uso de sua pequena razão; como o de suas propensões para buscarem a comida, fugindo de emboscadas; devorarem, ou seja por ferocidade, ou por mera natureza, e para voarem, caminharem, e servirem o homem. A sujeição em que Deus pôs os brutos ao domínio da criatura racional, será para que estas os disfrute sem algum conhecimento?” in Vaz (2009: 40)

421 Brigola (2003: p. 42)

422 “O estudo do Museu é estudo de todas as ciências para conhecermos a Deus e sua Religião, com utilidade nossa, donde provem fortes razões para nos aplicarmos a ele.” in Brigola (2003: p. 43)

423 “Quanto mais eles estudam, tanto mais desejam saber. É um labirinto de encantos em que a razão se acha e a alma se ilustra, e a Religião triunfa.” in Brigola (2003: p. 46)

Capítulo 5 - As invasões napoleónicas e a missão de Geoffroy Saint-Hilaire

A tensão que se fazia sentir na Europa desde a ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder em 1799, começava a ameaçar claramente Portugal. Devido à sua histórica aliança com Inglaterra, principal inimiga da França Napoleónica, Portugal mantinha-se como dos únicos portos Europeus abertos aos interesses Ingleses. Com a aliança entre Espanha e França logo após a chegada de Napoleão ao poder, e os planos secretos para a divisão de Portugal em três partes a serem divididas por ambos os agressores, a iminência da guerra fazia-se sentir em Lisboa. Em 1807 os embaixadores de França e Espanha em Portugal exigiram à coroa nacional a adesão ao bloqueio continental e à declaração de guerra á Inglaterra. De modo a ganhar tempo, Portugal cederia às imposições Napoleónicas, embora arditosamente houvesse já planeado com Inglaterra um plano para colocar a família Real Portuguesa a salvo no Brasil, mantendo apenas em gestão um governo com ordens para não resistir aos invasores, enquanto se planeava secretamente o contra-ataque luso-britânico. Assim sendo, a invasão franco-espanhola iniciar-se-ia a 18 de Outubro de 1807, chegando a coluna militar à fronteira Portuguesa a 20 de Novembro. A 29 de Novembro, a corte, acompanhada de quinze mil pessoas, transferir-se-ia para o Brasil, numa larga esquadra naval protegida pela marinha Inglesa. Jean-Andoche Junot (1771 - 1813), general Francês responsável pela invasão, tornar-se-ia governador-geral do país, sendo nomeado Duque de Abrantes em Março de 1808. O volte-face Português não se faria esperar, e a 9 de Maio D. João VI declararia nulos todos os tratados entre Portugal e França, e declararia guerra ao Império Napoleónico, com apoio direto da sua antiga aliada Inglaterra. As coleções nacionais sofreriam consideráveis provações durante este tempo, culminando mesmo na transferência de uma grande coleção da Ajuda para Paris

em 1808, de que daremos conta adiante. Têm sido vários os estudos e documentos publicados referentes a este episódio. No entanto a grande maioria destes trabalhos têm veiculado ideias bastante subjetivas, não tendo conseguido o distanciamento emocional (patriótico?) exigido para a abordagem do episódio⁴²⁴. Por essa razão optámos por resumidamente reescrever o episódio, desde os prolegómenos da missão até à sua conclusão, apoiando-nos nas diversas fontes disponíveis de modo a apresentar uma revisão dos factos. Esta revisão é no nosso ver necessária, antes de mais por congregarmos nela dados de todas as fontes disponíveis, onde se incluem não só os dados existentes nas fontes já publicadas e citadas acima, como também em material inédito presente nos arquivos e coleções Portuguesas, Brasileiras e Francesas.

A depredação das coleções da Ajuda por parte de franceses havia começado anos antes da chegada das forças invasoras a Portugal, mais precisamente em 1803, pela mão do embaixador francês em Lisboa, o general Lannes (1769-1809). Jean Lannes, duque de Montebello, general e homem de grande proximidade a Napoleão, é enviado para Lisboa em 1801 para aí desempenhar as funções de embaixador, cargo que manteria até Maio de 1804. Durante os três anos que Lannes fica por Portugal, um número bastante considerável de peças do Museu da Ajuda ser-lhe-iam entregues, quer como oferta régia, quer por “requisição” do próprio general, tendo estas requisições sido principalmente dirigidas a aves, conchas e ouro, apresentando assim um interesse mais estético e comercial do que propriamente científico⁴²⁵. Conhecem-se um total de seis transferências de

424 Por exemplo Almaça (1996), Antunes & Balbino (2003), e Brigola (2003) apresentam-se defensores da tese de saque, enquanto Daget & Saldanha (1989) e Hamy (1908) são defensoras da tese da permuta. Consideramos que ambas as posições são consideravelmente extremadas, e por isso pretendemos apresentar uma visão mais balanceada do evento.

425 *“The plundering of the museum by General Lannes, ambassador of the French Republic in Portugal, is also well documented (MB, historical archive, 16a.) From its composition, it appears to have been directed towards the acquisition of exhibits of ornamental and commercial value. It concentrated on birds (126 specimens), shells (2185 specimens) and gold (15 samples) – in leaf, dust, crystalline, and dendritic form, etc. It represented, in relation to the 1974 Inventory, around 30% of the zoological specimens of the Real Museu and a tiny (0.23%) though very valuable fraction of the mineralogical samples. Suffice to say that this “ambassador” looted 18.5% of the gold which existed in the Real Museu in 1794.”* in Almaça (1996: p. 19).

material da Ajuda para a posse do general, todas elas situadas entre 1803 e 1804. De acordo com o documento “*Relações Dos Productos naturaes, que por Ordem Regia se remetteraõ deste Real Museu ao General Lasnes, Embaixador da Republica Franceza nesta Corte*”⁴²⁶, terão saído do Museu:

- a 19 de Agosto de 1803 - quinze conjuntos de metais e minérios⁴²⁷;
- a 17 de Outubro de 1803 - 104 aves, pertencentes a 51 espécies diferentes⁴²⁸;
- a 26 de Outubro de 1803 - 5 espécimenes de aves, todas de espécies diferentes;
- a 21 de Dezembro - 15 espécimenes de aves, pertencentes a 12 espécies diferentes;
- a 13 de Março de 1804 - 1481 exemplares conchiológicos, pertencentes a 31 diferentes;
- a 7 de Maio de 1804 - 2 exemplares de aves, cada um de sua espécie, e setecentos e 4 exemplares de conchas, pertencentes a 30 géneros diferentes.

Não se pense porventura, que este material seria enviado pelo embaixador para os naturalistas do *Muséum* em Paris. De facto, não se encontram quaisquer referências à entrada de espécimenes provenientes de Lisboa pela mão de Lannes, nas coleções e arquivos do estabelecimento parisiense. Esta situação é explicada por um facto bem mais prosaico e muito menos científico ou institucional, mas sim de foro estritamente privado. Como muitas outras senhoras da alta sociedade

426 AHMB Div. 16a.

427 Nomeadamente Ouro e com a indicação, manuscrita pelo próprio Vandelli que “*Se tirou p^a Mad. Lasnes*”.

428 Sendo destas 31 espécimenes de aves, pertencentes a 22 espécies sul americanas, com a nota de que “*Estes 31 passaros acima mencionados , fo5raõ os que se tiraraõ dos dois Armarios grandes, que vierão do Rio de Janeiro; e se receberão no dia 17 de Junho de 1803*”, 71 espécimenes também de aves , pertencentes a 29 espécies diferentes, sendo estes espécimenes os que “*se achavão em hum dos dois Armarios de vidraças com 4 arvores; em cujo 1^o Armario forão os referidos Passaros acondicionados juntamente com os 31 que se tirarão dos dois Armarios vindos do Ro de Janeiro; que todos somao 104.*” in AHMB 16a

européia, como era exemplo da própria esposa de Napoleão Bonaparte, Joséphine de Beauharnais, possuir uma coleção privada ligada à história natural era mais do que um mero interesse intelectual, era uma prova de bom gosto e de elevado estatuto social⁴²⁹, e assim sendo Lannes servia os caprichos da sua mulher, a duquesa de Montebello. É assim explicado a escolha de espécimes bastante coloridos, como as aves do Brasil, das tão apreciadas conchas, e, sobretudo, da grande quantidade de ouro. É também prova disso a referência que o próprio Vandelli faz, na entrega que faz a Lannes a dia 19 de Agosto de 1803, onde explicita que se havia tirado para a “*Mad. Lasnes*”, bem como a referência de Bethencourt Ferreira a este caso⁴³⁰. Independentemente do seu destino final, torna-se um facto que as requisições de Lannes constituíram um considerável rombo nos números da coleção lisboeta, levando mesmo certos autores a considerar que este foi, em termos de número, a pior espoliação, no que toca a produtos zoológicos, que o Museu viria a sofrer durante toda a sua existência⁴³¹.

Já durante o domínio napoleónico, Vandelli através de Junot, tentaria estabelecer novos contactos com a equipa do Muséum Parisiense. São disso exemplo as duas cartas dirigidas pelo diretor da Ajuda a Bernard Germain Lacepède (1756 - 1825), em que lhe enviava os desenhos de peixes e tartarugas brasileiros e a “língua” de “*Osteoglossum*”, na sua maioria coletados por Ferreira na sua viagem ao Brasil⁴³². Independentemente das intenções de Vandelli, os naturalistas franceses não se contentariam com as ofertas, e encontravam-se a

429 Veja-se Robbins (2002). A autora apresenta-nos uma das vertentes deste tipo de gosto pela natureza, nomeadamente por animais vivos, na sociedade parisiense. Também, como refere David Allen (1996): “*Fashions, in strict sense, do not occur in intellectual matters, nor can they. For they are light-hearted products of imitation and show, necessarily transient and shallow in order to fulfill their function of expressing a merely temporary inclination or mood. [...] Natural history, however, is not and never has been a purely intellectual pursuit, It has a considerable aesthetic component as well, of varying strength at different periods and in different individuals. Many people are attracted to it primarily for visual reasons, rather than to study behaviour, work out distributions or formulate concepts.*”, o que explica em parte a predileção por determinados espécimes e a própria orientação e objetivo da coleção da esposa do embaixador.

430 Ferreira (1912)

431 Almaça (1996).

432 Daget & Saldanha (1989: p. 14).

preparar uma missão a Portugal com o intuito de aproveitar a posição política e bélica imposta por Napoleão e seus exércitos para poderem tirar o máximo partido que lhes fosse possível das coleções Portuguesas. Esta missão viria a ser justificada num primeiro momento pela quezília entre Hoffmanssegg e a Ajuda. Hoffmanssegg, que já encontráramos a enviar a Vandelli algumas coleções de aves do norte da Europa, havia financiado ele próprio uma expedição ao Brasil, liderada por Franz Wilhelm Sieber (1789 - 1844), com o intuito de obter coleções de história natural. Visto o bloqueio ao exterior imposto pela Coroa Portuguesa ao Brasil, a missão de Sieber haveria sido autorizada na base de um importante pressuposto: metade da coleção teria obrigatoriamente que ser depositada na Ajuda. Esta condição não seria no entanto respeitada nem por Sieber nem por Hoffmanssegg, que arditosamente enviariam a maior parte das coleções diretamente para a Alemanha, via a rota marítima do Báltico. Como consequência, e visto o contrato ter sido desrespeitado, Portugal confiscaria parte das coleções feitas por Sieber que aportaram em Lisboa. Acossado, Hoffmanssegg, que era também correspondente do *Muséum* de Paris, escreveria à Assembleia de professores do mesmo pedindo-lhes a sua intervenção junto das forças políticas e militares francesas, de modo a recuperar as coleções confiscadas⁴³³. Para além da Assembleia de professores, Hoffmanssegg escreveria também a Saint-Hilaire, prometendo-lhe parte das coleções confiscadas⁴³⁴. Dos oito caixotes de coleções aportados por Sieber, dois haveriam já rumado para a Ajuda, mantendo o explorador os restantes seis em sua posse. Saint-Hilaire contactaria de imediato o general Pierre Margaron (1765 - 1824), com o intuito de providenciar a salvaguarda necessária às referidas coleções, algo que o general lhe viria a assegurar logo em Dezembro de 1807⁴³⁵. Embora o interesse de enviar naturalistas a Portugal no âmbito da invasão estivesse de certeza já nos planos franceses, o facto é que o caso de Hoffmanssegg viria a colocar Saint-Hilaire em destaque, e porventura a acelerar a própria missão.

433 Daget & Saldanha (1989: p. 39)

434 Daget & Saldanha (1989: p. 39)

435 Daget & Saldanha (1989: p. 39)

Saint-Hilaire terá mesmo comunicado a Margaron a sua intenção de ir a Portugal, não só para resgatar as coleções confiscadas de Hoffmansegg, mas ao mesmo tempo para passar em revista às restantes coleções existentes em Portugal. Essa intenção terá levado Margaron a informar Junot e a disponibilizar-se para acolher o naturalista. A par destas manobras, a Assembleia de professores do *Muséum* exporia o caso ao ministro do Interior, dando início à formalização da missão. É assim que Emmanuel Crétet (1747-1809), ministro do Interior de Napoleão Bonaparte envia, por autorização expressa do próprio Napoleão, um naturalista a Portugal com o objetivo de recolher nos Jardins Botânicos e gabinetes de história natural portugueses tudo aquilo que considerasse importante e útil para o *Muséum National d'Histoire Naturelle*. Para tal decide confiar tal missão a Geoffroy Saint-Hilaire, devido ao respeito e consideração que os seus pares lhes reconheciam⁴³⁶, como também à própria confiança pessoal de Crétet no naturalista que já eficientemente teria acompanhado as colunas napoleónicas no Egipto⁴³⁷. Para tal o ministro de Napoleão apresentaria algumas instruções que deveriam nortear a atuação de Saint-Hilaire, e de onde se podem várias linhas gerais entender a motivação e preparação por detrás da missão naturalista. A Saint-Hilaire caberia não apenas a recolha de material de história natural, mas também sobre livros, manuscritos, e outra material passível de ser encontrado em estabelecimento portugueses⁴³⁸. Crétet indicaria claramente aquilo que seria pretendido para o Muséum de Paris. Coleções de produtos do Brasil, em que o estabelecimento parisiense era consideravelmente pobre, o famoso exemplar de Cobre-nativo da Ajuda, um poderoso magnete chinês de Coimbra, uma suposta coleção da costa de Moçambique, escondida pelo governo português, alguns exemplares de animais vivos existentes nas *menageries* reais da Ajuda eram assumidamente desejados pelo ministro para as coleções de Paris, bem como

436 Terá sido o próprio Cuvier, à altura diretor do Muséum, após ter convocado uma reunião com todos os seus colegas do Muséum, a designar Saint Hilaire, acompanhado de Pierre-Antoine Lalande (1787-1823), como pessoa indicada a para tal fim - vide Daget & Saldanha (1989: p. 48)

437 Hamy (1908: p. 29)

438 Hamy (1908: p. 30)

ordens para coletar produtos naturais da zona do Tejo, entre outros produtos à consideração de Saint-Hilaire⁴³⁹. O conhecimento sobre as riquezas existentes em Portugal por parte de Crétet, mas sobretudo pela *intelligentsia* francesa de então, revelam em si o valor e a fama que as coleções da Ajuda tinham na Europa. No entanto, e como é da opinião pessoalmente formulada por vários investigadores Portugueses, a possibilidade da existência de informadores portugueses no seio da comunidade científica francesa assume-se como uma teoria a ter em conta. Um dos possíveis informadores seria Abade Correia da Serra. De seu nome José Francisco Correia da Serra (1751-1823), alentejano e natural de Serpa, o Abade seria um dos fundadores da Academia Real das Ciências de Lisboa em conjunto com o Duque de Lafões, e destacar-se-ia pelas suas várias publicações ligadas à investigação botânica, na sua maioria publicadas em destacados periódicos científicos estrangeiros⁴⁴⁰. Apesar do seu elevado estatuto científico, ou talvez mesmo por isso, Correia da Serra nunca conseguiu levar uma vida fácil no seu próprio país, tendo várias vezes "fugido" do país devido a variadas perseguições feitas contra a sua pessoa, em parte devido ao apoio que terá dado ao naturalista francês Pierre Marie August Broussonet (1761-1807) que se houvera refugiado na Academia lisboeta entre 1794 e 1795. Após se ter refugiado em Londres durante cerca de seis anos, onde se terá afirmado como naturalista de prima perante a Royal Society e a Linnean Society, Correia da Serra ver-se-ia envolvido em novas complicações que o levariam a rumar à capital francesa. É aí que viveria cerca de onze anos e teria contacto com alguns dos mais influentes e respeitados naturalistas franceses da época, como Augustin de Candolle (1778-1807), Antoine Laurent de Jussieu (1748-1836) ou o próprio Cuvier (1769-1832), e que Correia da Serra se realizará na totalidade como cientista. É em carta dirigida a Rodrigo de Sousa Coutinho, datada de 11 de Junho de 1802, que Correia da Serra confessará o fascínio, satisfação e realização intelectual que tinha em Paris, afirmando:

439 Hamy (1908: p. 29-30)

440 Simões et al. (2006)

*"Aqui achei o que podia desejar para os poucos dias que me restam de viver. O Jardim das Plantas muito aumentado, o Gabinete de História Natural formosamente arranjado, pelo que toca à ciência, formosa livraria, vinte e três naturalistas e letrados vivendo como uma colónia dentro do novo Jardim das Plantas [...], pegados a ela. Conversação, lições gratuitas, objectos para examinar, e luzes novas e curiosidades satisfeitas cada dia. Se houve coisa que se parecesse com os Campos Elísios, é esta, por certo depois do que tenho visto, seria absurdo desejar outra coisa."*⁴⁴¹.

No que toca à missão de Saint-Hilaire a Portugal, é este ponto da biografia de Correia da Serra que mais importância poderá ter. Como homem acochado em Portugal, Correia da Serra reconhece as fragilidades e as vicissitudes do "fazer ciência" no seu país natal, bem como conhece bem os principais estabelecimentos científicos portugueses. Em 1804 publicará no, nos Archives Littéraires de l'Europe o artigo *De l'état des sciences et des lettres parmi les Portugais pendant la seconde moitié du siècle dernier*⁴⁴² onde traça bem o panorama das ciências e dos seus estabelecimentos. Inserido no seio da "colónia" científica do *Muséum e Jardin des Plantes*, certamente Correia da Serra terá apresentado aos seus colegas franceses descrições e opiniões relativas às coleções da Ajuda, que aguçariam ainda mais o apetite dos naturalistas franceses. É possível que a motivação de Correia da Serra não fosse de facto prejudicar ou vingar-se do estabelecimento português, tal como considera Simões *et al.*⁴⁴³, mas na realidade estaria a fornecer detalhes importantes a Paris e que viriam a revelar-se com os objetivos principais da missão de Saint-Hilaire. Por outro lado, podemos considerar Correia da Serra como um "cidadão do mundo", um homem cuja pátria transvasava as limitações políticas e geográficas dos mapas e se assumia como cidadão da chamada "república das letras", o que bem poderia levar a que para o próprio o interesse científico das coleções portuguesas deveria ser aproveitado pela ciência, e onde melhor esse

441 Simões et al. (2006: p. 101-102).

442 Serra (1804)

443 "A confiança que Correia da Serra deposita em Brotero levá-lo-á a pedir-lhe que apoie Geoffroy Saint-Hilaire, com quem privava no Jardim des Plantes, na visita a Portugal na qualidade de comissário de Napoleão para as ciências e as artes. É improvável que suspeitasse, então, dos verdadeiros objetivos de Saint-Hilaire, que se cifraram pelo saque de grandes quantidades de material científico." in Simões et al. (2006: p. 103).

aproveitamento poderia ser dado senão aonde estavam os mais reconhecidos cientistas de então, Paris.

Após uma viagem iniciada a 20 de Março de 1808, na companhia de Pierre-Antoine Lalande (1787-1823), os dois naturalistas chegariam a Portugal, e entrariam na capital portuguesa a dia 17 de Maio⁴⁴⁴. Os dois naturalistas, visitariam a Ajuda a dia 19, antes mesmo da autorização oficial de Junot⁴⁴⁵, e passariam revista às coleções expostas, nunca acedendo às zonas de reserva ou de preparação do Gabinete⁴⁴⁶. Numa carta endereçada aos seus colegas do *Muséum* o naturalista afirmava sem reservas que o que vira ultrapassava todas as suas esperanças⁴⁴⁷.

Já com a autorização de Junot, Saint-Hilaire e Lalande dirigir-se-iam à Ajuda dia 23, desta vez já com o intuito de iniciar o estudo e a escolha das coleções a fazer transportar para Paris⁴⁴⁸. Recebidos por Vandelli, tudo terá sido aberto para que os franceses pudessem aceder às coleções⁴⁴⁹. Os trabalhos sobre as coleções da Ajuda decorreriam nos dias seguintes. A 27 de Maio Saint-Hilaire enviaria uma nova carta aos seus colegas do *Muséum*, apresentando-lhes as novidades referentes à sua missão. Aos cerca de sessenta exemplares de mamíferos escolhidos a 24 de Maio, somar-se-iam cerca de trezentos exemplares de aves, constituindo um aumento de um décimo ao total das coleções do estabelecimento parisiense, percentagens que esperava semelhantes para os restantes ramos⁴⁵⁰. Nesse mesmo

444 Um relato minucioso da viagem dos dois naturalistas franceses por Espanha encontra-se bastante claro em Daget & Saldanha (1989), bem como na transcrição das cartas trocadas entre Saint-Hilaire e Paris patente em Hamy (1908).

445 Daget & Saldanha (1989: p. 63)

446 Hamy (1908: p. 43)

447 Hamy (1908: p. 43)

448 Hamy (1908: p. 44-45)

449 Hamy (1908: p. 45)

450 Hamy (1908: p. 46-47)

dia os trabalhos acabariam mais cedo na Ajuda devido às comemorações das festas da Ascensão, tendo portanto dedicado o resto do dia a visitar outras coleções lisboetas, nomeadamente às coleções de Hoffmanssegg, da Academia das Ciências de Lisboa, do Convento de Jesus e as coleções do duque do Cadaval⁴⁵¹. Das coleções de Hoffmanssegg, cuja maior parte haveria já sido transportada para a Alemanha, Saint Hilaire recolherá alguns insetos, aves que não existiriam na Ajuda, bem como um mamífero⁴⁵². Tendo em conta a quezília entre Vandelli e Sieber, Saint-Hilaire tentaria tirar a limpo a situação, não só por uma questão de diplomacia mas também pelas implicações que a alegada posse de coleções de Sieber na Ajuda poderiam ter para a sua missão. Constatava então o naturalista francês que a disputa de Sieber com a Ajuda se resumiria a apenas dois caixotes presentes nos armazéns do gabinete real, os quais o próprio não teria sequer ainda visto, e que, perante tal facto, ele próprio intercederia na tentativa de resolver a disputa⁴⁵³. Das coleções de Hoffmanssegg, Saint-Hilaire deslocar-se-ia para as coleções da Academia das Ciências de Lisboa, bem como para as do Convento de Jesus onde se encontrava a coleção de História Natural do Padre Mayne. Da Academia, onde terá assistido a uma sessão académica, referiria que as coleções se apresentavam negligenciadas, não lhe apresentando o mínimo de interesse, enquanto das coleções do Padre Mayne aproveitaria ainda algumas petrificações, alguns minerais e principalmente uma pinoteca de madeiras do Brasil⁴⁵⁴. Na última carta que Saint-Hilaire conseguiria enviar para Paris, datada de 28 de Maio e dirigida a Cuvier, o naturalista comunicaria que já houvera procedido à escolha dos exemplares de répteis e de peixes, referindo particularmente a riqueza dos

451 Hamy (1908: p. 47)

452 Hamy (1908: p. 47)

453 Hamy (1908: p. 47).

454 Hamy (1908: p. 47). De acordo com um documento assinado por António dos Prazeres Bartelotte, diretor do Convento de Nossa Senhora de Jesus, terão sido levados por Saint Hilaire *"trente un objets, en produits minéraux", nomeadamente "ceux de moindre valeur & pour la plupart produits fossiles des environs de Lisbonne, tels que Crabes, dents de poissons, coquillages, échantillons de marbre, pierres à plâtre ou gypse, Gangues d'hyacinthe du village de Bellas etc ... ce qu'il nous a rendu en totalité."* in Daget & Saldanha (1989: p. 161-162).

exemplares de peixes⁴⁵⁵. É por esta altura que Saint-Hilaire terá contacto com Frei José Mariano da Conceição Veloso, de quem Correia da Serra lhe já houvera falado, bem como com a sua obra. Tecendo os mais sinceros elogios aos trabalhos de Conceição Veloso, Saint-Hilaire encontraria também uma enorme coleção de desenhos de plantas feitos sob ordem do mesmo e que consistiriam a base de uma sua obra, a *Flora fluminensis*, ainda não publicada⁴⁵⁶. A referida obra havia sido oferecida por Vandelli a Saint-Hilaire, porém o naturalista Francês não a aceitaria de forma leviana a oferta que Vandelli lhe fizera da sua obra, mas pelo contrário, levá-lo-iam a refletir numa solução que beneficiasse ambas as partes e ao mesmo tempo do interesse da ciência⁴⁵⁷. Quanto à disputa entre Vandelli e Hoffmanssegg, Saint-Hilaire volta a abordar o assunto no sentido de esclarecer como havia procedido para a resolver. Devido ao incumprimento do acordo por parte de Hoffmanssegg, as caixas exigidas por Sieber que haviam sido apreendidas pela alfândega, só lhe seriam devolvidas se este oferecesse duplicatas dos espécimes contidos nas mesmas ou daqueles que ele ainda possuiria em sua casa, de forma a que tanto a Ajuda como Hoffmanssegg não saíssem prejudicados⁴⁵⁸. A decisão final caberia a Saint-Hilaire e assim ficaria acordado que as seis caixas em posse de Sieber ficariam para Hoffmanssegg, enquanto as duas presentes na Ajuda se manteriam em Portugal. Pela sua parte, Saint-Hilaire ficaria com metade de tudo o que se encontrasse em todas, salvaguardando no entanto o interesse de Hoffmanssegg em que todos os espécimes que fossem únicos se mantivessem em sua posse. Os trabalhos do naturalista francês na Ajuda terão durado o resto dos dias do mês de Maio, estando concluídos nos primeiros dias do mês de Junho.

455 Hamy (1908: p. 48)

456 Hamy (1908: p. 48)

457 Hamy (1908: p. 48)

458 Hamy (1908: p. 48)

Existe ainda no Arquivo Histórico do Museu Bocage a "*Relação Dos Productos naturaes que por ordem do General Junot levou deste Real Museu M. Geoffroy de St. Hilaire em Junho e Agosto de 1808*"⁴⁵⁹ (Figura 12).

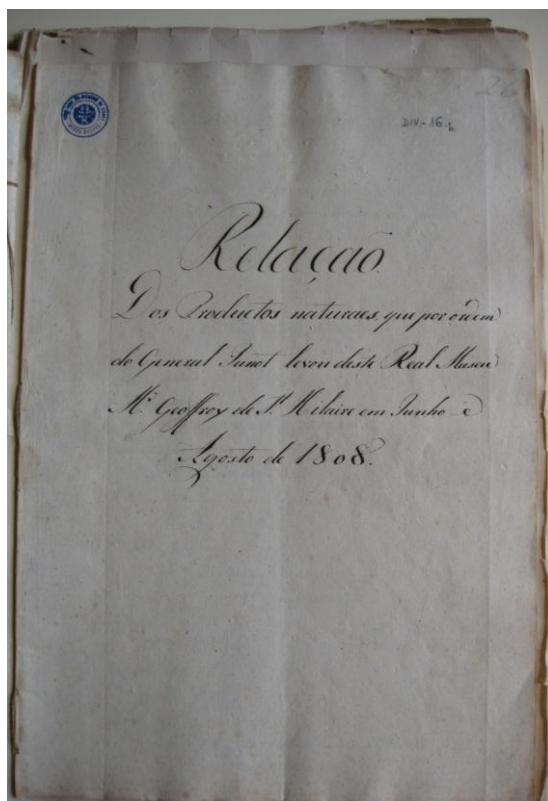


Figura 12 - Fronstespício da "*Relação...*". Fonte AHMB Div. 16b

Este precioso documento apresenta-nos um retrato fiel das coleções escolhidas pelo naturalista francês, perfazendo os seus números quarenta e dois fósseis, cinquenta e nova amostra minerais, dez herbários (do Brasil, de Angola, de Cabo Verde, do Cabo da Boa Esperança, do Perú, de Gôa, da Conchichina e da Suécia), contendo cerca de duas mil oitocentas e cinquenta e cinco plantas herborizadas, um conjunto de manuscritos contendo um total de cinco obras e cerca de mil quinhentos e oitenta e três exemplares zoológicos, constituídos por:

- 76 indivíduos de mamíferos, pertencentes a cerca de 65 espécies;

459 AHMB Div.16b

- 387 exemplares de aves, de cerca de 239 espécies diferentes;
- 32 espécimes de répteis e anfíbios, de 25 espécies diferentes;
- 100 espécimes de peixes, de 89 espécies;
- 508 exemplares de insetos, de 209 espécies diferentes;
- 12 crustáceos exemplares, de 5 espécies diferentes;
- 468 conchas, de 272 espécies diferentes.

Estas coleções, maioritariamente constituídas por duplicados, continham uma amostra substancial da riqueza da Ajuda.

O fim dos conflitos e o pedido de armistício por parte de Junot às tropas britânicas, conduziram ao fim da primeira invasão napoleónica e à assinatura da "*Convenção Definitiva para a evacuação de Portugal pelo exército francês*", em 30 de Agosto de 1808. Concedendo salvo conduto às tropas napoleónicas, a convenção exigiria no entanto que todo o material saqueado de instituições públicas ou privadas deveria ser devolvido, ponto que causaria consideráveis problemas a Saint-Hilaire. William Carr Beresford, (1768 - 1854), general britânico responsável pela supervisão da Convenção, e William Allen Proby (1779 - 1804), tenente-coronel seu ajudante, opor-se-iam ao transporte das coleções reunidas por Saint-Hilaire, por considerarem tratar-se de um saque. As informações prestadas por Saint-Hilaire, de que parte das coleções haviam sido recolhidas pelo próprio, que outras haveriam sido oferecidas ou mesmo da conivência de Vandelli relativamente às coleções selecionadas da Ajuda, não convenceriam os militares Ingleses, criando um tenso impasse. Seriam mesmo necessárias as declarações de Brotero, da Academia das Ciências e do próprio Vandelli junto das autoridades Inglesas para as convencer da veracidade das reclamações de Saint-Hilaire⁴⁶⁰. Chamado a intervir, Vandelli reclamaria apenas 4 caixas, uma de conchas, outra de minerais e outras contendo obras botânicas, permitindo a Saint-Hilaire que levasse

460 Daget & Saldanha (1989: p. 69-70).

tudo o resto⁴⁶¹. Apesar das declarações da maior parte dos intervenientes, os supervisores Ingleses mantinham as suas dúvidas, e só cederiam aos pedidos de Saint-Hilaire quando este lhes fez entregar uma carta sua que supostamente haveria enviado ao presidente da Royal Society, Joseph Banks⁴⁶². A carta, que aparentemente não terá sido sequer enviada a Banks convenceria Beresford e Proby, e a 11 de Setembro as coleções embarcariam no "Whitby" e rumariam a França.

Com a pacificação do País, Vandelli apresentaria um relatório circunstanciado sobre os acontecimentos de especial importância para o complexo da Ajuda durante a invasão Napoleónica. Pela sua importância e grande detalhe decidimos pois transcrever o mesmo na sua totalidade:

"Senhor. - Domingos Vandelli Director do Real Jardim Botanico, Museo etc. reppresenta a V. A. R. que entre as Repartições da Sua Real Casa o Museo escapou á pilhagem de Chuffre, cunhado do General Junot, que tendo noticia nelle haver folhetas e barras de ouro, e suppondo tão bem porção de diamantes, nos primeiros dias da sua chegada o foi visitar, mas ficou lograda a sua cubiça; porque os diamantes são pequenos e não são mais que nove, e as folhetas e barras de ouro precavendo o saque as entreguei a V. A. R. em dous saquinhos na vespera da sua partida; pelo que o Chuffre não sendo curioso das outras produções Naturaes não voltou. Poucos meses depois chegou Geoffroy de S.^t Hilaire, hum dos Professores de Historia Natural do Museo de Paris, mandado pelo Ministro do Interior da França para tirar deste Museo todas as produções Naturaes, que faltassem no de Paris, indicando a grande massa de cobre nativo da Bahia, e que fizesse collecção de manuscriptos maes raros, donde os achasse, e cartas geographicas das Colonias, etc. Tive eu ordens do Governador de patentear o Museo ao Geoffroy; pelo que para assistir a sua escolha, e não houvesse saque nem descaminhos, pedi nos dias que devia hir a Ajuda sege, ou parelha das Reaes Cavallarices que me foi concedido, tendo a já por mercê de V. A. R., mas que na entrada dos franceses me foi tirada. Escondi as maes raras produções naturaes, e principalmente a maior parte que não erão duplicadas por meio o fiel José António Pires. Instei com o Geoffroy para deixar o cobre nativo, por ser enorme o seu peso, e difficultoso o transporte por terra, e porque era o principal ornato deste Museo; e ficassem os animais, que como desconhecidos dos Naturalistas, eu e meu filho moço da sua Real Camera tinhamos descriptos, sendo os maes animaes por elle escolhidos quase todos duplicados, exceptuados as conchas, e algumas especies de macacos; o que alcancei. Assinados os catalogos pelo Governador, do que escolheo Geoffroy deixei encaixotar, e transportar as caixas pra a Junqueira, de donde os hia

461 Daget & Saldanha (1989: p. 70).

462 Daget & Saldanha (1989: p. 70-71).

*embarcar. Mas como succedeo a feliz restauração do Reino dando lugar a reclamações, logo pedi ao General Beresford a restituição das caixas que Geoffroy tinha tirado deste Museo, que aparecendo neste Quartel General dizendo, que nas ditas caixas existião misturadas muitas produções naturaes, que lhe pertencião recolhidas na sua viagem e outras obtidas de varias pessoas, ou compradas, e hum Herbario do dr. Brotero, ao qual tinha dado huma grande collecção de sementes, que se repartirão com este Jardim Botânico, e ao Museo fez presente de muitos mineraes, que nelle não existião, e por ter eu ja de V. A. R. obtida licença de trocar as produções Naturaes duplicadas do dito Museo para enriquece-lo mais com o que faltasse (como por varias vezes fiz); e prometendo-me Geoffroy, quando as cousas fossem socegadas remeter-me o dobro do Museo de Paris que faltasse a este; e que entretanto em compensação dos animaes me dava cinco caixas de manuscritos recolhidos em varios pontos e 23 grandes Volumes com folhas das estampas da Historia de Luiz XIV e coroação de Luiz XV, que nenhum reclamou, e contendo os ms. muitas obras ineditas, e interessantes para a Historia deste Reino, e das Colonias, de Politica, e finanças, Bellas Letras etc, lhe deixei as caixas dos Animaes, e me fiz restituir a das conchas, porque continha as mais raras e das quaes não havião (sic) duplicadas, na caixa dos mineraes por serem quaze todos do Brazil, aquella da Hora do Perú copiada do original e a do Rio de Janeiro ineditas, as quaes no fim por ordem do Junot tirou da Biblioteca do Museo. Presentei na Junta da Comissão os catalogos assinados, e a relação do que tinha recebido de Geoffroy em compensação dos Animaes, e me passou o junto certificado. Nesta geral separação das produções Naturais, e reposição das, que se restituirão, ficou o Museo tão desordenado que necessita reordenar-se e pôr as etiquetas, que se confundirão, ou perderão; pelo que devendo eu com maior frequencia hir a Ajuda, tãoobem para continuar o catalogo e dirigir e vigiar as pessoas empregadas nestes estabelecimentos não podendo eu esperar auxilio algum do Vice Director, se não que como thezoureiro por ser inhabilitado sahiu de casa por causa de molestia cronica - portanto P. a V. A. R. seja servida a continuação da mercê da sege das suas Reaes Cavalherices E. R. M."*⁴⁶³.

O detalhe e as considerações de Vandelli permitem-nos interpretar toda situação de uma perspectiva muito mais razoável do que as por vezes radicalizadas opiniões de vários autores. Contrariamente à ideia generalizada de saque, Vandelli, como diretor do estabelecimento, apresenta-nos a ideia de que a visita do naturalista francês teria sido em boa parte benéfica para o estabelecimento por ele dirigido. Por outro lado, a imagem de Vandelli como colaboracionista é também desmascarada. O paduano terá mesmo escondido alguns dos espécimes mais raros antes da chegada de Saint-Hilaire, deixando à sua disposição maioritariamente duplicados, e suplicando-lhe a manutenção de outros. Em troca ficariam no Museu uma coleção de minerais, importantes e raras obras

463 Torre do Tombo, Ministerio do Reino, maço 279, Cavallariças Reaes

bibliográficas, e a promessa de intercâmbio com o estabelecimento parisiense. Tendo em conta a realidade do museu e a considerável facilidade de se obterem produtos de Brasil, Vandelli viria mesmo a considerar que a "troca" (e não saque) em nada teria prejudicado o seu estabelecimento. Com a Convenção de Sintra, onde a relação de força se encontrava agora do lado de Vandelli, este não se veria na necessidade de recuperar todas as coleções selecionadas por Saint-Hilaire. Seria também esta a versão que Saint-Hilaire reportaria a Crétét aquando da sua chegada⁴⁶⁴.

Sabemos hoje que as promessas de intercâmbio entre Paris e a Ajuda não se viriam a efetivar. A expulsão de Vandelli do país, a preferência dada à Botânica em detrimento da Zoologia pelo seu sucessor, ou mesmo o "esquecimento" de Saint-Hilaire poderão em parte explicar a razão de tal não ter acontecido. No entanto, importa-nos hoje repor em parte a veracidade dos factos no que toca ao controverso evento. A visão clássica do "saque" parece-nos pois destituída de algum fundamento. É um facto que toda a envolvente e natureza da missão de Saint-Hilaire se desenrola num contexto bélico, em que a soberania nacional havia claramente sido quebrada pela força e ambições napoleónicas, e que a visita às coleções nacionais teria como intenção manifesta fazer transferir tudo aquilo que pudesse apresentar interesse para as coleções francesas. No entanto, a postura de Saint-Hilaire, que claramente podia fazer-se valer da força, é muito mais cordial e diplomática, talvez pelo simples facto do diálogo ser feito com outro naturalista. Talvez mais importante do que a sua própria "produção científica", o *status* e a personalidade de um naturalista jogar-se-ia muito mais no plano da fama e manutenção de boas relações com os membros da comunidade naturalista. A ética intrínseca a estas relações era tão ou mais importante que a riqueza das suas coleções, a vastidão da sua bibliografia ou os seus contributos para a economia. A missão de Saint-Hilaire, embora claramente benéfica para o museu de Paris, minimizaria as consequências negativas para Lisboa. Como veremos na Parte II, os

resultados científicos da mesma seriam importantíssimos para a evolução do conhecimento sobre a fauna mundial.

Epílogo - Sistemas, catálogos e coleções: a génese da História Natural

É impossível entender a humanidade sem a contextualizar no mundo natural. A natureza, da qual o próprio Homem faz parte, sempre teve um papel importante na vida do indivíduo e das sociedades. É na natureza que o homem encontra tudo aquilo que necessita para viver, desde a alimentação às matérias-primas, ao enriquecimento do seu mundo espiritual, artístico e simbólico. Rodeado por uma enorme diversidade de plantas, fungos e animais, espalhados por um planeta geológica e geograficamente diversificado, desde cedo o ser humano tentou compreender o mundo que o rodeava, perceber as relações invisíveis que o governavam, e conhecer as suas diferenças, semelhanças, utilidade, etc. Embora esta atividade naturalista, que se assume como uma necessidade básica de sobrevivência, tenha sido transversal a culturas e épocas, o estudo da natureza de forma "científica" e na linha daquilo que hoje conhecemos terá tido a sua génese no século XVIII⁴⁶⁵.

Numa Europa que havia conquistado meio mundo e onde diariamente chegavam notícias, materiais e seres nunca antes vistos, o fascínio pelo exótico aliar-se-ia à já antiga curiosidade pelo mundo natural. Desta aliança e do desejo de conservar tais estranhas e singulares produções, nasceriam as primeiras coleções naturalistas. É neste contexto importante ressaltar o papel das monarquias ibéricas dos séculos XV e XVI, e das suas "descobertas" marítimas como as principais responsáveis da abertura do mundo à Europa, e consequentemente do

465 Yoon (2010)

início ao desenvolvimento da ciência moderna⁴⁶⁶. Para além do papel que as descobertas marítimas ibéricas teriam para a modificação geral da conceção do mundo por parte dos sábios europeus, foram destas viagens, que resultariam a chegada à Europa de seres e objetos que aqui se viriam a tornar motivo de estudo, fascínio e espírito colecionista. No entanto, o conceito de atual coleção difere do resultado de colheita e acumulação de objetos de então. Os primeiros resultados destas expedições não seriam colocados em armários ou banquetas de gabinetes especificamente organizados para tal, mas sim utilizados como símbolos de poder e glória nos palácios de reis e nobres, ou como alegorias e demonstrações de assombro nas igrejas e catedrais. Seria necessário esperar até ao tardo-renascimento para que surgissem na Europa as primeiras coleções modernas. Movidas pelo interesse de uma nobreza e uma burguesia que pretendiam ostentar a sua riqueza e sofisticação pelo culto de uma imagem intelectual, começariam a surgir por toda a Europa coleções maioritariamente privadas, geralmente criadas nos espaços das casas ou palácios dos seus proprietários, e onde se tentava recriar a totalidade do mundo conhecido, num microcosmo simultaneamente científico, estético e simbólico, apostando principalmente nas curiosidades naturais e artificiais que fossem mais raras, mais exóticas, mais assombrosas e mais maravilhosas. Rapidamente estas coleções de curiosidades naturais, o seu estudo e fomento tornar-se-iam uma atividade cortesã, digna de especial apreço não só pelos seus "curiosos" cultores, mas também pela altas esferas do poder e do clero⁴⁶⁷.

Após o espanto e maravilha inicial causada pela presença de objetos raros e na sua maioria desconhecidos nestas coleções, colocavam-se várias questões difíceis de responder através dos antigos cânones. Era difícil, senão mesmo impossível, encontrar nas antigas obras de Plínio ou de Aristóteles, a resposta e informações relativas a animais nunca antes vistos na Europa mas que agora se perfilavam pelas paredes e bancadas de vários gabinetes Europeus. Mesmo aqueles

466 Costa & Leitão (2009).

467 Findlen (1996)

seres que se encontravam desde sempre nos territórios europeus, mas que até então não haviam despertado particular interesse aos sábios, começavam também a ser alvo de curiosidade. Numa tentativa de estudar e apresentar as curiosidades do mundo natural, que iam sendo albergadas nestas coleções, seriam escritas por toda a Europa várias obras dedicadas à sua descrição e publicitação. A partir da publicação de obras como as de Charles de l'Écluse (1525 - 1609), Ulisses Aldrovandi (1522 - 1605), as "histórias naturais" de Robert Plot (1640-1696) "*Natural History of Oxfordshire*" (1677) ou "*Natural History of Stafford-shire*" (1686)⁴⁶⁸, dos trabalhos botânicos de John Ray (1627 - 1705), aos catálogos de museus como os de Ole Worm (1588 - 1655) "*Museum Wormianum seu Historia Rerum Rariorum*" (1655) ou o "*Thesaurus*" (1734) do farmacêutico e comerciante holandês Albert Sebas (1665 - 1734), estabelecer-se-iam as bases que permitiriam o nascimento da História Natural como ciência.

A História Natural do Iluminismo pretendia responder a desafios bastante concretos: classificar toda a diversidade de seres do mundo, explorar as suas propriedades e usos e procurar na diversidade um plano geral - um "sistema natural". Estas demandas filosóficas não eram no entanto simples de alcançar, antes de mais pela inexistência de métodos classificativos fiáveis e da própria instabilidade dos conceitos. Era impossível classificar uma espécie de forma fiável quando o próprio conceito de espécie era ele próprio dúbio, e quando existiam dúvidas sobre a quantidade e qualidade de caracteres necessários para definir as fronteiras entre diferentes seres e grupos⁴⁶⁹. Ora as abordagens clássicas de Aristóteles e mais tarde de naturalistas como John Ray (1627-1705), Joseph Tournefort (1656 - 1708), ou Michel Adanson (1727 - 1806), apesar de apresentarem aproximações interessantes à criação de sistemas falhavam claramente, em parte devido às dúvidas colocadas pelos caracteres distintivos necessários: bastaria uma única característica para diferenciar os seres, ou pelo contrário seria necessário um conjunto?

⁴⁶⁸ Whittaker (1996)

⁴⁶⁹ Farber (2000)

A necessidade de resposta a estas questões impunha-se como uma necessidade que extravasava os domínios da ciência em si, e ganhava contornos económicos, políticos e religiosos quando entendidos no quadro geral do Iluminismo. Numa altura de crescente comércio marítimo baseado nas riquezas naturais das colónias e da consolidação desses mesmo territórios ultramarinos, era urgente a necessidade de adoção de nomenclaturas e de discursos que convencionassem o que era o quê, como se denominava, como podia ser útil à economia, medicina e "artes" e onde é que se podia encontrar. Só assim se poderiam trocar, vender, encomendar e conhecer as diversas e cobiçadas produções naturais. No contexto de uma Europa cristã e de um Iluminismo sancionado pela Igreja Católica, era imperioso que os impérios Europeus e os seus naturalistas se esforçassem por contribuir para o fortalecimento da fé encontrando o sistema com que Deus havia criado e organizado a natureza e a tinha colocado à disposição do Homem. Tal como os teólogos das Escrituras, os naturalistas ambicionavam conhecer a essência do Divino através do estudo da criação. Embora as bases existissem, o desenvolvimento da História Natural como uma ciência independente e claramente definida encontrava-se refém da quase que total anarquia metodológica e conceptual que grassava no seio dos seus cultores. Embora as práticas museológicas se regessem por padrões semelhantes e fosse prática comum a publicação de obras sobre o tema, a inexistência de uma linguagem própria e a falta de uma metodologia eficaz, minava o progresso da História Natural e relegava-a a um caos epistemológico difícil de disciplinar. É neste contexto que nasce aquele que viria a uniformizar as práticas e discursos da história natural e a oficializar a "História Natural" como área científica independente, o sueco Carl von Linné (1707 - 1778), Lineu. A importância de Lineu é tal que é impensável debruçar-nos sobre a História Natural do século XVIII sem obrigatoriamente a enquadrarmos na vida e obra do sueco. Não que Lineu fosse o único naturalista famoso no seu tempo, pois o francês George-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707 - 1788) afigurava-se também ele como um vulto importantíssimo do naturalismo europeu, mas pelo simples facto de que a sua obra viria a alterar radicalmente o estudo da História Natural, padronizando técnicas e fixando conceitos, elevando-a finalmente ao estatuto de ciência sólida e independente, ao

mesmo tempo que a sua vida viria a tornar-se um modelo pelo qual todos naturalistas se tentavam reger.

Em 1735 publicaria o *Systema Naturae*, que, dividindo toda a natureza por três reinos - Animalia, Plantae e Minerallia - e subdividindo-a por classes, ordens, géneros, espécies e variedades, e que se apresentava ao mundo como algo acessível a qualquer um que pretendesse contribuir para a construção do imenso catálogo do mundo vivo. Este sistema, por mais artificial que fosse e baseasse a distinção entre os seres em apenas algumas características (o sistema sexual nas plantas, a dentição, locomoção e tipo de sangue para os animais, etc.) era de fácil utilização e epistemologicamente bastante cómodo. Graças a esta facilidade de utilização, mas também devido à sua solidez do ponto de vista científico e universalidade, o *Systema Naturae* de Lineu viria a ter uma aceitação praticamente imediata por quase toda a Europa, tendo sido feitas várias edições, cada vez mais completas e aprofundadas. O facto é que a sistemática lineana, embora já consideravelmente revista, continúa a ser a base fundamental da taxonomia atual e têm como principal importância ter sido o marco decisivo para a consolidação da História Natural como uma disciplina científica. A importância é tal que, embora vários outros autores tivessem descrito plantas e animais muito antes de Lineu, a comunidade científica unanimemente reconhece a 10ª edição do *Systema Naturae* (1758) de e o *Species Plantarum* (1753) como as primeiras referências no que toca à nomenclatura zoológica e botânica, respetivamente.

Graças a Lineu a Humanidade possuía pela primeira vez um forma eficaz e universal de classificar o mundo natural, quer aquele que o rodeava quer aquele que se começava a tornar acessível através dos espécimenes que chegavam nos porões dos barcos para serem vendidos por toda a Europa e aos que os naturalistas recolhiam nas suas viagens. Devido à sua própria experiência lapónica, Lineu sabia melhor que ninguém a importância das viagens para o desenvolvimento da história natural. Era nas viagens que se recolhiam novas coleções, que se tiravam apontamentos sobre os objetos recolhidos, a natureza observada e as sociedades contactadas, e, talvez ainda mais importante do que isso, se conheciam novas ideias e materiais com possível proveito para a economia.

Tendo isso em mente, Lineu promoveria várias viagens "filosóficas" aos mais variados recantos do mundo, contando para isso com a dedicação e entrega dos seus pupilos, ou "apóstolos" como ele próprio os apelidava. Seguindo instruções delineadas pelo próprio, dezanove estudantes de Lineu empreenderiam viagens de índole naturalista à volta do mundo, colecionando produtos naturais, escrevendo memórias detalhadas e trazendo consigo novas ideias e materiais que estes previam virem a ser úteis para o desenvolvimento socioeconómico. Este terceiro objetivo enquadrava-se numa estratégia de naturalismo económico de qual o mestre sueco era não só seguidor, como também principal defensor e teórico. Segundo Lineu era obrigação do Homem estudar a história natural do seu país e do mundo de forma a aperfeiçoar a economia do seu país e a promover o desenvolvimento técnico e social. Este interesse económico do estudo da história natural não era exclusivo dos naturalistas, mas era fortemente partilhado por teóricos fisiocratas como François Quesnais ou políticos como Adam Smith⁴⁷⁰. Conhecendo o maior número possível de seres, quer das suas pátrias quer dos vastos territórios ultramarinos, os naturalistas contribuíam para a diversificação de produtos alimentares, medicinais e de matérias-primas capazes de trazer benefícios para a sociedade e para a economia, ao mesmo tempo que experimentavam formas de aclimatizar plantas e animais úteis na clara tentativa de reforçar a independência financeira e económica dos estados. Não se estranha assim que durante a sua vida, Lineu se tenha vindo a afirmar como um dos homens mais ricos e influentes da sociedade Sueca, tomando parte em importantes investimentos e sendo consultor do governo⁴⁷¹.

Por sua vez, se o "naturalismo económico" era o motor sociopolítico que sustentava o desenvolvimento da História Natural, a teologia natural justificava a demanda naturalistas do ponto de vista teológico, enquadrando as investigações destes como uma outra via de conhecer e louvar a Deus, complementar ao estudo das escrituras. Embora o termo e a retórica a si associada fosse plasmada apenas

⁴⁷⁰ Spary (1996)

⁴⁷¹ Farber (2000), Blunt (2002)

em 1802 com a publicação de William Paley (1743 - 1805) "*Natural Theology, or Evidences of the Existence and Attributes of the Deity collected from the Appearances of Nature*", o facto é que a argumentação teológica sobre a importância da natureza para a compreensão da obra e plano geral da criação divina, bem como os próprios contributos que a interpretação teológica dos conhecimentos gerados pela experiência naturalista oferecia ao próprio desenvolvimento da ciência, revestindo-a com um confortável enquadramento na cosmografia cristã, era desde há muito um lugar-comum nos discursos sobre o estudo da história natural⁴⁷². Lineu, homem de fortes convicções religiosas, via-se a ele próprio como um enviado de Deus, cuja missão era estudar natureza e difundir os conhecimentos daí resultantes, como forma de honrar o Divino e fortalecer a fé cristã num Deus que havia colocado à disposição da humanidade todo um planeta de recursos⁴⁷³. O seu sistema natural, embora assumindo artificialismos provisórios, para compreensão da natureza era, na ideia de Lineu, nada mais do que uma aproximação ao plano geral da natureza concebido por Deus, e ao ordenar, classificar e nomear os produtos da Criação, Lineu via-se a prestar reverência ao seu Criador⁴⁷⁴. Segundo as palavras do próprio "*Se o Criador de todas as coisas, que não fez nada ao acaso, dotou o globo terrestre, como um museu, com as mais admiráveis provas da Sua sabedoria e poder; se para além disso este esplêndido teatro fosse adornado em vão sem espectador; e se Ele colocou nele o Homem, a principal e mais perfeita de todas as Suas obras, que sozinho é capaz de avaliar devidamente a maravilhosa economia do todo; significa, que o Homem é feito com o objectivo de estudar as obras do Criador, e que ele possa observar nelas as marcas evidentes da Sua divina sabedoria.*"⁴⁷⁵.

Pesem as suas idiossincrasias, no que a Portugal diz respeito, a passagem do século XVII para o século XVIII reproduziria de forma interessante as

⁴⁷² Brooke (2003), Farber (2000)

⁴⁷³ Blunt (2002), Brooke (2003)

⁴⁷⁴ Blunt (2002), Brooke (2003)

⁴⁷⁵ Linnaeus (1785: p. 13-14).

tendências gerais da Europa. Desde há muito que os Portugueses, face à diversidade natural que encontravam nas suas colónias, vinham a dedicar-se ao estudo de determinados temas que na essência podemos considerar de "História Natural". Exemplo disso é a obra de Garcia de Orta (1500 - 1568), principalmente do seu afamado "Colóquio dos simples" (1563) sobre os usos medicinais das plantas e outras produções naturais da Índia ou a inacabada "História dos animais e árvores do Maranhão" de Frei Cristóvão de Lisboa (1652). É no entanto, à semelhança do resto da Europa, que o estudo da natureza vai assumir uma maior importância e especialização. Embora se continue a assistir à publicação de obras sobre determinados aspetos da História Natural, é neste século que por todo o país se iniciarão coleções de produtos naturais. Uma das mais conhecidas seria a do próprio D. João V (1689 - 1750), da qual o naturalista com Antoine-Joseph Dezallier d'Argenville (1680 - 1765) daria consubstanciada descrição, chamando a atenção para objetos naturais como um famoso "*Conus Cedonullis*" que aparentemente teria feito parte das coleções de Seba e estudado pelo próprio Lineu⁴⁷⁶.

Boa parte destas coleções perder-se-ia durante o terramoto de 1755. Apesar da perda destas coleções, e as elevadíssimas perdas humanas e materiais, o facto é o terramoto teria influência no consolidar das filosofias do Iluminismo, que por sua vez viriam influenciar o desenvolvimento do país. Lisboa e o seu terramoto chamariam a atenção de filósofos Europeus como Voltaire (1694 - 1778) ou Kant (1724 - 1804). Seria também com o terramoto que Sebastião José de Carvalho e Melo (1699 - 1782), conde de Oeiras e Marquês de Pombal viria a reforçar o seu prestígio político e conseqüente poder e influência. Carvalho e Melo, que conhecia a realidade Europeia após alguns anos como embaixador de Portugal em Londres e uma missão diplomática na Áustria, seria nomeado por D. José I (1714 - 1777) ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, e mais tarde Secretário de Estado do Reino. Aliando as ideias que havia obtido nos seus périplos europeus com o

476 "*Le Cedo-Nulli de Seba (plache XVI, lettre D8), nous paroît être l'individu qui, du cabinet de M. de la Faille, a passé, suivant le témoignage de Gersaint, dans celui du Roi de Portugal & que nous croyons différent du Cedo-nulli de M. Lyonet.*" in Argenville (1780: p. 555-556).

crescente poder que D. José lhe confiava para levar a cabo a reforma total de um país atrasado face ao resto da Europa, o Marquês iniciará contactos e planos para atualizar a maioria das instituições do país. No campo cultural e pedagógico as iniciativas do Marquês levariam à reformulação total da organização da Universidade de Coimbra, à criação do Real Colégio dos Nobres em Lisboa, à criação do Real Jardim Botânico e Museu de História Natural do Paço de Nossa Senhora da Ajuda e à projeção de equipamentos semelhantes para a Universidade de Coimbra. A reformulação do ensino em Coimbra e o encerramento da Universidade de Évora, motivada pela implementação em Portugal de um ensino baseado na experiência contrastando com a escolástica até então dominante no país, refletia a expulsão dos Jesuítas e a promoção da Ordem Oratoriana na hierarquia clerical do país. Para fazer face à falta de naturalistas, Pombal contrataria Domingos Vandelli. A chegada de Vandelli ao país mudaria por completo o panorama nacional no que toca às ciências naturais, e dotaria o país de dois estabelecimentos fundamentais para o seu desenvolvimento - o complexo científico da Ajuda e os equipamentos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra. Vandelli seria o principal arquiteto desta autêntica revolução. Pela sua grande proximidade intelectual a Lineu, mas também pela sólida inserção no meio académico e científico de então, o naturalista paduano colocaria o país na vanguarda do progresso científico de então. Com a morte de D. José e a subida ao poder de D. Maria, o estudo da natureza ganharia um novo fôlego, com a organização de várias viagens filosóficas patrocinadas pela coroa às possessões ultramarinas com o intuito de estudar as suas produções naturais, numa lógica de naturalismo económico, ao mesmo tempo que se assistirá à criação em Lisboa da Real Academia das Ciências. O reinado de D. Maria II, no que às ciências histórico-naturais diz respeito, revelar-se-á fecundo, com a realização de importantes investimentos envolvidos por uma atmosfera científica e académica particularmente rica e ativa. Vandelli como correspondente e partidário de Lineu, conseguiria implementar em Portugal o sistema classificativo desenvolvido pelo Sueco, bem como a sua atividade seguiria em tudo a de Lineu. Dos trabalhos de Vandelli em Portugal resultaria a descrição da "*Amphisbaena cinerea*", importante endemismo ibérico e até então completamente desconhecido da ciência. Poder-se-

ia argumentar que tendo em conta o grande desconhecimento da diversidade biológica da península, e o grande número de espécies descritas para a península durante as décadas seguintes, a obra de Vandelli neste ponto tenha sido bastante limitada, o que parece fato inegável. No entanto é importante contextualizar a ação de Vandelli no país, bem como o próprio conceito de espécie. Face às constantes requisições para as mais variadas funções, o estudo das coleções de um ponto de vista sistemático e taxonómico seria colocado em segundo plano por Vandelli, e, tendo em conta a rudimentaridade de algumas das observações, a insuficiência dos caracteres morfológicos usados e à ainda grande subjetividade do conceito de espécie, o naturalista resumir-se-ia a "aproximar" as suas identificações às de Lineu, como foi o caso da "*Vipera*" da Caparica..

Devido à natureza imperial do país, as expedições filosóficas seriam um marco fundamental deste período. Preparadas minuciosamente e com objetivos claramente ambiciosos, as missões de Alexandre Rodrigues Ferreira, Manuel Galvão da Silva, Joaquim José da Silva e João da Silva Feijó revelar-se-iam, na sua generalidade um sucesso, pelo menos no que toca à grande quantidade e diversidade de coleções enviadas para Ajuda. No entanto, e como veremos na Parte II desta tese, o objetivo declarado de escrever uma "História Natural das Colónias", projeto acalentado desde cedo por Vandelli para o qual as viagens filosóficas em parte haviam servido, seriam completamente gorado. No que toca ao crescimento das coleções, num período de pouco mais de trinta anos as coleções nacionais cresceriam virtualmente do zero para se tornarem no final do século numas das mais ricas e invejadas coleções de História Natural do mundo, muito graças às coleções geradas pelos discípulos de Vandelli. Infelizmente esta coleções não viriam a ser convenientemente estudadas pelos naturalistas nacionais, nomeadamente devido às condições de trabalho impostas ao único naturalista da Ajuda - Alexandre Rodrigues Ferreira - aquando do seu regresso a Lisboa e ao seu trabalho na Ajuda. Como poderia um só homem acarretar a responsabilidade de estudar e descrever as coleções, ao mesmo tempo que teria a seu cargo a gestão interna de todo o complexo? A falta de pessoal especializado, viria a ser uma constante no complexo até ao seu fecho, e de certo modo uma marca da maioria

dos estabelecimentos museológicos portugueses do século XVIII e XIX. Assim, as importantíssimas coleções resultantes das viagens filosóficas realizadas, não viriam a granjear a nenhum Português a honra do cunho de novos taxa, não deixando no entanto de ser utilizadas pela comunidade científica internacional graças à missão de Saint-Hilaire.

No entanto, os tambores da guerra napoleónicas soavam cada vez mais próximos e ameaçavam de transporem os Pirenéus, o que aconteceria em 1807. Não só artilharia e soldados entrariam em Portugal, mas também naturalistas mandatados para visitar, estudar e fazer transportar para França, tudo aquilo que considerassem importante. As invasões napoleónicas e a missão de Saint-Hilaire ao país colocariam termo a uma época da história da história natural Portuguesa - a época de Vandelli. É justo reconhecer a importância que Vandelli teve para a fundação e desenvolvimento inicial dos estudos. Embora a exploração de todas as potencialidades que estes estudos tinham em Portugal ficasse bastante aquém das expectativas, o facto é que a obra de Vandelli se revela como um marco fundamental para as ciências histórico-naturais no país. Embora obra científica de Vandelli, no que toca à taxonomia e sistemática propriamente pura, não seja extensa, revelar-se-ia como pioneira, tendo mesmo descrito alguns taxa novos para a ciência. Mas o principal contributo Vandelliano seria de facto a construção de uma tradição lineana em Portugal, com a fundação de dois imponentes estabelecimentos, a formação de discípulos e a elevação das ciências histórico-naturais ao estatuto não só de ciência, mas de tema caro da política imperial Portuguesa.

Parte II

***Os anos negros da zoologia
portuguesa (1810-1861)***

Capítulo 6 - Das invasões francesas à guerra civil

Após a pacificação do país e a expulsão das últimas tropas napoleónicas, o decano dos naturalistas portugueses Domingos Vandelli, viria a sofrer uma das maiores reviravoltas da sua vida. O afamado correspondente de Lineu, fundador dos dois principais gabinetes nacionais e principal impulsionador das políticas do naturalismo económico, foi acusado de francesismo e de ter compactuado com Saint-Hilaire na sua visita à Ajuda, vindo a ser obrigado a exilar-se na Ilha Terceira e, mais tarde em Londres⁴⁷⁷. A expulsão do rosto máximo das ciências histórico-naturais do iluminismo português, iria, para além de marcar simbolicamente a história da história natural em Portugal, representar um considerável agravamento do caos deixado pela visita de Saint-Hilaire⁴⁷⁸. Com a saída forçada de Vandelli, todo o complexo da Ajuda ficaria reduzido a um quadro de pessoal insuficiente, não só em números como também em competências, e resumido à instável administração de Alexandre Rodrigues Ferreira⁴⁷⁹ que para além de praticamente acamado devido a doenças contraídas durante a sua viagem, sofria

477 Cardoso (2003)

478 Podemos encontrar um paralelo com a situação do *Jardin des Plantes et Cabinet du Roi* em Paris após a morte de Buffon, em que após quase 50 de direcção do autor da *Histoire Naturelle* o estabelecimento se encontrava "decapitado" ("*À la mort de Buffon (16 avril 1788) à la veille de la Révolution, le Jardin et le Cabinet du roi se trouvent dans une situation critique. Après la concentration aux mains de son intendant pendant près de cinquante ans, l'établissement est, pour ainsi dire, décapité.*" in Daugeron (2009: p. 119).

479 Seria também vice-director dos mesmos espaços até 1815 (ano em que viria a falecer)

também de um suposto alcoolismo desenvolvido após ter regressado da mesma⁴⁸⁰. Caberá ao botânico, professor catedrático e diretor do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra, Félix de Avelar Brotero (1744-1828; Figura 13) tomar as rédeas do estabelecimento lisboeta.

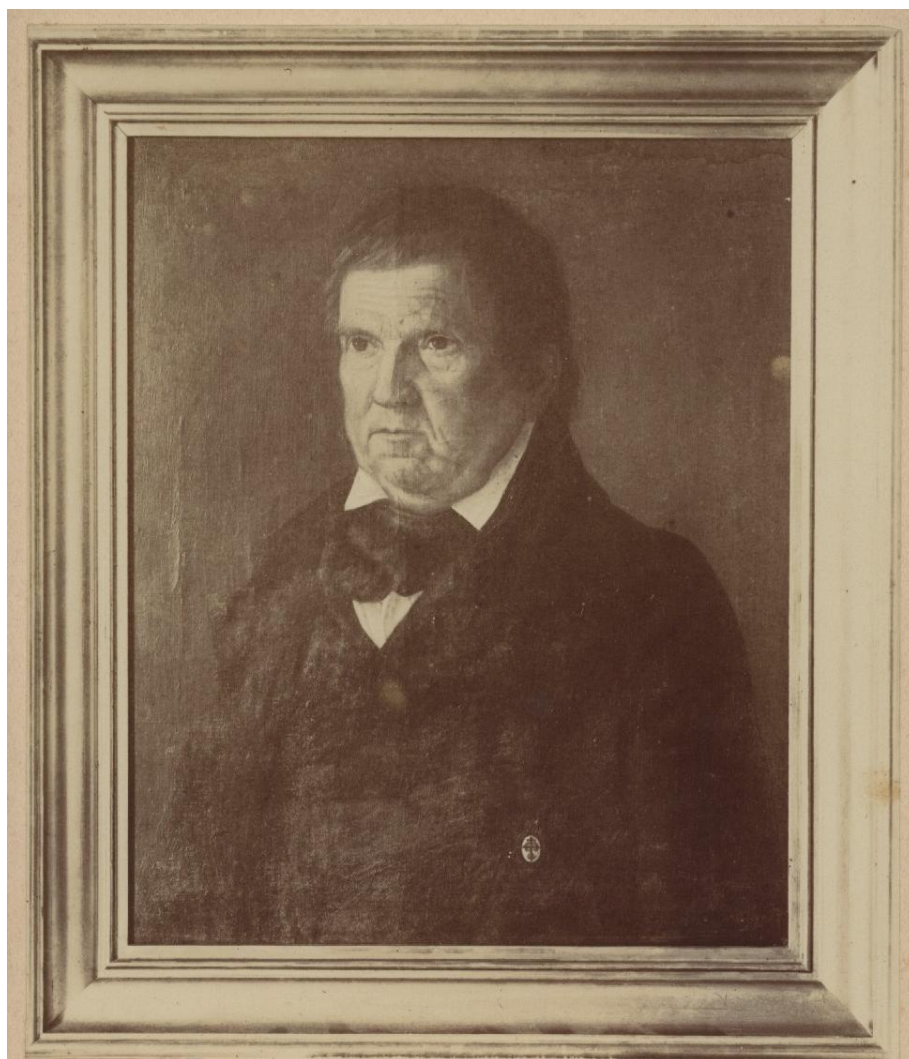


Figura 13 - Retrato de Félix de Avelar Brotero. Fonte AHMB

Brotero estudara medicina na Escola de Medicina de Reims e teve acesso ao *Jardin des Plantes* e às aulas de personagens influentes do estabelecimento parisiense como Vicq d'Azir, Daubenton, Lamarck, Cuvier, ou Buffon. Ainda em Paris, Brotero publica a sua primeira obra, o "*Compendio de Botanico, ou Noções Elementares Desta Sciencia, segundo os melhores Escriitores modernos, expostas na*

480 Lima (1953)

lingua Portugueza"⁴⁸¹ (1788), na qual reúne os conhecimentos retidos nos seus estudos no *Jardin des plantes*. Regressado a Portugal em 1790, será pela mão da própria Rainha que Brotero rumará à Universidade de Coimbra, onde sem concurso nem discussão lhe foi atribuída a direção da nova cadeira de Botânica e Agricultura da Faculdade de Philosophia, e o grau de doutor em Philosophia. Embora esta promoção tenha criado atritos e invejas dentro do complicado mundo académico de Coimbra, é em Coimbra que recomeça a publicar os seus trabalhos, tal como o "*Diccionario portuguez das plantas com o nome vulgar e o seu correspondente pelo sistema de Lineu*" (1793), inserido no 3º volume obra de Andreas Memnich "*Allgemeines polygloton Lexicon der Naturgeschichte*", os "*Principios de Agricultura Philosophica*"⁴⁸², texto de apoio à sua cadeira, os artigos "*An account of the frutification of Lycopodium denticulatum*" (1800) e "*Description of Callicocca Ipecacuanha*" (1802)⁴⁸³ na *Transactions of the Linnean Society* de Londres, mas também, talvez as suas obras máximas, a "*Phytographia Lusitaniae selectior, seu novarum, et aliarum minus cognitarum stirpium, quae in Lusitania sponte veniunt, descriptiones*"⁴⁸⁴ (1800), e os dois volumes da primeira verdadeira flora nacional, a "*Flora Lusitanica, seu plantarum, quae in Lusitania vel sponic crescunt, vel frequentius coluntur, ex florum praesertim sexubus systematice distributarum, synopsis*"⁴⁸⁵ (1804). Brotero obterá a jubilação da Universidade em 1808, ano que corresponderá à sua saída de Coimbra face à chegada das tropas francesas sob o comando de Soult, que lhe danificariam a casa e a biblioteca. Fugindo da agressividade e vandalismo das tropas napoleónicas, Brotero rumaria a Lisboa, onde encontrará novamente o exército invasor. No entanto, este segundo encontro com as forças de ocupação, contrariamente ao que havia acontecido em Coimbra, apresentar-se-á mais favorável a Brotero, pois Saint-Hilaire, portador de

481 Brotero (1788)

482 Brotero (1793)

483 Brotero (1802)

484 Brotero (1800)

485 Brotero, F. A. (1804).

uma carta do seu amigo em comum, Correia da Serra, socorreria financeiramente Brotero⁴⁸⁶.

O lugar deixado vazio com a expulsão de Vandelli e a incapacidade de Alexandre Rodrigues Ferreira para tomar as rédeas de todo o complexo apresentar-se-á a Brotero como uma oportunidade que não se poderia dar ao luxo de desperdiçar. Após a pacificação do país, é de forma incisiva que Brotero se dirige logo em Dezembro de 1810 a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, então inspetor do complexo científico, oferecendo-se para o cargo de direção do estabelecimento da Ajuda⁴⁸⁷. A retórica de Brotero aliada à necessidade de uma direção para a Ajuda, granjear-lhe-iam o cargo desejado, sendo nomeado diretor de todo o complexo científico em 1811.

A confusão deixada pelas sucessivas invasões foi tal que ainda em 1811 muito material que havia sido encaixotado e prestes a ser embarcado para o Brasil ainda se encontrava em caixões de madeira⁴⁸⁸. Na tentativa de evitar uma nova "requisição", ou o puro vandalismo das tropas napoleónicas, muito do material havia sido encaixotado e enviado para o porto para conseqüentemente ser posto a salvo no Brasil. Embora já depredado dos números anteriores, especialmente devido às transferências de Saint-Hilaire, o número de caixotes e material nele contido, eram reveladores da ainda grande riqueza do museu. Um total de noventa e dois caixotes, contendo todo o tipo de material desde minerais⁴⁸⁹, rochas,

486 Ver Castel-Branco (2007: p. 152).

487 *Carta de Brotero ao Conde de Galveias (6 de Dezembro de 1810)*, cit. in Pires de Lima & Santos Júnior (1944: p. 34-35).

488 Segundo o tenente-general Inglês Henry-Thomas Cockburn: "*The guardian told me the royal family carried away the best part of the museum, and took it back to the Brazils, lest it might be sent to Paris. He also stated that as Portugal was now safe, the articles were returned again from South America, and actually in cases at the customhouse, and would be restored in ten days to their former places. If this were true - query, are they not too sanguine? But I could not discover any vacancy of consequence in this museum; so if the guardian's story be correct, I know not where the articles in question were, or will be placed.*" in Cockburn (1815) cit. in Brigola (2010: p. 110).

489 Num deste carregamentos, contavam-se alguns do minérios oferecidos por Saint-Hilaire em 1808: "*Mesmas do Arredores de Paris dadas por Geoffroy.*" in BCMNHN – Ms 2441.

moedas, cerca de duzentos e dois exemplares de aves, trezentos e trinta e quatro peixes⁴⁹⁰, quarenta e seis mamíferos⁴⁹¹, répteis, anfíbios e invertebrados, bem como muito material etnográfico, manuscrito e bibliográfico. Não só pelo relato de Cockburn, mas também pelas notas manuscritas do próprio Brotero na "*Relação dos Caixões pertencentes ao Real Museo com a marca R. M. e N.os de 1 ate 92: a fez*"⁴⁹² em que refere a ordem em que reincorporação do material dos diversos caixotes foi feita⁴⁹³, sabemos que nenhum material da Ajuda terá rumado ao Brasil, contrariamente por exemplo ao caso das coleções do Gabinete de Física do Paço da Ajuda⁴⁹⁴. Esta situação terá contribuído para aumentar a considerável desorganização em que Brotero encontrara o gabinete, e o levaria a classificar como "*uma vasta desordem de belas coisas*"⁴⁹⁵. Semelhante situação terá sido vivida ainda no rescaldo da segunda invasão, mas neste caso com nove caixotes com produtos de história natural provenientes da Universidade de Coimbra que teriam rumado a Lisboa de modo a escapar ao invasor napoleónico. Esses produtos tardariam no entanto a regressar a Coimbra, levando o lente e diretor do

490 Onde se incluíam exemplares de grandes dimensões como um "*Pirarucú*", ou a "*Arraia de Portugal*" e o "*Peixe martello*", mas também um barril com peixes em "*agoa ardente*" in BCMNHN – Ms 2441.

491 Não só grandes animais taxidermizados como um "*Urso*", um "*Lobo de Portugal*", uma "*Phoca*" ou uma "*Onça*", mas também exemplares guardados em álcool como um Barril com "*Cabeça e mãos de orangotango em agoa ardente*", 3 fetos humanos monstruosos, entre outros (BCMNHN – Ms 2441.).

492 BCMNHN – Ms 2441. Não se encontrou explicação para a presença deste e de outros documentos de data posterior à última invasão francesa se encontrarem no acervo da Biblioteca do Museu parisiense. É provável que tenham sido enviados por Brotero, mas pouco mais se conseguiu apurar. Ver Daszkiewicz (2002)

493 "*N.B. Os N.os com o risco – forão reconduzidos pa. o Museu na primeira ordem; e os q tem o sinal + forão reconduzidos pela segunda ordem do Ex-mo Sr. Condo do Redondo. Os do sinal +++ sahirão por terceira ordem*" in BCMNHN – Ms 2441.

494 Felismino & Lourenço (2013)

495 "*Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor - Tenho a honra de remeter a vossa excelência o catálogo das plantas que neste real Jardim se cultivam, o qual acabo de concluir depois de quatro anos de observações assíduas, porque quando aqui entrei a servir não achei catálogo algum, nem geral nem particular, mas tão somente a memória do jardineiro, fraca e cheio de erros, e o mesmo me sucedeu proporcionalmente no Museu, que se podia chamar uma vasta desordem de belas coisas.*" in Anónimo (1889: p. 358-359)

estabelecimento conimbricense, Francisco António Ribeiro de Paiva, em Fevereiro de 1810, a constatar a necessidade de reaver os "nove caixoes" que ainda se encontravam em Lisboa, não só por o seu conteúdo ser pertença do museu universitário, mas também porque com a ausência dos materiais nele contidos se tornava impossível a atividade letiva⁴⁹⁶.

O trabalho de Brotero após a chegada ao complexo terá sido extraordinariamente árduo, facto esse que levariam a que o próprio viesse a residir numa casa anexa aos estabelecimentos⁴⁹⁷. Uma das tarefas iniciais terá a sido a elaboração de catálogos do material existente no gabinete e armazéns anexos⁴⁹⁸ e das plantas existentes no Jardim Botânico. Com o catálogo inicial das

496 "São dois os motivos que me obrigão a por na Presença de VS^a aprezenre reprezetação p effeito de se mandarem reconduzir p^a o Museu da Universidade nove Caixoes q se achão em Lisboa pertencentes ao mesmo Museo: O primero aver com bastante sentimento meo e disprazer q huma Repartição e estabelecimento por sua natureza magnifico e respeitavel se acha exaurido e fato das milhores Produçoens, e mais raras q se achavão enriquecendo o mesmo Museo porse haverem estas remetido por segurança Publica p^a a corte de Lisboa, ficando desta maneira hum tão respeitavel Estabelecimento q tanto honra e acredita a VMagesstade aos que concorem [?] de diferente qualidade e Naçoens a admirar, destituido e falto das sobreditas Produçoens q tornavam, e enriquecião tão respeitavel e util estabelecimento: Segundo porque com a falta das sobreditas Produçoens não posso dignamente prehencer, e dezempenhar as Liçoens do curso annual e lectivo, a cujas estas mesmas produçoens tanto servem em beneficio do Publico. Obrigame pois o meo cargo e omeo dever a similhante representação, escritpo pela execução não so o q ha de resppeitavel e digno e similhante estabelecimento como o dezempenho de minhas obrigaçoens na execução das mesma Liçoens. Como pois tem sido reconduzido, p [?] caixoes, pertencentes a outrs Repartições attendida a sua necessidade, pela mesma razaão e motivos pesso e rogo a VS^a haja de fazer prezente esta mesma representação onde competir p q seião enviados p a Universidade e seu Museo os sobreditos nove caixoes indispensaveis a vista dos motivos allegado, e os quaes se achão com os sinaes externos a baixo declarados. Deos guarde a vossa [?]. Em Coimbra. 3 de Fevereiro de 1810. Francisco António Ribeiro de Paiva." in AHUC - Processo do Professor Ribeiro de Paiva.

497 AHMCUL – Cota 1864. É ainda hoje conhecida como "Casa de Brotero", o edificio anexo ao extinto gabinete, actualmente sobre a gerência do Instituto Superior de Agronomia.

498 "Relação dos Livros, Papeis, Etc que no dia 3 de Julho de 1815 se tirarão da Casa do Desenho, e se ajuntarão aos mais que constituem o Cartorio do Real Museu e Jardim Botânico", o "Catalogo de generos do Brazil, e mais Colonias Portuguezas que ainda não estão no ordinario Commercio. Os marcados * são os que não precizão maior, ou nenhua preparação anterior.", a "Relação do que se acha na Casa do Risco do Real Jardim Botânico, e fez entrega Manoel Tavares da Fonseca, Desenhador q. foi da m.ma Casa no dia 30 de Novembro de 1811: a fez", o "Catalogo Dos Desenhos, Estampas, Livros, Instrumentos, Moveis, e Utensis, que ficão existentes na Casa do Desenho do Real Museu e Jardim Botânico em 3 de Julho de 1813, e entregues ao Desenhador Antonio Jose dos Santos.", o "Catalogo das Aves do Real Museu", e o "Catalogo dos Peixes do Real Museu", Todos estes documentos (actualmente presentes na Biblioteca Central do Muséum National d'Histoire Naturelle de Paris - cota BCMNHN – Ms 2441), nos apresentam um retrato minucioso de algumas partes do Gabinete,

plantas, Brotero estabelece desde logo início à investigação botânica, começando a estabelecer contacto com outros naturalistas europeus e dando início à elaboração de gravuras para acompanharem a sua *Phytographia Lusitana*⁴⁹⁹ no seguimento da sua *Flora Lusitana*⁵⁰⁰, de cujo primeiro tomo viria a lume em 1816. A Botânica viria a assumir-se na Ajuda, como já antes em Coimbra e em Paris, como a principal atividade de Brotero, delegando para segundo plano os trabalhos zoológicos. O infatigável labor de Brotero e a sua rede de contactos são bem visíveis no dia-a-dia do estabelecimento lisboeta. No "*Livro de Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinações que baixão ao Real Museu e Jardim Botânico, sendo Director delles O Dr. Feliz de Avellar Brotero*"⁵⁰¹, para além dos habituais problemas relacionados com a gestão de pessoal e fundos, são comuns as ordens, portarias e informações relativas à troca de exemplares botânicos com outras instituições nacionais, como a Universidade de Coimbra⁵⁰², ou à remessa de produtos botânicos por naturalistas e curiosos⁵⁰³. Às coleções presentes no Museu e armazéns,

bem como da sua situação de então. Acerca da presença destes documentos em Paris subsistem ainda hoje várias dúvidas, veja-se Daszkiewicz (2002)

499 Anónimo (1889: p. 358-359).

500 Brotero (1804)

501 AHMCUL Cota 1864

502 AHMCUL Cota 1864 (p. 2v).

503 "S. Mage Mande remetter a V. Exa. hua porção de Tabaco em corda, que o D.or Vicente José Teixeira Cardoso enviou das suas plantações da Ilha de S. Miguel, afim de que V. M.de., procedendo a todos os exames necessarios naquelle genero, informe quanto se offerece, assim acerca da sua qualidade, e preparação, em que vem, como do aproveitamento que em commum vantagem e possa tirar de se promover o seu augmento [...] 19 de Setembro de 1825" in AHMCUL Cota 1864 (p. 6-6v); "O Governo destes Reinos, creado pelo Real Decreto de 6 de Março do corrente anno, e presidido pela Serenissima Senhora Infanta Dona Izabel Maria, Mandou remetter a V. M.de trez caixotes de plantas de Nicociana proxicamente chegadas da Ilha das Flores, afim de que V. M.de as examine, e as faça vegetar competentemente. [...] 9 de Maio de 1826 - José Joaquim de Almeida e Araujo Correa de Lacerda" in AHMCUL Cota 1864 (p. 8v). A partir desta remessa Brotero escreverá a memória *Noções Botânicas das Espécies de Nicociana*, publicada em 1826 ; "Remetto a V. M.de hua porção de Penisco colhidos nos bosques da Polonia e da Russia Branca, afim de que V. M.de na conformidade do Aviso de 30 de Junho do anno proxima passado proceda ás experiencias nelle recommendadas. [...] 22 de Junho de 1826 - Joaquim José Monteiro Torres" in AHMCUL Cota 1864 (p. 10); "Recebi com muita satisfação, e levei á Presença da Serenissima Senhora Infante Regente, o Officio que V. Exa. acaba de me dirigir em data de 11 do corrente, informando da prospera cultura no Real Jardim Botânico das sementes de Pinheiros e de outras Arvores resinosas suas congenes, indiginas dos Paizes do Norte da Europa, que durante o Ministerio do meu Antecessor forão recommendadas ao seu cuidado e juntamente o

gravemente depredadas dos seus antigos números⁵⁰⁴, Brotero resumir-se-ia a catalogar, arrumar e dispor novamente nas duas salas expositivas do Museu. Mantendo uma lógica de arrumação muito semelhante aquela seguida durante a direção de Vandelli, a maioria das coleções zoológicas estaria colocada em dezasseis móveis de mogno envidraçados⁵⁰⁵, mas também em quatro banquetas⁵⁰⁶, enquanto por cima dos armários e pendurados no teto se encontrariam vários espécimes⁵⁰⁷. Mantinham-se nas coleções vários exemplares semelhantes aqueles que Saint-Hilaire havia, tal como um grande exemplar de "*Pirarucu*"

Tractado historico que V. Exa. escreveo relativamente a estas produções por insinuação deste Ministerio. [...] 16 de Agosto de 1826 - Ignacio da Costa Quintella" in AHMCUL Cota 1864 (p. 10). O tractado historico aqui referido deve referir-se ao texto que viria a ser publicado em 1827 intitulado Historia Natural dos Pinheiros, Larices e Abetos, cujo próprio sub título indica ter sido remetida á Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar.; "Remetto a V. Exa. alguns caroços do excellente fructo abacatis, e das frondosas arvores de nozes da India, que me chegarão em bom estado no mesmo caixotinho em que vão, e os quaes, apezar das hostilidades que soffrerão na Alfandega, me parece ainda podem ser plantados nas Estufas para ahi brotarem, e se conservarem athe que as plantas vigorem. [...] - Conde do Rio Pardo - Lisboa 30 de Setembro 1828" in AHMCUL Cota 1864 (15v); "Representando o Governador das Ilhas de Cabo Verde a necessidade de remediar a falta, que alli se vai experimentando de arvoredos; tendo sido inuteis as deligencias, que se tem empregado para fazer prosperar naquellas Ilhas o plantio dos Pinheiros; convem que V. Exa. preste os seus grandes conhecimentos botanicos a este respeito, indicando o que lhe ocorrer sobre a especie de arvores ou arbustos, que possão supprir a plantação dos Pinheiros, de que alli se não tem obtido nenhum bom resultado. [...] Paço em 18 de Março de 1828 - Jose Antonio de Oliveira Leite de Barros." in AHMCUL Cota 1864 (p. 16). Sobre este pedido veja-se Lima (1947).

504 Debruçando-nos sobre o "*Catalogo dos Peixes do Real Museu*", Brotero contabiliza cerca de 714 exemplares ictiológicos, menos 40% daqueles que se contavam em 1794⁵⁰⁴, enquanto no "*Catalogo das Aves do Real Museu*" dá conta de 656 exemplares ornitológicos e 62 ovos de aves, aproximadamente metade dos mesmos que Alexandre Rodrigues Ferreira havia referido no seu "*Inventário...*" de 1794.

505 "*Most of the articles are placed in mahogany glazed cases [...]*" in Neale (1809) *cit. in* Brigola (2011: p. 99).

506 Este número é inferido através da referencia contida no título de um manuscrito, infelizmente desaparecido, intitulado de "*Catalogo de todos os animaes, e mineraes, que se achão arranjados nos trinta e dois armários, e quatro banquetas do Real Muzeu. Feito em Dezembro de 1810*" in *Autos do ANTT, Ministério do Reino, Maço 2123, "Academia Real das Ciências. Ofícios. 1837-1843. O mesmo dá-nos então conta de que o número de armários respeitantes aos artigos zoológicos, somados aos 16 já referenciados que continham os espécimes geológicos, era de número de 32, o que nos deixa com o número final. Assim sendo, podemos perceber que as duas salas seriam, em termos de disposição e arrumos bastante semelhantes.*

507 "*No tecto da Sala: Squalus Zygaena [...] 1, Squalus Squatina [...] 1, Squalus mirimocellas [...] 1, Raja rhinobatoides [...]1, Raja sem nº especifico 2*" in "*Catalogo dos Peixes do Real Museu*" in BCMNHN – Ms 2441. Estes exemplares, nomeadamente os de "Raja" seriam iguais aqueles ilustrados no livro de ilustrações "*Riscos De Alguns Mammaes, Aves, e Vermes do Real Museo de Nossa Senhora d'Ajuda, Ditos de Peixes, e Vermes de Angola, com o Prospecto da Embocadura do Rio Dande, Ditos de varios Animaes raros de Moçambique, com alguns prospectos, e Retractos.*" (AHMB. Res. 1).

(*Arapaima gigas* Schinz, 1822)⁵⁰⁸ (Figura 14), e que Brotero, como veremos adiante, terá reconhecido como espécies desconhecidas para a ciência.

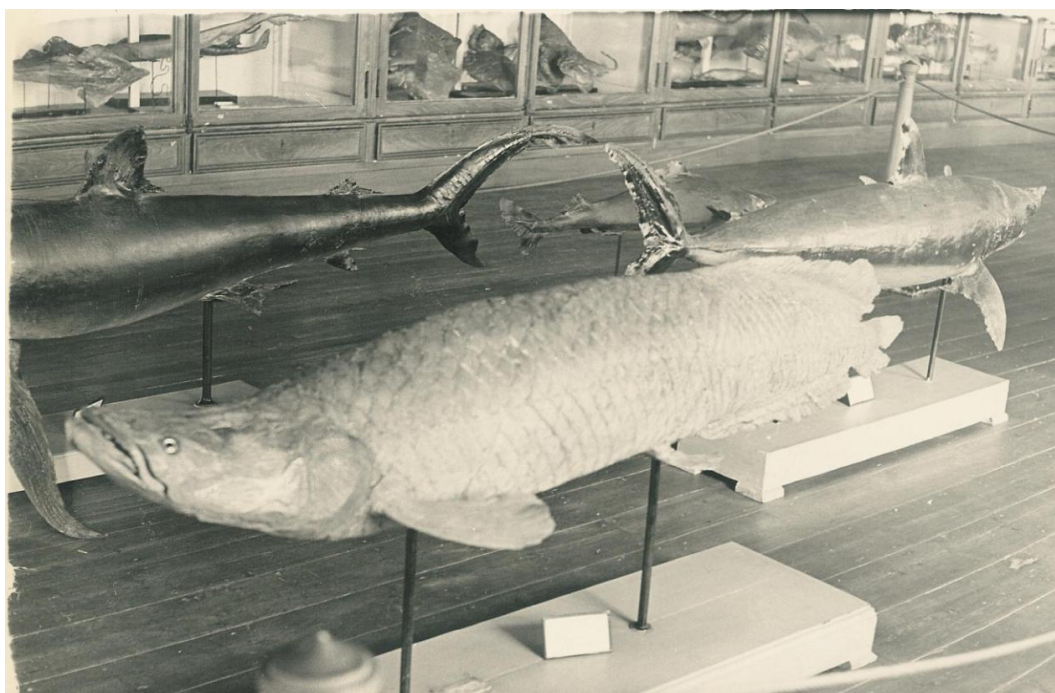


Figura 14 - Exemplar de Pirarucu (*Arapaima gigas* Schinz, 1822), proveniente da viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira, então nas colecções do Museu Bocage, na segunda metade do século XX. Fonte AHMB.

A considerável lista de publicações de Brotero sobre temas botânicos no período em que já se encontrava na Ajuda é testemunha evidente das suas principais linhas de trabalho. Para além das obras de carácter científico, Brotero participou também em outras, de carácter mais pedagógico e divulgador, assumindo a autoria de capítulos na versão portuguesa do "*Thesouro de meninos*" de Blanchard, tal como aquele dedicado à "*Botânica*" (1813), ou o "*Resumo de historia natural para uso da mocidade d'ambos os sexos, e instrucção das pessoas*

508 "*Catalogo dos Peixes do Real Museo*" (BCMNHN – Ms 2441). exemplar este que sobreviveria pelo até 1978, data em que seria consumido pela incêndio da Escola Politécnica. Caso semelhante se passaria com outro peixe originário da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira, o *Pseudacanthicus hystrix* Valenciennes, 1840, que seria referido por Felix de Brito Capello como presente nas colecções do Museu de Lisboa em 1868, e originário das colecções do Museu da Ajuda, e que não teria sido levado para Paris (Capello 1868), embora não existisse algum exemplar nas colecções parisienses, mas sim apenas um desenho do mesmo enviado por Vandelli a Lacepède em 1808 e acompanhado de uma memória escrita pela sábio italiano e o seu filho. Terá sido baseado neste mesmo desenho que Valenciennes terá descrito a espécie (Daget & Saldanha 1989). Existem fotografias deste exemplar que o colocam no Museu Bocage já em meados do século XX.

que desejam ter noções da historia dos tres reinos da natureza." (1815) e a "Nota sobre a Caprificação" (1815). É neste contexto mais pedagógico que Brotero se dedicará de forma mais ativa à Zoologia, não só pela própria adaptação de alguns termos e nomes no "Resumo de historia natural ...", mas principalmente na adaptação para a língua portuguesa dos nomes comuns dos animais da obra "Quadro elementar da Historia Natural dos Animais" de Cuvier, traduzido por António de Almeida e publicado em 1815 em Londres⁵⁰⁹. A tradução portuguesa seria publicada em Londres, patrocinado pelo Conde do Funchal, embaixador na corte britânica, sendo uma versão fiel ao original de Cuvier, incluindo a estampas (Figura 15), encontrando-se a única e principal diferença na nomenclatura dada às espécies. A tradução da obra de Cuvier para Português por Brotero marcará, tal como a publicação do *Diccionario* que Vandelli havia publicado sobre termos técnicos da obra de Lineu, a chegada das ideias do anatomista francês a Portugal, cerca de 17 anos após a publicação da obra original em francês. Embora represente um aparente atraso, a verdade é que é apenas na primeira década de oitocentos que a obra de Cuvier se estabelecerá mundialmente como referência, principalmente após a publicação do "Le Règne animal..." em 1817, algo que se for tido em conta com os acontecimentos bélicos na Península entre 1807 e 1810, contribui para minimizar consideravelmente o aparente atraso. A escolha pelo sistema de Cuvier é facilmente compreensível. Aquando da sua estadia em Paris, Brotero terá certamente conhecido o sábio Francês, cuja fama e influência eram já nessa altura, bastante consideráveis, algo que, aliado à grande aceitação e disseminação que o sistema desenvolvido no *Tableau* tinha em toda a Europa e à compatibilidade das suas ideias com os dogmas da Igreja Católica, terá tornado a adoção da obra de Cuvier como algo natural.

509 Cuvier (1815)

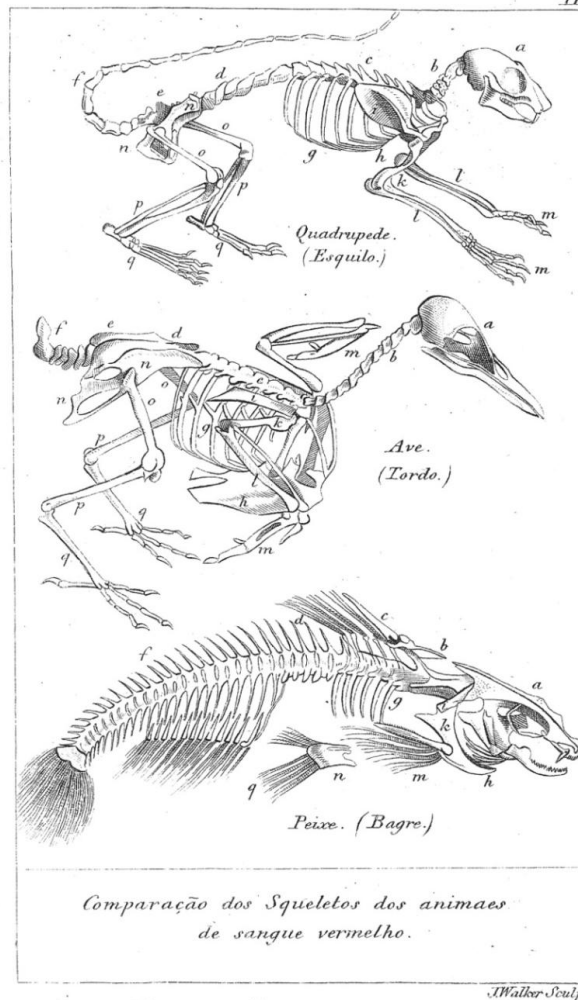


TABELLA GERAL
DAS CLASSES DOS ANIMAES.

ANIMAES	VERTEBRADOS	De sangue quente; e coração com dois ventriculos	Quadrupede, com mammas	1. Mamíferos	Mammalia.
		De sangue quente; e coração com um ventriculo	Quadrupede sem mammas	2. Aves	Aves.
		De sangue frio, e coração com um ventriculo	Com pulmões, acompanhados algumas vezes de gulas	3. Réptis	Amphibia.
	INVERTEBRADOS	Com vasos sanguíneos, e	Com gulas, e sem pulmões	4. Peixes	Fishes.
		Com vasos sanguíneos, e	Uma medulla espinhal simples; e sem membros articulados	5. Moluscos	Mollusca.
		Com vasos sanguíneos, e	Uma medulla espinhal nodosa; e sem membros articulados	6. Vermes	Vermes.
	INVERTEBRADOS	Com vasos sanguíneos, e	Uma medulla espinhal nodosa; e membros articulados	7. Crustaceos	Crustacea.
		Com vasos sanguíneos, e	Uma medulla espinhal nodosa; e membros articulados	8. Insectos	Insecta.
			Com vasos sanguíneos, e	Uma medulla espinhal, e sem membros articulados	9. Zoophyta

Figura 15 - Prancha do 1º volume do "Quadro Elementar ...", dedicado à comparação anatómica de esqueletos de vertebrados, prática mestra da Anatomia Comparada, e tabela com a classificação utilizada por Cuvier. Adaptado de Cuvier (1815).

O trabalho de adaptação para a língua Portuguesa da obra de Cuvier seria no entanto envolto em complicações decorrentes das fragilidades do meio científico nacional. Denota-se na *Prefacção* que Brotero redige como nomenclador português que esta tarefa não terá sido espontânea nem feita com especial entusiasmo pelo botânico. Como o próprio refere:

*"Por ordem superior fui encarregado de ajuntar os nomes Portuguezes aos Francezes e Latinos, que se achão em hum catalogo, respectivo ao Tratado Elementar da Historia Natural dos Animaes composto por Mr. Cuvier; empreza na verdade summamente laboriosa e difficil no estado actual dos conhecimentos zoológicos em Portugal, e que só por subordinação, obsequio, e estima das pessoas respeitaveis, que d'ella me incumbirão, pude aceitar. [...] não ha hum só Zoologista practico em Portugal"*⁵¹⁰

A tarefa não terá sido fácil para Brotero pois tratava-se de uma tarefa pioneira para o país, não existindo qualquer material publicado sobre os conhecimentos zoológicos portugueses para além da lista de Vandelli "*Florae, et Faunae Lusitanicae Specimen*", baseada nas coleções da Ajuda e totalmente latinizada⁵¹¹.

Para além da nomenclatura zoológica do "*Quadro Elementar ...*", Brotero continuará em 1817 com a produção de trabalhos zoológicos, num breve tratado relativo às focas, descrevendo os exemplares existentes no Gabinete da Ajuda, intitulado "*Noções Historicas das Phocas em Geral e Particular, com as descrições das que se conservão no Real Museu do Paço de Nossa Senhora da Ajuda*"⁵¹². Neste trabalho, o botânico compilará de forma bastante minuciosa a grande maioria da informação disponível à época sobre estes animais, recorrendo a fontes que iam desde Aristóteles a Cuvier, apresentando as principais características morfológicas, anatómicas, fisiológicas e ecológicas do grupo, assim como uma enumeração completa das diferentes espécies conhecidas na altura. Os exemplares existentes na Ajuda, segundo Brotero, resumir-se-iam uma "*Phoca pequena (Phoca pusilla, de Gmelin e Buffon) ou Urso marinho pequeno (Phoca ursina pusilla, de Cuvier)*", enviado pelo Ministro e Inspetor Martinho de Mello "*ha quasi trinta annos*"⁵¹³, e

510 Cuvier (1815: p. XI)

511 Cuvier (1815:p. XII).

512 Brotero (1817)

513 "*N'este Real Museu do Paço de Nossa Senhora da Ajuda há um individuo masculino d'esta Phoca, que se conserva ainda hoje no mesmo estado, em que foi remettido pelo Exm. Martinho de Melo, há quasi trinta annos, sendo este Ministro então Inspector Geral do mesmo Museu e Real Jardim Botânico,*

dois indivíduos, macho e fêmea, de "*Phoca commun*, chamada vulgarmente Bezzero ou Boi marinho, e Lobo marinho (*Phoca vitulina*, de Linneo)" capturados ambos na zona de Setúbal⁵¹⁴, enquanto na Universidade de Coimbra existiriam outros dois exemplares, capturados em 1814 por camponeses nas praias de Viana do Minho, e sobre as quais uma notícia havia sido publicada anos antes⁵¹⁵. As considerações de Brotero acerca das diferenças dos exemplares que possuía na Ajuda com as descrições originais das espécies e também com os exemplares que ele próprio conhecia das coleções de Paris (Figura 16)⁵¹⁶, apresentam-nos uma faceta pouco conhecida de Brotero como conhecedor da área zoológica.

A importância do artigo de Brotero, reforçada por ser de facto a única publicação sobre zoologia nacional em décadas, apresenta-se no decorrer do texto. Se a chegada oficial das ideias de Cuvier a Portugal se teria dado em 1815 com a

mas parece-me ser mais verosímil que fosse antes de alguma das nossas Colonias, do que da Costa do Algarve como alguns conjecturão." in Brotero (1817: p. 160).

514 Brotero (1817: p. 170-171); "*Eu abaixo assignado Cavalleiro professo na Ordem de S. Bento de Avis, Lente jubilado da Faculdade de Philosophia da Universidade de Coimbra, Director administrador e Thesoureiro do Real Museu e Jardim Botanico do Paço do sitio de N. Snr.a da Ajuda, por Sua Mag.de q Deus guarde, Certifico q tendo sido informado de como hum calador tinha morto nas praias d'Arrabida, huma notavel variedade da Phoca vitulina, e a tinha vendido ao Consul de Hespanha em Setubal, o qual immediatam.te a havia mandado preparar para remetter para o Museu de Madrid, participei sem perda de tempo ao governo estes factos, suplicando lhe todas as providencias necessárias afim de q a dita Phoca fosse embargada e remetida ao Museu de S. Mag.e pagando-se as despesas de compra e preparação ao referido Consul; em consequencia do q se effectuaram todas as supplicadas providencias, e ultimamente foy expedida ao real Erario huma Portaria respectiva ao pagamento das despesas a qual me foy participada, transcrita e registrada no cartorio d'este Real Museu, cuja fiel copie he do teor seguinte: Real Museu e Jardim Botanico a 2 de Dezembro de 1817. F. A. B. Faço saber que o escrivão das armas da Villa de Setubal, Manoel da Silva Ferreira, conduzio e entregou hum lobo marinho bem condicionado n'este Real Museu do Paço do Sitio de N. Sr.a da Ajuda por Ill.mo Snr. Dr. Dezembargador José Manoel do Rego, Corregedor da Comarca de Setubal, de cuja remessa sómente lhe mandei pagar as despesas feitas desde a Moita até ao referido Museo. Dada e passada a 6 de Setembro de 1817. F. A. B.*" in Themido (1947). De acordo com a descrição de Brotero, e corroborando a opinião de Themido (1947) podemos constatar que de facto Brotero tinha razão ao afirmar estar perante indivíduos diferentes dos normais indivíduos de *Phoca vitulina* Linnaeus, 1758, pois de facto os indivíduos pertenciam à espécie *Halichoerus grypus* Fabricius, 1791.

515 Anónimo (1816). Almaça (1998) é da opinião que Brotero seria também o autor da Noticia de Coimbra. "*O estilo da noticia, designadamente na informação zoológica que contêm, aproxima-se tanto do da monografia de Brotero que penso ser ele também o seu autor.*" in Almaça (1998: p. 57).

516 Brotero referirá nomeadamente o exemplar de "*Le petit Phoque*" de Buffon, ou "*Phoca pusilla*": "*Esta Phoca he em tudo semelhante á que vi há quasi trinta annos no Real Gabinete de Historia Natural de Paris, da qual o célebre Conde de Buffon fez menção e publicou a figura com o nome de Phoca pequena (Le petit Phoque)*" in Brotero (1917: p. 162).

publicação da tradução Portuguesa por Brotero, é em 1817 com a publicação deste artigo que o debate sobre a possível transformação das espécies entra no meio científico nacional. Brotero, que havia em França contactado com as ideias contrastantes de Cuvier e de Lamarck, encontraria na questão da identidade das focas da Ajuda uma oportunidade de apresentar as ideias transformistas de Lamarck e debater sobre a sua importância para a explicação da diversidade do mundo vivo.

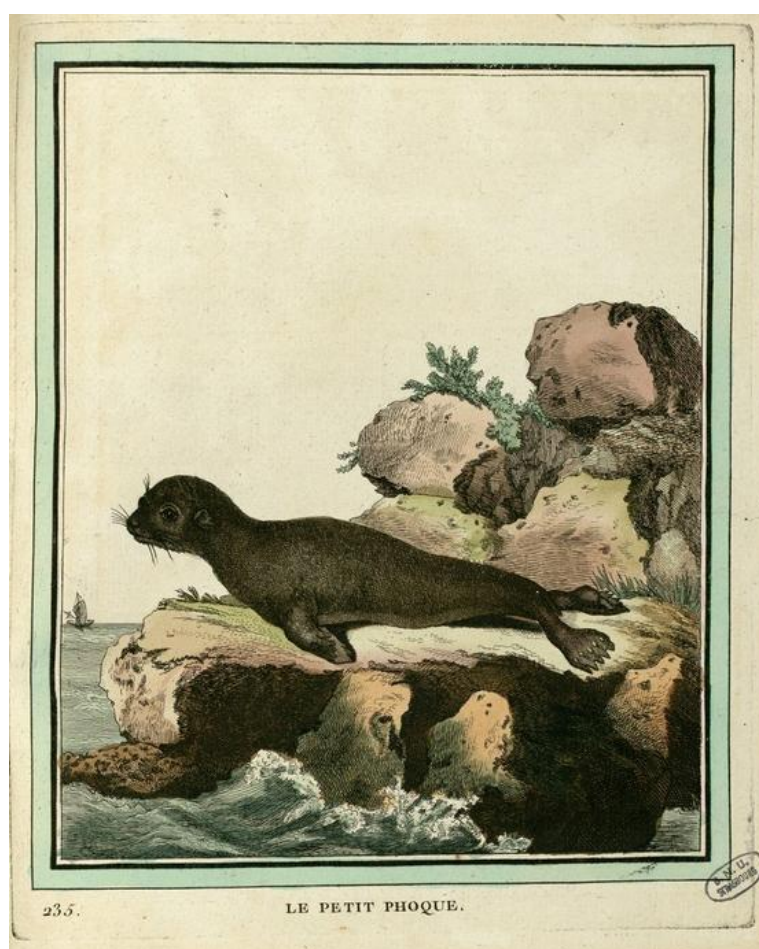


Figura 16 - Ilustração da "Le Petit Phoque" de Buffon, baseada no exemplar presente no Muséum National d'Histoire Naturelle visto também por Brotero e usado como comparação com o exemplar da Ajuda. Adaptado de "Figures pour l'histoire des quadrupèdes par M. de Buffon"

Discordando de Cuvier relativamente aos caracteres e às diferenças entre as duas famílias em que então se considerava dividirem estes animais, baseando os seus argumentos na análise do exemplar de Otária presente na Ajuda. Face a estas considerações, e após enumerar todas espécies conhecidas de cada família,

apontando os respetivos caracteres distintivos, Brotero indagar-se-ia sobre a suposta identidade do exemplar de *Phoca vitulina* existente na Ajuda, visto que a própria identidade da espécie se apresentava como controversa nos meios Europeus⁵¹⁷:

*"O célebre Cuvier fazendo menção d'esta Phoca duvida que seja a mesma especie, que se acha no mar Caspio, e nos lagos de água doce da Siberia, e da Russia, como referem alguns Naturalistas, não lhe parecendo ser esta assersão fundada em uma comparação exacta das notas características das Phocas do dito mar e lagos com as que habitão outros em climas e águas diferentes: eu sou do mesmo parecer, e não me-attrevo a assegurar que as variedades de Phocas, que costumão apparecer nas Costas de Portugal sejam as mesmas que se-dão no mar Caspio, nem que pertenção á mesma especie de Phoca, que he propria do mar Caspio, antes conjecturo o contrário, porque não só a experiencia de muitos annos, mas tambem a authority de grandes Naturalistas me fazem acreditar, que em todas as gradações dos entes organicos, animaes e vegetaes, a diversidade dos climas e dos lugares de habitação contribue e tem quasi tanta influencia para fazer produzir diversas especies e diversas variedades da mesma especie, como a copula de diferentes individuos proximamente coespecificos, e a dos das especies de generos naturaes immediatamente contiguos costumão ter para o mesmo fim."*⁵¹⁸.

Colocando em causa a identidade dos espécimenes da Ajuda como representantes da "*commum*", e que muito provavelmente seria "uma notável variedade de *Phoca vitulina* que não sei que se-ache descrita em obra alguma de Zoologia"⁵¹⁹ e à qual, segundo uma ilustração do exemplar terá apelidado de "*Phoca vitulina subrufa*" (Figura 17), Brotero apresentará a argumentação base das teorias Lamarckianas de transformação das espécies⁵²⁰. Podemos ler exatamente as mesmas palavras no discurso de Lamarck, na sua *Philosophie Zoologique* (1809).

517 Brotero (1817: p. 165-166).

518 Brotero (1817: p. 166).

519 Brotero (1817: p. 166)

520 Na sua biografia de Brotero, Castel-Branco (2007) interpreta partes desta monografia como uma aproximação de Brotero às ideias transformistas de Lamarck, apontando também a proximidade de percursos dos dois naturalistas. "*Nas entrelinhas fica a posição de Brotero contra o fixismo de Cuvier, e a sua abertura já às propostas transformistas de Lamarck.*" in Castel-Branco (2007: p. 157).



Figura 17 - Ilustração da "Phoca vitulina subrufa" referida por Brotero. Adaptado de Themido (1947).

Na primeira parte da *opus* lamarckista, parte especialmente dedicada ao "transformismo" e princípios taxonómicos, exprime-se o autor, a propósito da influência dos locais e climas na diversidade das espécies :

*"Les races d'animaux qui vivent dans chacun de ces lieux y doivent donc conserver aussi longtemps leurs habitudes: de là pour nous l'apparente constance des races que nous nommons espèces; constance qui a fait naître en nous l'idée que ces races sont aussi anciennes que la nature. Mais dans les différents points de la surface du globe qui peuvent habités, la nature et la situation des lieux et des climats y constituent, pour les animaux comme pour les végétaux, des circonstances différentes dans toute sorte de degrés. Les animaux qui habitent ces différents lieux doivent donc différer les uns des autres non seulement en raison de l'état de composition de l'organisation dans chaque race, mais, en outre, en raison des habitudes que les individus de chaque race y sont forcés d'avoir; aussi, à mesure qu'en parcourant de grandes portions de la surface du globe, le naturaliste observateur voit changer les circonstances d'une manière un peu notable, il s'aperçoit constamment alors que les espèces chagent proportionnellement dans leurs caractères."*⁵²¹.

Esta exposição de argumentos para a justificação da transformação gradual dos seres em consequência da alteração dos climas e habitats ao longo do tempo⁵²² revela um paralelismo entre as palavras de Lamarck e a opinião de Brotero, sendo revelador de uma forte aproximação intelectual entre os dois naturalistas. Esta aproximação não é estranha, visto que ambos terão tido contacto durante a altura

521 Lamarck (1809: p. 215)

522 O próprio nome do capítulo "*De l'influence des Circonstances sur les actions et les habitudes des Animaux, et de celle des actions et des habitudes de ces Corps vivants, comme causes qui modifient leur organisation et leurs parties.*" é claro no que toca à exposição da suas ideias principais.

em que Brotero estudara em Paris, e reveste-se de especial interesse para o contexto português, assumindo-se como o primeiro caso inequívoco da receção das teorias transformistas francesas em Portugal, revelando a contemporaneidade, em termos intelectuais, da diminuta comunidade científica nacional. Não sabemos se Brotero teria consigo alguma cópia de obra de Lamarck, mas o facto é que na prática o cita e se revela seu partidário. Esta abordagem transformista de ver a diversidade de espécies, implicará conseqüentemente uma diferente abordagem, visto ter em conta, para além dos caracteres anatómicos e morfológicos, uma atenção particular quanto à sua distribuição geográfica.

Terão sido estes argumentos biogeográficos tidos em conta por Brotero aquando da classificação e descrição de novas espécies animais? A primeira resposta que nos poderia surgir seria a de que Brotero nunca terá classificado nem descrito novos *taxa* zoológicos, pois não consta que nenhum *nomen* zoológico tenha alguma vez sido atribuído à sua autoria. No entanto, Francisco Assis de Carvalho, Bacharel formado em Medicina e Filosofia Natural pela Universidade de Coimbra, e que viria mais tarde, entre 1833 e 1834, a ser diretor dos estabelecimentos da Ajuda, e em 1836 escolhido para dirigir a comissão de transferência das coleções da Ajuda para a Academia, onde viria a ser também Lente de Zoologia e Anatomia comparada das Aulas Maynenses, faz várias referências a espécies novas que diz serem "*de Brotero*". Em 1836, Francisco Assis de Carvalho, nas "*Instruções sobre o modo de preparar, e conservar accidentalmente os diferentes exemplares zoológicos, que houverem de ser conduzidos das possessões portuguezas ultramarinas até á sua definitiva preparação*"⁵²³, obra cujo objetivo era o de seguir de guia para que curiosos, naturalistas ou outros funcionários da coroa pudessem coletar e enviar para o Museu de Lisboa espécimes zoológicos, apresenta uma lista de algumas de que se sabia existirem nas diversas colónias portuguesas e Brasil onde constam vários *taxa* que o autor atribuí a Brotero, tais como:

523 Carvalho (1836).

- "*Villoso Denticulatus* = Genero novo de Brotero = Capoeira de M. Geraes";
- "*Simia Itapuá* = Esp. nova de Brotero - Macaco de prego do Pará";
- "*Vultur Uiravassú* esp. nova de Brotero = Guincho do Brazil ou Gavião Real do Pará.";
- "*Lacerta Xiphidiura* esp. nova de Brotero - Lagarto de cauda pugioniforme do R. Negro."⁵²⁴.

Também nos diversos catálogos das coleções de animais vertebrados do Museu da Academia, efetuados também por Assis de Carvalho em 1836 aquando das transferências do material da Ajuda para a Academia⁵²⁵, existem referências a várias espécies cujo autor assume serem de Brotero, tais como:

- "*Simia nigro-fulva especie nova de Brotero*";
- "*Simia Ya especie nova de Brotero*";
- "*Vespertilio trigonurus - especie nova de Brotero*";
- "*Verpertilio Prorthianodas - especie nova de Brotero*"
- "2 = *Testudo - orbicularis - Testudo Amazonica - Brot. - Tartartuga do R. amazona*";
- "*Testudo - Mydas - V. P. - Testudo ununguis - Brotero - Tartaruga de huma unha*"⁵²⁶;

524 Ver Ceríaco (*in press*)

525 AHMB Rem. 437

526 Esta espécie, também referida no índice das *Instrucções sobre o modo de preparar, e conservar accidentalmente os diferentes exemplares zoológicos, que houverem de ser conduzidos das possessões portuguezas ultramarinas até á sua definitva preparação* (Carvalho 1836) nos seguintes termos "Testudo Ununguis = Tartaruga de huma unha dos mares do Brazil" poderia corresponder a um exemplar de diversas espécies que habitam os mares brasileiros, tais como a *Lepidochelys kempii* Garman, 1880, *Lepidochelys olivacea* Eschscholtz, 1829, ou a *Chelonia mydas* Linnaeus, 1758, ambas apresentando geralmente apenas uma unha na barbatana frontal. No entanto, atrevemo-nos a dizer que o exemplar ao qual terá sido atribuído o nome de "*Testudo Ununguis*" seria um exemplar de *L. kempii*, por duas razões principais: existe nas aguarelas da viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira uma ilustração de um exemplar actualmente identificado com a espécie e que terá certamente dado entrada na Ajuda (AHMB ARF Aguarelas), mas também por haver a referência a "*Testudo Mydas*" na mesma referência do catálogo, o que deixa a ideia de que o exemplar apesar

- "*Lacerta - Xiphidiura - sp. nov. Brot. - Lagarto o R. N. de cauda pugioniforme*";
- "*Coluber - dubius - Boa - Centoculus - Brot. - Giboia do Rio Negro*"⁵²⁷.

Embora a autoria dos *taxa* fosse atribuído a Brotero por Assis de Carvalho a questão é que essa autoria não seria reconhecida na comunidade científica, pois o botânico nunca haveria publicado em qualquer dos seus textos qualquer referência a estes animais. A atribuição da autoria a Brotero por Assis de Carvalho dever-se-á certamente à documentação interna produzida por Brotero, tais como etiquetas ou catálogos, a que Assis de Carvalho terá tido acesso enquanto diretor do complexo científico e mais tarde como chefe da comissão de transferências das coleções para a Academia. No entanto, esta informação, pese o seu fraco valor do ponto de vista nomenclatural, é de bastante importância para revelar que nas suas funções como diretor das coleções da Ajuda, Brotero terá reconhecido e proposto, ainda que internamente, nomes para as espécies que considerou, e à altura certamente o eram, novas para a ciência. Esta atividade desconhecida de Brotero enriquece-nos a imagem que temos do naturalista, que cujos conhecimentos, apesar da sua já forte especialização, podemos constatar não se limitarem à botânica mas sendo também extensíveis à zoologia, onde podemos ver patente uma nova atitude perante a classificação de espécies, seguindo princípios baseados nas ideias de Lamarck. A não publicação destes resultados por parte de Brotero dever-se-á certamente a várias razões, mas aquela que se afigurará mais decisiva será certamente a falta de tempo e saúde. Não havendo mais nenhum naturalista em funções no estabelecimento, nem ninguém que se dedicasse por inteiro ao estudo dos produtos zoológicos nele guardados, resumia-se a Brotero todo o labor científico.

de ser parecido á espécie lineana teria características suficientemente diferentes para Brotero a classificar como espécie diferente. Esta situação é ainda hoje complexa visto se ponderar se a espécie *L. kempii* é de facto uma espécie diferente, ou apenas uma subespécie de *C. mydas*. Assim sendo, e caso a descrição fosse isenta de dúvidas e/ou o exemplar pelo qual foi baseado a descrição (i.e. o holótipo) tivesse sobrevivido e fosse inequivocamente identificado, poderíamos considerar que Carvalho (e não Brotero) como o primeiro a descrever a espécie, 44 anos antes de Garman.

No contexto da renovação, e de certo modo renascimento do gabinete, Brotero expõe a Filipe Ferreira de Araújo e Castro, novo inspetor do complexo, um ofício onde sumariamente relata a situação do estabelecimento, apontando as principais carências. O aperto financeiro e a incapacidade de aumento e conservação das coleções, com vários animais que constantemente necessitavam de "*ser muitas vezes no ano metidos no calor da Estufa para lhe matar as traças e muitos outros insectos, que os roem*" ou de "*animais raros metidos em frascos de aguardente, a qual é necessário todos os anos renovar mais ou menos, porque aliás eles ficarão desfigurados e corruptos*", bem como a situação precária dos seus trabalhadores caracterizam o estado do complexo científico neste período⁵²⁸.

De forma assertiva Brotero utiliza como argumento a natureza Real do estabelecimento na tentativa de solucionar o problema. Entre outras soluções apontadas, Brotero alterará a entrada ao público limitando-a a apenas um dia por semana para o público em geral, todas as quintas-feiras, mas mantendo as portas abertas aos "*alunos e curiosos de História Natural, naturais ou estrangeiros*", bem como a pessoas de determinado estatuto social, tal como se faria no *Muséum* de Paris⁵²⁹, o que evitaria consideravelmente a necessidade de constante vigilância. O reduzido número de funcionários eram um fator limitante grave, do qual dependia diretamente a manutenção das coleções e do bom estado geral de todo o complexo⁵³⁰. Epistemologicamente também o próprio museu sofreria importantes alterações, nomeadamente no que toca à natureza dos seus próprios fundos de acervo. A necessidade de especialização científica e no seguimento das tendências Europeias, levariam a que a antiga coleção de "medalhas", originária das primeiras coleções da Ajuda, perdesse legitimidade e contexto no programa geral do Museu. Este interesse por medalhas, e sua incorporação nas coleções de história natural apresentava-se como prática comum no século XVIII, algo bastante comum

528 Brigola (2003: p. 90)

529 Brigola (2003: p. 95-96)

530 Brigola (2003: p. 99).

também no território português⁵³¹. Representante de uma mentalidade totalmente nova e diferente da de Vandelli, para o que terá contribuído certamente a sua estadia em Paris⁵³², Brotero propõe a remoção desta coleção do gabinete, onde não faria sentido, e propondo para seu destino a Biblioteca da Universidade de Coimbra⁵³³.

Enquanto a situação na Ajuda se apresentava delicada, também o Museu fundado por Vandelli em Coimbra, e desde o fim do século anterior entregue à direção de Francisco António Ribeiro de Paiva, sofria com as dificuldades gerais que o país atravessava. Francisco António Ribeiro de Paiva deixará o cargo de primeiro lente das disciplinas de zoologia e mineralogia em 1813, passando essa incumbência para os vários substitutos existentes. Entre estes encontrar-se-ia Manuel José Baptista Barjona (1760-1831), que em 1822 viria a tomar o cargo de 1º lente das ditas cadeiras e que marcaria substancialmente a vida do estabelecimento museológico durante os seis anos seguintes. Para além das aulas, Manuel Barjona dedicou-se a várias outras atividades que, pese o seu interesse especial na área da mineralogia (publicaria as *Tábuas mineralógicas* em 1823⁵³⁴), viriam a sortir efeitos práticos para as coleções gerais do Museu. Tendo em 1822, com a ajuda de Caetano Rodrigues de Macedo, demonstrador de História Natural,

531 Brigola (2003)

532 Como iremos ver ao longo da narrativa, e principalmente aquando da transferência das coleções da Ajuda para a Academia, poderemos encontrar vários paralelos nesta fase, limitada pelo desaparecimento de cena de Vandelli, constantes situações similares aquilo que se passou em França aquando da revolução, com a "transformação" do Cabinet du Roi em "Muséum nationale", naquilo que Dageron (2009) aponta como revolução museográfica. " *Lors de l'intégration de ce type d'objets dans les collections du Muséum, la corne de Licorne devient une simple défense de narval lorsque le récit ne la soutient plus. Le "curieux" n'a rien de l'ordre systématique. Il s'agit donc d'une remise à zero des Cabinets de curiosités au moment de la création d'un Muséum national. La Révolution est aussi muséographique*" in Dageron (2009).

533 "Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Casto" ANTT, Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833)

534 Barjona (1823).

classificado, ordenado e identificado todas as coleções⁵³⁵, apresentaria em 1824 ao conselho da Faculdade de Philosophia a necessidade de contratar um preparador zoológico, devido à deterioração de alguns exemplares⁵³⁶. Seria então contratado Luis Nadalini (?-?) para a função de preparador do Museu⁵³⁷, cargo que viria a ser regulamentado em 1826, mantendo-se as ordens gerais dadas interinamente aquando da sua contratação⁵³⁸. A Nadalini caberia, para além da conservação das coleções e preparação dos espécimes zoológicos que chegassem ao museu, a incumbência de efetuar regularmente algumas saídas de campo para recolha. Estes trabalhos iniciar-se-iam praticamente de forma imediata à contratação. Em 1827, após analisar as necessidades da coleção zoológica, Barjona incumbirá ao preparador uma visita a vários pontos da costa com o objetivo de "*obter peixes e outros animaes.*" para aumentar as coleções, bem como estabelecer uma política de trocas com as coleções da Ajuda⁵³⁹.

Tal como o seu congénere lisboeta, também o Museu da Universidade se encontraria aberto ao público, nacionais e estrangeiros, que deixariam vários

535 "Em Conselho de 2 de agosto foi louvado o zelo, intelligencia e actividade do dr. Barjona, pelos importantes trabalhis scientificos por elle realizados no museu. Este professor apresentou as colleções todas classificadas, tanto em zoologia como mineralogia, reunindo a elegância da disposição á exactidão scientifica, com as etiquetas das classes, ordens, géneros e especies, escriptas pela sua própria mão, e offereceu um catalogo manuscripto d'estes trabalhos, que se mandou imprimir. O dr. Barjona foi auxiliado pelo respecto demonstrador, o dr. Caetano Rodrigues de Macedo." in Carvalho (1872: p: 88); "O Ill. Dr. Manoel José barjona, Lente de Zoologia, e Mineralogia, Author do Compendio de Metallurgia (*Metallurgiae elementa*), que compoz para o uso da Universidade, por Ordem da sua Faculdade: nos primeiros dois annos da regencia da Cadeira' d'História Natural, reduzio todos os Productos, que fazem o rico Museu da Universidade, escreveo sobre cadaúm d'elles a necessaria etiqueta; ordenou-os todos em competentes Estantes; e fez de tudo um Catalogo tão exacto; que por elle se-póde de pronto pôr a mão em cadaúm dos mesmos productos; sabe-se o nome vulgar, e o dos differentes systemas, a sua historia, etc. Catalogo, em uma palavra, que ao mesmo tempo que serve d'inventario exactissimo do Museu, por elle se-póde aprender quasi independetemente de Mestre a Historia Natural, pertencente á Cadeira, de que este Lente é Cathedratico." Castilho (1817: p. 344). Não se conseguiu apurar se este catalogo terá sido de facto dado à estampa, nem se conseguiu localizar o manuscrito original do mesmo.

536 Carvalho (1872: p. 88).

537 Carvalho (1872: p. 89).

538 Carvalho (1872: p. 90).

539 Carvalho (1872: p. 90).

relatos sobre aquilo que observavam. Esta considerável fonte de informações sobre o estabelecimento museológico conimbricense contrasta com o reduzido número de informações arquivísticas conhecidas, mas têm o poder de apresentar alguns dados de valor histórico interessantes. Entre 1809 e 1827 são pelo menos seis os visitantes que dedicaram algum tempo a conhecer o museu e as suas coleções, deixando testemunhos escritos. Embora quase sempre feitas em formatos muito diferentes face ao cunho muito pessoal com que eram escritas, as opiniões surgiam por vezes como contraditórias. O inglês William Thomas em 1819 e o geógrafo-estadista italiano Adrien Balbi em 1822, descrevem o Museu como um local de onde as suas antigas riquezas haviam desaparecido⁵⁴⁰, embora com material suficiente para o ensino⁵⁴¹. Por outro lado, Louis-François de Tollenare, economista e homem de negócios francês, em 1816, tecerá críticas abonatórias relativamente ao Museu e às suas coleções, destacando a beleza das salas, a coleção mineralógica e geológica, e deixando a clara ideia de que as coleções zoológicas eram numerosas e mais que satisfatórias para o ensino, não deixando no entanto de comentar que para um que se estendia pelo globo e que possuía "as duas Índias" as coleções estariam aquém do que certamente era possível⁵⁴², enquanto o militar Inglês George Landamann, em 1818, aponta-o riquíssimo, mesmo após as perdas sofridas às mãos dos franceses⁵⁴³. Uma opinião mista terá o religioso inglês W. M. Kinsey que em 1827 referirá o mau estado de conservação da coleção de aves, a pobreza das coleções de peixes, que constataria com a grande e vistosa coleção de conchas e minerais, deixando ainda uma breve referência à presença de um monstro humano⁵⁴⁴. Se juntarmos a estas

540 "[...] *the museum, which had formerly boasted of every thing valuable and curious, had been stripped, and now exhibited only a few specimens of animals, and the empty frames which had contained, in complete systematic arrangement, every creative Nature produces from all parts of the world.*" in Thomas (1819) *cit. in* Brigola (2010: p. 124)

541 Balbi (1822) *cit. in* Brigola (2010: p. 127).

542 Tollenare (1816) *cit. in* Brigola (2010: p. 115).

543 Landmann (1818) *cit. in* Brigola (2010: p. 123)

544 Kinsey (1827) *cit. in* Brigola (2010: p. 133)

informações, aquela relativa aos caixotes enviados para Lisboa, bem como a quase inexistência de informações ou notícias que relatassem o envio de remessas ou compras de relevo para o Museu, para além das coleções originais de Vandelli e Van-Deck e mais tarde das coleções enviadas da Ajuda, poderemos entender uma considerável diferença entre o estabelecimento conimbricense e o estabelecimento régio lisboeta: um deles, o de Coimbra, assumia-se como um museu dedicado ao ensino universitário, onde o número de espécimes e de coleções refletia as necessidades das aulas, sendo por isso mais diminuto, enquanto o outro, o estabelecimento da Ajuda, se assumia ainda claramente como o repositório oficial de todas as produções da natureza das possessões portuguesas. Esta situação que, como já vimos, advinha do último quartil do século XVIII, manter-se-á inalterada durante boa parte da primeira metade do século XIX.

Capítulo 7 - Tempos de mudança: do fim da guerra civil ao fim do gabinete da Ajuda

Brotero manterá a direção dos estabelecimentos da Ajuda praticamente até morrer, aos 83 anos, em Agosto de 1828, no mesmo ano em que os tumultos da guerra civil se começavam a fazer sentir por todo o país. A chegada de D. Miguel a Portugal e o seu juramento da Carta Constitucional, apoiado no partido absolutista, levam o país a mergulhar num dos períodos mais negros da sua história, a fratricida Guerra Civil, que duraria até 1834. Durante o período miguelista as instituições da Coroa seriam tomadas de assalto pelos seus apoiantes, situação a que não passaram incólumes os estabelecimentos da Ajuda. Com a morte de Brotero a direção será entregue interinamente a António Pedro Lara de Carvalho, Escrivão da Fazenda, até 1833. Pouco ou nada se conhece relativo a estes quase 5 anos de direção sob a égide do Miguelismo⁵⁴⁵, e só com a libertação de Lisboa sob o comando de António José Severim de Noronha, marechal Duque da Terceira, em Julho de 1833, é que a direção do estabelecimento é de novo entregue a um homem com formação em ciências naturais. Entrará então em cena Francisco de Assis de

545 Esta situação dever-se-á particularmente à ordem régia, de 1833, que decretava destruírem-se todos os registos efetuados durante a regência de D. Miguel. "*Decreto - Querendo combinar a Disposição que Dei pelo Meu Decreto de 14 de Agosto proximo passado, de se inutilizarem os Livros que contivessem arestos, de qualquer especie que fossem, de ordem do governo usurpador, com a facilidade do expediente das diferentes Repartições: Hei por bem em Nome da Rainha Ordenar que em quaesquer Livros, onde estes arestos se acharem sejam trancados e aspadados, para que delles mais não possa haver memoria, mas que os mesmos Livros fiquem servido nas Repartições a bem dos arestos legitimos, que nelles estiverem, e houverem de continuar a lançar-se. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino o tenha assim entendido e faça executar. Palacio das Necessidades em 6 de Setembro de 1833- D. Pedro Duque de Bragança - Candido Jose Xavier*" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 39).

Carvalho, bacharel em medicina, e futuro diretor do estabelecimento que, ainda antes de ser oficialmente nomeado diretor, se vê incumbido de uma "caça às bruxas" contra todos os possíveis miguelistas empregues no estabelecimento⁵⁴⁶. Devido á sua fidelidade à causa liberal, o seu desejo de tomar as rédeas da Ajuda é concretizado, sendo-lhe atribuída a direção do Jardim Botânico e Gabinete a 19 de Agosto de 1833⁵⁴⁷. O posto desejado não será no entanto livre de problemas e complicações, muito pelo contrário. Embora tomada a capital, as tropas fiéis a D. Miguel não se renderiam até ao término da guerra em 1834, e por várias vezes atacariam pontos de Lisboa. Dias após a sua nomeação para a direção do estabelecimento museológico da Ajuda, Assis de Carvalho vê-se obrigado a recorrer às instâncias superiores para saber para onde deveria enviar algumas peças das coleções para estarem a salvo das tropas miguelistas, ao qual lhe é respondido que deveria tudo ser enviado para o cais de Belém, de onde rumaria para Arsenal do Exército⁵⁴⁸. Os efeitos dos tumultos não se fariam esperar, e logo a

546 "*Manda o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha remetter ao Escrivão do Museu e Jardim Botânico, para sua intelligencia, e pontual execução, o incluso exemplar do Decreto de 6 do corrente mez, pelo qual o Mesmo Augusto Senhor Houve por bem Determinar que não fossem conservados no Serviço de Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria Segunda individuos, que tomarão armas contra a Sua Legitima Soberana, ou que forão nomeados para Empregos pelo usurpador do Seu Throno. Paço das Necessidades em 10 de Agosto de 1833 - Candido Jose Xavier - Cumpra-se e registe-se. Real Museu 12 de Agosto de 1833 - Carvalho*" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 35).

547 "*Decreto - Tendo em consideração o que me representou Francisco Assis de Carvalho, Bacharel em Medicina pela Universidade de Coimbra, onde fora premiado, havendo soffrido graves danos, e sido riscado da dita Universidade quando estava proximo a fazer a sua Formatura, concorrendo activamento no anno de 1830 com dinheiro e individuos para accelerar o momento feliz da regeneração, em que tanto se empenhava, augmentando-se seus padecimentos com a prisão de seu Pay por mais de hum anno, a de hum Irmão por cinco annos em S. Julião da Barra, de que se lhe seguiu a morte, alem de hum cunhado, e dois Primos encerrados na mesma Torre, e hum Tio no Aljuve, pedindo nesta attenção, e por se lhe haver promettido, em tempo em que não imperava a tyrannia, o lugar de substituto e futuro sucessor do Director do Jardim Botânico, com exercicio de huma Cadeira de Agricultura, que se procurava crear, a Graça deste lugar de Director, que ora se achava pago por obito do ultimo que o occupava. E fazendo-se o supplicante digno de attenção por tantos e tão ponderosos motivos, Hei por bem, em Nome da Rainha, Nomea-lo director do Jardim Botânico como requer. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino o tenha assim entendido e faça executar. Palacio das Necessidades em 19 de Agosto de 1833 - D. Pedro Duque de Bragança - Candido Jose Xavier - Esta conforme - Jose Balbino de Barbosa e Araujo*" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 37).

548 "*Sendo presente ao Duque de Bragança Regente em Nome da Rainha a conta que deo em data de hoje o Director do Real Museu e Jardim Botânico, pedindo se declarasse se devem ser removidos alguns dos objectos preciosos que existem na Sala de Mineralogia do dito Real Museu, e onde vem ser depositados. Ordena que o dito Director fazendo embarcar tudo no Caes de Belem, o envie ao Arsenal*

16 de Setembro o Jardim Botânico é tomado por rebeldes miguelistas que pilhariam o Museu. Estas pilhagens, sobretudo direccionadas para produtos com valor monetário tal como produtos mineralógicos e objetos de ferro ou cobre, rapidamente voltariam a ser recuperadas, deixando no entanto e como é óbvio, marcas profundas nas coleções e implicando sérias complicações no quotidiano do estabelecimento. Logo no dia 5 de Outubro, Assis de Carvalho receberá das mãos do Ajudante do Corregedor do Crime do Bairro Alto alguns produtos mineralógicos subtraídos então⁵⁴⁹, e nos meses seguintes, seguir-se-ia o demorado processo de restituição dos restantes objetos rapinados pelos rebeldes, que teriam estado guardados no Arsenal do Exercito⁵⁵⁰, bem como a tentativa de localização da

do Exercito. Palacio das Necessidades em 31 de Agosto de 1833 - Candido Jose Xavier - Cumpra-se e registe-se. Lisboa 12 de Setembro de 1833 - Assis de Carvalho" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 38).

549 AHMCUL – Cota 1864 (p. 41).

550 *"Manda o Duque de Bragança Regente em Nome da Rainha participar ao Director do Museu para sua intelligencia, que nesta data se officiou ao Ministerio da Guerra para ordenar a restituição dos objectos pertencentes ao Museu, que lhe forão subtrahidos pelos rebeldes, e que ora parão no Arsenal do Exercito, segundo a Representação do sobredito Director com data de 22 deste mez, devendo elle para esse effeito mandar dois de seus Empregados ao referido Arsenal a fim de verificar quaes os objectos de que se trata para ter lugar a pretendida restituição. Palacio das Necessidades em 23 de Novembro de 1833 - Joaquim Antonio de Aguiar - Cumpra-se e registe-se. Museu e Jardim Botânico 26 de Novembro de 1833 - Assis de Carvalho" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 45). ; "Manda o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha participar ao Director do Museu Francisco de Assis de Carvalho, para sua intelligencia, que pelo Ministerio competente tem sido expedidas as necessarias ordens ao Inspector geral interino do Arsenal do Exercito, para lhe fazer entrega dos objectos de cobre e bronze que os rebeldes havião subtrahido aquelle Estabelecimento, e de que trata o Officio que o mesmo Director dirigio por este Ministerio com data de 22 do mez proximo passado. Palacio das Necessidades em 3 de Dezembro de 1833 - Joaquim Antonio de Aguiar - Cumpra-se e registe-se. Real Museu e Jardim Botânico 5 de Dezembro de 1833 - Assis de Carvalho" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 46v). ; "Manda o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha participar ao Director do Real Museu e Jardim Botânico que, á vista da sua representação de 4 de Março corrente, se officiou ao Ministerio da Guerra para que mandasse entregar á pessoa, que se apresentasse autorizada pelo dito Director, os caixotes de folha, que se achavão em hum armazem do Arsenal do Exercito, e continhão, entre outros objectos, Livros de estampas pertencentes a differentes ramos de Filosofia natural, a fim de se evitar a ruina a que estavão expostos pelo local humido em que existião. O que assim ficará entendendo para seu governo e cumprimento. Palacio das Necessidades em 5 de Março de 1834 - Joaquim Antonio de Aguiar - Cumpra-se e registe-se . Real Museu e Jardim Botânico 6 de Março de 1834 - Assis de Carvalho." in AHMCUL – Cota 1864 (p. 51v).; "Aos doze dias do mez de Abril do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo de mil oitocentos trinta e quatro no Cartorio deste Real Museu e Jardim Botânico convocando, de ordem do Director dos mesmos Estabelecimentos o Doutor Francisco de Assis de Carvalho, a João Francisco Peres, Mestre Preparador e Fiel do dito Museu, e a João Miguel, Porteiro ambos declararão que na tarde do dia dezeseis de Setembro do anno proximo passado de mil oitocentos trinta e tres fora o dito Museu assaltado por hua guerrilha de rebeldes, os quaes roubarão o cobre e bronze constante da relação junta, feita e assignada pelo dito Fiel, que conjunctamente com o dito Porteiro presenciarão o roubo, em verdade do que assignarão este Auto, que eu Antonio de Azevedo Coutinho, Escrevente dos Catalogos servindo interinamente de Escrivão da*

coleção de moedas de ouro, prata e cobre, que nunca seria encontrada e consequentemente nunca regressaria⁵⁵¹. Como seria de esperar, pouco ou nada se trabalhou nas coleções no período da guerra civil, e, consequentemente, não terá havido espaço para aquisições ou recolhas, tirando os excepcionais casos da oferta de "*hum vaso de vidro contendo duas creanças pegadas na região abdominal*" por

Fazenda para em todo o tempo assim constar, lavrei e assignei por ordem do mencionado Director Real Museu e Jardim Botânico aos 12 de Abril de 1833 - João Francisco Peres - João Miguel - Antonio de Azevedo Coutinho. RELAÇÃO do que levarão: tres marmitas de cobre, hua maior com tampa, e duas mais pequenas, das quaes hua tambem tem tampa; Hum tacho grande; Hum crivo grande; Hua balança com conchas de cobre e arco de ferro, com pesos de bronze de hua oitava athe hua arroba; Huma dita pequena de latão amarelo e braço de ferro com pesos de bronze de meia oitava athe hua quarta; Hum almofariz grande de bronze com mão de ferro; Padrões de Bronze [15 no total]; Dezanove chapas de cobre ja gravador por Aguilar; Oito zagaias ou armas dos Cafres de Moçambique; Hua caixa grande de folha aonde levarão os padroes de bronze; Huma campainha de bronze - João Francisco Peres" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 54-54v). Boa parte deste material seria apenas restituído em 25 de Abril de 1836, vindo do Real Tesouro do Calvario (AHMCUL – Cota 1864 (p. 54).

551 "*Manda o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha, participar ao Director do Real Museu e Jardim Botânico para sua intelligencia e devida execução, que nesta data se officia ao Guarda Joyas da Casa Real, o Camarista Paulo Martins de Almeida, para que mande restituir ao Real Museu a collecção de Medalhas de ouro, prata e cobre que delle passarão, por ordem do governo usurpador, para a Bibliotheca da Ajuda, devendo por tanto o mesmo Director autorizar pessoa competente para que as receba por hua relação em forma do Bibliothecario da referida Bibliotheca e lhe passe o devido recibo da sua descarga. Palacio das Necessidades em 7 de Março de 1834 - Joaquim Antonio de Aguiar - Cumpra-se e registre-se. Real Museu e Jardim Botânico 8 de Março de 1834 - Assis de Carvalho" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 52); "Constando ao Duque de Bragança. Regente em Nome da Rainha, que a collecção de medalhas de ouro, prata e cobre, a qual no tempo da usurpação tinha sido transferida do Real Museu para a Bibliotheca da Ajuda, não existe na mesma por ter sido, poucas horas depois de alli ter entrado, mandada buscar para Queluz por ordem do usurpador; Manda Sua Magestade Imperial participar ao Director do Real Museu e Jardim Botânico, para sua intelligencia e devida execução que nesta mesma data se expede Portaria á Commissão Administrativa da Casa do Infantado para por as ditas medalhas, que se devem achar em Queluz, á disposição do mesmo Director, que autorizará pessoa competente para as receber por hua relação em forma, e passar o devido recibo á mencionada Commissão Administrativa para sua descarga. Palácio das Necessidades em 15 de Março de 1834 - Joaquim Antonio de Aguiar - Cumpra-se e registre-se. Real Museu e Jardim Botânico 18 de Março de 1834 - Assis de Carvalho" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 52); "Manda o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha, participar ao Administrador do Real Museu e Jardim Botânico, que tendo-se expedido ordem á Commissão Administrativa da extincta Casa do Infantado para fazer entrega ao dito Administrador das medalhas de Ouro, prata, e cobre, que devião existir no Palacio de Queluz, a mencionada Commissão responde em Officio de 26 de Março ultimo que alli não existem medalhas algumas de ouro, ou prata, e quanto ás de cobre, que tendo sido apresentadas as que alli ha ao referido Administrador, elle declarará não pertencer ao Museu da Ajuda. Palacio das Necessidades em 5 de Abril de 1834 - Joaquim Antonio de Aguiar - Cumpra-se e registre-se. Real Museu 9 de Abril de 1834 - Assis de Carvalho" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 53v).*

um bacharel residente em Lisboa⁵⁵², ou o do envio de uma queixada inferior de uma baleia que terá dado à costa da região de Almada⁵⁵³.

É patente como a direção de Assis de Carvalho atuou num contexto complexo, resumindo-se praticamente à resolução de problemas criados na altura da direção miguelista. E foi de curta duração, pois três dias antes da Convenção de Évora-Monte, que viria a restabelecer a paz na maioria do território marcando o fim da Guerra Civil Portuguesa, é nomeado um novo diretor para os estabelecimentos da Ajuda, o Doutor José de Sá Ferreira Santos do Valle, lente catedrático da Universidade de Coimbra e professor responsável pela cadeira de Botânica e Agricultura da Faculdade de Filosofia. Ainda se desconhecem os motivos para a saída de Assis de Carvalho, mas é provável que a maior experiência e grau académico de Santos do Valle, bem como as suas viagens pela Europa, o tenham tornado como preferido na sucessão da direção. Esta nomeação levaria também à abertura de uma aula de botânica e agronomia que então faltava na capital do reino⁵⁵⁴. A chegada de Santos do Valle à Ajuda coincide com o regresso

552 "Ordena o Duque de Bragança, Regente em Nome da Rainha que o Director do Museu e Jardim Botanico mande receber do Bacharel Antonio de Almeida Vasconcellos Castel Branco, morador na rua dos Fanqueiros n.º 107 hum vaso de vidro contendo duas creanças pegadas na região abdominal, que elle offerece para o Museu desta Cidade com o respectivo documento historico que vai incluso. Palacio das Necessidades, o 1.º de Março de 1834. Joaquim Antonio de Aguiar. Cumpra-se e registe-se Real Museu 3 de Março de 1834 - Assis de Carvalho" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 51).

553 "Sua Excellencia o Senhor Prefeito desta Província me determina haja defazer entregar a V. S. hum dos Ossos da parte inferior do queixo da Balea que deo a Costa na Praia do Sorrão, dstricto deste Concelho, o portador deste vai encarregado defazer entrega a V.S. do refferido osso, a Vs. terá abondade de lhe mandar passar o competente recibo. O Sr. Gov. de Almada, 23 de Julho de 1834. Illmo Senhor Director do Muzeo Nacional e Real." in AHMB Rem. 30.

554 "Convindo promover nestes Reinos a Agricultura, base a mais firme da riqueza Nacional, e sendo-me presentes as luzes, merecimentos e serviços do Doutor Jose de Sá Ferreira Santos do Valle, Lente Cathedratico da Faculdade de Filosofia na Universidade de Coimbra, com exercicio na Cadeira de Botanica e Agricultura, o qual na sua honrosa emigração pela causa da Legitimidade e da Carta, visitou em Inglaterra, França e Belgica os mais notaveis estabelecimentos ruraes, consultou os melhores Professores, e se enriqueceo com os conhecimentos, que a pratica tem modernamente acreditado: Hei por bem em Nome da Rainha Nomea-lo Director do Museu e Jardim Botanico, contiguos ao Palacio da Ajuda, ficando por este modo habilitado a abrir hua Aula publica, aonde explique os elementos da Sciencia com a clareza e methodo, que mais convenha á facilidade do ensino. E pois que a pratica deve justificar de perto a theoria: Hei outro sim por bem conceder-lhe em Nome da Mesma Augusta Senhora, para modello e demonstração de doutrinas agronomicas, hum local arresoado na cerca do antigo Convento de St. Maria de Belem, aonde hoje se abrigão os Alumnos da Casa Pia, esperando que seja proveitosa a elles e á Patria hua instrucção, que dirigida por este

da acalmia e a normalização, ainda que por pouco tempo, dos trabalhos científicos no estabelecimento. Embora tendo que atender a constantes e incessantes pedidos de readmissão por parte de ex-trabalhadores que pretendiam regressar às suas antigas funções, todos eles alegando a sua adesão à causa liberal ou justificando antigos atos, retomar-se-iam os trabalhos de aquisição e preparação de novas coleções⁵⁵⁵, algo que só seria interrompido por situações particulares, como a morte de D. Pedro IV, a 24 de Setembro de 1834⁵⁵⁶, ou do Príncipe D. Augusto de Beauharnais, marido de D. Maria II, a 28 de Março de 1835⁵⁵⁷. No entanto a direção de Santos do Valle, à semelhança da de Assis de Carvalho, duraria pouco tempo. As inspirações francesas da renovação proposta pelo partido Liberal teriam profundas consequências na estrutura social do país, consequências estas transversais a toda a vida portuguesa. Embora com várias décadas de distanciamento, e devido a fatores diferentes, não podemos deixar de traçar um forte paralelo entre o Portugal do pós-guerra civil à França pós-revolucionária. Um exemplo claro, e inteiramente a ver com coleções é aquele que sucederia logo em 1834 com a extinção das Ordens religiosas e a alienação dos seus bens a favor do Estado. Tal como o caso das coleções pertencentes a ordens religiosas francesas no período revolucionário, também em Portugal esta alienação contribuiria para

methodo tem dado entre todas as Nações os mais felizes resultados. O Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino o tenha assim entendido e faça executar. Palacio das Necessidades 23 de Maio de 1834 - D. Pedro Duque de Bragança - Bento Pereira do Carmo - Está conforme - José Balbino de Barboza e Aguiar." in AHMCUL – Cota 1864 (p. 56).

555 *"Manda Sua Magestade a Rainha que o Director do Museu e Jardim Botanico informe sobre o requerimento junto, em que Jose Antonio Pires pede hum vencimento diario pelo trabalho que faz na preparação de objectos zoológicos. Palacio das Necessidades em 21 de Janeiro de 1835 - Bispo Conde Fr. Francisco - Registe-se 22 de Janeiro de 1835 - Santos do Valle" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 71v).*

556 *"Tendo Deos chamado á sua presença A S. M. R. o Duque de Bragança hoje pelas duas horas e meia da tarde, manda S. Ma. A Rainha que o Real Museu e Jardim Botanico se feche por tempo de oito dias, que devem principiar hoje mesmo. O que se participar ao Director do mesmo Museu para que assim se execute. Palacio de Queluz em 24 de Setembro de 1834 - Bento Pereira do Carmo - Cumpra-se e registe-se, 24 de Setembro de 1834 - Santos do Valle." in AHMCUL – Cota 1864 (p. 67v).*

557 *"Tendo Deos chamado á Sua Presença Sua Alteza Real o Serenissimo Principe D. Augusto hoje pelas 2 horas e 20 minutos da tarde, manda Sua Magestade a Rainha que o Real Museu e Jardim Botanico estejam fechados por tempo de 8 dias, que devem principiar hoje mesmo. O que se participa ao Director do mesmo Museu e Jardim Botanico, para que assim se execute. Palacio das Necessidades em 28 de Março de 1835 - Agostinho José Freire - Registe-se e cumpra-se 29 de Março de 1835 - Santos do Valle" in AHMCUL – Cota 1864 (p. 74v).*

enriquecer e/ou formar novas coleções⁵⁵⁸. É exemplo deste enriquecimento o considerável número de espécimes entregues pelo Depósito Geral das Livrarias, Quadros do Extintos Conventos ao então já Museu Nacional de Lisboa, situado no edifício do Convento de Nossa Senhora de Jesus em Lisboa, sob direção da Academia Real das Ciências de Lisboa. No documento intitulado "*Relação dos Objectos entregue à Academia Real das Ciências pelo Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos*"⁵⁵⁹, datado de 1837, podem-se contar mais de 4010 espécimes zoológicos, repartidos por todas as classes animais, bem como cerca de 1424 espécimes de mineralogia originários de vários conventos extintos. A criação de um Museu Nacional, na senda daquilo que a Revolução em França havia também feito, apresentava-se então como uma inevitabilidade. Em 1835 iniciavam-se movimentações por parte da Coroa com o intuito de conhecer o estado geral dos estabelecimentos museológicos da capital, começando logo pelas coleções do Padre José do Mayne, depositadas no Convento de Nossa Senhora de Jesus⁵⁶⁰. Este interesse pelas coleções presentes no Convento de Jesus não é, no entanto, surpreendente. Logo em Janeiro de 1835, pouco meses após a transferência da própria Academia para o edifício do Convento, começam-se a observar ações que visariam aumentar o acervo do Museu da própria Academia, em detrimento do Gabinete da Ajuda como até então tinha sido comum. Joaquim José da Costa de Macedo, secretário perpétuo da Academia, dirige-se a Luís Mousinho de Albuquerque, então administrador da Prefeitura do Funchal, pedindo-lhe o envio de uma "*collecção dos Molluscos e Zoophitos da Ilha da*

558 "*La formation des collections artistiques, scientifiques et littéraires pendant la Révolution dépend de deux grands faits: l'aliénation des biens du clergé et la confiscation des biens des Émigrés. De 1790 à 1796, la gestion des biens saisis et le "mouvement considérable d'objets d'arts" participent à l'élaboration d'une politique muséale sans précédent dont les rapports, les inventaires, les correspondances et les registres des procès-verbaux sont conservés.*" in Daugeron (2009: p 329).

559 BNP, Mss. 215, nº 31.

560 "*Manda Sua Magestade, A Rainha, que a Academia Real das Sciencias de Lisboa informe do estado do Museu instituido pelo Padre Mayne, e bem assim do da Cadeira de Historia Natural do mesmo instituto, o qual para manutenção dela deixara um legado, cuja administração ficou a cargo da mencionada Academia, cumprindo tambem que esta informe se a dita Cadeira está com effeito em exercicio, e quem a rege. Palacio do Ramalhão em 10 de Setembro de 1835 - Rodrigo da Fonseca Magalhães*" in BACL - Livro da Secretaria 5B (p. 36v-37).

Madeira", com o intuito de aumentar as coleções do Museu, dando-lhe para tal instruções sobre a captura, preparação e envio⁵⁶¹. Também a própria Casa Real dá sinais claros da alteração de foco e transferência de importância entre as duas coleções. Com a morte de D. Augusto, a Rainha oferece ao Museu da Academia "*uma colleccção de insectos, preparados e classificados*" pelo próprio príncipe, ao qual o próprio teria tido a intenção de oferecer à mesma instituição⁵⁶². A própria Academia movimenta-se, dirigindo-se à comunidade, a 6 de Abril de 1836, com o objetivo de lhe serem enviados produtos naturais das possessões portuguesas, para em Lisboa "*estabelecer; em beneficio da Instrucção publica, um Museu Nacional dos Productos Naturaes de todas as Provincias do Reino*" com o incentivo de que todos os donativos seriam "*collocados no Museu com os nomes de quem os tiver feito, para que a Nação saiba a quem deve esse meio d'instrucção*"⁵⁶³. Pela mesma altura, chega uma coleção de conchas oferecida pelo Abade de Castro, como atesta em 30 de Junho de 1836 a carta relativa à devolução de exemplares redundantes de "*Murex Cingulatus*", assim como a uma permuta⁵⁶⁴.

A decisão de fundir os dois principais estabelecimentos museológicos da capital não se faria tardar. Por decreto datado de 27 de Agosto de 1836, oficializa-se a ideia que indubitavelmente já existia na mente de todos: a tutela provisória do Jardim Botânico pela Academia, e incorporação das coleções do Gabinete Real de História Natural da Ajuda no Museu da Academia, constituindo no Convento de Jesus um único museu, em conjunto com as coleções da própria Academia e as de Frei José do Mayne. Refere o decreto o seguinte:

"Tomando em consideração o estado tão incompleto como irregular em que se acha o Museu e Horto Botanico d'Ajuda, e Attendendo á necessidade de dar as providências convenientes para que estes Estabelecimentos correspondam a seus ponderosos fins, coadjuvando a instrucção publica nos diversos ramos da

561 BACL - Livro da Secretaria 5B (p. 9).

562 BACL - Livro da Secretaria 5B (p. 20).

563 BACL - Livro da Secretaria 5B (p. 44-44b)

564 BACL - Livro da Secretaria 5B (p. 56v). Actualmente a espécie é conhecida como *Cerithidea (Cerithideopsis) cingulata* (Gmelin).

Historia Natural, que servem de base a todos os estudos filosoficos da Natureza: Conformando-Me com a consulta que sobre tão importante objecto a Academia Real das Sciencias elevou á minha Augusta Presença, Hei por bem Ordenar o seguinte. Artigo 1º O Museu de Historia Natural existente na Ajuda, logo que se publicar o presente Decreto, será incorporado no Museu da Academia Real das Sciencias em Lisboa, não só para uso das prelecções da Aula, que alli se acha estabelecida de Zoologia e Anatomia Comparada, mas tambem para que patente ao publico no centro da Capital offereça aos estudiosos meios faceis de applicação. Art. 2º A Academia Real das Sciencias exercerá provisoriamente, por meio de uma Commissão de tres de seus Membros, nomeada em cada anno, a inspecção científica e economica do Jardim Botanico d'Ajuda. Art. 3º O Director do mencionado Jardim continuará a estar encarregado da immediata administração deste Estabelecimento, assim na parte scientifica, como na economica, e regerá em Lisboa uma Cadeira de Botanica. Art. 4º Os Empregados subalternos do referido Jardim serão nomeados ou demittidos pela Academia Real das Sciencias sobre proposta do Director. A este pertence chamar, e despedir os Operarios segundo as occurrencias do serviço. [...]"

Esta mudança revestir-se-á de grande importância, não só pelos aspetos práticos, tal como o mais fácil acesso por parte de todos os interessados, visto estar situado no centro da capital, ou o complemento ao ensino que já se ministrava no Convento de Jesus, mas também por aspetos simbólicos, e que analisados de uma perspectiva comparativa relativamente à história da ciência e instituições científicas, nos pode ilustrar de forma clara o rumo português nestas questões. Por um lado podemos considerar que, tal como no caso francês, a passagem de um estabelecimento "Real" para um museu "Nacional" se afigura como um momento importante em termos políticos e simbólicos⁵⁶⁵, que no caso específico da cidade de Lisboa, também se manifestaria em termos de distribuição geográfica: as coleções passariam do ermo local da Ajuda, área de difícil acesso e dedicada principalmente à nobreza e à casa real, para a baixa da cidade, junto do Parlamento e das demais instituições públicas do novo regime. Por outro lado, a expressa intenção de patentear o Museu ao público para o benefício da instrução pública (contrariamente apenas à "educação dos infantes" como originalmente na Ajuda) insere-se num claro discurso liberal, contendo forte, se não mesmo direta, inspiração no modelo francês pós-revolucionário. O próprio pessoal da Ajuda passaria diretamente para os quadros do novo Museu, mantendo os seus antigos

⁵⁶⁵ "Le passage du Jardin du Roi et du Cabinet au Muséum d'histoire naturelle est une révolution politique et symbolique. Car, d'un royal propriétaire, le Muséum passe entre les mains de la Nation" in Daugeron (2009: p. 328).

postos.⁵⁶⁶ Neste contexto, o diretor Santos do Valle ficaria então responsável pela parte botânica do estabelecimento, mantendo a direção do Jardim Botânico, e ficando responsável pela criação de "Galerias Botânicas" no local de onde sairiam as coleções mineralógicas e zoológicas⁵⁶⁷.

Embora indigitado para um cargo importante, Santos do Valle não ficaria satisfeito com a transferência, tendo desde o seu início levantado bastantes objeções. Este episódio, que foi já descrito com algum detalhe por Rómulo de Carvalho⁵⁶⁸, apresenta ainda hoje várias questões e dúvidas. Os conflitos entre os dois diretores, aliados à falta de indicações precisas do que era suposto ser transferido e em que condições, causariam atrasos e situações que poriam em causa não só a o processo de transferência bem como a própria integridade das coleções. Enfrentando-se mutuamente, Santos do Valle e Assis de Carvalho atuavam nas costas um do outro, contradizendo-se e dando ordens opostas aos trabalhadores, onde ora se bloqueavam e trancavam coleções, como se arrombavam portas e armários. Logo nos primeiros dias no início do processo de transferência, a 6 de Outubro de 1836, os responsáveis foram impedidos por Santos do Valle (o *Dr. Sá*) de aceder às coleções e de proceder à transferência de qualquer peça⁵⁶⁹. A escalada do conflito era tal que apenas dois dias depois Santos

566 Vide Documentação Transcrita - Apêndice A1; Mais uma vez esta passagem assemelhar-se-ia em tudo aquilo que acontecera na transformação do estabelecimento parisiense. *"The staff of the Jardin du Roi, for the most part, became the staff of the Muséum d'Histoire Naturelle, even if this was not accomplished without some changes in their areas of expertise."* in Spary (2000: p. 3).

567 "Art. 4^o As Galerias Botânicas se estabelecerão no lugar donde he o Museu d'Ajuda.". Estas galerias ficariam em funcionamento até pelo menos 1848, época em que passam a dar lugar a um hospital para doentes de cólera 2 de Novembro de 1848 "Senhora - Em portaria de 30 d'Outubro ultimo, expedida pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, foi Vossa Magestade ? Mandar que a Academia Real das Sciencias ? ordens convenientes para que as casas ocupadas pelo Museu da Ajuda fossem franqueadas ao Administrador do Bairro de Belem, dando as providencias que lhe parecessem necessarias para as fazer despejar oportunamente, a fim de se estabelecer ali um Hospital de Cholicos. As casas que se refere esta Portaria não estão debaixo da inspecção da Academia, mas sim da Escola Polytechnica. [...]" in Livro de Secretaria 2B (p. 6)

568 Carvalho (1989: p. 172).

569 "Illustrissimo Senhor Doutor - Participo a V. Exa. que os homens das Obras Publicas hoje nada traxerão do Museu da Ajuda, em consequencia de lhe dizer o Snr. Dr. Sá que sem nova ordem nada

do Valle, devido à permissão que alguns funcionários supostamente haviam dado para transferência de um relógio e a "*colecção de madeiras*" para a Academia, retiraria as chaves do estabelecimento e despediria o escrevente dos catálogos, o praticante de desenho, o fiel do museu, o desenhador e o preparador⁵⁷⁰, situação que seria comunicada a instâncias superiores pelo mesmo dias depois⁵⁷¹. Por seu lado os trabalhadores defendiam-se afirmando que a transferência desses e de outros objetos para a Academia haveria sido feita no normal decorrer dos trabalhos, contrariando a tese de Santos do Valle que afirmava que Assis de Carvalhos haveria coagido os mesmos e atuado com violência no dia da contestada apropriação, ao mesmo tempo que acusariam Santos Valle de os ter "*violentamente*" despedido, impedindo o escrevente de catálogos de fazer um catálogo dos objetos de mineralogia⁵⁷². A conflitualidade experienciada conduziria a um considerável confusão relativa às posições hierárquicas e devidas obediências. Apenas sete dias após Santos do Valle ter bloqueado o acesso e despedido vários funcionários do estabelecimento, João Francisco Peres, mestre preparador, recusar-se-ia a entregar as chaves do Museu a ao ex-diretor do estabelecimento, que face à afronta perpetrada pelo funcionário ordenaria o arrombamento da porta, ficando a mesma após o arrombamento atada com uma corda⁵⁷³, algo que colocaria numa situação bastante vulnerável várias coleções

mais lhes consentia que trouxessem. Academia 10 de Outubro de 1836 - De V. Exa. attento venerador e criado - Raymundo Francisco Ferreira." in AHMB Div. 23 (p. 2v).

570 Vide Documentação Transcrita - Apêndice A2

571 "*Administração Geral do Districto de Lisboa. Repartição Central. 1ª Divisão - Nº 543 - Illustrissimo Senhor - Tendo-me sido remettida com Portaria do Ministerio do Reino datada de 13 do corrente a inclusa Representação, em que o Director do Jardim Botanico se queixa de V. Exa. haver tirado por força e contra a expressa Portaria de 7 de Setembro proximo passado varios objectos pertencentes aquelle Estabelecimento e que nenhuma relação tem com a Zoologia e Mineralogia, para eu informar ouvindo V. Exa., passo ás mãos de V. Exa a mesma representação, bem como o Officio de declaração a esta que acaba de me dirigir o referido Director, para que V. Exa. queira ter a bondade de responder sobre este negocio. Deos Guarde V. Exa. Lisboa 21 de Outubro de 1836 - Illmo Snr Francisco de Assis de Carvalho Lente de Zoologia - Francisco Soares Caldeira" in AHMB Div. 23 (p. 4).*

572 Vide Documentação Transcrita - Apêndice A3

573 "*Illustrissimo Senhor - Tenho a honra de participar a V. Exa que tenho em meu poder as chaves do Museu da Ajuda, e tendo sido [?] para a Academia das Sciencias no dia de [?] 17 do corrente [?] a servir como Mestre Preparador aconteceu ter hido ao Jardim nesse mesmo dia o ex Director do dito Museu, o Sr. José Sá Ferreira Santos do Valle, o que me mandou ceder as chaves do mesmo Museu,*

para as quais não existiam sequer catálogos⁵⁷⁴. No meio do terrível clima de constante conflito, a transferência das coleções zoológicas decorreria dentro da normalidade possível sem que se perdessem ou estragassem espécimes⁵⁷⁵, chegando mesmo a serem presenciadas situações peculiares como a utilização dos antigos reposteiros do gabinete para cobrir as coleções que se transportavam⁵⁷⁶. No entanto, apesar da transferência das coleções zoológicas se ir efetuando com aparente calma, a coleção mineralógica manter-se-ia intocada na Ajuda, algo que compreensivelmente causaria preocupações à comissão de transferência, visto uma coleção rica em minérios valiosos se encontrar desprotegida dentro de um museu com as portas arrombadas. Assis de Carvalho, em finais de Outubro do mesmo ano exporá a Francisco Soares Caldeira, governador civil do distrito de Lisboa, essa preocupação, informando-o ao mesmo tempo de que todas as restantes entregas de material por parte dos funcionários do museu haviam

assim como as dos armarios; e como eu lhas não quizesse mandar por ser responsavel por tudo o que nelle se achava, em consequencia disto mandou o dito Dr. arrombar a porta do Museu, a qual ficou atada com cordas athe que se faça huma nova chave, mandou tambem fechar a porta da entrada do pateo do dito Museu contigua a Casa do Guarda, que sempre foi costume ficar aberta de noite para esta poder sondar em roda do Museu a fim de evitar roubos, e fazer a serventia pela porta do cerro do Jardim ordenou ao Porteiro que tambem me não deixasse entrar bem como ja tinha ordenado a respeito de todos os mais empregados do referido Museu; e como pode haver algum roubo, alli se acha não pouca riqueza no ramo de Mineralogia, por isso rogo a V. Exa. queira dar providencias que hum tal attentado exige. Deos Guarde V. Exa. muitos annos. Lisboa 18 de Outubro de 1836 - João Francisco Peres" in AHMB Div. 23 (p. 5v).

574 "Attesto que tendo o Dr. Assis mandado fazer hum catalogo dos artefactos dos quaes não existia algum, me foi declaradao pelo mesmo Snr. que esperava pelo Dr. Sá para á sua vinda e do Catalogo mandar conduzir os artefactos. Lisboa 22 de Outubro de 1836 - João Francisco Peres - " in AHMB Div. 23 (p. 5v).

575 "Attestamos que a mudança do Museu se tem feito com tanta cautela, ordem e regularidade, que sendo saídos os objectos de diferentes quantidades, muitos vidros com espirito de vinho, outros delicados por sua natureza, Exa nenhum se tem perdido, ou quebrado, coisa talvez singular em huma mudança de tanta importancia, e que todos elles se achão mais bem collocados do que estavam antes - Lisboa 22 de Outubro de 1836 - Antonio de Azevedo Coutinho - Porphirio Joaquim de Miranda - João Francisco Peres - Martinho José Pires - Florindo Antonio de Souza - Antonio Caetano da Silva - Diogo Antonio da Silva" in AHMB Div. 23 (p. 6).

576 "Attestamos que o Snr. Dr. Assis não entrou no quarto do Porteiro a levar salvas ou copos, por isso que huma que lá existia se mandou buscar por hum Praticante para o fim de se remetter para a Academia, e o mesmo Porteiro a veio entregar á Casa aonde se estava encaixotando o que nesse dia se havia de remetter; attestamos outro sim que os Reposteiros vierão cobrindo objectos grandes do mesmo Museu por não haver mais outra coiza com que se cobrissem, [?] por haver ordem para se remetterem. Lisboa 22 de Outubro de 1836 - Antonio de Azevedo Coutinho - Porphirio Joaquim de Miranda - João Francisco Peres - Martinho José Pires - Martinho Antonio de Souza - Antonio Caetana da Silva - Diogo Antonio da Silva" in AHMB Div. 23 (p. 6).

decorrido sempre de livre e espontânea vontade, sem o recurso a qualquer ameaça ou violência, e que as coleções zoológicas se encontravam então já acomodadas e classificadas numa nova localização⁵⁷⁷. Entretanto, enquanto na Ajuda ainda decorria o levantamento de material para a transferência⁵⁷⁸, no seio da Academia davam-se ordens no sentido de apoio à criação do novo Museu no edifício do Convento de Jesus, deixando à disposição da comissão de transferência todos aqueles empregados que pudessem servir de apoio à inventariação e arrumação do museu⁵⁷⁹, e ordenando a abertura de portas no novo espaço destinado ao Museu na antiga cantina do extinto convento⁵⁸⁰. No entanto, as complicações com Santos do Valle não haviam sido ainda resolvidas e no início de 1837 o antigo diretor voltaria a colocar dificuldades aos trabalhos da comissão, bloqueando a transferência dos livros presentes na biblioteca anexa ao museu⁵⁸¹. A estas

577 Vide Documentação Transcrita - Apêndice A4

578 "*Illmo Snr. - Amanha 20 do corrente continua pela manhã a mudança do Museu d'Ajuda, para o que se achará lá a respectiva Comissão ou seus Delegados. O que participo a V. Exa. para que se sirva dar as devidas providencias a bem do serviço. Deos guarde a V. Exa. muitos annos. Academia Real das Sciencias 19 de Dezembro de 1836 - Illmm Snr Dr. José de Sá Ferreira dos Santos Valle - Manoel José Pires.*" in AHMB Div. 23 (p. 9v).

579 "*Illmo Sr. - Tendo a Academia Real das Sciencias creado hua Comissão para inventariar a Livraria, Museu, e Gabinetes de toda a especie, que lhe são pertencentes me incumbe de alliciar a V. Exa. para que haja d'ajuda-la prestando-lhe não só todos os catalogos, e mais esclarecimentos de que necessitar, mas despensando dos Empregados seus subordinados os que precisos forem para a coadjuvar em tudo quanto for compativel com o serviço do Museu. O que de ordem da Academia leva ao conhecimento de V. Exa. - Deos guarde a V. Exa. Lisboa em 30 de Novembro de 1836 - illmo Snr Franciscode Assis de Carvalho, Lente de Zoologia da Academia - O vice-Secretario Francisco Elias Rodrigues da Silveira.*" in AHMB Div. 23 (p. 9).

580 "*Illmo Snr - Sendo necessario mandar abrir hua porta na casa que foi Refeitório do extinto Convento de Jesus, e presentemente destinada para a collocação do Museu, e tendo os Empregados das Obras Publicas apontado que o lugar mais conveniente era o correspondente ao 1º Passo proximo a porta principal a Comissão encarregada da direcção do estabelecimento do mesmo Museu roga a V. Exa. em nome da Academia Real das Sciencias queira ter a bondade de representar á Mesa da Venerável Ordem de Nossa Senhora de Jesus a necessidade que ha de mandarem pessoa encarregada de entregar a chave do referido Passo e authorizalla pa receber os objectos que nelle se contem. O que tudo em nome da Academia a Comissão tem a honra de representar a V. Exa. - Deos guarde a V. Exa Academia Real das Sciencias 31 de Dezembro de 1836 - Illmo Senhr. Secretario da Mesa da Veneravel Ordem de N. Senhora de Jesus - Manuel José Pires, Guarda mor da Academia - Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia.*" in AHMB Div. 23 (p. 10).

581 "*Illmo Exmo Snr - Tendo o Doutor Jose de Sá duvidado entregar os Livros de Historia Natural pertencentes ao Estabelecimento do Museu, os quaes são essencialmente necessarios para hua perfeita redução das especies, e que nenhum uso applicação podem ter fora do Estabelecimento a que*

dificuldades juntavam-se as questões relativas ao próprio espaço físico do novo Museu. O pedido efetuado pela Academia no final de 1836 para o esvaziamento da antiga cantina do Convento de Jesus e para abertura de uma porta, viria a ser recusado pela Ordem de Nossa Senhora de Jesus⁵⁸², e a falta de meios pecuniários levariam ao despedimento do porteiro da aula de Zoologia, o que sobrecarregaria as tarefas de um dos antigos funcionários da Ajuda, agora funcionários do novo Museu⁵⁸³. Devido a todas estas complicações, ainda em Abril de 1837 não haveria tudo sido transferido para a Academia e muito menos aberto ao público⁵⁸⁴. Como resultado de quase um ano de conflitos e situações indecorosas, em Maio de 1837 iniciar-se-ia mais uma controvérsia relativamente à deslocação das coleções da Ajuda, o desaparecimento de "10 barrinhas de ouro" das coleções mineralógicas. Seria fácil para a comissão de transferência responsabilizar Santos do Valle, sustentando a sua acusação nos episódios do arrombamento das portas e despedimento da maioria dos seus funcionários, que teriam comprometido a

pertencem, a Comissão de Zoologia roga a V. Exa. se sirva dar as ordens necessarias para que os Livros sejam entregues á Comissão, e se resolva mais esta duvida para o bom andamento do serviço publico. Deos guarde a V. Exa. Academia Real das Sciencias 18 de Janeiro de 1837. Illm Exm Sr Francisco Soares Caldeira, Administrador interino do Districto de Lisboa - Manuel José Pires Guarda mor da Academia - Francisco Assis de Carvalho, Lente de Zoologia" in AHMB Div. 23 (p. 10).

582 "17 de Janeiro de 1837 - A Ordem de Nossa Senhora de Jesus nega o pedido para facilitar o acesso à antiga cantina, pois diz não poder ir contra as ordens dos seus Fundadores." in AHMB Div. 23 (p. 10v).

583 "Illmo Snr - Em consequencia da resolução tomada em Conselho de Academia Real das Sciencias de 12 do corrente, queira V. Exa. informar-me sobre a conducta do Snr Antonio de Brito, Porteiro da Aula de Zoologia, declarando se elle tem as qualidades precisão para ser empregado no Museu, e se em todo o seu serviço merece a melhor confiança e credito, a fim de poder a mesma Academia informar sobre a que lhe diz respeito em virtude da Portaria de 29 de Outubro ultimo, expedida pelo Ministerio do Reino - Deos Guarde a V. Exa. Lisboa 17 de Janeiro de 1837 - Illmo Snr Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia da Academia Real das Sciencias - O Vice-Secretario Francisco Elias Roiz da Silveira" in op. sup. cit. (Pp. 11); "Illmo Snr. - Em consequencia da resolução tomada no Conselho da Academia Real das Sciencias de 2 do corrente, queira V. Exa despedir a Luiz Antonio de Brito do lugar de Porteiro da Aula de Zoologia, para o qual tinha sido nomeado pela mesma Academia, por não ser compativel a sua conservação no Museu com a escacez dos meios pecuniarios que ella actualmente experimenta para fazer face ás suas despesas, nomeando V. Exa. interinamente de entre os empregados do Museu da Ajuda quem possa supprir as suas vezes, e que o referido Brito haja de se entender com o S. Thesoureiro da Academia para ajustar as suas contas a pagar-se-lhe o que se lhe dever. Deos Guarde V. Ex. Lisboa 4 de Fevereiro de 1837. Illm Snr Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia - O Vice-Secretario Francisco Elias Roiz da Silveira" in AHMB Div. 23 (p.14).

584 "O Museu da Academia, a que, por Decreto de 27 d'Agosto de 1836, se uniu o da ajuda, ainda senão franquea ao publico; porque se estão fasendo os arranjos necessarios para acomodar o que vem da Ajuda" in AHMB Div. 23

segurança das coleções e conduzido ao desaparecimento⁵⁸⁵. Os testemunhos dos funcionários que atestavam a presença das ditas barras de ouro no Museu até à data imediatamente anterior à sua expulsão⁵⁸⁶, viriam a ser utilizados por Assis de Carvalho contra o antigo diretor, a quem implicitamente acusava do furto⁵⁸⁷. Estas acusações levariam Santos do Valle a quebrar o seu silêncio e a expor a sua interpretação dos factos à Academia, ao mesmo tempo que lançava as culpas de todos os melindres ocorridos para o "*Bacharel Assis*". Santos do Vale acusava o Bacharel de não lhe ter entregado, à altura da passagem de cargo, qualquer catálogo ou inventário relativo às coleções e que nada deste tipo existia para além de "*algumas relações de productos recebidos em diferentes tempos; que o Dr. Alexandre fizera alguns inventarios parciaes no seu tempo; mas que nada do que a este respeito existia, tinha inteira relação com o estado actual do Museu*", e que julgava "*impossivel, se o nao [?], foi que um Bacharel em Medicina, em quem devem suppor-se alguns conhecimentos de Zoologia, e de Mineralogia, observando falta tão reprehensivel não cuidasse de a remediar durante nove meses, que dirigiu o Estabelecimento, e deixasse nelle tão evidente prova da sua inaptidão ou desleixo!*"⁵⁸⁸. Refere Santos do Valle que ordenara aos funcionários do Gabinete que se iniciasse a catalogação de todo o material, o que no caso da zoologia terá sido concluído ainda antes da publicação do decreto que viria a fechar o Gabinete⁵⁸⁹.

585 Vide Documentação Transcrita - Apêndice A5

586 "*Atestado - Attesto que athe ao dia em que fui chamado para o Museu da Academia das Sciencias se conservavão no armario respectivo dez pedaços de barras de ouro, dos quaes armarios eu tinha as chaves, que forão violentamente tiradas pelo Dr. Sá de hua gaveta, cuja chave estava em meu poder. Lisboa 5 de Junho de 1837 - João Francisco Peres*" in AHMB Div. 23 (p. 19v).

587 Vide Documentação Transcrita - Apêndice A6

588 AHMB Div. 29

589 "*Julguei do meu pr^o dever tratar do Catalgo p^a chamar por elle a responsabilidade dos empregados respectivos, e se a minha nomeação de Deputado às Cortes não deu tempo p^a o começar, como desejava, fez que convencido de sua absoluta necessidade ordenasse que se fizesse pelo M. Preparador, escrevente, e Fiel que acabava de ser nomeado por S. M. O. afim de que por elle se lhe fizesse a entrega de qto. existia, e pelo mesmo fosse obrigado a dar contas quando por qualquer motivo se lhe exigissem. Achava-se concluido o Catalogo de Zoologia, e devia começar-se o de Mineralogia, quando por Decreto de 27 de Agosto de 1836 Mandou S. M. A Rainha incorporar o Museu d'Ajuda no Museu da Academia, e por Portaria de 31 do m.mo mez fui eu encarregado de fazer*

Continuando a sua exposição, Santos do Valle acusa Assis de Carvalho de ter sido o próprio a retirar alguns dos materiais e de sob ameaças ter obrigado alguns funcionários a prestar falsas declarações relativamente a todo o processo de transferências, pondo em causa muitas das afirmações dos membros da comissão⁵⁹⁰. Independentemente do que tenha acontecido, o facto é que o episódio seria apenas mais um dos problemas que viriam a complicar o processo de transferência. À luz deste conflito compreendem-se assim as constantes recusas de Santos do Valle em entregar os livros, documentos, alguns “petrificados”, e outros materiais⁵⁹¹. Desejando pôr um fim definitivo às complicações, a Academia reage apelando à intervenção da Rainha. Assim, numa carta assinada por vários académicos, datada de 21 de Junho 1837, podia ler-se:

"São já tantas as vezes que a Academia Real das Sciencias de Lisboa tem recorrido a Vossa Magestade para dissolver os estorvos que tem encontrado em

entrega por inventario a quem se me apresentasse legalmente autorizado pela Academia Real das Sciencias. Comparecerão p^a este fim o Illmo Snr Manoel José Pires Guarda Mór da Academia, e outro. Fiz verificar na sua presença o Catalogo dos Productos Zoológicos existentes na pr^aa Sala, e concordamos todos em que a conducção de todos elles se fizesse antes de passar-se ás outras salas, deixando o fiel e mais empregados incumbidos de todo o arrajo p^a o transporte." in AHMB Div. 29.

590 *"Começou-se a conducção em conformidade do ajuste; mas, passados alguns dias, o Bacharel Assis sem que eu estivesse presente, e contra o que havíamos ajustado, ou melhor contra as ordens de S. M. a Rainha declaradas na Portaria de 31 de Agosto, e de 7 de Setembro abriu, ou fez abrir as portas das outras salas, e apesar do que o Me. Preparador o advertiu que nã o tinha ordem minha, mandou, e com ameaças, conduzir duas collecções de madeiras do Brasil, quatro reposteiros, oito castiças de casquinha, tres salvas da mma e uma de crystal, um copo doirado, e um relógio de parede, que elle por suas proprias mãos desprengou apesar de lembrar-lhe o Porteiro, que elle servia p^a regular os toques da sineta, e pedir que demorasse a conducção ate me dar parte. A tudo foi surdo o Bacharel Assis!!! Recebi a participação do que fica referido, e apesar de mal restabelecido do incommodo, que por dias me tinha embaraçado a ir ao Estabelecimento, corri a examinar os actos da mais inaudita arbitraidade q o Bacharel Assis por seu mero arbitrio acabava de praticar. Mandei chamar o Fiel q á dias não comparecia no Museu, p^a me informar do motivo que obrigou a infringir as minhas Ordens, a q havíamos ajustado; mas o Fiel com a sua costumada incivilidade respondeu que não vinha por não ser ja Fiel do Museu, mas sim da Academia! Chamei o Escrevente, e exigi delle que me declarasse porque rasão tiverão lugar tão arbitrarios procedimentos, e este velho malicioso intrigante, e não sei que mais deu-me respostas tão atrevidas e destemperadas que só a minha paciencia seria capaz de limitar-se a mandar q logo e logo sahisse do Estabelecimento, o que immediatamente se praticou. Proguntei ao M. Preparador; porque deu as chaves, e consentiu que sahisses objectos sem ordem minha, e respondeu-me que fora ameaçado pelo Bacharel Assis e q o receio de ser despedido; e perder a sua subsistencia obrigara a condescender. O Porteiro disse q resistiu de palavra enqto o negocio se tratava de palavra; mas q foi obrigado a ceder logo q o Bacharel Assis foi com um martello despregar o relógio, e mandar que o conduzissem!!! Quem sabe se nesta occasião, em que tudo esteve franco, e aberto mtos outros objectos serião levados? E como verificar a sua falta, e exigir responsabilidade sem catalogo, ou inventario regular, que a isso obrigasse quem tinha as chaves?" in AHMB Div. 29.*

591 Vide Documentação Transcrita - Apêndice A7

*transferir o Museu da Ajuda para o da Academia, em observancia do que determina o Decreto de 27 d'Agosto de 1836, que com bastante repugnancia torna ainda a levar á Presença de Vossa Magestade este negocio que parecia dever estar decidido á vista das disposições terminantes das Portarias de 7 de Setembro, e 13 de Desembro de 1836, supplicando a Vossa Magestade e Haja por bem acabar esta luta pouco decoroza para a Academia, que [?] entre ella, e o D.^{or} José de Sá Ferreira Santos do Valle. Este Director do Jardim Botanico da Ajuda, que nos seus officios para a Academia tem declarado que não he Director do Jardim, e q nos seus factos praticados com as pessoas encarregadas de transportar o Museu da Ajuda, tem provado que o he para as embaraçar, suscita todos os dias novos obstaculos á remoção dos objectos do Museu, como se vê na representação inclusa, que a Academia tem a honra de levar ao conhecimento de Vossa Magestade para que Seja Servida (se assim for de Seu Real Agrado) Ordenar que os petrificados, e os outros artigos a que ella se refere, e que farião parte do Museu da Ajuda, sejam entregues á Commissão nomeada pela Academia para os fazer conduzir."*⁵⁹².

É provável que este derradeiro apelo tenha colocado um fim ao problemático processo de transferência e ao conflito entre Santos do Vale e a comissão encarregada, pois, embora tenha havido alguma confusão quanto ao destino dos armários originais da Ajuda⁵⁹³, se deu assim um fim às constantes acusações e litigâncias.

No entanto, o fim das quezílias entre a antiga direção da Ajuda e a comissão de transferência, não significaria que os problemas relativos à fundação do novo

592 Livro de Secretaria 1B (p. 111v).

593 "Administração Geral de Lisboa 2ª Repartição, Nº 74 - Illmo snr. - Ordenando o Decreto de 27 de Agosto de 1836 que se estabeleção Galerias Botanicas no local donde sahio o Museu, e sendo indispensaveis para estas o haver armários em que se recolhão as producções do Reino Vegetal, e tendo eu mandado examinar os armarios que alli existem, sou informado que sendo estes de grandes dimensões, e tendo sido construidos dentro das casas em que se achão, haverá hua grande perda para a Fazenda Nacional com a sua remoção para esse Museu, sendo a mesma Fazenda obrigada a fazer construir alli outros novos e com bem pouco aproveitamento dos antigos, he por isso que eu rogo a V. Exa. haja por bem do Serviço Nacional de suspender as suas instancias para a mudança dos mesmos armarios, e mandar entregar ao Director do Jardim Botanico as portas de vidraças dos mesmo que já se achão em seu poder. Deos Guarde a V. Exa. Lisboa 4 de Julho de 1837 - Ill^{mo} Snr. Francisco de Assis de Carvalho - O Administrador Geral interino Francisco Soares Caldeira" in AHMB Div. 23 (p. 23-23v); "Illustrissimo Senhor - Tendo-se concluido a casa aonde deve definitivamente ser collocado o Museu, a Commissão encarregada da mudança ordenou a remoção dos armarios que se achão na Ajuda, em conformidade do que he expressamente determinado na Portaria de 7 de Setembro de 1836, communicada a Academia R. das Sciencias por Aviso da mesma data: e como o Director do Jardim Botanico obstasse ao cumprimento e execução da referida Portaria, a Commissão leva o occorrido á presença de V. Exa para ser presente á Academia Real das Sciencias, e dar as providencias que julgar opportunas. Deos Guarde a V. Exa. Sala de Zoologia 26 de Outubro de 1837 - Illmo snr. Joaquim Jose da Costa Macedo, Secretario perpetuo da Academia R. das Sciencias - Manoel José Pires, Guarda-mor da Academia - Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia" in AHMB Div. 23 (p. 25).

Museu tivessem terminado. Somavam-se ainda outros problemas, nomeadamente relativos às obras, bem como quanto à sua dotação orçamental. A estrutura e organização interna do Museu esbarravam com situações que impediam e atrasavam cada vez mais a abertura das portas, e os espaços destinados às coleções mineralógicas não haviam ainda começado a ser intervencionados devido à presença nesse mesmo local de um Batalhão da Guarda Nacional. Embora Assis de Carvalho se tenha dirigido ao comandante do batalhão pedindo a cedência do espaço e oferecendo-lhe uma alternativa⁵⁹⁴, a resposta foi negativa, bloqueando por mais algum tempo o início das obras e atrasando a abertura do Museu ao público⁵⁹⁵. O quadro orçamental do Museu apresentava-se também complicado e confuso. Ao pedido do Secretario dos Negócios do Reino relativo ao envio do orçamento para a conservação das coleções que haviam vindo da Ajuda⁵⁹⁶, Assis de Carvalho aponta a necessidade de mais fundos para o aumento das coleções e para a criação de "*hum Gabinete adicional de Zoologia e Mineralogia Portuguesa*"⁵⁹⁷. No

594 "*Illmo Senhor- Em consequencia de hua Portaria dirigida ao Fiscal das Obras Publicas e communicada á Academia Real das Sciencias, a Commissão encarregada do estabelecimento do Museu tem a honra de participar a V. Exa. que para cumprimento de hum dos §§ da referida portaria vae principiar as obras da sala de Mineralogia para a qual esta destinada a Cada, que V. Exa tem por vezes occupado com o Batalhão, de que he digno Commandante. Por esta occasião conhecendo a Commissão a attenção que he devida a V. Exa e ao Corpo de Officiaes do referido Batalhão, pode assegurar a V. Exa. que a Academia se prestará de boa vontade a facilitar para o serviço qualquer outra casa desponivel- Deos Guarde V. Exa. Academia Real das Sciencias 17 de Maio de 1837 - Illmo Snr. Commandante do 15º Batalhão da Guarda Nacional - Francisco de Assis de Carvalho Lente de Zoologia - Manoel Jose Pires Guarda mor da Academia.*" in AHMB Div. 23 (p.16).

595 "*Guarda Nacional de Lisboa 15º Batalhão - Illustrissimo Senhor - Agradecendo á Commissão encarregada do Museu a attenção e delicadez com que trata o Batalhão do meu commando, cumpre-me responder a V. Exa para fazer constar á mesma Commissão que Portarias ou Ordens particulares não podem ser por mim cumpridas na qualidade de Commandante de hum Batalhão da Guarda Nacional, sem que me sejaõ transmittidas pelo competente Ministerio e Secretaria da mesma Guarda. Lembro por esta vez a V. Exa. que me não he possivel consentir que se estorve o claustro aonde forma o meu Batalhão, sem que o Governo primeiramente o provenha de hum quartel digno deste Corpo. Deos Guarde a V. Exa. Quartel de Jesus 18 de Maio de 1837. Illm Sr Manoel José Peres - José Antonio do Nascimento Moraes Mantas, Tenente Coronel Commandante.*" in AHMB Div. 23 (p.16-16v).

596 AHMB Div. 23 (p. 11).

597 "*Illmo Snr - Em observancia do que me foi ordenado pela Academia Real das Sciencias em Officio de 28 de Janeiro proximo passado, que incluia o Aviso da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino de 23 do mesmo mez, tenho a honra de levar á presença de V. Exa. o Orçamento das despesas ordinarias, não pessoas, necessarias para a conservação do Museu no estado em que presentemente existe. Se porem, como deve e ha de ser, a Academia quizer cuidar no augmento, perfeição, e progresso do Museu particularmente na aquisição das especies zoologicas indigenas de Portugal e Possessões*

entanto, este orçamento, bem como a sugestão de Assis de Carvalho, não viriam tão depressa a materializar-se, pois como refere a 21 de Junho de 1837 Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Perpétuo da Academia, numa exposição à Rainha:

*"Já em consequencia do Officio da Secretaria dos Negocios do Reino de 23 de Janeiro do corrente, subiu á Real Presença de Vossa Magestade, em 15 de Fevereiro ultimo, o Orçamento das despesas ordinarias para a conservação do Museu, porem até agora nenhuma resolução tem havido a este respeito. Grande parte dos objectos do Museu, taes como os quadrupedes, aves, reptis, peixes, etc, se não se tratar delles brevemente se redusirão a estado de nao poderem apresentar-se aos olhos do Publico, e por isso insta a necessidade de mandar dar a modica quantia que se pediu para a conservação do Museu, e que não pode sahir da consignação da Academia, não só porque está attrasada quize meses, mas tambem porque sendo um objecto novo que acresceu á Academia, e cujas despesas erão pagas por outro Cofre, não compete ao da Academia se carregado com ellas, sem se lhe darem novos fundos."*⁵⁹⁸.

Apesar das todas as dificuldades encontradas durante o processo de transferência e estabelecimento do novo Museu, as coleções terão sido trabalhadas por Assis de Carvalho. Poder-se-á afirmar que este trabalho não terá nada mais do que a catalogação geral das coleções zoológicas que lhe chegariam às mãos, quer vindas da Ajuda, quer de outras fontes, não constituindo de facto qualquer tipo de investigação aprofundada. No entanto, a escolha dos sistemas de classificação utilizados e o reconhecimento de diversas espécies até então mal catalogadas ou desconhecidas para a ciência, revelam novidades e tendências não muito diferentes daquelas utilizadas no resto da Europa. De forma a produzir uma listagem inicial das coleções do novo museu, Assis de Carvalho escreverá os catálogos das coleções de vertebrados e invertebrados que existiam então nas coleções. O documento manuscrito *Francisco de Assis de Carvalho, Catalogos ms. das colleccões de Vertebrados do Museu da Academia das Sciencias de Lx. - Animaes*

Ultramarinas, as quaes pela maior parte faltão neste Estabelecimento, as despezas serão na razão dos meios que applicarmos para estes fins. Por esta occasião não posso deixar de levar á presença de V. Exa a consideração seguinte, que achando-se presentemente este Estabelecimento debaixo da inspecção da Academia, não he conveniente ao credito e boa opinião da mesma que nelle haja hua falta tão consideravel das especies Portuguezas, que por isso mesmo se adquirirão com menor despeza. Seria minha opinião nesta materia formar no Estabelecimento geral hum Gabinete addicional de Zoologia e Mineralogia Portugueza - Deos Guarde a V. Exa Sala de Zoologia a 1 de Fevereiro de 1837. Illmo Snr. Francisco Elias Roiz da Silveira, vice-Secretario da Academia - Francisco de Assis de Carvalho - Lente de Zoologia" in AHMB Div. 23 (p. 12v).

598 Livro de Secretaria 1B (p. 113).

*Vertebrados*⁵⁹⁹ encontrava-se dividido em três áreas principais, a mamalogia, a ornitologia e a herpetologia, onde a ictiologia se encontrava junto à herpetologia catalogando os números gerais das coleções. Para a classificação dos mamíferos, Assis de Carvalho terá usado o sistema de Cuvier, aperfeiçoado por Desmarest, distinto mamalogista francês - "*Mammalogia Systema de Cuvier aperfeiçoado por Desmarest 1836*"; para a classificação das aves adotaria o método de Drapier, que continha em si as informações e métodos de Cuvier, Temminck e Vieillot - "*Ornithologia Methodo composto dos de Cuvier, Temminck e Vieillot por Drapier 1836*"; e para os "répteis" seguiria a abordagem clássica de Cuvier - "*Erpetologia Systema de Cuvier 1836*". A coleção de invertebrados por sua vez seria classificada seguindo o sistema de Lamarck - "*Animaes invertebrados Systema de Lamarck 1836*"⁶⁰⁰. É interessante de notar a utilização de autores como Temminck, Vieillot ou Desmarest, pelo facto de terem sido estes os naturalistas que descreveriam várias dezenas de novas espécies através das coleções levadas por Saint-Hilaire da Ajuda e de que existiam duplicados nas coleções do Museu de Lisboa. Estes catálogos permitem-nos lançar um olhar sobre a riqueza das coleções de então. Nas coleções existiram qualquer coisa como cento e quarenta e nove exemplares de mamíferos, setecentos e oito de aves, duzentos e cinquenta e dois de anfíbios e répteis, e novecentos e treze exemplares de peixes. Comparando estes números com aqueles que conhecemos, ou seja os catálogos das aves e dos peixes realizados por Brotero⁶⁰¹, podemos notar um incremento no número de exemplares ictiológicos (de setecentos e catorze para novecentos e treze), e uma ligeira diminuição relativamente ao número de exemplares ornitológicos (onde se consideram também as coleções de ovos; de setecentos e oito para setecentos e dezoito). Este incremento, e ligeira diminuição, só poderão ser explicados pelo facto de as coleções então classificadas por Assis de Carvalho conterem desde logo as próprias coleções do Pe. Mayne, bem como as coleções antigas do Museu da

599 AHMB Rem. 427.

600 AHMB Maço "Catálogo Pré-Bocage"

601 "*Catalogo das Aves do Real Museo*" e "*Catalogo dos Peixes do Real Museo*" (BCMNHN - Ms 2441).

própria Academia. Embora demasiado generalista, um relatório de 1849 aponta para que o número de aves das coleções da Ajuda imediatamente antes da transferência não chegaria às quatrocentas e que o de mamíferos seria também inferior a oitenta⁶⁰². Se recuarmos até à época áurea do Gabinete, podemos constatar o verdadeiro montante de espécimenes perdidos. Comparativamente ao inventário de 1794⁶⁰³, constatamos uma diminuição de 60% na coleção mamalógica, e na coleção ornitológica de 64% (Figura 18).

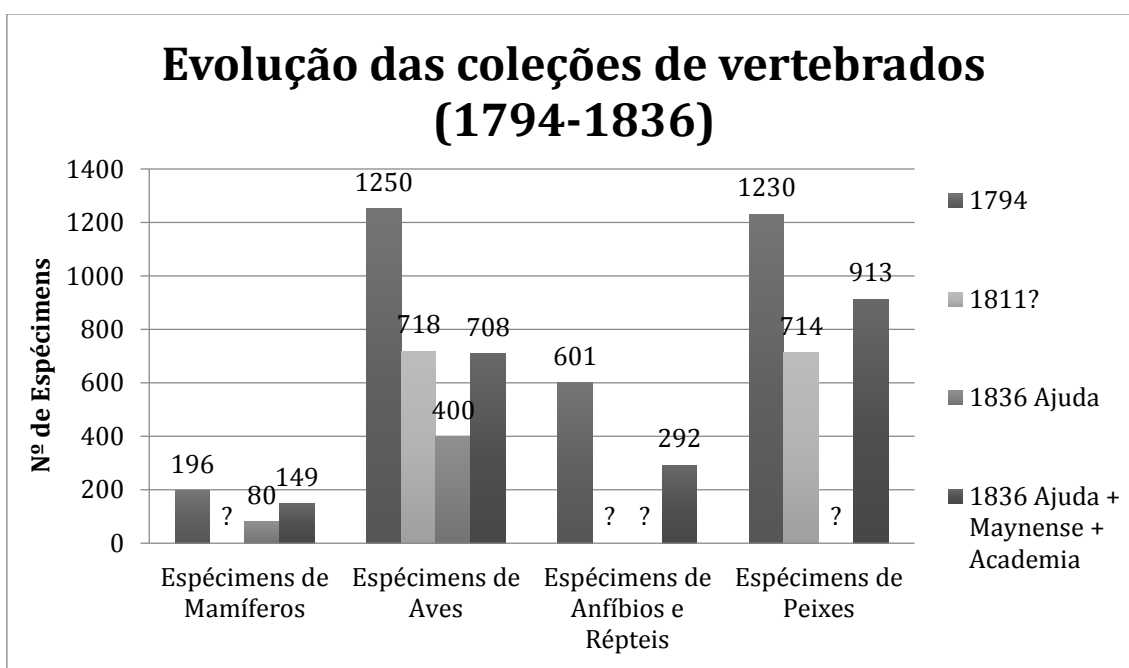


Figura 18 - Nas coleções de 1836 consideram-se já incluídos na contagem os espécimenes provenientes das coleções da Ajuda, do Pe. Mayne e do Museu da própria Academia.

À elaboração de catálogos, seguir-se-ia um outra uma tarefa indispensável para a criação de um nova instituição museológica, a publicações de instruções naturalistas de modo a formar uma rede de colaboradores externos que contribuíssem para o enriquecimento das coleções do museu. De natureza semelhante àquelas produzidas no século XVIII por Vandelli e Alexandre Rodrigues

602 Livro de Secretaria 2B (p. 15).

603 “*Inventário Geral e Particular [...]*” Divisão de Manuscritos, I-21, 10/49-8-13, BNRJ.

Ferreira, as "*Instrucções*"⁶⁰⁴ criadas e publicadas por Assis de Carvalho logo em 1836, revestiam-se de um caráter eminentemente prático e simplificado, de modo a que fossem acessíveis a vários públicos, na tentativa de aumentar a rede de possíveis colaboradores e conseqüentemente dotar o Museu de espécimes e coleções. As *Instrucções* não eram nada mais do que uma "*Collecção de regras e preceito*" preparadas para poderem ser utilizadas por "*todas as capacidades não filosoficas*" com o único fim de "*unicamente fazer entender ás pessoas, a quem nos dirigimos, o modo, como nos devem remetter os exemplares zoológicos, e o que devem praticar antes da sua remessa, para que possam chegar a Lisboa em estado de poderem ser preparados, e conservados definitivamente com todos os caracteres da sciencia, que nem sempre são os caracteres mais salientes.*" detalhando e especificando os métodos para "*cada huma das Classes, Ordens, Familias, ou Generos os caracteres mais importantes na sciencia, para com elles haver o maior cuidado em não se alterarem, desfigurarem, ou modificarem; assim como quaes são as partes ou órgãos mais importantes, cuja conservação deve ser masi attendida.*" Nelas, tal como nas suas homólogas setecentistas, apresentavam-se as principais formas de capturar, preparar e remeter os diferentes grupos de animais para o Museu, mas apresentando desde logo algumas novidades relativamente às suas predecessoras, tais como a importância da coleta de informações como o nome pelo qual a espécie era conhecida localmente, o seu habitat, bem como características das próprias espécies como, os seus predadores e presas, o dimorfismo sexual, os hábitos reprodutivos, etc⁶⁰⁵. A organização interna do "*Índice*" das espécies que potencialmente poderiam ser encontradas nos diferentes territórios ultramarinos portugueses seguia uma lógica territorial (não confundível de maneira alguma com biogeográfica) de modo a indicar claramente o que poderia ser capturado em cada local de presença portuguesa, revela-se, para além de um carácter puramente prático, o profundo nível de desconhecimento que havia ainda na altura sobre a rica biodiversidade desses mesmos territórios. A publicação destas "*Intrucções*" seria, tal como havia sido no tempo das primeiras

604 Carvalho (1836).

605 Carvalho (1836: p. 62-66).

publicações "*vandellianas*", um ponto de partida para uma nova fase na história das coleções nacionais e uma marca clara do início de um novo ciclo museológico no país. Embora a estas instruções se seguissem outras e resultassem num considerável incremento de material oferecido ao museu, o facto é que estas seriam apenas uma ferramenta no contexto de toda a estratégia de enriquecimento das coleções do museu. No entanto, pese a importância prática destas instruções, elas não seriam suficientes para fazer vingar um projeto museológico que se apresentava apenas munido de ferramentas mas desprovido de um plano e orientação científica clara.

No que toca a Coimbra, poucas são também as informações disponíveis relativas à época compreendida entre o juramento da Carta Constitucional por D. Miguel e a Convenção de Évora-Monte. Com a subida ao poder do regime absolutista, Manuel Barjona, professor de Zoologia e Mineralogia de pendor liberal, terá sido de imediato preso na cadeia da Universidade, acusado de revolucionário e destituído das cadeiras que lecionava, bem como de qualquer cargo académico. Sem provas concretas, foi libertado e rumou a Lisboa, onde morreria em 1831 na miséria. Em Agosto de 1829, José Joaquim Barbosa (1792-?) seria nomeado Vereador do Corpo da Universidade, bem como sucessor de Barjona na direção do Museu, teria sido incumbido de relatar o seu estado. As coleções mineralógicas apresentavam-se como as melhores e estando "*em estado de servir*" ao ensino, embora necessitassem que a sua classificação fosse revista. Para além desta coleção, existiria uma segunda coleção mineralógica "*amontoada*" e sem qualquer tipo de identificação ou catalogação. As coleções de botânica zoologia eram resumidas a um herbário praticamente abandonado, uma quase total ausência de coleções nacionais, apesar do considerável número de conchas e de zoófitos⁶⁰⁶, e a poucos vertebrados, facto que obrigava à utilização de um conjunto de estampas

606 AHUC- Caixa Museu de História Natural.

retiradas de compêndios zoológicos e que haviam sido emolduradas para o mesmo fim desde o tempo de Ribeiro de Paiva⁶⁰⁷ (Figura 19).



Figura 19 - Estampa de zoologia do tempo de Ribeiro e Paiva, atualmente presente na Biblioteca de Zoologia da Universidade de Coimbra (sala antiga). De notar a anotação com o binómio lineano com a caligrafia de Vandelli. Fotografia por Luis Ceríaco (2011).

Sabemos também que as viagens à costa ordenadas por Barjona ao preparador Luís Nadalini não terão caído no esquecimento, tendo sido

607 Ainda em 1853, quando D. Pedro V visita o Museu de Coimbra, as mesmas estampas continuariam expostas em salas do Museu. "Achámos no museu uma cousa singular que é, algumas Sallas em que se poderiam fazer accomodações para as collecções acham-se guarnecidas com molduras contendo umas estampas antigas de aves e quadrupedes que de pouco servem e estão assim enchendo um espaço grande." in Academia das Ciências de Lisboa (1923: p. 44).

reconduzidas por José Joaquim Barbosa, delas resultando um considerável aumento de exemplares para o museu⁶⁰⁸. O museu, graças ao trabalho de Nadalini mantinha-se sempre limpo e arrumado, e terão sido feitas vários melhoramentos com vista ao seu embelezamento, bem como as suas coleções iriam sendo enriquecidas fruto das suas viagens à costa e de outros espécimenes oferecidos ao Museu. Incapaz de obter espécimenes de outra forma, a Universidade resumia-se a manter as coleções que tinha e enriquecê-las quanto possível com estas viagens de colheita na região. Exemplo disso será por exemplo a viagem que Nadalini efetuou à costa de Buarcos, a poucos quilómetros de Coimbra, em Setembro e Outubro de 1829, da qual resultariam um total de 62 peixes, 10 dos quais preparados como preparações osteológicas, 110 "mariscos", 176 conchas e mais alguns exemplares diversos⁶⁰⁹. Esta coleção, somava-se por exemplo os outros exemplares preparados por Nadalini entre 1829 e 1830, onde se contavam cerca de 37 peixes, 15 anfíbios e répteis, 18 aves e 8 mamíferos, entre outras preparações de que não temos registos detalhados⁶¹⁰. Será logo nesta altura que o Museu da Universidade começaria a traçar um rumo concreto no que toca às suas coleções. Embora se viessem a elaborar planos para o enriquecimento das coleções com produtos

608 "*Desde que tenho estado servido de Director d'este Estabelecimento, o supplicante sempre o tem conservado com a maior limpeza, e aceio possível: bem como tambem no espaço dos dous annos proximos tem feito 60 preparações para o mesmo Estabelecimento; e o Praticante só com o seu trabalho sem ajuda do Preparador 37, as quaes todas vi, e o supplicante disse terem sido feitas em o dito tempo. Aproveito esta occasião, para lembrar, o q s determinou na Congregação do 1 d'Agosto de 1827, e q s recordou na de 31 de Julho deste anno: bem a ver, q attendendo á falta q há d'animaes no Museo, e à facilidade com q se obtem animaes marinhos ao recolher as redes em Buarcos, q seria mui util, q o supplicante fosse passar algum tempo de ferias a Buarcos para o dito fim. Tambem se obteria o mesmo resultado havendo quem de lá mandasse para aqui bem acondicionados os animaes q se apanhassem. Museo, 8 d'Agosto de 1829"; "Diz Luiz Nadalini, guarda preparador do Gabinete de Historia Natural desta Universidade, que havendo effectivamente cumprindo com muita actividade e zelo as obrigações juntamente com o seu Praticante, 50 preparações, e por so soment la metade deste, para exercisar-se, parte das quaes podem redundar em augmento do museu: sendo alem disto haver sempre conservado com a diaria limpeza, augmento de ornato, pintura, e aceio no m.mo museu, como nelle é bem patente; parece á vista do exposto de aver merecido a gratificação determinada, e correspondente do presento ano, e p isso" in AHUC - Caixa Museu Historia Natural.*

609 "*Factura da Dispeza que sefes em Boarcos por Luis Nadalini preparador no Moseo de Istoria Natural por ordem superior em o mez de Setembro e Outubro do anno pasado de 1829 com a Colesão de Peixes e Varios obegetos com os respectivos nomes daquela mesma Praia a saver."* in AHUC- Caixa Museu de Historia Natural.

610 "*Gabinete de Historia Natural - Preparações feitas em Coimbra e verificadas pelas visitas da Congregação do anno de 1829 e 1830."* in AHUC - Caixa Museu de Historia Natural.

originários dos territórios ultramarinos, a preferência e maior facilidade com que se adquiririam e coletavam espécimes do território nacional, das quais as coleções feitas por Nadalini são exemplo, levariam a que o museu da Universidade viesse, décadas mais tarde, não a assumir as suas limitações, mas sim a apostar clara e inequivocamente no estudo da fauna portuguesa.

Capítulo 8 - Museus e História Natural nos primeiros anos do Liberalismo

Embora o ano de 1837 fosse ainda marcado por todo o conflituoso processo de transferência, é também nessa altura que se inicia o processo de enriquecimento do Museu com ofertas de particulares⁶¹¹ mas também com uma aquisição especial, as coleções de História Natural das extintas congregações. Consequência de uma “revolução liberal”, e muito à semelhança daquilo que ocorrera em França algumas décadas antes, todo o espólio de História Natural recolhido nos antigos mosteiros e conventos, viria a ser entregue ao Museu por ordem régia⁶¹². Dias antes, a 3 de Abril, tinha acabado de entregar o catálogo de todos os espécimenes zoológicos que até então já se encontravam no Museu⁶¹³. A abertura do Museu de Lisboa continuava adiada ainda em Maio de 1838 devido ao atraso das obras do edifício, o que levaria Assis de Carvalho a pedir que se apressassem⁶¹⁴, ao mesmo tempo que se nomeasse uma comissão para avaliar os catálogos e que fosse dado o aval para patentear as coleções ao público⁶¹⁵. É de notar que em Julho do mesmo ano, apesar de já terminadas as transferências do

611 AHMB Div. 23 (p.20v).

612 AHMB Div. 23 (p. 14v). O Catalogo detalhado encontra-se presente no códice Mss. 215, nº31 "*Relação dos Objectos entregue à Academia Real das Ciências pelo Depósito das Livrarias dos Extintos Conventos (1837)*" da Biblioteca Nacional, mas também no códice Div. 40 do AHMB, precedido da carta de recepção assinada por Francisco Assis de Carvalho (AHMB Div. 39).

613 AHMB Div. 23 (p.15v).

614 AHMB Div. 23 (p. 28 e 28v).

615 AHMB Div. 23 (p. 28v).

material zoológico, e estando já o mesmo já classificado e colocado nos seus armários, não existia ainda ninguém que ocupasse oficialmente o cargo de diretor do Museu. Como referia a Comissão encarregada pelo Museu, numa resposta a uma circular da Administração Geral de Lisboa dirigida ao “Diretor do Museu”, esse cargo não existia, sendo proposta a sua criação pela impreterível necessidade da sua existência⁶¹⁶, algo que viria a acontecer em 18 de Agosto do mesmo ano, ficando para tal consignado o próprio Francisco de Assis de Carvalho⁶¹⁷. Resolvida a necessidade de uma direção, e após todos os trabalhos necessários o Museu abria as portas ao público de forma constante e regulada a partir de 14 de Novembro, “*todas as quintas feiras [...] das 11 da manhã, até as 4 da tarde*”⁶¹⁸, seguindo a prática instituída por Brotero na Ajuda. A abertura das portas do museu ao público acontece numa fase em que se assistia a um crescente número de ofertas e de aquisições para o museu. Este enriquecimento, que começara logo em 1838 com a aquisição de espécimes de mamíferos e aves num leilão em Lisboa em Abril desse ano⁶¹⁹ com as ofertas de comerciantes⁶²⁰, ou ainda a oferta do Rei D.

616 AHMB Div. 23 (p. 30v-31).

617 BACL - Livro de Secretaria 1B (p. 136).

618 Abertura do Museu ao Publico a 12 de Novembro "*Annuncio - Academia Real das Sciencias de Lisboa - O Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa será patente ao Publico todas as quintas feiras, a contar de 14 deste mez em diante desde as 11 horas da manha, até ás 4 da tarde; não sendo qualquer destes dias santificado, ou de grande gala, porque então se mostrará no seguinte, ás mesmas horas*" in BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 167).

619 "*Illmo Snr. Estão á venda em hum leilão na rua da Quintinha algumas especies de Mammiferos e Aves que não somente faltão no Museu da Academia, mas que pela sua raridade são hua aquisição importante para o mesmo Museu. O valor necessario para esta compra não será grande se o vendedor deixar separar aquelles exemplares que eu escolher, e ainda não distinguindo entre elle he despeza que a Academia poderá fazer sem sacrificio, por quanto os Mammiferos não excederão a 30 sem os quaes a Academia não deve por minha opinião ficar ainda que se não comprem as Aves. O que tenho a honra de levar á presença de V. Exa. para ser presente á Academia. Deos guarde a V.Exa. Museu 2 de Abril de 1838 - Illmo Snr. Joaquim Jose da Costa Macedo, Secretario Perpetuo da Academia Real das Sciencias - Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia - "* in AHMB Div. 23 (p. 27 e 27v).

620 "*Illmo Sr. - O Negociante desta Cidade Anastacio Roiz Batalha offereceo para o Museu da Academia hua caixinha de Insectos da China de diferentes ordens. O que tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exa. Deos Guarde a V. Exa. Sala de Zoologia, 2 de Abril de 1838 - Illmo Sr. Joaquim Jose da Costa Macedo, Secretario perpetuo da Academia R. das Sciencias - Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia." "* in AHMB Div. 23 (p. 27v); "*Illmo Snr. O Negociante desta Praça Francisco Rodrigues Batalha offereceo para o Museu da Academia R. das Sciencias duzentos e setenta e sete pares de olhos de vidro de diferentes tamanhos, o que levo ao conhecimento de V. Exa. para ser*

Fernando de um "Tapir" brasileiro⁶²¹, eram no entanto de carácter esporádico e não sistemático, muito provavelmente devido a constrangimentos orçamentais.

De forma a começar a enriquecer o Museu com séries consistentes de diferentes regiões do Globo a Academia, através de Assis de Carvalho, lançará vários apelos dirigidos a diversas individualidades nacionais espalhadas pelos diferentes cantos do império de forma a adquirir as produções naturais dessas regiões. Não existindo até então um claro plano de exploração dos territórios nacionais e ultramarinos, como houvera no tempo da "Viagens Philosophicas", esta abordagem apresentava-se como a forma mais fácil e menos dispendiosa de conhecer a diversidade de produtos naturais das diversas regiões, e de se enriquecer as coleções nacionais. Um dos primeiros apelos foi dirigido em Agosto de 1839 a Cláudio La Grange Monteiro de Barbosa, secretário do Governo da Índia, a quem era pedido o envio de várias espécies animais, ao mesmo tempo que lhe eram remetidas cópias das *Instruções* de 1836 publicadas por Assis de Carvalho⁶²². A lista de espécies indicadas por Assis de Carvalho apresentava-se extensa e detalhada, contendo descrições razoáveis da espécies pretendidas de modo a permitir a sua fácil e correta identificação, e focando não só exemplares icónicos, como tigres, orangotangos, cangurus, rinocerontes, dodós, casuares e gaviais, mas também exemplares mais comuns como várias aves, invertebrados, plantas e rochas⁶²³. A resposta a este pedido chegaria quase um ano depois e, embora positiva, não corresponderia à dimensão e riqueza desejada. Refere

presente á Academia. Deos Guarde a V. Exa. Museu 21 de Maio de 1838. Illmo Snr. Joaquim Jose da Costa Macedo, Secretario perpetuo da Academia R. das Sciencias - Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia" in AHMB Div. 23 (p. 28); "Illmo Sr. O Negociante desta Praça Francisco Rodrigues Batalha, offereceo para o Museu da Academia vinte e nove individuos de dezeseis diferentes especies de Aves, que não temos no Museu, assim como hua especie de Gorgonia, que lhe veio de Cabo-Verde. Deos Guarde a V. Exa. Museu 30 de Julho de 1838 - Illmo Sr. Joaquim Jose da Costa Macedo, Secretario perpetuo da Academia R. das Sciencias - Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia." in AHMB Div. 23 (p. 31v).

621 "Ill^{mo} Senhor - El-Rei o Senhor D. Fernando mandou para o Museu da Academia R. das Sciencias huma Anta do Brasil (Tapir Americanus). Deos Guarde a V. Exa. Museu 22 de Maio de 1838 - Illmo Snr. Joaquim Jose da Costa Macedo, Secretario Perpetuo da Academia R. das Sciencias - Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia" in AHMB Div. 23 (p. 29).

622 BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 157v).

623 Vide Documentação Transcrita - Apêndice B1

Cláudio La Grange que o pouco tempo que teria tido para o fazer condicionara a dimensão da remessa, mas que iria proceder a uma nova remessa mal tivesse oportunidade⁶²⁴. A resposta da Academia seria rápida e desta vez mais modesta. Acusando a resposta de Cláudio La Grange, é sugerido o contacto com o Governador de Calcutá para obter duas espécies, e reiterando o interesse em aves do paraíso que substituíssem os exemplares antigos da Ajuda⁶²⁵. Não se conhecem registos de que La Grange tenha de facto conseguido os exemplares pedidos pela Academia, que de resto iniciava agora um período fértil em ofertas de materiais para o museu, quer de particulares quer de instituições estatais a quem havia sido pedido o envio, quer ainda por outros museus e colecionadores. Esta onda de remessas de productos naturais, particularmente espécimes zoológicos, para o Museu de Lisboa seria constante praticamente até aos últimos anos de estadia do Museu sob a administração da Academia, sendo especialmente intensa (em número de episódios de remessas por diferentes remetentes) nos períodos de 1840-1843 e 1848-1851 (Figura 20).

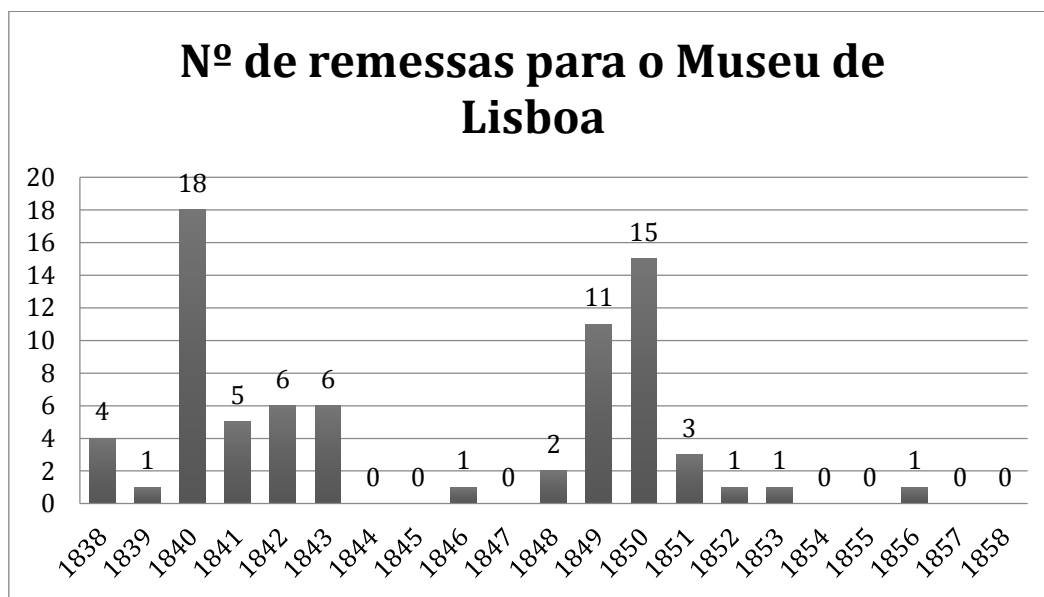


Figura 20 - Evolução das remessas de produtos naturais para o Museu de Lisboa entre a data da abertura das suas portas (1838) até à sua transferência para a Escola Politécnica. Consideraram-se com unidades de registo o episódio de oferta, e não o número de exemplares em cada oferta.

624 AHMB Rem. 390.

625 BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 211v-212)

Seriam várias as personalidades a oferecerem os seus préstimos para o enriquecimento do Museu, às quais a Academia encarecidamente pedia espécimes específicos das variadas regiões onde estas se encontravam. Um exemplo é o caso de Paulo de Moraes Leite Velho, nobre radicado em Trás-os-Montes, que através do Visconde de Villarinho de S. Romão se oferecera para coligir espécies de aves da província de Trás-os-Montes, tendo a Academia aceitado imediatamente, especificando quais as espécies que mais lhe interessavam⁶²⁶. Embora desejável, o aumento das coleções acarretaria em si um aumento considerável das despesas necessárias à sua correta preparação e conservação, aos quais os 150\$000 disponíveis como orçamento dificilmente cobriam⁶²⁷.

Para este enriquecimento muito contribuiriam as instituições ultramarinas. Na sequência de uma doação de "*exemplares de aves, e a pelle do réptil*" por Bernardino de António Gomes, Presidente do Conselho de Saúde Naval, em 9 de Novembro de 1839, a Academia aproveitaria para tirar partido da grande área geográfica que os funcionários desta palmilhavam, ao mesmo tempo dos próprios conhecimentos que estes, como médicos, cirurgiões e físicos, tinham para poderem coligir, preparar e remeter para o Museu os espécimes de história natural que pudessem capturar⁶²⁸, tendo a mesma feito um pedido oficial ao Conselho de Saúde Naval, acompanhado pelo envio de "*Instrucções*" (certamente as de Assis de Carvalho, de 1836)⁶²⁹. Várias individualidades coloniais, tal como João de Fontes Pereira de Melo, à altura Governador de Cabo Verde, contribuiriam com vários espécimenes para o Museu. De Cabo-Verde, em 1840, seguiriam para o Museu coleções de rochas⁶³⁰, conchas, minerais, aves, macacos e cabras (das quais uma

626 BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 162-163).

627 BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 166).

628 BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 166v-177).

629 BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 170).

630 BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 177-177v).

seria adotada pela própria rainha⁶³¹), sendo sempre pedido a Fontes Pereira de Melo que continuasse a enviar material, especificando a Academia aqueles espécimes que lhe eram mais apetecidos. Esse mesmo ano viria a ser o mais rico em remessas para o museu, sobretudo com as provenientes de ofertas de particulares. (Tabela 2). Destaque-se, pelo seu número elevado de exemplares, a oferta de "*mais de cem aves já preparadas, as q. se achão preenchendo a falta q tinhamos de sem.es aves*"⁶³², aquando da visita da família real ao Museu em Abril de 1840, ou da importante oferta, pela sua dimensão e raridade, foi a de um enorme exemplar de *Squalus maximus* (atualmente *Cetorhinus maximus* Gunnerus, 1765) capturado nas costas de Viana do Castelo em Agosto de 1840. O exemplar capturado por uma embarcação pesqueira foi adquirido pelo Administrador Geral do distrito e a pele e esqueleto enviados à Academia, conjuntamente com a sua descrição detalhada⁶³³. Devido ao detalhe e adoção de uma linguagem técnica apurada, julgamos ser interessante reproduzi-la:

"Descrição d'um grande peixe trazido ás praias de Vianna do Minho por Pedro Gonçalves da [?], Mestre de [?] S. Gonçalo. Dimensões - Comprimento desde a cabeça até á cauda - 27 pés - Grossura na barriga (circumferencia) 12 pés e 8 pollegadas. Peso - Intestinos 41@ - Carne 139 ditas - Esqueleto 20 ditas - Pelle 50 ditas - Calcula-se o sangue e mais liquidos derramados em 10@ - Total do pezo 260 @. Descrição - Focinho proeminente - Ventas collocadas debaixo d'elle - Olhos lateraes e pequenos - Boca situada por baixo do focinho, de forma semilunar, muito rasgada, com seis ordens de dentes na mandibula inferior, e oito na superior, todos postos em series symetricas, pequenos, agudos, e um tanto moveis - Lingoa larga e adherente á maxilla inferior - Dentro da boca, tanto em cima, como em outra maxilla apresentava series de fendas longitudinaes, profundas, do meio das quaes sahia uma ordem de cerdas curtas, semelhantes á piaçaba na consitencia e côr - No paladar aparecia grande numero de tubérculos carnosos - abertura das guelras d'ambos os lados cinco - de guelras soltas, redondas, e não chatas ou laminares, como ordinariamente

631 AHMB Rem. 444; Vide Documentação Transcrita - Apêndice B2

632 BACL - Livro de Secretaria 28B (p. 186).

633 "*Manda Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, participar á Academia Real das Sciencias de Lisboa que, pelo Administrador Geral deste districto, lhe serão remettidos a pelle e esqueleto d'um peixe d'extraordinarias dimensões, apanhado em redes de pescadores, a tres legoas de distancia da Villa de Vianna do Minho, em Agosto do corrente anno, e cuja descrição e estampa vão juntas a esta Portaria: a fim de que a mesma Academia faça dar áquelles objectos o uzo que julgar conveniente. Paço das Necessidades em 30 d'Outubro de 1840 - Rodrigo da Fonseca Magalhães. in BACL - Livro de Secretaria 4B (p. 118v-119v).*

*nos outros peixes - Barbatanas peitoraes grandes, as abdominaes mais pequenas, e collocadas neste mesma região, debaixo das quaes se achavao dois apendices grandes de tamanho e groussura das côxas d'um homem - Uma barbatana dorçal triangular, outra dorçal mais pequena, uma anal pequena, e a caudal vertical e bifurcada - O anus representa uma fenda longitudinal, e he situado na parte posterior da barbatana anal - A pelle áspera, e contendo séries de placas mui pequenas da mesma substancia das da Lixa. Classificação científica. Classe - Peixes - Ordem Condropteros - Genero Squalus - Especie Squalus maximus."*⁶³⁴.

Embora, por motivos de atraso na alfândega de Lisboa⁶³⁵, bem como na sua preparação definitiva na Academia⁶³⁶, o exemplar se tenha danificado mesmo antes de ficar exposto ao público, foi referido por viajantes estrangeiros tal como o inglês John Murray, que em 1855 o vê no centro de uma sala do primeiro andar contendo peixes, répteis e insectos ⁶³⁷. A raridade do espécime seria notada vários

634 BACL - Livro de Secretaria 4B (p. 118v-119v).

635 *"Illmo Exmo Snr. - Em Portaria de 30 d'Outubro proximo passado foi Sua Mag. servida mandar communicar à Academia Real das Sciencias de Lisboa, que havia de receber a pelle e esqueleto d'um peixe de extraordinarias dimensões, apanhado em redes de pescadores a tres legoas de distancia da Villa de Vianna do Minho, e no mesmo tempo tive participação da Alfandega de que ali se achavão estes objectos, que o Mestre do Hinte que os trouxe dissera serem para o Museu da Academia. Em consequencia do que, e por evitar o danno que poderia causar-lhes qualquer demora, não se acudindo promptamente a preparalos, os fiz hontem conduzir para a Academia, onde se achão. A ruina que já se observa na pelle do peixe justifica a deliberação que tomei, e que talvez não possa ainda assim mesmo reparar o prejuizo que há soffreu por ter ficado muito tempo na Alfandega, sem se cuidar d'ella. - Deos guarde a V. Exa. Lisboa 7 de Novembro de 1840 - Illmo Exmo. Snr. Antonio [?] Administrador Geral interino do Districto de Lisboa - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Perpetuo da Academia."* in BACL - Livro de Secretaria 4B.

636 *"Por motivos de saúde, e por interesses domésticos, vou esta semana para o campo, onde me demorarei um mez, pouco mais ou menos. Peço a V. Exa. que quando tiver occasião passe pela Academia, e dê as suas ordens para se fazer o pedestal para o Squalus maximus na forma que V. Exa concordou comigo, quando o fomos ver. Para se concluir a preparação he necessario o pedestal; porque assentando nelle he que pode dar-se-lhe a sua forma regular, e tirar-lhe os diversos bojos que faz na sua grande extensão, por falta de apoios que o sustentem. O pedestal, como V. Exa reflectiu muito vem, deve ter a concavidade necessaria para se accommodar á forma do peixe, e os pontos d'apoio não devem ser muito distante uns dos outros, para não dar logar a que o peso do peixe faça sinosidades que o deformem. A casa esta quasi prompta, e o peixe hade occupar o centro della. V. Exa. ainda que pelas suas circunstancias, não possa assistir ás Sessões Academicas, faz assim mesmo muito grande serviço, e nós estamos no mundo das compensações. Tenha V. Exa tudo quanto deseja e merece, e accredite-me sempre. De V. Exa. - Consocio Amigo Mt Ant e Obrgado de novo - Joaquim José da Costa de Macedo - Em 19 d'Agosto de 1841" in Carta para Luis da Silva Mousinho de Albuquerque (BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 207v-208)).*

637 Anónimo (1855) *cit. in* Brigola (2010: p. 169).

anos mais tarde por Barbosa du Bocage⁶³⁸ e por Félix Brito Cappelo⁶³⁹, que utilizaram a sua referência para afirmar a sua presença nas águas portuguesas, mas referindo também o mau estado de conservação devido aos problemas da sua preparação original, o que justificaria o seu abatimento aquando da transferência das coleções para a Escola Politécnica⁶⁴⁰. Para além do aproveitar das instituições coloniais nacionais, começaria também a Academia a apostar no diálogo com instituições congéneres brasileiras, tirando partido da forte ligação cultural e histórica entre Portugal e o jovem Império Brasileiro, com o objetivo de se estabelecerem redes de trocas de espécimes duplicados entre o Museu do Rio de Janeiro e o Museu de Lisboa⁶⁴¹. Também no território nacional estas ligações surgiriam, sendo solicitado ao museu o estabelecimento de correspondência científica, onde se incluía a troca de espécimes com o gabinete privado de Afonso Mouzinho de Albuquerque, então Governador do Funchal⁶⁴², que pediria à Academia o envio de duplicados, tendo esta proposta sido aceite⁶⁴³. Neste contexto de trocas entre instituições congéneres é de destacar o envio efetuado por Wilhelm Peters (1815-1883) de uma coleção de oitenta e sete exemplares de peixes de

638 Bocage (1866)

639 Capello (1869)

640 *"Fazia parte das colleções do Museu de Lisboa, no tempo em que este se achava a cargo da Academia Real das Sciencias, um exemplar muito grande d'esta especie, que, se nos não falha a memoria, fora para ali mandado de Vianna em 1840; mas como se achasse muito deteriorado, foi depois forçoso inutilisal-o, por ser impossivel conserval-o nas colleções."* in Bocage & Capello (1866: p. 14); *"O museu de Lisboa possuiu um exemplar do Squalus maximus proveniente das costas de Portugal; achava-se, porém, em tão mau estado quando se preparou, que não foi possivel depois da reforma do museu estudal-o com proveito, e foi por consequencia inutilisado."* in Capello (1869: p. 233).

641 Vide Documentação Transcrita - Apêndice B3

642 Actas da Academia 1850 n^o III, Assembleia de Effectivos de 15 de Maio.

643 *"Ministerio do Reino - 1^a Direcção, 1^a Repartição - Manda Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, participar à Academia Real de Sciencias, em resposta á Sua Carta de 16 de Maio proximo passado, sobre a troca de peças duplicadas no Museu de Lisboa por outros do Gabinete de História Natural da Cidade do Funchal, que nesta data se dá conhecimento ao Gov. Civil daquelle districto do objecto da dita carta, concedendo-se-lhe a autorisação para corresponder-se a simillhante respeito directamente com a mesma Academia. Paço das Necessidades em 14 de Junho de 1850. Conde de Thomar."* in Actas das Sessões 1850 n^o IV Assembleia de Effectivos de 19 de Junho.

Moçambique, capturados pelo próprio, pertencendo a quarenta e quatro espécies diferentes, algumas das quais novas para a ciência⁶⁴⁴. O alemão, à altura diretor do Museu de Berlim, havia explorado intensamente a costa oriental de África, nomeadamente Moçambique, onde estudou e conectou diversos grupos taxonómicos.

As remessas continuariam nos anos seguintes de forma mais ou menos constante, por parte ora de pessoas singulares, ora por exploradores financiados pela própria coroa Portuguesa como Frederico Welwitsch⁶⁴⁵, ora por funcionário do Conselho de Saúde Naval e outras instâncias ultramarinas⁶⁴⁶ (Tabela 3, 4). Contrariamente ao que acontecia com as outras potências mundiais, onde diversas expedições financiadas pelos aparelhos coloniais contribuíram para o enriquecimento destas coleções, ou mesmo contrastando com o período áureo das viagens filosóficas organizadas por Vandelli, o recurso a funcionários da coroa portuguesa espalhados pelos diversos territórios ultramarinos constituía-se como a sua única oportunidade de adquirir estas produções. As instituições coloniais foram no caso português uma das principais fontes de enriquecimento das coleções, mesmo sem terem sido organizadas quaisquer expedições, antes apoiando-se na chamada "máquina colonial"⁶⁴⁷. Para além da máquina colonial

644 AHMB Rem. 291.

645 BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 18).

646 AHMB Rem. 392. A lista dos espécimes enviados pode ser também ela consultada no AHMB com o título "*Relação dos diferentes Animais que vão para o Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa remetidas por ordem da Corte e do Governador Geral do Estado pelo Doutor Francisco Maria da Silva Ferrão Físico mor do Estado*" in AHMB Rem. 392a.

647 Esta "máquina colonial" é apontada por Daugeron (2009) como também uma das principais responsáveis pelo progresso científico e das coleções para o caso do Império Francês, como aponta da seguinte forma: "*L'interlude colonial se remplit d'avant-projets d'expansion sous le prétexte de recherches scientifiques et naturalistes. En amont des relations de domination entre colonisateurs et colonisés se trouvent des expéditions scientifiques dont l'objectif sert la puissance politique. Ainsi, les voyages scientifiques impulsés par le "ministère de la Marine et des Colonies" gardent leurs traces parmi les différents acteurs de la "machine coloniale"* in Daugeron (2009: p. 405). Esta noção "colonial", com a própria criação de um "Ministério da Marinha e das Colónias", deverá ser entendida como uma noção inserida não já numa época situada no "Iluminismo" de setecentos, mas sim numa sociedade "liberalista" de oitocentos, à qual podemos associar a França pós-revolucionária e o Portugal após a Guerra Civil.

também outras instituições do estado, como o Conselho de Saúde Pública seriam convidados a contribuir para o enriquecimento do museu. Em Maio de 1849 a Academia solicitaria ao dito conselho a sua colaboração nas colheitas por parte dos seus funcionários de espécimenes zoológicos e botânicos das zonas de marés, tal como conchas, zoófitos e "*plantas marinhas*"⁶⁴⁸. Seriam impressos e distribuídos cerca de cem exemplares de "*Instrucções*" elaboradas pela Academia⁶⁴⁹ e com "*um additamento do Snr. Bonnet*", com o objetivo de instruir os funcionários do Conselho de Saúde Pública sobre a forma de coligirem, prepararem e remeterem os produtos pretendidos para o Museu⁶⁵⁰. Enquanto estes pedidos, solicitações e ofertas privadas, de carácter esporádico, eram feitos, seria no entanto também feitos planos para que se enriquecesse o museu com produções de localidades mais específicas. Terá sido esse o exemplo do plano proposto para enriquecer o Museu com produtos naturais das diversas províncias ultramarinas, e em particular Moçambique, a que eram particularmente destinadas as novas "*Instrucções para a colheita, preparação, acondicionamento, e transporte dos productos e exemplares dos tres reinos da natureza*", elaboradas em Coimbra em

648 "*No Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa ha uma falta muito essencial, que todos os Muzeus da Europa tem com todo o empenho procurado evitar; e que vem a ser a collecção dos objectos proprios do paiz. A dificuldade de os colligir provem de muitas causas, que he inutil expressar, e que o Governo de Sua Mag. já se dispoz a remediar, na parte Geologica e Mineralogica, ordenando uma exploração Geologica do Reino. O que respeita á Conchiologia, aos Zoophitos, e ás plantas marinhas poderia em grande parte alcançar-se por meio dos Guardas marés e Fiscaes de Saúde, e por isso a Academia [?] encarrega de sollicitar do Conselho de Saude, a que V. Exa. dignamente preside, queira expedir as suas ordens aos ditos Guarda marés e Fiscaes, a fim de que dirigindo-se pelas Instrucções juntas, accomodadas a todas as intelligencias, remettão á Academia tudo que poderem obter relativo aquele ramo das Sciencias Naturaes. A Academia, certa da Illustração e zelo pelo bem publico do Conselho de Saude, tem a firme esperanza de que elle prestará mais este serviço ao Estado, e á Sciencia. Se o Conselho de Saude se dignar annuir á proposta da Academia expressas as Instrucções juntas, a Academia mandara lithographalas, e remetterá ao Conselho o numero d'exemplares que elle julgar necessarias para serem distribuidas. Deos Guarde a V. Exa . Lisboa em 28 de Maio de 1849 - Illmo Snr Francisco Ignacio dos Santos Cruz, Presidente do Conselho de Saude Publica - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Perpetuo da Academia. Seguem-se as instrucções" in BACL - Livro de Secretaria 18B (p. 87v).*

649 "*Deo parte o Secretario de ter agradecido ao Conselho de Saude do Reino a promptidão com que se prestou a recommendar aos seus empregados que colligissem objectos d'Historia Natural para o Museu da Academia; e que lhe remettera 100 exemplares das Instrucções impressas para esse fim, pedindo-lhe que participasse á Academia os nomes das pessoas a quem o Conselho as enviasse." in Actas das Sessões 1849 nº IV 23 de Maio*

650 Vide Documentação Transcrita - Apêndice B4

1849 por José Maria de Abreu, Vogal e Lente da Faculdade de Filosofia⁶⁵¹, algo que ganharia novo fôlego com as ordens emitidas pelo Governo à Academia nesse mesmo ano para que se redigissem novas instruções particularmente dirigidas à exploração naturalista de Angola e Moçambique ⁶⁵². Em Março de 1851, com a nomeação de José Rodrigues Coelho do Amaral como Governador de Benguela, são-lhe remetidas as novas instruções, elaboradas por ordem do governo no ano anterior, para este enviar, com autorização das despesas respectivas, material africano para o Museu⁶⁵³. O mês seguinte seria marcado pela oferta de uma ave pelo futuro rei D. Pedro V, bem como por uma caixa de insetos da Suécia, por Edward Kantzow, um "*pardal de java*" por João Paulo Nunes, e de um ouriço e uma ave pelo Conselheiro Lourenço José Moniz⁶⁵⁴. Em 1852 chegaria também à

651 Diário de Governo, 1850, 18 Fev.

652 "*Ministerio da Marinha e Ultramar - Tendo o Governo resolvido fazer explorar por Naturalistas as Provincias Ultramarinas, e especialmente os territorios continentaes situado na Africa Occidental e Oriental: assim manda Sua Magestade, A Rainha, pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, participar à Academia Real das Sciencias de Lisboa, da qual espera, que como corporação científica mais competente, se promptificará a redigir as convenientes instruções, que em tempo competente remetterá a esta Secretaria d'Estado; na intelligencia de que o Governo deseja, por meio de taes explorações, não só adquirir interior conhecimento dos recursos naturaes daquelles paizes, e do melhoramento de que são susceptiveis para a felicidade dos seus habitantes, e para o mais amplo desenvolvimento do seu commercio, mas tambem prestar ao progresso das Sciencias Naturaes aquelle concurso que se possa combinar com o fim primario das mesmas explorações. Paço 2 de Agosto de 1850. Visconde de Castellões.*" in Actas das Sessões 1850 n^o V Assembleia de Effectivos de 16 de Outubro.

653 "*A nomeação de V. Exa para Governador de Benguella offerece á Academia Real das Sciencias de Lisboa a oportunidade de alcançar daquelle paiz os objectos de Historia Natural de que tanto carece o seu Museu, e a V.Exa uma ocasião de prestar-lhe um distincto serviço. Pelas instrucções juntas poderá V. Exa mandar dirigir os trabalhos para os primeiros preparos dos objectos que V. Exa poder colligir. Nas ordens expedidas pela Secretaria d'Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, em 26 de Maio de 1848, tem V. Exa. recomendação para se ocupar destes objectos, e authorisação para as despesas que elles exigirem. A isto só me resta accrescentar pelo q respeita ás conchas, que devem escolher-se as que forem frescas, e com as duas valvas ainda, nas que forem bivalves; e sem serem esbeçadas, as que forem univalvas; podendo remetter dentro d'um caixote com estopa, ou outra qualquer materia filamentosa, em falta della, com area fina e seca, para não se quebrarem, ou se dannificarem de qualquer modo, roçando umas por outras. A Academia confia tanto nas luses de V. Exa, e no seu zelo pelo progresso das sciencias, que se dá a si mesmo os parabens pelo despacho de V. Exa, por ver nelle um meio efficaz de promover o estudos das Sciencias Naturaes, enriquecendo o Museu summamente falto das producções da Africa, tanto Oriental como Occidental- Deos guarde a V. Exa. Lisboa 14 de Março de 1851 - Illmo Snr José Rodrigues Coelho do Amaral - Joaquim José da Costa de Macedo" in BACL - Livro de Secretaria 18B (p. 190).*

654 Oferta de material para o Museu ("*Donativos - Para o Museu - Uma caixa de insectos - offerecida por Mr. Edward Kantzow, addido à Legação da Suecia. Um pardal de Java - Offerecido pelo Snr. João*

Academia uma coleção de "vidros", contendo insetos e outros animais de Moçambique, respondendo assim o Governador da Província, via Conselho Ultramarino, aos constantes pedidos feitos pela Academia em anos passados ⁶⁵⁵. O ano de 1853 viria a ser um dos últimos anos em que o museu receberia novas remessas e ofertas, o que se poderá explicar pela degradação das condições e pela falta de espaço que já desde há algum tempo se fazia sentir, sendo no entanto de estranhar, a recusa da Academia na cedência de espécimes duplicados para usos no ensino do Colégio Militar justificando-se a Academia com a sua falta no Museu⁶⁵⁶. Iniciava-se assim o período de degradação das coleções, que viriam a culminar com o encerramento das portas do Museu ao público em 1855. O desmedido aumento das coleções do Museu, iniciado logo desde a sua transferência viria curiosamente a contribuir para o estado caótico que contribuiria para o seu fim. Estas remessas contribuiriam de tal modo para o enriquecimento do Museu que, tal como nota a Academia num breve relatório sobre a evolução do Museu apresentado à Rainha a 26 de Abril de 1849, se diz: "*O Museu da ajuda foi mandado incorporar ao da Academia e ao Museu Maynense, por Decreto de 27 d'Agosto de 1837. As Aves que vierão da Ajuda não chegavão a quatro centas, grande parte das quaes estava em tal estado, que se inutilisárão, hoje são perto de duas mil. Os Mamaes erao poucos mais de oitenta, hoje são mais de duzentos. A collecção d'Insectos triplicou. Os Peixes, reptis, e animaes invertebrados*

Paulo Nunes. *Um ouriço e uma Ave - Offerecido pelo Snr. conselheiro Lourenço José Moniz. Uma Ave - offerecida por sua Alteza o Principe Real*" in Actas das Sessões 1851 nº II Sessão literaria de 2 de Abril.

655 "*Logo que acabem as ferias, e que a Academia Real das Sciencias de Lisboa continue no exercicio de suas funções, terei a honra d'apresentar-lhe os tres vidros que vierão da Provincia de Moçambique com diversos exemplares entomologicos, e d'outros objectos do reino animal, que V. Exa. se dignou enviar-me da parte do Conselho Ultramarino, a quem elles forão remettidos. A Academia hade certo penhorar-se muito da offerta do Conselho Ultramarino, e em quanto ella não lhe dá os seus agradecimentos, faço-o eu em seu nome, pedindo a V. Exa desculpa de não ter praticado immediatamente á entrega daquelles objectos na Academia, por estar então fora de Lisboa, em consequencia de serem ferias academicas - Deus Guarde a V. Exa. Lisboa em 13 de Setembro de 1852. Illmo Snr Visconde de Sá da Bandeira, Presidente do Conselho Ultramarino - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretário Perpétuo da Academia.*" in BACL - Livro de Secretaria 18B (p. 121v-120).

656 "*Senhora - Satisfazendo ao que Vossa Magestade Determina em Portaria expedida pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, de 3 do corrente, e recebida no dia 6, expõem a Academia Real das Sciencias de Lisboa, que não existem nella exemplares alguns de mamiferos, aves, peixes, etc. que possão ser cedidos ao Collégio Militar*" in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 60).

tiverão considerável augmento, em consequencia de donativos e compras. E as collecções mineralogicas, e conchiologicas tambem se augmentaram muito por effeitos de donativos recebidos. [...]”⁶⁵⁷, onde se pode constatar a considerável evolução no número de exemplares do museu relativamente aqueles que tinham constituído o seu primitivo acervo. No entanto, e apesar desta incessante aquisição de espécimenes, as condições do Museu não evoluíam proporcionalmente, ficando por isso muitas das coleções amontoadas ou mesmo impedidas de serem expostas ao público devido à ausência de locais adequados⁶⁵⁸. Ainda em 1840 foram tomadas decisões respeitantes às obras necessárias no edifício do Museu, nomeadamente a de despejar as famílias que habitavam as zonas adjacentes, pela perigosidade que representavam para a segurança das coleções através das fogueiras feitas para cozinhare⁶⁵⁹, bem como a retirada do material de culto

657 BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 15).

658 "A collecção conchiologica da Academia Real das Sciencias de Lisboa está toda classificada. As conchas bivalvas estão ordenadas devidamente, a fim de poderem mostrar-se ao publico, e aproveitarem aos estudiozos, que quizerem applicar-se no estudo deste ramo da Historia Natural; porem não acontece o mesmos ás conchas univalvas, que são ainda mais numerosas de que as bivalvas; porque não ha bancas onde se colloquem, como as outras. Peço portanto a V. Exa. se digne dar as ordens convenientes para fazerem as bancas que faltão." in BACL - Livro de secretaria 2B (p. 35).

659 "Manda Sua Magestade, A Rainha, comunicar à Academia Real das Sciencias de Lisboa, para sua intelligencia, que lhe foi presente a representação que em data de sete dos mez passado, dirigiu a Conselheiro Inspector Geral interino de Obras Publicas do Reino, o Secretario perpetuo da referida Academia, expondo a necessidade de se proceder ás obras que se tornão indispensaveis para a collocação e melhor classificação dos productos naturaes que existem no Museu, expecificados na mencionada representação; e que confirmando-se com as informações e parecer do sobredito Conselheiro Inspector, Houve por bem approvar o Orçamento de despesa por elle apresentado, e ordenado, por Portaria d'hoje, que se proceda ás obras nelle indicadas para o dito effeito; assim como que se requer seja por este Ministerio ao da Guerra a collocação ali d'um posto de Guarda, para segurança dos objectos preciozos que o referido Museu encerra: mas que havendo [?] o mencionado Inspector Geral que o edificio ocupado pela Academia o Museu se acha em grande risco, por ser habitado por familias que ahi fazem fogos e cozinha, e Querendo a mesma Augusta Senhora evitar algum sinistro acontecimento a que pode dar logar uma similhante tolerancia: Ordena que a Sobredito Academia faça immediatamente despejar essas familias, não consentido que no local se fação fogos, que arrisquem a existencia do estabelecimento deste genero mais notavel que possui o paiz. Paço das Necessidades em 16 de Novembro de 1840- Rodrigo de Fonseca Magalhães" in BACL - Livro de Secretaria 4B (p. 120v)

existente no claustro do Convento de Jesus de modo a poderem iniciarem-se as obras de uma das futuras galerias do Museu⁶⁶⁰.

Por sua vez, também a coleção da Universidade de Coimbra, sob a direção de Fortunato de Sena, iria engrandecer as suas coleções mas, ao contrário de Lisboa, este aumento seria mais comedido e nunca ultrapassaria as capacidades do próprio edifício. Entre 1843 e 1859 foram vários os episódios de aquisições e ofertas de material para o Museu. Em 1843 foi autorizado o gasto de "*tresentos mil réis*" para a aquisição de exemplares de mamíferos e aves para o museu⁶⁶¹, bem como o envio de exemplares portugueses para o Brasil, como troca de animais que iam chegando do Maranhão⁶⁶². Em 1844 seria ordenado o envio do guarda do Museu aos portos de Lisboa e do Porto com o objetivo de obter exemplares zoológicos⁶⁶³, algo que se repetiria em 1848, ano em que se adquiria material ao museu de João Francisco Allen (1785-1848) no Porto⁶⁶⁴. É interessante constatar que de forma muito semelhante ao que acontecia em Lisboa, também em Coimbra se preparavam planos e redigiam instruções para serem distribuídas às autoridades ultramarinas e nacionais de forma para que estas pudessem contribuir para o enriquecimento das coleções. Esta decisão, datada de 1843⁶⁶⁵, resultaria na

660 "*Foi Sua Magestade servida ordenar que, pelas Obras Publicas, se fizessem em parte do Claustro do extincto Convento de Jesus, doado á Academia Real das Sciencias de Lisboa por Decreto de 27 d'Outubro de 1834, novas accommodações para o Museu Nacional estabelecido no mesmo edificio, e cuja direcção esta remettia á Academia. O que tenho a honra de participar a V. Exa, para ter a bondade de mandar tirar dos Passos existentes no dito Claustro e que outros houver relativos ao culto divino que outrora ali fazia a Ordem Terceira. Deos Guarde a V. Exa. Lisboa 24 de Novembro de 1840. Illmo Snr Ministro, e mais Officiaes da [?] da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, junto ao extincto Convento de Jesus - Joaquim José da Costa Macedo, Secretario Perpetuo da Academia" in BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 210).*

661 Carvalho (1872: p. 96).

662 Carvalho (1872: p. 96).

663 Carvalho (1872: p. 98).

664 Carvalho (1872: p. 116).

665 "*Resolveu-se que o director do gabinete de zoologia formulasse uma consulta sobre os meios de se obterem do Brazil e de outros paizes productos zoológicos, a fim de se dirigir ao governo a competente representação.*" in Carvalho (1872: p. 98).

elaboração de uma lista de instruções destinadas às autoridades competentes, e endereçada à Rainha logo no ano de 1845⁶⁶⁶. Após detalhada exposição sobre a importância do estudo da história natural das possessões portuguesas, da necessidade de espécimes para o ensino na Universidade, do estado das coleções e dos estudos naturalistas em Portugal, e a exposição de todos os condicionalismos importantes ligados ao empreender de viagens de exploração⁶⁶⁷, Fortunato de Sena requere à Rainha a efetiva realização das viagens de exploração já pensadas desde 1806, a delegação nos funcionários das autoridades ultramarinas e metropolitanas para a coleta e envio para Coimbra de produtos de história natural, bem como a própria dotação de fundos para a publicação dos resultados obtidos através desse estudo⁶⁶⁸. No seguimento desta resolução não saíam instruções destinadas aos agentes ultramarinos, mas sim, princípios pelo qual se deveriam reger os viajantes naturalistas ao serviço da Universidade, nas viagens de investigação em Portugal e suas possessões. As principais instruções assentavam no estudo da geologia, mineralogia, botânica e zoologia com a imprescindível tomada de apontamentos e informações, o correto acondicionamento e envio do material para os museus da Universidade, bem como a preparação de relatórios mensais, e da composição de memórias das viagens. Para estas viagens seriam as autoridades locais convidadas a participar e a prestar todo o auxílio necessário ao viajante naturalista⁶⁶⁹. As instruções destinadas aos agentes consulares no ultramar português seriam só lançadas em 1849⁶⁷⁰. De forma semelhante a tantas outras instruções publicadas na altura, as produzidas em Coimbra apostavam principalmente na explicação simplificada da metodologia em voga para a coleta, preparação e conservação necessária ao transporte dos espécimes do local de

666 Carvalho (1872: p. 105).

667 Vide Documentação Transcrita - Apêndice C1

668 Carvalho (1872: p. 106-111).

669 Vide Documentação Transcrita - Apêndice C2

670 Carvalho (1872: p. 118).

colheita até ao museu⁶⁷¹. A década de cinquenta manteria a prática, e logo desde o seu início entrariam para o museu vários produtos naturais brasileiros, com destaque para uma grande coleção de conchas⁶⁷², sendo na mesma década o museu convidado a estabelecer trocas de espécimenes entre a Universidade e o Museu Nacional da Austrália⁶⁷³. Também as viagens de colheita seria mantidas e em 1852 seria ordenada uma viagem a vários pontos do país com o objetivo de recolher exemplares da fauna portuguesa⁶⁷⁴. Durante toda a década o museu receberia várias ofertas tais como exemplares africanos, oferecidos ao Museu por António Júlio de Castro Pinto de Magalhães, bacharel formado em filosofia e primeiro-oficial da secretaria do conselho ultramarino⁶⁷⁵ ou a oferta de um crânio de hipopótamo e de um crocodilo por Friedrich Welwitsch, originário das suas expedições africanas⁶⁷⁶. É no entanto em 1853 que se daria uma das mais importantes ofertas para o Museu, uma coleção de aves e outra de conchas por parte do futuro rei, D. Pedro V⁶⁷⁷, algo que se viria a repetir em 1854, com a oferta de uma segunda coleção de aves, conchas e mamíferos⁶⁷⁸. Estes envios terão sido feitos em sequência da viagem efetuada pela comitiva real ao norte do país em 1852. Tendo a comitiva Real passado por Coimbra, o jovem príncipe terá visitado pessoalmente o Museu da Universidade, bem como o Jardim Botânico. Segundo D. Pedro a coleção mineralógica era "*pequena e mal arranjada*", características estas

671 Vide Documentação Transcrita - Apêndice C3

672 Carvalho (1872: p. 128). A este propósito existe também no AHMB o seguinte documento: "*Nota do que S.A. O Príncipe Real mandou para o Museo da Universidade de Coimbra em 11 de Janeiro de 1853*" (AHMB Div. 470), que dá conta dos exemplares enviados para a Universidade.

673 Carvalho (1872: p. 143).

674 Carvalho (1872: p. 131).

675 Carvalho (1872: p. 143).

676 Carvalho (1872: p. 149). Ambos os espécimenes existem ainda hoje nas coleções zoológicas do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.

677 Carvalho (1872: p. 134).

678 Carvalho (1872: p. 137).

partilhadas com a coleção de fósseis⁶⁷⁹, enquanto as coleções de invertebrados eram vistas como "*imperfeitas*"⁶⁸⁰. A sala das coleções de vertebrados, seria ironicamente referida como parecendo "*que fora preparada por Noé quando sahiu da archa*", devido aos problemas de conservação dos espécimes, ao seu estado incompleto e classificação desatualizada, algo que na opinião do jovem monarca poderia acarretar graves implicações no ensino e na investigação, situação esta que uma "*pequena despesa tirada de entre as inuteis se poderia aumentar ou antes regenerar o Gabinete Zoológico e Mineralogico*"⁶⁸¹. Numa segunda visita ao museu, D. Pedro volta a referir a pobreza, o atraso da classificação das coleções mineralógicas, a falta de informação relativa à origem dos materiais, sugerindo possibilidade de contacto com geólogos estrangeiros de forma a melhorar as mesmas⁶⁸². Da sala dos invertebrados dá-nos a ideia do "*miserável*" estado da coleção entomológica, constituída por apenas "*algumas gavetas que encerram uns poucos de Coleopteros ruidos pelas traças, e de umas borboletas do pais misturadas com outras do Brasil*", existindo para além disso apenas alguns insetos do Brasil que a Faculdade preciosamente estimava⁶⁸³. Sobre a coleção de conchas, que contava com cerca de 800 espécies, D. Pedro considera-a inferior à da Academia e à do seu Museu Real, por não ter espécies raras, por quase todos os exemplares estarem sujos, e sobretudo pela classificação segundo o sistema de Lineu, reveladora de "*uma cega veneração pelo pai da sciencia, ou antes a incuria de a classificar segundo os sistemas modernos*"⁶⁸⁴. A coleção ornitológica mal corresponderia ao seu fim, e que apesar de a coleção de aves portuguesas "*não estar má*", faltavam-lhe muitas espécies ainda que ele de bom de grado poderia

679 Academia das Ciências de Lisboa (1923: p. 34).

680 Academia das Ciências de Lisboa (1923: p. 34).

681 Academia das Ciências de Lisboa (1923: p. 35).

682 Academia das Ciências de Lisboa (1923: p. 45).

683 Academia das Ciências de Lisboa (1923: p. 46).

684 Academia das Ciências de Lisboa (1923: p. 46).

oferecer⁶⁸⁵. Face ao estado das coleções coimbrãs, e ao facto de à altura D. Pedro possuir já no seu museu um número avultado de coleções, o jovem monarca desde logo colocaria à disposição do Museu algumas das suas colheitas privadas⁶⁸⁶, algo que, como vimos acima, viria a acontecer nos anos seguintes.

A descrição de D. Pedro não é porém a única descrição disponível do museu neste período. Seriam vários os viajantes que na primeira metade do século visitariam o museu e dele deixariam as suas memórias. É disso exemplo o escritor inglês William Henry Giles Kingston que em 1846 visita o museu e o descreve de forma análoga, embora menos minuciosa. Destacando positivamente as numerosas salas interligadas, consideraria a coleção de conchas como a melhor, contrastando com as "incompletas" coleções de insetos, mamíferos e aves. Os problemas internos do museu não passariam despercebidos ao inglês, tendo-lhe sido comunicado que as dificuldades do museu se prendiam pela incapacidade de obtenção de novos espécimes e de fundos, algo que em parte se deveria à disputa entre o governo e a oposição ultraliberal dos estudantes⁶⁸⁷. Também o Conselho da Faculdade de Filosofia visitava regularmente o museu com o objetivo de analisar o seu estado. Em 1841, de acordo com o relatório do Conselho da Faculdade, o museu encontrava-se no "*maior aceio, boa ordem e excelente arranjo, tanto economico como scientifico*"⁶⁸⁸, situação semelhante aquela encontrada logo no ano seguinte⁶⁸⁹, ano em que seriam autorizadas verbas para a elaboração do catálogo e inventário do museu⁶⁹⁰. Em 1844 toma-se a decisão de substituir a classificação zoológica, baseada ainda no sistema de Lineu pela classificação

685 Academia das Ciências de Lisboa (1923: p. 46-47).

686 Academia das Ciências de Lisboa (1923: p. 46).

687 Kingston (1845) *cit. in* Brigola (2010: p. 153).

688 Carvalho (1872: p. 93).

689 Carvalho (1872: p. 94).

690 Carvalho (1872: p. 95).

moderna de Cuvier⁶⁹¹, algo que só se irá realizar em 1847⁶⁹². A escolha do sistema de Cuvier representava, como já vimos, uma prática comum entre os estabelecimentos de Coimbra e de Lisboa, revelando a importância e impacto da obra do grande zoólogo francês pela Europa e em Portugal. Como resultado desta nova classificação será redigido por José Maria de Abreu (1818-1871), à altura substituto de Mineralogia e fiscal da faculdade, e por Henrique do Couto de Almeida Vale (?-?), o "*Catalogo da Collecção Zoologica do Museu da Universidade de Coimbra, coordenada e classificada segundo o Reino Animal de C. Cuvier, pelos Doutores H. do Couto d'Almeida, e J. M. d'Abreu. Lentes da Faculdade de Filosofia. Julho de 1849.*"⁶⁹³ (Figura 21), bem como a própria alteração da classificação no museu⁶⁹⁴. Documento ímpar e inédito, o catálogo deixa-nos uma ideia bastante clara do que era a coleção zoológica do Museu nesta época, permitindo-nos tirar várias ilações. Numa introdução geral os autores explicam as circunstâncias em que elaboram o dito catálogo. Embora não sendo especialistas, Couto de Almeida e Abreu procederiam à atualização da classificação de acordo com as instruções do conselho da faculdade, desprovidos em parte da bibliografia necessária para tal⁶⁹⁵.

691 Carvalho (1872: p. 98).

692 Carvalho (1872: p. 116).

693 Manuscrito original ainda hoje presente na Biblioteca de Zoologia (sala antiga) da Universidade de Coimbra.

694 Carvalho (1872: p. 118).

695 " *O lisongeiro acolhimento com que a Vossa benevolencia se dignou de aceitar com approvação e louvor os nossos trabalhos na nova classificação da Collecção Mineralogica deste Museu em Conselho da Faculdade de 22 de Julho do anno proximo passado, nao podia deixar de excitar os nossos mais sinceros e ardentes desejos de correspondermos quanto em nós fosse, á Vossa honrosa confiança, progredindo naquelles trabalhos praticos, cuja urgente necessidade era de há muito reconhecida. Por isso em Congregação de 8 de Novembro ultimo, accedendo ao convite do respectivo Lente Director voluntariamente nos offerecemos para começar o arranramento scientifico do Gabinete Zoológico, segundo o Methodo do sabio Barão de Cuvier, já mandado adoptar pelo Conselho da Faculdade desde 1844. A nossa inexperiência desajudada até d'aquelles indispensaveis subsidios de livros e estampas, que não encontramos na propria Bibliotheca da Universidade, apezar da ampla authorisação, que nos concedera o Illustre Prelado, para requisitar-mos todas as Obras ali existentes, que fossem precisas para o desempenho da nossa Commissão mal permittião que ousassemos commeter empreza tão superior aos nossos mingoados recursos; e por isso mui franca e explicitamente declarámos - que só nos encarregaríamos deste serviço, quando outros mais experimentados observadores se não prestassem a elle. Foi nesta circumstancias que que encetamos no principio do actual anno lectivo a reforma da Classificação Zoologica do Museu e de que vimos hoje submetter a Vossa approvação os*

Para além da inexperiência e falta de bibliografia, os dois autores enfrentariam outros problemas, nomeadamente na identificação dos próprios espécimes, visto estes não apresentarem qualquer tipo de referência à sua origem geográfica, ao estado de deterioração e forma de conservação, o que impedia a correta identificação das espécies, sendo as classes das aves e dos peixes as que suscitavam maior dificuldade⁶⁹⁶. Com falta de bibliografia especializada, o recurso terá sido o "*Diccionario Das Sciencias Naturaes*", o "*Diccionario Classico*", o "*Diccionario Universal de Historia Natural*", o "*Diccionario de Historia Natural*" de Deleville, a "*Historia Natural des Singes et des Makis*" de Saint-Hilaire, a "*Encyclopedia Methodica*", a "*Zoologia Analytica*" de Duméril, os "*Annaes das*

nosso primeiros trabalhos, comprehendendo já o quadro completo de todas as especies da respectiva Collecção relativas ás quatro Classes da primeira grande Divisão do Reino Animal." in "*Catalogo da Collecção Zoologica do Museu da Universidade de Coimbra, coordenada e classificada segundo o Reino Animal de C. Cuvier, pelos Doutores H. do Couto d'Almeida, e J. M. d'Abreu. Lentes da Faculdade de Filosofia. Julho de 1849*" (Biblioteca de Zoologia da Universidade de Coimbra - Sala Antiga).

696 "*Uma parte desta Collecção achava-se ainda classificada pelo systema de Linneo. Muitas especies, particularmente das Aves, ainda não tinham sido revistas. O habitat de todas as Especies novas, sendo sempre uma circumstancia tão importante, que até serve hoje para muitas das Divisões das Tribos, era inteiramente ignorado. O estado de deterioração de alguns exemplares, preparados fora do Museu com grande imperfeição, tornava muitas vezes difficillimo, senão impossivel a determinação rigorosa de varias Especies, cujos delicados caracteres se havião em parte desaparecido, ou não podião observar-se convenientemente. A Classificação dos Mammaes, fundada principalmente nos orgaos de masticação, mal podia verificar-se nos individuos, onde elles já não existião; ou em que era mister inutilisar os Exemplares para chegar ao conhecimento d'aquelles caracteres. As cores nas Aves, ainda que variaveis com os climas, as estações, e até com os sexos, precisão em parte supprir a falta de outras caracteristicas, se o estudo da sua alteração nos não confirmasse no sentencioso dito do immortal Linneo - "nimium ne crede colori." Nos Reptiz a exacta Classificação das especies da Ordem dos Ophidios, segundo a forma e [?] das escamas era impraticavel, na maior parte dos exemplares, sem os extrahir do Alcoool, em que se achavam confundidos nùm estado de quazi completa dissolução. Por outro lado a transição d'antiga para a nova classificação nas Especies já reduzidas exigia um novo e minucioso exame dos seus principaes caracteres, porque uma parte dos Generos (e o Systema de Linneo, achando-se elevados a cattergoria de Familias; formando muitas especies e seos Generos, pertencendo até a Ordem mui diversas, era impossivel só pela synonymia corrigil-as segundo o Methodo de Cuvier. Nas Aves e principalmente nos Peixes esta difficuldade subia de ponto. Vos sabeis, Senhores, que a Paleontologia mudou, como diz Muller, as bases da Ichthyologia; e que esta Classe, segundo o testemunho do proprio Cuvier é a que apresenta maiores difficuldades nas suas subdivisões. Ambas ellas offereciam portanto uma quazi completa discordancia entre os dois systemas de classificação, e grande confuzão na designação das Especies pertencentes hoje a Generos mui diversos.*" in "*Catalogo da Collecção Zoologica do Museu da Universidade de Coimbra, coordenada e classificada segundo o Reino Animal de C. Cuvier, pelos Doutores H. do Couto d'Almeida, e J. M. d'Abreu. Lentes da Faculdade de Filosofia. Julho de 1849*" (Biblioteca de Zoologia da Universidade de Coimbra - Sala Antiga).

Sciencias Naturaes", e a "Iconographia" de Cuvier por Guerin, nunca consultando, no entanto por inexistência, a própria obra de Cuvier⁶⁹⁷.

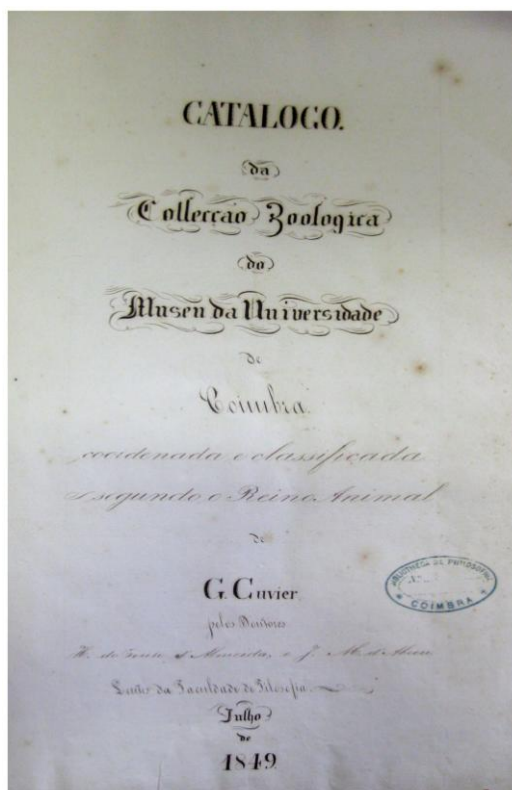


Figura 21 - Frontispício do "Catalogo da Collecção Zoologica do Museu da Universidade de Coimbra, coordenada e classificada segundo o Reino Animal de C. Cuvier, pelos Doutores H. do Couto d'Almeida, e J. M. d'Abreu. Lentes da Faculdade de Filosofia. Julho de 1849". Fonte : BZUC

697 "É o Reino Animal de M. Cuvier, que fora designado pelo Conselho da Faculdade para fazendo novo arrançamento scientifico da Collecção Zoologica deste Museu, bem longe de corresponder aquella incomparavel precisão, clareza e exactidão de que o *Systema Naturae* será sempre o mais aprimorado modelo; era difficiente e incompleto em muitos ponto, omisso na discripção das antigas *Especies de Linneo*, e falso até n'outras, [?] descriptas pelo Zoologistas modernos. Assim foi nos mister decorrer a cada passo ás *Obras classicas de Historia Natural* já para estudar as novas especies, já para assignar ás antigas o logar que no estado actual da Zoologia lhe compete hoje. Recorremos particularmente ao excellente *Diccionario das Sciencias Naturaes*, o unico livro moderno onde encontramos uma discripção mais completa das *Especies dos Vertebrados*. Para as principaes divisões, e para as mais recentes descobertas scientificas tomamos como guia o *Diccionario Classico*, e o *Universal de Historia Natural*, cujos ultimos volumes forão publicados já no decurso do corrente anno. Consultamos tambem o *Diccionario de Historia Natural de Deleville* - a *Historia Natural des Singes et de Makis por Audebert* - A *Encyclopedoa methodica (parte Zoologica)* - a *Zoologia analytica de Dumeril* - os *Annaes das Sciencias Natturaes*, e a *Iconographia de Cuvier por Guerin*. Sentimos contudo não podermos obter o *Nomenclator Zoologicus de Agassiz*, e a nova edição do Reino animal de Cuvier notavel sobretudo pelo primor e exactidão das seus riquissimos Atlas, e outras *Obras de subido preço*, indispenaveis para o cabal desempenho destes trabalhos scientificos." in "Catalogo da Collecção Zoologica do Museu da Universidade de Coimbra, coordenada e classificada segundo o Reino Animal de C. Cuvier, pelos Doutores H. do Couto d'Almeida, e J. M. d'Abreu. Lentes da Faculdade de Filosofia. Julho de 1849" (Biblioteca de Zoologia da Universidade de Coimbra - Sala Antiga).

Para além da classificação científica, todos os exemplares terão sido também classificados com a nomenclatura portuguesa de Brotero, e respetivas sinónimas patentes em autores consagrados⁶⁹⁸. Após a elaboração do catálogo era claro que coleção da universidade não era rica nem avultada, e que embora de momento se encontrasse já toda classificada e organizada, sofria ainda de consideráveis limitações⁶⁹⁹. Em termos de números os catálogos elencam um total cerca de trezentos e catorze espécies de vertebrados e quinhentos e noventa e nove exemplares, repartidos por:

- 114 espécimes de mamíferos, pertencentes a 59 espécies;
- 322 espécimes de aves, pertencentes a 167 espécies;
- 42 espécimes de anfíbios e répteis, pertencentes a 17 espécies;
- 120 espécimes de peixes, pertencentes a 71 espécies.

698 "Nos exemplares d'antiga collecção Zoologica que se achavão classificados apenas encontramos as etiquetas das Classes, e as dos generos e especies linneanas com a synonymia portugeza. Nós seguimos o inverso, quanto á nomenclatura adoptando a portugeza sempre que a encontramos authorisada na tradução do Quadro elementar de Cuvier, ou nas notas do Snr. Dor Brotero á traducção de Blanchard, ou finalmente nos nossos Dictionarios, uzando da de Cuvier, ou da Linneana, quando a não tinhamos propria, conservamos porem esta ultima como synonymia, não só pela sua universalidade, senão tambem como testemunho de respeito pela memoria de tão celebrizado Naturalista. Designamos as ordens, familias e tribos em etiquetas separadas; e os generos e subgeneros e cada uma das especies. Pela mesma ordem descrevemos no Catalogo, que hoje vos apresentamos tambem." in "Catalogo da Collecção Zoologica do Museu da Universidade de Coimbra, coordenada e classificada segundo o Reino Animal de C. Cuvier, pelos Doutores H. do Couto d'Almeida, e J. M. d'Abreu. Lentes da Faculdade de Filosofia. Julho de 1849" (Biblioteca de Zoologia da Universidade de Coimbra - Sala Antiga).

699 "A primeira grande divisão do Reino Animal comprehendendo 146 generos e 121 especies, das quas forão redusidas de novo 80, comprehendendo 134 exemplares, acha-se portanto prompta e coordenada pelo methodo de M. Cuvier. Assim o Museu da Universidade, senão pode abonar de possuir um rico e avultado numero de productos naturaes, cuja aquisição depende de circunstancias, que lhe são inteiramente estranhas, classificado e informado em suas collecções ao par dos mais recentes progressos das Sciencias naturaes entre as Nações cultas da Europa, será testemunho irrepagavel do esclarecido zelo com que o Conselho da Faculdade se empenha em promover o aperfeiçoamento dos Estudos Filosoficos e o engrandecimento d'aquelles Estabelecimentos, que lhe estão confiados no que depende dos communs e individuaes esforços dos seus Membros. Concorrendo pela nossa parte para o cumprimento de tão rigorosso dever, quanto o permite a escassez das nossas forças, e a dificuldade de tão laboriosa tarefa, se nos não é dado lisongear-nos de havela cabalmente dezempenhado, poderemos ao menos dizer com um dos nossos mais polidos Escriutores: "Sejão á boa tenção obras iguaes: Esta boa tenção e obra à patria sirva: Demos a quem nos deo, e devemos mais.". "Est nobis voluisse satis". Museu da Universidade, 25 de Julho de 1849. Doutor Henrique de Couto de Almeida." in "Catalogo da Collecção Zoologica do Museu da Universidade de Coimbra, coordenada e classificada segundo o Reino Animal de C. Cuvier, pelos Doutores H. do Couto d'Almeida, e J. M. d'Abreu. Lentes da Faculdade de Filosofia. Julho de 1849" (Biblioteca de Zoologia da Universidade de Coimbra - Sala Antiga).

Comparando estes valores com aqueles que conhecemos do Museu de Lisboa em 1836, onde existiam aproximadamente dois mil e sessenta e dois exemplares das primeiras quatro ordens lineanas, e somando a esse número todas as remessas efetuadas para o estabelecimento lisboeta durante a década de quarenta, no mesmo ano de 1849 os mamíferos atingiriam os duzentos espécimenes e as aves os dois mil⁷⁰⁰, rapidamente compreendemos que estamos perante um coleção bastante mais modesta, facto este decorrente de desde a sua criação ter como objetivo ser utilizada maioritariamente para o apoio ao ensino.

No que ao ensino universitário diz respeito as coleções de história natural da Universidade, serviam de complemento "experimental" ao estudo o "*Systema Naturae*" de Lineu, estudo esse que se fazia auxiliado pelo "*Dicionario*" de Vandelli, e pela obra "*Introductiones Zoologiae*" de Francisco António Ribeiro de Paiva, que no fundo representava a essência de um ensino claramente focado na sistemática e algumas noções de anatomia e fisiologia. Em 1840 seria publicado o livro "*Elementos da História Natural dos Animaes, seguidos de um vocabulário franco-lusitano segundo a nomenclatura do Doutor Brotero*"⁷⁰¹, de autor desconhecido, impresso na Imprensa da Universidade, de forma a complementar e atualizar todo o ensino praticado então em Coimbra⁷⁰². Esta obra, de inspiração clara nos

700 "As Aves que vierão da Ajuda não chegavão a quatro centas, grande parte das quaes estava em tal estado, que se inutilisárão, hoje são perto de duas mil. Os Mamaes erao poucos mais de oitenta, hoje são mais de duzentos. A collecção d'Insectos triplicou. Os Peixes, reptis, e animaes invertebrados tiverão consideravel augmento, em consequencia de donativos e compras. E as collecções mineralogicas, e conchiologicas tambem se augmentar muito por effeitos de donativos recebidos. [...]" in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 15).

701 Anónimo (1840).

702 "Introducção [...]Em quanto a Historia Natural corria florescente em grande parte da Europa, Portugal desconhecia os progressos, e até mesmo ignorava os elementos desta Sciencia. A organização da Universidade de Coimbra em 1772 pelo grande Pombal veio accender uma luz nova com a criação da Faculdade de Philosophia. Domingos Vandelli, naturalista distincto, natural de Padua, foi o primeiro que ensinou a Historia Natural em Portugal, e dirigio os estabelecimentos desta Sciencia em Coimbra e Lisboa. Para a intelligencia das obras de Linneo publicou em 1788 um Diccionario dos termos technicos de Historia Natural, que, como o opusculo Introductio Zoologiae do Doutor F. A. Paiva, tem servido de guia aos alimnos desta sciencia, em quanto o Systema Naturae tem persistido a servir de texto às lições. Se os livros por onde, ha muito tempo, se tem ensinado na Universidade de Coimbra não estão a par dos progressos da Sciencia, devemos confessar que o profundo saber de

trabalhos de Cuvier, representaria uma importante inovação no ensino coimbrão, inovações estas que se continuariam a suceder nos anos seguintes, onde sob os auspícios de Fortunato Rafael Pereira de Sena (1793-1887), diretor da cadeira de Zoologia e respetivo museu, se refletiria na adoção de outras obras mais recentes tais como os manuais redigidos pelo zoólogo francês Henri Milne-Edwards (1800-1885), cujas novas edições se foram adotando ao longo dos anos⁷⁰³.

Contrastando com o percurso mais ou menos constante do ensino em Coimbra, o ensino da história natural e da zoologia em Lisboa seguiria um caminho consideravelmente mais tortuoso. A isto não são estranhas as transferências constantes das coleções e os problemas que afetavam o museu. Embora funcionasse na Academia já desde 1792 uma aula de Teologia Natural, abrangendo os três diferentes ramos da natureza, instaurada por Frei José do Mayne e tendo como base as suas coleções⁷⁰⁴, só em 1834, após a passagem das instalações da Academia para o Convento de Jesus, é que a dita Aula seria reformulada de modo a que se adequasse à nova realidade científica e pedagógica do país. Em Dezembro de 1835 a Academia decidirá a alteração da aula, encurtando o seu horizonte disciplinar para se especializar na *“Zoologia, precedida ou acompanhada de noções de anathomia comparada”*, nomeadamente por entender a Academia que *“no estado de progresso a que tem chegado as Sciencias Naturaes era impraticável que*

alguns Professores, explicando aos discipulos as theorias modernas e o estado da Sciencia, tem feito desaparecer em parte este inconveniente. Tambem a generosidade de muitos Sabios Portuguezes amigos da Patria tem feito para illustrar os seus compatriotas no estudo da Zoologia. O illustre Brotero forneceo a A. Almeida a nomenclatura Portugueza da traducção da Historia Natural dos Animaes de Cuvier, e do mesmo modo prestou sabias correccões e todo a nomenclatura á traducção de Blanchard, publicado em Lisboa em 6 volumes. Um professor de Zoologia que ultimamente mais se illustrára foi M. J. Barjona, e se algumas das suas obras já publicadas pela imprensa attestão um profundo saber, é de esperar que alguns dos seus manuscriptos veção a luz publica. Em quanto aguardam um Compendio de producção Nacional, que possa dirigir os alumnos no estudo da Zoologia sem inveja a estrangeiros, publicam estas Primeiras linhas, para que sirvão de excitamento a outras pennas e engenhos.” in Anónimo (1840: p. 5-6).

703 *“Adoptaram-se os seguintes compêndios: para a aula de zoologia, Cours élémentaire de zoologie de Milne Edwards, [...]”* in Carvalho (1873: p. 97).; *“Em Conselho de 8 de fevereiro foram approvados para compendio da aula do primeiro anno os Éléments de Chimie de Orfila, septima edição de Paris; para a aula de zoologia a segunda edição de Paris dos Éléments de zoologie de Milne Edwards, [...]”* in Carvalho (1873: p. 98).; *“Em 28 de abril foram adoptados, para compendio da cadeira de zoologia a sexa edição do Cours élémentaire de Milne-Edwards, e para a de Botânica o Cours élémentaire de Adrien de Jussieu.”* in Carvalho (1873: p. 138).

704 Vide Parte I, Capítulo 4

um homem só ensinasse, com aproveitamento do público, a Historia dos três Reinos da Natureza; e por outra parte, que o estudo do Reino animal era o mais próprio para preencher as intenções do Pe. M. Fr. José Mayne, demonstrando por meio delle a existência de Deos, a sua Providência, Omnisciencia e demais Atributos."⁷⁰⁵. Foi através desta Aula que Assis de Carvalho retomou os trabalhos de história natural, e conseqüentemente, vindo a ser nomeado para responsável pela Comissão de transferência das coleções da Ajuda. Respondendo ao anúncio publicado pela Academia no *Diário de Governo* a 4 de Dezembro de 1835, Assis de Carvalho toma posse como lente da "Aula de Zoologia" a 30 de Janeiro do seguinte ano⁷⁰⁶, embora a aula só se iniciasse em Outubro e com poucos alunos. Embora com começo atribulado, a Aula encher-se-ia de alunos no ano seguinte, com um total de oitenta e quatro matriculados⁷⁰⁷, o número mais elevado durante todo o tempo do seu funcionamento. Seria também nesse segundo ano que se publicariam as regras dos exames da aula e se estabeleceria o seu regulamento geral⁷⁰⁸, bem como se compraria o material de dissecação para as aulas práticas⁷⁰⁹. Com o intuito de premiar os estudantes mais aplicados seria criada bolsa de mérito⁷¹⁰. As avaliações consistiriam na redação de duas dissertações, sendo uma de tema livre, e outra de tema obrigatório e proposto pelo lente, sendo exemplos disso temas bastante caros à anatomia comparada, tal como é exemplo o "*Da importância que tem os caracteres tirados do aparelho da Dentição no Estudo da Mammalogia*", tema do objeto de Dissertação de prémio dada no ano letivo de 1838/39⁷¹¹, ou o "*Das diferenças de organização entre Mameas e Aves*". É de notar no entanto que no

705 BACL - Livro de Secretaria 28B (p. 34v); BACL - Livro de Secretaria 1B (p. 256).

706 BACL - Livro de Secretaria 4B (p. 40).

707 AHMB Div. 23 (p. 29v).

708 AHMB Div. 23 (p. 26v-27; 25-25v).

709 AHMB Div. 23 (p. 24v).

710 AHMB Div. 23 (p. 31v-32).

711 AHMB Div. 23 (p. 32).

"Regulamento para os exames dos Alumnos de Zoologia e Noções de Anatomia comparada", aprovado em 24 de Abril de 1839, não existe qualquer referência a uma parte prática de avaliação, resumindo-se toda a prática àquela realizada aquando das aulas⁷¹². Apesar da acentuada adesão inicial, logo a partir dos primeiros anos a aula começaria a registar uma constante diminuição do número de inscritos, culminando na não inscrição de nenhum aluno no final da década de 1840⁷¹³, levando ao encerramento da aula no ano letivo de 1848/49. Para isto terá contribuído a quezília institucional e competição com a Escola Politécnica de Lisboa relativamente à lecionação da cadeira. Nesta altura já existiria na Escola Politécnica a 8ª Cadeira, dedicada também ela à Zoologia e Anatomia e Fisiologias comparadas, razão pela qual Sá da Bandeira apresenta, a 28 de Janeiro de 1845, um projeto de união da Aula de Zoologia à 8ª Cadeira, proposta esta que viria a ser chumbada pela Comissão de Instrução Pública e de Negócios Eclesiásticos, argumentando que a Aula dever-se-ia manter no local onde se encontravam as coleções⁷¹⁴. No entanto, não gozaria a Academia muito mais tempo da benesse dada por esta Comissão. Segundo Carvalho (1989), a Aula de Zoologia era sobretudo frequentada por alunos que desejavam seguir estudos em Medicina, utilizando a aula da Academia como espécie de preparação, o que terá levado a Academia a encerrar a Aula quando em 1848, por ordem da Rainha, essa preparação passou a ser obrigatoriamente realizada na Escola Politécnica⁷¹⁵.

A história da Escola Politécnica de Lisboa é ela própria contemporânea da Aula de Zoologia da Academia. Criada a 11 de Janeiro de 1837, no edifício do extinto Colégio dos Nobres, então ocupado pela Academia Real de Marinha, e ficando desde logo sob a alçada do Ministério da Guerra, a escola tinha como fim principal o de "*habilitar alumnos com os conhecimentos necessários para seguirem os diferentes cursos das Escolas de Educação do Exercito, e da Marinha; oferecendo*

712 AHMB Div. 23 (p. 32-33).

713 Carvalho (1989: p. 91).

714 Diário do Governo, nº 25, de 29 de Janeiro de 1845, e nº 85 de 12 de Abril de 1845

715 Livro de Secretaria 2B (p. 8v-9).

ao mesmo tempo os meios de propagar a instrução geral superior, e de adquirir a subsidiária para outras profissões científicas.”⁷¹⁶. Esta escola, que seguia de perto o modelo da *École Polytechnique* de Paris, dedicava uma das suas 10 cadeiras, a 8ª, à “Anatomia, e Physiologia comparadas, e Zoologia”, e previa a criação de um “Gabinete de Historia Natural”. Não tendo a Escola Politécnica na altura qualquer coleção disponível para a criação do dito Gabinete, a 8 de Novembro de 1838, através de um requerimento ao Governo, pedia a posse do Museu de Lisboa para as suas instalações, bem como do próprio Jardim Botânico da Ajuda, então destinado às Aulas Botânicas entregues a Santos do Vale e que nunca funcionariam na realidade⁷¹⁷. A Academia reagiu com celeridade a este pedido, negando a vontade da Escola Politécnica⁷¹⁸, sendo apenas o Jardim Botânico entregue à requisitante⁷¹⁹.

Em 1845 Filipe José Rodrigues, lente da cadeira de "*Introdução á Historia Natural*" aí lecionada, publica uma obra de apoio às aulas, intitulada "*Lições elementares de História Natural accommodadas ao curso de introdução da Eschola Polytechnica de Lisboa*"⁷²⁰. Na primeira parte, dedicada à zoologia, Filipe José Rodrigues apresenta uma estrutura dividida por 12 “lições”: sendo a primeira dedicada à explanação dos conceitos gerais ligados à História Natural (Lição 1), e os 9 seguintes dedicados principalmente à descrição geral dos processos fisiológicos dos animais, iniciando-se com a distinção entre seres orgânicos e seres inorgânicos (Lição 2), as diferenças gerais entre os seres animais e os seres vegetais (Lição 3), passando de imediato para a apresentação das características gerais do corpo animal (Lição 4), o aparelho digestivo (Lição 5), o aparelho respiratório (Lição 6), o aparelho circulatório, excretor e sistema nervoso (Lição

716 Diário de Governo, 11 de Janeiro de 1937.

717 BACL - Livro de Secretaria 4B (p 80-84).

718 BACL - Livro de Secretaria 1B (p 141-146v).

719 BACL - Livro de Secretaria 1B (p 159v-160v).

720 Rodrigues (1845).

7), visão e o paladar (Lição 8), à continuação do restante sistema sensorial e locomotor (Lição 9), a descrição do sistema esquelético e do sistema reprodutor (Lição 10). Só nos últimos dois capítulos o autor dedicaria algumas palavras relativas à classificação zoológica, dando noções gerais das diversas famílias e ordens de mamíferos (Lição 11) e de aves (Lição 12). Este desequilíbrio entre matérias, onde a classificação se assume como a parte menos explorada de todo o programa e claramente incompleta (focando apenas mamíferos e aves), contrasta com o ensino de Coimbra que, como veremos adiante, se dedicará de forma muito mais exaustiva à apresentação da diversidade animal. Esta situação é passível de ser compreendida pelas diferenças existentes entre as coleções da Escola Politécnica de então com aquelas presentes no Museu de Coimbra. Enquanto na escola lisboeta, o gabinete de História Natural era pobre, se não mesmo quase que inexistente, o Museu de Coimbra possuía um considerável acervo zoológico que permitiria a demonstração prática dos assuntos, ou mais especificamente dos animais, apresentados nas aulas.

Quanto à Academia, detentora do enorme acervo museológico do Museu de Lisboa, não ficaria privada de atividade pedagógica no domínio da História Natural. Pese a perda da legitimidade da Aula de Zoologia no contexto do ensino oficial no país, logo em 1849 abriria uma nova cadeira, desta vez intitulada de “*Curso Elementar de Introdução à História Natural*”. Sentindo a necessidade moral de fazer justiça ao testamento deixado por Mayne, mas também às coleções originárias da Ajuda e das dezenas de remessas recebidas, apresentou-se na sessão académica de 24 de Janeiro de 1849 a necessidade de criação de uma primeira versão do programa da pretendida cadeira⁷²¹, e que seria elaborada cerca de seis meses mais tarde em 18 de Julho. Este programa consistia numa divisão geral dos temas a serem abordados no curso, sendo a 1ª parte dedicada às “*Noções elementares de Physica e Chymica*”, a 2ª à “*Geographia Physica, e de Geologia*”, a 3ª à “*Mineralogia*”, a 4ª à “*Zoologia*” e a 5ª à “*Botanica*”, sendo um número de aulas para

721 Livro de Secretaria 29B (p. 226v-227).

a 1ª, 4ª e 5ª parte de 25, de 10 para a 2ª e de 15 para a 3ª⁷²². Na zoologia, segundo o programa, deviam dar-se “*resumidas noções d’Anatomia comparada, para depois passar ao exame dos cinco typos geraes em que se oferecem os animaes que são os Vertebrados, Articulados, Molluscos, Radiários, ou Zoophytos, Heteromorphos, ou Spongiarios, pelas quaes são distribuídos todos os animaes conhecidos, segundo os diversos systemas adoptados pelos Zoologistas; e em particular por Cuvier, cuja classificação merece hoje a geral preferênciã; devendo notar-se as alterações, ou modificações que tem sofrido, e de que he susceptível.*”. Para a direção do curso seria convidado Francisco de Assis de Carvalho, que tinha dirigido a Aula de Zoologia, bem como o Museu, desde o seu início, convite esse que viria a ser declinado⁷²³. Assim viu-se a Academia obrigada a abrir um concurso público para a contratação de um lente e de um substituto para a nova cadeira. A este concurso concorreriam vários indivíduos, entre os quais um jovem que viria a tornar-se mais tarde figura decisiva para o destino das coleções e a própria zoologia Portuguesa, José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907). Neste concurso, no entanto, Bocage não teria qualquer voto, sendo atribuídos os cargos de lente e substituto respetivamente a Francisco António Pereira da Costa e José António Dias Pegado⁷²⁴. Sob a direção de Pereira da Costa, ilustre geólogo e também ele professor na Escola Politécnica, as aulas do novo curso iniciam-se logo nesse mesmo ano, embora com um número reduzido de alunos, apenas 12, situação essa que se repetiria nos anos letivos

722 Livro de Secretaria 18B (p. 91v-93).

723 Livro de Secretaria 18B (p. 93).

724 " *Apresentou o Secretario os Requerimentos de todos os que pretendião ser providos na Cadeira do curso elementar de Introducção à História Natural, que se vai abrir na Academia, sendo os pretendentes os seguintes: Os snrs. Dº Luiz Maria das Neves e Mello, José Vicente Barbosa du Bocage, António Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu, Guilherme José António Dias Pegado, Manuel António Ferreira Tavares, João de Andrade Corvo, José Lourenço de Carvalho, José Tedeschi, Miguel Macedo e Brito de Ó. E tendo de votar-se por escrutinio secreto, sobre os que devião ser providos, tanto na propriedade, como na substituição da Cadeira, assentou-se que o mais votado fosse proprietario, e o immediato em votos substituto. Passando-se á votação tiverão o snr. Francisco António Pereira da Costa 13 votos, o snr. Guilherme José António Dias Pegado 11, o snr. Doutor Luiz Maria das Neves e Mello 3, e o snr. José Vicente Barbosa du Bocage 1 voto, consequentemente ficou nomeado lente o snr. Francisco António Pereira da Costa, e o substituto o snr. Guilherme José António Dias Pegado. Determinou-se que se lhes fizessem as competentes participações, convidando-os a comparecer na Academia, para se combinar com elles como e quando se havia de abrir o Curso" in Actas das Sessões 1849 nº V Comunicações*

seguintes, com 20 alunos inscritos no ano letivo de 1850-51, e apenas 5 no de 1851-52, o que desde logo punha em causa, no seio da Academia, a continuidade do curso⁷²⁵. Tal como acontecera com Assis de Carvalho, Pereira da Costa tomaria, ainda que de forma não oficializada, a direção do museu. Não era no entanto a falta de alunos a única causa de problemas do curso. A falta de uma coleção dedicada ao ensino e de materiais didáticos apropriados apresentava-se como uma situação grave, chegando mesmo a referir Pereira da Costa que: “*Deste curso não se tira o proveito, q aliás podia prestar, já por q, em consequência d’uma colecção apropriada ás necessidades deste curso não oferecer o interesse, q deveria d’outro modo inspirar, já porq. a sua frequência não he exigida, nem recomendada para algum fim.*”⁷²⁶. Embora as coleções do Museu de Lisboa fossem de facto bastante ricas e diversificadas, a inexistência de uma coleção dedicada apenas ao ensino do curso, que como vimos já não se limitava à Zoologia, apresentava-se como um sério contratempo ao ensino, visto que, ou os alunos se deslocavam ao museu para ver os espécimes referidos na aula, ou teriam que ser levados para a aula, denotando esta situação a ambiguidade e a forma anárquica como as coleções do Museu eram entendidas⁷²⁷.

É novamente em 1852 que Barbosa du Bocage voltará a cruzar-se com o destino do Museu de Lisboa e com o curso. Pela demissão do lente substituto, Dias Pegado, a Academia vê-se forçada a abrir novamente um concurso para a contratação de um novo substituto. Novamente Barbosa du Bocage surge como candidato ao cargo⁷²⁸, mas, repetindo-se o seu infortúnio de três anos antes, não é

725 Carvalho (1989: p. 99-101).

726 Carvalho (1989: p. 101).

727 É bem provável que parte dos exemplares zoológicos ainda hoje existentes na Academia, e cuja origem se supõe às antigas coleções da Ajuda, sejam de facto produtos desta “apropriação” por parte do curso de espécimes do Museu, e que, na sequência da passagem do Museu para a Politécnica em 1858, tenham assim ficado na Academia.

728 “*Sessão de 9 de Junho [...] Estiveram presente os Snr. Cons. Macedo Gil, Cunha, Figueiredo (Albino), Figueiredo (Antonio), Beirão, Pimentel (Julio), Coutinho, Gomes, Viale. [...] Leram-se os extractos dos Requerimentos e Documentos apresentados pelos candidatos á substituição da Cadeira de Elementos de Historia Natural da Instituição Maynense; que são os Snr. Andrade Corvo, Barbosa do Bocage, e A. J.*”

escolhido, não sendo aliás contratado nenhum dos candidatos. Na mesma altura a Escola Politécnica pediria à Academia que as suas aulas da 7^a (Mineralogia e Geologia) e 8^a (Zoologia) cadeiras pudessem ser ministradas nos espaços da Academia, por não haver espaço no edifício da mesma escola em virtude das obras que haviam resultado do incêndio que quase destruíra por completo o edifício em 1842. Era tal a semelhança pedagógica que o curso de “*Introdução à História Natural*” da Escola Politécnica serviria como pré-requisito para o acesso aos cursos da mesma escola. De modo a evitar esta duplicação de ofertas, ao mesmo tempo que reforçava a importância do curso por ele ministrado no Instituto Maynense, Pereira da Costa propõe à Academia que se expusesse ao governo a proposta de extinção do curso da Politécnica e a incorporação dos seus estudantes no da Academia⁷²⁹, proposta esta que viria a tomar força de lei quando em 1854 o Ministério do Reino decreta a favor da mesma⁷³⁰. Após esta decisão, o curso, que até então era grátis, passaria a ter matrículas pagas, tendo Pereira da Costa aproveitado as verbas originárias dos emolumentos pagos pelos alunos para a realização de obras na sala dedicada ao curso e, principalmente, para a aquisição do material que havia vários anos vinha a pedir. É neste contexto que surge em 1856 a compra de vários modelos de anatomia clástica em *papier-mâché* à casa Auzoux⁷³¹. Com esta alteração viria também o curso a aumentar consideravelmente o número de alunos, visto que a partir de então não era apenas um curso livre mas sim um pré-requisito para o prosseguimento dos estudos nas várias instituições nacionais de ensino superior. As aulas do “*Curso Elementar de*

de Figueiredo. Decidiu-se que os Requerimentos ficassem sobre a Mesa, para os Socios os podessem examinar; e que este negocio se resolvesse para a proxima sessão. Leu-se hum Officio do Conselho da Eschola Polytechnica, participando haver nomeado huma Commissão de dois membros, os Snr. Costa e Corvo, para conjunctamente com a Commissão da Academia tractarem de levar a effeito o que se assentou relativamente á hospedagem concedida no Edificio da Academia á 8^a e 9^a Cadeira da mesma Eschola. [...]” in Livro de Secretaria 31B (p. 24v).

729 Carvalho (1989: p. 104).

730 Diário de Governo, nº 195, de 21 de Agosto de 1854.

731 BACL -Livro de Secretaria 18B (p. 173v). Boa parte destes modelos ainda hoje existem nas coleções do Museu Maynense na Academia, bem como podemos encontrar vários exemplares adquiridos ao mesmo estabelecimento em várias outras instituições museológicas como no Museu de História Natural da Universidade do Porto, no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência e no Colégio Militar em Lisboa.

Introdução à História Natural” do Instituto Maynense manter-se-iam em funcionamento até 1919, data em que o próprio Instituto é encerrado, fechando um ciclo de mais de 82 anos dedicados ao ensino na Academia.

É também neste período que se dá a gênese de uma importante instituição de ensino e no final do século viria a dar importantes contributos para a zoologia portuguesa. Falamos pois da Academia Politécnica do Porto, formalmente criada em Dezembro de 1837 substituindo a extinta Academia Real de Marinha e Comércio da capital nortenha. Comparativamente aos casos da Academia das Ciências em Lisboa e da Universidade de Coimbra, a gênese e desenvolvimento da Academia portuense tem sido geralmente esquecida nos meios académicos nacionais, não sendo por isso de estranhar a quase total ausência de referências ao início dos estudos zoológicos durante a primeira metade do século XIX. No primeiro dos programas pedagógicos da jovem academia, publicado em 1838⁷³², apresentava-se desde logo a existência de uma cadeira dedicada ao estudo da zoologia, mineralogia, geognosia, lavra de minas e metalurgia⁷³³. A 7^a cadeira, como então era conhecida, estendia-se por 2 anos, e no que à zoologia diz respeito, o primeiro ano seria dedicado ao estudo das "*Noções preliminares sobre Anatomia, e Physiologia comparada*", à "*classificação dos animaes por familias naturaes.*" e à "*Descripção dos mais interessantes ás artes; seus usos*", sendo o mesmo programa repetido no segundo ano, tudo isto seguindo o quadro elementar de Cuvier⁷³⁴. Era dever do Lente da mesma cadeira, tendo à altura sido designado para tal o Dr. Francisco Martins Giesteira, "*apresentar aos Estudantes exemplares de diversos productos da natureza, tanto no reino animal quando se tratar da Zoologia, como no mineral quando se passa a explicar a Mineralogia*", enquanto o seu método de ensino deveria ensinar aos alunos "*a maneira de os distinguir e classificar*", indicando "*as varias modificações que soffrem os que são empregados nas artes, distribuindo-os aos Estudantes para que elles mesmos os examinem e*

732 Anónimo (1838)

733 Basto (1938: p. 191).

734 Basto (1938: p. 191-192).

classifiquem."⁷³⁵. É patente neste programa uma especial vocação para o ensino prático em que os alunos dispusessem de exemplares que pudessem observar e manusear, ou seja, a clara necessidade da existência de uma coleção pedagógica para apoio às aulas. Poucas são as informações que dispomos sobre as coleções existentes, nem tão pouco conhecemos o espaço físico que lhes estava destinado. Sabe-se que, em 1845, já estando a cadeira sob a égide do Dr. José Carneiro da Silva (1791-1853, Figura 22) desde 1840, as coleções existentes no suposto Gabinete de História Natural da Academia eram exíguas, todas emprestadas por um mecenas local, tendo mesmo uma parte sido devolvidas à viúva aquando do seu falecimento⁷³⁶.

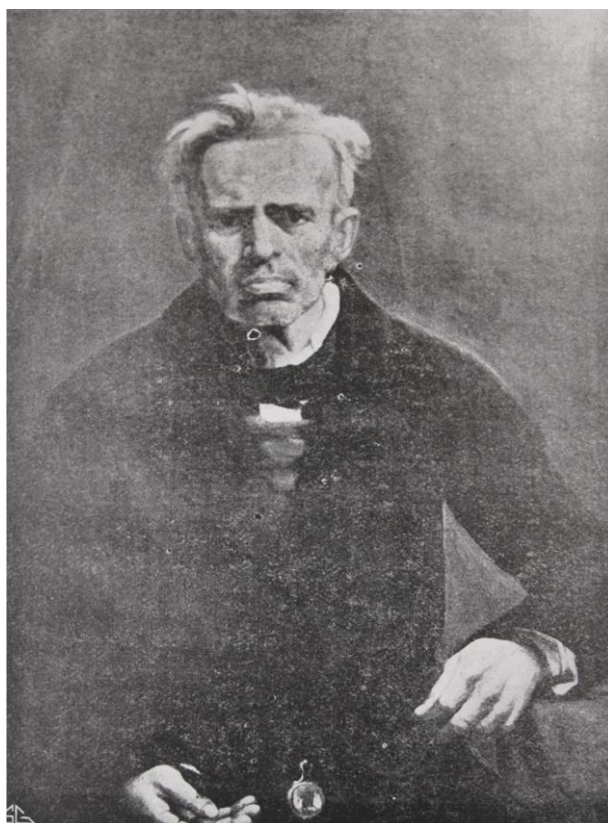


Figura 22 - Retrato de José Carneiro da Silva. Adaptado de Machado (1937).

735 Basto (1938: p. 201).

736 Machado (1937: p. 13).

Pela votação promovida pelo deputado José da Silva Passos terá sido possível angariar-se alguns fundos para a melhoria dos gabinetes científicos da Academia Politécnica do Porto, tendo, no que toca à História Natural, sido esse dinheiro gasto na compra de algum material a uma "*das casas fornecedoras de Paris*"⁷³⁷, muito provavelmente à Casa Auzoux tal como no caso da Academia das Ciências, sendo os exemplares anatómicos de *papier-mâché* ainda hoje existentes no Museu de História Natural da Universidade do Porto (já referidos em nota de rodapé anterior), muito provavelmente originais dessa altura.

O ensino da história natural atingia assim entre nós uma suficiente disseminação e reconhecimento que faria com que extravasasse o estrito domínio do ensino superior e começasse a fazer parte dos restantes níveis de ensino. Com a criação dos liceus pela reforma de Passos Manuel em 1836, a história natural viria a tornar-se uma das disciplinas do programa educativo nacional, o que daria início a uma política de apetrechamento destes estabelecimentos de ensino com unidades de apoio prático, tais como "Gabinetes de Física e Mecânica", "Gabinetes de Zoologia e Mineralogia" e "Jardins Experimentais"⁷³⁸. Com o estabelecimento de liceus nas principais capitais de distrito, o país assistiria também à disseminação e criação de vários pequenos museus liceais, que pese o seu objetivo primário de auxiliar os trabalhos e demonstrações práticos das aulas, viriam a inserir-se e relacionar-se intimamente com as principais coleções de história natural do país. Esta relação que se baseará principalmente na solicitação de espécimes pelos liceus e apetrechamento das suas coleções pelos museus viria em certos casos a levar à criação de museus independentes e com programas científicos particulares, perdendo a sua exclusividade pedagógica.

737 Machado (1937: p. 13).

738 Sobre as políticas de aquisição de material e legislação relativa às coleções e museus liceais veja-se Gomes (2011). Sobre o ensino liceal da história natural veja-se Leal (2007).

Tabela 2- Pequenas ofertas efetuadas ao Museu de Lisboa no ano de 1840			
Data	Ofertante	Descrição geral da oferta	Fonte
21 de Março	Francisco Rodrigues Batalha	" <i>Illmo Snr. A Academia Real das Sciencias tem recebido com particular satisfação a vertebra de Balea, o Ninho de passaro, os dois casaes de Rôlas, e a Fulica com que V. Exa a presenteou; e encarrega-me de agradecer-lhe este novo testemunho de interesse que V. Exa. toma no augmento do Museu Nacional, que a sua generosidade não cessa de enriquecer. Por esta occasião repito os protestos de ser - De V. Exa Ilmmo. Snr Francisco Rodrigues Batalha. Joaquim José da Costa de Macedo - Lisboa 21 de Março de 1840</i> "	BACL - Livro de Secretaria 5b (Pp. 180).
9 de Junho	Francisco Sá Meneses	" <i>Illmo Snr. Encarrega-me a Academia Real das Sciencias de agradecer a V. Exa a Patativa que teve a bondade de mandar-lhe para o seu Museu. O que faço com muita satisfação aproveitando esta occasião para protestar que sou. De V. Exa. Ilmo Snr Francisco de Sá e Meneses - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretário perpetuo da Academia - Lisboa 9 de Junho de 1840</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 190)
17 de Junho	Conselheiro Joé Maria Lopes Carneiro, Director Geral da Alfândega Grande de Lisboa	" <i>Illmo Snr. Encarrega-me a Academia Real das Sciencias d'agradecer a V. Exa os tres macacos que teve a bondade de offerecer-lhe para o Museu Nacional, que V. Exa tanto se empenha em augmentar. O que faço com muita satisfação - Deos Guarde V. Exa Lisboa 17 de Junho de 1840 - Illmo Snr. Conselheiro José Maria Lopes Carneiro, Director Geral da Alfandega grande - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario perpetuo da Academia</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 190).
4 de Julho	<i>idem</i>	" <i>Illmo Snr. A Academia Real das Sciencias de Lisboa me encarrega d'agradecer a V. Exa o macaco que offereceu para o Museu Nacional cujo augmento V. Exa tão efficazmente continua a promover. O que faço com toda a satisfação. - Deos Guarde a V. Exa Lisboa 4 de de Julho de 1840 - Illmo Snr. Conselheiro José Maria Lopes Carneiro, Director Geral da Alfandega Grande - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretário Perpetuo da Academia</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 192)
<i>idem</i>	<i>idem</i>	" <i>Illmo Snr. A Academia Real das Sciencias de Lisboa me encarrega d'agradecer a V. Exa o macaco que offereceu para o Museu Nacional cujo augmento V. Exa tão efficazmente continua a promover. O que faço com toda a satisfação. - Deos Guarde a V. Exa Lisboa 4 de de Julho de 1840 - Illmo Snr. Conselheiro José Maria Lopes Carneiro, Director Geral da Alfandega Grande - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretário Perpetuo da Academia</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 192).
Julho	<i>idem</i>	" <i>dois macacos de Cabo Verde</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 195).
<i>idem</i>	<i>idem</i>	Um macaco	Op. sup. cit. (Pp. 195).
11 de Agosto	<i>idem</i>	Um macaco	Op. sup. cit. (Pp. 196v).
Novembro	D. Maria Barbosa	Um macaco	Op. sup. cit. (Pp. 204).
15 de Outubro	Comendador Carlos Cardoso Moniz Castello Branco Bacellar	Uma " <i>poupa</i> ".	Op. sup. cit. (Pp. 200v)
28 de Novembro	<i>idem</i>	Duas " <i>Corujas do matto</i> ", um " <i>Maçarico cabeçudo</i> ", e um " <i>Alcaravão pernalta do Egipto</i> ".	Op. sup. cit. (Pp. 210v).
15 de Outubro	D. Maria Theodora David	Dois " <i>canarios</i> ".	Op. sup. cit. (Pp. 200v).
<i>idem</i>	Rozendo Alonso	Um " <i>Feran</i> ".	Op. sup. cit. (Pp. 200v).
19 de Novembro	Conde do Farrobo	" <i>Illmo Exmo Snr - Participei á Academia Real das Sciencias de Lisboa o presente d'um herbario, e de diversos objectos zoológicos, que V. Exa se dignou fazer-lhe, e a Academia me encarrega de agradecer a V. Exa a generosidade com que V. exa enriquece [...] Ilmmo Condo do Farrobo - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Perpetuo da Academia - Lisboa 19 de Novembro de 1840</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 207-207v).

Tabela 3 - Pequenas ofertas efetuadas ao Museu de Lisboa entre 1841 e 1848

Data	Ofertante	Descrição geral da oferta	Fonte
1841			
7 de Janeiro	Joaquim Manuel Rego	Uma " <i>Fulica Porfíria</i> "	BACL - Livro de Secretaria 5b (Pp. 214).
14 de Setembro	Joaquim Ribeiro de Moraes, Cirurgião da Corveta Izabel Maria	" <i>Tenho a honra d'accusar a recepção do Officio de V. Exa. de 10 deste mez, e acompanhado da relação das aves e outros animaes, colhidos na Costa d'Africa por Joaquim Ribeiro de Moraes, Cirurgião da Corveta Izabel Maria, que V.Exa. se dignou offerecer á Academia Real das Sciencias para serem collocados no Museu Nacional. A Academia recebeu com immenso prazer este magnifico presente, e cada vez mais reconhecida ao Conselho de Saude Naval, me encarrega de pedir a V. Exa queira acceitar os seus agradecimentos, e transmittidos, de sua parte, aos outros Snrs. seus Collegas. Cumprindo com muita satisfação a incumbencia da Academia, protesto continuar a ser. De V. Exa. illmo Snr. Dr Bernardino Antonio Gomes, Presidente do Conselho de Saude Naval - Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Vice Secretario da Academia - Lisboa 14 de Setembro de 1841</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 208)
5 de Outubro	Francisco Thomé da Silva, Cirurgião da armada	" <i>Encarrega-me a Academia Real das Sciencias de Lisboa d'agradecer a V. Exa a pelle e esqueleto da ave - Caláo, e a pelle do Patamaror, que trouxe da Costa d'Africa o Cirurgião da Armada, Francisco Thomé da Silva; e que vão ser preparadas e collocadas no Museu Nacional, que tão devedor he ja a V. Exa. e seus collegas. - Deos guarde a V. Exa. Lisboa 5 de Outubro de 1841 - Illmo Snr Bernardino António Gomes, Presidente do Conselho de Saude Naval - Francisco Elias Rodrigues da Silveira, Vice Secretario da Academia</i> ".	Op. sup. cit. (Pp. 208v).
15 de Dezembro	Abade A. D. de Castro e Sousa	Um " <i>jacaré</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 241v)
1842			
4 de Janeiro	<i>idem</i>	" <i>duas pontas de búfalo</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 242).
12 de Fevereiro	Marquez de Vianna	uma " <i>Batarda</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 243).
<i>idem</i>	Conde do Redondo	um " <i>Cordeiro monstruoso</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 243).
20 de Outubro	Antonio Marcelino de Campos	Uma " <i>Pomba de leque</i> " e de uma " <i>Cadella de fila</i> "	BACL - Livro de Secretaria 18B (Pp. 16v).
<i>idem</i>	João Antonio Leite	Uma " <i>amostra de Marmore da Ilha de Sto Antão</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 16v).
<i>idem</i>	Carlos Cardoso Moniz Castello Branco Bacellar	" <i>tres aves</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 16v)
<i>idem</i>	Manoel Bernardo Lopes	" <i>Pedra magnetica da rocha de S. Pedro de Cintra</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 16v).
1843			
3 de Janeiro	José Coelho d'Abreu	uma " <i>Maracanã-Jaboti, ovos, peitos de jacare, fectos, e artefactos</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 17v).
14 de Janeiro	Duque de Palmela	68 peixes " <i>preparados</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 18).
24 de Maio	Conde do Farrobo	Um " <i>Viverre</i> " e um " <i>Gato tigre</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 31v).
30 de Maio	Caetano Alberto Machado	Um " <i>Pombo de papa anjuja</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 32).
<i>idem</i>	João da Costa Carvalho	Uma " <i>catatua</i> "	Op. sup. cit. (Pp. 32).
1 de Julho	José Ferreira Pestana	Doze conchas	Op. sup. cit. (Pp. 34).

1846			
28 de Outubro	Francisco Maria da Silva Torres, Físico-mór do Estado da Índia.	18 produtos zoológicos de Goa, onde se incluíam várias aves, mamíferos e a carapaça de uma tartaruga.	<i>"Relação dos Exemplos Zoológicos vindos de Nova Goa, remetidos pelo Físico-mór do Estado da Índia o Sr. Francisco Maria da Silva Torres."</i> (AHMB Rem. 391)
1848			
12 de Maio	Marquês de Loulé	Um "Faisão Dourado"	BACL - Livro de Secretaria 18B (Pp. 75v).
<i>idem</i>	Ministro do Brasil	Um "Papagaio"	Op. sup. cit. (Pp. 75v-76).

Tabela 4 - Pequenas ofertas efetuadas ao Museu de Lisboa entre 1849 e 1850

Data	Ofertante	Descrição geral da oferta	Fonte
1849			
26 de Janeiro	Joaquim José Falcão	" <i>Ave da Africa Occidental, denominada commumente por Panda</i> "	BACL - Livro de Secretaria 18B (Pp. 83v).
9 de Maio	Antonio Menezes Vasconcellos Drumond, Ministro do Brasil	" <i>Donativos - Para o Museu - Um Sagui - Simia Jachus - oferecido pelo Snr. António de Menezes Vasconcellos de Drummond, Ministro do Brasil</i> "	Actas das Sessões 1849 nº III Sessão literaria de 9 de Maio
23 de Maio	António Ribeiro Neves Junior	" <i>Donativos - Para o Museu - Sylvia Brasiliana (Ave), 2 exemplares - oferecidos pelo Snr. António Ribeiro Neves Junior</i> "	Op. sup. cit.
11 de Julho	Secretario Perpétuo da Academia	" <i>Donativos - Para o Museu - Uma Pina Rudis de Linneo, da Costa de Angola (conchyologia), oferecida pelo Secretario perpetuo da Academia. Uma Arara vermelha do Brasil, Psittacus Macáo, de Linneo, oferecida pelo Snr. Manoel Joaquim Botelho. Dois exemplares de Solen Coarctatus, de Gmelin, e dois ditos de Lucina Edentula, de Lamarck (Conchiologia), vindas da Costa do Pernambuco, oferecidos pelo Snr. José Maria Guedes. Uma Antilope d'Angola, oferecida pelo Snr. Francisco Rodrigues Botelho</i> "	Actas das Sessões 1849 nº V Sessão literaria de 11 de Julho
<i>idem</i>	Manoel Joaquim Botelho	<i>idem</i>	<i>idem</i>
<i>idem</i>	José Maria Guedes	<i>idem</i>	<i>idem</i>
<i>idem</i>	Francisco Rodrigues Botelho	<i>idem</i>	<i>idem</i>
24 de Outubro	José Tavares de Macedo	" <i>Donativos - Para o Museu - Um bico de prata (Ave), oferecido pelo Snr. José Tavares de Macedo</i> "	Actas das Sessões 1849 nº VI Sessão literaria de 24 de Outubro.
1850			
14 de Fevereiro	António José Maria Campelo	" <i>Donativos - Para o Museu - Coracione Ornata (Vira-membé ou Passaro gaita) das margens do Amazonas, macho - oferecido pelo snr. Conselheiro Antonio José Maria Campelo.</i> "	Actas das Sessões 1850 nº II Sessão 14 de Fevereiro.
15 de Março	Lourenço José Morais	" <i>Donativos - Para o Museu - Uma collecção de fetos da ilha da Madeira. Uma collecção de Peixes dos mares da Madeira, com o seu catalogo - Estas duas collecções forão oferecidas pelo Snr. Conselheiro Lourenço José Morais</i> "	Actas das Sessões 1850 nº II Sessão literaria de 15 de Março.
22 de Maio	Conde do Redondo	" <i>Donativos - Para o Museu - Uma toupeira rara - Offerecida pelo snr. Conde do Redondo. Uma Coruja - Offerecida pelo snr. Cláudio José Nunes. Um Papagaio Negro do Pará - Offerecido pelo snr. António de Menezes Vasconcellos de Drummond, Ministro do Império do Brasil na Corte de Lisboa</i> "	Actas das Sessões 1850 nº III Sessão literaria de 22 de Maio.
<i>idem</i>	Cláudio José Nunes	<i>idem</i>	<i>idem</i>
<i>idem</i>	António de Menezes Vasconcellos de Drumond	<i>idem</i>	<i>idem</i>
12 de Junho	Conde de Benagazil	" <i>Donativos - Para o Museu - Uma garça - Offerecida pelo snr. Conde de Benagazil</i> "	Actas das Sessões 1850 nº IV Sessão literaria de 12 de Junho.
9 de Outubro	António	" <i>Donativos - Para o Museu - Uma corça de Loanda - Offerecido pelo Snr</i> "	Actas das

	Ribeiro Neves Junior	<i>Antonio Ribeiro Neves Junior. Um Gato do mato, vindo d'Angola - Offerecido pela Snr Conselheiro Joaquim José Falcão</i>	Sessões 1850 nº V Sessão literaria de 9 de Outubro.
<i>idem</i>	Joaquim José Falcão	<i>idem</i>	<i>idem</i>
27 de Novembro	Lourenço José Moniz	<i>Donativos - Para o Museu - Squalus Lygaena - Cornuda, ou Martello da Costa de Peniche. Motacilla Sylvia, femea. Tetrao Andalusicus, ou Tourão do Matto. Todos estes exemplares forão offerecidos pelo Snr. Conselheiro Lourenço José Moniz</i>	Actas das Sessões 1850 nº VI Sessão literaria de 27 de Novembro.
11 de Dezembro	José Ventura Mana	<i>"Donativos - Para o Museu - Um Papagaio - Offerecido pelo Snr. José Ventura Mana. Uma Motacilla, ou Rabi-Ruivo, Quatro Fósseis. Uma concha com um eremita. Offerecidos os sobredittos tres objectos pelo Snr. Conselheiro Lourenço José Moniz. Dous mineraes - Offerecidos pelo snr. Antonio Joaquim Moreno. Oriolus Galbula, macho - Offerecido pelo Snr. Porphyrio Joaquim de Miranda"</i>	Actas das Sessões 1850 nº VI Sessão literaria de 11 de Dezembro.
<i>idem</i>	Lourenço José Moniz	<i>idem</i>	<i>idem</i>
<i>idem</i>	António Joaquim Moreno	<i>idem</i>	<i>Idem</i>
<i>idem</i>	Porphyrio Joaquim de Miranda	<i>idem</i>	<i>idem</i>

Capítulo 9 - Resultados da missão de Saint-Hilaire: as coleções da Ajuda em Paris na primeira metade do século XIX

Num evidente contraste com o dia-a-dia do Museu de Lisboa, em Paris as coleções portuguesas foram trabalhadas por um grande número de naturalistas gauleses e europeus, servindo como tipos para a descrição de várias espécies desconhecidas para a ciência coeva⁷³⁹. Embora, como já referido, o episódio da visita de Saint-Hilaire a Portugal tenha já sido trabalhado por alguns autores, pouco ou nada se desenvolveu no que toca a compreender a importância que as coleções transferidas pelo naturalista Francês tiveram para a ciência.

O ambiente intelectual vivido em Paris e em particular nas instalações do Muséum apresentava-se bastante fértil. Lamarck apresentara as suas teorias transformistas, com base nas ricas coleções paleontológicas e zoológicas das coleções parisienses. Na década de trinta Cuvier e Saint-Hilaire envolver-se-iam

739 De forma a analisar os resultados da viagem científica de Saint-Hilaire a Lisboa, realizaram-se duas viagens de estudo às coleções do *Muséum national d'Histoire Naturelle*, em Paris, uma em Setembro de 2011 e outra em Fevereiro de 2012. De forma a localizar todos os espécimes de vertebrados originários da viagem do naturalista gaulês a Portugal ainda hoje existentes nas coleções parisienses, socorremo-nos das listas de espécimes já apresentadas por Daget & Saldanha (1989) e Bruckert (2003; só para as aves), pelos inventários internos do *Muséum*, pelas listagens originais de Saint-Hilaire, bem como pela pesquisa exaustiva de espécimes com características taxidérmicas típicas de espécimes do final do século XVIII/início do século XIX. Assim foram encontradas várias dezenas de espécimes, dos quais foram feitas fotografias e registada qualquer informação referente aos mesmos. Após este trabalho cruzou-se a informação retirada destas visitas com a bibliografia referente aos mesmos espécimes, bem como a revisões taxonómicas atuais, de forma a perceber quais os espécimes que representavam tipos. Toda esta informação encontra-se patente nas tabelas 5, 6, 7 e 8.

num dos mais acalorados e afamados debates científicos da época sobre a existência de um plano corporal básico para todos os seres vivos⁷⁴⁰ e, ao mesmo tempo que todos estes debates científico-filosóficos irradiavam das paredes do museu parisiense para o mundo, muitos eram os naturalistas europeus que se dirigiam ao Muséum com o intuito de estudar as mais importantes e numerosas coleções de História Natural de então. As coleções selecionadas por Saint-Hilaire em Portugal chegariam ao Muséum a dia 31 de Novembro de 1808, após uma viagem de vários meses. Cuvier daria ordens imediatas para que todos os professores de cada uma das áreas de estudo concernentes às coleções reportadas por Saint-Hilaire examinassem a remessa e apresentassem um relatório detalhado sobre cada coleção⁷⁴¹. Apenas o gabinete de Stathouder, Holanda, e a expedição sul-americana de Nicolas Baudin (1754-1803) eram consideradas tão ricas como a remessa lusitana. Assim terá sido entregue à responsabilidade de René Louiche Desfontaines (1750-1833) o relatório relativo aos mamíferos, aves e material botânico, a Bernard Germain de Lacépède (1756-1825) relativo aos répteis, anfíbios e peixes, e a Lamarck, auxiliado por Pierre André Latreille (1762-1833), relativo aos invertebrados. Deste relatório surgia uma nova lista de exemplares, contendo, para alguns dos grupos, uma significativa diferença relativamente aos números referidos no auto de entrega da Ajuda. Na "*Récapitulation des catalogues contenant le détail des objets recuillis au Portugal*"⁷⁴², contavam-se:

- 68 espécimes de mamíferos (menos 8 do que aqueles apontados na *Relação*);
- 443 espécimes de aves (mais 56 do que aqueles apontados na *Relação*),
- 62 espécimes de répteis e anfíbios (mais 30 do que aqueles apontados na *Relação*),

740 Appel (1987)

741 Hamy (1909: p. 23-24).

742 Saint-Hilaire (1809)

- 162 espécimes de peixes (mais 62 do que aqueles apontados na *Relação*),
- 490 conchas (mais 32 do que aqueles apontados na *Relação*),
- 12 espécimes crustáceos (igual número ao apontado na *Relação*)
- 772 insetos (mais 264 do que aqueles apontados na *Relação*).

A maioria dos acréscimos referidos é facilmente explicável. Conforme já referido, Saint-Hilaire recebeu espécimes não só da Ajuda, mas também de outras coleções, bem como terá dedicado alguns momentos à recolha ele próprio. De Hoffmannseg, por exemplo, sabemos que obteve algumas aves e mamíferos, bem como caixas de insetos, o que ajuda a explicar o considerável aumento de aves e de insetos. Dos seus episódios de recolha, e ofertas particulares, de espécimes nos arredores de Lisboa terão certamente resultado alguns dos exemplares de répteis e anfíbios, peixes e conchas, bem como um exemplar de lince-ibérico, espécie até então desconhecida da ciência e cujo exemplar viria a ser a base para o zoólogo holandês Coenraad Jacob Temminck (1778-1858) descrever a espécie⁷⁴³.

Os diversos relatórios apresentados esclarecem-nos bem sobre a dimensão e natureza das coleções reportadas por Saint-Hilaire, pois não só continham em si, todos aqueles exemplares de outras origens que não a Ajuda e portanto não referidos na "*Relação Dos Productos naturaes que por ordem do General Junot levou deste Real Museu M. Geoffroy de St. Hilaire em Junho e Agosto de 1808*"⁷⁴⁴, mas também por representarem um análise crítica e substanciada dos naturalistas franceses. No relatório de Desfontaines relativo aos mamíferos e aves, onde a origem brasileira das coleções é salientada e valorizada, é confirmada a importância já referida por Saint-Hilaire e Cuvier, não só por representar um acréscimo muito importante para as coleções do Museu, mas também pela maioria

743 Temminck (1827).

744 AHMB Div.16b

das espécies serem elas próprias novas para a ciência⁷⁴⁵. Distribuídas por cerca de vinte e sete géneros diferentes, apresentavam-se sessenta e oito indivíduos, muitos deles considerados como novas espécies ou variedades, bem como indivíduos curiosos como "*une variété noire du Jaguar*", ou um golfinho de uma espécie desconhecida "*remarquable par son museau effilé comme celui du Gavial*"⁷⁴⁶. Semelhante realidade é apresentada para as aves que, divididas em cerca de sessenta e sete géneros e duzentas e cinquenta e seis espécies representados por quatrocentos e quarenta e três indivíduos, continha várias espécies novas para o museu e para a ciência, sendo mesmo aqueles indivíduos que já se encontrassem nas antigas coleções do *Muséum* aproveitados para a substituição dos exemplares antigos, e aqueles que se encontravam duplicados aproveitados para representarem as diferenças entre sexos e idades⁷⁴⁷. Lacepède por sua vez apresenta-se mais parco em descrições relativas às coleções de anfíbios, répteis e peixes, utilizando apenas breves anotações para evidenciar a importância de determinados espécimes para o Museu de Paris. A anotação utilizada baseava-se na utilização dos símbolos "+", "++" e "+++", em que "*la croix unique, expliquait-il, désignent les objets qui manquent à la collection, la double croix ceux qui en outre sont inconnus, la triple croix les objets les plus remarquables.*"⁷⁴⁸. Assim Lacepède dava conta de 51 "*Reptiles conservés sec et empaillés*", na sua maioria inexistentes no *Muséum*, sendo boa parte delas espécies desconhecidas, e onze exemplares "*conservés dans l'alcool*". Destes sessenta e dois exemplares, em número consideravelmente superior aos trinta e dois reportados da Ajuda, podem-se encontrar vários espécimes que muito provavelmente se referem a espécies portuguesas que Saint-Hilaire terá capturado durante a sua permanência no

745 Desfontaines 1808 "Rapport à Messieurs ces professeurs administrateurs du Muséum d'histoire naturelle" *cit. in* Daget & Saldanha (1989: p. 118-119).

746 Daget & Saldanha (1989: p. 120).

747 Daget & Saldanha (1989: p. 120-125).

748 Daget & Saldanha (1989: p. 139).

país⁷⁴⁹. Relativamente aos peixes os números, para além de maiores, revelavam-se quase na sua totalidade como espécies inexistentes no museu parisiense, e dezenas de espécies novas para a ciência, num total de cento e onze exemplares conservados a seco e empalhados e de quarenta e nove conservados em álcool. Os invertebrados, divididos entre conchas de moluscos e insetos, e que haviam sido entregues a Lamarck, assistido por Latreille, constituiriam "*l'une des plus précieuses que le muséum ait reçu jusqu'ici*", com um total de quatrocentas e noventa espécies de conchas e de setecentos e vinte e dois indivíduos de insetos, representantes de cerca de trezentas e oitenta e oito espécies, rica em exemplares raros e novos do Brasil, que pela sua beleza, dimensões extravagantes e excelente estado de conservação se apresentavam com um dos mais importantes resultados da viagem de Saint-Hilaire ao gabinete lisboeta⁷⁵⁰.

Em termos de resultados concretos, a coleção de peixes levada da Ajuda serviria de base para a descrição de pelo menos vinte e nove espécies diferentes, sendo descritas entre 1821 e 1850 pelo próprio Cuvier, por Achille Valenciennes (1794-1865), pelo alemão Alexander von Humboldt (1769-1859) e pelo suíço Heinrich Rudolf Schinz (1777-1861) (Tab. 5). O célebre Cuvier seria o primeiro a trabalhar as coleções ictiológicas trazidas de Portugal. É logo em 1816 que Cuvier inserirá a referência a espécimes na Ajuda na sua *opus magna* "*Le règne animal*"⁷⁵¹, espécimes esses que seriam holótipos de três novas espécies descritas pelo célebre anatomista, e voltando em 1819, no segundo volume da mesma obra, a descrever uma outra também com base num exemplar trazido por Saint-Hilaire. Entre 1818 e 1819 publicaria nos *Memoires du Museum National d'Histoire*

749 Podemos considerar que alguns dos "*8 Lézards ocellés ou graphiques, diverses variétés*" seriam exemplar de *Timon lepidus*, espécie existente em Portugal, as "*1 Crotale muet*" e "*Couleuvre*" às diversas espécies de ofídeos existentes no país, as "*++2 Salamandres terrestres dont une n'est pas décrite*" a espécies de anfíbios caudados de Portugal, de onde uma espécie não descrita terá sido o exemplar que serviria de holótipo para a descrição da espécie *Pleurodeles waltl* por Michahelles em 1830, como pode ser visto na tabela 6, e os "*+++2 Seps non décrits, l'un à 3, l'autre à 5 doigts*" respectivamente às então desconhecidas para a ciência *Chalcides striatus* Cuvier, 1829, e *Chalcides bedriagai* Boscá 1880.

750 Daget & Saldanha (1989: p. 146-147; 149-151).

751 Cuvier (1816)

Naturelle dois artigos, o "*Sur les poissons du sous-genre Mylètes*"⁷⁵² e o "*Sur les poissons du sous-genre Hydrocyon, sur deux nouvelles espèces de Chalceus, sur trois nouvelles espèces du Serrasalmes, et sur l'Argentina glossodonta de Forskahl, qui est l'Albula gonorrhynchus de Bloch.*"⁷⁵³, onde descreveria seis novas espécies de peixes com base em exemplares vindos da Ajuda.

Cuvier viria a continuar os trabalhos sobre peixes na obra que coeditou com Valenciennes, a *Histoire Naturelle des Poissons*, obra ímpar para a ictiologia de então e distribuída por 22 volumes publicados entre 1828 e 1849. A dimensão desta obra, que à época integrava o conhecimento de todas as espécies de peixes do mundo, explica o porquê de Cuvier não a ter completado até à sua morte, em 1832. Valenciennes continuará então todo o trabalho, mantendo no entanto sempre o nome de Cuvier na obra. De 1830 a 1849 Valenciennes descreverá mais 7 novas espécies baseadas em exemplares das coleções portuguesas. Por sua vez Valenciennes viria novamente a colaborar com Alexander von Humboldt, o famoso explorador naturalista alemão, que empreendera com Aimé Bonpland várias viagens de exploração à América do Sul no início de oitocentos. Destas viagens terá sido produzida uma grande quantidade de bibliografia (contrastando com o caso da grande exploração de Alexandre Rodrigues Ferreira no Brasil quase 20 anos antes), tendo sido publicados em dois volumes os resultados, na parte da zoologia, uma obra intitulada "*Voyage de Humboldt et Bonpland. Deuxième partie. Observations de zoologie et d'anatomie comparée.*"⁷⁵⁴. No segundo volume, num artigo intitulado de "*Recherches sur les poissons fluviatiles de l'Amérique Équinoxiale*"⁷⁵⁵, datado de 1821⁷⁵⁶, ora Humboldt ora Valenciennes, descreverão

752 Cuvier (1818)

753 Cuvier (1819)

754 Humboldt & Bonpland (1811) e Humboldt & Bonpland (1833). Embora tenham sido publicados conjuntamente em dois grandes volumes, os artigos terão datas diferentes, implicando, por exemplo, aparentes contradições entre as datas de publicação da obra e a data presente no binómio de certas espécies descritas. No entanto Sherborn (1899) apresenta as datas de cada artigo em separado.

755 Humboldt & Valenciennes (1821 [1833])

também várias espécies novas, baseando-se em parte nas informações recolhidas por Humboldt na sua viagem, em parte pelas coleções ictiológicas que Valenciennes estudava no Muséum, e onde se encontravam espécimes da Ajuda.

No que toca à herpetologia, ou seja às espécies de anfíbios e répteis, resultariam a descrição de três diferentes espécies de quelónios pelo alemão August Friedrich Schweigger no seu *opus Prodomus monographiae Cheloniorum* em 1812⁷⁵⁷, da espécie brasileira *Hypsibates punctatus*, actualmente reconhecido como sinónimo da *Plica plica* Linnaeus, 1758, e do famoso lagarto gigante de Cabo-Verde, *Chioninia coctei* por Duméril & Bibron na sua *Erpétologie générale* em 1837 e 1839⁷⁵⁸ respetivamente (Tab. 6). Embora vários exemplares tenham dado entrada em Paris, o facto é que pouco se conhece sobre eles, à exceção daqueles já referidos. Sabemos no entanto que exemplares de espécies desconhecidas na altura, como os já referidos escincos ibéricos *Chalcides striatus* Cuvier, 1829, e *Chalcides bedrigai* Boscá, 1880, tivessem dado entrada nas coleções do Muséum, pouco se consegue apurar sobre a utilização ou o destino dado à maior parte destes exemplares, para além de um exemplar de *Pleurodeles waltl* Michaelles, 1830, espécie de salamandra do território português e cujo exemplar terá sido citado por Duméril & Bibron em 1854⁷⁵⁹. Após a chegada das aves a Paris, entre 1809 e 1855, seriam descritos, pelo menos, trinta e três novas espécies de aves, na sua maioria novas (Tab. 7). Estas seriam maioritariamente descritas por Louis Jean Pierre Vieillot (1748-1831), principalmente nas sucessivas edições do *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle*, mas também por nomes como Charles Lucien Bonaparte (1803-1857), ornitólogo sobrinho de Napoleão, Jacques Pucheran (1817-1895), René Primevère Lesson (1794-1849), Valenciennes, Temminck,

756 Sherborn (1899)

757 Schweigger (1812).

758 Duméril & Bibron (1839: p. 666).

759 "Il avait été recueilli en Espagne par M. le docteur Waltl aux environs de Chiclana, de sorte que tout ce qu'on en savait doit se rapporter à cette seule espèce, dont notre Musée national possède d'ancienne date un individu qui aura été trouvé très-probablement en Portugal, car il provient du cabinet d'Ajuda." in Duméril & Bibron (1854: p. 72).

Cuvier e Isidore Geoffroy Saint-Hilaire (1805-1861). É importante salientar que para além destas espécies, pelo menos dezanove espécimes da Ajuda representariam espécies desconhecidas e que apenas mais tarde viriam a ser descritas por outros naturalistas, em outros museus e noutros países, baseando-se em novas coleções. Este facto, apesar de representar uma oportunidade perdida para os investigadores do museu de Paris e a perda de um estatuto de "tipo" por parte dos exemplares da Ajuda, não deixa de ser um exemplo claro da riqueza e raridade das coleções seleccionadas por Saint-Hilaire.

No que toca aos mamíferos os resultados são também de grande vulto. Entre 1811 e 1843 seriam descritos cerca de trinta e dois novos *taxa* de mamíferos, na sua maioria primatas brasileiros (vinte e cinco *taxa*) descritos pelo próprio Étienne Geoffroy Saint-Hilaire em 1811 e 1812, pelo seu filho Isidore em 1843, mas também por Alexander von Humboldt em 1811, bem como revistas outras espécies de símios descritas por Hoffmannsegg ainda em Portugal. Para além dos primatas, também *taxa* de carnívoros por Anselme Gaëtan Desmarest (1784-1838) e Temminck, três espécies de roedores também por Desmarest, e por fim a famosa espécie de cetáceo do Amazonas, *Inia geoffrensis*, por Henri Marie Ducrotay de Blainville (1777-1850) em 1817 (Tab. 8).

Tal como havia já sido referido pelo próprio Étienne Geoffroy Saint-Hilaire ainda em Lisboa, a coleção de símios era a mais interessante no que tocava aos mamíferos. O trabalho de Saint-Hilaire sobre símios, publicado nos *Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle*, contribuiria para a descrição de dezenas de novas espécies, onde se contavam vários exemplares da Ajuda e originários da sua viagem a Lisboa. Será esse o caso, por exemplo, de duas espécies do género *Ateles*, o *Ateles arachnoides* e do *Ateles marginatus*. O primeiro será primariamente referido como "*L'arachnoide*", e brevemente descrito, no artigo de 1806 "*Sur les Singes à main imparfaite ou les Atéles*", onde o autor dará uma identificação genérica com base nas descrições feitas por Edwards e Brown⁷⁶⁰, não possuindo à altura nenhum espécime consigo. Será apenas em 1809 no artigo "*Description de*

760 Saint-Hilaire (1806: p. 270-271)

deux singes d'Amérique, sous les nomes d'Ateles arachnoides et d'Ateles marginatus" que Saint-Hilaire descreverá a espécie, baseando-se num exemplar vindo da Ajuda. Aí o zoólogo, para além de uma descrição mais detalhada, dará também o habitat da espécie, até então desconhecido, que lhe teria sido comunicado pelo próprio Vandelli⁷⁶¹. Quanto ao *Ateles marginatus*, cuja descrição se seguiria, é interessante notar que a sua proveniência não é a mesma, mas sim das coleções de Hoffmannsegg e de Sieber⁷⁶². As descrições seriam também elas acompanhadas por duas ilustrações dos próprios holótipos (Figura 23).

No artigo "*Tableau des quadrumanes ou des animaux composant le premier ordre de la classe des mammifères*" de 1812 contam-se um total de doze novos taxa, em que de facto oito representavam espécies novas para a ciência (Tab. 7). Esta diferença entre os números de taxa apontados por Saint-Hilaire como novos taxa e aqueles que de facto nunca teriam sido descritos é justificada pela considerável confusão originada pelo grande desconhecimento deste grupo bem como pela pouca divulgação, aliada ao pouco rigor das descrições existentes. Assim, Saint-Hilaire aponta como novas espécies o *Callithrix amictus*, o que se viria a revelar como sinónimo do *Callicebus torquatus*, descrito por Hoffmannsegg em 1807, bem como o *Cebus flavus* e o *Cebus albus*, colocando este último a dúvida se seria "*Ou nouvelle espèce, ou simple variété produite par la maladie albine?*"⁷⁶³, ambos sinónimos de *Cebus flavia* Schreber, 1774.

761 "*Edwards et Brown ne nous avoient rien appris touchant la patrie de l'arachnoïde; mais j'ai su, du respectable M. Vandelli, directeur des collections d'Ajuda, près Lisbonne, que l'individu, qu'il a consenti à céder au Muséum d'Histoire naturelle, lui avoit été envoyé du Brésil: j'ai regretté qu'il n'ait pu m'informer de même dans quelle partie de cette terre on l'avoit trouvé.*" in Saint-Hilaire (1809: p. 92)

762 "*C'est au zèle éclairé de M. le comte d'Hoffmannsegg pour l'histoire naturelle, et à la magnificence qu'il déploie pour en favoriser les progrès, que nous sommes redevables de cette nouvelle espèce. [...] Ayant eu l'occasion de voir M. Sieber à son retour et l'avantage de lui être utile à Lisbonne, en lui faisant restituer deux caisses que l'ancien gouvernement du Portugal avoit fait saisir sur lui, ce naturalist crut devoir reconnoître ce faible service par le don de quelques animaux du Brésil, au nombre desquels s'est trouvé le sujet de cette description. [...] M. Sieber en a rapporté plusieurs individus; mais il n'en possédoit que deux à Lisbonne, une femelle adulte et un jeune mâle. C'est ce dernier, qui n'avoit pas encore revêtu sa robe d'adulte, qu'il m'a donné.*" in Saint-Hilaire (1809: p. 92-93)

763 Saint-Hilaire (1812: 112)



Figura 23 - Litografias do "Ateles Marginatus" e do "Ateles Arachnoides" e correspondentes holótipos, acutalmente nas colecções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris (MNHN-ZM-MO 2005-903 e MNHN-ZM-MO2007-1475 respectivamente). Fonte: Saint Hilaire (1809). Fotos gentilmente cedidas por Cécille Callou.

Para além de Saint-Hilaire, também Alexander von Humboldt trabalhou alguns exemplares de símios da Ajuda. No primeiro volume da sua obra "*Voyage de Humboldt et Bonpland. Deuxième partie. Observations de zoologie et d'anatomie comparée.*"⁷⁶⁴, tal como fez para os peixes, o explorador naturalista aproveitará algum do material das colecções francesas, sendo naturalmente alguns espécimes originários da missão de Saint-Hilaire em Portugal, para complementar as observações e espécimes por ele capturados aquando da sua exploração à

764 Humboldt & Bonpland (1811)

América do Sul. Sobre símios Humboldt inserirá vários artigos na obra, nomeadamente o "*Sur les singes qui habitent les rives de l'Orénoque, du Cassiquiare et du Rio Negro*"⁷⁶⁵, o "*Sur les singes du Royaume de la Nouvelle-grenade et des rives de l'Amazone*"⁷⁶⁶ e o "*Tableau synoptique des singes de l'Amérique*"⁷⁶⁷. Existirão referências a exemplares originários da missão a Portugal no primeiro e no último, nomeadamente quando Humboldt pretendia dar um exemplo de uma espécie por ele observada aquando da sua viagem mas de que não possuía espécimes. No "*Sur les singes qui habitent les rives de l'Orénoque, du Cassiquiare et du Rio Negro*"⁷⁶⁸ Humboldt citará, entre outras, duas espécies cujos exemplares tipo seriam recolhidos por Saint-Hilaire em Portugal: *Simia ursina* e *Simia satanas*. A espécie *Simia ursina* seria uma nova espécie de macaco sul-americano e cujo holótipo trabalhado por Humboldt era de facto originário do gabinete da Ajuda, holótipo esse que viria também a ser desenhado e inserido na obra⁷⁶⁹ (Fig. 24). A outra espécie *Simia satanas* seria um sinónimo da espécie *Cebus satanas* descrita por Hoffmannsegg em 1807⁷⁷⁰, sendo no entanto interessante constatar que Humboldt terá tido acesso ao mesmo espécimen utilizado pelo conde Hoffmannsegg, certamente devido às requisições de Saint-Hilaire, como se pode constatar pela comparação entre o desenho original da obra de Hoffmannsegg reproduzido por Humboldt⁷⁷¹ com o espécime ainda hoje existente nas coleções parisienses (Fig. 24).

765 Humboldt (1812a [1811])

766 Humboldt (1812b [1811])

767 Humboldt (1812c [1811])

768 Humboldt (1812a [1811])

769 Humboldt (1812a [1811]: p. 332)

770 Hoffmannsegg (1807: p. 93).

771 Humboldt (1812a [1811]: p. 314-315).



Figura 24 - Litografia do "Simia ursina" (topo esquerdo) patente na obra de Humboldt (Humboldt & Bonpland 1811), declaradamente baseada no holótipo (à direita) ainda hoje existente nas coleções parisienses (MNHN-ZM-MO 2007-1477), bem como litografia do "Simia Satanas" (canto esquerdo), original da obra de Hoffmanssegg mas reproduzida em Humboldt & Bonpland (1811A), tendo também esta sido baseada no holótipo (canto direito). O holótipo, hoje presente nas coleções de Paris (MNHN-ZM-MO 1997 - 1595), terá sido trazido das coleções lisboetas de Hoffmanssegg por Saint Hilaire. Fotos gentilmente cedidas por Cécille Callou.

No "*Tableau synoptique des singes de l'Amérique*"⁷⁷² descreveu ainda as espécies *Simia Caraya*, identificando-o como o *Stentor niger* de Saint-Hilaire⁷⁷³, *Simia guariba* que se assumiria mais tarde como uma espécie nova, embora não

772 Humboldt (1812c [1811])

773 Humboldt (1812c [1811]: p. 355)

tivesse sido inicialmente reconhecida por Humboldt⁷⁷⁴, *Simia aurita* identificando-o como o *Jacchus auritus* de Saint-Hilaire ⁷⁷⁵, *Simia humeralifera* identificando-o como o *Jacchus humeralifer* de Saint-Hilaire⁷⁷⁶, e por fim a espécie *Simia Geoffroyi* que Saint-Hilaire haveria referido como *Jacchus leucocephalus*⁷⁷⁷. Esta ligação direta ao trabalho de Saint-Hilaire (que como sabemos é datado do mesmo ano), leva-nos a considerar que de facto terão ambos trabalhado sobre o mesmo exemplar, trazido de Lisboa.

O caso do lince ibérico, *Lynx pardinus* Temminck, 1827, apresenta-se também ele como um exemplo interessante do aproveitamento de exemplares originários da expedição mas não diretamente das coleções da Ajuda. O zoólogo holandês Temminck descreveu a espécie na sua obra "*Description des mammifères nouveaux ou imparfaitement connus de la collection du Muséum d'Histoire Naturelle et Remarques sur la classification et les caracteres des mammifères.*" de 1827, e que como o próprio título claramente indica se baseava especificamente na descrição de espécimes presentes nas coleções do Muséum. Temminck não atribuirá a origem do exemplar à viagem de Saint-Hilaire a Lisboa. Segundo o zoólogo:

*"L'espèce se trouve dans le montagnes du Portugal, puisque le commerce reçoit des peaux préparées de Lisbonne, et que M. le baron de Vioménil tua, en 1818, sur les bords du Tage, à dix lieues de Lisbonne, un bel individu adulte, déposé aujourd'hui dans les galeries du musée de Paris."*⁷⁷⁸.

Esta omissão ter-se-á certamente devido a um erro na leitura da data associada ao exemplar. Temminck considerará 1818 como data de entrada do exemplar, trocando o "0" de 1808 pelo "1" de 1818. A confirmação deste erro está na própria base do espécime, ainda hoje existente nas colecções parisienses (MNHN - ZM -CG 2001-325), onde se pode ler "*Lynx tué en portugal, sur le bords du*

774 Humboldt (1812c [1811]: p. 355)

775 Humboldt (1812c [1811]: p. 360)

776 Humboldt (1812c [1811]: p. 360)

777 Humboldt (1812c [1811]: p. 360)

778 Temminck (1827: p. 116)

tage dans l'été de 1808 10 lieues [?] de Lisbonne, par M. le baron de Viomesnil, en douné par celuici à m. Geoffroy S. Hilaire a lisbonne le 6 7bre 1808.", bem como no próprio relatório elaborado por Desfontaines onde especificamente se refere à entrada de um "*lynx du Portugal qui n'avait pas été décrit*"⁷⁷⁹.

Para além dos espécimenes tipo, outros exemplares pelas suas características únicas e peculiares deram entrada nas coleções parisienses e foram conservadas até aos dias de hoje. Terá sido o caso de um espécime de hiena e do famoso jaguar melânico. No já referido livro ilustrado produzido pelos artistas Cipriano da Silva, Manuel Tavares da Fonseca, José António, da "Casa do Risco" do Real Gabinete de História Natural da Ajuda, intitulado "*Riscos De alguns Mammaes, Aves, e Vermes do Real Museo de Nossa Senhora d'Ajuda; Ditos de Peixes, e Vermes de Angola com o Prospecto da Embocadura do Rio Dande; Ditos De vários Animaes raros de Moçambique, com alguns Prospectos, e Retratos.*"⁷⁸⁰, representa vários animais que se encontrariam no Real Gabinete no final do século XVIII, início do século XIX, bem como alguns desenhos referentes às viagens de Manuel Galvão da Silva a Moçambique, onde se pode observar um exemplar de Hiena. Este exemplar representa certamente o exemplar de "*Hyena (Lobo de Angola)*" existente no Gabinete em 1794 e referido no "*Inventário geral e particular ...*"⁷⁸¹ e é, sem qualquer margem para dúvidas, o exemplar hoje presente em Paris. A análise comparativa entre o desenho presente no incunábulo do AHMB e o exemplar de Paris permite-nos observar as várias características que os ligam, nomeadamente a própria posição do exemplar, bem como as próprias características fenotípicas do animal em questão, particularmente a pigmentação dorsal, onde se pode retirar a correspondência direta entre as "pintas" apresentados no desenho e a "pintas" presentes no dorso do animal. No entanto existe uma diferença bem visível entre os dois. No desenho o exemplar apresenta a boca fechada, enquanto o espécimen naturalizado encontra-se com a boca aberta. Esta diferença é explicada pela

779 Daget & Saldanha (1989: p. 120)

780 AHMB Res. 1

781 Documento existente na Biblioteca Nacional do Brasil

comum remontagem de espécimes que ocorria no *Muséum*, o que, neste caso, aconteceu no ano seguinte à entrada do espécime no estabelecimento parisiense, informação presente na base do exemplar, onde se encontra escrito “*Remonté au Laboratoire en 1809*”. Cruzando estes dados com alguma informação referente a envios de material para o Real Gabinete, podemos então afirmar que o espécime, sendo a única Hiena de que se conhecem informações de existir no museu, será originário de Angola, tendo sido enviado por Joaquim José da Silva a 5 de Outubro de 1791⁷⁸². Um outro exemplo é o caso do exemplar melânico de Onça (*Panthera onca* Linnaeus 1758) existente no Gabinete da Ajuda e também transportado para Paris em 1808. Recentemente Daget & Saldanha⁷⁸³ e Cuisin⁷⁸⁴ tenham dado o exemplar como perdido, foi possível, através da comparação com os desenhos da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira, nos quais se encontram dois desenhos diferentes do respetivo exemplar (um deles no AHMB, e outro na Biblioteca Nacional do Brasil), mas também das próprias informações presentes na base do exemplar, localizar o espécime nas coleções parisienses.

A comparação entre o caso francês e o caso português é bastante reveladora da realidade científica portuguesa. Na posse de coleções ímpares e contendo inúmeras espécies desconhecidas para a ciência, os naturalistas portugueses pouco ou nada dedicaram ao seu estudo e publicação. Para além da descrição de novas espécies, os restantes espécimes levados de Lisboa compuseram as imensas galerias da *Gallerie de Zoologie* do *Muséum*, constituindo até à segunda metade do séc. XX uma importante fração das completas séries animais presentes no *Muséum*. Aí, constituir-se-iam como parte integrante de uma exposição que pretendia apresentar um retrato sobre o estado dos conhecimentos zoológicos, estando disponíveis quer a investigadores, a estudantes ou a simples curiosos. Para além disso, todos os espécimes, fossem eles tipos ou não, contribuiriam para o aumento do conhecimento sobre a distribuição de cada uma das espécies, sendo

782 Anónimo (1933)

783 Daget & Saldanha (1989)

784 Cuisin (2003)

direta ou indiretamente a base material de várias publicações científicas durante décadas. A importância destes espécimes é tão considerável que ainda hoje a sua conservação é fundamental para intensos debates no seio da comunidade científica mundial. Recentemente instalou-se uma viva controvérsia no seio da comunidade herpetológica internacional relativamente à nomenclatura da famosa Tartaruga Gigante de Aldabra, das ilhas Seicheles, até então classificada como *Dipsochelys gigantea* (Schweigger 1812)⁷⁸⁵.

Algumas razões têm sido apresentadas por vários autores para justificar o não cumprimento do programa subjacente às coleções da Ajuda, o de as estudar e publicar os novos conhecimentos daí extraídos, razões essas que se apresentam, face a uma análise cuidada e completa de toda a nova informação levantada, pouco corretas e por vezes pouco sustentadas. Uma das principais razões apontadas terá sido o próprio saque de Saint-Hilaire, que teria privado as coleções nacionais dos seus espécimes mais raros⁷⁸⁶. Ora este argumento, como tem sido demonstrado ao longo dos factos apresentados ao longo deste texto, apresenta-se como erróneo, visto serem vários os exemplares (senão mesmo a maioria) das espécies levadas para Paris, que se mantiveram duplicadas nas coleções nacionais durante décadas e que passaram quase que completamente despercebidos aos olhos da maioria dos naturalistas lusitanos⁷⁸⁷. Os testemunhos de Saint-Hilaire e do seu filho referem

785 Ceríaco & Bour (2012), Frazier (2009).

786 Almaça (1993) colocará a principal causa da não realização de estudos e publicações na missão de Saint-Hilaire a Portugal. "*Mas, não resultaram de toda esta actividade exploratória e científica publicações que fossem divulgadas e consagrassem os naturalistas portugueses. Isso se deveu, em parte, à incipiência do meio científico português da época, mas sobretudo ao saque das colecções efectuado por Geoffroy Saint-Hilaire, em 1808, quando da primeira invasão francesa. Este assunto tem sido muito debatido e é difícil, hoje, ter-se uma visão exacta da importância relativa dos acontecimentos que frustraram a realização científica dos nossos naturalistas.*" in Almaça (1993; p. 20).

787 Um dos exemplos deste esquecimento é que só em 1923, José Júlio Bethencourt Ferreira, à altura curador da secção herpetológica do Museu Bocage, irá dedicar um artigo exclusivamente dedicado aos espécimes de quelónios e de crocodilos provenientes da viagem de Alexandre Rodrigues Ferreira, e à altura ainda existentes nas coleções lisboetas. Ferreira refere a existência de 16 espécimes pertencentes a 4 espécies de crocodilos, bem como de 11, pertencentes a 9 espécies diferentes de tartarugas (Ferreira 1923).

que o zoólogo francês teria levado sobretudo duplicados⁷⁸⁸, argumento que, embora possa corresponder à realidade no que toca à globalidade da missão, é demasiado enviesado e desculpabilizador, pois sabemos que alguns dos espécimenes levados do museu representariam porventura exemplares únicos. Não podemos também de deixar de compreender a visita de Saint-Hilaire como parte integrante da invasão, onde apesar de o naturalista tentar pautar o seu comportamento de acordo com os cânones das relações entre naturalistas, o facto é que a sua posição e interesses eram reforçados pela força e apoio que tinha do invasor. Um outro argumento refere que o baralhar e extravio das etiquetas dos espécimenes, nomeadamente aqueles recolhidos por Alexandre Rodrigues Ferreira, terá impedido os naturalistas portugueses de levar a cabo a redação da obra iniciada com as "*viagens philosophicas*"⁷⁸⁹. No entanto, os naturalistas em

788 Em 1808, o próprio Saint-Hilaire afirmaria a propósito da sua missão em Portugal o seguinte: "*Le cabinet privé du prince du Brésil est à peu après le seul dépôt où je pus prendre les doubles; il était abondamment pourvu de productions du Brésil, et c'étaient ces productions du Brésil, dont le Muséum d'Histoire Naturelle ne possédait presque aucune, qui m'avaient engagé à entreprendre un voyage dans les Espagnes. [...] Je l'ai pu avec un succès complet, à cause de la grande quantité des objets de cette contrée, accumulés dans le cabinet Royal ou d'Ajuda; ils y étaient tellement entassés qu'on me peut s'apercevoir qu'on l'ait dédoublé: aussi, malgré cette opération le Cabinet d'Ajuda conserve son ancienne splendeur et continuera à entretenir le goût de l'histoire naturelle parmi les Portugais.*" in Hamy (1908: p. 54). Refere o seu filho, Isidore Geoffroy Saint-Hilaire em 1847 a este respeito: "*Les directeurs des Cabinets d'histoire naturelle d'Ajuda n'eurent pas moins à se louer de lui. Dans ces riches dépôts, appartenant au roi, il fit une ample moisson, et pourtant, il ne les quitta pas sans avoir mérité l'estime et la reconnaissance des naturalistes portugais. Les collections, lorsqu'il vint en Portugal, n'étaient qu'un amas d'objets non déterminés, offerts en spectacle à la curiosité publique bien plutôt qu'aux études et aux recherches des savants. Lorsqu'il quitta Lisbonne, emportant plusieurs caisses d'échantillons minéralogiques, de plantes, d'animaux brésiliens, le Musée, débarrassé d'un grand nombre de doubles inutiles, bien plutôt qu'appauvri, avait pris un aspect tout nouveau: une partie des espèces était déjà scientifiquement déterminée; l'ordre méthodique avait été introduit; et la précieuse série de minéraux, apportée de Paris par Geoffroy Saint-Hilaire, avait remplacé les objets choisis par lui. Ainsi se réalisa le plan qu'il s'était tracé à son départ; il enrichit à la fois la France par le Portugal et le Portugal par la France, et mérita doublement de la science.*" in Saint-Hilaire (1847: p. 181-182). O próprio Vandelli, logo em 1808 vai relatar a António Rodrigues de Oliveira, responsável pela Comissão do Ministério do reino que: "*Instei com o Geoffroy para deixar o cobre nativo, por ser enorme o seu peso, e dificultoso o transporte por terra, e porque era o principal ornato deste Museo; e ficassem os animaes, que como desconhecidos dos Naturalistas, eu e meu filho moço da sua Real Camera tinhamos descriptos, sendo os maes animaes por elle escolhidos quase todos duplicados, exceptuando as conchas, e algumas especies de macacos; o que alcancei.*" in ANTT, Ministerio do Reino, maço 279, Cavalariças Reaes. Estas declarações, tendo em conta os factos relatados acima, não devem portanto considerar-se como "declarações de ocasião" mas sim relatos verídicos e de boa fé.

789 Barbosa du Bocage (1862) atribuirá a não realização dos estudos sobre as coleções de Alexandre Rodrigues Ferreira ao suposto estado em que as coleções se encontravam "*deteriorados*

França terão também eles sido confrontados com esta mesma condição de falta de informações detalhadas, o que não os impediria de levar a cabo o estudo e publicação dos seus trabalhos. Por outro lado existe também a argumentação de que, devido aos interesses políticos e económicos portugueses no Brasil e restantes colónias, a publicação dos dados relativos a estas possessões estaria sujeita a uma censura decorrente do segredo de Estado. Se estas informações poderiam ser consideradas sensíveis e de elevado risco em áreas como as questões geográficas, ligadas à extração de minérios ou ainda a produções com uso económico⁷⁹⁰, ao nível da zoologia ou da botânica este secretismo não faria sentido. Desconsideradas todas estas hipóteses resta-nos render à suprema evidência deste trabalho não ter sido feito por motivos muito mais prosaicos, a falta de naturalistas especializados e dedicados, e a insuficiência de apoios a nível governamental, opinião esta reconhecida também por Saint-Hilaire⁷⁹¹ e fortemente justificada por todas as circunstâncias já aqui descritas⁷⁹².

na maior parte e confundidos todos, perdidos ou trocados os números e etiquetas que traziam." in Bocage (1862: p. 4).

790 Não terá sido também esse o caso, visto que Vandelli publicará várias memórias ligadas aos produtos naturais de interesse económico das colónias, bem como a minérios brasileiros nas Memórias da Real Academia das Ciências de Lisboa, no final do século XVIII.

791 De acordo com Saint-Hilaire, em relatório enviado ao ministro do Interior Francês, refere que o próprio Vandelli lhe terá comunicado que um dos principais problemas em Portugal seria a falta de especialistas, reforçando a Saint-Hilaire a ideia de que em Paris essas coleções seriam muito mais úteis, e que em Lisboa se degradariam sem utilidade. (Daget & Saldanha, 1989: p. 82).

792 *"Há, no entanto, uma dimensão que não pode ser esquecida e que cremos constituir, essa sim, uma limitação estrutural e que é de ordem humana e material. Como poderia um programa de investigação naturalista (sabendo-se que empenharia, como no Muséum parisiense, equipas de labor quase vitalício) ser praticado num estabelecimento dirigido por um alquebrado septuagenário e por um doente crónico entrevado, sendo depois substituídos por um botânico jubilado da Universidade, debilitado por constantes enfermidades? Mais ainda: a estes dirigentes se reduzia o quadro de naturalistas profissionais com formação técnica superior; outros funcionários dispunham apenas de formação intermédia cumprindo funções de apoio (preparadores do museu, desenhadores e gravadores, jardineiros-botânicos). Por outro lado, o contexto administrativo e financeiro durante os atribulados anos de 1808 a 1836 é de corte de despesas e de despedimento de pessoal, mantendo-se a tendência inaugurada pela administração Junot. [...]. É difícil, pois, imaginar que tal programa de pesquisa pudesse ter sido cumprido entre nós mesmo que as colecções que legitimamente pertenciam aos que as tinham esforçadamente colectado não tivessem sido songadas em proveito de outra comunidade museológica e científica que, provida de poderosos meios, as descreveu, classificou e incorporou como suas." in Brigola (2003: p 359-361).*

Tabela 5 - Espécimens de peixes originários da remessa de Geoffroy Saint Hilaire atualmente presentes nas coleções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris.

Nome científico actual	Nome científico original	Descrição original	Espécimen tipo	Número de referência
Filo: Chordata Classe: Chondrichthyes Ordem: Myliobatiformes				
Número de espécimens: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimens tipo: 1				
<i>Potamotrygon motoro</i> Muller & Henle, 1841	<i>Trygon motoro</i> Muller & Henle, 1841	Muller & Henle, 1841. Systematische Beschreibung der Plagiostomen Pp. 197	-	2619
Filo: Chordata Classe: Actinopterygii Ordem: Osteoglossiformes				
Número de espécimens: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimens tipo: 1				
<i>Arapaima gigas</i> Schinz, 1822	<i>Sudis gigas</i> Schinz, 1822	Schinz. 1822. Das Thierreich eingetheilt nach dem Bau der Thiere als Grundlage ihrer Naturgeschichte und der vergleichenden Anatomie. Vol. 2. Pp. 305.	x	A 8837
Filo: Chordata Classe: Actinopterygii Ordem: Siluriformes				
Número de espécimens: 13 Número de espécies: 12 Número de espécimens tipo: 10				
<i>Phractocephalus hemiliopterus</i> Bloch & Schneider, 1801	<i>Phractocephalus hemiliopterus</i> Bloch & Schneider, 1801	Bloch & Schneider 1801. Systema Ichthyologiae. Pp. 385	-	A 9425
<i>Phractocephalus hemiliopterus</i> Bloch & Schneider, 1801	<i>Phractocephalus hemiliopterus</i> Bloch & Schneider, 1801	<i>idem</i>	-	A 8835
<i>Hemisorubim platyrhynchos</i> Valenciennes, 1840	<i>Platystoma platyrhynchos</i> Valenciennes, 1840	Cuvier & Valenciennes. 1840. Histoire naturelle des poissons, Vol. 15. Pp. 27	x	1203
<i>Sorubim lima</i> Schneider & Bloch, 1801	<i>Silurus lima</i> Schneider & Bloch, 1801	Bloch & Schneider 1801. Systema Ichthyologiae. Pp. 384	-	A 9351
<i>Luciopimelodus pati</i> Valenciennes, 1836	<i>Pimelodus pati</i> Valenciennes, 1836 ¹ ; <i>Pimelodus pati</i> Cuvier & Valenciennes, 1840 ²	Valenciennes. 1836. Voyage dans l'Amérique méridionale. Pp. XX ¹ ; Cuvier & Valenciennes. 1840. Histoire Naturelle des Poissons, Vol. 15. Pp. 176 ²	x	A 9418
<i>Zungaro zungaro</i> Humboldt em Humboldt & Valenciennes 1821 [1833]	<i>Pimelodus zungaro</i> Humboldt, 1821 ¹ ; <i>Pimelodus mangurus</i> Valenciennes 1836 ² ; <i>Pimelodus mangurus</i> Cuvier & Valenciennes, 1840 ³	Humboldt & Valenciennes. 1821 [1833]. Recherches sur les poissons fluviatiles de l'Amérique Équinoxiale. In: Voyage de Humboldt et Bonpland, Deuxième partie. Observations de Zoologie et d'Anatomie comparée. Paris. Pp. 170 ¹ Valenciennes. 1836. Voyage dans l'Amérique méridionale. Pp. XX ² ; Cuvier & Valenciennes. 1840. Histoire Naturelle des Poissons, Vol. 15. Pp. 156 ³	(x)*	A 9417
<i>Pseudoplatystoma tigrinum</i> Valenciennes, 1840	<i>Platystoma tigrinum</i> Valenciennes, 1840	Cuvier & Valenciennes. 1840. Histoire naturelle des poissons. Vol. 15. Pp. 10	x	A 9354
<i>Trachycorystes trachycorystes</i> Valenciennes, 1840	<i>Auchenipterus trachycorystes</i> Valenciennes, 1840	Cuvier & Valenciennes. 1840. Histoire naturelle des poissons. Vol. 14. Pp. 10	x	A 9422
<i>Pterodoras granulosus</i> Valenciennes em Humboldt & Valenciennes 1821	<i>Doras granulosus</i> Valenciennes em Humboldt & Valenciennes 1821 ¹ ; <i>Doras granulosus</i> Cuvier & Valenciennes, 1840 ²	Humboldt & Valenciennes. 1821 [1833]. Recherches sur les poissons fluviatiles de l'Amérique Équinoxiale. Pp. 184 ¹ ; Cuvier & Valenciennes. 1840. Histoire Naturelle des Poissons, Vol. 15. Pp. 291 ²	x	4187
<i>Oxydoras niger</i> Valenciennes em Humboldt & Valenciennes 1821	<i>Doras niger</i> Valenciennes em Humboldt & Valenciennes 1821 ¹ ; <i>Doras niger</i> Cuvier & Valenciennes, 1840 ²	Humboldt & Valenciennes. 1821 [1833]. Recherches sur les poissons fluviatiles de l'Amérique Équinoxiale. Pp. 184 ¹ ; Cuvier & Valenciennes. 1840. Histoire Naturelle des Poissons, Vol. 15. Pp. 291 ²	x	4189
<i>Anduzedoras oxyrhynchus</i> Valenciennes em Humboldt & Valenciennes 1821	<i>Doras oxyrhynchus</i> Valenciennes em Humboldt & Valenciennes 1821 ¹ ; <i>Doras oxyrhynchus</i> Cuvier & Valenciennes, 1840 ²	Humboldt & Valenciennes. 1821 [1833]. Recherches sur les poissons fluviatiles de l'Amérique Équinoxiale. Pp. 184 ¹ ; Cuvier & Valenciennes. 1840. Histoire Naturelle des Poissons, Vol. 15. Pp. 291 ²	x	4190

<i>Hypostomus emarginata</i> Valenciennes em Cuvier & Valenciennes 1840	<i>Hypostomus emarginatus</i> Valenciennes em Cuvier & Valenciennes 1840	Cuvier & Valenciennes 1840. Histoire naturelle des poissons. Vol 15. Pp. 500	x	A 9447
<i>Vandellia cirrhosa</i> Valenciennes, 1846	<i>Vandellia cirrhosa</i> Valenciennes, 1846	Cuvier & Valenciennes. 1846. Histoire naturelle des poissons. Vol 18. Pp. 386	x	A 6308
Filo: Chordata Classe: Actinopterygii Ordem: Perciformes				
Número de espécimens: 18 Número de espécies: 14 Número de espécimens tipo: 5				
<i>Cichla temensis</i> Humboldt em Humboldt & Valenciennes 1821	<i>Cichla temensis</i> Humboldt em Humboldt & Valenciennes 1821	Humboldt & Valenciennes. 1821 [1833]. Recherches sur les poissons fluviatiles de l'Amérique Équinoxiale. Pp. 169	-	A 8324
<i>Cichla temensis</i> Humboldt em Humboldt & Valenciennes 1821	<i>Cichla temensis</i> Humboldt em Humboldt & Valenciennes 1821	<i>idem</i>	-	A 8325
<i>Cichla ocellaris</i> Schneider & Bloch, 1801	<i>Cichla ocellaris</i> Schneider & Bloch, 1801 ¹ ; <i>Cichla argus</i> Valenciennes em Humboldt & Valenciennes 1821 ²	Bloch & Schneider. 1801. Systema Ichthyologiae. Pp. 340 ¹ ; Humboldt & Valenciennes. 1821 [1833]. Recherches sur les poissons fluviatiles de l'Amérique Équinoxiale. Pp. 169 ²	(x)*	A 1042
<i>Cichla ocellaris</i> Schneider & Bloch, 1801	<i>Cichla ocellaris</i> Schneider & Bloch, 1801	Bloch & Schneider. 1801. Systema Ichthyologiae. Pp. 340	-	A 9492
<i>Geophagus surinamensis</i> Bloch, 1791	<i>Lutjanus surinamensis</i> Bloch, 1791	Bloch. 1791. Naturgeschichte der Ausländischen Fische. Vol. 5. Pp. 3	-	A 8322
<i>Geophagus surinamensis</i> Bloch, 1791	<i>Lutjanus surinamensis</i> Bloch, 1791	<i>idem</i>	-	A 8323
<i>Sparisoma cretense</i> Linnaeus, 1758	<i>Labrus cretensis</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus. 1758. Pp. 282	-	A 8219
<i>Scarus coelestinus</i> Valenciennes em Cuvier & Valenciennes 1840	<i>Scarus coelestinus</i> Valenciennes em Cuvier & Valenciennes 1840	Cuvier & Valenciennes. 1840. Histoire naturelle des poissons. Vol. Pp. 180	x	B 2041
<i>Diplodus sargus</i> Linnaeus, 1758	<i>Sparus sargus</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus. 1758. Systema naturae. Pp. 278	-	A 8102
<i>Diplodus fasciatus</i> Valenciennes em Cuvier & Valenciennes 1830	<i>Sargus fasciatus</i> Valenciennes em Cuvier & Valenciennes 1830	Cuvier & Valenciennes. 1830. Histoire Naturelle des Poissons. Vol. 6 Pp. 59	x	A 8099
<i>Diplodus fasciatus</i> Valenciennes em Cuvier & Valenciennes 1830	<i>Sargus fasciatus</i> Valenciennes em Cuvier & Valenciennes 1830	<i>idem</i>	x	A 8100
<i>Chaetodipterus faber</i> Broussonet, 1782	<i>Chaetodon faber</i> Broussonet, 1782 ¹ ; <i>Ephippus gigas</i> Cuvier 1831 ²	Broussonet. 1782. Ichthyologia, sistems piscium descriptiones et icones. Decas I. Pp. 27 ¹ ; Cuvier. 1829. Le Règne Animal, distribué d'après son organisation, pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée. Edition 2. Vol. 2. Pp. 191 ²	(x)*	A 7807
<i>Pseudopercis semifasciata</i> Cuvier, 1829	<i>Percis semifasciata</i> Cuvier, 1829	Cuvier & Valenciennes. 1829. Histoire naturelle des poissons. Vol 3 . Pp. 276. (Pl 62)	x	A 7763
<i>Lutjanus bohar</i> Forsskal, 1775	<i>Sciaena bohar</i> Forsskal, 1775	Forsskal. 1775. Descriptiones animalium quae in itinere ad Maris Australis terras per annos 1772 1773 et 1774 suscepto. Pp. 46	-	A 7730
<i>Epinephelus marginatus</i> Lowe, 1834	<i>Epinephelus gvaza</i> Linnaeus, 1758 ¹ ; <i>Serranus marginatus</i> Lowe, 1834 ² .	Linnaeus. 1758. Systema naturae. Pp. 285 ¹ ; Lowe. 1834. Proceedings of the General meetings for Scientific Business of the Zoological Society of London. Pp. 142 ² .	-	A 7678

<i>Siganus punctatus</i> Schneider & Forster, 1801	<i>Amphacanthus punctatus</i> Schneider & Forster, 1801	Schneider & Forster. 1801. Systema Ichthyologiae. Pp. 210.	-	A 7494
<i>Astrocopus y-graecum</i> Cuvier, 1829	<i>Uranoscopus y- graecum</i> Cuvier, 1829	Cuvier & Valenciennes. 1829. Histoire naturelle des poissons. Vol. 3. Pp. 308	x	A 5602
<i>Capros aper</i> Linnaeus, 1758	<i>Zeus aper</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus. 1758. Systema naturae. Pp. 267	-	A 5548
Filo: Chordata Classe: Actinopterygii Ordem: Syngnathiformes Número de espécimenes: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimenes tipo: 0				
<i>Fistularia tabacaria</i> Linnaeus, 1758	<i>Fistularia tabacaria</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus. 1758. Systema naturae. Pp. 312	-	A 4812
Phylum: Chordata Class: Actinopterygii Order: Characiformes Número de espécimenes: 12 Número de espécies: 11 Número de espécimenes tipo: 11				
<i>Chalceus macrolepidotus</i> Cuvier, 1818	<i>Chalceus macrolepidotus</i> Cuvier, 1818	Cuvier. 1818. Memoires du Museum National d'Histoire Naturelle (N. S.) (Série A) Zoologie . Vol. 4. Pp. 454	x	2634
<i>Tetragonopterus argenteus</i> Cuvier, 1816	<i>Tetragonopterus argenteus</i> Cuvier, 1816	Cuvier. 1816. Le Règne Animal distribué d'après son organisation pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée. Les reptiles, les poissons, les mollusques et les annélides. Pp. 166	x	A 9807
<i>Hydrolycus scomberoides</i> Cuvier, 1819	<i>Cynodon scomberoides</i> Cuvier, 1819	Cuvier. 1819. Memoires du Museum National d'Histoire Naturelle (N. S.) (Série A) Zoologie . Vol.5. Pp. 357.	x	A 8659
<i>Acestrorhynchus falcirostris</i> Cuvier 1819	<i>Hydrocyon falcirostris</i> Cuvier 1819 ¹ ; <i>Xiphorhamphus macrolepis</i> Steindachner, 1877 ²	Cuvier. 1819. Memoires museum histoire naturelle 5: 359 ¹ ; Steindachner 1877. Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften. Mathematisch- Naturwissenschaften Classe 74. Pp. 594 ²	(x)*	A 8604
<i>Salminus brasiliensis</i> Cuvier, 1816	<i>Hydrocynus brasiliensis</i> Cuvier, 1816 ¹ ; <i>Hydrocyon brevidens</i> Cuvier 1819 ² ; <i>Salminus cuvieri</i> Valenciennes 1849 ³ .	Cuvier. 1816. Le Règne Animal distribué d'après son organisation pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée. Les reptiles, les poissons, les mollusques et les annélides. Pp. 167 ¹ ; Cuvier, G. 1819. Mémoires du Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris (N. S.) (Série A) Zoologie Vol. 5. Pp. 364 ² ; Cuvier & Valenciennes . 1849. Histoire naturelle des poissons. Vol. 22. Pp. 56 ³	x	A 8555
<i>Colossoma macropomum</i> Cuvier, 1816	<i>Myletes macropomus</i> Cuvier, 1816	Cuvier. 1816. Le Règne Animal distribué d'après son organisation pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée. Les reptiles, les poissons, les mollusques et les annélides. Pp. 185	x	A 8626
<i>Piaractus brachypomus</i> Cuvier, 1818	<i>Myletes brachypomus</i> Cuvier, 1818	Cuvier. 1818. Memoires du Museum National d'Histoire Naturelle (N. S.) (Série A) Zoologie . Vol. 4. Pp. 452	x	A 8627
<i>Myloplus rubripinnis</i> Troschel & Muller, 1844	<i>Myletes rubripinnis</i> Troschel & Muller, 1844 ¹ ; <i>Myletes luna</i> Valenciennes, 1850 ²	Müller & Troschel 1844. Archiv für Naturgeschichte Vol. 10 (pt 1) Pp. 97 ¹ ; Cuvier & Valenciennes. 1850. Histoire naturelle des poissons. Vol. 22. Pp. 221 ²	(x)*	A 8633
<i>Mylossoma duriventre</i> Cuvier, 1818	<i>Myletes duriventris</i> Cuvier, 1818	Cuvier. 1818. Memoires du Museum National d'Histoire Naturelle (N. S.) (Série A) Zoologie . Vol. 4. Pp. 451	x	A 9891
<i>Mylossoma duriventre</i> Cuvier, 1818	<i>Myletes duriventris</i> Cuvier, 1818	<i>idem</i>	x	A 9864
<i>Catoprion mento</i> Cuvier, 1819	<i>Serrasalmus mento</i> Cuvier, 1819	Cuvier. 1819. Memoires du Museum National d'Histoire Naturelle (N. S.) (Série A) Zoologie, Vol. 5. Pp 369 (pl 28)	x	A 9868
<i>Boulengerella lucius</i> Cuvier, 1819	<i>Hydrocynus lucius</i> Cuvier, 1819	Cuvier. 1819. Le Règne Animal distribué d'après son organisation pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée. Les reptiles, les poissons, les mollusques et les	x	A 8601

		annélides. Vol. 2. Pp. 168		
Filo: Chordata Classe: Actinopterygii Ordem: Pleuronectiformes				
Número de espécimes: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimes tipo: 0				
<i>Achirus achirus</i> Linnaeus, 1758	<i>Pleuronectes achirus</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus. 1758. Systema naturae. Pp. 268	-	A 8753
Filo: Chordata Classe: Actinopterygii Ordem: Aulopiformes				
Número de espécimes: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimes tipo: 1				
<i>Lethrinus atlanticus</i> Valenciennes, 1840	<i>Lethrinus atlanticus</i> Valenciennes, 1840	Valenciennes. 1840. Histoire naturelle des Poissons. Vol 6. Pp. 275	x	9806
Filo: Chordata Classe: Actinopterygii Ordem: Tetradontiformes				
Número de espécimes: 4 Número de espécies: 4 Número de espécimes tipo: 0				
<i>Balistes capriscus</i> Gmelin, 1789	<i>Balistes capriscus</i> Gmelin, 1789	Gmelin 1789. Caroli a Linné ... Systema Naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species Pp. 1471	-	A 8518
<i>Arothron immaculatus</i> Schneider & Bloch, 1801	<i>Tetrodon immaculatus</i> Schneider & Bloch, 1801	Bloch & Schneider. 1801. Systema Ichthyologiae. Pp. 507	-	A 8338
<i>Sphoeroides testudineus</i> Linnaeus, 1758	<i>Tetrodon immaculatus</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus. 1758. Systema naturae. Pp. 332	-	B 3005
<i>Lactoria cornuta</i> Linnaeus, 1758	<i>Ostracion cornutus</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus. 1758. Systema naturae. Pp. 331	-	B 3006
Filo: Chordata Classe: Actinopterygii Ordem: Gymnotiformes				
Número de espécimes: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimes tipo: 0				
<i>Rhamphichthys rostratus</i> Linnaeus, 1766	<i>Gymnotus rostratus</i> Linnaeus, 1766	Linnaeus. 1766. Systema naturae. Pp. 428	-	3956
* Os espécimes consideram-se actualmente como holótipos de espécies não reconhecidas, sendo o <i>nomen</i> que representam considerado como sinónimos da nomenclatura actualmente aceite. Todos os espécimes aqui referidos foram vistos e fotografados nas colecções do Muséum national d'Histoire Naturelle de Paris, por Luis Ceriaco e Mariana Marques em Setembro de 2011.				

Tabela 6 - Espécimes de anfíbios e répteis originários da remessa de Geoffroy Saint Hilaire atualmente presentes nas coleções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris.

Nome científico actual	Nome científico original	Descrição original	Espécimen tipo	Número de referência
Filo: Chordata Classe: Amphibia Ordem: Caudata				
Número de espécimes: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimes tipo: 0				
<i>Pleurodeles waltl</i> Michaelles, 1830	<i>Pleurodeles waltl</i> Michaelles, 1830	Michahelles 1830. Ísis von Oken. Vol. 23 Pp. 195.	-	3406 4660
Filo: Chordata Classe: Reptilia Ordem: Testudines				
Número de espécimes: 3 Número de espécies: 3 Número de espécimes tipo: 3				
<i>Phrynops geoffroanus</i> Schweigger, 1812	<i>Emys geoffroana</i> Schweigger, 1812	Schweigger. 1812. Prodromus monographiae Cheloniorum. Pp 302	x	9417 To.0671-1
<i>Chelonoidis denticulata</i> Linnaeus, 1766	<i>Testudo denticulata</i> Linnaeus, 1766; <i>Testudo gigantea</i> Schweigger, 1812 ²	Linnaeus. 1766. Systema Naturae. Pp. 352 ¹ ; Schweigger. 1812. Prodromus monographiae Cheloniorum. Pp 327 ²	(x)*	9554 To.0430-37
<i>Podocnemis expansa</i> Schweigger, 1812	<i>Emys expansa</i> Schweigger, 1812	Schweigger. 1812. Prodromus monographiae Cheloniorum. Pp 299	x	7997
Filo: Chordata Classe: Reptilia Ordem: Crocodylia				
Número de espécimes: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimes tipo: 0				
<i>Caiman crocodilus</i> Linnaeus, 1758	<i>Lacerta crocodilus</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus. 1758. Systema naturae. Pp. 200	-	7773
Filo: Chordata Classe: Reptilia Ordem: Squamata				
Número de espécimes: 3 Número de espécies: 3 Número de espécimes tipo: 3				
<i>Plica plica</i> Linnaeus, 1758	<i>Lacerta plica</i> Linnaeus, 1758 ¹ ; <i>Hypsibates punctatus</i> Duméril & Bibron, 1837 ² .	Linnaeus 1758. Systema naturae Vol 1Pp. 208 ¹ ; Duméril & Bibron. 1837. Érpétologie générale ou histoire naturelle complete des Reptiles, Vol. 4 Pp. 258 ²	(x)*	2387 Lg 641 1
<i>Chioninia coctei</i> Duméril & Bibron, 1839	<i>Euprepes coctei</i> Duméril & Bibron, 1839	Duméril & Bibron. 1839. Érpétologie générale ou histoire naturelle complete des Reptiles, Vol. 5 Pp. 666	x	8299 Sc 371
<i>Hoplocercus spinosus</i> Fitzinger, 1843	<i>Hoplocercus spinosus</i> Fitzinger, 1843	Fitzinger. 1843. Systema Reptilium, Fasciculus Primus. Pp. 78	x	0.2397
Todos os espécimes aqui referidos foram vistos e fotografados nas coleções do Muséum national d'Histoire Naturelle de Paris, por Luis Ceríaco e Mariana Marques em Setembro de 2011.				
* Os espécimes consideram-se actualmente como holótipos de espécies não reconhecidas, sendo o <i>nomen</i> que representam considerado como sinónimos da nomenclatura actualmente aceite.				

Tabela 7 - Espécimenes de aves originárias da remessa de Geoffroy Saint Hilaire atualmente presentes nas coleções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris.

Nome científico actual	Nome científico original	Descrição original	Espécimen tipo	Número de referência
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Apodiformes				
Número de espécimenes: 4 Número de espécies: 4 Número de espécimenes tipo: 0				
<i>Leucochloris albicollis</i> Vieillot, 1818	<i>Trochilus albicollis</i> Vieillot, 1818	Vieillot. 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 23. P. 426	-	?
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> Vieillot, 1818	<i>Trochilus cirrochloris</i> Vieillot, 1818	Vieillot. 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 23. P. 430	-	4615
<i>Melanotrochilus fuscus</i> Vieillot, 1818	<i>Trochilus fuscus</i> Vieillot, 1818	Vieillot. 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 7. P. 348	-	?
<i>Calliphlox amethystina</i> Boddaert, 1783.	<i>Trochilus amethystinus</i> "Daubeton" Bodaert, 1783.	Boddaert. 1783. <i>Tables Planches Enluminées</i> . P. 41	-	5150
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Psittaciformes				
Número de espécimenes: 9 Número de espécies: 9 Número de espécimenes tipo: 0				
<i>Brotogeris sanctithomae</i> Muller, 1776	<i>Psittacus St. Thoma</i> Muller, 1776	Muller. 1776. <i>Linné Natursyst., Supl.</i> P. 81	-	Nº 1154
<i>Brotogeris tirica</i> Gmelin, 1788	<i>Psittacus tirica</i> Gmelin, 1788	Gmelin. 1788. <i>Systema Naturae</i> Vol I Pp.351	-	Nº 1110
<i>Brotogeris versicolorus</i> Muller, 1776	<i>Psittacus versicolorus</i> Muller, 1776	Muller. 1776. <i>Linné Natursyst., Supl.</i> Pp. 75	-	Nº 1114
<i>Amazona vinacea</i> Kuhl, 1820	<i>Psittacus vinaceus</i> Kuhl, 1820	Kuhl. 1820. <i>Nova Acta (Verhandlungen) Academia Caesarea Leopoldino-Carolina Germanica Naturae Curisorum</i> 10 Pp. 77	-	Nº 1217
<i>Amazona aestiva</i> Linnaeus, 1758	<i>Psittacus aestivus</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus 1758. <i>Systema naturae</i> , Vol. 1. Pp. 101	-	Nº 1182
<i>Pionopsitta pileata</i> Scopoli, 1769	<i>Psittacus pileatus</i> Scopoli, 1769	Scopoli. 1769. <i>Annus I Hist.-Natu.</i> Pp.32	-	Nº 1259
<i>Forpus passerinus</i> Linnaeus, 1758	<i>Psittacus passerinus</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus 1758. <i>Systema naturae</i> , Vol. 1. Pp. 103	-	Nº 2349
<i>Aratinga solstitialis</i> Linnaeus, 1758	<i>Psittacus solstitialis</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus 1758. <i>Systema naturae</i> , Vol. 1. Pp. 97	-	Nº 1119
<i>Pionopsitta vulturina</i> Kuhl, 1820	<i>Psittacus vulturinus</i> Kuhl, 1820	Kuhl. 1820. <i>Nova Acta (Verhandlungen) Academia Caesarea Leopoldino-Carolina Germanica Naturae Curisorum</i> 10 p.62	-	Nº 1239
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Galliformes				
Número de espécimenes: 2 Número de espécies: 2 Número de espécimenes tipo: 0				
<i>Crax fasciolata pinima</i> Pelzeln, 1870	<i>Crax pinima</i> "Natterer MS." Pelzeln, 1870	Pelzeln. 1870. <i>Orn. Brasiliens, Abth.</i> 3, Pp.287,341	-	1096
<i>Odontophorus gujanensis</i> Gmelin, 1789	<i>Tetrao gujanensis</i> Gmelin, 1789	Gmelin. 1789. <i>Systema Naturae</i> , Vol I Pp. 767.	-	12521
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Tinamiformes				
Número de espécimenes: 3 Número de espécies: 3 Número de espécimenes tipo: 1				
<i>Tinamus major</i> Gmelin, 1789	<i>Tetrao major</i> Gmelin, 1789	Gmelin. 1789. <i>Systema Naturae</i> , Vol I, Pp.767	-	?
<i>Tetrax tetrax</i> Linnaeus 1758	<i>Otis tetrax</i> Linnaeus 1758	Linnaeus 1758. <i>Systema naturae</i> , Vol. 1. Pp. 154	-	13783
<i>Crypturellus obsoletus</i> Temminck, 1815	<i>Tinamus obsoletus</i> Temminck, 1815	Temminck, 1815. <i>Histoire naturelle générale des pigeons et des gallinaces</i> , Vol.3 pp. 588, 751	x	1315
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Gruiformes				
Número de espécimenes: 2 Número de espécies: 2 Número de espécimenes tipo: 0				
<i>Pardirallus nigricans</i> Vieillot, 1819	<i>Rallus nigricans</i> Vieillot, 1819	Vieillot, 1819. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 28. P. 560	-	?
<i>Psophia viridis</i> Spix, 1825	<i>Psophia viridis</i> Spix, 1825	Spix, 1825. <i>Avium species Novae Itinere Brasiliam</i> , 2, P. 66, pl. 83	-	?
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Anseriformes				
Número de espécimenes: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimenes tipo: 0				
<i>Plectropterus gambensis</i> Linnaeus, 1766	<i>Anas gambensis</i> Linnaeus, 1766	Linnaeus 1766. <i>Systema naturae</i> , Vol 1. Pp. 195	-	Nº 15069

Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Accipitriformes				
Número de espécimenes: 4		Número de espécies: 3		Número de espécimenes tipo: 3
<i>Accipiter superciliosus</i>	<i>Falco superciliosus</i> Linnaeus, 1758 ¹ ; <i>Sparvius subniger</i> Vieillot 1817 ² ; <i>Nisus malfini</i> Lesson 1831 ³	Linnaeus, 1758. <i>Systema naturae</i> , Vol. 1. Pp. 128 ¹ ; Vieillot. 1817. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 10. Pp. 319 ² ; Lesson. 1830 <i>Traité Orn.</i> Vol. 1 p 58 ³	(x)*	C.G. 1999 Nº 2163
<i>Accipiter superciliosus</i>	<i>Falco superciliosus</i> Linnaeus, 1758 ¹ ; <i>Sparvius subniger</i> Vieillot, 1817 ² ; <i>Nisus malfini</i> Lesson, 1831 ³	Linnaeus, 1758. <i>Systema naturae</i> , Vol. 1. Pp. 128 ¹ ; Vieillot. 1817. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 10. Pp. 319 ² ; Lesson. 1830 <i>Traité Orn.</i> Vol. 1 p 58 ³	(x)*	C.G. 1999 Nº 2164
<i>Accipiter striatus</i> Vieillot, 1807	<i>Accipiter striatus</i> Vieillot, 1807	Vieillot, 1807. <i>Histoire Naturelle des Oiseaux de l'Amérique Septentrionale</i> , Vol. 1, p. 42, pl. 14	-	Nº 622
<i>Micrastur ruficollis</i> Vieillot, 1817	<i>Sparvius ruficollis</i> Vieillot, 1817	Vieillot. 1817. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 10. Pp. 322;	x	C.G. 2001 Nº 397
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Falconiformes				
Número de espécimenes: 2		Número de espécies: 2		Número de espécimenes tipo: 1
<i>Ibycter americanus</i> Boddaert, 1783	<i>Falco americanus</i> Boddaert, 1783	Boddaert. 1783. <i>Table des Planches Enluminées d'Histoire Naturelle de M. D'Aubenton</i> . p.25	-	Nº 60
<i>Daptrius ater</i> Vieillot, 1816	<i>Ibycter ater</i> Vieillot, 1816	Vieillot. 1816. <i>Analyse D'Une Nouvelle Ornithologie Élémentaire</i> p.68.	x	C.G. 2001 Nº398
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Coraciformes				
Número de espécimenes: 1		Número de espécies: 1		Número de espécimenes tipo: 1
<i>Baryphthengus ruficapillus</i> Vieillot, 1818	<i>Baryphonus ruficapillus</i> "Levailant" Vieillot, 1818	Vieillot. 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol 21. Pp. 315	x	Nº 3315
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Piciformes				
Número de espécimenes: 9		Número de espécies: 9		Número de espécimenes tipo: 5
<i>Melanerpes flavifrons rubiventris</i> Vieillot, 1818	<i>Picus rubiventris</i> "Azara nº 255" Vieillot, 1818 ¹ ; <i>Picus flavifrons</i> "Azara nº 255" Vieillot, 1818 ²	Vieillot. 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 26. Pp. 103 ¹ ; Vieillot. 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 26. Pp. 75 ² ;	x	541
<i>Piculus flavigula erythropis</i> Vieillot, 1818	<i>Picus erythropis</i> Vieillot 1818	Vieillot. 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol 26. Pp. 98.	x	2349
<i>Piculus chrysochloros polyzonus</i> Valenciennes, 1826	<i>Picus polyzonus</i> Valenciennes, 1826	Valenciennes. 1826. <i>Dictionnaire des Sciences Naturelles</i> , Vol 40 Pp. 170.	x	2338
<i>Colaptes melanochloros</i> Gmelin, 1788	<i>Picus melanochloros</i> Gmelin, 1788	Gmelin. 1788. <i>Systema Naturae</i> Vol I Pp. 427	-	2394
<i>Melanerpes candidus</i> Otto, 1796	<i>Picus candidus</i> Otto, 1796	Otto. 1796. <i>Buffon's Naturgesch. Vogel</i> , 23, Pp 191.	-	2415
<i>Selenidera maculirostris</i> Lichtenstein, 1823	<i>Pteroglossus maculirostris</i> Lichtenstein, 1823	Lichtenstein. 1823. <i>Verzeichniss der Doubletten des Zoologischen Museums der Berlin</i> . Pp. 7	-	Nº 1792
<i>Pteroglossus azara</i> Vieillot, 1819	<i>Ramphastus azara</i> Vieillot, 1819	Vieillot, 1819. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 34 Pp. 282.	x	Nº 1708
<i>Capito aurovirens</i> Cuvier, 1829	<i>Bucco auro-virens</i> Cuvier, 1829	Cuvier. 1829. <i>Le Regne Animal</i> Vol 1. Pp. 458	x	165
<i>Galbula albirostris</i> Latham, 1790	<i>Galbula albirostris</i> Latham, 1790	Latham, 1790. <i>Index ornithologicus</i> 1 p.245	-	2700
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Cuculiformes				
Número de espécimenes: 2		Número de espécies: 2		Número de espécimenes tipo: 2
<i>Piaya cayana</i> Linnaeus, 1766	<i>Cuculus cayanus</i> Linnaeus, 1766	Linnaeus 1766. <i>Systema naturae</i> , Vol 1. Pp. 170	-	1884
<i>Guira guira</i> Gmelin, 1788	<i>Cuculus guira</i> Gmelin, 1788 ¹ ; <i>Crotophaga piririgua</i> Vieillot, 1823 ²	Gmelin. 1788. <i>Systema Naturae</i> . Vol I Pp 414 ¹ ; Vieillot, 1823. <i>Tabl. Enc. Méth. Trois Régns. Nat. Orn.</i> . Vol 93 Pp 1356 ²	-	1862
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Columbiformes				
Número de espécimenes: 3		Número de espécies: 3		Número de espécimenes tipo: 2

<i>Scardafella squammata</i> Lesson, 1831	<i>Columba squammata</i> "Temminck" Lesson, 1831 ¹ ; <i>Columba squamosa</i> Temminck, 1811 ²	Lesson, 1831, <i>Traité d'Ornithologie</i> , 6: 474 ¹ ; Temminck. 1811. <i>Les pigeons</i> . p 127. pl 59 ²	x	11651 2002-527
<i>Columbigallina passerina</i> Linnaeus, 1758	<i>Columba passerina</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus 1758. <i>Systema naturae</i> , Vol. 1. Pp. 165.	-	11579
<i>Leptotila verreauxi brasiliensis</i>	<i>Leptopila verreauxi</i> Bonaparte, 1855 ¹ ; <i>Peristera brasiliensis</i> Bonaparte, 1856 ²	Bonaparte. 1855. <i>Compt. Rendus. Academie Sciences, Paris</i> , 40(3) pp 99 ¹ ; Bonaparte. 1856. <i>Compt. Rendus. Academie Sciences, Paris</i> , 43(20) pp 945 ²	x	868
Filo: Chordata Classe: Aves Ordem: Passeriformes				
Número de espécimes: 38 Número de espécies: 37 Número de espécimes tipo: 18				
<i>Attila bolivianus</i> Lafresnaye, 1848	<i>Attila bolivianus</i> Lafresnaye, 1848	Lafresnaye. 1848. <i>Revue de Zoologie</i> , 11, Pp.46	-	3845
<i>Mimus saturninus</i> Lichtenstein, 1823	<i>Turdus saturninus</i> Lichtenstein, 1823	Lichtenstein. 1823. <i>Verzeichniss der Doubletten des Zooligischen Museums der Berlin</i> . Pp. 39	-	8569
<i>Chrysomus ruficapillus frontalis</i> Vieillot, 1819	<i>Agelaius frontalis</i> Vieillot, 1819	Vieillot. 1819. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 34. Pp. 545	(x)*	6568
<i>Pseudoleistes guirahuro</i> Vieillot, 1819	<i>Agelaius guirahuro</i> Vieillot, 1819	Vieillot. 1819. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> .. Vol. 34. Pp. 545	-	6030
<i>Knipolegus nigerrimus</i> Vieillot, 1818	<i>Muscicapa nigerrima</i> Vieillot, 1818	Vieillot. 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> .. Vol. 21. Pp. 453	x	N.G. 13890 N.C. 98
<i>Xolmis velatus</i> Lichtenstein, 1823	<i>Muscicapa velata</i> Lichtenstein, 1823	Lichtenstein. 1823. <i>Verzeichniss der Doubletten des Zooligischen Museums der Berlin</i> . Pp. 54.	-	3910
<i>Phoenicircus nigricollis</i>	<i>Phoenicircus nigricollis</i>	Swainson. 1832. <i>Fauna Boreali-Americana</i> Vol. 2 Pp. 491	-	3183
<i>Dacnis cayana</i> Linnaeus, 1766	<i>Motacilla cayana</i> Linnaeus, 1766 ¹ ; <i>Dacnis cyanater</i> Lesson 1831 ²	Linnaeus, 1766. <i>Systema Naturae</i> , Vol. 1: Pp. 336 ¹ . Lesson 1831. <i>Traité d'Ornithologie</i> .Vol. 6 Pp. 458 ²	(x)*	10382
<i>Anabazenops fuscus</i> Vieillot, 1816	<i>Sitta fusca</i> Vieillot, 1816	Vieillot, 1816. <i>Analyse D'Une Nouvelle Ornithologie Élémentaire</i> p.68	x	Nº Gal. 4346 CG. 273
<i>Cephalopterus ornatus</i> Geoffroy, 1809	<i>Cephalopterus ornatus</i> Geoffroy, 1809	Geoffroy, 1809. <i>Annales Muséum National D'Histoire Naturelle</i> 13 p.238 pl.17	x	360
<i>Chlorophonia cyanea</i> Thunberg, 1822	<i>Pipirea cyanea</i> , Thunberg, 1822 ¹ ; <i>Tanagra viridis</i> Vieillot, 1819 ² .	Thunberg, 1822. <i>Mémoires de l'Académie Impériale des Sciences de St. Petersbourg</i> 8 p.284 pl.8 fig.1 ¹ ; Vieillot, 1819. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . Vol. 32 Pp. 429 ²	x	7466
<i>Cyanocorax caeruleus</i> Vieillot, 1818	<i>Pica coerulea</i> Vieillot, 1818	Vieillot, 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> , 26 Pp.126	x	309
<i>Cyanocorax chrysops</i> Vieillot, 1818	<i>Pica chrysops</i> "Azara mº 53" Vieillot, 1818	Vieillot, 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> , 26 Pp.124	-	5559
<i>Cyanocorax cristatellus</i> Temminck, 1823	<i>Corvus cristatellus</i> Temminck, 1823	Temminck, 1823. <i>Planches coloriées</i> , livr. 33 pl. 193	-	5568
<i>Furnarius figulus</i> Lichtenstein, 1823	<i>Turdus figulus</i> Lichtenstein, 1823 ¹ ; <i>Furnarius superciliaris</i> Lesson, 1830 ² .	Lichtenstein, 1823. <i>Verzeichniss der Doubletten des Zooligischen Museums der Berlin</i> . p.40 ¹ ; Lesson, 1830. <i>Traité d'Ornithologie</i> , 4: 307 ²	(x)*	Nº Gal: 4445. NC: 371
<i>Laniisoma elegans</i> Thunberg, 1823	<i>Ampelia elegans</i> Thunberg, 1823 ¹ ; <i>Lanius arcuatus</i> I. Geoffroy Saint-Hilaire, 1833 ²	Thunberg, 1823. <i>Dissert. Tullberg Nov. Spec. Ampelis</i> p.2 ¹ ; I. Geoffroy Saint-Hilaire, 1833. <i>Magasin Zoologique</i> ., Paris., Ois., Pl. 12 ²	(x)*	106
<i>Mackenziaena leachii</i> Such, 1825	<i>Thamnophilus leachii</i> Such, 1825 ¹ ; <i>Lanius funebris</i> "Cuvier MS."	Such, 1825. <i>The Zoological Journal</i> . 1 p.558 ¹ ; Pucheran, 1855. <i>Archives du Muséum d'Histoire Naturelle</i> , VII: p. 324 ²	(x)*	Nº Gal. 3963 NC: 18

	Pucheran, 1855 ²			
<i>Nasica longirostris</i> Vieillot, 1818	<i>Dendrocopus longirostris</i> Vieillot, 1818	Vieillot, 1818. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> , 26 Pp. 117	x	Nº Gal: 4208 NC: 313
<i>Oxyruncus cristatus</i> Swainson, 1821	<i>Oxyrhyncus cristatus</i> Swainson, 1821 ¹ ; <i>Oxyrhyncus flammiceps</i> Temminck, 1822 ² .	Swainson, 1821. <i>Zoological Illustrations</i> 1 pl.49 ¹ ; Temminck, 1822. <i>Planches coloriées</i> , Vol. 21 pl. 125 ²	(x)*	Nº Gal: 4365
<i>Pachyramphus viridis</i> Vieillot, 1816	<i>Tityra viridis</i> Vieillot, 1816 ¹ ; <i>Tyrannus armiger</i> "Cuvier MS." Pucheran, 1855 ²	Vieillot, 1816. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . 3 p. 348 ¹ ; Pucheran, 1855. <i>Archives du Muséum d'Histoire Naturelle</i> , VII: p. 332 ²	x	Nº Gal: 3613 NC 158
<i>Sakesphorus luctuosus</i> Lichtenstein, 1823	<i>Lanius luctuosus</i> Lichtenstein, 1823 ¹ ; <i>Lanius melas</i> "Cuvier MS." Pucheran, 1855 ²	Lichtenstein, 1823. <i>Verzeichniss der Doubletten des Zooligischen Museums der Berlin</i> p.47 ¹ ; Pucheran, 1855. <i>Archives du Muséum d'Histoire Naturelle</i> , VII: p. 332 ²	(x)*	Nº Gal: 3993 NC: 132
<i>Thamnophilus ambiguus</i> Swainson, 1825	<i>Thamnophilus naevius</i> var. <i>ambiguus</i> Swainson, 1825 ¹ ; <i>Lanius alveolus</i> "Cuvier MS." Pucheran, 1855 ²	Swainson, 1825. (<i>The</i>) <i>Zoological Journal</i> . 2 p. 91 ¹ ; Pucheran, 1855. <i>Archives du Muséum d'Histoire Naturelle</i> , VII: p. 339 ²	(x)*	Nº Gal: 3989
<i>Thamnophilus palliatus</i> Lichtenstein, 1823	<i>Lanius palliatus</i> Lichtenstein, 1823 ¹ ; <i>Lanius (Taraba) vestitus</i> "Cuvier" Lesson, 1830 ²	Lichtenstein, 1823. <i>Verzeichniss der Doubletten des Zooligischen Museums der Berlin</i> p.46 ¹ ; Lesson, 1830. <i>Traité d'Ornithologie</i> , 5: 376 ²		
<i>Lanius collaris</i> Linnaeus, 1766	<i>Lanius collaris</i> Linnaeus, 1766	Linnaeus, 1766. <i>Systema Naturae</i> Vol 1 Pp 135	-	10010
<i>Megarynchus pitangua</i> Linnaeus, 1766	<i>Lanius Pitangva</i> Linnaeus. 1766	Linnaeus, 1766. <i>Systema naturae</i> . Vol 1 Pp 136	-	?
<i>Hypoedaleus guttatus</i> Vieillot, 1816	<i>Thamnophilus guttatus</i> Vieillot, 1816	Vieillot, 1816. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> . 3 p. 315	x	Nº Gal: 3974
<i>Pyroderus scutatus</i> Shaw, 1792	<i>Coracias scutata</i> Shaw, 1792 ¹ ; <i>Coracina rubricollis</i> Vieillot, 1817 ²	Shaw, 1792. <i>Musei Leveriani explicatio, anglica et latina</i> . 4 p.199 ¹ ; Vieillot, 1817. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> Vol 9. Pp. 7 ²	(x)*	Nº Gal: 2967 NC 355
<i>Pyroderus scutatus</i> Shaw, 1792	<i>Coracias scutata</i> Shaw, 1792	Shaw, 1792. <i>Musei Leveriani explicatio, anglica et latina</i> . 4 p.199	-	2969
<i>Arundinicola leucocephala</i> Linnaeus, 1764	<i>Pipra leucocephala</i> Linnaeus, 1764	Linnaeus, 1764. <i>Museum Sae Rae Mitis Adolphi Friderici Regis Svecorum</i> Vol. 2 p.33	-	3871
<i>Rhynchocyclus olivaceus</i> Temminck, 1820	<i>Platyrrhynchus olivaceus</i> Temminck, 1820	Temminck, 1820. <i>Planches coloriées, livr. 2</i> pl. 12 fig 1	-	?
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> Vieillot, 1817	<i>Saltator ruficapillus</i> Vieillot, 1817	Vieillot, 1817. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> Vol 14. Pp. 108	x	7093
<i>Agropsar sturninus</i> Pallas, 1776	<i>Gracula sturnina</i> Pallas, 1776	Pallas, 1776. <i>Reis. Puss. Reichs</i> , iii, p. 695	-	5807
<i>Tersina viridis</i> Illiger, 1811	<i>Hirundo viridis</i> Illiger, 1811	Illiger, 1811. <i>Prodromus Systematis Mammalium et Avium</i> . P. 229	-	1859
<i>Tangara cyanoventris</i> Vieillot, 1819	<i>Tanagra cyanoventris</i> Vieillot, 1819	Vieillot, 1819. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> Vol 23. Pp. 426	-	1709 (?)
<i>Tangara peruviana</i> Desmarest, 1806	<i>Tanagra peruviana</i> Desmarest, 1806	Desmarest, 1806. <i>Histoire naturelle des Tangaras, des Manakins et des Todies</i> . Vol. 9 P. [1] pl 11	-	1859 (?)
<i>Ramphocelus bresilius</i> Linnaeus, 1766	<i>Tanagra bresilia</i> Linnaeus, 1766	Linnaeus, 1766. <i>Systema Naturae</i> . Vol 1. pp. 314	-	(?)
<i>Arremon flavirostris</i> Swainson, 1838	<i>Arremon flavirostris</i> Swainson, 1838	Swainson, 1838. <i>Animals in Menageries</i> , p. 347	-	?
<i>Procnias averano</i> Hermann, 1783	<i>Ampelis averano</i> "Buffon" Hermann, 1783	Hermann, 1783. <i>Tabula Affinatum Animalium</i> . pp. 211 - 214	-	3003
Todos os espécimes aqui referidos foram vistos e fotografados nas colecções do Muséum national d'Histoire Naturelle de Paris, por Luis Ceríaco e Mariana Marques em Setembro de 2011.				

* Os espécimes consideram-se actualmente como holótipos de espécies não reconhecidas, sendo o *nomen* que representam considerado como sinónimos da nomenclatura actualmente aceite.

Tabela 8 - Espécimens de mamíferos originários da remessa de Geoffroy Saint Hilaire atualmente presentes nas coleções do Muséum national d'Histoire Naturelle, Paris.

Nome científico actual	Nome científico original	Descrição original	Espécimen tipo	Número de referência
Filo: Chordata Classe: Mamalia Ordem: Rodentia				
Número de espécimens: 5 Número de espécies: 5 Número de espécimens tipo: 3				
<i>Glaucomys volans</i> Linnaeus, 1758	<i>Sciurus volans</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus 1758. Systema naturae , Vol. 1. Pp. 64	-	45 (?)
<i>Dactylomys dactylinus</i> Desmarest, 1817	<i>Echimyus dactylinus</i> Desmarest, 1817	Anónimo. 1817a. Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle. Vol. 10. Pp. 57	x	MNHN-ZM-MO 1998-2067
<i>Mesomys hispidus</i> Desmarest, 1817	<i>Echimyus hispidus</i> Desmarest, 1817	Anónimo. 1817a. Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle. Vol. 10. Pp. 58	x	MNHN-ZM-MO 1998-2075
<i>Trinomys setosus</i> Desmarest, 1817	<i>Echimyus setosus</i> Desmarest, 1817	Desmarest 1817. Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle. Vol. 10. Pp. 59	x	MNHN-ZM-MO 1981-547
<i>Ochotona alpina</i> Pallas, 1773	<i>Lepus alpinus</i> Pallas, 1773	Pallas 1773. Reise durch verschiedene Provinzen des Rußischen Reichs. Zweyter Theil, zweytes Buch vom Jahr 1771. Pp. 71.	-	(?)
Filo: Chordata Classe: Mamalia Ordem: Carnivora				
Número de espécimens: 9 Número de espécies: 8 Número de espécimens tipo: 3				
<i>Mustela nivalis</i> Linnaeus, 1766	<i>Mustela nivalis</i> Linnaeus, 1766	Linnaeus 1766. Systema naturae , Vol. 1. Pp. 69.	-	CG 1984-626
<i>Mustela africana</i> Desmarest, 1818	<i>Mustela africana</i> Desmarest, 1818	Anónimo. 1818. Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle. Vol. 19. Pp. 376	x	MNHN-ZM-MN 1984-628
<i>Nasua narica</i> Linnaeus, 1766	<i>Viverra narica</i> Linnaeus, 1766	Linnaeus 1766. Systema naturae , Vol 1. Pp. 64.	-	1003 (?)
<i>Lutra lutra</i> Linnaeus, 1758	<i>Mustela lutra</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus 1758. Systema naturae , Vol. 1. Pp. 45	-	662 (?)
<i>Gulo gulo gulo</i> Linnaeus, 1758	<i>Gulo arcticus</i> Desmarest. 1820	Desmarest. 1820. Mammalogie ou Description des espèces de mammifères. Pp. 174.	(x)*	MNHN-ZM-MO 2001-336
<i>Panthera onca</i> Linnaeus, 1758	<i>Felis onca</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus 1758. Systema naturae , Vol. 1. Pp. 42	-	37 (?)
<i>Crocuta crocuta</i> Erxleben, 1777	<i>Canis hyaena</i> Erxleben, 1777	Erxleben 1777. Systema Regni Animalis per classes, ordines, genera, species, varietates cum synonymia et historia animalium. Pp. 575	-	231 (?)
<i>Crocuta crocuta</i> Erxleben, 1777	<i>Canis hyaena</i> Erxleben, 1777	<i>idem</i>	-	(?)
<i>Lynx pardinus</i> Temminck, 1827	<i>Lynx pardina</i> Temminck, 1827	Temminck 1827. Monographies de mammalogie, ou Description de quelques genres de mammifères dont les espèces ont été observées dans les différents musées de l'Europe. Pp. 116	x	CG 2001-325
Filo: Chordata Classe: Mamalia Ordem: Primates				
Número de espécimens: 26 Número de espécies: 21 Número de espécimens tipo: 25				
<i>Otolemur crassicaudatus</i> É. Geoffroy, 1812	<i>Galago crassicaudatus</i> É. Geoffroy, 1812	Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 166	x	MNHN-ZM-MO 2007-1548
<i>Saimiri ustus</i> l. Geoffroy, 1843	<i>Saimiri ustus</i> l. Geoffroy, 1843	Isidore Geoffroy Saint Hilaire. 1843. Description des mammifères nouveaux ou imparfaitement connus de la collection du Muséum d'Histoire Naturelle et Remarques sur la classification et les caracteres des mammifères. Pp. 6	x	MNHN-ZM-MO 2007-1540
<i>Cebus apella cirrifer</i> É. Geoffroy, 1812	<i>Cebus cirrifer</i> É. Geoffroy, 1812	Étienne Geoffroy Saint Hilaire. 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 110	x	MNHN-ZM-MO 2007-1487

<i>Cebus flavia</i> Schreber, 1774	<i>Simia flavia</i> Schreber, 1774; <i>Cebus flavus</i> É. Geoffroy, 1812 ²	Schreber 1774. Die Säugthiere in Abbildungen nach der Natur mit Beschreibungen. Erlangen: Theil 1, Heft 4, Pl. 31-b ¹¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 112 ²	(x)*	MNHN-ZM-MO 2007-1497
<i>Cebus flavia</i> Schreber, 1774	<i>Simia flavia</i> Schreber, 1774; <i>Cebus albus</i> É. Geoffroy, 1812 ²	Schreber 1774. Die Säugthiere in Abbildungen nach der Natur mit Beschreibungen. Erlangen: Theil 1, Heft 4, Pl. 31-b ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 112 ²	(x)*	MNHN-ZM-MO 1997-1580
<i>Alouatta guariba</i> Humboldt, 1812	<i>Simia guariba</i> Humboldt, 1812	Humboldt 1812 [1811]. Tableau synoptique des singes de l'Amérique. Pp-355	x	MNHN-ZM-MO XXXX
<i>Alouatta caraya</i> Humboldt, 1812	<i>Simia caraya</i> Humboldt, 1812 ¹ ; <i>Stentor niger</i> É. Geoffroy, 1812 ²	Humboldt 1812 [1811]. Tableau synoptique des singes de l'Amérique. Pp. 355 ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp 108 ²	x	MNHN-ZM-MO 2001-158
<i>Alouatta caraya</i> Humboldt, 1812	<i>Simia caraya</i> Humboldt, 1812 ¹ ; <i>Stentor stramineus</i> É. Geoffroy, 1812 ²	Humboldt 1812 [1811]. Tableau synoptique des singes de l'Amérique. Pp-355 ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle. Vol. 19. Pp 108 ²	(x)*	MNHN-ZM-MO 1822-362
<i>Alouatta ursina</i> Humboldt, 1812	<i>Simia ursina</i> Humboldt, 1812 ¹ ; <i>Stentor ursinus</i> É. Geoffroy, 1812 ²	Humboldt 1812 [1811]. Tableau synoptique des singes de l'Amérique.. Pp. 355 ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp 108 ²	x	MNHN-ZM-MO 2007-1477
<i>Alouatta ursina</i> Humboldt, 1812	<i>Simia ursina</i> Humboldt, 1812 ¹ ; <i>Stentor fuscus</i> É. Geoffroy, 1812 ²	Humboldt 1812 [1811]. Tableau synoptique des singes de l'Amérique.. Pp. 355 ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp 108 ²	(x)*	MNHN-ZM-MO 2007-1476
<i>Ateles marginatus</i> É. Geoffroy, 1806	<i>Ateles marginatus</i> É. Geoffroy, 1806 ¹ ; <i>Ateles marginatus</i> É. Geoffroy, 1809 ²	Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1806. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle. Vol. 7. Pp.. 270 ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire. 1809. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle. Vol. 13. Pp. 92. (Plate 10) ²	x	MNHN-ZM-MO 2005-903
<i>Brachyteles arachnoides</i> É. Geoffroy, 1809	<i>Ateles arachnoides</i> É. Geoffroy, 1806 ¹ ; <i>Ateles arachnoides</i> É. Geoffroy, 1809 ²	Étienne Geoffroy Saint Hilaire. 1806. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle. Vol. 7. Pp. 270-271 ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire. 1809. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle. Vol. 13. Pp. 90. (Plate 9) ²	x	MNHN-ZM-MO 2007-1475
<i>Callicebus torquatus</i> Hoffmannsegg, 1807	<i>Callithrix torquata</i> Hoffmannsegg, 1807	Hoffmannsegg, G. . 1807. Mag. Ges. Naturforsch. Fr. Berlin Vol. 1. Pp. 86	x	MNHN-ZM-MO 2007-1525
<i>Callicebus torquatus</i> Hoffmannsegg, 1807	<i>Callithrix torquata</i> Hoffmannsegg, 1807 ¹ ; <i>Callithrix amictus</i> É. Geoffroy, 1812 ² ;	Hoffmannsegg, G. . 1807. Mag. Ges. Naturforsch. Fr. Berlin Vol. 1. Pp. 86 ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 114 ²	(x)*	MNHN-ZM-MO 1849-474
<i>Callithrix jacchus</i> Linnaeus, 1758	<i>Simia jacchus</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus 1758. Systema naturae per regna tria naturae Vol 1 Pp. 17	-	MNHN-ZM-MO 2007-1518
<i>Callithrix geoffroy</i> É. Geoffroy em Humboldt, 1812 [1811]	<i>Jacchus leucocephalus</i> É. Geoffroy, 1812	Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 119	x	MNHN-ZM-MO 2007-1523
<i>Callithrix melanura</i> É. Geoffroy, 1812	<i>Jacchus melanurus</i> É. Geoffroy, 1812	Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire	x	MNHN-ZM-MO

		Naturelle, Vol. 19. Pp. 120		2007-1517
<i>Callithrix aurita</i> É. Geoffroy, 1812	<i>Jacchus auritus</i> É. Geoffroy, 1812	Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 119	x	MNHN-ZM-MO 2007-1515
<i>Callithrix aurita</i> É. Geoffroy em Humboldt, 1812 [1811]	<i>Simia aurita</i> É. Geoffroy em Humboldt, 1812 [1811] ¹ ; <i>Jacchus auritus</i> É. Geoffroy, 1812 ²	Humboldt 1812 [1811]. Tableau synoptique des singes de l'Amérique.. Pp. 360 ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19Pp. 119 ²	x	MNHN-ZM-MO 2007-1523
<i>Callithrix humeralifera</i> É. Geoffroy em Humboldt, 1812 [1811]	<i>Simia humeralifera</i> É. Geoffroy em Humboldt, 1812 [1811] ¹ ; <i>Jacchus humeralifer</i> É. Geoffroy, 1812 ²	Humboldt 1812 [1811]. Tableau synoptique des singes de l'Amérique.. Pp. 360 ¹ ; Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 120 ²	x	MNHN-ZM-MO 2007-1522
<i>Lagothrix lagothricha cana</i> É. Geoffroy, 1812	<i>Lagothrix canus</i> É. Geoffroy, 1812	Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 107	x	MNHN-ZM-MO 2007-1485
<i>Leontopithecus rosalia</i> Linnaeus, 1766	<i>Simia rosalia</i> Linnaeus, 1766	Linnaeus 1766. Systema naturae Vol 1 Pp. 41	-	MNHN-ZM-MO 2007-1537
<i>Saguinus labiatus</i> É. Geoffroy, 1812	<i>Midas labiatus</i> É. Geoffroy, 1812	Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 121	x	MNHN-ZM-MO 2007-1532
<i>Pithecia monachus</i> É. Geoffroy, 1812	<i>Pithecia monacha</i> É. Geoffroy, 1812	Étienne Geoffroy Saint Hilaire 1812. Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle, Vol. 19. Pp. 117	x	MNHN-ZM-MO 2005-928
<i>Chiropotes satanas</i> Hoffmannsegg, 1807	<i>Cebus satanas</i> Hoffmannsegg, 1807	Hoffmannsegg, G. . 1807. Mag. Ges. Naturforsch. Fr. Berlin Vol. 1. Pp. 93	-	MNHN-ZM-MO 2005-955
<i>Chiropotes satanas</i> Hoffmannsegg, 1807	<i>Cebus satanas</i> Hoffmannsegg, 1807	<i>idem</i>	x	MNHN-ZM-MO 1997 - 1595
Filo: Chordata Classe: Mamalia Ordem: Pilosa				
Número de espécimes: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimes tipo: 0				
<i>Tamandua tetradactyla</i> Linnaeus, 1758	<i>Tamandua tetradactyla</i> Linnaeus, 1758	Linnaeus 1758. <i>Systema naturae</i> Vol 1. Pp. 208	-	45 (?)
Filo: Chordata Classe: Mamalia Ordem: Cetacea				
Número de espécimes: 1 Número de espécies: 1 Número de espécimes tipo: 1				
<i>Inia geoffrensis</i> Blainville, 1817	<i>Delphinus geoffrensis</i> Blainville, 1817	Anónimo. 1817b. <i>Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle</i> Vol. 9. Pp. 151-152	x	MNHN-ZM-AC 1870-274 (Crânio); 2011-159 (Corpo)
Todos os espécimes aqui referidos foram vistos nas coleções do Muséum national d'Histoire Naturelle de Paris, por Luis Cerfáco e Mariana Marques em Setembro de 2011 e fotografados pela Dr. Cécile Calou.				
* Os espécimes consideram-se actualmente com holótipos de espécies não reconhecidas, sendo o <i>nomen</i> que representam considerado como sinónimos da nomenclatura actualmente aceite.				

Capítulo 10 - Da degradação ao encerramento do Museu Nacional de Lisboa

Apesar do enriquecimento das coleções do Museu de Lisboa, a sua vida institucional foi sempre agitada e constantemente sujeita a desaires, tais como incêndios no edifício⁷⁹³, a fuga de exemplares vivos⁷⁹⁴, tentativas de arrombamento das suas portas⁷⁹⁵, etc. O valor das coleções conservadas no Museu despertaria certamente a cobiça de muitos colecionadores particulares. Assim terá acontecido em Janeiro de 1842, quando a Comissão do Museu se reúne e procede à suspensão imediata dos serviços do preparador Florindo António de Sousa por

793 "*Illmo Snr. Hoje principiou hum incendio em hua das cazas que ficao por baixo do Museu, occupada pelos Cornetas do Batalhão N^o 15 da Guarda Nacional e ficariamos sem o Estabelecimento se a referida casa não fora de abobada, rogo por tanto a V. Exa. queira dar algumas providencias para evitar no futuro hum perigo semelhante. Deos Guarde a V. Exa. Sala de Zoologia 9 de Abril de 1838 - Illmo Snr. Joaquim da Costa Macedo, Secretario perpetuo da Academia R. das Sciencias - Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia*" in AHMB Div. 23 (p. 27v-28).

794 "*Illmo Snr. Hoje principiou hum incendio em hua das cazas que ficao por baixo do Museu, occupada pelos Cornetas do Batalhão N^o 15 da Guarda Nacional e ficariamos sem o Estabelecimento se a referida casa não fora de abobada, rogo por tanto a V. Exa. queira dar algumas providencias para evitar no futuro hum perigo semelhante. Deos Guarde a V. Exa. Sala de Zoologia 9 de Abril de 1838 - Illmo Snr. Joaquim da Costa Macedo, Secretario perpetuo da Academia R. das Sciencias - Francisco de Assis de Carvalho, Lente de Zoologia*" in AHMB Div. 23 (p. 27v-28).

795 "*Illmo Snr - Já por duas vezes se tem procurado arrombar as portas que dão comunicação para o Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pelo lado da Cerca contigua ao largo de Jesus. Estas tentativas de roubo não pode evitar-se que se verifiquem senão havendo uma sentinella que fique de monte no Claustro, onde vem desembocar as serventias para o Museu, e para a Cerca. Os objectos preciosos que se conservão no Museu Nacional da Academia carecem de todo o cuidado para a sua conservação, e para obviar descaminhos; e por isso rogo a V. Exa queira dar as suas providencias para que de noite fique sempre uma sentinella d'entro do referido Claustro - Deos Guarde a V. Exa Lisboa em 30 de Junho de 1840 - Illmo. Snr. Commandante da Guardie Municipal de Lisboa - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretário perpetuo da Academia*" in BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 191v).

graves suspeitas de que este teria subtraído várias peças⁷⁹⁶. Foi, todavia, readmitido em Abril do mesmo ano⁷⁹⁷, por se ter provado inocente, e as peças foram encontradas, em 1846, na posse do Conde de Galveias, que as teria adquirido a Martinho José Pires, outro funcionário do Museu⁷⁹⁸.

No entanto, e apesar das implicações que todas estas situações tinham no funcionamento do Museu, seria a supressão do cargo de diretor, que se daria a 29 de Novembro de 1842, que viria a minar por completo o desenvolvimento e normal funcionamento da instituição, estabelecendo-se apenas uma gratificação destinada ao empregado incumbido das classificações taxonómicas⁷⁹⁹. Esta

796 "Em sessão de Effectivos de vinte e seis do corrente tomou a Academia a seguinte deliberação: Tendo havido gravissimas suspeitas de que hum Empregado do Museu, Florindo Antonio de Sousa tinha extraviado alguns objectos do mesmo Museu, assentou-se que o referido Empregado ficasse suspenso athe que a Academia tomasse novas informações a respeito do seu procedimento. Assentou-se mais que fosse a Commissão do Museu quem intimasse a ordem de suspensão do dito Florindo Antonio de Sousa, e que a suspensão fosse sem vencimento do ordenado. Em consequencia do que manda a Commissão do Museu que na Folha dos Empregados do mesmo Museu se ponha a verba competente para não ser pago o referido Empregado athe segunda ordem. Lisboa 27 de Janeiro de 1842 - Macedo - Visconde de Villarinho de S. Romão - Francisco Assis de Carvalho." in AHMB Div. 23 (p. 37v).

797 "Determina a Commissão do Museu, em consequencia das ordens da Academia, que o Preparador Florindo Antonio de Souza torna a ter exercicio no seu lugar, com o vencimento datado de hoje. Lisboa 22 de Abril de 1842 -Visconde de Villarinho de S. Romão - Joaquim Jose da Costa de Macedo - Francisco Assis de Carvalho" in AHMB Div. 23 (p. 38).

798 "Tendo faltado no Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa alguns objectos, como pontas de Abada etc, consta que forão tirados por um empregado do mesmo Museu; e ha bem fundadas desconfianças de que foi vender parte delles a V. Exa.. A Academia bem certa de que a nobreza de character de V. Exa, e a affeição que V. Exa professa ás Sciencias não consentirião que V. Exa. comprasse objectos que soubessem serem furtados, e muito menos que se defraudasse um estabelecimento publico; e desejando que não se continue a abusar da boa fé de V. Exa. me encarrega de previnir a V. Exa de que estes extravios forão praticados por Martinho José Pires, a quem V. Exa constuma comprar algumas curiosidades naturaes. A Academia está igualmente certa de que V. Exa. não quererá conservar os objectos roubados ao Museu, e que por isso mesmo não duvidará entregalos; e para que V. Exa possa reconhecer quaes elles são, poderá designalos a V. Exa. o portador, que he o Fiel do Museu, permittindo-lhe V. exa que elle veja o seu gabinete. Tenho a honra de ser com a mais alta consideração - De V. Exa. Illmo Exmo Snr. Conde das Galveas - Mt Attn ... - O Conselheiro Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario perpetuo da Academia - Lisboa 14 de Março de 1846." in BACL - Livro de Secretaria 18B (p. 63).

799 "Tendo-me proposto a Academia Real das Sciencias de Lisboa que se poderia supprimir, sem prejuizo do serviço, o logar, que se acha vago, de Director do Museu, annexo á mesma Academia, destinando-se uma gratificação de cem mil réis ao empregado a quem fôr incumbida a classificação do mesmo Museu; e Tendo outrosim em vista a urgente necessidade de diminuir as despezas do Estado; Hei por bem que fique supprimido o referido logar de Director do Museu de Lisboa, e que ao empregado incumbido da sua classificação se abone a gratificação de cem mil réis por anno, quando

decisão, de carácter economicista, não conduziu, no entanto, a uma diminuição do ritmo de remessas e ofertas enviadas para o Museu, mas revelar-se-ia, a médio prazo, como uma das causas da decadência e degradação das suas coleções. De facto, o famoso naturalista francês Arthur Morelet, aquando da sua passagem por Lisboa em 1844, constatará um dos efeitos imediatos da falta de direção do Museu. Para o malacologista, que se encontrava em viagem pelo País com o objetivo de estudar os seus moluscos e à qual planeava recorrer-se da informação presente nas coleções nacionais, o país revela-se dececionante pela falta de coleções e informações relativas à sua história natural, levando-a considerar o Museu de Lisboa como "... *mais uma exposição para o público do que uma coleção científica* [...]"⁸⁰⁰. É também interessante e importante constatar a decepção de Morelet relativamente à falta de bibliografia sobre a fauna nacional. Como o próprio refere, "*os trabalhos dos autores portugueses reduzem-se a um catálogo de Vandelli, incluído no primeiro volume das Memórias da Academia das Sciencias de Lisboa*" ou seja o "*Florae, et faunae lusitanicae specimen*" de 1797, não existindo qualquer outra publicação que se pudesse assemelhar a uma lista completa da fauna portuguesa. Mais do que qualquer outro, este facto é revelador do total marasmo em que a zoologia portuguesa mergulhara desde os finais do século XVIII, a que os restritos contributos de Brotero e Assis de Carvalho pouco serviam de compensação. Relativamente aos avanços do Museu, também a situação se arrastava com atrasos. Em 21 de Julho de 1840 seria patenteada ao público uma nova sala do Museu, a "*Galleria das Pinturas*"⁸⁰¹, e a 13 de Agosto a "*Sala da Mineralogia*"⁸⁰², mantendo-se no entanto as novas salas destinadas às coleções zoológicas inacabadas, e boa parte da coleção mineralógica também ela impossível

effectivamente se empregar neste serviço, e elle não poder dispensar-se. O Ministerio e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino assim o tenha entendido, e faça executar. Paço das Necessidades, em vinte e nove de Novembro de mil oitocentos quarenta e dous. - RAINHA - António Bernardo da Costa Cabral" in Diário do Governo nº 283, em 30 de Novembro de 1842.

800 Morelet (1845) *cit. in* Brigola (2010: p. 148)

801 BACL - Livro de Secretaria 5B (p 194v).

802 BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 196).

de apreciar devido à incapacidade da sala que lhe estava destinada⁸⁰³. Esta situação, causada em parte pelo grande número de remessas dirigidas ao Museu, cujos espaços não apresentavam ainda as condições necessárias a um correto armazenamento e exposição, minava o próprio crescimento das coleções, e revelava também a falta de planeamento e a forma algo atabalhoada como se tinha procedido à criação do novo espaço museológico nacional. Este atraso na construção das salas duraria pelo menos até 1847, e em Novembro ainda não se tinha aberto ao público a "*Sala da Conchiologia*"⁸⁰⁴ que, embora apresentasse a coleção "*mais rica de Portugal, e que poderia apresentar-se, sem vergonha, em qualquer dos Paizes da Europa em que melhor se cultivão as Sciencias Naturaes*", não havia ainda aberto portas por necessitar de pelo menos "*doze mesas com vidraças por cima*" para que se pudesse apresentar ao público⁸⁰⁵. Aos olhos dos

803 "*Illmo. Exm. Snr. A sala que ultimamente se fez no edificio da Academia Real das Sciencias de Lisboa carece d'armarios para nelles se collocarem os reptis, animaes invertebrados, peixes, e insectos do Museu, deixando para as aves, e para o maaes o logar que aquelles objectos occupão em parte, porque muitos d'elles não tem podido ainda entrar nas salas actuaes por falta d'espaco. Huma grande parte da Mineralogia da Academia está encaixotada, porque não ha onde se por, o que não só deixar de mostrar a riqueza que temos nesta especie de productos naturaes, mas até embaraça que se possam classificar devidamente os que estão nos armarios, visto que a classificação que agora se fizesse se tornaria inutil pelo accrescimo de avultado numero de productos não classificados. He por tanto indispensavel preparar local em que possa armazenar-se o resto da Mineralogia do Museu. A correspondencia da Academia com os Museus estrangeiros será de nenhum effeito se não houver local apropriado para accomodar o que pode receber-se em troca. A Aula de Zoologia, frequentada em grande numero de discipulos, que, em termo medio, passao de cincoenta annualmente, não está construida de modo, que os discipulos aproveitem as prelecções do Professor, porque a maior parte delles não pode ver os objecto de que se trata em cada liição, e he portanto necessario dispôla de maneira que satisfaça o seu fim. Leve, da parte da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tudo o que fica referido ao conhecimento de V. Exa para que tomando em consideração que se digne dar sobre este assumpto as providencias que nelle damos. Deuos Guarde V. Exa. Lisboa 28 de Outubro - Ilmmo. Snr Luis da Silva Mousinho d'Albuquerque - Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Perpetuo da Academia" in BACL - Livro de Secretaria 5B (p. 203v-204).*

804 *Senhora - A Academia Real das Sciencias de Lisboa, em observancia das Reaes Ordens, tem a honra de levar á Soberana Presença de Nossa Magestade, referido ao seu ultimo Relatorio de 30 de Novembro do anno proximo passado: Que a sua Livraria continua cada vez em maior augmento, e que diariamente he frequentada por muitos estudiosos, que nella acham obras que faltão na Bibliotheca Publica. Que o Museu vai em grande progresso, e que se hao de abrir novas salas, sendo a primeira de conchiologia, logo que a sua classificação esteja concluida. Que o Jardim Botanico tem o progresso permittido pelos nossos fundos que lhe podem ser applicados. Que a aula de zoologia no anno lectivo findo, talvez pelos motins occasionaes, nao tem frequencia alguma, e que neste corrente anno se matriculou so um estudantes [...]" in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 3).*

805 "*Senhora - A Collecção conchiologica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a mais rica de Portugal, e que poderia apresentar-se, sem vergonha, em qualquer dos Paizes da Europa em que*

estrangeiros o Museu apresentava-se como um "museum of curiosities" que merecia visita⁸⁰⁶, enquanto no seu interior, as coleções se começavam a degradar, a ponto de terem que ser queimadas para evitar a contaminação. A 11 de Abril de 1848 queimavam-se cento e trinta e três aves e dezasseis mamíferos vindos das antigas coleções da Ajuda, bem como oitenta e quatro aves e vinte e sete peles de mamíferos pertencentes às coleções da Academia⁸⁰⁷. Destruíam-se assim, por incapacidade de conservação do Museu de Lisboa, espécimes semelhantes aqueles que Saint-Hilaire levara para Paris e aí eram alvo de dezenas de publicações e cuidados continuados, enquanto por cá não haviam servido para nada, para além de comporem as vitrinas da Ajuda e do Museu de Lisboa e servirem de alimento a traças. O falhanço do projeto museológico nacional seria causado por várias razões, onde a falta de uma direcção, rumo e programa científico concreto, aliado à falta de funcionários e naturalistas e a uma desmedida ambição de enriquecer coleções para as quais não se tinha condições físicas e humanas, seriam decisivas.

melhor se cultivão as Sciencias Naturaes, está quasi acabada de classificar; não pode porem expor-se ao Publico, porque não ha onde se colloque devidamente. Para a Collecção conchiologica da Academia poder mostrar-se ao Publico, e aproveitar aos estudiozos, são necessarias doze mesas com vidraças por cima, que importarão, pouco mais ou menos, 120\$000, e por isso a Academia supplica a Vossa Magestade se Digne a manda-as faser pela Repartiçãlo das Obras Publicas, proporcionado-lhe assim mais um meio de ser util ás Sciencias de que Vossa Magestade he Augusta Protectora." in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 4).

806 Anónimo (1848) *cit. in* Brigola (2010: p. 164).

807 "Aos onze dias do mez d'Abril de mil e oito centos e quarenta e oito annos, na Academia Real das Sciencias, perante os Membros da Commissão do Museu, o Illmo. Snr. Conselheiros Joaquim José da Costa de Macedo, Secretario Perpetuo da Academia, e Agostinho Albano da Silveira Pinto, Socio Director da Classes denSciencias Naturaes, se procedeu á queima dos objectos abaixo declarados, pertencentes ao museu d'Historia Natural de Lisboa, a cargo da Academia, que por innuteis e incapazes, não devião continuar a existir no dito Museu, athé porque da sua conservação viria a seguir-se a ruina dos mais objectos em bom estado, pela communicacão d'insectos que os destruião, a saber: Aves diversas, velhas e estragadas, da que ainda vierão do Museu da Ajuda - Cento e trinta Aves (133); Aves diversas, perdidas e estragadas, pertencentes á Academia - Oitenta e quatro (84); Mammaes diversos, estragados por muito velhos, e vindos da Ajuda - dezeseis (16); Pelles de diversos Mammaes, todas corruptas e estragadas, pertencentes à Academia - vinte e sete (27). Em fé do que, e para constar, se lavrou este termo, que assignarão os sobreditos Socios da Academia, Membros da Commissão do Museu. Eu Antonio Joaquim Moreira, Official da Secretaria da Academia, o escrevi - Agostinho Albano da Silveira Pinto - Joaquim José da Costa de Macedo" in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 173v-174).

Apesar do constante enriquecimento das coleções, a existência do museu não era livre de problemas, muito pelo contrário. O trabalho de classificação das peças do Museu seria interrompido em 1849 com o adoecimento do encarregado por esta tarefa, o Doutor Francisco Thomaz da Silveira Franco⁸⁰⁸, e não viria mais a ser feito até à nomeação de Francisco Pereira da Costa, Professor da Cadeira de Elementos de História Natural, em 23 de Janeiro de 1850⁸⁰⁹. Em Junho 1851 o Museu começava a dar sinais de ingerível e de insustentabilidade. Numa exposição à Rainha, onde se comunicava a possibilidade de promoção do Preparador Florindo António de Sousa ao lugar de Mestre Preparador devido à morte do antigo responsável, considerava-se que o reduzido número de funcionários "*eram sufficientes para desempenhar o trabalho de que ali se carece*", demonstrando a pouca atividade interna do Museu bem como a falta de consciência sobre a responsabilidade para com as coleções, que se achavam em diversas salas completamente abarrotadas onde era já impossível acomodar qualquer espécimen, pelo qual o salário do antigo mestre, em vez de ser destinado ao suplicante, se devia aplicar em novas obras no Museu⁸¹⁰. Para além do exíguo espaço, outros

808 BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 12-13).

809 "*Propoz o Secretario perpetuo que se encarregasse a classificação do Museu ao Snr. Francisco António Pereira da Costa, Professor da Cadeira de Elementos de História Natural estabelecida na Academia. Foi unanimamente approvada a proposta*" in Actas 1850 nº 1 Assembleia de Effectivos de 23 de Janeiro.

810 "*Senhora - Na Portaria expedida pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, em 14 do Corrente, foi Vossa Magestade servida a Mandar, que a Academia Real das Sciencias de Lisboa informe a requerimento de Florindo Antonio de Sousa, Preparador do Museu Nacional, em que pode ser promovido ao lugar de Mestre do mesmo Museu. Pelo falecimento de José Francisco Peras?, ? o lugar de Mestre Preparador do Museu, que o falecido serviu por muitos annos, em quanto a sua saude lhe permittiu, mas que ha annos deixou d'exercer, porque achando-se entrevado, as suas molestias o impossibilitavao de sahir de casa. O pessoal do Museu compõem-se actualmente de dois Preparadores, e d'um Aprendeiz de Preparador, que são muito sufficientes para desempenhar o trabalho de que ali se carece, e o ordenado de tresentos mil reis que recebia o Mestre Preparador, pode muito bem applicar-se a outro objecto de mais utilidade do mesmo Museu. A galeria da Mineralogia e Conchiologia necessitao de ser augmentadas com mais um lado do Claustro em que está collocada: a sala das Aves está de tal modo cheia que he mister acrescenta-la para poder accomodar as que todos os dias se vao adquirindo: A sala dos Peixes e reptis ja não cabe nenhum, e por isso estão muitos fora della, sem poderem apresentar-se ao Publico; consequentemente he preciso preparar uma nova sala em que se exponhão, todas estas acomodações exigem despesas, que recahem sobre o Thesouro, pela repartição das Obras Publicas, mas se Vossa Magestade houvesse pro bem destinar os tresentos mil reis que vencia o Mestre Preparador falecido, para as obras internas do Museu da Academia, ella se encarregaria de ir pouco a pouco fazendo as que fossem convenientes, ficando a repartição das obras*

problemas estruturais começavam a surgir no Museu pondo em risco a segurança e conservação das coleções, tal como as infiltrações de água e ameaça de ruína em várias salas do Museu⁸¹¹. Contribuindo para o descalabro o número de funcionários em 1853 resumia-se a um fiel, um desenhador um praticante de desenho, dois preparadores, um praticante de preparação, um porteiro, auxiliadas por um classificador dos objetos de Historia Natural, o Doutor Francisco António Pereira da Costa que acumulava o cargo de Professor da Cadeira de Elementos de História Natural e um encarregado dos catálogos, sendo estes últimos apenas gratificados e não constantes do quadro de funcionários efetivos do museu⁸¹². É neste cenário de crescente decadência que surge aquele que viria, paradoxalmente, a forçar o fecho das portas do Museu e a salvar o que restaria das coleções, o então jovem professor de Zootecnia do Instituto Agrícola de Lisboa e lente da 8ª Cadeira (Zoologia) da Escola Politécnica de Lisboa, José Vicente Barbosa du Bocage (Fig. 25). Embora já tivesse sido candidato ao cargo de professor da Cadeira de Elementos de História Natural em 1849 e à sua substituição em 1852⁸¹³, é em

pulicas aliviada destas despesas, e encarregada só das obras externas, como concertos de telhados. [...] in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 36-37).

811 *Senhora - As lajes que cobrem o terraço que fica por cima do Museu Nacional, estabelecido no Academia Real das Sciencias de Lisboa estão em parte desunidas. Enfiltra-se por ahi agoa, atravessando a abobada e vai cahir sobre os objectos do Museu. He portanto urgente remediar este mal, que acudindo-se-lhe promptamente sera pequena a despesa, mas deixando-se lavar arruinará a abobada, e sera muito mais dispendiozo o reparo. A chaminé da cosinha dos Padres do extincto Convento de Jesus he uma maça enorme de pedra e cal, que sahe em grande altura acima d'outro terraço contiguo á casa das aves do mesmo Museu. Esta rachada em varias partes, e ameaça ruina eminente; he por consequencia necessaria aquala [...], para evitar que na sua queda não só arruine alguma parte do edificio, mas possa tambem prejudicar quem que nessa ocasião passe na sua proximidade." in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 57).*

812 BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 61).

813 Esta candidatura, que surgiria na sequência do professor substituto Guilherme José António Dias Pegado. "Assembleia Geral da Academia, em 13 de Maio de 1852. Abriu-se a Sessão às 8 1/2 horas da tarde, Presidencia do Snr. Cons. José Maria Grande. Approvou-se a Proposta da 1ª Classe da Academia para que se ponha desde já a concurso a Substituição da Cadeira de Elementos de Historia Natural, vaga pela demissão voluntaria do Sr. Pegado. Votou-se o addiamento da outra proposta da mesma primeira classe da Academia, para se dar interinamente hospedagem no Edificio da Academia á 7ª e 8ª Cadeira da Eschola Polytechnica [...]" in BACL - Livro de Secretaria 31B (p. 3), tendo havido mais dois candidatos, o Dr. António Joaquim de Figueiredo e Andrade Corvo, tendo sido nomeado este último e não tendo obtido Bocage qualquer voto favorável. "Sessão de 19 de Julho de 1852 [...] O Snr. Presidente disse que o objecto da reunião era prover-se a substituição da Cadeira de Elementos de Historia Natural, da Instituição Maynense. Os Candidatos são tres, os Snrs. Dr. Antonio Joaquim de Figueiredo, Andrade Corvo, e Barbosa do Bocage. Decidiu-se que para este provimento se seguisse o

1853, o mesmo ano em que é nomeado Sócio Efetivo da Academia das Ciências de Lisboa⁸¹⁴, que exercerá uma maior e decisiva influência quanto ao destino do Museu.



Figura 25 - Fotografia de José Vicente Barbosa du Bocage (1823 - 1907), tirada muito provavelmente na década de 1850, por época da sua nomeação para Sócio Efetivo da Academia das Ciências de Lisboa. Adaptado de Silva (1907).

mesmo methodo de votação que se havia estabelecido no projecto do Regulamento da Academia, para admissão dos Socios. Na primeira votação sobre merito absoluto todos os tres Candidatos foram approvados. Na votação sobre merito relativo o Snr. Andrade Corvo obteve cinco votos,, o Snr. Dr. Figueiredo quatro." in BACL - Livro de Secretaria 31B (p. 28).

814 "*Secção de sciencias historico-naturaes*" (No 1." de Março de 1853, um anno depois da installação da 1." Classe, nomeou cila mais cinco Sócios effectivos, que foram: —os Srs. Thomaz d'Aquino de Carvalho, Lente de Mathematica da Universidade, e Thomaz de Carvalho, Lente da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, para a Secção de sciencias physicas; —os Srs. João d Andrade Corvo, e Jose Vicente Barbosa du Bocage para a Secção de sciencias historico-naturaes [...]" in *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa - Classe de sciencias mathematicas, physicas e natureas. Nova Serie - Tomo 1 parte 1* (1854) p. 15)

José Vicente Barbosa du Bocage, primo em segundo grau do famoso poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), nasceu no Funchal a 2 de Maio de 1823, tendo tido uma infância atribulada devido aos infortúnios da guerra civil. Em 1839 Bocage ruma a Coimbra, onde se matricula em matemática e medicina, tendo tido um brilhante percurso académico, culminando na sua formação como bacharel em Medicina em 1846. As circunstâncias revolucionárias e políticas do país interpõem-se de novo, quando se alista no Batalhão Académico durante a Patuleia. Em 1847 findas as lutas políticas no país, Bocage parte para Lisboa onde começa a exercer medicina. Porém, ao fim de pouco tempo passa a dedicar-se exclusivamente à Zoologia. Em 1849, o jovem Bocage, então com 26 anos, tendo perdido o concurso para o cargo de professor da aula de História Natural do Instituto Maynense na Real Academia das Ciências de Lisboa, é nomeado lente substituto da cadeira de Zoologia da Escola Polythecnica de Lisboa, tendo vindo em pouco tempo, logo em 1851, a tomar a efectividade da cadeira, após a morte do respetivo lente proprietário, o Dr. Assis. É em Lisboa que começará as suas primeiras investigações no domínio da Zoologia, utilizando para tal as coleções do Museu de Lisboa. Pelo seu interesse na zoologia, Bocage e João de Andrade Corvo (1824-1890), foram nomeados pela Academia para incorporarem uma Comissão destinada ao melhoramento do Museu, onde, sob os auspícios de Pereira da Costa, se dedicariam a trabalhar na classificação das coleções lá existentes, num período em que apesar da sua já grande decadência, ainda entravam esporadicamente algumas coleções e espécimes oferecidas por diversas personalidades, entre elas o próprio D. Pedro V⁸¹⁵. Destes trabalhos de classificação originar-se-iam três publicações científicas de Bocage: "*Memoria sobre a Cabra-Montez da Serra do Gerez*"⁸¹⁶, trabalho este que terá sido submetido aquando da sua candidatura a sócio efetivo da Academia, "*Noticia zoologica sobre a Cabra-Montez da Serra do Gerez*"⁸¹⁷ e a "*Noticia sobre uma collecção de conchas das ilhas da Madeira e Porto*

815 Vide Documentação Transcrita - Apêndice D1

816 Bocage (1857a).

817 Bocage (1857b).

Santo, oferecidas ao Museu de Lisboa pelo sr. João d'Andrade Corvo". Em todos estas publicações podem, para além das preciosas informações zoológicas, retirar-se informações relativas ao estado e situação do Museu. Na sua "*Noticia zoológica*" sobre a coleção de conchas oferecidas por Andrade Corvo, trabalho realizado fora da sua especialidade mas com o forte cunho sentimental por se tratar de uma coleção da sua terra natal, Bocage não poupa nos adjetivos para classificar o Museu como "*pobre*", "*desanrranjado*", "*caótico*", "*desgraçado*", e "*destinado somente a por em risco a sua reputação [da Academia]*"⁸¹⁸. No que toca à importância científica deste trabalho, bastará referir que terá sido o primeiro trabalho exclusivamente dedicado à malacologia produzido por um autor Português, pois o conhecimento relativo a esta fauna para o território português limitava-se à incompletíssima lista Vandelliana de 1797, ao trabalho produzido e publicado por Arthur Morelet datado de 1845⁸¹⁹, por Richard Thomas Lowe em 1831, 1852 e 1854⁸²⁰, e por John Christ Albers em 1854⁸²¹. Só em 1860 voltaria Morelet a publicar novamente sobre a fauna malacológica portuguesa, desta vez focando a sua atenção nos Açores⁸²², e no mesmo ano Lowe com a descrição de quatro nova espécies da Madeira⁸²³, e em 1867 a obra do Barão de Castelo de Paiva, "*Monographia molluscorum terrestrium fluvialium, lacustrium, insularium Maderensium*"⁸²⁴, dedicada também ela à fauna malacológica da Madeira. Pelas suas características biogeográficas boa parte das espécies madeirenses descritas por Lowe e Albers apresentavam-se como endémicas novas para ciência, que, apesar de já há vários anos existirem coleções desta região no Museu de Lisboa, nunca tinham sido estudadas por naturalistas

818 Bocage (1857c: p. 204-205)

819 Morelet (1845).

820 Lowe (1831, 1852, 1854).

821 Albers (1854).

822 Morelet (1860)

823 Lowe (1860).

824 Paiva (1867).

nacionais, deixando o crédito da sua descrição a naturalistas estrangeiros, limitando-se Bocage a citar as espécies da sua terra natal que outros haviam descrito. No entanto, o conhecimento da fauna nacional era tão escasso que não faltariam oportunidades para que o jovem sócio da Academia pudesse aproveitar as coleções do Museu para começar a contribuir com o cunho de novas espécies e variedades de animais. Terá sido este o caso da Cabra Montês do Gerês cujos exemplares (1 ♂ e 4 ♀), presentes no Museu de Lisboa e nas diminutas coleções que então a Escola Politécnica possuía, oferecidos a ambas as instituições por D. Pedro V, que Bocage terá cuidadosamente examinado e considerado, embora com algumas reservas, tratem-se de uma nova espécie de género *Capra*. Esta descrição, em que consistia a base da sua "*Memoria sobre a Cabra-Montez da Serra do Gerez*" apresentada e lida à 1ª Classe da Academia Real das Ciências a 16 de Outubro de 1856, apesar de correta e atualmente aceite, não viria a ser finalizada e cunhado qualquer binómio latino para a sua nomenclatura. Bocage, que inicialmente se encontrava convencido da autenticidade dos seus exemplares como pertencentes a uma espécie desconhecida para a ciência, baseando-se na comparação minuciosa dos caracteres morfológicos dos exemplares com as descrições publicadas por diversos autores sobre espécies semelhantes, por precaução (que lhe seria bastante característica) não cunha um novo nome para identificar a espécie, condição fundamental para a criação de um novo *taxon*, e num aditamento à mesma memória o autor deixará cair por terra a sua primeira descoberta zoológica. Segundo o autor, já mesmo depois de se achar no prelo o seu texto, terá tido a informação de que existiriam também no Museu de Coimbra dois exemplares, um macho e uma fêmea, do mesmo tipo de animal, razão pela qual empreenderá uma viagem à sua antiga terra dos tempos de estudante para observar os espécimes⁸²⁵. Através da análise destes outros exemplares, capturados na mesma região e apresentando características em tudo semelhantes, Bocage coloca dúvidas sobre a fiabilidade de certos caracteres por ele anteriormente apontados como distintivos, inconfundíveis e invariáveis para lhe permitirem atestar a identidade da suposta espécie, o que o leva a aliviadamente referir no

825 Bocage (1857a: p. 17).

aditamento: "*Na minha Memoria julguei não me dever pronunciar d'uma maneira decisiva sobre a questão - de ser ou não a cabra do Gerez uma especie nova, uma quarta especie europea. Applaudo-me hoje dessa prudente reserva.*"⁸²⁶. Certo da sua diferença relativa às espécies *Capra ibex* e *Capra pyrenaica*, Bocage recorre aos zoólogos Andreas Fraz Wilhelm Schimper, do Museu de Estrasburgo, e Mariano de la Paz Graells, diretor do Museu de Madrid, para tirar as suas dúvidas relativas à possível identidade da cabra do Gerês como sendo da espécie *Capra hispanica* (atualmente considerada como subespécie da *C. pyrenaica*, e identificada como *Capra pyrenaica hispanica* Schinz, 1838), que também viriam a considerar como pertencentes a essa espécie. Bocage, satisfeito com a resolução do caso, não deixa de apontar no entanto a importância zoogeográfica da distribuição da espécie, apontamento que viria a servir para que Schlegel, em 1872, cunhasse o epíteto subespecífico de *lusitanica*, passando desde então os indivíduos do Gerês a serem identificados como membros do *taxon Capra pyrenaica lusitanica* Schlegel, 1872, até à sua extinção, confirmando as primeiras impressões de Bocage, cujo mérito, apesar de não ter surtido efeito imediato na autoria da subespécie, não deve ser desprezado. A mesma opinião sobre a identidade da Cabra do Gerês seria repetida por Bocage na "*Noticia zoologica sobre a Cabra-Montez da Serra do Gerez*".

Apassionadamente dedicado aos estudos zoológicos e preocupado com o estado em que as coleções presentes no Museu de Lisboa se encontravam, Bocage iniciará todo um processo que para além de vir a fechar as portas do Museu ao fim de quase 4 anos de controversas discussões no seio da Academia, viria a culminar com a transferência das coleções para a Escola Politécnica, onde, como já referimos, Bocage era lente proprietário. Assim, a 11 de Dezembro de 1854, Bocage e Andrade Corvo, apresentam em Sessão Académica uma proposta que viria a marcar o início do fim do Museu de Lisboa sob a direção da Academia das Ciências de Lisboa. Os principais tópicos desta proposta baseavam-se na transferência do Museu de Lisboa das instalações da Academia para as da Escola Politécnica, passando a direção económica e científica para a Escola, tal como a

826 Bocage (1857a: p. 18).

gestão dos seus empregados, mas mantendo a Academia a obrigação de conservação e gestão do Museu até que a Escola tivesse um local para a instalação do Museu⁸²⁷. A entropia causada por esta proposta levaria a que a sua discussão só acontecesse a 15 de Março de 1855, embora a 8 de Março já se tivessem lido as opiniões dos dois membros da comissão na sequência da proposta, Júlio Máximo de Oliveira Pimentel e Alexandre Herculano⁸²⁸, cujas posições opostas, Júlio Pimentel, docente e diretor da Escola Politécnica de Lisboa a favor da proposta de Bocage, e Herculano, contra por considerar que "*seria estranhavel, q a Academia pedisse a remoção do Museu, confessando a sua incapacidade para o conservar*", fariam com que a mesma se prolongasse até muito tarde, tendo sido marcada a sua continuação⁸²⁹. Na nova sessão proceder-se-ia à votação, sendo esta rejeitada por

827 "Sessão de 11 de Dezembro de 1854. [...] O Snr. Bocage fez a seguinte proposta. Proponho 1º Que a Academia nomee huma Comissão para em seo nome solicitar, do Governo a trasladação do Museu para a Eschola Polytechnica, em consequencia da Academia não querer continuar a empregar a encarregar-se da administração desse Estabelecimento. 2º Que a mesma Comissão possa ser incumbida de propor ao Governo as medidas que lhe parecerem mais proprias para obter a aequiscencia da Eschola Polytechnica, taes como a conservação no Orçamento da verba votada a propria dotação do Museu, e a redução do pessoal pela forma que propomos, e ordem q para as despesas do Museu haja hum rendimento razoavel. 3º Que a Academia se preste a dar asylo das collecções do Museu em quanto a Eschola Polytechnica não possuir edificio adequado pº ellas, sendo a administração economica e científica do Museu exercida pela Eschola, pela forma q o Governo determinar. Assignados J.V, Barbosa du Bocage, J. d'A. Corvo" in BACL - Livro de Secretaria 31B (p 53v-54).

828 "Sessão de 8 de Março de 1855. [...] O Snr. Julio Pimentel leo o parecer da Comissão mandado para dar o seu voto sobre o projecto apresentado pelo Snr. Bocage, para a transferencia do Museu Nacional, e a opinião, em separado do Snr. Alexandre Herculano indicando a suas duvidas sobre alguns pontos, e reprovando-se as expos na discussão." in BACL - Livro de Secretaria 31B (p. 57-57v).

829 "Sessão de 15 de Março de 1855. Assistirão á Sessão os Snr. Alexandre Herculano, José Maria Grande, Bernardino António Gomes, Pulido, Beirão, Bocage, Thomaz de Carvalho, Corvo, Pimentel, Carlos Ribeiro, Isidoro Baptista, Cunha Neves, Tavares de Macedo, Viale, Canay, Marreca, Bello da Silva, e o Secretario Geral, e o Snr. Figueiredo. Lida a Acta da Sessão anterior foi approvada, como observação. O Sr. Vice Presidente notou q sendo o objecto desta reunião o debate sobre o parecer da Comissão encarregada do exame da proposta do Snr. Bocage acerca da transferencia do Museu para a Eschola Polytechnica, e sendo assignado o seu corpo em separado, cabialhe agora expor os motivos que discordara do seu collega o Snr. Pimentel, e por isso alargou-se em considerações para mostrar que seria estranhavel, q a Academia pedisse a remoção do Museu, confessando a sua incapacidade para o conservar, e depois de longas reflexões, concluiu repetindo q o seu parecer era a rejeição da proposta. O Snr. Pimentel expos as rasoas q o levarão a aprovala. O Secretario Geral declarou q, ja no anno de 1838, fora rquerida a transferencia do Museu para a Eschola Polytechnica, porem q sendo ouvida a Academia, conjuntou esta ao Governo em pedido contrario, e o Governo assim o decidio. Convidado a ler o referido documento, foi lido, e sobre o seu contheudo fallarão os Snr. Bocage, Thomaz de Carvalho, Bernardino Antonio Gomes, Corvo, e Alexandre Herculano, que, recapitulando todos os seos argumentos anteriores, e adiantando os, encerrou o seo discuroso, supplicando á

uma votação de 10 votos contra, levando à apresentação de novas propostas relativas ao Museu⁸³⁰. Todas elas manifestavam a intenção de manutenção do Museu sob as rédeas da Academia, no seu edifício e sob a sua direção, nomeando-se uma comissão para estudar o estado do museu e propor a sua remodelação e, caso falhasse, o Museu seria então transferido para a Escola Politécnica.

Entretanto, o estado do Museu agravava-se, tornando-se embaraçosa a sua exposição ao público. Os visitantes apontavam o estado incompleto em que se encontravam as coleções, as péssimas condições das preparações taxidérmicas e a falta de coleções dos territórios ultramarinos⁸³¹. Inevitavelmente, a 27 de Março de 1855, o Museu fecharia as portas ao público⁸³², devido a, como a própria Academia reconhecia, ser um "*escandalo scientifico e administrativo*", que envergonhava o país e a instituição⁸³³. O fecho das portas acarretaria problemas graves para as

Academia q poupasse a si mesma a confissão de incapacidade q envolvia a proposta. Sendo 11 horas da noute, suspendeo se a sessão e designou-se a noute de 2ª fra, 19 do corrente, para continuar o mesmo debate. Não occorendo [?] nenhum assumpto, o Snr Vice Presidente levantou a Sessão depois das 11 horas e hum quarto da noute, ficando inscriptos para a discussão o Snr. Bocage, Rebello da Silva, e Tavares de Macedo. Joaquim José da Costa de Macedo." in BACL - Livro de Secretaria 31B (p. 58v-59).

830 Vide Documentação Transcrita - Apêndice E1

831 Anónimo (1855) *cit. in* Brigola (2010: p. 169-170).

832 "*Em consequencia de diversas disposições a que tem de proceder-se nas salas do Museu, fica por ora suspensa a admissão que nelle se fariao de todas as pessoas que querião visitalo, nas quintas feiras de cada semana. Pelo que se torna desnecessaria a guarda que até agora vinha para o Museu, em quanto não houver aviso em contrario - Deos Guarde a V. Exa. Lisboa 27 de Março de 1855 - Illmo Snr Visconde de Franco - Joaquim Jos+e de Costa de Macedo, Secretario geral perpetuo da Academia" in BACL - Livro de Secretaria 18B (p. 158)*

833 "*Não só o systema complexo de administração, mas tambem o indefinido dos encargos e consequentemente da responsabilidade dos officiaes e empregados da Academia, a falta de regras para a distribuição de recursos, a ausencia de publicidade, e tambem a exorbitancia das proprias attribuições em ano, e a condescendencia em prontidão em outra, tem dado origem a muitos desconcertos, e causada a desproporção que se nota neste instituto entre os meios e os resultados. Foi para entrar no caminho d'uma verdadeira reforma, que a nova Academia, Tendo-se convencido de que o estado do Museu de Lisboa era um escandalo scientifico e administrativo, se viu obrigada por pudonor nacional, e pelo sentimento de propria dignidade, a escondelo aos olhos do pulblico, e sobretudo dos estrangeiros, em quanto nao he possivel tornal'o digno de ser visitado. Mas nem só o estado do Museu he uma vergonha para o paiz. A necessidade de reforma estende-ce a tudo. Não ha sequer uma salla conveniente e onde se faça o curso elementar d'Historia Natural, sendo a Aula actual uma especie d'armazem escuro e humido; era esta Aula, hoje preparatoria para os institutos de instrucção publica superior, faltão muitos dos auxilios indispensaveis para o ensino, como seriao uma*

coleções, que rapidamente entrariam numa mais acelerada decadência. Por outro lado, com o fecho das portas do Museu deixaram de ser pagos os fundos de manutenção, sendo impossível proceder-se a qualquer tipo de conservação ou restauro das suas coleções, muitos menos à aquisição de outros exemplares⁸³⁴, embora, ainda em 1856 continuassem a ser dirigidas ao Museu remessas de materiais provenientes das colónias⁸³⁵, ou adquiridos modelos anatómicos de *papier-maché* à casa Auzoux para o ensino da aula do Instituto Maynense. Durante os dois anos em que o Museu esteve encerrado acentuou-se a degradação das coleções, a tal ponto que o número de exemplares diminuiu de forma radical. As várias contagens disponíveis relativas aos exemplares das coleções do tempo da Academia, podemos constatar que apesar do forte incremento de remessas e de ofertas durante a década de quarenta, em 1858, data em que o Museu se transferirá para a Escola Politécnica⁸³⁶, algumas das suas coleções se encontravam diminuídas a um décimo daquilo que eram em 1849⁸³⁷ (Figura 26). As coleções, colocadas num edifício com poucas condições, de preparação taxidérmica duvidosa e deixadas ao abandono num Museu sem direção, não resistiriam ao fecho das portas em 1855.

collecção separada e apropriada ao mesmo ensino, de productos naturaes, uma collecção de productos chymicos, e um pequeno laboratorio." in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 83).

834 "Senhor, Desde o 1º de Novembro de 1855 não tem sido paga conjunctamente com a Folha do Museu de Lisboa, como era costume, a quantia de 32.155\$ mensais, destinados na Lei do Orçamento para obras internas e despesas meudas do Museu; pelo que ha ja grande alcance, que a Academia Real das Sciencias tem deferido, mas nao lhe sendo possivel continuar a fazel'o porque os seus fundos mal lhe chegão - recorre a Academia a Vossa Magestade a fim de Se Dignar prover de remedio, ordenando que a quantia attrazada seja satisfeita, e que de futuro continue a pagar-se com as Folhas do Museu a mencionada quantia de 32.155\$ mensaes, sem o que nao podem conservar-se, nem adquirir-se objecto algum para o Museu, e menos ainda fazer-se qualquer obra que de prompto se tornão necessarias" in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 100v).

835 Oferta de "varios productos naturaes da Provincia de Moçambique" para o Museu pelo Conselho Ultramarino, dirigido pelo Visconde de Sá da Bandeira, em 1 de Abril de 1856. (BACL - Livro de Secretaria 18B (p. 171v).

836 Bocage (1862a: p. 71-72).

837 *As Aves que vierão da Ajuda não chegavão a quatro centas, grande parte das quaes estava em tal estado, que se inutilisárão, hoje são perto de duas mil. Os Mamaes erao poucos mais de oitenta, hoje são mais de duzentos. A collecção d'Insectos triplicou. Os Peixes, reptis, e animaes invertebrados tiverão consideravel augmento, em consequencia de donativos e compras. E as collecções mineralogicas, e conchiologicas tambem se augmentar muito por effeitos de donativos recebidos. [...]" in BACL - Livro de Secretaria 2B (p. 15).*

Embora o fecho das portas do Museu já prenunciasse um desfecho pouco favorável para a manutenção da sua alçada por parte da Academia, em Abril de 1856 esta viria a dirigir um apelo a D. Pedro V, onde reconhecia o lastimável estado em que se encontrava o Museu, as suas diminutas coleções, e o seu estado de desinteresse e atraso relativo ao que eram então já os novos padrões exigidos, justificando-se com todos estes argumentos a decisão do encerramento⁸³⁸.

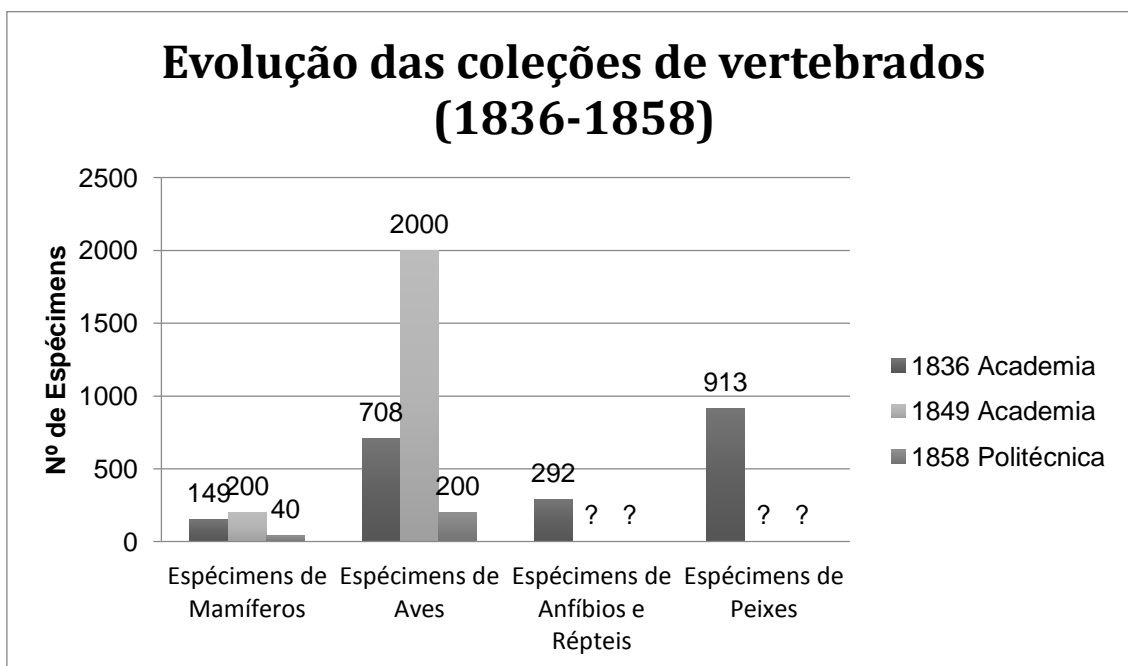


Figura 26 - Evolução das coleções de vertebrados desde a transferência do material da Ajuda para a Academia (já contando as coleções Maynenses e da própria Academia), até à sua chegada às mãos da Escola Politécnica de Lisboa.

Como forma de reformular o Museu, e impedir a sua passagem física e administrativa para a Escola Politécnica, a Academia apresentaria também uma nova proposta para o Museu, a construção de um novo edifício totalmente destinado a esse fim, aumentando as suas coleções e estabelecendo um novo quadro de pessoal⁸³⁹. Embora fosse um projeto promissor, consideravelmente bem delineado e que poderia de facto resolver os principais problemas relativos ao Museu, não terá sido aceite por D. Pedro V, certamente por razões de ordem

838 Vide Documentação Transcrita - Apêndice E2

839 Vide Documentação Transcrita - Apêndice E3

técnica e financeira, e logo em 1858 seria decretada a transferência do Museu para a Escola Politécnica. Como assim consta no decreto de 10 de Fevereiro de 1858:

"Dom Pedro, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as Côrtes Geraes decretaram, e nós queremos a Lei seguinte: Artigo 1º O Museu de Historia Natural, que foi por Decreto de 27 de Agosto de 1836 transferido para a Academia Real das Sciencias de Lisboa, passa para a Escola Polytechnica. § 1º As collecções de zoologia e mineralogia, e todos os demais objectos pertencentes ao mencionado Museu são incorporados nos gabinetes de zoologia e mineralogia da mesma Escola. § 2º Estes dois gabinetes ficam constituindo as duas secções do Museu. Art. 2º A direcção scientifica e a administração economica do Museu ficam a cargo dos Lentes proprietarios da 7ª e 8ª cadeiras da Escola Polytechnica, debaixo da inspecção e fiscalisação do Conselho Escolar e da Junta Administrativa.. Art. 3º A quantia de 1:869\$000 réis, em que importa a despeza do Museu que actualmente se acha auctorizada, terá a seguinte applicação: A cada um dos Directores a gratificação annual de 200\$000 réis; A um Preparador de mineralogia, que servirá ao mesmo tempo de Conservador do Museu, o ordenado de 300\$000 réis annuaes; A um Preparador de zoologia o ordenado annual de 200\$000 réis; Para a aquisição de exemplares, conservação das collecções e outras despezas do Museu 969\$000 réis annuaes. Art. 4º O Provimento dos logares de Preparadores, que actualmente compete ao Conselho Administrativo da Academia, será feito pelo Conselho da Escola Polytechnica sobre proposta dos Directores. Os outros serviços do Museu serão regulados e atribuidos pelo modo que os mesmos Directores julgarem mais conveniente, debaixo da fiscalização da Junta Administrativa da Escola; § único. As pessoas actualmente empregadas no Museu, que estiverem prestando bom e effectivo serviço, serão preferidas em igualdade de circunstâncias pela nova administração d'este estabelecimento. Art. 5º Fica revogada toda a legislação em contrário. Mandámos portanto a todas as Auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém. Os Ministros e Secretarios d'Estado dos Negocios do Reino e da Guerra a façam imprimir, publicar e correr. Dada no Paço das Necessidades em 9 de Março de 1858- El-Rei (com rubrica e guarda) - Marquês de Loulé - António Rogério Gromicho Couceiro. Carta de Lei, pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o Decreto das Côrtes Geraes de 10 de Fevereiro o ultimo, por que é transferido o Museu de Historia Natural da Academia Real das Sciencias de Lisboa para a Escola Polytechnica, regulando ao mesmo tempo a sua direcção scientifica e a administração economica: manda cumprir e guardar o mesmo Decreto como n'elle se contém, pela fôrma retró declarada. Para Vossa Magestade ver - João Augusto Gomes a fez."

Assim, em Abril de 1858, findava uma época para o Museu de Lisboa e consequentemente para a História Natural em Portugal. O fim do Museu seria mais do que um fechar de portas, e a transferência não seria apenas física. Nas mãos de Barbosa du Bocage e nas instalações da Escola Politécnica de Lisboa, as coleções cresceriam de modo exponencial, beneficiariam das boas condições oferecidas pelo

edifício e, mais importante, tornar-se-iam objetos de investigação e divulgação de conhecimento, contrariamente à total inutilidade científica que até então estavam votadas. A 8 de Maio, José Vicente Barbosa du Bocage receberia das mãos do secretário perpétuo da Academia, José Maria Latino Coelho, a totalidade das coleções de História Natural presentes no Museu⁸⁴⁰. Na totalidade seriam entregues as coleções de geologia, mineralogia, paleontologia, zoologia e botânica presentes nas várias salas, bem como todo o material documental e bibliográfico relativo ao Museu, excetuando-se apenas os documentos da viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira, transferidos para o Brasil anos antes⁸⁴¹. É com amargura que Bocage refere em 1862 a triste história do Museu de Lisboa sob o teto da Academia:

*"[...] parece ter-se apenas atendido a que havia n'aquelle edificio umas salas com sufficiente capacidade para conterem os armários do museu [da Ajuda], embora não tivesse as condições mais essenciaes para servirem de alojamento a collecções de história natural." e "Foi assim que se inventou um museu que ninguém dirigia, que só um homem devia classificar, e que apenas servia de asylo a vários empregados subalternos – preparadores, desenhadores, guardas, porteiros, sem outra occupação mais do que assistir à ruína e desaparecimento de quanto de susceptível de soffrer as injurias do tempo. Manteve-se este estado de cousas vinte e dois annos e deu os resultados que devia dar."*⁸⁴².

Iniciava-se agora a época de ouro para a zoologia portuguesa, sob a batuta de Barbosa du Bocage.

840 AHMB Div. 556.

841 Vide Documentação Transcrita - Apêndice E4

842 Bocage (1862a).

Capítulo 11 - As coleções de D. Pedro V no *Museu Real* do Paço das Necessidades

Neste cenário decadente em termos museológicos, as coleções de história natural portuguesas afiguravam-se como um mostruário do atraso nacional no que toca às ciências histórico-naturais. Apesar da existência oficial de um “Museu Nacional”, na prática a inexistência de um estabelecimento museológico funcional com coleções suficientemente ricas e numerosas para permitirem a atividade naturalista, levava a que o “Museu Nacional” fosse muito mais um sonho do que uma realidade. Este cenário de brutal contraste com a realidade europeia viria a ser ligeiramente esbatido devido a D. Pedro V e à sua iniciativa particular de instalar um Museu de História Natural privado no Paço das Necessidades. Pouco conhecidas e geralmente desconsideradas no que toca à sua importância no contexto científico e museológico nacional, as coleções reais portuguesas da segunda metade do século XIX foram no entanto bastante importantes para o progresso da zoologia e para o enriquecimento das coleções de diversos estabelecimentos científicos e pedagógicos. Para além desta importância, foram o reflexo do interesse dos próprios monarcas que as possuíram, testemunhos vivos da sua personalidade científica. De natureza distinta das coleções antigas de D. João V, a típica *Kunst-und-Wunderkammer* tardo-renascentista e barroca, onde as peças de história natural, tal como um espécimen do famoso e raro *Conus cedonulli* Linnaeus, 1758, fariam também parte do seu acervo, ou ainda das coleções do despotismo iluminado europeu “para ensino dos príncipes” de cujo Gabinete Real de História Natural da Ajuda fora exemplo, as coleções reais da segunda metade do

século XIX assumiam-se como coleções de estudo privadas, criadas, planeadas, enriquecidas, e estudadas pelos próprios monarcas.

Após o renascimento político de Portugal e finda a sanguinária Guerra Civil, que durante 6 anos tinha mergulhado o país no maior caos, nasce a 16 de Setembro de 1837 aquele que haveria de ser um dos monarcas mais amados pelos seus súbditos, do povo às elites académicas, bem como dos que mais tempo dedicariam ao estudo e promoção das ciências naturais, D. Pedro V. Filho da Rainha D. Maria II e de D. Fernando II, também eles monarcas patrocinadores e protetores dos estudos científico-naturais, D. Pedro V e o seu irmão, o futuro Rei D. Luís I, seriam em infância educados por alguns dos mais conceituados sábios portugueses, em que o estudo das ciências naturais seria uma realidade constante. De personalidade pouco expansiva, D. Pedro V revelar-se-á como um estudante aplicado e excecional e que, segundo seus vários biógrafos, não permitiriam sequer ao monarca ter *“tempo de ser criança”*⁸⁴³, aplicando-se com um empenho e dedicação pouco vulgares nas mais diversas áreas do saber. Como resultado direto deste ensino, bem como das influências que os ventos de uma Europa positivista faziam chegar a Portugal, o futuro rei e o seu irmão dedicaram-se logo desde crianças a praticarem atividades naturalistas como colecionar conchas, recolher insetos e à criação de coleções no Paço das Necessidades em 1848⁸⁴⁴, sendo para tal decisiva a influência do pai, D. Fernando⁸⁴⁵. A notícia da criação de um museu privado no paço levaria a que vários particulares, cientes do interesse dos jovens príncipes, contribuíssem com espécimes e coleções para enriquecer a sua coleção⁸⁴⁶. Este museu depressa ganharia forma, sendo para tal destinada uma sala

843 Leitão (2011: p. 37).

844 Bastos (1863: p. 34)

845 Como referido anteriormente logo no ano de 1838, um ano após o nascimento de D. Pedro, já D. Fernando contribuía com o envio de espécimes para o Museu de Lisboa, sendo bastante provável que o próprio possuísse algumas coleções particulares que serviriam para estimular o interesse dos príncipes seus filhos.

846 *“[...] algumas pessoas, vendo tão louvável applicação, tiverao a honra de offerecer aos Augustos Estudantes Naturalistas alguns bons exemplares deste género de producções da Natureza; o Museu foi*

própria no paço para albergar as coleções que começavam a ganhar uma dimensão, quantidade e valor consideráveis. Relata-nos Bastos que “*Esta Sala foi ornada de armários próprios para conter os objetos de Historia Natural, que formavao o Museu de Sua Magestade, e de Sua Alteza, o Senhor Infante Dom Luiz, e que tinha o titulo de – Museu de Suas Altezas – e isto já no anno de 1848, teve principio naquella nova caza.*” e que, anexo ao mesmo, se começou a formar uma pequena biblioteca, sendo mesmo contratado um responsável, Francisco Thomaz da Silveira, formado em Medicina na Universidade de Coimbra, para tratar da curadoria e classificação das coleções, bem como para auxiliar os infantes durante as suas investigações naturalistas⁸⁴⁷. O museu ia sendo enriquecido com vários exemplares capturados pelos jovens soberanos⁸⁴⁸, bem como com aqueles obtidos a partir dos contactos com estabelecimentos comerciais estrangeiros dedicados à venda de material de História Natural. Das caçadas e colheitas de D. Pedro V, resultavam vários e diferentes tipos de exemplares que não serviam só para enriquecer o seu museu, mas também para enriquecer as restantes coleções nacionais, como os já referidos casos do Museu de Lisboa, do Museu da Universidade de Coimbra, ou de Museus e estabelecimentos de ensino de menor dimensão, bem como de estabelecimentos congéneres no estrangeiro. Contam-se várias ofertas ao longo de toda a vida de D. Pedro V ao Museu de Lisboa, sendo estas ofertas constantes e regulares, ora em pequenas quantidades de espécimes, ou coleções de vulto como o caso de uma contendo mais de sete mil cento e catorze exemplares de minerais, dois mil quatrocentos e setenta e seis fósseis, quatro mil cento e vinte e uma rochas, quatrocentos e sete frascos com terras vulcânicas e trinta e seis armas e utensílios

crescendo, e como ao principio bastassem algumas pequenas caixas, para guardar estes objectos, tal foi o seu incremento, que se destinou huma caza própria para este fim, no Convento das Necessidades, junto da Sala grande, onde antigamente os Congregados faziao Sala dos Actos;” in Bastos (1863: Pp. 34); ou, como refere Leitão (2011) “A sua curiosidade, a vontade de saber, leva-o por iniciativa própria, com apenas 10 anos de idade, a organizar um Museu de História Natural onde o estudo fosse mais eficaz e baseado já nas comparações de uns objectos com outros.” in Leitão (2011: p. 39) [comentário: Leitão está errado em situar no ano de 1847 vide Bastos (1863)].

847 Bastos (1863: p. 35).

848 “*Em 4 de Junho de 1851 escreve de Sintra a Sarmento: “Consagrei a tarde a uma excursão conchiliológica com o visconde, a qual me deu oito espécies que o mano Luiz lhe mostrará.” in “Carta a Sarmento de 12 de Abril de 1851” cit. in Vilhena (1921: p. 12).*

de pedra que entraram na Museu de Lisboa em 1854⁸⁴⁹ (Tab. 9). Para a Universidade de Coimbra, como já referido, rumariam duas coleções em 1853 e 1854. Também outros estabelecimentos nacionais de menor vulto foram contemplados com ofertas de material do Museu Real, nomeadamente o Museu de Évora (então na Biblioteca Pública), que recebeu a 26 de Janeiro de 1861 uma coleção de conchas de duzentos e quarenta espécies vindas do Museu Real⁸⁵⁰, e o Collégio Artístico-Commercial que recebeu uma coleção de cinquenta e oito espécies de aves, a 15 de Março do mesmo ano⁸⁵¹. Ultrapassando várias fronteiras geográficas, terão sido também enviadas coleções para várias capitais europeias, denotando uma rede de contactos consideravelmente alargada. Um exemplo importante da rede de contactos que D. Pedro V conseguiu estabelecer é o caso da sua troca de material com Arthur Morelet⁸⁵².

Boa parte da rede de contactos naturalistas de D. Pedro V dever-se-ia às viagens efetuadas pela Europa. Durante a vida e reinado de D. Pedro V, o soberano empreenderia duas grandes viagens à Europa, tendo a primeira sido feita entre 28 de Maio e 17 de Setembro de 1854, na qual o jovem rei visitou vários países Europeus como a Inglaterra, onde fica durante algum tempo visitando os seus tios, a Rainha Vitória e o Príncipe Alberto, a Bélgica, a Holanda, Prússia e Áustria, e a segunda entre 20 de Maio e 14 de Outubro de 1855, em Paris, mas também Itália,

849 Discurso lido em 5 de Julho de 1854 na Sessão Publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo Secretario Geral Perpetuo Joaquim José da Costa Macedo "*O Museu da Academia tem recebido grande numero de productos, tanto pela generosidade de Sua Magestade ElRei o SENHOR D. PEDRO V e do Senhor Infante D. Luiz, como pelos donativos com que o tem mimoseado muitas pessoas, em que se distinguem o Snr. Francisco Rodrigues Batalha, offerecendo-lhe grande numero de conchas, alguns zoophitos, reptis e fosseis, dos terrenos terciários de Lisboa, e até algumas especies de fosseis de Alemanha, o Snr. Visconde de Sá da Bandeira [...].*" in Silva (1854: p. 25-26).

850 "*Foi p^a o Museu de Évora uma colleção de conchas de 240 especies, à qual está mencionada no cat. Que se tem a dada sobredita*" in AHMB REM. 438.; "*Catalogo das conchas offerecidas por Sua Magestade El Réi ao Museu de Évora*" in AHMB Div. 475. Esta coleção encontra-se atualmente no Museu de Ciências Naturais da Escola Secundária André de Gouveia, após um percurso complicado,.

851 "*Foi p^a o Museu do Collegio Artístico-Commercial uma colleção de Aves de 58 especies, a qual está mencionada no cat. Que tem a dada supradita*" in AHMB REM. 438.; e "*Catalogo das aves offerecidas por Sua Magestade El-Rei ao museo do collegio artistico-commercial.*" in AHMB Div. 474

852 "*Sua Mag.de El-Rei deo ao sr. Morelet 1 Fusus contrarius e 1 Diodonta.*" in AHMB REM. 438.

Suíça, Bélgica e Ilha de Wight⁸⁵³. Estas viagens não terão sido meras viagens de recreio ou de diplomacia, mas sim planeadas para que D. Pedro e D. Luís se pudessem “*instruir e aprender, e não como fonte de prazer e distração*”⁸⁵⁴. Numa Europa que se pretendia mostrar tecnologicamente avançada e apresentando os progressos científicos dos seus países como principal tesouro nacional, D. Pedro e D. Luís visitarão as principais atrações e monumentos de cada país visitado, sendo os estabelecimentos artísticos e científicos aqueles mais procurados. D. Pedro V iria em ambas as viagens exibir a sua faceta de observador atento e estudioso, sempre com o intento de poder traduzir para a realidade nacional os avanços e novas tendências que observava⁸⁵⁵. Assim sendo, e aliado ao seu profundo interesse pela História Natural, os museus de História Natural seriam locais de passagem obrigatória e de consequentes observações críticas e detalhadas, ao mesmo tempo que conhecia e contactava com os seus responsáveis e investigadores.

Na viagem a Inglaterra, ricamente comentada num *Diário* escrito pelo próprio⁸⁵⁶, D. Pedro V dedica vários dias a visitar estabelecimentos ligados à História Natural: a 4 de Junho o Jardim Zoológico de Londres e o recém inaugurado Aquário de Londres; a 8 de Junho a secção Zoológica e a secção de Mineralogia e Paleontologia do Museu Britânico; a 9 de Junho o Museu Anatómico do Colégio dos Cirurgiões de Londres; e finalmente a 12 de Junho o Jardim Botânico. Seria no entanto a visita que fez às secções Zoológica, Mineralógica e Paleontológica do Museu Britânico, que o viria a interessar mais, permitindo-lhe conhecer e contactar com alguns dos mais famosos e importantes naturalistas ingleses da época. A visita ao Museu Britânico, “*ce receptacle grandiose de tout ce que la nature*

853 Sobre esta viagem veja-se Vicente (2003)

854 Leitão (2011: p. 57).

855 Leitão (2011: p. 59).

856 Leitão (2011: p. 60). Vide a totalidade da transcrição do Diário da viagem a Inglaterra em Leitão (1950).

ou la haute antiquité nous fournissent de précieux et de remarquable"⁸⁵⁷, seria guiada por Sir Henry Ellis, diretor do Museu, Sir Roderick Murchison, um dos *trustees* do Museu, e os irmãos Gray, empregados da parte zoológica. Após apreciar as várias coleções do museu, analisando no entanto com especial atenção a secção ornitológica e malacológica. Sobre esta ultima não hesitaria em a classificar como a mais perfeita que por si conhecida, embora esteticamente fosse inferior à que a de Cuming, naturalista inglês que terá conhecido e que com quem se corresponderia após a visita⁸⁵⁸. Hugh Cuming (1791-1865) interessava-se especialmente pelo estudo das orquídeas e da conchiliologia, e graças a expedições ao Chile e às Filipinas conseguiu construir das maiores coleções da sua época, contendo mais 130.000 espécimenes de plantas herborizadas e mais de 30.000 espécies de conchas diferentes. Como resultado deste contacto, D. Pedro compraria ao colecionador inglês, na sequência da visita a Londres, uma grande e valiosa coleção de conchas, contendo largas centenas de espécies diferentes⁸⁵⁹, e voltando logo em 1857 a adquirir-lhe mais duas coleções de conchas, uma em Fevereiro⁸⁶⁰ e outra em Julho⁸⁶¹. A 9 de Junho D. Pedro ter-se-á ainda dirigido a casa do famoso ornitólogo britânico John Gould, descritor de dezenas de espécies de aves, com o intuito de conhecer pessoalmente o naturalista e a sua coleção privada. Não estando este em casa na altura, terá cabido ao seu filho mostrar a coleção de colibris de seu pai⁸⁶². Voltariam a visitar a coleção, desta vez já na presença do famoso ornitólogo a 19 de Junho, onde o jovem rei poderia novamente apreciar as coleções e lhe seriam oferecidas algumas aves para as suas coleções⁸⁶³. Ainda na

857 Leitão (1950: p. 46)

858 Leitão (1950: p. 50-51).

859 AHMB Rem. 335.

860 AHMB Rem. 340.

861 AHMB Rem. 342.

862 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 88-89).

863 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 127).

casa do naturalista britânico seria a coleção paleontológica que mais fascinaria o jovem monarca principalmente pela presença de exemplares verdadeiros de fósseis de grandes dinossauros, que para além da sua imponência eram encarados por D. Pedro como importantes documentos para o conhecimento da criação⁸⁶⁴. Na visita ao Museu Anatômico do Colégio dos Cirurgiões em Londres, D. Pedro teria a oportunidade de conhecer o "*Cuvier inglês*", o famoso e importante anatomista inglês e diretor daquele museu, Prof. Richard Owen⁸⁶⁵.

Finda a visita a Inglaterra, o segundo país visitado pela comitiva portuguesa seria a Bélgica onde, a 5 de Julho de 1854, visitará em Bruxelas o Jardim Botânico, do qual traça comentários pouco abonatórios⁸⁶⁶, e o Jardim Zoológico que "*dirigido pelo naturalista Linden que estivera no Peru*" apresentava coleções de mamíferos e aves consideravelmente interessantes mas bastante inferiores àquelas vistas em Londres⁸⁶⁷. No mesmo dia, visitaria ainda o Museu de História Natural, onde destaca pela sua beleza e preparação alguns exemplares de primatas e de aves⁸⁶⁸. Três dias depois, ao fim da tarde 8 de Julho e ainda em Bruxelas, D. Pedro aproveitará para adquirir alguns exemplares na loja do naturalista Charles Frédéric Dubois⁸⁶⁹. Em Antuérpia existia um dos mais afamados Jardins Zoológicos de toda a Europa e que D. Pedro V visitaria a 13 de Julho. Apresentando várias semelhanças com o de Londres, o rei ficaria positivamente impressionado pela existência de uma máquina para a incubação artificial dos ovos das aves, bem como pela riqueza e diversidade da coleção de aves aí presentes⁸⁷⁰. Existiria no próprio Jardim um pequeno e modesto Museu, de cujas coleções seriam oferecidas a D.

864 Leitão (1950: p. 52)

865 Leitão (1950: p. 55).

866 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 185).

867 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 185).

868 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 186).

869 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 193)

870 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p 220-221)

Pedro algumas aves africanas, a quem em troca se comprometeria o monarca português a enviar alguns espécimes como agradecimento⁸⁷¹. Desta promessa resultariam ofertas de coleções do Museu Real para Antuérpia. Embora não se tenha encontrado qualquer referência à oferta de uma coleção de aves brasileiras, como seria a intenção de D. Pedro, existe o registo de a 30 de Maio de 1855 ter sido enviada do Museu Real uma coleção de cerca de trezentas e trinta e uma espécies de conchas diferentes ao Museu de Antuérpia⁸⁷². Seguiu-se a Holanda, onde a comitiva real visitaria mais dois espaços museológicos ligados à História Natural, o Jardim Zoológico e Museu de Amesterdão a 17 de Julho, e o Museu de História Natural em Leiden, a 19 de Julho. O Jardim Zoológico de Amesterdão, rico em exemplares únicos vindos das colónias holandesas era, no entender de D. Pedro, "*depois do de Londres, o melhor que temos visto*", principalmente devido à quantidade e beleza das suas aves e mamíferos e aos raros exemplares de Orangotango e de Salamandra Japonesa⁸⁷³. Também neste, tal como em Antuérpia, existiria um pequeno museu onde D. Pedro refere a existência de uma bela coleção de conchas, embora não a trocasse pela sua⁸⁷⁴. Em Leiden o monarca seria recebido pelo ornitólogo Temminck, o mesmo naturalista que havia descrito durante vários anos alguns dos exemplares de aves brasileiras levadas da Ajuda por Saint-Hilaire, que lhe apresenta as ricas coleções de aves do museu⁸⁷⁵. Riquíssimas e bastante diversificadas, as coleções do Museu de Leiden sofriam de bastante falta de espaço, o que implicava o amontoamento dos exemplares, que em parte tiraria algum esplendor às coleções, como por exemplo à de mamíferos, "*a melhor sem duvida na Europa*"⁸⁷⁶. A coleção de conchas apresentar-se-ia, tal como a

871 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p.220-221)

872 AHMB Div. 473.

873 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 239-240).

874 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 239-240)

875 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 250-251).

876 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 250-251).

de Amesterdão, inferior à de D. Pedro⁸⁷⁷. Abandonando a Holanda e prosseguindo para leste, D. Pedro visitaria na capital Prussiana, Berlim, a 26 de Julho, as coleções do gabinete anatómico da Universidade que, devido ao "*cheiro exhalado pelos corpos conservados no alcohol*", o levariam a abortar a visita, visitando de seguida as coleções ornitológicas e de conchas, em que destaca a qualidade da primeira e a pobreza da segunda⁸⁷⁸. Nesse mesmo dia, D. Pedro aproveitaria para adquirir em Schönhausen, berço de Bismarck, algumas "*aves de Ceylão que ali estavam à venda*"⁸⁷⁹. Quase um mês depois, a 20 de Agosto, e no último país visitado pela comitiva portuguesa do extenso périplo europeu, a Áustria, visita a grande e importante coleção mineralógica presente no palácio de Viena⁸⁸⁰, que pelo seu interesse e dedicação do seu diretor, o jovem príncipe julga ser importante o estabelecimento de um intercâmbio científico com Portugal⁸⁸¹.

Findo este primeiro périplo europeu seria em 1855 que o futuro rei empreenderia com a sua comitiva uma segunda viagem à Europa, desta vez centrada em França. De dia 20 de Maio a dia 14 de Outubro, D. Pedro estabelecer-se-ia em Paris onde, tal como havia feito no ano anterior, procuraria conhecer todos os locais científicos e culturais dos quais pretendia retirar o máximo de informações e dados que pudessem ser úteis a Portugal. D. Pedro perderia vários momentos a visitar instituições museológicas ligadas à História Natural e à ciência, sendo o *Jardin des Plantes* e o *Muséum national d'Histoire Naturelle* umas das paragens obrigatórias deste percurso. Assim, a 30 de Maio de 1855 visitaria pela primeira vez a famosa instituição científica parisiense, tendo começado a sua visita pelo Museu. Dele destacaria a sua dupla função, de instrução e recreio, característica esta ausente da maioria dos museus europeus que já havia visitado,

877 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 250-251).

878 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 279).

879 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 280).

880 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 318-319).

881 Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 318-319).

bem como os seus ilustres naturalistas, como Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, filho do comissário napoleónico que décadas antes visitara a Ajuda, cujas coleções sabiamente trabalhavam com resultados reconhecidos por toda a ciência mundial⁸⁸². Tendo visitado a maioria das coleções, considera-as inferiores às do museu londrino ou mesmo do museu da Universidade de Leiden, e constata o gravoso estado de conservação em que se encontravam, vítimas de uma "*moléstia muito fatal*", em tudo semelhante àquela que também afetava as coleções - falta de meios e má administração económica dadas aos museus pelos seus diretores e naturalistas com pouco engenho para "*regular contas*"⁸⁸³. Saindo ao exterior do edifício, passaria visita ao jardim botânico e à *ménagerie* que, apesar de interessantes, seriam descritas por D. Pedro como inferiores às de Londres, e com comentários pouco lisonjeiros sobre os botânicos de então⁸⁸⁴. A curiosidade do monarca português não ficaria no entanto saciada com a primeira visita, tendo a dia 7 do mês seguinte voltado a visitar tanto o museu como a *ménagerie*. Dedicando especial enfoque desta vez à coleção ornitológica do museu, pôde consolidar a ideia da inferioridade da coleção em comparação com as do Museu Britânico e da Universidade de Leiden⁸⁸⁵. Não seria inocente esta nova visita à coleção de aves do museu. Alguns dias depois, a 12 de Junho, D. Pedro voltaria a deslocar-se às galerias do Museu, e em especial à coleção ornitológica, para escolher uma coleção de aves para fazer transportar para o seu museu pessoal. Por ordem do Imperador, Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, filho do requisitante napoleónico, seria incumbido de ajudar o jovem rei a escolher todos aqueles exemplares que necessitasse para a sua coleção, aproveitando-se a ocasião para tentar saldar uma dívida de quase quatro décadas⁸⁸⁶. Terá sido desta forma que D.

882 Leitão (1970: p. 121-122).

883 Leitão (1970: p. 122).

884 Leitão (1970: p. 120).

885 Leitão (1970: p. 180).

886 "*Empregámos a manhã em escolher no Museu de História Natural as aves que o Imperador ordenou me fossem dadas. É um acto de delicadeza da parte d'Ele esta espécie de restituição feita pela*

Pedro interpretou o gesto, tendo mesmo deixado várias considerações sobre toda a delicada situação. Soberano ponderado e conhecedor das condicionantes, necessidades e vivências enfrentadas diariamente pelas instituições dedicadas à história natural, e desprovido de qualquer tipo de nacionalismo fundamentalista, D. Pedro reconheceria que de certo modo a transferência de parte das antigas coleções da Ajuda para Paris por Geoffroy de Saint-Hilaire teria sido benéfica, não só para a ciência como também para as próprias coleções pois, caso contrário, teriam sido deixadas a "*apodrecer prosaicamente colocadas na fileira dos despojos de uma natureza que foi viva*", reunidas em "*catacumbas*" de museus sem serem estudadas, como infelizmente era o caso dos últimos anos da Ajuda e quase toda a realidade do novo Museu de Lisboa nas instalações da Academia⁸⁸⁷. Devido a todo este cenário, onde a oferta de coleções de aves serviria apenas como uma delicadeza e uma tentativa de oficializar uma compensação pelas requisições de 1808, D. Pedro perdoará a França e à pessoa de Saint-Hilaire (pai) todo o episódio, cedendo o "*amor próprio nacional [...] diante do interesse das ciências*"⁸⁸⁸. Resultado da escolha de D. Pedro, seriam enviadas para o seu Museu no paço das Necessidades cerca de trezentos e doze exemplares de aves, representando espécies e géneros de todas as partes do mundo, que faltariam nas suas coleções⁸⁸⁹.

Não se pense porém que a relação de D. Pedro com a instituição francesa acabaria por aqui. Como forma de agradecimento pela visita, mas também pela generosa oferta feita pelo museu parisiense, a Julho de 1856 o jovem monarca ofereceria uma coleção de exemplares taxidermizados, bem como alguns outros

França dos objectos de que o Museu de Lisboa foi despojado por Geoffroy St. Hilaire, e o que mais prova que essa foi a intenção com que o offerecimento me foi feito, foi o ter sido encarregado dele Mr. Geoffroy de St. Hilaire, filho daquele que privou o Museu de Lisboa dos seus melhores ornamentos." in Leitão (1970: p. 216).

887 Leitão (1970: p. 216).

888 Leitão (1970: p. 216).

889 AHMB Rem. 44; AHMB Div. 45. Não figuram nestas listas qualquer espécie particular que possamos indicar claramente que fosse originária da Ajuda. A escolha de D. Pedro V terá sido direccionada para aquelas espécies e géneros que faltariam na sua coleção geral, do que propriamente para o retorno dos espécimes da Ajuda, que eram na sua maioria aves brasileiras.

vivos, ao museu e à *ménagerie*. Caberá a Vallenciennes, naturalista do *Muséum*, agradecer em nome dos professores administradores do estabelecimento parisiense a oferta de D. Pedro⁸⁹⁰. Tendo acompanhado a visita de D. Pedro e tendo ficado surpreendido pelos conhecimentos demonstrados pelo jovem monarca e pela pertinência das suas observações sobre as lacunas existentes em todas as coleções, Vallenciennes referiria que o exemplar de "*capra hispanica*" do norte de Portugal (muito provavelmente um exemplar da afamada e já referida Cabra do Gerês), que iria ser colocado junto à restante coleção de ungulados, bem como um exemplar de uma concha, que por manter ainda os seus ligamentos motores, seria especialmente útil para as demonstrações aos estudantes e outros investigadores, por não haver na coleção do *Muséum* outro exemplar em tão boas condições⁸⁹¹, e duas pequenas tartarugas vivas que seriam entregues na *ménagerie*⁸⁹². Para além do contacto oficial com os professores do *Muséum*, D. Pedro conheceria em Paris uma outra personagem de relevo da ciência francesa, o naturalista Alcide d'Orbigny. Embora não lhe tenha feito qualquer menção nos seus diários, o contacto entre os dois terá permitido certamente que se conhecessem e trocassem algumas palavras sobre história natural. Deste contacto, mesmo que breve, resultaria em Janeiro de 1856 uma importante oferta de cerca de mil setecentos e vinte e dois espécimes de fósseis do Jurássico e Cretácico, pertencentes a quinhentas e oitenta e seis espécies diferentes, por parte de d'Orbigny para o museu de D. Pedro⁸⁹³.

890 "*Les Professeurs administrateurs du Muséum d'histoire naturelle ont reçu avec une vive reconnaissance les beaux exemplaires de plusieurs espèces du règne animal dont la munificence éclairée de Votre Majesté [v ?]a enrichir cet établissement.*" in AHMB CE V3.

891 AHMB CE V3.

892 AHMB CE V3.

893 "*J'ai l'honneur d'informer Votre Majesté, que j'ai remis À Son Excellence, Monsieur le Ministre de Portugal a Paris, pour le musée royal de Votre Majesté, une collection de fossiles jurassiques et crétaqués de France, composée de 586 especes, en 1722 échantillons. Je serais très heureux, Sire, si Votre Majesté doignait l'accueillir avec sa Conté [?], et y voir le desir que j'avois de lui provur ma reconnaissance.*" in AHMB CE O1. Esta coleção ainda hoje existe nas coleções do Museu Nacional de História Natural e da Ciência em Lisboa. Veja-se também a este respeito Antunes & Taquet (2002).

O enriquecimento do Museu, ter-se-á iniciado logo desde 1848, baseando-se primariamente coleções feitas pelo próprio D. Pedro e D. Luís nas propriedades da coroa, pelos seus criados, por ofertas por parte de várias personagens ligadas à casa real, e ainda por compras a diversos vendedores locais. Entre 1848 e 1854 dariam entrada no Museu largas dezenas de exemplares de produtos de história natural, em particular aves e conchas, e que dariam vulto às coleções⁸⁹⁴ (Tab. 10). Para além deste enriquecimento, maioritariamente feito por ofertas de particulares ou coligidos por coletores não qualificados (funcionários reais, trabalhadores das propriedades reais, ou os próprios infantes), é a partir de 1854 que começam a chegar ao museu coleções oferecidas ou compradas por grandes nomes da ciência mundial. Para isto terão certamente contribuído as viagens da comitiva real à Europa realizadas nesse ano, viagens que dariam a oportunidade ao rei de adquirir por compra e oferta várias coleções para o museu, e que lhe granjeariam a fama de amador entendido e interessado em história natural nos círculos científicos dos países visitados. Serão vários os naturalistas europeus a contribuir com ofertas dirigidas ao Museu Real. Entre eles contam-se Henri Drouet (1829-?), conchiliologista francês que oferece uma coleção de conchas a D. Pedro V em Junho de 1858⁸⁹⁵. Também da parte de Wilhelm Peters se contam pelo menos duas ofertas de conchas, uma em 1854⁸⁹⁶ e outra, em 1858, de conchas de Moçambique⁸⁹⁷, área de estudo principal do alemão. Theodor von Heuglin (1824-1876), explorador e naturalista amador com os trabalhos focados em África terá enviado alguns dos resultados das suas expedições feitas por esse continente, nomeadamente de uma coleção de cerca de oitenta e nove espécies de aves do Sudão, em Março de 1855⁸⁹⁸, e de uma outra coleção de aves da África Central em

894 Sobre estas doações, compras e aquisições existe um extensíssimo manancial de informação em ANTT, Casa Real, Cx. 6414, 6415, 6416, 4393, mas também no próprio AHMB.

895 AHMB Rem. 344.

896 AHMB Rem. 325.

897 AHMB Rem. 342.

898 AHMB Rem. 42.

Maio de 1857⁸⁹⁹. Heuglin voltaria a contactar com a casa real portuguesa já após a morte de D. Pedro V, enviando material a D. Luís. Em Agosto de 1855 Francisco Comba enviará oitenta e duas espécies de aves⁹⁰⁰, e Ludwig von Parreyfs, naturalista de Viena de Áustria envia quinze espécies de aves a D. Pedro em Maio de 1856⁹⁰¹. Também com o país vizinho se procederiam trocas, nomeadamente com o afamado colecionador naturalista espanhol Patricio María Paz y Membiela (1808-1874)⁹⁰². Em Junho de 1860 o colecionador espanhol ofereceria uma considerável coleção de conchas a D. Pedro V⁹⁰³, tendo no mesmo mês sido oferecido a Paz y Membiela um exemplar de "*Conus stramineus*" da Índia⁹⁰⁴. No ano seguinte, em Janeiro, novamente o colecionador espanhol ofereceria outras coleções de conchas⁹⁰⁵.

Para além da Europa, também de África e da América do Sul seriam remetidos espécimes de história natural para as coleções de D. Pedro V. Do Chile seriam enviadas aves em Setembro de 1855⁹⁰⁶, e do Brasil seriam também enviadas algumas aves, como a oferta do próprio imperador Brasileiro em 1854 de setecentas aves Brasileiras⁹⁰⁷, ou a oferta de Joaquim Maria Osório, que a 6 de Março de 1858 expedirá vinte e cinco exemplares de aves do Pará para o museu

899 AHMB Rem. 48.

900 AHMB Rem. 46.

901 AHMB Rem. 47.

902 De La Espada (1875)

903 AHMB Rem. 348.

904 "Sua Alteza o Senhor Infante D. Luiz deo 1 *Conus stramineus*, Lam. (Índia) ao sr. Dr. Patricis M. Paz." in AHMB Rem. 438.

905 AHMB Rem. 351.

906 "... pede a Rodrigo da Fonseca que tenham cuidado com uns pássaros que vem do Chile para ele a bordo patacho *Industria*" In "Carta de 21 de Setembro de 1855" apud. Vilhena (1921: p. 12).

907 Figueira (1857)

real lisboeta⁹⁰⁸. De África chegariam cerca de trinta e sete espécies de aves da Abissínia, oferecidas pelo Dr. Ruppeck, em Setembro de 1854⁹⁰⁹, vinte "*peças de historia natural*" de Argel enviadas pelo Cônsul de Portugal na colónia francesa, em Dezembro de 1858⁹¹⁰, e do Cabo da Boa Esperança chegaria um coleção de aves em Abril de 1859⁹¹¹. Por sua vez, também naturalista nacionais, como António da Costa Paiva (1806-1879), Barão de Castelo de Paiva, lente de botânica da Academia Politécnica do Porto e dedicado naturalista⁹¹², faria valiosas ofertas⁹¹³, bem como, com base em dois exemplares de coleópteros do Camboja, enviados a Castelo de Paiva por T. Vernon Wollaston, este descreveria duas espécies de coleópteros novos para a ciência em honra de D. Fernando e de D. Pedro V, o *Niphona Regis-Fernandi* e o *Abryna Regis-Petri* no seu artigo "*Descricao de dois Insectos Coleopteros de Camboja*", publicado nos *Annals and Magazine of Natural History* ⁹¹⁴. Na descrição da espécie dedicada a D. Pedro, Castelo de Paiva não deixaria de deixar uma dedicatória em latim apresentando o jovem rei como um estudioso da natureza e protetor das ciências, contribuindo de forma declarada para a fama científica do rei português⁹¹⁵. Também o Conselheiro Lourenço José Maria, Raimundo José Pinto, Bernardino António Gomes (1806-1877), médico e filho do afamado botânico e médico português homónimo, António Gomes Roberto, farmacêutico destacado na Índia contribuiriam com coleções de aves e de conchas

908 AHMB Rem. 50.

909 AHMB Rem. 43.

910 AHMB Rem. 51.

911 AHMB Rem. 52.

912 O interesse de Castelo de Paiva pela zoologia, em especial por insetos e moluscos, viria a resultar na publicação de várias obras dedicadas a estes grupos de animais, como se será explorado mais à frente

913 AHMB Rem. 345.

914 Paiva (1860).

915 "*Regi fidelissimo Petro V^o., Portugaliae Regnum primo rerum naturalium studioso scrutatori et scientiarum protectori indefesso, hanc pulchram Abrynam, et certe novam, ob affabilitatis obsequium mihi semper concessum, laeto corde sponte dedicavi.*" in Paiva (1860: p. 360).

para o Museu de D. Pedro⁹¹⁶. Há ainda a registar a oferta de uma coleção de fósseis e minerais pelo "sr. Collares" em Maio de 1857⁹¹⁷. Da expedição botânica de Frederico Welwitsch seriam também remetidos ao museu alguns exemplares de conchas e de aves entre⁹¹⁸. Estas ofertas estender-se-iam para além da morte de D. Pedro, sendo entregues ao museu Real um grande conjunto de coleções (com mais de trezentas e quarenta e uma aves, mamíferos, répteis, peixes, conchas, bem como ninhos de aves, modelos de anatomia clássica, objetos etnográficos e até seres humanos taxidermizados) como herança do também falecido Gama Machado⁹¹⁹.

Não só por ofertas se enriqueceria o museu Real. Serão vários os episódios de compra de exemplares a naturalistas e a estabelecimentos comerciais especializados neste tipo de produtos, quer via encomenda, quer via direta como os casos já relatados aquando das viagens de D. Pedro pela Europa. A. A. C. Bernardi, coeditor do *Journal de Conchyliologie*, do qual D. Pedro era ele próprio subscritor, adquirirá por pelo menos três vezes no ano de 1853 coleções de conchas⁹²⁰. Também ao naturalista inglês Hugh Cuming (1791-1865), famoso naturalista que das suas viagens pela Polinésia, costa oeste da América do Sul e Filipinas conseguiu juntar uma gigantesca coleção rica em conchas e que viriam a dar origem a diversas descrições de espécies novas para a ciência por parte de diversos naturalistas ingleses⁹²¹, e que D. Pedro V terá conhecido aquando da visita ao Museu Britânico em 1854, adquirirá por diversas vezes exemplares conquiliológicos, como já referido. Terá sido certamente destas aquisições a Cuming que D. Pedro enriqueceria o seu Museu com várias espécies descritas pouco tempo antes e de que tanto se orgulharia quando comparava a riqueza da

916 AHMB Rem. 333; AHMB Rem. 334; AHMB Rem. 54; AHMB Rem 352; AHMB Rem 58.

917 AHMB Rem 341.

918 AHMB Rem. 356; AHMB Rem. 59.

919 AHMB Rem. 65.

920 AHMB Rem. 330; AHMN Rem. 331; AHMB Rem. 328.

921 Dance (1980).

sua coleção com os demais museus e coleções europeus (Figura 27). À famosa casa parisiense Verraux seriam também encomendados vários exemplares ornitológicos e conchiliológicos, começando desde logo em 1851 com uma coleção de conchas⁹²², em 1854 de outra coleção conchiliológica⁹²³, uma conjunto de noventa e cinco exemplares de aves em Janeiro de 1861⁹²⁴, repetindo-se nesse ano a compra de aves ao mesmo estabelecimento em Março, com setenta e um exemplares adquiridos⁹²⁵, em Abril, com quarenta exemplares⁹²⁶ e, em Setembro, de uma coleção de vulto, com quinhentos e cinquenta e cinco exemplares, pertencendo espécies diferentes, de peles de aves, vinte e nove de exemplares montados de aves⁹²⁷.

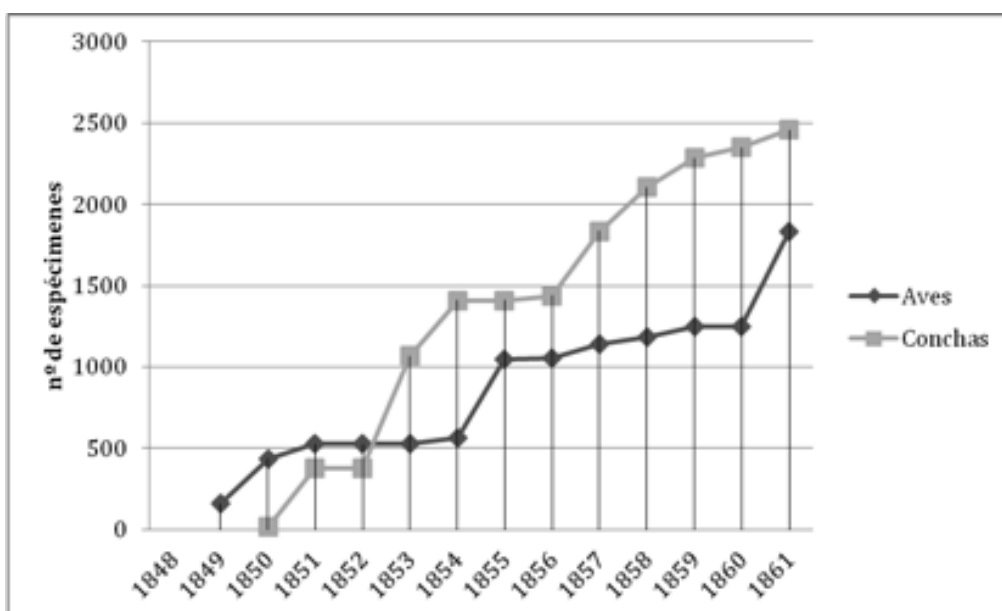


Figura 27 - Evolução do número de exemplares de aves e de conchas na coleção do Museu Real durante a direção de D. Pedro V. Estes números, que pecam por defeito, constituem um somatório anual dos exemplares que entraram para as coleções do Museu, e baseiam-se nas informações disponíveis nas

922 AHMB Rem. 337.

923 AHMB Rem. 336.

924 AHMB Rem. 56.

925 AHMB Rem. 57.

926 AHMB Rem. 60.

927 AHMB Rem. 63.

remessas citadas ao longo do texto, sendo algumas delas pouco elucidativas por não nos indicarem o número total de exemplares remetidos. Não se descarta nunca a hipótese de não se terem encontrado todos os registos de entrada de espécimenes, o que deve ser tido em conta na análise da figura.

D. Pedro não seria o único a adquirir espécimenes e coleções para o museu do paço das Necessidades, contribuindo também para tal D. Luís. Antes da compra a Verraux em 1863, a obtenção de material para o museu por D. Luís acontecera algumas vezes no decorrer do reinado do seu irmão. A 16 de Junho de 1859, D. Luís adquirirá em Inglaterra cerca de vinte e quatro exemplares de aves⁹²⁸, onde também, a 27 de Agosto de 1861, procedeu à compra de outros dez exemplares⁹²⁹, sendo igualmente provável que as conchas que chegariam ao Museu a 25 de Junho de 1859 tenham sido compradas pelo infante em Inglaterra⁹³⁰. Da sua viagem a Cabo Verde e Angola, entre Agosto e Outubro de 1860, D. Luís coligiria e enviaria para o Museu aves e conchas por ele capturadas nos territórios ultramarinos⁹³¹. Em muito poucos anos o museu real cresceria assim exponencialmente, passando dos poucos exemplares iniciais, a não menos de dois mil e setecentos exemplares de aves pertencentes a mil e setecentas espécies e de três mil e seiscentos exemplares de conchas pertencentes a duas mil quinhentas e dez espécies em 1857⁹³², a quatro mil exemplares de três mil e duzentas espécies de aves e uma coleção de três mil espécies "*e muito maior numero de exemplares*" de conchas, acompanhada de uma coleção de conchas terrestres fluviais de França com mil setecentas e vinte cinco espécies e variedades⁹³³.

Fruto de vários anos de enriquecimento, de uma vasta e diversificada teia de contactos com afamados naturalistas de toda a Europa, não será arriscado afirmar que, à data da sua morte, o museu real de D. Pedro V era o mais rico dos

928 AHMB Rem. 53.

929 AHMB Rem 62.

930 AHMB Rem 346.

931 AHMB Rem. 55; AHMB Rem. 357.

932 Figueira (1857: Pp. 140)

933 Bocage (1865: Pp. 4)

museus portugueses dedicados à história natural. Não só D. Pedro já o haveria afirmado várias vezes, mas pela própria análise comparativa entre o número astronómico que as suas coleções atingiam (visível pela quantidade incessante de ofertas e aquisições) que ultrapassavam em muito o reduzido e em péssimo estado de conservação do acervo do Museu de Lisboa, bem como as então ainda não renovadas coleções da Universidade de Coimbra. Contrariamente ao Museu de Lisboa, e de certo modo substituindo-o como coleção de referência para a investigação zoológica, o museu Real de D. Pedro V desde cedo apresentaria um claro programa científico. O jovem rei acalentava o desejo de, através do estudo das suas coleções, pretendia publicar uma "*Ornithologia Lusitana*". Obra inacabada e praticamente desconhecida pela comunidade científica nacional até praticamente aos dias de hoje, a ter sido realizada consistiria na primeira obra sobre ornitologia de Portugal. Do pouco que se conhece sobre esta obra, constam alguns esboços de aves, provavelmente desenhados pelo próprio rei (Figura 18), bem como a ideia expressa pelo próprio D. Pedro aquando da sua visita ao Museu de Coimbra em 1852. De acordo com as palavras do então herdeiro do trono português nas suas coleções já existiam mais 200 espécies, das quais algumas seriam novas, e a cuja obtenção se dedicava já desde 1849⁹³⁴. Pese a intenção de D. Pedro, a primeira lista referente à avifauna nacional publicada seria da autoria do curador do seu museu, José Augusto de Sousa, quem em 1861 publicaria na Gazeta Medica de Lisboa "*a mais extensa enumeração até hoje existente das aves que habitam o territorio portuguez, e a que mais se aproxima por conseguinte da relação completa das especies ornithologicas d'este paiz.*"⁹³⁵.

934 *Há pessoas que despresam as Collecções de productos do pais; não me parece que tenham razão. Custam essas Collecções mais a fazer que as estrangeiras, para mim são as mais apreciaveis. Há 3 anos que trabalho em obter uma Collecção de Aves portuguesas, e já conheço para cima de dusetas especies, algumas das quaes são novas. Espero que a Faculdade de Philosophia tracte antes de formar essa collecção do que ter meia dusia dos multicolores habitantes dos bosques do Brazil. São eles muito bons mas é quando há um numero sufficiente delles.*" in Academia das Ciências de Lisboa (1927: p. 47).

935 Sousa (1861).

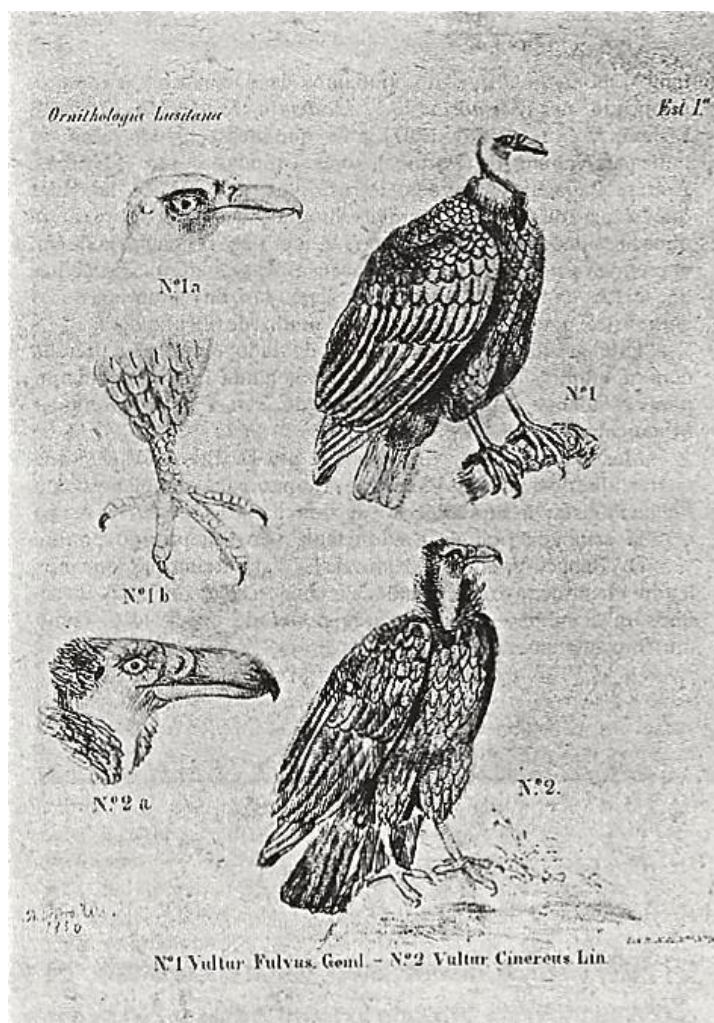


Figura 28 - Estampa da "Ornithologia Lusitana" de D. Pedro V, com desenhos de sua autoria. Fonte: Reis-Júnior (1934).

Intitulada "*Relação das aves de Portugal existentes no Museu de Sua Magestade El-Rei D. Pedro V*", a lista enumerava cento e noventa e quatro espécies diferentes, onde boa parte teria sido capturadas pelo próprio D. Pedro. A extensa lista encontrava-se ordenada segundo o sistema de classificação ornitológica de Degland, seguindo a metodologia utilizada pelo naturalista francês no seu catálogo das aves da Europa, embora a classificação interna do museu, no que respeitava à ornitologia, se baseava no sistema de Des Murs. A publicação desta primeira lista, ainda que apenas meses antes da morte de D. Pedro, oficializava a natureza e importância científica da coleção do rei de Portugal. No entanto, como já vimos anteriormente, a coleção inseria-se já há vários anos nas redes naturalistas europeias, não só pelo intenso movimento de espécimes mas também pela

consideração que os naturalistas tinham pela mesma. Disso são claros exemplos as visitas de Charles-Lucien Bonaparte (1803 - 1857) que, no âmbito dos seus estudos ornitológicos empreendera um périplo mundial pelos mais importantes museus e coleções de história natural da época, visitaria a coleção do monarca Português, que a classificaria como superior à do Museu de Paris⁹³⁶, e aquém D. Pedro apresentaria não só a coleção mas também o esboço do catálogo que estava a preparar⁹³⁷. Também o ornitólogo Reinhold Brehm (1830 - 1891) trabalharia na coleção real durante alguns meses, tendo sido nomeado como curador honorário durante essa sua estadia⁹³⁸. Pela sua rica coleção conquiológica a coleção seria também visitada pelos malacólogos Richard Thomas Lowe ou Arthur Morelet que na tentativa de encontrarem coleções de referência e informações para as suas investigações sobre a fauna malacológica nacional também teriam a oportunidade de visitar e estudar as suas coleções⁹³⁹.

Podemos conceber assim que durante os últimos anos da primeira metade do século, e anos seguintes, o museu criado por D. Pedro V e seu irmão D. Luís no Paço das Necessidades assumia-se na prática como a verdadeira coleção de história natural do país, a única que possuía coleções de referência organizadas e que cujas condições permitiam não só a sua manutenção e crescimento, como também o apoio à investigação. A obra ornitológica planeada e iniciada por D. Pedro, e o uso que naturalistas estrangeiros fizeram da coleção, revela-nos que o museu Real, apesar do seu epíteto e da sua natureza privada, se apresentava como uma instituição científica moderna, funcional e ativa, contrariamente às restantes coleções nacionais. Esta atividade no entanto não se manteria por muitos anos. A morte de D. Pedro V em Novembro de 1861 levaria a que o museu perdesse o seu

936 Figueira (1857: p. 140)

937 Mónica (2000, p. 104)

938 Reig-Ferrer (2005)

939 Veja-se o depoimento do viajante Espanhol Modesto Fernandez Y Gonzalez: "*Aqui estuvieron Carlos Bonaparte, los doctores Costa, Such y Wellwutsch, y los tan concidos Druet, Lowe y Morelet*" in Brigola (2010: p. 186).

principal motor. Embora D. Luís também contribuísse com espécimes e coleções para o museu, e que tenha mantido a política de ofertas após a morte do irmão⁹⁴⁰, o facto é que o museu estagnaria. Reconhecendo a sua incapacidade de imprimir no museu a dinâmica que D. Pedro houvera imprimido, D. Luís decidirá, em 1863 oferecer todas as suas coleções para o Museu de Lisboa, mantendo no Paço apenas um pequeno núcleo que viria a servir para a educação dos infantes Carlos e Afonso. Esta transferência revestir-se-ia da maior importância para o Museu de Lisboa, enriquecendo-o muito consideravelmente e colocando-o na vanguarda dos museus europeus. Somando a transferência do museu Real aquela das antigas coleções da Ajuda e da Academia, levariam a que o Museu Nacional de História Natural de Lisboa tomasse, desde o seu início sob auspícios da Escola Politécnica, um promissor rumo. Por sua vez, o pequeno núcleo que se manteria no paço viriam a revelar-se fundamental para a educação científica de D. Carlos, algo que se manifestaria para o resto da sua vida nas diversas atividades naturalistas por ele desenvolvidas.

940 “Foi uma collecção de aves do Brasil contendo 32 especies p^a sua Alteza o Príncipe Huberto. Vide o Cat. q. tem a data acima.” in op. sup. cit.; e “Catalogo das aves q Sua Magestade, El-Rei, O Senhor D. Luiz offereceo em 17 de Outubro de 1862 a Sua Alteza o Príncipe Humberto” in AHMB Div. 476.

Tabela 9 - Oferta de espécimes originários do Museu Real do Paço das Necessidades para o Museu de Lisboa.

Data	Ofertante	Material	Referência
02/04/1851	D. Pedro V	"Uma ave"	" <i>Actas das Sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa. 1851 N^o 2 – Sessão Litteraria de 2 de Abril</i> "
27/02/1857	D. Pedro V	"1 <i>Pterocles arenaria</i> , e 1 <i>Fragilus groculus</i> "	AHMB REM. 438
04/02/1860	D. Pedro V	1 <i>Numenius phaeopus</i> , e 1 <i>Alauda brachydactyla</i> ."	AHMB REM. 438.
22/12/1860		1 <i>Sitta europaea</i> ."	AHMB REM. 438.
	D. Luis (?)	1 <i>Halcyon rufiventer</i> , 1 <i>Coropiga simplex</i> , 1 réptil, 3 espécies de Peixes, 4 esp. De Crustáceos, e 1 ninho, os quaes foram collegidos durante a viagem de S. Alteza o Senhor Infante D. Luiz a Cabo-Verde e Angola."	AHMB REM. 438.
18/03/1861	D. Luis	um carangeijo da ilha de S.Thomé, denominado anca pelos naturaes."	AHMB REM. 438.
17/10/1861	D. Luis	1 <i>Merops cafer</i> ; 1 <i>Turdus olivaceus</i> ; 1 Bon? Phamicures?; 1 <i>Zosterops madagascariensis</i> , as quaes especies pertencem ao Cat. 26; e uma <i>Sterna nigra</i> (ex. Off.cido em 5 de Outubro de 1861 ao Real Museo pelo sr. Gousslade)."	AHMB REM. 438.

Tabela 10 - Entradas de colecções e de espécimes no Museu Real das Necessidades durante a direcção de D. Pedro V

Data	Origem	Tipo de oferta	Fonte
Maio de 1848	Desconhecido	Zoológica- uma colecção de conchas e um molusco	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/05/04, 12, 18, 26 and 30)
Maio de 1848	Coletado pelo Conselheiro "Campelo", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/05/04)
Maio de 1848	Coletado por Doutor "Elias", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/05/30)
Maio de 1848	Comprado a desconhecido	Botânica - uma coleção de madeiras	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/05/12)
Fevereiro de 1849	Comprado a "Brito", Portugal	Zoológica- uma concha (<i>Scalaria</i>)	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/02/29)
Fevereiro de 1849	Coronel "Rebello", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/02/29)
Maio de 1849	Comprado a "Brito", Portugal	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/05/31)
Maio de 1849	Coletado por desconhecido, Portugal (Paço de Salvaterra)	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/05/31)
Junho de 1849	Desconhecido	Zoológica- 32 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/06/11)
Junho de 1849	Comprado a desconhecido	Zoológica- 4 aves preparadas, um pato e uma toupeira preparados	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/06/30)
Julho de 1849	Desconhecido, Portugal e Africa	Zoológica- 31 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/07/30)
Agosto de 1849	Desconhecido, Portugal	Zoológica- um gato bravo e 5 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/08/31)
Agosto de 1849	Coletado por desconhecido, Portugal (Paço da Pena)	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/08/31)
Agosto de 1849	Coletado por d, Portugal (Paço da Pena)	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/08/31)
Outubro de 1849	Comprado a "Brito", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/10/31)
Outubro de 1849	Coronel "Rebello", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/10/31)
Outubro de 1849	Coletado por desconhecido, Portugal	Zoológica- um mamífero	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/10/31)
Outubro de 1849	Coletado por desconhecido, Portugal	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/10/31)
Outubro de 1849	Desconhecido	Mineralogical - uma coleção de minerais	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/10/31)
Novembro de 1849	Desconhecido, Portugal	Zoológica- 19 aves portuguesas preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/11/16)
Novembro de 1849	Desconhecido, Africa	Zoológica- 4 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/11/16)
Novembro de 1849	Desconhecido	Zoológica- 12 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/11/16)
Novembro de 1849	Coletado por "Monsieur Barrot", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/11/30)
Novembro de 1849	Comprado a "Brito", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/11/30)
Novembro de 1849	Comprado a "Madame Aziagi"	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/11/30)
Novembro de 1849	Desconhecido	Zoológica- 24 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/11/30)
Dezembro de 1849	Comprado a "Brito", Portugal	Zoológica- Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/12/31)
Dezembro de 1849	Coronel "Rebello", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/12/31)
Dezembro de 1849	António Severino, Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/12/31)
Dezembro de 1849	Manuel Inocêncio, Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/12/31)
Dezembro de 1849	Comprado a desconhecido em Londres	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/12/31)

Dezembro de 1849	Desconhecido, Portugal	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/12/31)
Dezembro de 1849	Coletado por Desconhecido, Portugal (Paço de Mafra)	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/12/30)
Dezembro de 1849	Desconhecido	Zoológica- 17 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6414 (1849/12/30)
Janeiro de 1850	Desconhecido	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/01/31)
Janeiro de 1850	Coletado por "Sebastião", Portugal	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/01/31)
Janeiro de 1850	Coletado por "Brito", Portugal	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/01/31)
Janeiro de 1850	Coronel "Rebello", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/01/31)
Janeiro de 1850	Conselheiro "Macedo", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/01/31)
Fevereiro de 1850	Comprado a "Brito", Portugal	Zoológica- 12 conchas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/02/28)
Fevereiro de 1850	Comprado a Desconhecido, Portugal	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/02/28)
Março de 1850	Desconhecido	Zoológica- 19 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/03/30)
Abril de 1850	Desconhecido, Portugal	Zoológica- 7 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/03/28)
Abril de 1850	Desconhecido, Brazil	Zoológica- 8 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/03/28)
Abril de 1850	Comprado a "Brito", Portugal	Zoológica- conchas (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/04/30)
Abril de 1850	Comprado a desconhecido, Portugal	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/04/30)
Abril de 1850	Coletado por desconhecido, Portugal (Paço de Sintra)	Zoológica- borboletas (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/04/30)
Maio de 1850	Comprado a "Brito", Portugal	Zoológica- conchas (número não discriminado) e 2 aves	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/05/31)
Maio de 1850	Coletado por Desconhecido, Portugal	Zoológica- 2 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/05/31)
Junho de 1850	Desconhecido	Zoológica- 59 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/06/27)
Junho de 1850	Coletado por Bento França Pinto Oliveira (Visconde da Fonte Nova), Portugal	Zoológica- 2 peixes	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/06/30)
Junho de 1850	Coletado por Coronel "Rebello", Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/06/30)
Junho de 1850	Coletado por Desconhecido, Portugal	Zoológica- uma ave preparada	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/06/30)
Junho de 1850	Coletado por Desconhecido, Portugal (Paço de Belém)	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/06/30)
Julho de 1850	Desconhecido	Zoológica- 25 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/07/30)
Julho de 1850	Coletado por Coronel "Rebello", Portugal	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/07/31)
Julho de 1850	Coletado por Desconhecido, Portugal (Palácio da Pena)	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/07/31)
Agosto de 1850	Desconhecido	Zoológica- 35 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/08/31)
Setembro de 1850	Desconhecido	Zoológica- 74 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/09/30)
Outubro de 1850	Desconhecido	Zoológica- 38 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/10/31)
Novembro de 1850	Comprado a "Brito", Portugal	Zoológica- conchas (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/11/30)
Novembro de 1850	Policarpo José Machado (Visconde de Benagazil), Portugal	Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/11/30)
Novembro de	Coletado por	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6415

1850	Desconhecido, Portugal (Quinta de Sintra)		(1850/11/30)
Novembro de 1850	Coletado por Desconhecido, Portugal (Tapada de Mafra)	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/11/30)
Novembro de 1850	Desconhecido, Portugal	Zoológica- uma mamífero	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/11/30)
Novembro de 1850	Desconhecido	Zoológica- uma tartaruga	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1850/11/30)
Janeiro de 1851	Desconhecido, Portugal e Brazil	Zoológica- 18 ave preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1851/01/31)
Fevereiro de 1851	Desconhecido	Zoológica- 16 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1851/02/28)
Março 1851	Desconhecido, Portugal e África	Zoológica- 21 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1851/03/31)
Abril de 1851	Comprado a "Brito", Portugal	Zoológica- conchas e aves (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1851/04/30)
Abril de 1851	Coletado por desconhecido, Portugal	Zoológica- uma cabeça de mamífero, uma ave preparada e duas aves vivas.	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1851/04/30)
Maio de 1851	Desconhecido	Zoológica- 22 aves preparadas	ANTT, Casa Real, Cx. 6415 (1851/05/31)
Dezembro de 1851	Comprado à casa Verraux, Paris	Zoológica- coleção de 359 conchas	AHMB Rem. 337
Março de 1852	Comprado a desconhecido, Portugal	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6416 (1852/03/31)
Março de 1852	Conselheiro Lourenço José Maria	Zoológica- coleção de 40 conchas	AHMB Rem. 333
Março de 1852	Coletado por desconhecido, Portugal	Mineralógica - Não discriminado	ANTT, Casa Real, Cx. 6416 (1852/05/15)
Março de 1852	Coletado por desconhecido, Portugal	Zoológica- uma mamífero	ANTT, Casa Real, Cx. 6416 (1852/05/15)
Março de 1852	Coletado por desconhecido, Portugal	Zoológica- uma ave	ANTT, Casa Real, Cx. 6416 (1852/05/15)
Julho de 1852	Desconhecido, Portugal	Zoológica- 6 aves	ANTT, Casa Real, Cx. 6416 (1852/07/31)
Novembro de 1852	Desconhecido	Zoológica- uma pele de mamífero	ANTT, Casa Real, Cx. 6416 (1852/11/30)
Janeiro de 1853	Comprado a Dr. Bernardi	Zoológica- coleção de 276 conchas	AHMB Rem. 330
Fevereiro de 1853	Comprado a Dr. Bernardi	Zoológica-coleção de 190 conchas	AHMB Rem. 331
Maio de 1853	Comprado a Dr. Bernardi	Zoológica- coleção de 227 conchas	AHMB Rem. 328
Fevereiro de 1854	Comprado à casa Verraux, Paris	Zoológica-coleção de 175 conchas	AHMB Rem. 336
Junho de 1854	Desconhecido, Brazil	Zoológica- coleção de conchas (número não discriminado)	ANTT, Casa Real, Cx. 4393 (1854/06/27)
Junho de 1854	Comprado por D. Pedro V na loja do Sr, Leadbeater em Londres	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	Academia das Ciencias de Lisboa (1923: Pp. 88)
Junho de 1854	Comprado por D. Pedro V numa loja em Oxford Street, Londres	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	Op. sup. cit (pp. 98)
Junho de 1854	Oferecidas pelo Dr. John Gould a D. Pedro V, Londres	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	Op. sup. cit (pp. 127)
Julho de 1854	Comprado por D. Pedro V na loja do Sr. Dubois, em Bruxelas	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	Op. sup. cit (pp. 193)
Julho de 1854	Oferecido a D. Pedro V no Natural History Museum do Zoological Garden, Anvers	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	Op. sup. cit (pp. 220-221)
Julho de 1854	Comprada por D. Pedro V em Schönhausen, Berlim	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	Op. sup. cit (pp. 280)
Setembro de 1854	Dr. Ruppeck	Zoológica- 37 aves preparadas	AHMB Rem. 43
Novembro de 1854	Comprado a Mr. Cumming	Zoológica- coleção de 266 conchas	AHMB Rem. 335
Novembro de 1854	Dr. Peters (Museu de Berlim)	Zoológica- coleção de 75 conchas	AHMB Rem. 325
Março de 1855	Dr. Theodor Von Heuglin	Zoológica- 89 aves preparadas	AHMB Rem. 42

Agosto de 1855	Dr. Francisco Combra (Turim)	Zoológica- 82 aves preparadas	AHMB Rem. 46
Agosto de 1855	Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris	Zoológica- 312 aves preparadas (nenhuma delas originária das requisições de Saint Hilaire)	AHMB Rem. 44; AHMB Div. 45
Setembro de 1855	Desconhecido (vindo do Chile)	Zoológica- algumas aves (número não discriminado)	Vilhena (1921: Pp. 12)
Janeiro de 1856	Coleção privada de Alcide d'Orbigny	Paleontológica - 1722 fósseis	AHMB CE-01
Mai de 1856	Dr. Parreyf (Viena)	Zoológica- 12 aves	AHMB Rem. 47
Outubro de 1856	Raimundo José Pinto	Zoológica- coleção de 29 conchas	AHMB Rem. 334
Fevereiro de 1857	Comprado a Mr. Cumming	Zoológica- coleção de 343 conchas	AHMB Rem. 340
Mai de 1857	Mr. Collares	Mineralógica, Paleontológica - 72 amostras de minerais e fósseis	AHMB Rem. 341
Julho de 1857	Comprado a Mr. Cumming	Zoológica- coleção de 397 conchas, de 317 espécies	AHMB Rem. 342
Julho de 1857	Dr. Theodor von Heuglin	Zoológica- 58 aves preparadas	AHMB Rem. 48
Agosto de 1857	Sr. Joaquim Maria Osório	Zoológica- 28 aves preparadas	AHMB Rem. 49
Março de 1858	Sr. Joaquim Maria Osório	Zoológica- 25 aves preparadas	AHMB Rem. 50
Mai de 1858	Dr. Peters (Museu de Berlim)	Zoológica- 13 conchas	AHMB Rem 343
Junho de 1858	Coleção privada de H. Drouet (França)	Zoológica- coleção de 103 espécies de conchas	AHMB Rem. 344
Julho de 1858	Coleção privada do Barão de Castelo de Paiva	Zoológica- coleção de 155 conchas	AHMB Rem. 345
Dezembro de 1858	Capitão Locke	Zoológica- 20 aves preparadas (e o livro "Catalogue des mammifères et oiseaux observés en Algerie" de Locke, 1858)	AHMB Rem. 51
Março de 1859	Desconhecido	Zoológica- coleção de 50 espécies de conchas	AHMB Rem. 346
Abril de 1859	Desconhecido	Zoológica- 57 aves preparadas	AHMB Rem. 52
Junho de 1859	Desconhecido	Zoológica- coleção de 131 espécies de conchas	AHMB Rem. 347
Dezembro de 1859	Dr. Bernardino António Gomes	Zoológica- 7 aves preparadas	AHMB Rem. 54
Junho de 1860	Dr. Patrício M ^a Paz	Zoológica- coleção de 18 espécies de conchas	AHMB Rem. 348
Setembro de 1860	Dr. Friedrich Welwitsch	Zoológica- coleção de 46 espécies de conchas	AHMB Rem. 356; AHMB Rem. 356a
Janeiro de 1861	Dr. Patrício M ^a Paz	Zoológica- coleção de 121 espécies de conchas	AHMB Rem. 351
Janeiro de 1861	Comprado à casa Verraux, Paris	Zoológica- 95 aves preparadas	AHMB Rem. 56
Março de 1861	Comprado à casa Verraux, Paris	Zoológica- 71 aves preparadas	AHMB Rem. 57
Março de 1861	Sr. Gomes Roberto	Zoológica- coleção de 107 espécies de conchas e 16 aves preparadas	AHMB Rem. 352; AHMB Rem. 58
Março de 1861	Dr. Friedrich Welwitsch	Zoológica- 18 aves preparadas	AHMB Rem. 59
Março de 1861	Dr. Friedrich Welwitsch	Zoológica- 21 espécies de aves preparadas	AHMB Rem. 64
Abril de 1861	Comprado à casa Verraux, Paris	Zoológica- 555 espécies de aves (em peles), e 29 aves preparadas	AHMB Rem. 63
Outubro de 1861	Sr. Goussade	Zoológica- uma ave preparada	AHMB Rem. 438
Dezembro de 1861	Herança do Dr. Gama Machado	Zoológica, Etnográfica, Instrumentos científico - . 341 aves preparadas, 48 animais preparados, ninhos de aves, seres humanos taxidermizados, modelos anatomicos, etc.	AHMB Rem. 65
Mai de 1862	Sr. Rodrigo de Sá Nogueira	Zoológica- coleção de 38 espécies de conchas	AHMB Rem. 353

Epílogo - Coleções naturalistas e o plano da natureza

No que diz respeito à História Natural o início do século XIX na Europa foi uma época fértil em descobertas, debates e importantes avanços. As coleções que haviam começado a ser criadas principalmente desde a segunda metade de setecentos, atingiam agora uma maturidade científica e um considerável enriquecimento, servindo como base para a publicação de vários trabalhos, cuja diversidade se estendia da descrição de novas espécies à formulação de vibrantes e controversas teorias que tentavam explicar o "plano geral" do mundo natural. Findo o século de Lineu, onde as bases da hercúlea tarefa de catalogar o mundo vivo haviam sido estabelecidas, a primeira metade do novo século irá assistir a um impressionável desenvolvimento tecnológico que em muito contribuirá para a coleta, preservação, preparação e transporte de material de história natural, bem como à realização um apreciável número de expedições naturalistas, fossem elas inseridas em programas de instituições públicas e coloniais, como o caso das expedições de Nicolas Baudin (1754 - 1803) patrocinada pela Marinha francesa⁹⁴¹ ou da expedição a Moçambique levada a cabo pelo alemão Wilhelm Peters (1815 - 1883)⁹⁴², ou levadas a cabo por jovens que se queriam afirmar como naturalistas e para tal partiam em longas expedições de coleta, financiando-se através da preparação e venda de parte das suas coleções, como por exemplo Jules Verraux

941 Bonnemains et al. (2000)

942 Bauer et al. (1995)

(1807 - 1873) ou o jovem John Gould (1804 - 1881)⁹⁴³. Outras expedições, tão ou mais famosas que as aqui apresentadas, decorreriam também nesta altura, onde se destacam dois nomes incontornáveis das ciências histórico-naturais: a expedição de Charles Darwin (1809 - 1882) a bordo do HMS Beagle em 1831⁹⁴⁴, e a expedição ao Brasil de Alfred Russel Wallace (1823 - 1913) em 1848⁹⁴⁵. Como resultado destas expedições, rumariam à Europa e aos seus museus, quantidades tremendas de coleções, que não só contribuiriam para o enriquecimento dos museus mas como o seu estudo começaria a despertar importantes e pertinentes questões sobre a diversidade do mundo vivo. Surgia também a necessidade de rever e melhorar o sistema lineano de forma a dar respostas ao incessante crescimento do conhecimento sobre os números de espécies conhecidas, levando à cada vez maior especialização dos naturalistas e à criação de várias disciplinas específicas no seio da história natural, e ao aprofundar dos estudos. Tendo acesso a coleções de dimensão e qualidade nunca antes vistas, era pela primeira vez possível aos naturalistas começarem a produzir catálogos detalhados sobre as faunas e floras das mais diversas regiões do globo, criarem autênticas enciclopédias sobre determinados grupos faunísticos, onde se incluíam a totalidade de espécies desde mesmo grupo conhecidas na altura, ou ainda começarem a indagar-se sobre questões relativas ao funcionamento interno das espécies, aquilo que hoje conhecemos como fisiologia. São vários os exemplos que se sucederiam por toda a Europa e representavam todas estas novas atividades naturalistas. Tendo como principal base as extensas coleções do Muséum d'Histoire Naturelle de Paris, a dupla de naturalistas André Marie Constant Duméril (1774 -1860) e Gabriel Bibron (1806 - 1848), dedicar-se-iam entre 1834 e 1854, à escrita e publicação dos seus nove volumes da "*Erpétologie général ou Histoire naturelle complète des reptiles*", onde catalogavam a totalidade de espécies de anfíbios e répteis conhecidos na altura, bem como detalhavam todo o conhecimento disponível sobre a sua

943 Tree (2003)

944 Darwin (1839)

945 Raby (2002)

anatomia, fisiologia e bibliografia disponível⁹⁴⁶. Outros, como Charles Lucien Bonaparte (1803 - 1857), sobrinho do próprio Napoleão, viajariam por todo o mundo, visitando todas as coleções e museus existentes com o objetivo de através do estudo das suas coleções produzir uma monumental obra onde sintetizasse todo o conhecimento disponível sobre ornitologia mundial⁹⁴⁷. Também Pierre Marie Arthur Morelet (1809 - 1892), viajaria de país em país, com o intuito de estudar as faunas locais, tendo por exemplo deslocando-se a Portugal para estudar a sua fauna de moluscos, através do estudo das coleções de história natural nacionais bem como por intermédio de colheitas por ele próprio realizadas.

No entanto, um dos mais importantes resultados que os naturalistas obteriam através do acesso a estas grandes coleções seria a capacidade de poderem pela primeira vez na história da ciência dedicar-se à comparação da diversidade do mundo vivo e das suas anatomias. Através da análise de centenas, quando não mesmo milhares, de espécimes de diversas regiões do globo, por vezes representando fauna de diferentes épocas da história do planeta, as coleções apresentavam-se aos naturalistas como uma ferramenta, até então indisponível, para prosseguirem o estudo do plano geral da natureza. Este objetivo declarado de entender os traços e as leis gerais que regeriam o mundo natural não era no entanto novo e poder-se-ia a traçar aos planos e à obra de Buffon, senão mesmo de outros naturalistas setecentistas. No entanto, só com a presença de avultadas coleções e dos avanços relativos à preservação e preparação dos espécimes, é que este objetivo se poderia de fator cumprir, sendo todos estes requisitos inacessíveis a Buffon, mas agora à mão de uma nova geração de filósofos da natureza. Não será difícil imaginarmos as indagações que surgiam na mente de qualquer naturalista ao passar vista às longas coleções de preparações anatómicas de diferentes animais e onde por vezes se incluía o próprio *Homo sapiens* de Lineu. Quais seriam as semelhanças comuns a todos os seres de determinado grupo, e, de um ponto de vista inverso, quais seriam as diferenças particulares entre os

946 Duméril & Bibron (1834-1854).

947 Stroud (2000).

diferentes grupos? Como é que estas semelhanças e diferenças haveriam surgido nos seres, e qual o seu valor, significado e limites? Até que ponto a variação poderia ir, como, e porquê? A tentativa de resposta a estas conclusões viria a ter importantes reflexos nos próprios sistemas classificativos, visto que começavam a adereçar de forma muito mais detalhada e completa as diferenças e semelhanças entre as espécies, géneros e famílias lineanas, mas iria sobretudo provocar intensos debates no que toca à própria origem da diversidade natural. O cerne da questão restringia-se às questões: existiriam ou não planos fundamentais nos diversos grupos de seres vivos?; Seriam esses planos imutáveis e perfeitos, fruto de criação divina, ou pelo contrário, a diversidade dos seres era resultado de uma variação dos planos fundamentais moldada pelas circunstâncias naturais envolventes? De forma mais concreta, a diversidade anatómica do mundo vivo devia-se à submissão da "forma" à "função", ou da "função" à "forma"? Seriam estas questões que dariam origem a um dos mais intensos e importantes debates da História Natural não só da primeira metade do século, mas do próprio século: o debate entre Georges Cuvier (1769 - 1832) e Étienne Geoffroy Saint-Hilaire em 1830 na Academia das Ciências de Paris⁹⁴⁸. Os ecos do debate na Academia Parisiense, onde as ideias fixistas e catastrofistas de Cuvier se opunham a uma visão transformista de Saint-Hilaire, correriam a Europa e influenciariam toda a comunidade científica de então. Saint-Hilaire, o homem que anos antes teria estado nas coleções da Ajuda a seleccionar as suas desconhecidas riquezas para virem ser estudadas em Paris, argumentava que através da anatomia comparada era possível encontrar um plano fundamental nos corpos dos vertebrados, do qual todos os órgãos e estruturas independentes da sua função, e que da sua variação derivariam toda a diversidade animal, algo que se analisado numa perspectiva histórica poderia significar que as espécies não seriam imutáveis e se poderiam "transformar" ao longo do tempo. Esta ideia seria também ela defendida por Jean Baptiste Pierre Antoine de Monet (1744 - 1829), cavaleiro de Lamarck, que com base no estudo das ricas coleções de invertebrados fósseis e atuais da bacia de Paris existentes nas coleções do *Muséum d'Histoire Naturelle*, o levariam a

948 Appel (1987)

desenvolver a sua teoria de transformação das espécies, materializada em 1809 na obra *Philosophie Zoologique*⁹⁴⁹. Por sua vez Cuvier apresentava uma ideia totalmente oposta relativamente à diversidade animal. Para este, as espécies não só eram imutáveis e haviam sido criadas por Deus em determinados momentos da história da terra, onde a inexistência atual de formas fósseis era explicada através do acontecimento de cataclismos que provocariam a sua extinção, bem como os seres apresentavam uma organização delineada pela função dos seus órgãos e estruturas. Esta ideia, radicalmente oposta à de Saint-Hilaire, implicaria segundo Cuvier que os seres vivos fossem classificados em quatro "tipos" diferentes sem qualquer tipo de parentesco ou formas intermédias: Os vertebrados de sangue quente e coração com dois ventrículos, os vertebrados de sangue frio e coração com apenas um ventrículo, os invertebrados com vasos sanguíneos, e os invertebrados com vasos sanguíneos, e viria a ser publicada logo em 1798 no o *Tableau élémentaire de l'histoire naturelle des animaux*⁹⁵⁰. Esta obra inicial, composta por dois volumes ilustrados baseados nas aulas dadas por Cuvier na *École du Panthéon*, apresentava já aquilo que seria o protótipo do sistema de classificação zoológico do autor, mais tarde materializado na sua mais importante obra *Le règne animal distribué d'après son organisation: pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée*" (1817). Este sistema de Cuvier viria a ter de ampla utilização por toda a Europa durante toda a primeira metade do século XIX⁹⁵¹, em parte por se apresentar como um sistema de fácil utilização e consideravelmente inócuo do ponto de vista teológico, já que dada a sua natureza fixista era facilmente integrado no imaginário católico da Criação. Por outro lado, o estatuto social e político de Cuvier que lhe granjeavam

949 Lamarck (1809).

950 Cuvier (1798)

951 "Unlike most previous classifications, in which animals were arranged in a single, continuous system from simplest to most complex, in Cuvier's system the animal kingdom consisted of four separate divisions without any intermediate links - and without any suggestion of hierarchy among the four groups. Contemporary naturalists welcomed this classification because of its foundation in comparative anatomy and because of its relative completeness. Cuvier had made extensive use of the collections in Paris to develop his systems, and Animal Kingdom reflected this." in Farber (2000: p. 41).

um considerável poder e influência na capital gaulesa, e conseqüentemente na Europa, contribuiriam em boa hora para que as suas ideias e o seu sistema vingassem supremas durante algumas décadas na ciência Europeia, relegando para um plano marginal as radicais mas promissoras interpretações de Saint-Hilaire e de Lamarck. Mas as ideias e contendas relativas às questões levantadas pela anatomia comparada não se findariam com a morte de Cuvier em 1832, mas seriam retomadas anos mais tardes por homens como Louis Agassiz (1807 - 1873), ele próprio discípulo de Cuvier, Richard Owen (1804 - 1882), anatomista inglês curador do museu dos cirurgiões de Londres e mais tarde superintendente do departamento de História Natural do Museu Britânico, e claro, o próprio Charles Darwin.

Toda estas atividades, debates e ideias, embora claramente concentradas no centro da Europa, não encontrariam nas longínquas fronteiras lusitanas qualquer tipo de barreira intransponível. Muito pelo contrário, todos estes temas viriam a fazer parte do discurso científico Português da primeira metade do século. Quer pelo contacto direto que alguns dos naturalistas lusitanos haviam tido e continuavam a ter com a *intelligentsia* Europeia, quer pelas redes de contacto formais e informais que naturalmente se estabeleciam entre a comunidade naturalista estrangeira e a realidade científica e museológica nacional, o país manter-se-ia constantemente atualizado relativamente ao que ia acontecendo no exterior, algo que, como já vimos anteriormente, vinha acontecendo desde a segunda metade do século das luzes. No entanto, a história das coleções Portuguesas de História Natural e das ciências a elas ligadas cobrir-se-á de um manto de falhanço praticamente total, de estagnação e decadência. Esta aparente contradição é facilmente explicável pela grande turbulência política e social que se instalará no país após o fim das invasões napoleónicas. Durante os cinquenta anos seguintes à definitiva expulsão dos exércitos napoleónicos do país em 1811, após três violentas invasões, Portugal mergulharia num dos momentos mais conturbados da sua história recente. Imediatamente após o término da guerra país encontrava-se mergulhado numa profunda crise económica e social, com família Real ausente e estabelecida Rio de Janeiro, de onde só regressaria em 1820,

enquanto o país era na prática regido por Inglaterra. A expulsão do controlo Inglês e o regresso da Coroa para Lisboa não conseguiriam no entanto inverter a situação, já que logo em 1822 seria amputado ao Reino uma das suas mais importantes colónias, o Brasil, de que cuja independência causaria uma crise dinástica relativamente à sucessão de D. João VI e que conduziriam o país à Guerra civil em 1828. A fratricida Guerra civil duraria até 1834, aprofundaria os graves problemas que o país sofria, e mesmo após o seu fim, com a vitória e implementação do liberalismo em Portugal, condicionaria de sobremaneira o futuro económico e social do país durante quase duas décadas. Embora detentor de uma das mais raras e importantes coleções de história natural do mundo que, mesmo face às requisições efetuadas por Saint-Hilaire, prometiam a quem se dedicasse ao seu estudo a glória de perpetuar o seu nome em dezenas de espécies animais desconhecidas para a ciência, o país não soube aproveitar a oportunidade de marcar positivamente o progresso que as ciências zoológicas então experimentavam. Para isto contribuiria de certeza toda a instabilidade política e social decorrente do pós-invasões, da guerra civil e das seguintes lutas políticas que o país assistiria, mas talvez o facto que mais viria a afetar o bom desenvolvimento do estudos zoológicos fosse de facto a escassez de pessoal qualificado com que as instituições museológicas se deparavam. Brotero, pese a sua dedicação e incansável labor científico, não conseguiria muito mais do que reclassificar interinamente as coleções zoológicas da Ajuda e escrever os seus catálogos manuscritos. As subseqüentes direções nem isso teriam capacidade de fazer, e a transferência das coleções para o Museu da Academia, apesar da sua importante carga simbólica e promissor futuro, não mudariam em nada o aparente esquecimento e desinteresse por estudar coleções iguais àquelas que em Paris faziam furor entre os naturalistas. Na prática, tanto a Ajuda como o Museu de Lisboa durante a sua estadia nos espaços da Academia, pouco mais seriam do que repositórios de coleções, com um programa científico quase inexistente, e com um quadro de pessoal não qualificado e com um aparente desinteresse em dedicar-se ao estudo das suas coleções. Coimbra por sua vez, manteria um percurso não muito diferente aquele que originalmente traçado, sendo o seu museu destinado ao apoio ao ensino e sem praticamente nenhum uso na investigação. De forma

semelhante ao que acontecia por toda a Europa, a Portugal chegavam centenas de espécimes e coleções enviados pelo seus funcionários ultramarinos, mas a semelhança começava e acabava por aí. Chegadas a Lisboa todas estas coleções eram enviadas para o Museu, que sem condições nem planeamento, se abarrotava de material de que não se tirava qualquer proveito.

Embora este marasmo no que toca ao uso das coleções, a verdade é que o país não se ignoraria os avanços e debates da época. Brotero, a propósito do seu artigo sobre as focas da Ajuda, introduziria claramente Lamarck no meio académico Português, e com a adaptação da nomenclatura zoológica da obra de Cuvier para Português, estaria também ligado à chegada e adoção do elementos fundamentais do pensamento do anatomista francês. Praticamente contrárias, as ideias dos dois sábios franceses representavam a vanguarda do pensamento zoológico da época, algo que Brotero, devido à sua formação em Paris bem conhecia. Embora a introdução das ideias transformistas de Lamarck no país, que Brotero claramente defendia, as implicações da publicação de Brotero seriam no entanto nulas do ponto de vista do estabelecimento de uma linha evolucionista em Portugal. Por sua vez, Assis de Carvalho aquando da revisão da classificação das coleções da Academia, seguiria os sistemas classificativos mais modernos da sua época, muitos deles feitos por autores que haviam até trabalhado as coleções reportados por Saint-Hilaire, como Vieillot, Temminck, Cuvier, Lamarck, etc. Esta contemporaneidade de ideias manifestava-se também no ensino, onde os programas debatiam noções de anatomia comparada, de fisiologia e de diversidade animal. No entanto, as ideias por si só não seriam suficientes para arrancar o projeto naturalista nacional, que por falta de condições humanas, físicas e económicas, ficaria adiado durante décadas.

Parte III

**Sob a batuta de Barbosa du
Bocage: os anos de ouro da
Zoologia portuguesa (1861-
1910)**

Capítulo 12 – O renascimento do Museu de Lisboa

Contrariamente à transferência das coleções da Ajuda para os espaços da Academia, a transferência para o edifício da Escola Politécnica, embora acarretando uma logística complicada e que exigiria da instituição recetora um esforço considerável, correria de forma pacífica e sem qualquer tipo de incidentes. Tomando em mãos uma das maiores coleções zoológicas nacionais, Barbosa du Bocage encontrar-se-ia perante um dos maiores desafios da sua vida científica - fazer renascer uma coleção caótica e abandonada há varios anos. Seriam várias as decisões necessárias para levar a bom fim esta organização, e o facto de a transferência não se realizar imediatamente após a assinatura da tomada de posse⁹⁵², permitiria a Bocage aproveitar o tempo para estudar e decidir o modelo a seguir para o "novo" museu que então se iniciava.

Tópico praticamente desconhecidos por parte da historiografia Portuguesa, os primeiros anos da seção zoológica do Museu Nacional de Lisboa sob a direção de Bocage⁹⁵³ revelam-se como um exemplo de extrema importância para compreender não só a evolução da instituição por ele dirigida, mas também como um autêntico caso de estudo sobre os processos e redes de legitimação científica no contexto Europeu da segunda metade do século XIX. É pois importante aprofundar ao máximo os processos que conduziram ao início das novas coleções

⁹⁵² Segundo Bocage, em 1860, o museu ainda não estaria aberto: "*É minha opinião que apenas se possa effectuar a transferencia do museu para o edificio da escola polytechnica convirá estabelecer uma exposição publica e regular das colleções que pela sua importancia e bom arranjo poderem ser submettidas á apreciação de pessoas competentes.*" in Bocage (1860: p. 3).

⁹⁵³ Como é aliás a história institucional da dita secção durante a direção de Bocage (1858 - 1907).

do museu e à sua inserção nas redes europeias. Este objetivo seria alcançado com o recurso a três processos diferentes:

- A divulgação pelos círculos europeus do "renascimento" do Museu de Lisboa;
- A criação de contactos e promessa de intercâmbios e colaborações;
- O início de novas coleções.

A qualidade e quantidade das coleções era manifestamente insuficiente para, por si só, serem suficientes quer para o gabinete de aulas da 8ª cadeira da Escola Politécnica, quer para o novo museu. Bocage seria encarregado pelo Conselho da Escola Politécnica, entre Junho e Setembro de 1859, de realizar uma viagem a vários países da Europa com o objetivo de adquirir para o "*gabinete de zoologia*" e para o "*museu de Lisboa*" "*as collecções de anatomia comparada e zoologia, e quaesquer outros objectos*" que lhe parecessem convenientes para o desenvolvimento destes dois estabelecimentos⁹⁵⁴. As escolhas de Bocage, limitadas "*tão sómente pela quantia de que podia dispôr para tal fim*", para o "*gabinete de zoologia*" consistiriam em:

"1.º Uma collecção de 6 cabeças articuladas á la Bauchéne, a saber: cabeça humana, - de abestruz, - de tartaruga terrestre, - de crocodilo, - de serpente (python), - e de peixe (bacalháo). Além disso uma preparação anatomica de larynge humana, e a preparação tambem á la Beauchéne do dermatosqueleto de um grande coleoptero do genero Goliath. ;

2.º 5 Cabeças de mammiferos, em cujo numero figuram as do Proteles Lalandii, I. Geoff., Echidna hystrix. Cuv, e Theropithecus gelada, Riipp. animaes ainda hoje raros; e varios esqueletos completos de aves e mammiferos.

3.º Um quadro de ovologia feito pelo dr. Auzoux, no qual se acham perfectamente representadas as phases sucessivas da evolução do ovo dos mammiferos.

4.º Uma pequena collecção de insectos, composta de 650 individuos, e comprehendendo representantes de familias entomologicas nas diversas ordens: os exemplares pertencem, quanto possivel, á fauna da Europa.

5.º 65 Preparações microscopicas, as quaes constam de specimens de histologia, de varios aparelhos de invertebrados e de diversos animaes microscopicos.

⁹⁵⁴ Bocage (1860)

6.º 8 Cabeças (modelos de gesso) de diversas raças humanas.

7.º Diversas obra de anatomia comparada e zoologia, e são - Lesson, *Traité d'ornithologie* - Pfeiffer, *Monographia hellicorum* - Loche, *Catalogue des animaux d'Algerie* - Lereboulet, *Recherches sur l'appareil de generation des vertebrés* - Ruppel. diversas obras sobre a fauna da Abyssinia - Wett e Berthelot, *Histoire naturelle des iles Canaries* - Owen, *Lectures on comparative anatomy* - lord Clermont, *Guide to quadrupeds and reptiles of Europe*. Com estas aquisições tive principalmente em vista melhorar o ensino na sua parte pratica e demonstrativa."⁹⁵⁵.

Mesmo a mais superficial análise ao material adquirido para o "gabinete" torna possível entender uma lógica muito mais didática que sistemática. O ensino da zoologia era então principalmente baseado na anatomia comparada, algo que justificaria a aposta na aquisição de modelos e materiais homólogos de vários grupos animais⁹⁵⁶. A aposta, por exemplo, numa coleção de insetos "*compreendendo representantes de familias entomologicas nas diversas ordens*" revela também um interesse especial na apresentação da diversidade e *baupläne* gerais, em detrimento de um estudo sistemático de catalogação da diversidade específica, algo que se insere numa estratégia de ensino⁹⁵⁷. Por sua vez, a aposta

⁹⁵⁵ Bocage (1860: p. 3)

⁹⁵⁶ "As collecções osteologicas do gabinete de zoologia e do museu eram mui deficientes; não satisfiziam sequer as modestas exigencias do ensino elementar d'esta parte improtante da anatomia comparada. Tractei portanto de acudir a esta necessidade, adquirindo, além de varios esqueletos completos, 6 admiraveis preparações osteologicas de cabeças de vertebrados, nos quaes se podem estudar perfeitamente os diversos elementos que as constituem, e reconhecer ao mesmo tempo as connexões d'esses elementos. [...] Os modelos de gessos de diversas raças humanas são apenas o primeiro ponto de partida para uma collecção de anthropologia, sem a qual o estudo zoologico do homem não poderá receber no curso da 8.ª cadeira o preciso desenvolvimento." in Bocage (1860: p. 3).

⁹⁵⁷ "Não possuíamos ainda para o estudo da entomologia os meios indispensaveis de demonstração e ensino. Faltava-nos uma collecção geral, em que se achassem representados os typos das principaes familias. Obtive-a n'um dos melhores estabelecimentos entomologicos de Paris, o de mr. Deyrolle: fiz incluir n'ella principalmente especies europeas, porque me pareceu conveniente vulgarisar o conhecimento de especies identicas ou analogas ás da nossa fauna, como meio de desafiar e favorecer futuras investigações n'esta parte interessante da zoologia patria, e inaugurar entre nós um estudo até aqui constantemente despresado. A preparação á la Beauchéne do dermosqueleto de um grande coleoptero, preparação tão perfeita e elegante como as das cabeças de vertebrados, será tambem de muita vantagem para o ensino: por ella far-se-ha comprehender bem a estructura excessivamente complexa do involucro exterior dos insectos, da qual seria impossivel obter um cabal conhecimento pela simples leitura dos livros ou por dissecções imperfeitas." in Bocage (1860: p. 3). A lista desta coleção entomológica pode ser consultada no AHMB ("Catalogo de uma Collecção geral de Arachnideos, Myriapodos e Insectos comprados a Deyrolle (Pariz - 1859)" AHMB Rem. 314 e 314a).

em preparações microscópicas, área que como veremos não seria minimamente desenvolvida como campo de investigação no museu, indicam novamente o intuito pedagógico deste gabinete e destas aquisições⁹⁵⁸. Para o museu a escolha e aquisição de materiais seguiria uma ordem claramente diferente, sendo adquiridas⁹⁵⁹:

"1.º Uma collecção completa de aves a que, além de muitas especies exoticas que o museu não possuia ainda, além de mais de 10 representantes de generos que lhe faltavam, consta de perto de 150 especies lacustres e fluviaes da Europa.

2.º Uma collecção de perto de 100 aves da Europa. Figuram [...] em Portugal, e são destinadas a auxiliar o estudo da nossa fórma ornithologica, servindo de typos authenticos, sem os quaes é muitas vezes impossivel fazer a exacta determinação das especies.

3.º Uma collecção de aves exoticas. Consta de 351 individuos de 326 especies. Com esta aquisição desappareceram muitas das lacunas que existiam n'uma das melhores collecções do museu; e augmentou muito a sua importancia scientifica, porque os exemplares são na grande maioria representantes de generos que faltavam absolutamente. Algumas das especies são raras e de preço.

*4.º Uma collecção de 56 mammiferos. Em geral pertencem a grupos zoológicos que não estavam ainda representados no museu, com o que bastante soffria o ensino. Avultam em numero os cheiropteros, que não exitiam quasi na nossa collecção mammalogica. Não posso dispensar-me de mencionar com especialidade 2 exemplares (adulto e novo) e o esqueleto completo do adulto, do *Tarsius spectrum* das Philippinas, o qual parece ser o verdadeiro representante da especie, de origem desconhecida descripta primitivamente por Daubenton; é esta sem duvida a mais importante das minhas aquisições. Citarei ainda o *Proteles Lalandii*, o *Echidanhistris*, o *Theropithecus* gelada, exemplares que um bom museu zoologico necessita possuir; e além d'isso uma collecção interessante de pequenos roedores e insectivoros da Europa, os quaes muito devem auxiliar os estudos que de futuro se emprehendam sobre esta parte da nossa fauna, na qual é de esperar se encontre aqui, como em toda a parte, typos especificos peculiares ao nosso paiz e por conseguinte diversos de todos os que a sciencia tem já inscripto em seus catalogos."⁹⁶⁰*

A aposta clara em determinados grupos animais revela a preferência dada por Bocage em completar e "*augmentar as collecções que se achavam mais bem*

⁹⁵⁸ Bocage (1860: p. 3)

⁹⁵⁹ Para uma distinção entre Gabinete e Museu, reveja-se a discussão sobre o tópico no Capítulo 2 da Parte I.

⁹⁶⁰ Bocage (1860: p.3)

*representadas e numerosas no museu, do que adquirir á toa exemplares de diversos grupos zoologicos", reservando "para tempos de mais prosperidade a aquisição de outras collecções, muitas das quaes não teem alli um unico representante."*⁹⁶¹. Esta decisão, onde imperaria a lógica e o bom senso, é reveladora de uma personalidade ponderada e realista, traços que se manteriam para sempre ligados à sua ação científica, política e museológica, e que se revelariam como fator imprescindível para o progresso e desenvolvimento da instituição que dirigia. Apesar dos condicionamentos financeiros e estruturais que limitavam, de sobremaneira, as possibilidades de desenvolvimento do museu, Bocage assumiria, desde logo, a necessidade de opção por um modelo diferente do dos grandes museus da Europa⁹⁶². A opção passava claramente pela aposta na especialização do Museu de Lisboa naquilo em que este poderia sobressair e tornar-se uma referência - a fauna Portuguesa e dos seus territórios ultramarinos⁹⁶³. A constatação de que na maior parte dos museus Europeus, embora riquíssimos em fauna exótica, não existiriam praticamente nenhuns exemplares da fauna dos territórios Portugueses seria uma das principais razões para esta opção, nomeadamente porque não só singularizaria o Museu de Lisboa, como o tornaria um parceiro desejável para a maioria dos estabelecimentos homólogos⁹⁶⁴. Este trunfo seria de imediato aproveitado por Bocage, que visitando vários estabelecimentos museológicos europeus aproveitaria para propor uma política de trocas e colaboração⁹⁶⁵.

Compreendemos assim a multiplicidade de objetivos de Bocage aquando desta sua primeira missão ao estrangeiro. Se por um lado aproveitaria para adquirir novas coleções por compra direta a vendedores especializados, o périplo por museus e coleções privadas levá-lo-ia a estabelecer contacto com futuros

⁹⁶¹ Bocage (1860: p. 3)

⁹⁶² Bocage (1860: p. 3).

⁹⁶³ Bocage (1860: p. 3).

⁹⁶⁴ Bocage (1860: p. 3)

⁹⁶⁵ Bocage (1860: p. 3).

parceiros, a estudar os diferentes modelos e opções museográficas adotados na Europa, e colocar o "seu" museu conhecido nas redes naturalistas Europeias. Bocage visitaria as mais importantes instituições museológicas daquela altura. Ele visitou Londres, Paris, Leiden, Strasbourg, Frankfurt, Madrid, bem como coleções privadas ao longo da Europa, regressando a Portugal com muito mais que coleções - traria consigo contactos, ideias e perspetivas futuras.

No entanto, um dos resultados mais importantes desta viagem terá sido as negociações com o museu de Paris com vista à compensação ao Museu de Lisboa do material levado em 1808⁹⁶⁶. Findas as invasões napoleónicas e o fim da guerra Peninsular, contrariamente a outros países Europeus⁹⁶⁷, Portugal nunca reclamaria as coleções levadas por Étienne Geoffroy Saint-Hilaire. Apesar de já em 1855 D. Pedro V ter recebido vários espécimes de aves, e ter oficialmente perdoado Saint-Hilaire pelo episódio, Bocage negociaria com a direção do *Muséum* uma segunda compensação – a oferta de espécimes duplicados das coleções Parisienses, ao empobrecido Museu Nacional de Lisboa, frisando o fato de que isto não significaria a restituição dos antigos espécimes da Ajuda:

*"Para não se dever solicitar a restituição dos antigos exemplares do museu da Ajuda havia, além de outras razões, a consideração do tempo decorrido e a de que bem se poderiam considerar hoje como propriedade da França essas colleções, que só nas mãos dos sábios francezes se haviam tornado uteis á sciencia. O bom uso legitimava assim a posse."*⁹⁶⁸.

Esta ideia não era nova, e Bocage havia-a já apresentado em 1854 aos responsáveis da Academia, embora não surtindo na altura qualquer tipo de efeito⁹⁶⁹. Auxiliado pelo embaixador Português em Paris, Francisco José de Paiva, Visconde de Paiva (1819 - 1868), que o apresentaria ao Ministro da Instrução Pública Gustave Rouland (1806 - 1878), Bocage obteria a permissão do Ministério

⁹⁶⁶ Bocage (1860: p. 4)

⁹⁶⁷ Daugeron (2009)

⁹⁶⁸ Bocage (1860: p. 4)

⁹⁶⁹ Vide Documentação Transcrita - Apêndice F1

Público da Educação Francês para a referida compensação⁹⁷⁰. Isidore Geoffroy Saint-Hilaire, filho do requisitante da Ajuda, abriria as portas dos armazéns do Museu para que Bocage, auxiliado por Florent Prévost (1794-1870), pudesse escolher os espécimes de mamíferos e aves que desejasse ⁹⁷¹. As negociações no entanto não seriam finalizadas, pois por infortúnio de calendários Bocage abandonaria Paris sem as coleções⁹⁷², ficando as negociações a cargo do Visconde de Paiva⁹⁷³. No final de Janeiro de 1860, Isidore Saint-Hilaire escreveria ao embaixador Português informando-o que todas as autorizações ministeriais e administrativas necessárias haviam sido dadas, encontrando-se apenas à espera que Bocage lhe enviasse o catálogo das coleções lisboetas de modo a que pudesse dar preferência a espécimes que faltassem no museu de Lisboa⁹⁷⁴. Paiva transmitiria esta informação a Bocage, chegando mesmo a sugerir-lhe que o catálogo enviado fosse feito de forma a beneficiar o Museu de Lisboa⁹⁷⁵. Embora não saibamos que catálogo Bocage enviou a Saint-Hilaire, o facto é que viria a receber nesse mesmo ano as coleções desejadas. Boa parte das coleções de aves e mamíferos seria aquela que Bocage escolhera aquando da sua visita, enquanto as coleções herpetológicas e ictiológicas seriam seleção de Auguste Duméril (1812 - 1870)⁹⁷⁶.

Após o sucesso das negociações, dos formais agradecimentos e louvores, e da necessidade de resolução de problemas alfandegários⁹⁷⁷, Bocage reconheceria a

⁹⁷⁰ Bocage (1860: p. 4). Vide Documentação Transcrita - Apêndice F2 e F3.

⁹⁷¹ Bocage (1860: p. 4)

⁹⁷² Bocage (1860: p. 4)

⁹⁷³ Bocage (1860: p. 4)

⁹⁷⁴ Vide Documentação Transcrita - Apêndice F4.

⁹⁷⁵ Vide Documentação Transcrita - Apêndice F5 e F6.

⁹⁷⁶ O catálogo intitulado "*Catalogue de Reptiles donnée au musée de Lisbonne - 1860*" (AHMB Rem 258) aparenta representar o conjunto desta e da segunda oferta de Duméril a Bocage.

⁹⁷⁷ Vide Documentação Transcrita - Apêndice F8, F9, e F10.

necessidade de regressar a Paris. Num officio ao Governo, Bocage pedia que lhe fosse concedida a autorização e fundos necessários para realizar uma viagem de um mês a Paris, de modo a adquirir mais espécimenes para o Museu⁹⁷⁸. Pela mesma altura, no início de Agosto, chegaria a informação à direção geral de Instrução Publica que "*um dos maiores estabelecimentos de França*" pretendia vender uma considerável parte das suas coleções "*por preços vantajozos*", sendo pedido a Bocage a indicação dos objetos que fariam falta no Museu de Lisboa e qual a quantia que devia ser utilizada do orçamento da instituição⁹⁷⁹. Em resposta Bocage exporia a necessidade dessa escolha ser feita por ele próprio, bem como o fato de o orçamento do museu ser insuficiente para a dita aquisição⁹⁸⁰. Atendendo à exposição de Bocage, o governo, através do próprio rei D. Pedro V, consideraria que esta seria "*uma occasião favoravel para se poderem obter collecções importantes*" para o Museu, atendendo assim ao pedido de Bocage, atribuindo-lhe uma "*commissão de serviço*" a Paris para adquirir as ditas coleções⁹⁸¹, e colocando à sua disposição "*um conto e quatro centos mil reis*" para aquisição de material para o museu⁹⁸², bem como a missão de adquirir modelos de geometria descritiva para a Escola Politécnica⁹⁸³. Aliava-se portanto a necessidade de retomar as negociações com o *Muséum* com a aquisição de novo material e Bocage rumaria em Paris ainda no mesmo ano.

Acompanhado por Mathias de Carvalho (1832 - 1910), Bocage voltaria ao *Muséum* de onde receberia novas coleções. Henri Milne-Edwards (1800-1885), chefe da cadeira de entomologia do *Muséum* oferecer-lhe-ia uma "*variada e*

⁹⁷⁸ Vide Documentação Transcrita - Apêndice F6.

⁹⁷⁹ AHMB Div. 74

⁹⁸⁰ AHMB Div. 75

⁹⁸¹ AHMB Div. 76

⁹⁸² AHMB Div. 77

⁹⁸³ AHMB Div. 78

numerosa collecção de insectos e crustaceos"⁹⁸⁴, onde se incluía parte da importante coleção de Félix Édouard Guérin-Méneville (1799-1874)⁹⁸⁵, enquanto Duméril ofereceria uma coleção de "*todos os reptis e os peixes de agua doce da Europa de que podia dispor n'aquella occasião*"⁹⁸⁶. Finda a segunda viagem, Bocage poder-se-ia orgulhar de ter alcançado vários resultados de extrema importância para o futuro do "seu" museu. Não só estabelecera uma importante ligação entre os dois estabelecimentos, tendo criado laços com alguns dos mais influentes zoólogos franceses de então⁹⁸⁷, como também levava a cabo um importante ato de diplomacia - selar de vez o episódio de 1808. No que a coleções diz respeito, ao fim de duas viagens a França, o museu de Lisboa via as suas coleções enriquecidas em:

"1. Mammiferos, 24 especies e 24 individuos; de todas carecia o nosso museu. Entre elles devem mencionar-se: Macacus rhesus, M. nemestrinus, Silenus veter, Paradoxurus typus, Felis leo, Felis concolor, Caracal melanotis, Myrmecophaga tamandua; etc.

2. Aves, 92 especies, 107 individuos; mui poucas, 2 ou 3, ja existiam no museu. Muitas são de preço, por exemplo: Platycercus Pennantii, P. eximius; Aprosmietus scapulatus; Eolophus roseus; Geranoaetus aquia; Nyctaeus lacteus; Hiator lameligcrus; Rhynchaca Capensis, Dromaius Novae-Hollandiae, etc.

3. Reptis e peixes, 137 especies dos primeiros e 47 dos segundos. Tem a primeira collecção um grande valor scientifico, porque representa, quasi na totalidade, as familias admittidas no tratado de erpetologia de Dumeril e Bibron, e muitos dos seus generos principaes. A segunda, com quanto menos numerosa e importante, tem ainda para nós o grande merecimento de supprir faltas que difficilmente preencheriamos por outro modo.

4. A collecção offerecida por mr. Milne Edwards, consta de 28 especies de crustaceos, 628 especies de coleopteros, 30 especies de hymenopteros, 405

⁹⁸⁴ Bocage (1862a: p. 70). O catálogo desta coleção ainda hoje existe no AHMB - "*Catalogue des Coléoptères offerts au Musée de Lisbonne Par le Muséum d'Hisotire naturelle de Paris - Décembre 1860*" e "*Insectes Lepidoptères donnés au Musée de Lisbonne par le Muséum de Paris*" (AHMB Rem. 302).

⁹⁸⁵ "*Catalogue des Crustacés de la collection de Monsieur Guérin Méneville*" (AHMB Rem. 317 e AHMB Rem. 317a)

⁹⁸⁶ Bocage (1862a: p. 70)

⁹⁸⁷ Bocage proporia ao governo Português que fossem concedidas honras aos funcionários do Museu de Paris envolvidos no processo (vide Documentação Transcrita - Apêndice F8 e F9. Milne-Edwards agradeceria a Bocage por carta a honra que lhe fora agraciada (AHMB CE E4).

especies de lepidopteros, 4 especies de orthopteros, 25 especies de hemipteros; ao todo 1:120 especies."⁹⁸⁸.

A importância destas ofertas, em termos percentuais, seria bastante considerável. Em apenas quatro anos Bocage conseguiria fazer crescer as coleções do Museu. O panorama com que Bocage se havia deparado imediatamente após a transferência resumia-se aos restos sobreviventes das coleções da Ajuda e da Academia, e os seus valores eram bastante humildes:

"1. Uma collecção de mamíferos, de que apenas temos podido salvar uns quarenta exemplares, mal preparados e quasi todos mal classificados ou por classificar.

2. Uma collecção de aves, na qual se apurará quanto muito uns duzentos exemplares capazes de figurar nas galerias do novo museu. Tinham quasi todos nomes latinos nas etiquetas, mas a classificação precisou ser revista e emendada.

3. Reptis e peixes, alguns preparados a secco, a maior parte em espirito de vinho. Estavam em grande parte por classificar, e a varios até faltava a indicação da procedencia.

4. Conchas. De todas as collecções era a mais numerosa. Tinha sido classificada e coordenada pelo dr. Franco; mas infelizmente o classificador, desprovido dos livros indispensaveis, não pôde fazer obra que inspire confiança. Não podemos dar ainda a cifra exacta das especies, que procuraremos determinar logoque tenhamos concluido outros trabalhos e alcançado os livros que devem auxiliarnos no seu estudo.

5. Insectos. Reduziam-se a algumas caixas de lepidopteros do Brazil, em parte deteriorados, uma pequena collecção de insectos de Africa, e outros sem designação de localidade. Póde-se dizer que a entomologia não estava ali representada.

4. Crustaceos. Geralmente do Brazil e da Africa, mas em pessimo estado de conservação. O sr. Felix de Brito Capello, que está fazendo interinamente as vezes de nosso naturalista-adjunto, tem podido, graças á sua intelligencia, habilidade e decidida vocação pela zoologia, restaurar ou antes reconstituir os materiaes que achou obra de 30 a 40 especies.

6. Zoophytos. Em pequeno numero e em mau estado.

Era sobretudo pobrissimo o museu em productos zoologicos do nosso paiz. Se execptuarmos algumas conchas, e esseas mui poucas, alguns peixes da nossa

⁹⁸⁸ Bocage (1862a: p. 70-71)

*costa (resto de uma collecção offerecida pelo duque de Palmella, e que se perdeu quasi inteiramente por se lhe não renovar a aguardente) e varias aves, que o nosso amigo e collega o dr. Costa mandou preparar no curto periodo em que exerceu as funcções de classificador do museu, póde-se affirmar com verdade que a fauna de Portugal não tinha ali representantes."*⁹⁸⁹.

Comparando os valores com os de 1862, podemos então perceber a evolução quantitativa e qualitativa do enriquecimento promovido por Bocage. Segundo Bocage, quatro anos depois da sua tomada de posse o museu contava agora nas suas coleções "geraes" com:

"1. Mammiferos: 157 especies. Figuram n'este numero algumas raras, e de custo, com são, o Chimpanzé, o Theropithecus gelada, o Tarsius spectrum, o Galeopilhecus philippinensis, o Felis uncia, o Orycteropus capensis, a Capra-ibez, o Nycteronetes procynioides, etc. N'esta, como em todas as collecções do nosso museu, tem sido e continua a ser nosso principal empenho reunir os representantes dos generos principaes, e alcançar ao mesmo tempo o maior numero possivel de especies da Europa: em grande parte se vão realisando estes nossos desejos.

2. Aves: 1:127 especies e 1:343 exemplares. Entra n'este numero uma bonita collecção de aves da Europa, que tenho conseguido pouco a pouco, actualmente rica de 272 especies, em que se não comprehendem muitas das mais vulgares.

3. Reptis e peixes. Alem das duas collecções, donativo de jardim das plantas, mencionadas na nota antecedente, adquirimos mais umas 50 especies das duas classes de vertebrados, algumas das quaes bastantemente raras e curiosas, taes são: o Menobranchus lateralis, o Menopoma alleghanensis, o amphiuma tridactylum, o Proteus anguinus, o singular chlamydosaurus da Nova Hollanda.

4. Conchas. Em conchyliologia as nossas principaes aquisições são: Uma collecção de quarenta representantes de generos que nos faltavam. Uma collecção numerosa e interessante do molluscos terrestres e fluviaes de França. Mais de 300 especies de Cuba, Panamá e Perú, que devemos aos srs. D. Patricio Paz e Peres Arcas de Madrid, e Aranjó de Havana. Muitas conchas marinhas do Atlantico e Mediterraneo, bem classificadas, e pela maior parte especies raras ou difficies de obter no commercio. Mais de 1:000 especies de diversas localidades e procedencias.

5. Insectos e crustaceos. Dos primeiros: uma pequena collecção geral, que consta de mais de 600 especies e contém representantes de familias entomologicas nas diversas ordens; e duas collecções assás numerosas de hymenopteros e lepidopteros de França, as quaes devemos ao nosso amigo e collega o dr. Sichel, de quem já em outra parte dissemos que deveria citar-se como um entomologista de grande merito, se não estivesse já na posse de uma reputação

⁹⁸⁹ Bocage (1862a: 71-72).

*europaea pela distincção com que prima n'uma das mais difficeis especialidades da medicina. Dos segundos: uma collecção de mais de 700 especies, que nos foi cedida por mr. Guerin Menneville. É uma collecção muito completa, rica sobretudo nos generos e familias de que é mais difficil obter representantes. Com o que ficámos possuindo n'este ramo crêmos que nos será facil chegar em poucos annos a reunir uma das melhores collecções carcinologicas, sem grandes sacrificios pecuniarios."*⁹⁹⁰.

Para além das coleções gerais, e embora a menor ritmo, a evolução das coleções de espécimes nacionais era também positiva, contando o museu com representantes dos principais mamíferos Portugueses, cerca de cento e oitenta espécies de aves, répteis e algumas conchas⁹⁹¹. Compreende-se que as principais fontes de espécimes até então teriam sido a aquisição direta a vendedores e a oferta de museus e naturalistas estrangeiros. No entanto, apesar do forte incremento que este tipo de entradas representava para as coleções do museu, nenhum museu poderia sobreviver apenas por este tipo de aquisições. Embora a necessidade de dar um ímpeto inicial ao Museu ter obrigado Bocage a recorrer a esta forma de enriquecimento das coleções, o diretor estaria bem ciente da necessidade de estabelecer um programa próprio para o museu. Esse programa era aliás um dos pontos fulcrais dos seus deveres como diretor, patente no decreto lei de 13 de Janeiro de 1862.

Como previa o decreto relativo à organização interna do Museu, caberia a Bocage a direção da exploração zoológica do país. De forma a responder a esta obrigação, Bocage apresentaria a 1 de Fevereiro de 1862 ao conselho da Escola Politécnica de Lisboa, o plano geral sobre a exploração zoológica do País, e que viria a ser publicado com o título "*Relatorio apresentado ao conselho da escola polytechnica em sessão de 1 de fevereiro de 1862 ácerca do plano geral dos trabalhos de exploração zoologica, e aprovado na mesma sessão*"⁹⁹². Neste plano, Bocage apontava a falta de informação publicada sobre a zoologia Portuguesa, sendo que a

⁹⁹⁰ Bocage (1862a: p. 72-73).

⁹⁹¹ Bocage (1862a: p. 73-74).

⁹⁹² Bocage (1862b)

pouca existente se resume à velha e incompleta lista de Vandelli⁹⁹³, a uma lista de autor desconhecido sobre peixes do Algarve⁹⁹⁴, e a trabalhos de malacologia publicados por naturalistas estrangeiros. Reconhecendo a importância e particularidades da península ibérica como fonte de novidades científicas, facto esse comprovado pelos inúmeros endemismos recém descritos para a região⁹⁹⁵, Bocage apostava na argumentação patriótica e na promessa de resultados como forma de justificar perante a opinião pública a sua missão:

*"Se já figuram nos catalogos da sciencia varios mammiferos peculiares á nossa peninsula (felis pardina, herpestes widdringtonii, capra hispanica), alguns reptis e peixes distinctos dos das Europa (amphisbena cinerea, pleurodeles wattlii, pagrus bocagii), bastante molluscos terrestres, fluviaes e marinhos, todos ou quasi todo ahi foram inscriptos por naturalistas de outros paizes. Ao lado das appellações scientificas por que hoje se conhecem lêem-se os nomes de Oken, Schimper, Gunther, Gray. Michaheles, Morelet, etc. É tempo, cremos nós, de encetar por nós mesmos trabalhos que tanto nos promettem: assim o exigem a utilidade da sciencia e o decoro nacional."*⁹⁹⁶.

Assim sendo, segundo Bocage, a exploração zoológica do país devia assentar em três pontos/tarefas fundamentais:

"1.º Discriminar as regiões e localidades que devem ser exploradas mais extensa e cuidadosamente;

2.º Obter o maior numero possivel de correspondentes que se possam encarregar permanentemente de procurar e colligir os representantes da fauna local, e habilita-los com os meios e instrucções indispensaveis para que nos coadjuvem com efficacia;

*3.º Conseguir desde logo o maior numero possivel de specimens zoologicos, em ordem a promover quanto antes o incremento das collecções nacionaes do museu e os progressos da zoologia entre nós, sem comtudo sacrificar o plano geral das nossas primeiras investigações ao desejo de obter representantes da nossa fauna."*⁹⁹⁷

⁹⁹³ Vandelli (1797)

⁹⁹⁴ Anónimo (1817c)

⁹⁹⁵ Bocage (1862b: p. 603)

⁹⁹⁶ Bocage (1862b: p. 603)

⁹⁹⁷ Bocage (1862b: p. 603)

Uma análise a estes pontos/tarefas é reveladora sobre a forma como o Museu enriqueceria as suas coleções nos seus primeiros anos. Após o reconhecimento geográfico⁹⁹⁸, o passo mais importante seria o de estabelecer uma rede de correspondentes locais que pudessem continuamente desempenhar o papel de coletores para o museu, poupando tempo e recursos⁹⁹⁹. De forma a fazer face ao problema de no país existir um diminuto número de pessoas formadas em zoologia, e apesar de haver alguns amadores que poderiam estar interessados, havia pois a necessidade de estabelecer-se um conjunto de regras e instruções que servissem de guia auxiliar nos processos de coleta, preparação e envio das diferentes classes animais. Este opúsculo, que viria a ser publicado ainda no mesmo ano, seria intitulado "*Instruções Praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa*"¹⁰⁰⁰, que como veremos adiante viria a desempenhar um papel fundamental na formação e especialização da rede de colaboradores e resultar num rápido enriquecimento das coleções do Museu durante as décadas seguintes. Este enriquecimento era aliás um dos pontos fundamentais do plano de exploração de Bocage, pois só novas coleções poderiam servir de base para o início de produção e sistematização de conhecimentos relativos à fauna dos territórios Portugueses¹⁰⁰¹. Os primeiros resultados deste plano não se fariam esperar por muito tempo, e em 1863 Bocage publicaria na *Revue et Magasin de Zoologie* a "*Liste des Mammifères et Reptiles observés en Portugal*"¹⁰⁰². Associando os dados das suas observações com os exemplares que possuía no museu, Bocage apresentava um trabalho talvez imperfeito, pois muitas das espécies não se encontrariam bem identificadas, mas totalmente inédito.

⁹⁹⁸ Bocage (1862b: p. 603)

⁹⁹⁹ Bocage (1862b: p. 604),

¹⁰⁰⁰ Bocage (1862a).

¹⁰⁰¹ Bocage (1862b: p. 604).

¹⁰⁰² Bocage (1863a)

Bocage reconhecia a necessidade de apoio das instâncias coloniais, em particular dos governadores gerais, dos físicos-mores e da junta de saúde naval, para a aquisição e remessa de espécimes zoológicos, o que invariavelmente conduziria à ideia de produzir um documento técnico - umas instruções - que pudessem guiar aqueles que respondesse ao apelo do Museu de Lisboa¹⁰⁰³. Face à importância da publicação das instruções para o desenvolvimento do programa museológico de Bocage, o diretor assumiria a sua redação, pedindo no entanto a intervenção de José Maria de Abreu, diretor geral da Instrução Pública, para que a Imprensa Nacional, sob a égide do Ministério do Reino as pudesse imprimir¹⁰⁰⁴. Com a sua publicação em 1862 um dos passos mais decisivos para o desenvolvimento do museu estava dado. As "*Instrucções Praticas*", à semelhança dos textos publicados no período Vandelliano, ou mesmo aquelas publicadas por Assis de Carvalho em 1836, eram um texto técnico e prático, de simples interpretação para todos aqueles que viessem, mesmo sem qualquer tipo de formação prévia, aceder ao desafio de enriquecimento das coleções do Museu de Lisboa. Como era referido nos primeiros parágrafos da obra:

"Não escrevemos uma obra scientifica. É nosso fim unicamente dizer ás pessoas que se proponham a colligir productos zoologicos o que devem fazer para os obter com mais facilidade, as cautelas de que devem usar' para que se não deteriore, os melhores processos a que devem recorrer para lhes dar uma primeira preparação, e finalmente a maneira por que os devem acondicionar no caso de no-los quererem remetter para o museu de Lisboa. Procurámos sobretudo ser claros, para que nos comprehendessem sem esforço; e evitamos cuidadosamente os termos scientificos, definindo sempre ou exemplificando os poucos de que nos vimos forçados a usar. Nas divisões dos capítulos seguimos, approximadamente, a ordem e as divisões scientificas. Fizemo-lo, não para dar a obra apparencias do que não é, mas porque essas divisões nos pareceram facilitar a exposiçào, tornando-a mais methodica. Juntámos a este opusculo uma relação breve dos principaes desiderata do nosso museu, tanto em animaes do paiz, como do ultramar: temos em vista com isto auxiliar, circumscrevendo-lhes mais o objecto, as explorações das pessoas que se não tenham dado especialmente a estudos zoologicos. A lista é incompletissima, tanto mais que ninguem conhece bem a nossa fauna, nem a fauna da maior parte das nossas possessões. Deve entender-se portanto que desejámos, alem do que

¹⁰⁰³ Vide Documentação Transcrita - Apêndice G1 e G2

¹⁰⁰⁴ Vide Documentação Transcrita - Apêndice G1 e G2

especificamos, tudo o que se obtiver, e que constará em grande parte de specimens que ninguém conhece."¹⁰⁰⁵.

Apelando de novo ao patriotismo dos seus potenciais colaboradores¹⁰⁰⁶, expondo as benesses lúdicas e pedagógicas da atividade colecionista¹⁰⁰⁷, e explicando as dificuldades económicas e logísticas do museu para cumprir a missão a que estava destinado¹⁰⁰⁸, Bocage dirigia principalmente as suas instruções aos governadores das possessões ultramarinas, que, seguindo "*nobrememente o exemplo dos vicereis e governadores de outras eras*", poderiam facilmente promover a exploração zoológica dos territórios sob seu domínio, a todos os "*cirurgiões da armada, facultativos e pharmaceuticos do ultramar*", mas também a "*outras pessoas, que visitem o ultramar ou lá residam permanentemente, sobretudo officiaes da marinha mercante e commerciantes*"¹⁰⁰⁹. Este autêntico manual distribuído por noventa e seis páginas focaria os métodos gerais de captura, preparação, anotação e envio de mamíferos, aves, répteis e anfíbios, peixes, moluscos, crustáceos, insetos, aracnídeos e miriápodes, contendo também a lista de *desiderata* da fauna Portuguesa e Ultramarina, algumas notas históricas sobre as coleções do museu, e uma das primeiras listas publicadas sobre a ornitologia de Portugal, baseada nas coleções que até então existiam no Museu. A pretensão de Bocage seria rapidamente acolhida e nos anos que se seguiriam à publicação das "*Instrucções Praticas*" entrariam no museu centenas de espécimenes, enviados por uma plêiade de colaboradores, quer do território metropolitano quer das colónias. Apesar de alguma heterogeneidade em termos de estatuto social, profissões e área geográfica, a grande maioria dos colaboradores de Bocage desta primeira fase resumiam-se a amadores e interessados, nenhum deles formado em Filosofia Natural. No entanto, as suas contribuições para o Museu e

¹⁰⁰⁵ Bocage (1862a: p. 13).

¹⁰⁰⁶ Bocage (1862a: p. 1; 10)

¹⁰⁰⁷ Bocage (1862a: p. 2).

¹⁰⁰⁸ Bocage (1862a: p. 10)

¹⁰⁰⁹ Bocage (1862a: p. 10-11).

para o desenvolvimento do conhecimento sobre a fauna portuguesa e ultramarina revestir-se-iam de primaz importância, e algumas destas colaborações manter-se-iam durante vários anos.

Passemos então a analisar os *typus* principais de colaboradores de Bocage nesta primeira fase. A alta burguesia nacional, representada pelo açoriano Eugénio do Canto (1836 - 1915), pelo latifundiário Alentejano José Paulo de Mira e Carvalho (1808 -1884), ou ainda o comerciante João José Le Cocq (1798 - 1879), enviariam a Bocage dezenas de espécimes das suas regiões. Eugénio do Canto enviaria a 10 de Junho de 1860 uma tartaruga viva capturada na costa sul da ilha de S. Miguel¹⁰¹⁰ e a 4 de Setembro do mesmo ano remeteria uma "*caixa com caracoes*" e "*um pequeno exemplar de enxofre nativo e umas inscrustações de ferros das nossas furnas*"¹⁰¹¹. Já Mira e Carvalho remeteria para o Museu de Lisboa um grande conjunto de espécimes, em várias remessas compreendidas entre o ano de 1865 e 1868, focando principalmente espécies cinegéticas, mamíferos selvagens e aves da região Alentejana¹⁰¹², enquanto Le Cocq enviara a 19 de Agosto de 1864, de Castelo de Vide, uma lata com "*trutas, barbos, bogas, bordalos, eirós, uma cobra d'agoa, alicanços, e mais um tritão*" e um "*gato gineto*"¹⁰¹³. Por sua vez, num estrato social menos elevado, o numismata Algarvio Joaquim José Júdice dos Santos¹⁰¹⁴, o setubalense Sebastião Maria Pedroso Gamito (?-?) e o advogado diletante de Coimbra José Maria da Rosa Carvalho (1817-?), forneceriam a Bocage alguns dos mais interessantes espécimes da sua carreira científica. Pedroso Gamito, em carta endereçada a Bocage, datada de 23 de Julho de 1863, refere o envio a Bocage do espécimen que viria a ser utilizado para a descrição da famosa e controversa

¹⁰¹⁰ AHMB CN C2

¹⁰¹¹ AHMB CN C2a

¹⁰¹² AHMB CN M30 - M42

¹⁰¹³ AHMB CN C66

¹⁰¹⁴ AHMB CN S1 a S4

Hyalonema lusitanica em 1864¹⁰¹⁵, e em Janeiro do ano seguinte um "*gato cravo* [...] *de um tamanho extraordinario*"¹⁰¹⁶. No entanto, caberia a José Maria de Rosa Carvalho o lugar preponderante de "*bicheiro mór*" de Bocage. Formado em direito, Rosa de Carvalho tornar-se-ia um apaixonado naturalista amador sediado em Coimbra, e durante anos corresponder-se-ia com Bocage enviando-lhe espécimenes da região¹⁰¹⁷. A cumplicidade patente no discurso levam a considerar que entre Rosa Carvalho e Bocage existisse uma relação que não se limitava à colaboração científica, mas muito provavelmente laços de amizade que remontariam ao tempo em que Bocage terá sido estudante em Coimbra. Durante todos esses contactos, Rosa Carvalho catalogaria uma grande variedade de animais, maioritariamente vertebrados, que colecionaria com a ajuda de locais, e constantemente enviaria para o museu¹⁰¹⁸. Alguns destes envios assumem-se particularmente interessantes pela aparente contradição com o atual conhecimento da fauna da região. A coleta em Maio de 1864 de um pequeno sapo com a "*barriga cor-de-laranja*"¹⁰¹⁹, e que Rosa de Carvalho viria a afirmar, sem

¹⁰¹⁵ "Não respondi ao favor de V.Ex. por não ter tido ocasião de estar com o homem que pescou o tal animal e só lhe poude fallar hontem. Dice-me que já noutra ocasião lhe veio no apparelho outro animal da mesma especie, porem m^{to} maior, que deitou ao mar. Ambos foram apanhados a 12 a 16 legoas ao mar da Costa de Lx^a na profundidade de 900 braças. Tenho oppinado todos os Mestres, e donos p.^a me arranjam outro exemplar, que remetterei a V. Ex. devidamente acondicionado." in AHMB CN G1. A espécie viria a ser descrita por Bocage em 1864 no artigo "*Note sur la découverte d'un zoophyte de la famille Hyalochaetides sur la côte du Portugal*" nos *Proceedings of the Zoological Society of London* (Bocage 1864a), e viria a causar uma intensa discussão no meio naturalista europeu. No mesmo ano Bocage publicaria uma versão em Português do artigo supracitado nas Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, intitulado "*Noticia ácerca da descoberta nas costas de Portugal d'um Zoophyto da familia Hyalichaetides. Brandt (Hyalonema Lusitanica. Nob.)*" (Bocage 1864b), no qual dava nota de ter recebido de Pedroso Gamito um segundo exemplar, capturado também em Setúbal em Maio de 1864.

¹⁰¹⁶ AHMB CN G2.

¹⁰¹⁷ As cartas de Rosa de Carvalho para Bocage podem ser consultadas no AHMB (AHMB CN C11 a C44), e encontram-se parcialmente transcritas em <http://triplov.com/rosa/index.html> (acedido a 12 de Janeiro de 2014). A epistolografia encontra-se datada entre 1863 e 1867.

¹⁰¹⁸ Félix de Brito Capello (1828 - 1879), naturalista adjunto da seção zoológica do Museu, viria em 1867 a descrever no artigo "*Descrição de algumas especies novas ou pouco conhecidas de Crustaceos e Arachnidios de Portugal e possessões portuguezas do Ultramar*" uma espécie de crustáceo da região, a *Atyaephyra Rosiana*, dedicando a mesma a Rosa Carvalho, baseando-se num espécimen coletado pelo mesmo na região de Coimbra (Capello 1867a).

¹⁰¹⁹ AHMB CN C13

qualquer tipo de dúvida, se tratar de um *Bombinator igneus*¹⁰²⁰, espécie não registada para Portugal, merece especial atenção para a investigação atual¹⁰²¹. A consideração de Bocage por Rosa Carvalho seria claramente reforçada após o envio de dois espécimes singulares e que dariam a oportunidade a Bocage de cunhar o nome das suas duas primeiras descrições de vertebrados. Referimo-nos pois à *Chioglossa lusitanica* e ao *Arvicola rozianus*. Embora a epistolografia existente não nos elucide sobre a data e envio de alguns espécimes, nomeadamente daquele que deu origem à descrição do *Arvicola rozianus*¹⁰²², Bocage, na sua "Notícia ácerca dos Arvicolas de Portugal"¹⁰²³ referiria:

"Depois da publicação d'aquelle nosso primeira ensaio [a "Liste des Mammifères et Reptiles observés en Portugal" de 1863], podemos obter maior numero de exemplares dos nossos arvicolas, graças sobretudo, ao concurso benevolo e efficaz que nos tem prestado o nosso amigo o sr. Rosa de Carvalho, de Coimbra, a quem devemos muitos dos representantes da fauna de Portugal que fazem parte das collecções do Museu de Lisboa;"¹⁰²⁴.

De acordo com a descrição original, o pequeno ratinho do campo teria sido capturado por Rosa de Carvalho na zona da Geria, perto de Coimbra. Por sua vez a salamandra-lusitânica, *Chioglossa lusitanica* (Figura 29), viria a ser descrita com base em alguns indivíduos enviados a Bocage em Maio de 1863, coletados por Rosa

¹⁰²⁰ AHMB CN C14

¹⁰²¹ A 30 de Julho de 1864, Rosa de Carvalho referiria: "quanto aos Sapos há aqui uma espécie rara que ainda não mandei, e aparece em Maio; é menor do que o Sapo ordinário e tem o ventre cor-de-laranja" in AHMB CN C13; a 15 de Agosto do mesmo ano afirmaria: "Não tenho dúvida em crer que o sapo de ventre cor de laranja é o *Bombinator igneus*; o *espinhaço* dele é mais alto do que as ilhargas do corpo e pode dizer-se que elas formam 2 planos inclinados." in AHMB CN C14. A espécie *Bombinator igneus*, actualmente sinónimo de *Bombina bombina* é uma espécie de anfíbio que ocorre na zona do leste Europeu. O parente mais próximo é o *Bombina variegata*, morfologicamente bastante semelhante, que ocorre no centro da Europa. A distribuição geográfica de ambas as espécies no entanto não se estende à Península Ibérica. A sua aparência externa é única, e a espécie é inconfundível com qualquer outro anfíbio que ocorra em Portugal continental. O registo de Rosa de Carvalho é assim bastante interessante, e merece ser reavaliado às luz de novas investigações na região.

¹⁰²² A primeira carta, em termos cronológicos, existente no AHMB data de 9 de Julho de 1863, mas deixa claro que o diálogo havia começado antes.

¹⁰²³ Bocage (1864c).

¹⁰²⁴ Bocage (1864c: p. 2)

de Carvalho nos arredores de Coimbra, e por uma série de indivíduos, coletados pelo mesmo nas montanhas do Bussaco, enviados a Bocage em Janeiro de 1864. A descrição seria publicada inicialmente nos *Proceedings of the Zoological Society of London*, em artigo intitulado "*Notice sur un Batrachien nouveau du Portugal (Chioglossa lusitanica, Nob.)*"¹⁰²⁵, e em Outubro do mesmo ano uma nova versão na *Revue et Magasin de Zoologie*, num artigo intitulado "*Note sur un nouveau Batracien du Portugal, Chioglossa lusitanica, et sur un Grenouille nouvelle de l'Afrique occidentale*"¹⁰²⁶. A acompanhar a descrição da *Chioglossa*, encontrava-se a descrição da *Rana bragantina*, espécie de rã Angolana, do distrito do Duque de Bragança, atual Malanje¹⁰²⁷.



Figura 29 - Ilustração original da "*Chioglossa lusitanica*" publicada nos *Proceedings of the Zoological Society of London*

Bocage descreveria esta espécie com base num exemplar enviado por Francisco António Pinheiro Bayão (? - ?), chefe militar da região do Duque de

¹⁰²⁵ Bocage (1864d)

¹⁰²⁶ Bocage (1864e)

¹⁰²⁷ Sinónimo de *Hoplobatrachus occipitalis* Gunther, 1858.

Bragança nesse mesmo ano. Pinheiro Bayão, personagem de biografia complexa e em grande parte ainda hoje desconhecida, apresenta-nos uma outra tipologia de colaboradores de Bocage - os oficiais e colonos do ultramar Português. Estes indivíduos, que viviam de forma mais ou menos definitiva nos territórios Portugueses ultramarinos, viriam a desempenhar nesta primeira fase um papel fulcral no desenvolvimento das coleções do Museu, nomeadamente por serem praticamente a única fonte acessível a Bocage para obter espécimenes destes territórios.

Espalhados principalmente por Angola, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe e Índia, enviariam para Bocage espécimenes preciosos e coleções únicas no contexto museológico europeu, e que conduziriam desde logo à descrição de novos *taxa* e publicação de importantes contribuições para o conhecimento da fauna destas regiões. De Angola, para além de Bayão, contribuiriam para o enriquecimento das coleções do Museu de Lisboa J. J. Monteiro (?-?) que enviaria a 7 de Agosto de 1865 de Ambriz, "*uma garrafa contendo 2 especies de peixes*", que deveriam ser divididos entre Bocage e "*o Dr. Sclater*" para que "*o Dr. Gunther as descrever se forem novas*"¹⁰²⁸; João Toulson, que de Luanda, entre 1864 e 1866 enviaria a Bocage pelo menos três remessas com vários espécimenes zoológicos¹⁰²⁹, entre os quais o espécimen que serviria a Bocage para a descrição do *Hyperolius toulsonii* no artigo "*Batraciens nouveaux de l'Afrique occidentale (Loanda et Benguella)*"¹⁰³⁰, ou ainda António Ribeiro Mendes Negrão, "*Pharmaceutico Civil de Benguella*", que submeteria para o museu alguns exemplares zoológicos em Abril de 1870¹⁰³¹.

No entanto, face à quantidade e qualidade de remessas, mas também à sua grande dedicação à missão naturalista, é forçoso que voltemos a explorar a personagem de Bayão como colaborador de Barbosa du Bocage em Angola. A

¹⁰²⁸ AHMB CN M48

¹⁰²⁹ AHMB CN T5 a T7

¹⁰³⁰ Bocage (1867a)

¹⁰³¹ AHMB Div. 121

epistolografia dirigida de Bayão para Bocage tem um horizonte temporal compreendido entre Junho de 1863 e Abril de 1866¹⁰³². As suas primeiras remessas, situadas ambas em 1863¹⁰³³, estabeleceriam o precedente para uma profícua relação entre o Bayão e Bocage. Bocage viria mesmo a tornar-se o principal protetor de Bayão aquando dos problemas que levariam este último ao cárcere em Luanda, que mesmo assim não o impediriam de continuar a enviar remessas de produtos zoológicos para Bocage¹⁰³⁴. As coleções enviadas por Bayão resultariam na descrição de algumas dezenas de novas espécies, e serviriam de base para as investigações de vários investigadores para além de Bocage, tais como o naturalista adjunto da seção zoológica do Museu de Lisboa Félix de Brito Capello, ou os estrangeiros Wilhelm Peters, Albert Günther (1830-1914), Franz Steindachner (1834 -1819) ou Ignacio Bolívar y Urrita (1850 - 1944). Daqueles descritos por Bocage na década de sessenta e início da década de setenta, contam-se:

Mamíferos

- *Bayonia velox*;

Anfíbios

- *Bufo funereus*;
- *Hyperolius cinnamomeo-ventris*;
- *Hyperolius fuscigula*;
- *Hyperolius funereus*;
- *Hyperolius quinquevittatus*;
- *Hyperolius stendachnerii*;
- *Hyperolius tristis*;
- *Rana angolensis*;

¹⁰³² AHMB C B19-B31. Vide Documentação Transcrita - Apêndice H

¹⁰³³ Vide Documentação Transcrita - Apêndice H1, H2 e H3.

¹⁰³⁴ Vide Documentação Transcrita - Apêndice H4 a H14. Sobre algumas remessas vide também AHMB Div. 94; AHMB Div. 96

- *Rana subpunctata*;

Répteis

- *Amphiophis angolensis*;
- *Dumerilia bayonii*;
- *Euprepes angolensis*;
- *Euprepes Bayoni*;
- *Euprepes Petersi*;
- *Gerrhosaurus multilineatus*;
- *Hemidactylus bayonii*;
- *Ichnotropis Demirulli*;
- *Macrophis ornatus*;
- *Onychocephalus angulensis*;
- *Perosymna ambiguus*;
- *Sepsina angolensis*.

Félix de Brito Capello (Figura 30) encarregar-se-ia no museu de trabalhar os grupos zoológicos não estudados por Bocage, e das coleções de Bayão viria a descrever três espécies de aranhas¹⁰³⁵, das quais uma seria mesmo representante de um novo género, e um crustáceo¹⁰³⁶.

¹⁰³⁵ Contam-se entre as aranhas o *Thomisus Bragantinus* descrito em 1866 no artigo "*Especies novas ou pouco conhecidas d'arachnidos d'Africa occidental*", a *Nephyla bragantina* descrita em 1867 no artigo "*Descricao de algumas especies novas ou pouco conhecidas de Crustaceo e Arachnidos de Portugal e possessoes portuguezas do Ultramar*", artigo onde seria também descrito o género *Podophtalma* e a *Podophtalma Bayonianna*, em honra de Pinheiro Bayão.

¹⁰³⁶ A *Actae angolensis* descrita também em 1867 no artigo "*Descricao de algumas especies novas ou pouco conhecidas de Crustaceo e Arachnidos de Portugal e possessoes portuguezas do Ultramar*".

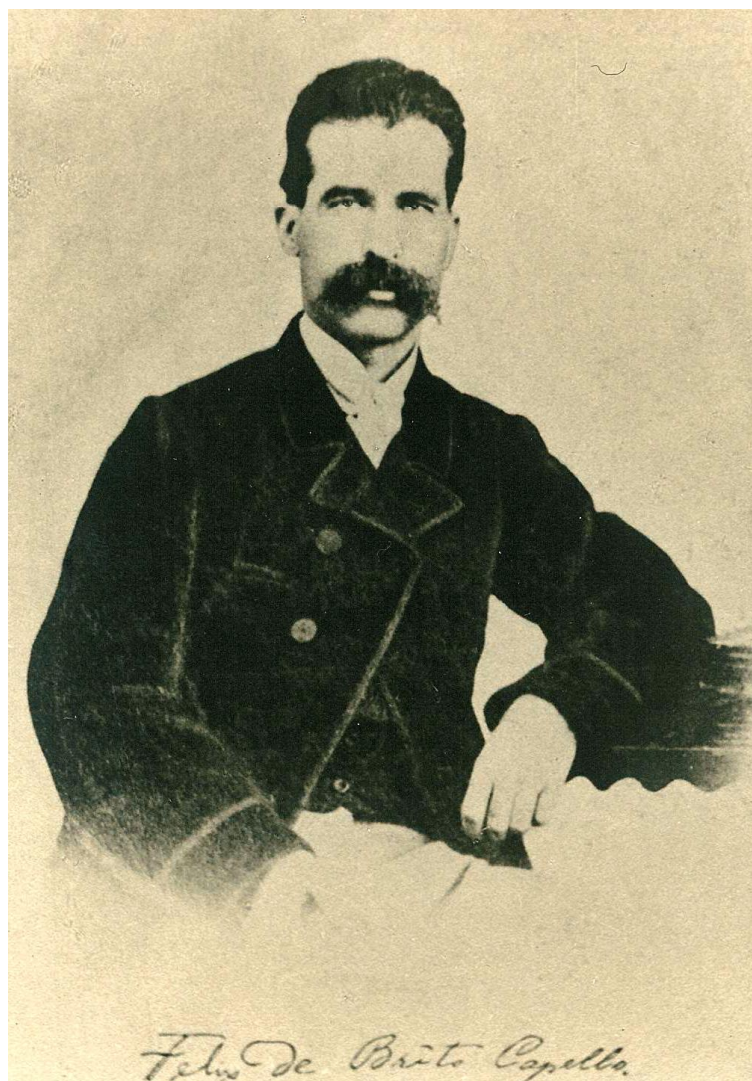


Figura 30 - Fotografia de Félix Brito Capello. Fonte: AHMB

As ricas coleções Angolanas de Bayão seriam um dos primeiros trunfos de Bocage para firmar o seu nome e o do Museu de Lisboa nas redes científicas internacionais. Mas ao mesmo tempo colocavam alguns desafios a Bocage. As coleções de Bayão funcionariam também como momentos de aprendizagem para Bocage, e é particularmente interessante constatar como soube aproveitar esse facto. Bocage, ao contrário de vários naturalistas de então, não era um produto de uma "linhagem naturalista" clássica, *i. e.* nunca tivera em Portugal um zoólogo mestre que o introduzisse no mundo da investigação. Embora a sua formação em Medicina em Coimbra pressupusesse a frequência de algumas aulas sobre história

natural e certamente conhecesse as coleções do gabinete universitário, o fato é que Bocage se inicia nas investigações zoológicas como autodidata.

As dificuldades enfrentadas por Bocage, especialmente ao deparar-se com a desconhecida fauna africana, seriam grandes. De forma a esclarecer as suas dúvidas, Bocage recorreria à ajuda dos poucos especialistas de então. É disso exemplo a sua relação com Albert Günther (1830 - 1914), naturalista do Museu Britânico, com o qual Bocage houvera estabelecido desde 1863 uma relação de permuta de espécimes e informações relativos à ictiologia Portuguesa¹⁰³⁷, e a quem enviaria alguns espécimes de anfíbios e répteis coligidos por Bayão¹⁰³⁸. Günther reconheceria nesta coleção algumas espécies que lhe pareceriam ser novas¹⁰³⁹, e após transmitir essa informação a Bocage, seria autorizado pelo diretor do Museu de Lisboa a publicar toda e qualquer uma que ele achasse convenientes¹⁰⁴⁰. Desta remessa Günther descreveria em 1864 três novas espécies de anfíbios, *Hylambates Bocagii*, *Rappia microps*, e *Rappia nasuta* no seu artigo

¹⁰³⁷ AHMB CE G73; AHMB CE G74. Toda a epistolografia dirigida de Bocage para Gunther e atualmente presente no Natural History Museum de Londres encontra-se policopiada em AHMB CN B32.

¹⁰³⁸ "Cet caisse contient des reptiles d'afrique occidental (ophidiens e batraciens) et quelques poissons d'eau douce du Portugal. Vous trouverez ci-joint l'indication des individus que je vous adresse. Les reptiles proviennent d'angola; il m'ont été envoyé du district du Duque de Braganca, localité assez avancée dans l'interieur. Je regrette ne pas pouvoir vous les offriris [?] pour les collections du British museum; mais malheureusement, ils sont, pour la plupart de indivdes uniques dans le museum de Lisbon [...] J'attends un nouvel envoi de reptiles de la même localité (d'afrique occidentale). Desirez vous que je vous adresse tous mès doubles, et meme tous les individus de cette collection, [?] lesquelles j'aurais des doutes?" in AHMB CN G75

¹⁰³⁹ "I have just returned from a journey which I undertook during my holidays, & hasten to thank you for your kindness in sending me the reptiles from the province of the Duke de Braganca, & some very fine portuguese fish: all of which arrived in perfect safety. I have not had time yet to examine the reptiles, but one of the snakes is unknown to me, & several of the frogs appear to be new. I shall return all the specimens which you desire to keep, hoping that if you should receive duplicates at some future time, you will kindly communicate to us what you can spare. If you receive any other examples from the west coast of africa, which are doubtful to you, I should consider it as a great kindness if you would allow me to examine them. Mr. Monteiro has delivered the reptiles, & the Trustees of our museum will send you their acknowledgment. I am glad to hear from you that the specimens sent by me to your museum, were of some use; I hope to be able to add others when I shall return your specimens." in AHMB CN G75.

¹⁰⁴⁰ "Je serais heureux d'apprendre qui parmi les reptiles d'afrique, que je vous ai envoyés, vous aurez tiouré quelques espèces nouvelles ou interessantes. Il va sans dire que vous eter parfaitement autorisé á decrire et á publier touts les espèces nouvelles de mon envoi." in AHMB CN B32

"*Descriptions of new species of batrachians from West Africa*"¹⁰⁴¹, e uma espécie de cobra, a *Limnophis bicolor*, no ano seguinte¹⁰⁴². Os espécimes seriam devolvidos a Lisboa em Julho de 1865¹⁰⁴³, mas a ambos os naturalistas manteriam discussões e trocas de informações e opiniões sobre a identidade destes e de outros espécimes durante vários anos¹⁰⁴⁴. O exemplo de Günther não é único, nem a herpetologia seria a única especialidade consultada. A Wilhelm Peters, por exemplo, Bocage enviaria uma coleção de mamíferos africanos, também eles coletados por Bayão, para serem identificados. Em Junho de 1870 Peters, que já havia contactado Bocage em Julho de 1869 solicitando o envio de exemplares herpetológicos da costa ocidental de África¹⁰⁴⁵, notificaria Bocage do resultado dos seus exames, dando a notícia da existência de várias espécies novas para a ciência na dita coleção, o morcego que viria a batizar de *Vespertilio Bocagii* no ano seguinte, o *Isomys nudipes* e o *Mus pumilio*¹⁰⁴⁶. O ictiólogo Franz Steindachner (1834 - 1919) por sua vez, deslocar-se-ia ele próprio a Lisboa, e da análise das suas ricas coleções, para além da descrição de várias espécies dulçaquícolas Portuguesas, descreveria o *Hemichromis Angolensis*¹⁰⁴⁷. Anos mais tarde, entre 1881 e 1889, as coleções entomológicas reunidas por Bayão viriam ser estudadas e descritas por Ignacio Bolívar y Urrita (1850 - 1944), entomologista Espanhol que

¹⁰⁴¹ Gunther (1865a). O artigo, embora contido no volume de 1864, só viria a ser realmente publicado em 1865.

¹⁰⁴² Gunther (1865b)

¹⁰⁴³ AHMB CE G76

¹⁰⁴⁴ AHMB CE G77; AHMB CE G78; AHMB CE G79; AHMB CN B32.

¹⁰⁴⁵ AHMB CE P4.

¹⁰⁴⁶ AHMB CE P5

¹⁰⁴⁷ Vide manuscrito original da descrição em AHMB Div. 87B.

viria a assumir a direção do *Museo Nacional de Ciencias Naturales* de Madrid, dando a origem a várias espécies novas para a ciência¹⁰⁴⁸.

Face aos importantíssimos resultados que as suas coleções trariam para a comunidade científica mas principalmente o contributo decisivo que dariam a Bocage e ao Museu de Lisboa na sua primeira década de funcionamento, Bayão granjearia a admiração e proteção de Bocage, tendo mesmo sido indicado por Bocage como a pessoa certa para empreender a exploração zoológica de Angola. Porém os problemas que havia tido com as autoridades Angolanas minariam o seu futuro como naturalista, vindo a missão ser atribuída a José Alberto de Oliveira Anchieta (1832 - 1897; Figura 31)¹⁰⁴⁹. Embora Bayão não viesse a desempenhar qualquer papel na mesma, o fato é que em parte o seu nome ficaria associado aos primeiros planos de Bocage, claramente devido aos importantes contributos que o alferes fornecera para a obra científica e para as coleções lisboetas. O renovado interesse pela História Natural das possessões ultramarinas, para o qual contribuiria fortemente a publicação e disseminação das "*Instruções Práticas*" de Bocage, levariam a que o Governador de Angola estabelecesse planos para a criação de um museu de história natural em Luanda. Esta intenção seria comunicada por carta a Bocage pelo Conselheiro Manuel Jorge de Oliveira Lima, Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar, a 30 de Junho de 1865¹⁰⁵⁰.

¹⁰⁴⁸ Bolívar (1881, 1885, 1889, 1890). A documentação original de parte dos estudos de Bocage, em particular um catálogo manuscrito contendo algumas ilustrações do próprio Bolívar, encontra-se em AHMB Rem. 307a, 307b, 307c, 307d, 307e, 307f, 307g e 307h.

¹⁰⁴⁹ Banha de Andrade (Andrade 1985) cita Joaquim Duarte da Silva para referir que terá sido o próprio Bayão a sugerir o nome de Anchieta a Bocage, pois ambos se conheciam dos tempos da formação na Escola Polytechnica. Embora a sugestão pudesse efetivamente sido feita por Bayão, a fama de Anchieta e as coleções que houvera já enviado para o Museu teriam certamente o seu peso na decisão. Ao recusar o cargo Bayão deixava nas mãos de Bocage a substituição da sua pessoa "por outra qualquer", mas sem referir explicitamente Anchieta, embora no fim da carta o refira a propósito da sua exploração de Cabinda - Vide Documentação Transcrita - Apêndice I4). Abordaremos no entanto melhor a vida e obra de Anchieta no capítulo seguinte.

¹⁰⁵⁰ Vide Documentação Transcrita - Apêndice I1



Figura 31 - Retrato de José de Anchieta. Fonte: AHMB

O Governador questionava Bocage sobre a existência e disponibilidade de alguém que pudesse dar início ao dito museu, expondo-lhe as condições de remuneração. A intenção de Luanda apanharia completamente desprevenido Bocage, que responderia logo em 8 de Julho. Na resposta, em que claramente se entende uma defesa acérrima do "seu" museu de Lisboa, Bocage exporia a Oliveira Lima as necessidades e requisitos para um museu, afastando discretamente a ideia do estabelecimento de tal instituição em Luanda, sugerindo porém uma alternativa - a exploração zoológica de Angola realizada por exploradores nacionais treinados no Museu de Lisboa, para o qual se oferecia para delinear o plano, com coleções depositadas e estudadas em Lisboa, e cujos duplicados poderiam posteriormente

servir de núcleo inicial a uma exposição pública na capital provincial¹⁰⁵¹. É neste contexto que o nome de Pinheiro Bayão, sugerido por Bocage aparece como potencial empreendedor da dita exploração, escolha que seria justificada pelos seus importantíssimos contributos para o conhecimento da fauna da região do Duque de Bragança. Aquilo que terá surgido inicialmente a Bocage como uma possível ameaça à preponderância do Museu de Lisboa para o estudo da zoologia ultramarina, rapidamente se transformaria numa oportunidade única, tendo o proposta de Bocage efetivamente substituído a proposta inicial do Governador¹⁰⁵². O plano de Bocage basear-se-ia em poucas, mas explícitas premissas: o explorador deveria estagiar no Museu antes de partir para a exploração, todas as coleções deveriam ser enviadas pelo mesmo para Lisboa, embora uma parte dos duplicados pudesse ficar desde logo em Angola de modo a principiar o Museu Provincial, e a exploração deveria ter uma duração não inferior a quatro anos, onde o explorador deveria explorar também as províncias de Cabo-Verde e São Tomé e Príncipe sempre que aí fizesse escala.¹⁰⁵³.

Porém, como já referido acima, Bocage conseguiria estabelecer nestas e nas demais províncias ultramarinas uma rede de correspondentes que começariam logo no início/meados da década a remeter coleções para o Museu de Lisboa. Manuel Joaquim Leyguarde Pimenta, farmacêutico da província de Cabo Verde, seria o mais ativo colaborador de Bocage na província, tendo mantido uma constante e regular correspondência, quase sempre acompanhado de envio de material zoológico, maioritariamente das ilhas Cabo-verdianas mas também da Guiné¹⁰⁵⁴, entre 1865 e 1866¹⁰⁵⁵. Dos envios de Pimenta, entre muitos outros espécimes que encheriam os catálogos e revisões sobre a fauna da região,

¹⁰⁵¹ Vide Documentação Transcrita - Apêndice I2

¹⁰⁵² Vide Documentação Transcrita - Apêndice I3

¹⁰⁵³ Vide Documentação Transcrita - Apêndice I4

¹⁰⁵⁴ AHMB Div. 110

¹⁰⁵⁵ A epistolografia dirigida por Leyguarde Pimenta a Bocage pode ser encontrada no AHMB (AHMB CN P5 a P20).

encontrar-se-iam pelo menos dois novos *taxa* que viriam a ser descritos por Bocage e Capelo, o espongiário *Latrunculia cratera*¹⁰⁵⁶ e o peixe *Ginglymostomo Caboverdianus*¹⁰⁵⁷, respetivamente. Da província de São Tomé e Príncipe chegariam a Bocage no final de Janeiro de 1865 "vidros com os diferentes productos zoologicos" enviados pelo Cirurgião-mor da província, o Doutor José Correa Nunes¹⁰⁵⁸, e em Novembro de 1867 Pedro António Fernando Pires, habitante da ilha de São Tomé enviaria uma outra remessa de produtos zoológicos¹⁰⁵⁹. Tal como em Angola, também as autoridades provinciais, neste caso o próprio governador provincial, enviaria em Setembro de 1869 uma remessa de material coletado na ilha¹⁰⁶⁰.

Para além dos territórios Africanos, seria da "Índia Portuguesa" que um maior número de remessas seria enviado para Bocage, especialmente via António Gomes Roberto, primeiro farmacêutico do Hospital Militar de Nova Goa, por Francisco Lourenço da Silva, segundo farmacêutico do mesmo hospital, e por Eduardo Freitas de Almeida. Gomes Roberto, também editor do "*Jornal de*

¹⁰⁵⁶ Bocage (1869a)

¹⁰⁵⁷ Capelo (1867b)

¹⁰⁵⁸ AHMB Div. 88 e "*Relação de diferentes peças zoologicas que se remetem para o Museu Real de Lisboa, colligidas na Ilha de S. Thomé*" (AHMB Div. 89).

¹⁰⁵⁹ "*Os animaes contidos nos dois vidros são um macaquinho, duas tarantulas, quatro carochas de palmeira, lagartas, camarões, carangueijo, aranhas que fazem buracos e vivem na terra, outras d'outra qualidade, e uns bichos que se crião nos paus podres, e que os pretos comem, com a competente barata em que se formão, e mais algum cujo nome não sei. Estes animaes e insectos forão colhidos no interior da Ilha de S. Thomé, a duas horas e meia de viagem da cidade, e a uma altura duas vezes a penha de frança ou mais. O vidro contem. Uma cobra preta, um chamado Soá-Soá, um morcego da montanha, caracoes, aranhas das que vivem na terra, e das que vivem ou se escondem nas fendas da madeira por serem muito achatadas e de prezas muito longas: Estes (defuntos) animaes forão apanhados na fazenda (roça) Quinta das flores, que fica distante da cidade de S. Thomé, umas trez leguas, para o interior da Ilha, e em grande elevação. A pequena porção de terra, he uma qualidade de terra que os pretos comem, e que por fim de algum tempo morrem, com uma magreza e definhamento extraordinario, não sei a que atribu tão extravagante appetite, será chlorge? As duas conchas unidas, bem como o piqueno ramo forão apanhados nas pedras, na denominado Villa de Sta anna. Estes poucos objectos, assim como os esclarecimentos são offerecidos por quem não sabe nada sobre Historia Natural, e não tem algum merecimento, pelo que pede desculpa, pela falta dos (verdadeiros) esclarecimentos scientificos.*" in AHMB CN P24

¹⁰⁶⁰ AHMB Div. 120.

Pharmacia e Sciencias Medicas da India Portugueza", que seria publicado entre 1862 e 1863, e do "*Archivo de Pharmacia e Sciencias Accessorias da India Portugueza*", que seria publicado apenas no ano de 1864¹⁰⁶¹, seria o principal colaborador "indiano" de Bocage. Em Maio de 1863 Gomes Roberto publicaria no seu "*Jornal de Pharmacia e Sciencias Medicas da India Portugueza*" uma lista detalhada, embora não cientificamente classificada, das produções que havia enviado a Bocage na sua primeira remessa¹⁰⁶². Para além de uma listagem daquilo que houvera sido enviado, podemos compreender a publicação como uma chamada de atenção para a necessidade de colaboradores, e ao mesmo tempo uma amostra do tipo de material desejado pelo Museu e da forma como devia ser preparado. Os resultados desta remessa não se fariam esperar, e no mesmo ano Bocage viria a publicar no "Diário de Lisboa" a "*Breve noticia ácerca de alguns productos zoologicos da India portuguesa, offerecidos ao museu de Lisboa pelo sr. A. Gomes Roberto*"¹⁰⁶³, onde se elencavam e identificavam quatro espécies de mamíferos, vinte e sete espécies de aves, sete espécies de répteis e "*um peixe bastante curioso e pouco vulgar nos mares da India, o ostracion cornutus.*", enviados por Gomes Roberto. A remessa de Gomes Roberto revestir-se-ia de particular interessa Bocage por vários motivos:

"É esta a primeira remessa que temos a fortuna de receber das nossas provincias de alem-mar. Recebemo la com verdadeiro alvoroço, porque confiâmos que tão bom exemplo terá imitadores. Sabemos que o sr. ministro da marinha, sempre solícito em promover o adiantamento scientifico do nosso paiz, como quem comprehende o que vale a sciencia, tem constantemente recommendado ás auctoridades superiores do ultramar que diligenciem fazer colligir e remetter para o reino os productos naturaes das nossas possessões, á similhança do que já se praticou em epochas bem menos adiantadas em civilisação. Foi este o primeiro resultado de taes recommendações; e aproveitâmos com viva satisfação este ensejo para consignar aqui os nossos agradecimentos ao sr. ministro de marinha, ás auctoridades superiores da India e ao sr. Gomes Roberto. Comprehende a remessa de que nos occupâmos varios despojos de

¹⁰⁶¹ Seguir-se-ia a publicação do "*Jornal de Pharmacia Chimica e Historia Natural Medica*" em 1872, cujo editor seria João Herculano de Moura, farmacêutico também sediado em Nova Goa (Biblioteca Nacional de Lisboa; 1972: p. 29).

¹⁰⁶² Roberto (1863)

¹⁰⁶³ Bocage (1863b)

*animas da India, alguns exemplares zoologicos de outras localidades e um pequeno numero de productos mineraes."*¹⁰⁶⁴

Gomes Roberto manteria uma extensa epistolografia e hábito de remessas para Lisboa desde 1863 e 1870¹⁰⁶⁵, e que resultaria num considerável aumento de coleções para o Museu. No entanto, a mudança de foco de Bocage para os territórios Africanos levariam a que a maior parte destas coleções não merecessem a atenção do naturalista, tendo vindo a ser descritas e trabalhadas apenas muitos anos mais tarde por Bethencourt Ferreira¹⁰⁶⁶, tais como aquelas enviadas por Francisco Lourenço do Silva¹⁰⁶⁷, Eduardo Freitas de Almeida¹⁰⁶⁸, entre outros¹⁰⁶⁹. O apoio prestado por todos estes colaboradores levariam Bocage a propor que lhes fossem atribuídos cargos honoríficos, como o hábito de mérito¹⁰⁷⁰.

¹⁰⁶⁴ Bocage (1863b: p. 2982-2983)

¹⁰⁶⁵ AHMB Rem. 393 a AHMB Rem. 403 (inclusivamente).

¹⁰⁶⁶ Ferreira (1897a)

¹⁰⁶⁷ AHMB Rem. 412; AHMB Rem. 413; AHMB Rem. 414; AHMB Rem. 415

¹⁰⁶⁸ AHMB Rem. 405; AHMB Rem. 407; AHMB Rem. 408.

¹⁰⁶⁹ AHMB Div. 109

¹⁰⁷⁰ AHMB Div. 111

Capítulo 13 – Novos museus, novas personagens: gestão interna e modelos de desenvolvimento

Após a fase de estagnação científica da primeira metade do século, a chegada de D. Pedro V ao trono e as grandes reformas levadas a cabo para a modernização do país dariam início a uma nova época para a ciência nacional. No que à História Natural e à Zoologia diz respeito, o país voltaria a acompanhar os progressos e principais tendências científicas e museológicas internacionais. Essas tendências manifestar-se-iam na forma como as coleções e os museus viriam a ser geridos e encarados, acarretando mudanças complexas no que toca à sua especificidade, à sua organização interna, mas também aos recursos e necessidades dos mesmos. O grande crescimento das coleções, as novas técnicas de conservação, a conceção museográfica e a crescente especialização de saberes, fruto do crescimento do *corpus* de conhecimento associado às diferentes áreas da Zoologia, obrigariam a aumentos de pessoal, maiores espaços expositivos, mais recursos financeiros, etc. Por mais estranho que possa parecer, a história da História Natural e das suas instituições na segunda metade do século XIX, tem-se mantido como território virgem no que toca à historiografia nacional, mantendo-se até hoje várias questões em aberto. Como evoluíram as coleções de história natural, em especial as zoológicas, na segunda metade do século de oitocentos em Portugal? Quais os recursos, humanos e financeiros a elas alocados? Como se organizavam internamente estas coleções, e quais as estratégias museográficas adotadas?

Face à inexistência de bibliografia passível de ser consultada, servir-nos-emos de fontes primárias, na sua maioria inéditas, tais como relatórios, cartas, e outros documentos coevos que nos permitam traçar da forma mais completa possível a evolução dos estabelecimentos museológicos em causa durante a segunda metade do século. Cingir-nos-emos às questões colocadas acima, deixando a análise de questões de índole zoológica para o próximo capítulo. Assim sendo, de forma similar à estratégia adotada no terceiro capítulo da primeira parte, passaremos a individualizar cada uma das instituições na tentativa de apresentar a realidade de cada uma delas no que toca aos já referidos tópicos.

A Secção Zoológica do Museu de Lisboa

Seriam vários os momentos em que Bocage relataria o estado, evolução e necessidades do Museu. Alguns deles são sobejamente conhecidos, tendo mesmo sido publicados pela Imprensa Nacional¹⁰⁷¹, enquanto outros se limitariam a relatórios manuscritos entregues às autoridades competentes, inéditos até à data. São disso exemplos o relatório, apresentado em Janeiro de 1860 por todo o Conselho da Escola Politécnica a D. Pedro V, sobre o Observatório Meteorológico e Museu de Lisboa¹⁰⁷², e o relatório de Bocage ao diretor da Escola Politécnica de Setembro de 1862¹⁰⁷³. Este tipo de documentos apresentam-nos uma visão privilegiada e crítica, na maior parte das vezes bem fundamentada com dados concretos e quantificáveis, sobre determinada altura da coleção, e são particularmente úteis para a compreensão da evolução dos estabelecimentos museológicos. Tendo em conta a feliz circunstância de possuímos um bom número destes documentos, situados num horizonte temporal balizado entre os primeiros anos do Museu na instalações da escola politécnica e a altura em que este se encontrava já consideravelmente estabelecido no contexto nacional e internacional, bem como documentação avulsa relativa à gestão interna do Museu

¹⁰⁷¹ Bocage (1865a; 1877a)

¹⁰⁷² Vide Documentação Transcrita - Apêndice J1

¹⁰⁷³ Vide Documentação Transcrita - Apêndice J2

que se estende até aos primeiros anos do século XX, proceder-se-á então à análise da evolução das condições do Museu.

Tal como referido no primeiro capítulo desta terceira parte, é importante esclarecer qualquer tipo de dúvida e estabelecer uma separação clara entre dois estabelecimentos, que embora ambos dirigidos por Bocage, fisicamente próximos e ambos detentores de coleções zoológicas se assumiam como entidades distintas e independentes - o Museu de Lisboa e o Gabinete de Zoologia. A primeira evidência desta separação é o próprio fato de em 1859, as compras de Bocage apresentarem uma clara separação - materiais para o Museu, materiais para o Gabinete (como vimos no capítulo 12). Por outro lado, devemos compreender que, ao contrário da Universidade de Coimbra, onde a Faculdade de Filosofia habilitava com o "grau" de naturalista, os cursos da Escola Politécnica resumiam-se à formação de quadros da máquina militar e colonial, para os quais as cadeiras de História Natural serviriam muito mais como complemento à formação de engenheiros e técnicos, do que propriamente à prossecução de estudos naturalistas. Assim sendo, era intento da cadeira apresentar aos seus alunos as bases e conceitos gerais da Zoologia, para os quais o Museu, devido às suas avultadas coleções, seria claramente excessivo. O constante crescimento das suas coleções, fruto não só de ofertas mas principalmente do programa científico de Bocage, conduziria a que o Museu estivesse constantemente a ser aumentado e as suas coleções a serem revistas, o que faria com que estas se afigurassem como coleções de investigação, ou mesmo "em investigação", sem relação com as necessidades do ensino. Temos pois várias evidências de que, embora o Museu pudesse esporadicamente ser utilizado para algumas demonstrações das aulas, esta não seria de maneira alguma a sua função principal. Esta ideia é-nos reforçada pelo testemunho coevo de alguns alunos da Escola Politécnica do final da década de setenta, que explicitamente referiam: "*É no mesmo edifício, mas aquilo forma lá uma coisa perfeitamente à parte!*"¹⁰⁷⁴. Assim

¹⁰⁷⁴ "*Há dias, receando que este modo geral de apreciar fosse um exagero, filho talvez de eu confundir o que me estava perto, com o que bebia nas grandes escolas do país, perguntei a vários rapazes que voltavam da Politécnica, se a história natural os interessava, se faziam excursões, se costumavam recorrer para demonstrações às coleções do Museu de Lisboa. Responderam-me todos que não, redondamente que não. Observei que o Museu era no mesmo edifício da Escola, e que, ainda que o não*

sendo, partimos deste pressuposto de separação e independência, e resumir-nos-emos de forma intencional ao estudo do Museu¹⁰⁷⁵.

Como diretor do museu, Bocage teria de lidar constantemente com todas as necessidades da instituição. O pessoal da seção Zoológica seria sempre bastante diminuto e claramente insuficiente para fazer face às diferentes necessidades do Museu. Em 1862 o quadro técnico do Museu resumir-se-ia ao diretor - Bocage - que à exceção do ano académico de 1859/60 acumularia ainda o cargo de lente proprietário da cadeira de Zoologia, e ao naturalista adjunto - Félix de Brito Capello. Com ambos dedicados ao estudo e coordenação de vários grupos taxonómicos, à gestão interna do Museu, à sua conservação, e, no caso de Bocage, às aulas e demais obrigações académicas, tornava-se humanamente impossível o estudo e dedicação a todas as coleções do Museu¹⁰⁷⁶, situação que pouco ou nada se alteraria nos anos seguintes. Em 1865 todas as funções técnicas e científicas manter-se-iam sobre os ombros de Bocage e Brito Capello, com um quadro de pessoal técnico insuficiente, limitado a um conservador partilhado com a secção mineralógica, e dois preparadores, bem como fundos manifestamente escassos para fazer face a todos os gastos do museu¹⁰⁷⁷. Bocage proporia a criação de mais dois lugares de naturalista adjunto, do lugar de conservador, de um mestre preparador, um escrevente e um desenhador¹⁰⁷⁸. As propostas de aumentos do

fosse, tinham eles obrigação de formar um gripo não vulgar de visitantes. «Qual visitantes?!... É no mesmo edifício, mas aquilo forma lá uma coisa perfeitamente à parte!» in Furtado (1880)

¹⁰⁷⁵ Esta divisão porém deve-se apenas ao fato de para o caso da Escola Politécnica existirem nas suas instalações as duas instituições diferentes. Não será esse o caso do Museu Zoológico da Faculdade de Filosofia de Coimbra, do Gabinete de Zoologia da Academia Politécnica do Porto, ou do "Museu Açoreano" instalado no Liceu de Ponta Delgada. Nestes três casos, embora estes equipamentos museológicos funcionassem como "gabinetes" destinados ao ensino, a inexistência de um "museu" com qualquer programa científico associado e/ou coleções abertas ao público nas referidas cidades, levariam a que viessem a assumir a dupla função de apoio às aulas e de "museu". Face à especificidade da tese, optámos por não aprofundar as questões puramente pedagógicas de qualquer uma destas instituições, que para mais se encontram atualmente em estudo por outros colegas doutorandos.

¹⁰⁷⁶ Vide Documentação Transcrita - Apêndice J1 e J2

¹⁰⁷⁷ Bocage (1865a)

¹⁰⁷⁸ Bocage (1865a: p. 25-26)

quadro pessoal apresentavam-se modestas, quando comparadas aos correspondentes números nos principais Museus da Europa e dos EUA¹⁰⁷⁹. No entanto, sem estas melhorias, o museu de Lisboa encaminhar-se-ia para a decadência. Os pedidos de Bocage seriam apenas satisfeitos em parte, pois, em 1877, o pessoal resumira-se apenas a Bocage, como diretor, Brito Capello como naturalista-adjunto, e José Augusto de Sousa como curador e exercendo também ele funções de naturalista adjunto dedicado à coordenação e estudo das coleções ornitológicas¹⁰⁸⁰, auxiliados apenas por dois preparadores taxidermistas, um aprendiz de taxidermia e dois funcionários gerais¹⁰⁸¹. As condições financeiras impediam a aquisição de novas coleções e materiais, e a falta de naturalistas manteria a maioria das coleções de invertebrados praticamente abandonadas. De forma a chamar a atenção para um problema que se arrastava desde a fundação do Museu, no relatório de 1877, Bocage apostava claramente numa retórica autocrítica, valorizando o seu trabalho, apresentando o facto de que, mesmo com as pobres condições as coleções do museu elevavam-se a uma dimensão sem precedentes, e que a partir do estudo destas se haviam publicado contribuições importantes para a zoologia, e que bastaria um pequeno esforço por parte do governo para que o Museu e a sua equipa conseguissem certamente atingir feitos bastante superiores. Os pedidos de Bocage, neste seu último relatório, resumir-se-iam principalmente à contratação de mais naturalistas e à sua exoneração das funções docentes:

"O pessoal carece de ser quanto antes augmentado e melhor remunerado: a criação de mais dois logares de naturalistas adjuntos não póde ser por mais tempo differida; um d'elles entregar-se-ha dos molluscos e, quanto possivel, dos invertebrados inferiores. D'este modo virá a ser o museu de Lisboa um viveiro de naturalistas distinctos e de professores abalisados. [...] Para mim tenho tambem alguma cousa a pedir. Em remuneração dos meus serviços, se se reconhecer que os tenho prestado, peço unicamente que me seja permittido consagrar inteiramente os annos que ainda me restarem de vida ao proseguimento d'esta obra de que fui o iniciador ha quasi um quarto de seculo. Peço que me seja

¹⁰⁷⁹ Bocage (1865a: p. 26)

¹⁰⁸⁰ Bocage (1889)

¹⁰⁸¹ Bocage (1877a)

*permittedo pôr termo aos meus trabalhos escolares, sem comtudo ficar inhibido de continuar a exercer as funcções de director da secção zoologica, quando ao conselho da escola polytechnica pareça desempenho de tão arduo serviço. Se a interpretação literal das leis existentes obsta a que se defira este meu pedido, não é muito que se faça uma lei nova a bem de um estabelecimento scientifico de primeira ordem, e a bem de um funcionario que se não tem poupado a diligencias para se desempenhar conscienciosamente dos seus deveres."*¹⁰⁸²

Além dos problemas gerais, Bocage teria ainda de lidar com outros problemas menores do Museu, como por exemplo os atos levados a cabo por alguns estudantes durante os dias que o museu estava aberto ao público¹⁰⁸³, ou de quezílias com a seção mineralógica sobre a adjudicação dos serviços de um dos seus preparadores¹⁰⁸⁴. No entanto, os desejos de Bocage para tornar o Museu num "viveiro de naturalistas distinctos e de professores abalisados" iria em parte ser conseguido durante a próxima década. Se não um "viveiro" o Museu tornar-se-ia um "berçário" de futuros naturalistas. A posição para um segundo naturalista foi criada por volta de 1878, o mesmo ano que Felix de Brito Capello adoeceria, tendo Bocage nomeado Sabino Maria Teixeira Coelho (1853 - 1938) professor auxiliar da cadeira de zoologia¹⁰⁸⁵. Em 1881 Bocage seria substituído por Fernando Matoso dos Santos (1849 - 1921) na regência da 8ª Cadeira, mantendo no entanto a direção do Museu, que contava agora com dois naturalista-adjuntos, António Roberto Pereira Guimarães (? - 1890) e Sabino Maria Teixeira Coelho, um curador (José Augusto de Sousa), e dois preparadores¹⁰⁸⁶. Em 1885 seria contratado Francisco Arruda Furtado (1854 - 1887), sendo-lhe destinada a coordenação e

¹⁰⁸² Bocage (1877a: p. 70)

¹⁰⁸³ "Alguns alumnos da Eschola Polytechnica teem nestes ultimos tempos praticado actos menos decorosos e improprios de homens bem educados nas salas da secção zoologica do Museu Nacional durante a exposição publica que tem lugar ás quintas feiras. O pessoal do Museu, alem de insufficiente, não tem auctoridade bastante para poder fazer a policia das salas, sobretudo em relação aos alumnos da Eschola, e não cabe nas minhas attribuições tomar providencias efficases contra estes abusos, que não devem continuar. Por isso recorro a V. Ex., expondo-lhe o facto e pedindo remedio para elle. Deus Guarde a V. Ex. Museu Nacional de Lisboa: 29 de Novembro de 1877. Ill^{mo} Ex^{mo} Sr. Conselheiro Director interino da Eschola Polytechnica. J Vicente Barbosa du Bocage" in AHMB Div. 158.

¹⁰⁸⁴ AHMB Div. 166

¹⁰⁸⁵ Vide Documentação Transcrita - Apêndice K1

¹⁰⁸⁶ AHMCUL – Escola Politecnica Orçamneto 1 Junho de 1881

estudo das coleções malacológicas¹⁰⁸⁷. Com a morte deste último, em Junho de 1887, parte o seu vencimento seria transferido para Baltasar Osório (1855 - 1926), que trabalharia já no museu como naturalista adido¹⁰⁸⁸. Com o falecimento de António Roberto Pereira Guimarães em 1890, Osório viria a ser proposto para o seu cargo¹⁰⁸⁹. Por esta altura já trabalhariam no museu vários naturalistas para além de Bocage, Osório e Matoso dos Santos. Albert Girard ocupava simultaneamente o lugar de conservador, em substituição de José Augusto de Sousa, falecido em 1889, com a de naturalista adjunto, dedicando-se ao estudo das coleções malacológicas, e José Júlio Bethencourt Ferreira, que já houvera feito o tirocínio no museu, auxiliava Bocage no estudo e coordenação das coleções herpetológicas¹⁰⁹⁰. O orçamento geral de 1891 contaria, no pessoal "*inscripto no Orçamento*" com um diretor (gratificação de 440\$000 réis), um naturalista adjunto - Baltasar Osório (600\$000 de ordenado e 200\$000 de gratificação), dois preparadores (270\$000 cada), um conservador - Alberto Girard (500\$000 de ordenado, a que se adicionaria 200\$000 pelos serviços prestados como naturalista, pagos fora do orçamento), um conservador do "*Museu d'ElRei*" - José Maria de Lima e Lemos (240\$000 de ordenado, a que se adicionariam 60\$000 de gratificação pagos fora do orçamento), um ajudante de conservador (216\$000 de ordenado), um aprendiz de preparação (144\$000 de ordenado) e três serventes (180\$000 de ordenado cada), bem como um considerável número de pessoal auxiliar, pago por sucessivos despachos ministeriais, tal como um segundo naturalista adjunto - Bethencourt Ferreira (300\$000 de gratificação), um escrevente de etiquetas (120\$000 de gratificação), um segundo aprendiz de preparação - Antero Frederico de Seabra (120\$000 de gratificação) e um servente auxiliar (180\$000)¹⁰⁹¹. Por sua vez a dotação para a "*compra e preparação de exemplares zoologicos, subvenção de*

¹⁰⁸⁷ Furtado (1886)

¹⁰⁸⁸ Vide Documentação Transcrita - Apêndice K2

¹⁰⁸⁹ Vide Documentação Transcrita - Apêndice K3

¹⁰⁹⁰ Vide Documentação Transcrita - Apêndice K3; Vide AHMB Div. 266

¹⁰⁹¹ AHMB Div. 270; AHMB Div. 270a e 270b

explorações, aquisições de livros, etc" seria de 1.006\$000 reis¹⁰⁹². Este quadro de pessoal manter-se-ia nos anos seguintes¹⁰⁹³. As mudanças só se fariam sentir já no início do século seguinte. Em Junho de 1901 José Maria de Lima e Lemos, até então conservador do Museu Real e preparador e conservador das coleções entomológicas, viria a ser encarregado para realizar excursões no país com o intuito de coletar espécimes para o Museu¹⁰⁹⁴. Mas a maior alteração a nível de pessoal, e de certo modo marcaria o início do fim da época de Bocage, dar-se-ia por em 1902. Bocage, então com quase oitenta anos e praticamente cego, não teria já capacidades para dirigir sozinho o Museu, passando já a maior parte do seu tempo na sua casa. Baltasar Osório assumiria assim, interinamente, o cargo de diretor, passando a efetivo após a morte de Bocage em 1907. Em 1903, para além dos naturalistas, o museu contaria com um conservador, um ajudante de conservador, um preparador chefe, um escriturário, dois preparadores, um artífice, um praticante, dois guardas, dois serventes e um moço de serviços¹⁰⁹⁵.

No que às suas coleções diz respeito, a evolução a que se assistiria seria impressionante. Após receber as coleções da Academia num estado bastante deficiente de conservação e coordenação, resumidas a muito poucos exemplares, Bocage dedicar-se-ia deste o primeiro momento, como já vimos no capítulo anterior, ao enriquecimento das mesmas. Em 1860 a coleção do Museu de Lisboa contaria naquela altura com cerca de cem diferentes espécies de mamíferos, seiscentas espécies de aves e uma coleção de duzentas espécies de aves de Portugal, catorze diferentes espécies de répteis e anfíbios, quarenta e sete espécies de peixes, e a considerável coleção de conchas com cerca de mil e seiscentas espécies, além de outras coleções nacionais feitas pelo próprio Bocage. Como referido no capítulo anterior, em 1862 o número seria já bastante superior. Nos

¹⁰⁹² AHMB Div. 270

¹⁰⁹³ Vide Documentação Transcrita - Apêndice K4, K5, K6 e K7

¹⁰⁹⁴ Vide Documentação Transcrita - Apêndice K8

¹⁰⁹⁵ AHMB Div. 351

primeiros anos da década de sessenta a secção zoológica da Escola Politécnica, tinha apenas uma única sala com coleções, enquanto parte das coleções ainda permaneciam nas premissas da Academia. Esta situação era difícil já que não era fácil gerir o pessoal do Museu em dois locais diferentes em simultâneo, as classificações dos espécimes sofriam constantes atrasos e o Museu estava inapto a abrir as portas. Mesmo com todos estes contratemplos, as coleções do Museu continuariam a ser aumentadas. Alguns meses após a publicação das "*Instruções praticas*" onde Bocage dava conta dos números de espécimes então existentes, dando entrada nas coleções do Museu pelo menos¹⁰⁹⁶:

- 90 espécimes de mamíferos, pertencendo a 9 espécies;
- 89 espécimes de aves, pertencendo a 66 espécies;
- 154 espécimes de conchas, pertencendo a 86 espécies;
- 6 esqueletos de aves e de mamíferos;
- Uma coleção de aves e mamíferos de Java e Borneo, oferecida por Schlegel, diretor do Museu de Leiden;
- Um coleção de conchas marinhas da Europa e mares do norte, oferecidos por Mr. Petit de la Sausaie;
- Espécimes enviados por correspondentes nacionais como José Maria Rosa de Carvalho, João José le Cocq e "Sr. Barahona".

No entanto, um dos maiores contributos para o aumento das coleções viria da parte da Casa Real. A 11 de Novembro de 1861, devido a um repentino ataque de febre tifoide, D. Pedro V, então com 24 anos, faleceria. Embora também interessado pela temática naturalista, as diferenças entre D. Luís e o seu falecido irmão no que toca ao interesse e dedicação aos estudos naturalistas eram notórias. Em boa parte terá sido essa uma das razões para a alienação das coleções do seu irmão e a sua oferta à Escola Politécnica de Lisboa. Com o objetivo de apoiar o ensino e investigação praticada da Escola Politécnica e mais concretamente o

¹⁰⁹⁶ Vide Documentação Transcrita - Apêndice J1

desenvolvimento do Museu de Lisboa, a Casa Real ofereceria a coleção a esta instituição. O decreto régio de 13 de Julho de 1863 assim explicitava:

“Sua Magestade El-Rei, Movido pelos sentimentos generosos e espontâneos do seu coração, e querendo dar mais um publico testemunho do seu desvelado interesse pelo derramamento da instrucção: Houve por bem resolver que as collecções de Historia Natural colligidas e ordenadas por Elle próprio, e por ElRei Seu Chorado Irmão, e pertencentes ao Museu particular da Sua Real Casa, fossem depositadas no Museu da Escola Polytechnica de Lisboa, afim de por este modo concorrerem para a máxima illustração do paiz, e especialmente da classe estudiosa. Tomando conhecimento desta Regia Resolução, que de mais significa a alta protecção de Sua Magestade por esse Estabelecimento, espero que V. E. Dará as providencias necessárias para que as alludidas collecções sejam collocadas com a devida cautela e resguardo no Museu da Escola, e ahi conservadas com as convenientes notas e separações. Deus guarde a V.E – Paço de Mafra em 13 de Julho de 1863”¹⁰⁹⁷.

Esta transferência levaria à necessidade do arranjo de uma sala exclusivamente dedicada no edifício do Museu para a colocação da extensa coleção, necessidade esta que acarretaria consideráveis despesas, a que se somariam aquelas relacionadas com o próprio transporte das coleções. Estas despesas terão sido de imediato reconhecidas por Barbosa du Bocage e comunicadas ao Ministério dos Negócios do Reino por portaria a 7 de Setembro do mesmo ano, aludindo para a incapacidade do Museu suportar o esforço financeiro exigido, pedido esse que seria atendido¹⁰⁹⁸. No entanto, devido ao atraso da transferência, Barbosa du Bocage ver-se-ia na necessidade de escrever ao diretor da escola no sentido de

¹⁰⁹⁷ AHMB Div. 560

¹⁰⁹⁸ *“Sua Magestade ElRei, a Quem foi presente o officio que por este Ministério fez subir o lente da Escola Polytechnica, director do Muzeu Nacional de Lisboa, José Vicente Barboza du Bocage propondo varias providencias que julga indispensáveis para levar a effeito a remoção das collecções de historia natural, que se acham no Palácio das Necessidades, para uma das salas da secção zoológica do referido Museu, e que foram offerecidas por Sua Magestade El-Rei á sobredita Escola Polytechnica: Manda, pello Ministério dos Negócios do Reino, declarar ao director da Escola mencionada, que Ha por bem Auctorisal-o a effectuar a despesa que for necessária fazer-se não só com a mudança das collecções de que se trata, mas também com o pessoal preciso para as pôr em ordem e com outros gastos miúdos, devendo sahir da prestação que está votada para a Escola Polytechnica, no actual anno económico, o que for indispensável para fazer face a toda esta despeza, da qual dava conta, afim de ser propostas ás cortes. Outro sim Manda, Sua Magestade, Declarar que em quanto á nomeação de empregados precisos que demanda o serviço actual do Museu, não pode essa ser levada a effeito sem a competente approvação do poder legislativo, cumprindo nestas circunstancias que o referido director formule a respectiva proposta, que deverá remetter por esta Secretaria d’Estado, para os fins convenientes. Paço da Ajuda, em 7 de Setembro de 1863. A. José Bramcamp.”* AHMB Div. 561

renovar a autorização de gastos para o ano de 1864¹⁰⁹⁹. Iniciada a transferências em 1864, só em 1865 ficariam concluídas¹¹⁰⁰. O pedido de Bocage seria atendido e a autorização para o pagamento das despesas seria alargado para o ano económico de 1864 a 1865¹¹⁰¹. Para além das ricas coleções, Bocage conseguiria negociar a alocação dos dois funcionários do Museu Real para o Museu de Lisboa¹¹⁰². Esta

¹⁰⁹⁹ "Como porem as providencias adoptadas naquella portaria se refferem mto especificamente ao anno economico findo, receio que não possam considerar-se válido para o anno economico actual. Alem d'isso, em obediencia à vontade de ElRei, comecei já na ultima semana a effectuar a mudança das colleções do museu das Necessidades para o Museu de Lisboa, e sendo-me visto na necessidade de adeantar as sommas, por em quantoo pouco importantes, necessarias p essas despesas." AHMB Div. 562

¹¹⁰⁰ Segundo o documento "*Despesas feitos com a mudança do Museu d'El-Rei*" (AHMB Div. 96; AHMB Div. 96a-m) os gastos com todo o processo só cesariam em Maio de 1865, data em que em principio se terá concluído.

¹¹⁰¹ "*Manda Sua Magestade, El-Rei, pelo Ministério dos Negócios do Reino declarar ao Director da Escola Polytechnica, para sua intelligencia e devidos effeitos, que a autorisação conferida pela Portaria de 7 de Setembro de 1863, para pagamento das despesas com a remoção das colleções d' historia natural, que se achavam no Palácio das Necessidades vigora para o actual anno económico de 1864 a 1865, ficando deste modo, o Director do Museu Nacional habilitado para continuar a satisfazer as despesas de que tracta a mencionada Portaria. Paço d' Ajuda em 28 d' outubro de 1864.*" AHMB Div. 563

¹¹⁰² "*Tendo presente o officio de V. E. De 20 do corrente, acompanhando outro da Repartição de contabilidade do Ministério do Reino de 16 do corrente; e tomando-os ambos em consideração [?] a V.E. o seguinte: Quanto ás gratificações que deverão abonar-se aos dois empregados d'ElRei – Florindo António de Sousa e José Augusto de Sousa, - desde 17 de Outubro deste anno, parece-me que a gratificação do primeiro poderá ser de 18\$000 reis mensaes, e a do segundo de 12\$000 reis mensaes. Quanto ás circunstancias d'estes empregados, consta-se que Florindo António de Sousa vence, como conservador e preparador do Museu d'ElRei, 240\$000 reis annuaes, e José Augusto de Sousa é actualmente criado particular de Sua Magestade a Rainha, e recebe nesta qualidade 600\$000 reis annuaes. O primeiro tem estado efetivamente occupado desde 17 d'outubro com a mudança do Museu d'ElRei; o segundo tem consagrado a estes trabalhos as semanas que tem livres de seus serviços no Paço, isto é, uma semana sim e outra não. No meu officio de 5 do corrente insisti muito particularmente na necessidade do augmento de pessoal para poder acudir aos serviços do Museu de Lisboa, cujas colleções ficarão em certos ramos mais do que duplicadas, em consequência do valiosissimo donativo de El Rei. Lembrei então a conveniência de nisso fazer serviço no museu e occupando-se com mais especialidade das colleções d'ElRei, os dois empregados acima mencionados. Ganharia com isso mto o Museu em ter dois empregados habilitados, de que está carecendo muito e que mui difficilmente conseguirá por outra forma, e teria ainda a vantagem de se dispender com elles gratificações inferiores aos ordenados respectivos a estes logares, que tem forçosamente de se crear. Não indiquei por isso [?] a [?] dessas gratificações, e julgo devem reparar agora essa omissão. Direi pois a V.E. que as duas gratificações de 18\$000 reis e 12\$000 reis mensaes poderiam ser [?] aos dois empregados do Museu d'ElRei, no caso d'elles virem servir permanentemente no Museu de Lisboa, como julgo ser o desejo de ElRei. Peço ainda a V.E. licença para acescentar que sem o augmento [?] no pessoal do Museu, [?] muitas vezes reclamado por mim, não posso responsabilisar-me nem [?] pela conservação das mais ricas e importantes das colleções d'este estabelecimento, as colleções mamalogica e ornithologica, que comprehendem muitas centenas de especies, entre as quaes muitos*

oferta, que viria a colocar o Museu de Lisboa "*na vanguarda dos museus de segunda ordem, pelo que respeita á ornitologia e á conchyliologia*", e para a qual seria cedida a "*a melhor e mais vasta das salas do museu*", consistiria numa coleção ornitológica de "*3:200 especies, representadas por mais de 4:000 exemplares*", onde se incluíam "*220 especies e cerca de 400 exemplares de aves de Portugal*", em duas coleções de conchas - "*uma collecção geral de mais de 3:000 especies e muito maior numero de exemplares, e uma collecção especial de conchas terrestres e fluviaes de França, com 1:725 especies e variedades.*", bem como "*varios specimens de mammiferos, reptis e peixes, alguns esqueletos, pequenas collecções de insectos e exemplares de outros invertebrados.*", uma biblioteca e todo o mobiliário de exposição¹¹⁰³.

O grande crescimento das coleções, face à oferta do Museu Real, às várias aquisições, mas também às remessas dos vários colaboradores, levaria a que em 1865 as coleções do Museu de Lisboa, embora ainda encerrado ao público¹¹⁰⁴, se achassem distribuídas por:

"Collecções geraes":

- 415 espécimenes de mamíferos, pertencendo a 327 espécies;
- 2000 espécimenes de aves, pertencendo a 1700 espécies;
- 500 espécies de répteis e anfíbios;
- 800 espécies de crustáceos;
- 2600 espécies de conchas;
- Coleções "pobríssimas" de peixes, insetos, vermes e zoófitos.

"Collecções do paiz":

- 61 espécimenes de mamíferos, pertencendo a 35 espécies;
- 329 espécimenes de aves, pertencendo a 206 espécies;

objectos preciosos e raros. Deus guarde a V. E. Museu de Lisboa 23 de Dezembro de 1864 " in Div. 85 AHMB.

¹¹⁰³ Bocage (1865a: p. 3-5)

¹¹⁰⁴ Vide Documentação Transcrita - Apêndice J3

- 35 espécies de répteis e anfíbios;
- 200 espécies de peixes de água salgada e 11 espécies de água doce;
- Coleção de moluscos marinhos;
- Coleção "*mui limitada*" de insetos;
- Um certo número de crustáceos e zoófitos.

"Collecções de productos coloniaes":

- Contendo as coleções enviadas por alguns colaboradores, embora ainda em número consideravelmente reduzido.

Em 1877 as coleções atingiam níveis superiores, especialmente graças às remessas Angolanas de José de Anchieta, que para além de enriquecerem diretamente as coleções do Museu, serviam para promover episódios de trocas entre o Museu de Lisboa e os seus congéneres Europeus¹¹⁰⁵. As coleções estavam agora expostas em diversas salas do Museu, na maioria ainda inacessível ao público¹¹⁰⁶. Em termos de números e organização interna, as coleções distribuíam-se por:

- 1076 espécimes de mamíferos, pertencendo a 676 espécies diferentes, distribuídos pela "Colleção Geral" (537 espécies, 700 espécimes), "Colleção Portuguesa (39 espécies, 136 espécimes) e "Colleção da Africa Occidental" (100 espécies, 240 espécimes);
- 14900 espécimes de aves, pertencendo a pelo menos 5791 espécies, distribuídas pela "Colleção Geral" (5000 espécies, 12 000 espécimes), "Colleção Portuguesa" (291 espécies, 600 espécimes), e "Colleção da Africa Occidental" (500 espécies, 2300 espécimes);
- 2967 espécimes de répteis e anfíbios, pertencendo a pelo menos 1100 espécies, distribuídas pela "Colleção Geral" (800 espécies, 2000

¹¹⁰⁵ Bocage (1877a: p. 68-69)

¹¹⁰⁶ Bocage (1877a)

- espécimenes), a "Colleção Portuguesa" (35 espécies, 128 espécimenes), "Colleção da Africa Occidental" (200 espécies , 700 espécimenes) e a "Colleção da India Portuguesa" (65 espécies, 139 espécimenes);
- 2830 espécimenes de peixes, pertencendo por 800 a 900 espécies, distribuídas pela "Colleção Geral" (400 a 500 espécies, 1000 espécimenes), "Colleção Portuguesa" (300 espécies, 1400 espécimenes), e a "Colleção da Africa Occidental" (100 espécies, 430 espécimenes);
 - 4067 espécimenes de crustáceos, pertencendo a pelo menos 1063 espécies, distribuídas pela "Colleção Geral" (1000 espécies, 3500 espécimenes), "Colleção Portuguesa" (63 espécies, 317 espécimenes), e pela "Colleção da Africa Occidental" (250 espécimenes);
 - 53000 espécimenes de insetos, em geral por classificar, distribuídos pela "Colleção Geral" (16000 espécimenes), "Colleção Portuguesa" (8000 espécimenes), e "Colleção da Africa Occidental" (29000 espécimenes);
 - Coleção osteológica com mais de 247 esqueletos, várias cabeças montadas e outras preparações osteológicas;
 - Considerável coleção de conchas não estudadas;
 - Coleções de equinodermes, celenterados e espongiários.

De acordo com o esboço de uma planta da secção Zoológica, desenhada por Arruda Furtado enquanto funcionário do Museu (1881-1885) em meados da década de oitenta o Museu contaria com pelo menos sete zonas expositiva: a "Sala de Portugal", a "Sala de África", a "Sala da Índia", a "Sala dos Reptis", a "Sala das Aves", a "Sala dos mamíferos", e a "Sala dos Crustáceos e peixes", para além de anfiteatro das aulas e os vários gabinetes de trabalho e preparação (Figura 32).

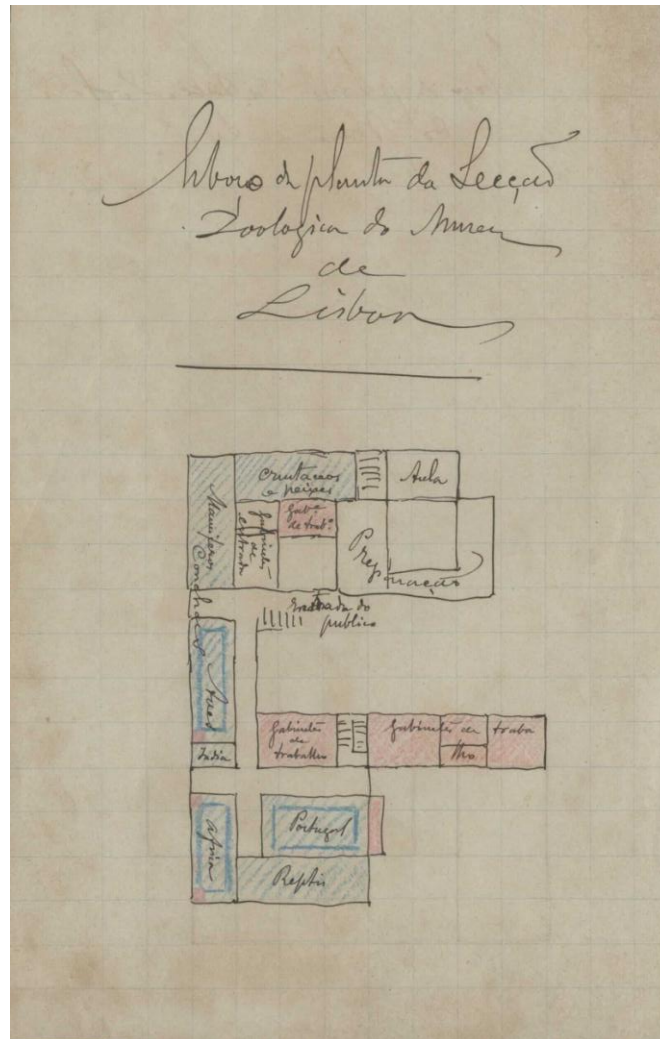


Figura 32 - Planta da secção Zoológica em meados da década de 1880, desenhada por Arruda Furtado.
Fonte AHMCUL

Comparando este número com aqueles disponíveis desde o início do museu na altura que o museu foi oficialmente transferido da Academia para a Escola Politécnica, a diferença era espantosa. Em menos de 20 anos, com muito poucos recursos económicos e de pessoal, Bocage transformaria as deterioradas e pobres coleções do Museu, num Museu de classe mundial, pondo Lisboa e Portugal uma vez mais no mapa científico. Durante os anos que se seguiriam, as coleções do museu nunca cessariam de crescer, através de ofertas de outros cientistas ou instituições científicas¹¹⁰⁷, compras a estabelecimentos comerciais¹¹⁰⁸, remessas

¹¹⁰⁷ Oferta de espécimes por Otto Finsch em 1874; AHMB Div. 152; Oferta de espécimes pelo Muséum de Paris em 1882: AHMB Div. 184 e 185.

de funcionários do ultramar e serviços diplomáticos¹¹⁰⁹, oferta de particulares¹¹¹⁰, mas principalmente graças às várias expedições Africanas, fossem elas científicas como as de José de Anchieta e Francisco Newton, fossem elas geopolíticas como as de Capelo e Ivens e de Serpa Pinto, entre outras¹¹¹¹. O crescimento seria tal que em termos de espaços expositivos o museu passaria de apenas duas salas expositivas em 1862¹¹¹² para nove em 1897¹¹¹³:

- Sala de entrada (9 expositores);
- Sala dos peixes (22 expositores);
- Sala dos mamíferos (20 expositores);
- Sala das aves (52 expositores);
- Sala Boucard (5 expositores);
- Sala de África (44 expositores) (Figura 33);
- Sala dos "Reptis" (24 expositores);
- Sala de Portugal (44 expositores) (Figura 34);
- Hall dos esqueletos (25 expositores);
- Biblioteca;
- Oficina de Preparação;
- Armazém;
- Oficinas gerais.

¹¹⁰⁸ AHMB Div. 155; AHMB Div. 156; AHMB Div. 170; AHMB Div. 267

¹¹⁰⁹ AHMB Div. 174; AHMB Div. 175; AHMB Div. 176; AHMB Div. 186; AHMB Div. 188; AHMB Div. 227; AHMB Div. 268; AHMB Div. 269; AHMB Div. 276; AHMB Div. 277; AHMB Div. 278; AHMB Div. 352.

¹¹¹⁰ AHMB Div. 246; AHMB Div. 248; AHMB Div. 249; AHMB Div. 287; AHMB Div. 290.

¹¹¹¹ AHMB Div. 231; AHMB Div. 232; AHMB Div. 233.

¹¹¹² Vide Documentação Transcrita - Apêndice J2

¹¹¹³ AHMCUL 1838 - Inventário da mobília e material para collecções existentes na Secção Zoologica do Museu de Lisboa.



Figura 33 - Sala de África, circa 1900. Adaptado de Silva (1907)

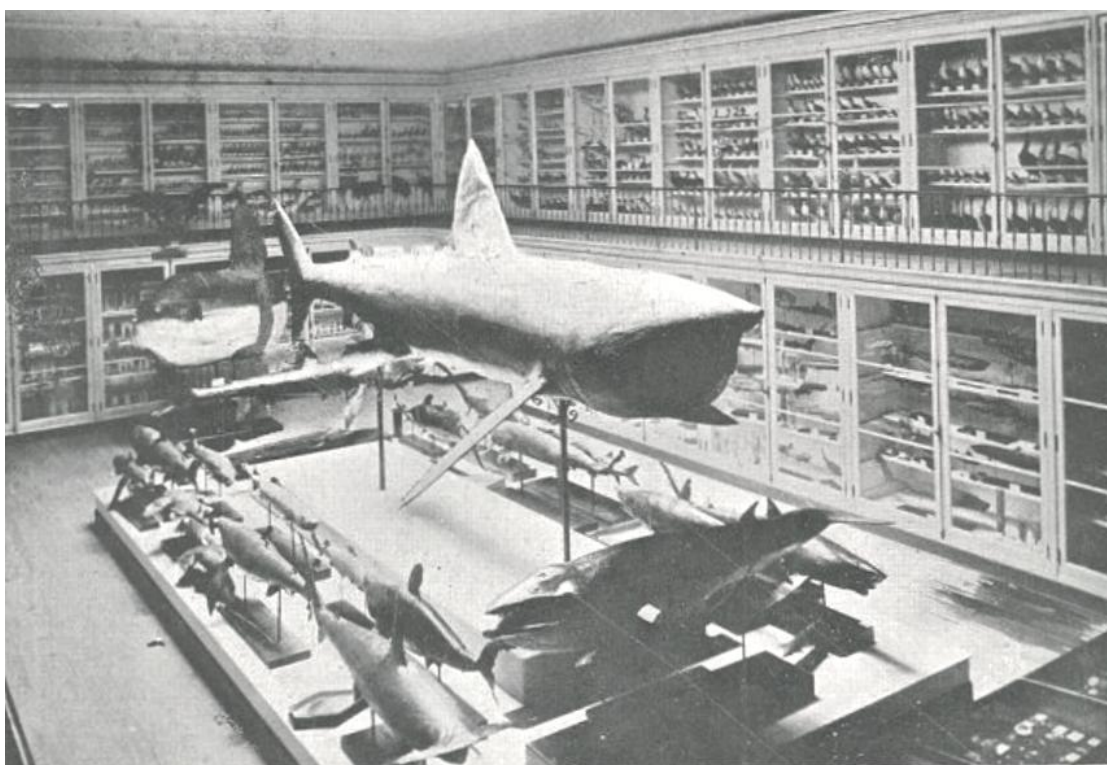


Figura 34 - Sala de Portugal, circa 1900. Adaptado de Silva (1907).

A importância das coleções do Museu de Lisboa, quer em diversidade quer em números, conduziriam a que o Museu viesse a funcionar, tal como a Ajuda havia funcionado no início do século, como principal fornecedor de coleções para as demais instituições nacionais, mas também como importante fonte disseminadora das suas coleções únicas para os restantes museus Europeus e Norte-Americanos. Quer fosse para capacitar o ensino liceal, dotando os gabinetes das escolas com coleções destinadas ao ensino, quer fosse para aumentar as grandes coleções nacionais como as de Coimbra, Açores e Porto (todas elas também com uma forte vertente pedagógica), ou como oferta/troca/empréstimo para museus estrangeiros, as coleções do Museu de Lisboa seria disseminadas por várias instituições (Tabela 11).

Tabela 11 - Listagem de espécimes e coleções enviadas da Secção Zoológica do Museu de Lisboa para outras instituições nacionais e internacionais

Data do envio	Destino/Destinatário	Título	Resumo	Referencia
26 de Maio de 1865	Museu de Leyden	" <i>Objectos remetidos p^a o Museu de Leyden em 26 de Maio de 1865</i> "	4 Mamíferos e 10 aves de Portugal, 2 répteis de Angola	AHMB Div. 477
Maio de 1865	Verraux	" <i>Objectos remetidos a Verraux em Maio de 1865</i> "	Envio de 9 mamíferos	AHMB Div. 478
Junho de 1867	Museu de Turim	" <i>Animaux envoyés au Musée de Turin par le Musée de Lisbonne</i> "	14 espécies de aves Portuguesas, Angolanas, Brasileiras da Guiné	AHMB Div. 479
Maio de 1868	"Lyceu"	" <i>Aves que foram p^a o Lyceu em Maio de 68</i> "	Várias Aves do Museu Real	AHMB Div. 480
15 de Maio de 1871	Museu de Coimbra	" <i>Aves off^{ias} ao Museu de Coimbra em 15 de maio de 1871 (Da exploração - Anchieta)</i> "	21 espécies de Aves de Angola	AHMB Div. 482
Outubro de 1871	Instituto Maynense	" <i>Aves q foram p^a o Instituto mainense em outubro de 1871</i> "	36 especies e 41 exemplares de aves diversas	AHMB Div. 483
Março de 1872	"Escola Academica"	" <i>Aves off. pelo Museu de Lisboa á Escola Academica em Março de 1872</i> "	61 espécies e 76 exemplares de aves diversas	AHMB Div. 484
Junho de 1873	Theodor von Heuglin	" <i>Aves de Angola da exploração do Sr. Anchieta remetidas ao Sr. Dr. Th. von Heuglin. Em Junho de 1873</i> "	21 espécies de Aves de Angola	AHMB Div. 485
Agosto de 1874	Sharpe	" <i>Aves remmetidas em comunicação ao Sharpe em Agosto de 1874</i> "	8 aves de Angola	AHMB Div. 486
Junho de 1877	Bouvier	" <i>Aves da exploração Anchieta remetidas a mr. Bouvier em junho de 1877</i> "	13 aves de Angola	AHMB Div. 487
Junho de 1877	Museu Municipal de Ponta Delgada	" <i>Aves oferecidas ao Museu municipal de Ponta Delgada (S. Miguel) remetidas ao Sr. Carlos Maria Gomes Machado</i> "	54 exemplares de Aves e 2 exemplares de mamíferos	AHMB Div. 488
Abril de 1878	Edmond Fairmaire	" <i>Pelles de animais remetidas do Museu de Lisboa em abril de 1878 a Edm. Fairmaire - Paris</i> "	31 aves e 1 mamífero	AHMB Div. 489
Abril de 1878	Otto Finsch - Museu de Bremen	" <i>Abril de 1878 - Remetidas ao Dr. O. Finsch - Bremen -</i> "	49 aves e 1 mamífero	AHMB Div. 490
Agosto de 1878	Museu de Turin	" <i>Remessa para o Museu de Turin em Agosto de 1878</i> "	16 répteis e anfíbios de Angola, 6 répteis e anfíbios de Portugal, e 16 aves de Angola (exploração Anchieta)	AHMB Div. 491
Maio de 1879	Mr. Shelley (Londres)	" <i>Exemplares remetidas (em comunicação) a Mr. Shelley - 6 Tenente est. Londres em maio de 1879</i> "	7 Aves de Angola	AHMB Div. 493
Dezembro de 1879	Museu de Coimbra	" <i>Lista das aves oferecidas ao Museu da Universidade de Coimbra em dezembro de 1879</i> "	12 aves de Portugal e 122 espécies exóticas	AHMB Div. 494
Março de 1880	Sr. João Soares Ferraz	" <i>Março de 1880 - Aves dadas ao Sr. João Soares Ferraz</i> "	4 aves	AHMB Div. 495
Abril de 1880	Real Colégio Militar	" <i>Lista dos insectos oferecidos pelo Museu de</i>	85 espécies de insectos	AHMB Div. 496

		<i>Lisboa ao Real Collegio Militar em abril de 1880"</i>		
Abril de 1880	Real Colégio Militar	" <i>Lista dos animaes cedidos pelo Museu de Lisboa ao Collegio Militar - Abril de 1880"</i>	27 espécimenes de Aves e dois mamíferos	AHMB Div. 497
2 de Abril de 1881	Açores	" <i>Lista das aves remettidas em 2 de Abril de 1881 p^a os Açores - pelo Museu de Lisboa"</i>	22 aves de Portugal e 31 aves exóticas	AHMB Div. 498
Junho de 1882	Museu de Paris	" <i>Lista das aves de Angola, da exploração Anchieta, remettidas pelo Museu Nacional de Lisboa ao Museu de Paris em junho de 1882"</i>	112 aves de Angola	AHMB Div. 499
10 de Novembro de 1882	Dr. Gunther - Londres	" <i>Reptis remettidos em comunicação ao Dr. Gunther - pelo vapor Malanje - em 10 de Nov. 1882"</i>	4 espécies de répteis	AHMB Div. 500
27 Junho de 1883	Instituto Agricola	" <i>Lista dos insectos off. pelo Museu de Lisboa ao Instituto Agricola"</i>	Vários espécimenes em 6 caixas	AHMB Div. 501
24 de Outubro de 1883	Dr. Van-der-Laan	" <i>Relação dos animaes do Muzeu Zoologico de Lisboa, enviados por ordem do Ex.^{mo} Snr. Dr. Mattoso para poder do Ex.^{mo} Snr. Dr. Van-der-Laan, em 24 de Outubro de 1883"</i>	Aves e mamíferos	AHMB Div. 502
9 de Novembro de 1883	Hartlaub	Sem titulo	Aves	Rem. 77
Maio de 1884	Florença	" <i>Maio de 1884 Aves remettidas p^a Florença da exploração Anchieta"</i>	4 aves de Angola, lincés de Portugal e aves de Portugal	AHMB Div. 503
Maio de 1884	Sharpe	Sem titulo	Uma ave de Anchieta	Rem 77
Junho de 1886	Mr. Shelley de Londres	" <i>Aves de Angola remettidas a mr. Shelley de Londres"</i>	8 aves de Angola	AHMB Div. 504
Abril de 1887	Museu de Coimbra	" <i>Aves remettidas em 30 de abril de 1887 ao Museu de Coimbra"</i>	24 aves de Angola * nota: " <i>Todas estas especies estão incluidas na Ornithologia d'Angola"</i>	AHMB Div. 505
Agosto de 1887	Dr. Muller	" <i>Lista das aves de Angola remettidas ao Dr. Muller Agosto de 1887"</i>	16 aves de Angola	AHMB Div. 506
Dezembro de 1887	Museu de Coimbra	" <i>1887 Dezembro - Aves mandadas p^a o Museu de Coimbra"</i>	6 aves	AHMB Div. 507
Abril de 1888	Museu de Coimbra	" <i>Lista das aves offerecidas ao Museu de Coimbra em Abril de 1888"</i>	3 aves da Australia e 6 aves de Angola	AHMB Div. 508
Novembro de 1888	Museu de Londres	" <i>Aves e mammiferos offerecidos ao Museu de Londres em novembro de 1888"</i> ; " <i>Aves escolhidas p^a o Museu de Londres - Nov. de 1888"</i>	32 aves de Angola, 12 aves de São Tomé, 1 ave de Portugal e 2 mamíferos Angolanos	AHMB Div. 509; AHMB Div. 510
Maio de 1890	Museu do Porto	" <i>Lista das aves offerecidas pelo Muzeu Nacional de Lisboa ao Muzeu da Academia Polytechnica do Porto, em Maio de 1890"</i>	82 Aves exóticas	AHMB Div. 511
Setembro de 1890	Vaillant - Paris	" <i>Lista dos peixes da Ilha de S. Thomé existentes no deposito do Museu</i>	18 peixes de São Tomé	AHMB Div. 512

		<i>Nacional de Lisboa (remetidas a L. Vaillant em 16 de Septo 1890"</i>		
21 de Setembro de 1891	Oldfield Thomas - Londres	"Enviados em communação a Old. Thomas Londres em 21 de Spto 1891"	3 crânios de mamíferos angolanos e 1 mamífero montado	AHMB Div. 513
Maio de 1892	Museu Municipal de Ponta Delgada	"Lista das aves oferecidas pela Secção Zoológica do Museu Nacional ao Museu Municipal de Ponta Delgada em Maio de 1892"	52 aves de Angola	AHMB Div. 514
Setembro de 1893	Liceu de Bragança	"Lista dos mamíferos e aves oferecidos pelo Museu Nacional de Lisboa ao Lyceu de Bragança - em Setembro 1893"	17 aves e 5 mamíferos	AHMB Div. 515; AHMB Div. 515a
1893	Museu de Berlin	"Aves oferecidas ao Museu de Berlim - 1893"	35 aves de Angola e 14 aves de São Tomé, entre outros	AHMB Div. 516
Março de 1897	Oldfield Thomas	"Exemplares enviados a M. Oldfield Thomas em Março de 1897"	22 mamíferos de Angola e 1 de São Tomé	AHMB Div. 518
1900	Franz Werner - Instituto Zoológico de Viena	"Remessa p. Dr. Wener Zool. Instit. Wien"	28 répteis e anfíbios de Angola	AHMB Div. 519-3
Dezembro de 1900	Franz Werner - Instituto Zoológico de Viena	"Remessa para o Dr. Franz Werner Inst. Zool. da Univ. Wien"	14 répteis e anfíbios de Angola e dois de São Tomé	AHMB Div. 519-4
1902	Franz Werner - Instituto Zoológico de Viena	"Collecção enviada a Werner 1902"	10 répteis e anfíbios de Angola, 1 réptil de Cabo Verde e 1 anfíbio de São Tomé	AHMB Div. 519-5
27 de Setembro de 1902	Franz Werner - Instituto Zoológico de Viena	"Lista de reptis e amphibios enviados ao Dr. F. Werner p o Instituto Zoologico de Vienna da Austria em 27 Setembro 1902"	Vários répteis e anfíbios de Angola, São Tomé e Cabo-Verde	AHMB Div. 519-6
9 de Abril 1901	Gustav Tornier - Berlim	Sem titulo	Vários répteis de Angola e Cabo-Verde	AHMB Div. 519-7
28 de Junho de 1901	Gustav Tornier - Berlim	"Remessas do Museu Nacional em 28 de Junho 1901"	Um réptil de São TOMé	AHMB Div. 519-8
28 de Junho de 1901	Franz Werner - Instituto Zoológico de Viena	"Remessas do Museu Nacional em 28 de Junho 1901"	Vários répteis e anfíbios de Angola e São Tomé	AHMB Div. 519-8
25 de Setembro de 1907	Franz Werner - Instituto Zoológico de Viena	"Colecção enviada ao dr. Werner Wien 25 -7º-907"	Vários répteis e anfíbios de Angola, São Tomé e Cabo-verde	AHMB Div. 519-9
1895	Museu do Porto	"Espécies remetidas p.a o Porto = Academia Polytechnica 1895 pelo Museu de Lisboa"	Vários répteis e anfíbios de Portugal	AHMB Div. 519-10
30 de Novembro de 98	Museu do Porto	"Lista de reptis p. a Acad. Pe. Porto"	Vários réptes e anfíbios de Angola, Cabo-Verde e Portugal	AHMB Div. 519-11
Sem data	Museu do Porto	"Lista das especies enviadas à Academia Polytechnica"	Vários réptes e anfíbios de Angola, Cabo-Verde, Timor e Portugal	AHMB Div. 519-12
Outubro de 1908	Liceus	"Colecção de Reptis para os Lyceus - outubro de 1908"	Répteis e anfíbios de Portugal	AHMB Div. 519-13
Novembro de 1908	Museu do Porto	"Colecção remetida p.a o Museu do Porto novembro de 1908"	Vários répteis de Angola, Cabo-Verde, Moçambique, Madagascar e Equador"	AHMB Div. 519-14
1908	Willy Eifel - Berlin	"Colecção enviada para Willy Eifel"	5 de Anfíbios de Portugal	AHMB Div. 519-15
Abril de 1904	Liceu de Viseu	Sem titulo	20 mamíferos, 14 aves, 7 répteis, 3 anfíbios, 2	AHMB Div. 521

			peixes e invertebrados	
17 de Março de 1904	Museu de Londres	"Exemplares enviados para Londres em 17 março 1904"	11 mamíferos de Angola	AHMB Div. 522
13 de Maio de 1904	Museu do Porto	"Lista das aves enviadas para o Museu do Porto em 13 de Maio 1904"	206 aves, maioritariamente de Angola	AHMB Div. 523
6 de Agosto de 1904	Real Casa Pia de Lisboa	Carta, sem título	"Exemplares zoológicos"	AHMB Div. 524
8 de Fevereiro de 1905	Museu do Porto	Carta, sem título	"duplicados da collecção de molluscos africanos"	AHMB Div. 525
12 de Dezembro de 1905	Real Colégio Militar	"Copia da lista das aves enviadas ao Real Collegio Militar"	14 aves	AHMB Div. 526
6 de Junho de 1906	Italia	"Lista dos mamíferos off. pelo museu de Lisboa em 6/6/906 ao Marquez da [?] Italia"	15 mamíferos de Portugal	AHMB Div. 527
20 de Agosto de 1921	Liceu de Aveiro	"Copia da lista de exemplares enviados para o Liceu de Aveiro em 20 - 8 - 1921"	3 mamíferos e 5 aves	AHMB Div. 527a
Março de 1914	Museu do Porto	"Lista dos Exemplares p. o Museu do Porto em Março de 1914"	Grande coleção de aves	AHMB Div. 529
Março de 1925	Liceu de Santarém	"Triplcados das listas de exemplares oferecidos pelo Museu Bocage ao Liceu de Santarem"	Coleção de vários grupos animais (vertebrados e invertebrados)	AHMB Div. 530
Sem data	Destinatário ilegível	Sem título	Dois mamíferos e aves de diversas localidades	AHMB Div. 532-1
Sem data	J. D. E. Schmeltz Jr. - Museu Godeffroy de Hamburgo	Sem título	Pele de aves de Angola e de um linco de Portugal	AHMB Div. 532-2
4 de Janeiro	Museu de Londres	Sem título	11 mamíferos de Portugal	AHMB Div. 532-3
4 de Janeiro	Augusto Nobre	Sem título	11 mamíferos de Portugal	AHMB Div. 532-3
Sem data	Smithsonian	"Remetido ao Smithsonian Institute - p mr. Cope"	5 Anfíbios Portugueses 7 anfíbios Angolanos	AHMB Div. 532-4
Sem data	Van Beneden	"P. ^a Van Beneden"	10 aves	AHMB Div. 532-5
Sem data	Sharpe	"Aves remetidas p ^a R. B. Sharpe"	26 aves	AHMB Div. 532-7
Sem data	Desconhecido	"Mamíferos remetidos em consulta a Mr. [?]"	32 mamíferos de Angola	AHMB Div. 532-8
Sem data	Museu de Milão	sem título	11 aves e 19 anfíbios e répteis	AHMB Div. 532-9
Sem data	Museu de Paris	sem título	6 anfíbios	AHMB Div. 532-9
Sem data	Museu de Berlin	sem título	61 mamíferos e 32 anfíbios e répteis	AHMB Div. 532-9
Sem data	Hartlaub	"Aves remetidas em comunicação a Hartlaub"	18 aves de África	AHMB Div. 532-10
Sem data	Sharpe	"Aves remetidas a Sharpe"	9 aves de África	AHMB Div. 532-10
Sem data	Museu de Bremen - Hartlaub	"P. ^a o Museu de Bremen"	40 espécies de aves de África	AHMB Div. 532-11
Sem data	Museu de Turim	"Oferecidos ao Museu de Turim"	19 espécies de anfíbios e répteis de África	AHMB Div. 532-12
Sem data	Milne-Edwards - Museu de Paris	"Crustaceos Remetidos a Mr. Milne Edwards Museu de Paris"	23 Crustáceos, 1 aracnídeo	AHMB Div. 532-12
Sem data	Dumeril - Paris	"Reptis remetidos a Mr. Dumeril"	10 répteis de Angola	AHMB Div. 532-12
Sem data	Paz-Graells - Espanha	"Offdos a Sr. Paz"	5 conchas	AHMB Div. 532-14
Sem data	Museu da Academia Politécnica	"Lista dos exemplares"	Várias dezenas de	AHMB Div. 532-

	do Porto	<i>oferecidas pelo Museu de Lisboa, ao Museu da Academia Polytechnica do Porto</i>	espécimenes de aves	15
Sem data	Instituto dos Cegos de Castelo de Vide	<i>"Relação dos exemplares enviados pela Secção Zoologica do Museu de Lisboa ao Instituto dos Cegos em Castello de Vide"</i>	5 mamíferos e 8 aves	AHMB Div. 532-17
Sem data	Museu de Coimbra	<i>"Exemplares p^a Coimbra"</i>	Várias dezenas de espécimenes de aves	AHMB Div. 532-20
Sem data	Colégio Militar	<i>"Collecção do Real Collegio Militar"</i>	15 aves e vários invertebrados	AHMB Div. 517
Nota: a presente tabela foi construída apenas com base na documentação atualmente existente nas pastas "Diversos" do AHMB.				

O Museu Zoológico da Universidade de Coimbra

Embora de natureza e índole claramente diferentes, é fácil traçar paralelos entre o Museu de Lisboa e o Museu Zoológico da Universidade no que toca à evolução das suas coleções, condições físicas e estruturais e recursos humanos. Tanto num como no outro assistir-se-ia a um importante crescimento no que toca às coleções, a uma maior afirmação científica e social. Contrariamente a Lisboa, em que Bocage manteria praticamente vitalícia a direção do Museu, o Museu Universitário conheceria diferentes diretores, que na sua maioria corresponderiam aos lentes proprietários da cadeira de Zoologia¹¹¹⁴. O pessoal nunca seria em grande número, limitando-se ao diretor, geralmente o lente proprietário da cadeira de Zoologia, um naturalista adjunto, e um funcionário¹¹¹⁵. A data de contratação do primeiro naturalista adjunto não é clara. Um dos primeiros e únicos de que temos informações concretas é Lopes Vieira. Adriano Xavier Lopes Vieira (1841 - 1910), Doutor em Medicina pela Universidade de Coimbra, viria a assumir o cargo de naturalista-adjunto do gabinete em Maio de 1879, cargo que viria a acumular com os de Fiscal da Faculdade de Medicina (entre 1877 e 1885), e as aulas em diversas cadeiras do curso de Medicina. Os trabalhos de Lopes Vieira, que no seu cargo de naturalista-adjunto viria a trabalhar com diferentes diretores, focar-se-iam não só na coordenação e estudo de parte das coleções, mas também pela preparação taxidérmica dos espécimes.

A evolução do Museu Zoológico, à semelhança do seu congénere lisboeta, é desde logo visível pelos planos de aumento do espaço físico do museu. Este plano, iniciado logo nos primeiros anos da década de cinquenta, viria a transformar radicalmente os espaços físicos do museu, passando das originais três salas dedicadas à história natural para cinco salas amplas exclusivamente dedicadas à zoologia, no início do século XX. Com o encerramento do antigo hospital da

¹¹¹⁴ António José Rodrigues Vidal da Fonseca (de 1867 a 1868); Joaquim Augusto Simões de Carvalho (de 1868 a 1870); Manuel dos Santos Pereira Jardim (de 1874 a 1879); Albino Giraldes (de 1880 a 1887); António J. G. Guimarães (de 1887 a 1888); Manuel Paulino de Oliveira (de 1888 a 1898). De 1870 a 1873 não se conseguiu apurar a identidade do diretor. Vide Rodrigues (1992)

¹¹¹⁵ Carvalho (1872: p. 165)

Conceição, paredes meias com o edifício da Faculdade de Filosofia onde o museu se encontrava, a Faculdade seria convidada, na passagem de 1852 para 1853, a escolher as partes do extinto hospital que pretendia para aumento do Museu. Em Conselho de Faculdade, seria escolhido *"todo o andar superior do dicto hospital, mandando abrir as convenientes comunicações, e mandando proceder à arrematação das obras mais necessárias e urgentes."*¹¹¹⁶. As obras, que se iniciariam praticamente de imediato e a bom ritmo¹¹¹⁷, só em 1884, já durante a direção de Albino Giraldes, é que a primeira galeria ficaria completa e seria aberta ao público. A nova galeria (Figura 35), segundo Giraldes, apresentava-se como:

*"[...] uma vasta galeria de 41^m20 de comprimento, na direcção de leste a oeste, com 9^m15 de largura, e abrangendo por tanto uma superfície superior a tresentos metros quadrados. Communica com o resto do edificio por duas portas ao sul e outras duas nos topos da sala, que é profusamente illuminada por sete grandes janellas guarnecidas de sanefas de estofo azul-ferrete — a cor da faculdade de philosophia — e com transparentes espessos para moderar a intensidade da luz, que altera mais ou menos a côr dos productos naturaes. Uma extensa galeria envidraçada, mais particularmente representada na estampa, e composta de quatorze corpos, exteriormente distinctos, mas communicando todos interiormente, occupa toda a parede do lado do sul fronteira ás janellas. Sobre esta galeria, para a qual se sobe por duas escadas em espiral collocadas nas extremidades, assentam uma serie de armarios, igualmente envidraçados, e que se elevam quasi á altura da cornija do tecto. Nos topos da sala, a um e outro lado das portas, e no intervallo das janellas, estão collocadas vitrinas de madeira de faia guarnecidas com filetes de páu preto, e onde se acha exposta a collecção conchyliologica que pertenceu ao fallecido Mengo, e foi comprada a seus herdeiros pela faculdade de philosophia. [...] Toda a galeria e os armarios superiores em frente das janellas estão occupados exclusivamente pelos mammiferos e aves de Portugal."*¹¹¹⁸

¹¹¹⁶ Carvalho (1872: p. 135)

¹¹¹⁷ Carvalho (1872: p. 147)

¹¹¹⁸ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M1



Figura 35 - Fotografia da nova galeria aquando da sua inauguração. Adaptado de Giraldes (1884)

Apesar da imponência e dimensão da nova galeria, seriam várias as coleções que mesmo assim não caberiam nos espaços expositivos do museu¹¹¹⁹. Para além de insuficientes, as condições estruturais do museu apresentavam também um considerável risco de ruína, com o telhado "podre" e que ao "*primeiro inverno chuvoso*" poderia ceder sobre as coleções e os seus funcionários¹¹²⁰. Segundo a opinião do seu diretor, aquilo que separava o Museu de Coimbra "*dos mais bellos da Europa*" devia-se pura e simplesmente à falta de recursos, que podiam muito bem ser aproveitados com a construção de "*menos uma torre em qualquer igreja provinciana*", ou pela compra de "*alguns capacetes a menos para o exercito*"¹¹²¹. No

¹¹¹⁹ Como, por exemplo, a coleção de conchas oferecida por D. Pedro (vide Documentação Transcrita - Apêndice M1).

¹¹²⁰ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M2

¹¹²¹ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M2

final da década de oitenta¹¹²² e início da década de noventa¹¹²³, o museu contaria com quatro salas dedicadas às coleções zoológicas, a sala/anfiteatro para as aulas (Figura 36), bem como "casas de trabalho e gabinetes de estudo do respectivo director e do naturalista adjunto" e uma biblioteca.



Figura 36 - Anfiteatro de Zoologia, em 1893, fotografia por Augusto Bobone. Fonte: Alma Mater UC

A configuração das salas é por si reveladora da natureza do Museu universitário:

"Na primeira das salas a partir da que serve de aula de Zoologia vêem-se ainda os antigos armários com exemplares de mineralogia, os quaes aguardam a conclusão das obras na secção respectiva para serem para ahi transferidos. Entretanto o espaço disponível na sala vai sendo guarnecido com esqueletos, principalmente dos nossos mammiferos marítimos e terrestres, entre os quaes figuram o de – Orca gladiator Van Ben – Tursiops tursio Fah. – Delphinus delphis

¹¹²² Vide Documentação Transcrita - Apêndice M3

¹¹²³ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M4

L. – Cervus elaphus L. – Meles taxus Schred – e Bos taurus L. Alem d'estes esqueletos completos, ha muitos esqueletos de cabeças de diferentes mamíferos entre os quaes sobresahe uma collecção pertencente ás diferentes raças de bois de Portugal.

A segunda sala contem actualmente as collecções para exemplificação e demonstração na aula de Zoologia, vendo-se ahi representadas todas as classes de animaes e em collecções bastante desenvolvidas.

A terceira sala, muito mais ampla do que as duas antecedentes, acha-se occupada pelas collecções geraes, principalmente compostas de mamíferos e aves exóticas, alojando ainda provisoriamente a collecção de molluscos exóticos e nacionaes. N'esta parte o Museu pode considerar-se pobre e destituído de interesse; nem se pensa em engradecel-o, mas antes em dar todo o desenvolvimento ás collecções portugezas.

Segue-se a quarta sala, tão vasta como a terceira, e na qual se accommodam as collecções de vertebrados de Portugal. Esta sala tem em baixo ao longo da ininterrupta galeria envidraçada a collecção dos nossos mamíferos terrestres; do mesmo lado e por cima a collecção de aves; n'um dos topos a collecção de reptis e amphibios, e nos outros dois lados os peixes. Ao centro ha vitrinas especiaes com a collecção dos ninhos e ovos das aves que criam em Portugal. Assim como não encobrimos nem calamos a pobreza e insufficiencia do Museu em collecções geraes, assim também não deixaremos de apontar a perfeição, nitidez e valor scientifico das collecções dos nossos vertebrados. Sabemos que nenhuma d'ellas está completa, nem por emquanto existem collecções nacionaes completas em Museu algum particular ou publico, e só pelo conhecimento de todas as collecções existentes se poderá determinar qualquer das secções da nossa fauna. Mas nem por isso deixam de ter muito valor as collecções de vertebrados do Museu da Universidade de Coimbra pelo numero de especies que n'ellas se acham representadas, pela exactidão das indicações da localidade de proveniência, epocha de captura e sexo que acompanham os exemplares, pelas series de exemplares com que se representa a espécie e pela naturalidade das posições e nitidez de preparação dos exemplares."¹¹²⁴

A dedicação de três salas a coleções gerais e de anatomia comparada evidenciam claramente a natureza pedagógica do estabelecimento. A presença de vários grupos animais numa mesma sala, serviria para apresentar em termos genéricos aos alunos a diversidade do mundo animal, de forma complementar ao ensino teórico (Figura 37).

¹¹²⁴ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M4



Figura 37 - Sala das coleções gerais, em 1893, fotografia por Augusto Bobone. Fonte: Alma Mater UC

No entanto, a quarta sala, dedicada à fauna portuguesa, extravasava claramente a estrita vocação pedagógica, mas assumia-se como repositório de investigações próprias e fonte de consulta sobre as espécies Portuguesas. Contrariamente ao "museu Africano" de Bocage, o Museu de Coimbra apostaria claramente no estudo da fauna nacional. Este ponto poder-se-á explicar por várias razões: Bocage assumia o "seu" museu como a principal instituição capacitada para o estudo da fauna das possessões ultramarinas, afastando por isso as demais instituições deste estudo¹¹²⁵; os elevados recursos necessários para a exploração sistemática da fauna africana limitariam a capacidade da Faculdade de Filosofia de poder explorar convenientemente a mesma, sendo a exploração zoológica do país

¹¹²⁵ É disso claro exemplo um trecho de uma das atas do conselho da Faculdade de Filosofia: "Em 12 de janeiro [1869] [...]. Recebeu-se participação de que o governo não concedia para a Universidade a colleção de productos coloniaes, dando-lhe outro destino em Lisboa." in Carvalho (1872: p. 172).

bastante mais barata; e por fim o próprio facto de o estudo da fauna nacional ser um nicho académico praticamente desocupado. Como veremos no capítulo seguinte, o estudo da fauna Portuguesa vir-se-ia a afirmar como um das marcas identitárias do Museu Zoológico de Coimbra e da maioria dos seus diretores e naturalistas. O desenvolvimento das coleções da fauna metropolitana seriam o mote para os melhoramentos projetados por Paulino de Oliveira. Para além da requisição das duas salas anexas ao Museu, uma delas a biblioteca e a seguinte a sala da aula de desenho, o diretor pretendia resumir as coleções gerais às duas primeiras salas imediatamente seguintes à sala de aula, enquanto as restantes quatro serviriam para colocar apenas coleções da fauna Portuguesa: a primeira para a coleção de peixes, a segunda para coleções de mamíferos, aves (incluindo os seus ninhos), répteis e anfíbios, enquanto a terceira e a quarta dedicadas aos vários grupos de invertebrados¹¹²⁶. Era assim opinião de Paulino de Oliveira:

*"O que nos cumpre primeiro estudar e conhecer a nós portugueses é o que é nosso, o que temos no proprio paiz. O que póde elevar o Museu zoologico é o desempenhar-se elle do encargo que naturalmente lhe incumbe de estudar e representar nas suas collecções a fauna portugueza. Oxalá se tivesse pensado assim desde ha muito, e o Museu Zoologico da Universidade teria prestado muito melhor serviço á sciencia em geral e a Portugal em especial. N'este sentido se encaminham hoje os esforços da direcção do Museu e dos seus collaboradores; e tambem os poderes superiormente dirigentes no nosso paiz se mostram empenhados no mesmo fim, votando ha poucos annos uma verba especialmente destinada para explorações zoologicas."*¹¹²⁷

As recomendações de Paulino de Oliveira seriam seguidas, e o museu, no início do século XX, assumia-se como o local de excelência para o estudo da fauna Portuguesa. De acordo com um artigo publicado no popular periódico *A Illustração Portuguesa* em 1911, o museu era composto da seguinte maneira:

"As collecções nacionaes são verdadeiramente preciosas. Os mammiferos são representados por 187 exemplares correspondendo a 50 espécies. A collecção d'aves nacionaes é completa e d'uma preparação impecavel; contem 1:157 exemplares. Como valioso complemento d'esta collecção encontram-se nas vitrines 317 ninhos de todas as aves. Difficilmente se encontrarão especies que

¹¹²⁶ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M4

¹¹²⁷ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M4

*ahi não estejam representadas. São igualmente completas as collecções de reptis e batrachios, com 184 exemplares; as de crustáceos, arachnideos, myriapodos, coelenterados e echinodermes (1:810 exemplares); a de peixes (327 exemplares); a de molluscos (1:600) especies). Os insectos nacionaes formam uma das maiores collecções. Todos os naturalistas que estudam a fauna iberica conhecem a preciosa collecção do fallecido professor Paulino d'Oliveira, as collecções de lepidopteros, hemipteros, orthopteros, cujo valor se pode calcular pelas propostas de compra feitas ao museu por especialistas estrangeiros. As collecções exóticas acham-se também amplamente desenvolvidas. Avultam pela sua importância as collecções de insectos (58:000 exemplares), aves (2:010), mammiferos (263), conchas (5:000), reptis (263). Ao lermos esta enumeração não esqueçamos que não sao incluídas as reservas, que contadas elevariam os insectos a mais de 100:000 exemplares."*¹¹²⁸.

Estes números, que contrastam claramente com os acanhados números patentes no catálogo de 1849, seriam o fruto de uma evolução no número de remessas, ofertas e até compras de espécimenes durante quase sessenta anos. Este processo de enriquecimento iniciar-se-ia logo a partir dos primeiros anos da segunda metade do século, vindo a apresentar um maior fulgor a partir do último quarto do mesmo. No entanto o processo seria lento e estaria bastante dependente da ação de beneméritos que através de ofertas contribuía para o aumento das coleções. Não será pois de estranhar que em 1869 o ornitólogo amador Alfred Charles Smith o considerasse de certo modo indiferente, com coleções incompletas e particularmente pobres no que tocava à fauna nacional, notando ainda de forma acutilante o péssimo estado taxidérmico da maioria das coleções, mas ressaltando o empenho com que a direção do museu se apresentava para enriquecer as mesmas¹¹²⁹. Seriam várias as fontes, que pelo menos desde 1858¹¹³⁰, forneceriam o museu com espécimenes zoológicos. Particulares de renome como o Barão de Castelo de Paiva¹¹³¹ ou o Marquês de Sá da Bandeira¹¹³², passando por imigrantes

¹¹²⁸ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M5

¹¹²⁹ Smith (1870) *cit. in* Brigola (2010: p. 180-181)

¹¹³⁰ Carvalho (1872: p. 147)

¹¹³¹ Carvalho (1872: p. 165)

¹¹³² Carvalho (1872: p. 171)

Portugueses radicados no Brasil como João Elisiário de Carvalho Montenegro¹¹³³ e José Elydio de Carvalho¹¹³⁴, ou naturalistas e amadores como o "bicheiro-mor" de Bocage, José Maria de Rosa Carvalho¹¹³⁵ ou o próprio Paulino de Oliveira¹¹³⁶, futuro diretor do museu, seriam alguns dos contribuidores principais para o crescimento das coleções zoológicas no terceiro quarto do século XIX. Seria também nesta altura que o Museu recorreria à compra de espécimes em estabelecimentos estrangeiros, como a Casa Verraux e Deyrolle de Paris¹¹³⁷. De Lisboa, após a autorização da troca de exemplares entre ambas as instituições assinada pelo Conselho da Faculdade em 1864¹¹³⁸, troca essa que se processaria de forma bastante desequilibrada e praticamente apenas no sentido Lisboa - Coimbra, seriam transferidas do Museu de Lisboa para o Museu Zoológico várias coleções em especial de aves¹¹³⁹. Assim, no início do último quarto do século, em 1878, ainda antes da quarta sala estar completa e aberta ao público, as coleções do

¹¹³³ Carvalho (1872: p. 167-168)

¹¹³⁴ Carvalho (1872: p. 169)

¹¹³⁵ Carvalho (1872: p. 172).

¹¹³⁶ Carvalho (1872: p. 172).

¹¹³⁷ “ [...] verifica-se pelo livro de registo das despesas do Museu que, em 1867, 1870 e 1872, foram ali comprados [em Paris] bastantes exemplares zoológicos já montados que importaram em 1.748\$355, sendo constituída exclusivamente por 50 exemplares de mamíferos, a encomenda feita em 1872 na importância de 5839 francos, a qual foi paga em quatro prestações, efectuando-se o ultimo pagamento em Julho de 1874.” in Themido (1938). “Em 15 de julho [1871] procedeu-se á visita dos estabelecimentos. No museu foram examinados alguns exemplares de mineraes do reino, e uma curiosa collecção de aves e mammiferos, parte adquirida por donativos, parte por compra em Paris, e parte preparada no estabelecimento. Foi vista e apreciada a collecção conchyliologica, comprada á sr.ª viúva Mengo.” in Carvalho (1872: p. 175); “Em 19 de abril [1871] recebeu-se o seguinte: nova remessa de aves das nossas possessões de África, offerecida pelo sr. Barbosa du Bocage; [...]” in Carvalho (1872: p. 175)

¹¹³⁸ Carvalho (1872: p. 165)

¹¹³⁹ “Em 23 de maio [1867] foi o Conselho informado dos valiosos presentes, feitos pelo sr. José Vicente Barbosa du Bocage ao museu e ao jardim botânico, consistindo o primeiro em algumas especies de mammiferos, e muitas de aves e molluscos, e o segundo de uma numerosa e rica collecção de orchideas. Todas estas offertas foram recebidas com profundo reconhecimento.” in Carvalho (1872: p. 169); “Em 4 de junho [1870] foi o Conselho informado dos seguintes offerecimentos, que unanimemente agradeceu: Do sr. Barbosa du Bocage, uma numerosa collecção de aves, alguns mammiferos, alguns crustáceos, e um espongiário; [...]” in Carvalho (1872: p. 173) - vide AHMB Div. 482; AHMB Div. 494.

museu eram impressionantes. Segundo o expressivo relato deixado pela irlandesa Marie de Solmes (1813-1883), mais conhecida pelo apelido do seu casamento com Urbano Rattazzi (1808 - 1873), o museu era "*imenso*", dotado de uma grande variedade de seres dos mais variados grupos faunísticos e variadas origens geográficas, mas que porém apresentavam condições taxidérmicas bastante deficientes¹¹⁴⁰ A má qualidade taxidérmica, já referida por Smith em 1869 como vimos acima, só viria a ser resolvida após a chegada de Lopes Vieira ao cargo de naturalista adjunto, em 1879, e pela sua adoção de novas técnicas e produtos taxidérmicos, tal como o uso do sabão arsenical, naftalina, e formol¹¹⁴¹. E seria a partir da década de oitenta, sendo Albino Giraldes diretor, que um maior número de coleções e espécimes entrariam no Museu, boa parte deles originários dos territórios ultramarinos. Em particular a missão científica a São Tomé, atribuída a Adolpho Frederico Möller (1842 - 1920), inspetor interino do Jardim Botânico de Coimbra, por Júlio Henriques (1838 - 1928), diretor do Jardim e lente catedrático da Faculdade de Filosofia, enriqueceriam as coleções do Museu com vários produtos zoológicos¹¹⁴². Esta missão, realizada entre Maio e Setembro de 1885, seria na sua essência uma missão botânica, com o intuito em recolher espécimes botânicos para o herbário e para o jardim, porém Möller recolheria também vários grupos faunísticos, entre os quais espécimes que viriam a servir de base para a descrição de novas espécies, como veremos no capítulo seguinte. Após a viagem de Möller, seriam oferecidas ao museu outros exemplares zoológicos por Franco Quintas, residente em São Tomé¹¹⁴³. Mas seriam sobretudo os espécimes da fauna nacional que começariam a compor os armários do museu. Aquando da abertura na nova sala de zoologia, em 1884, seriam as coleções de conchas do falecido Silva Mengo, os mamíferos de Portugal, mais de mil e trezentos exemplares de aves de Portugal, na sua maioria preparadas e coletadas por Lopes

¹¹⁴⁰ Rattazzi (1881) *cit. in* Brigola (2010: p.192).

¹¹⁴¹ Vieira (1883a, 1883b, 1887, 1895a, 1895b), Oliveira (1895a).

¹¹⁴² Vieira (1886)

¹¹⁴³ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M2

Vieira, todas elas montadas "*em poleiros ou peanhas brancas, de base quadrada, e sustentadas por quatro pequenas esferas que assentam nos armarios*", com etiquetas contendo o nome científico, nome comum, localidade e data de captura, sexo, nome do coletor¹¹⁴⁴.

Em 1886, começar-se-ia a coleção de ninhos e ovos das aves Portuguesas, que, no mesmo ano, incluiria representantes de oitenta espécies; expor-se-ia a coleção herpetológica, com mais de trezentos exemplares representando "*doze especies de saurios, oito de ophidios, e treze de batracheos ou amphibios*", coletados "*no districto de Coimbra, na serra da Estrella, na serra d'Aire, no pinhal de Leiria, na serra do Gerez, alguns no Alemtejo e outros diversos pontos do paiz*"; iniciar-se-ia uma nova coleção de crustáceos; inaugurar-se-ia a coleção de insetos, com seiscentos e vinte sete espécies de coleópteros oferecidos por Paulino de Oliveira; aumentava-se a coleção de peixes do país, e a coleção de conchas contaria com mais de mil trezentos e sessenta e quatro exemplares já catalogados e identificados nos armários do museu, fora os restantes espécimes em depósito¹¹⁴⁵. De forma a enriquecer as coleções ainda mais, Albino Girdes resumia a necessidades do museu ao seguinte:

"1.º Exemplares naturaes, de anatomia clastica, e desenhos, que auxiliem o professor nas suas prelecções e facilitem por igual a instrucção dos alumnos.

2.º Uma collecção de cabeças e esqueletos inteiros de vertebrados, principalmente de mamíferos, para o estudo da anatomia comparada.

3.º Renovação e augmento das collecções geraes, e designadamente de mamíferos e aves, que constituem o principal ornamento dos museus de historia natural, e chamam utilmente a attenção do publico para estes estabelecimentos.

4.º Collecções de exemplares das varias classes do reino animal que se acham mal representadas ou não existem ainda no Museu.

¹¹⁴⁴ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M1. As referidas etiquetas foram irresponsavelmente retiradas das peanhas, que viriam a ser pintadas de negro, durante a segunda metade do século XX, roubando à coleção boa parte do seu valor histórico e científico.

¹¹⁴⁵ Vide Documentação Transcrita - Apêndice M2

5.º Livros e tratados de zoologia descriptiva, monographias e obras iconographicas, indispensáveis para a determinação das especies comprehendidas nos differentes grupos zoologicos.

6.º Completar as collecções do paiz por meio de explorações em mais larga escala, e por modo que num futuro mais ou menos proximo possa começar a escrever-se a fauna de Portugal. Para tudo isto não chega evidentemente a dotação actual do Museu, a qual precisa ser elevada, pelo menos durante alguns annos consecutivos, a uma quantia não inferior a dois contos de reis."

Em Abril e Dezembro de 1887¹¹⁴⁶, bem como em Abril de 1888¹¹⁴⁷ seriam novamente enviados pelo Museu de Lisboa coleções de aves, em particular da fauna africana, e em 1892 e 1893, Lopes Vieira empreenderia uma viagem com o intuito de coletar espécimes de peixes nas praias da Nazaré e da Póvoa do Varzim¹¹⁴⁸. Já nos primeiros anos do século XX uma oferta de mamíferos africanos por parte de Theodoro José da Cruz seria alvo de uma pequena reportagem por parte da revista *O Occidente*¹¹⁴⁹ (Figura 38). O grande crescimento das coleções, e a existência de um considerável número de duplicados, levariam a que o Museu Zoológico viesse também ele ser convocado pelo Governo para suprir a necessidade de coleções de história natural dos gabinetes liceais. É disso prova clara a minuta endereçada à Universidade em Março de 1896, requerendo o apoio de Paulino de Oliveira para a organização de coleções que posteriormente deviam

¹¹⁴⁶ AHMB Div. 505; AHMB Div. 507

¹¹⁴⁷ AHMB Div, 508

¹¹⁴⁸ Vieira (1893a)

¹¹⁴⁹ "No Museu de Historia Natural da Universidade de Coimbra / Este importante museu de Historia Natural, foi ultimamente enriquecido com uma coleção de apreciáveis exemplares da classes dos antilopes, gamos, mustelanos e outros da nossa África Occidental. Foi o sr. Theodoro José da Cruz que enviou da África para o Museu da Universidade de Coimbra as peles, por elle preparadas, dos animaes e que foram ali tratadas e armadas pelo preparador do museu, com perfeição, como se pode julgar pela fotografia que reproduzimos neste n.º. É digno de todo o louvor o sr. Theodoro José da Cruz pela sua valiosa oferta aquelle estabelecimento científico do pais, e pelas suas explorações naturalistas na África Occidental. O rei D. Pedro V foi, nos tempos mordernos, o monarcha português que mais se interessou pelo Museu da Universidade de Coimbra, pois o enriquece com valiosas coleções zoológicas, de que citaremos uma valiosa coleção de aves em que avultam algumas especies raras e de grande belesa. Não menos importantes são os exemplares com que enriqueceu a coleção conquiologica em numero de 104 especies, procedentes do Mar Pacifico, do Brazil e algumas das nossas possessões ultramarinas." in Anónimo (1906).

ser enviadas aos liceus¹¹⁵⁰. Embora não tenhamos qualquer evidência documental que prove essas transferências, sabemos que o Museu Zoológico, à semelhança do Museu de Lisboa, viria a fornecer coleções a alguns liceus nacionais.

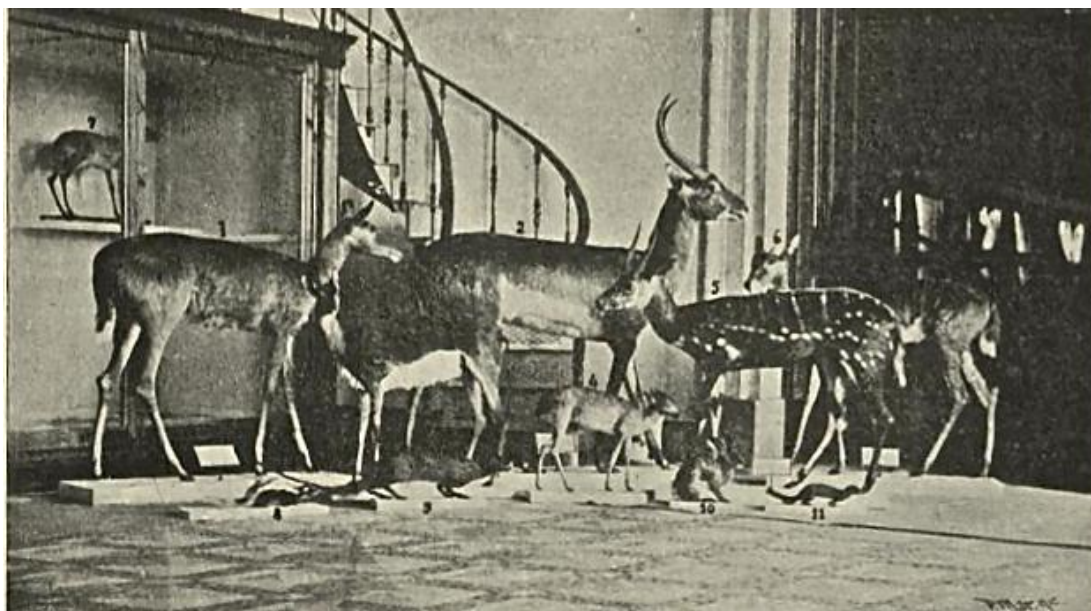


Figura 38 - Fotos dos espécimes oferecidos por Theodoro José da Cruz ao Museu. Adaptado de Anónimo (1906)

O Gabinete de Zoologia da Academia Politécnica do Porto

Tal como referido anteriormente, as coleções do Gabinete de História Natural da Academia Politécnica do Porto eram bastante limitadas. No ano letivo de 1878 - 1879, dá-nos conta o "*Anuário da Academia Polytechnica do Porto*" que

¹¹⁵⁰ "*Universidade de Coimbra / Secretaria 11-3-1896 / Ministério do Reino, Direcção geral de Instrucção Publica / 3ª Repartição / Tendo de urgente necessidade proceder-se á organização de collecções methodicas, necessárias para o ensino da Zoologia nos lyceus, de harmonia com os programas da nova reforma de instrucção secundária: Determina Sua Magesta El-Rei que o Director do Museu de Coimbra, Doutor Manuel Paulino d'Oliveira, seja encarregado gratuitamente de organizar as referidas collecções zoologicas, ficando dispensado do serviço de regências de cadeiras e dos actos sempre que o julgue necessário, continuando porem na direcção do gabinete zoologico. Para o bom desempenho d'esta comissão de serviço fica o mesmo funcionário auctorizado a fazer as despesas precisas para aquisição e preparação dos exemplares, devendo mandar mensalmente à direcção Geral d'Instrucção Pública a nota das despesas effectuadas, devidamente documentadas, afim de ser auctorizado o seu pagamento. / Paço, em onze de Março de mil oitocentos e noventa e seis / João Francisco Franco Pinto Castello-Branco*" in AHUC - Processo do Prof. Paulino de Oliveira

as coleções de zoologia se resumiam a alguns modelos de anatomia comparada "Auzoux", oito exemplares de mamíferos "*como typos das ordens: Quadromanos, carnivoros, ruminantes, roedores e desdentados (clas. de Milne Edwards)*", oitenta e um exemplares de aves, oferecidas pelo diretor do gabinete e lente da 7ª cadeira (Zoologia) Arnaldo Anselmo Ferreira Braga (? - ?), e dois esqueletos das mesmas, quarenta e seis répteis, dois "*batrachios [...] da ordem dos anuros*", a "*Parte ossea da cabeça d'um peixe*" e dois esqueletos, "*cento e noventa e tres especies diferentes de molluscos terrestres, fluviaes e maritimos do Archipelago Madeirense, e das Ilhas Canarias (Collecção offerecida á Academia Polytechnica pelo Ex.^{mo} Barão de Castello de Paiva, lente jubilado de Botanica da mesma Academia)*", "*Uma numerosa collecção conchyliologica de varias procedencias*", e cinquenta exemplares de zoófitos, para além de uma coleção completa de quadro parietais de apoio às aulas¹¹⁵¹. A situação não se alteraria na década seguinte, o que levaria Manuel Amândio Gonçalves (1861 - 1928), lente da 11ª cadeira (Zoologia), e Aarão Ferreira de Lacerda (1863 - 1921), lente-substituto da mesma cadeira, a expor a necessidade de alterações:

"De accordo com o numero 16 do art. 92 do regulamento da Academia e para satisfazer a uma proposta approvada pelo conselho em julho passado, apresentamos hoje a V. Ex.^a as notas do que possuem os gabinetes de historia natural, fazendo ao mesmo tempo sentir as necessidades mais urgentes para que o ensino nas cadeiras 9ª, 10ª e 11ª se eleve ao nivel em que deve collocar-se. É de lamentar que um estabelecimento, habilitando alumnos para os estudos de medicina, não possua nas cadeiras de botanica e zoologia, onde a frequencia é muito consideravel, os recursos indispensaveis para fornecer o ensino d'estas sciencias satisfazendo, ao menos ás exigencias mediocres do nosso meio. A dotação é pequenissima; não há naturalistas adjuntos, nem preparadores, nem, pelo menos, serventes. Os professores têm de conservar e manter o aceio do pouco que existe. Julgamos que o governo deve attender ao estado do ensino das sciencias naturaes no Porto, ministrando á Academia Polytechnica o pessoal e dotação que em seguida indicamos. Não pretendemos crear collecções de animaes, em que a parte mais importante é substituida por palha, pedimos recursos para que o estudante que frequenta a Academia execute trabalhos ao microscopio, disseque os animaes mais importantes pelos seus caracteres de organização, e observe os mineraes, rochas e fosseis que o professor lhe descreve. Com 6:000\$000 de reis era possivel crear os trabalhos de microscopia e de dissecação, augmentando ao mesmo tempo as collecções existentes de modo a melhorar consideravelmente o ensino das sciencias naturaes. Estes trabalhos e

¹¹⁵¹ (Anónimo 1879: p. 39 - 41)

as modificações, que todos os annos se terão de fazer, acarretam, porém, despesas que a dotação ordinaria da Academia não pode cobrir. Basta notar que, pela distribuição d'este anno, pertenceram 175\$000 reis ao gabinete de zoologia, egual quantia ao gabinete de mineralogia, geologia e paleontologia, e 100\$000 reis ao jardim botanico, dotações manifestamente insufficientes para custear os trabalhos que se deveriam executar, por não ser nunca inferior a cincoenta o numero de alumnos nas cadeiras 10^a e 11^a. É por isso, necessario que, além da parte da dotação ordinaria que lhes possa pertencer, os gabinetes de historia natural disponham de 1:200\$000 reis por anno. Tres naturalistas adjuntos, um para a secção mineralogica outro para a secção botanica e um terceiro para a secção zoologica, com tres serventes constituem o pessoal mais indispensavel"¹¹⁵²

Esta situação levaria a que logo no ano seguinte a direção da Academia endereçasse um pedido de espécimes ao Museu de Lisboa¹¹⁵³, algo que viria a ser prontamente acedido por Bocage, que no início de Maio do mesmo ano remeteria para a Academia uma coleção de aves, bem como a promessa de futuras remessas¹¹⁵⁴. A pobreza das coleções só viria a ser combatida a partir da década de 1890, conduzindo a uma época marcada por uma extraordinária evolução das coleções do gabinete de Zoologia, e que corresponderia à chegada do jovem Augusto Nobre à instituição. Desde muito cedo apaixonado pela natureza, Augusto Pereira Nobre (1865 - 1946) havia estudado Botânica e Zoologia na Universidade de Coimbra em 1884, sob orientação de nomes como os de Albino Giraldes, Paulino de Oliveira ou Júlio Henriques, tendo colaborado em vários trabalhos ligados às coleções coimbrãs. No entanto Augusto Nobre não terminaria o curso da faculdade de Filosofia, transitando temporariamente para a Academia Politécnica do Porto para rumar a França. Em França formar-se-ia sob a orientação científica de Edmond Perrier (1844 - 1921), à altura diretor do Muséum, e frequentaria a

¹¹⁵² (Anónimo 1889: p. 39)

¹¹⁵³ "*Constando-me pelo lente da Cadeira de Zoologia d'esta academia, que o Gabinete da Escola Polytechnica de Lisboa, de que V. Ex. é dignissimo director, possui muitos exemplares zoologicos repetidos, tomo a liberdade de recorrer a V. Ex. para ver se seria possivel dispôr de alguns d'elles a favor do gabinete de Zoologia d'esta Academia.* [assinado pelo diretor da Academia Politécnica do Porto Francisco Gomes Teixeira]" in AHMB Div. 262.

¹¹⁵⁴ "*Accusando a remessa d'uma collecção d'aves de que V. Ex. se dignou dar-me conhecimento no officio de 1 do corre tenho a honra de me dirigir a V. Ex. para lhe agradecer tão valiosa offerta bem como a promessa de novas remessas com que V. Ex. virá enriquecer as collecções do nosso Gabinete de Zoologia, e prestar assim um relevantissimo serviço ao ensino nesta academia.*" in AHMB Div. 264

Universidade da Sorbonne, a École Pratique des Hautes Études, e a Estação Zoológica de Sète da Universidade de Montpellier¹¹⁵⁵. Será porventura importante referir, visto que em parte explica a apetência juvenil para o naturalismo, mas também que por coincidência (ou não) se viriam a cruzar mais tarde a propósito do enriquecimento das coleções do gabinete de Zoologia da Academia, a ligação de amizade entre Augusto Nobre e Francisco Newton. Praticamente da mesma idade, Nobre e Newton terão sido companheiros no "*grupo lecense*", como Nobre apelida o seu grupo de amigos da juventude de Leça da Palmeira¹¹⁵⁶. Sendo Francisco Newton filho de Isaac Newton, o naturalista amador, conseguimos pressupor uma possível transmissão de interesses entre o grupo de amigos de Leça da Palmeira. A relação de amizade manter-se-ia entre ambos até à morte, de tal modo que durante as cerimónias fúnebres do explorador naturalista, seria o próprio Augusto Nobre a carregar o caixão do seu amigo e a ficar responsável pelo selar do mesmo¹¹⁵⁷.

A convite de Amândio Gonçalves, então já lente da 10^a cadeira (Botânica), seria convidado para assistente em 1890, e no ano seguinte seria nomeado ajudante prático de Aarão de Lacerda que assumira entretanto o cargo de lente da Zoologia. Augusto Nobre iniciaria desde logo o trabalho nas coleções do gabinete. No anuário do ano letivo de 1891-1892 publicar-se-ia desde logo o novo "*Catalogo do Gabinete de Zoologia*"¹¹⁵⁸, já organizado por Augusto Nobre. Para além de "*collecções ainda não revistas e classificadas*", Nobre apresentava agora um gabinete reformulado, possuidor de vários "*apparelhos, microscopios e lentes, material de dissecação*", preparações microscópicas de protozoários, infusoários, diversos grupos de invertebrados, e preparações anatómicas, uma considerável

¹¹⁵⁵ Almaça (1997c)

¹¹⁵⁶ Nobre (1945: p. 13)

¹¹⁵⁷ "*Celebraram-se na igreja de Mattosinhos os responsos de sepultura por alma do mallogrado naturalista Francisco Newton. A assistencia era bastante numerosa. Recebeu a chave do feretro o snr. dr. Augusto Nobre. Seguraram ás azas do ataúde os snrs. dr. Augusto Nobre, Carlos Chambers, Jorge Chambers, Antonio Alberto da Cerveira Pinto, Fernando Allen Costa e Luiz Guerreiro Lima. Terminada a cerimonia religiosa, foi o cadaver transportado para o cemitero. Dirigiu o funeral o armador snr. Cardoso, de Leça da Palmeira.*" in Anónimo (1909a)

¹¹⁵⁸ Nobre (1892)

coleção entomológica, uma coleção malacológica dividida entre a "*Collecção para o estudo da Introdução à malacologia*", a "*Collecção Geral*", "*Uma numerosa collecção de conchas terrestres fluviaes e marinhas do archipelago da Madeira, offerecida pelo Barão de Castello de Paiva*", e as "*Conchas da ilha de S. Thomé e Suecia Occidental offerecidas pelos Ex^{mos} Snrs. Dr. Malm e José Fortunato de Castro*", três novas espécies de répteis Portugueses e 12 de anfíbios, "*alguns exemplares de peixes adquiridos no mercado de Lisboa em 1890*", uma nova coleção de aves "*offerecida pelo Museu de Lisboa*" (certamente a remessa enviada em Maio de 1890, contendo 82 aves¹¹⁵⁹) e "*alguns exemplares zoologicos de S. Thomé recolhidos e offerecidos pelo ex.^{mo} snr. Francisco Newton*"¹¹⁶⁰. Embora boa parte das novas coleções não se devessem em particular à atuação de Augusto Nobre, o fato é que o ajudante de naturalista contribuiria ele próprio para o enriquecimento do gabinete, nomeadamente com a oferta de "*10 reptis do Brazil*", uma "*collecção de molluscos, annelideos crustaceos e echinodermes de Cette (França, mediterraneo) recolhidos em 1889*" e "*exemplares de peixes, annelideos, crustaceos e echinodermes de Leça da Palmeira e Foz*"¹¹⁶¹.

Como ajudante de zoologia e funcionário do gabinete Nobre publicaria em 1893, no *Anuario* do ano letivo de 1892 - 1893, o catálogo intitulado "*Reptis e batrachios de Portugal existentes no Laboratório de Zoologia da Academia Polytechnica do Porto*"¹¹⁶². A escolha do grupo, sobre o qual Nobre já havia em 1890 publicado um pequeno estudo anatómico do *Triturus boscai*¹¹⁶³, dever-se-ia à existência de uma coleção contendo praticamente todas as espécies do país, o que desde logo compreendia poucas espécies, todas elas razoavelmente bem conhecidas. A catalogação da coleção, acompanhada das descrições feitas por

¹¹⁵⁹ AHMB Div. 511

¹¹⁶⁰ Nobre (1892)

¹¹⁶¹ Nobre (1892)

¹¹⁶² Nobre (1893)

¹¹⁶³ Nobre (1890)

Nobre dos exemplares nela presentes, teria a dupla função de por um lado apresentação publica e institucional da coleção - um catálogo - mas ao mesmo tempo de servir de auxiliar ao estudo dos alunos da Academia Politécnica¹¹⁶⁴. O que mais se nota porém, no que às coleções do gabinete diz respeito, durante a gestão de Augusto Nobre, é o grande incremento em números das mesmas. Estes incrementos são visíveis nos vários relatórios/catálogo publicados nos anuários da Academia Politécnica. Entre 1890 e 1900 seriam vários os contribuidores com coleções e espécimenes. Entre todas são de especial destaque as ofertas de "*um mamífero e vinte e cinco aves*" oferecidas por Lopes Vieira e "*echinodermes*" por Paulino de Oliveira do Museu de Coimbra, "*reptis e batrachios*" por Bethencourt Ferreira e peixes e crustáceos Portugueses por Balthasar Osório do Museu de Lisboa, bem como de particulares¹¹⁶⁵. Mas seria após a promoção de Augusto Nobre a naturalista-adjunto da Academia Politécnica do Porto, efetivada a 5 de Dezembro de 1901 que este incremento se faria de forma mais acelerada. Seriam várias as aquisições de aves e mamíferos, feitas ao taxidermista lisboeta António Francisco Mendes (que conjugava o seu negócio privado de comerciante de história natural com o de taxidermista no Museu de Lisboa), ao caçador-naturalista João Reis Júnior do Porto, e à família Newton.

Para além destes, registrar-se-ia também a passagem de duplicados da coleção de conchas do Museu Municipal do Porto para o Gabinete de Zoologia. Esta transferência aconteceria em 1906, após o empréstimo da coleção a Augusto Nobre para que fosse classificada¹¹⁶⁶, sendo a mesma concluída em Fevereiro de 1909, altura em que retornaria ao Museu Municipal, mantendo-se no entanto alguns

¹¹⁶⁴ Nobre (1893: p. 85-86)

¹¹⁶⁵ Nobre (1895: p. 45-46; 1897: p. 146-147)

¹¹⁶⁶ "*Illmo Exmo Snr. / Tenho a honra de accusar a recepção do officio de V. Excia de 26 do corrente e de treze caixoes contendo a collecção conchyliologica do Museu Municipal do Porto, cujo estudo V. Excia se dignou confiar-me, cedendo generosamente em favor do Museu da Academia Polytechnica do Porto, alguns duplicados das especies abundantemente representadas na referida collecção. / Deus Guarde a V. Excia / Illmo Exmo Snr Antonio Augusto da Rocha Peixoto / Dist. Conservador do Museu Municipal do Porto / 27 de Janeiro de 1906 / O naturalista adjunto / Augusto Nobre*" in Pasta MHNUP

duplicados no gabinete de Zoologia¹¹⁶⁷. Outras importantes aquisições para o gabinete seriam duas grandes coleções de invertebrados marinhos: a coleção de invertebrados marinhos de Plymouth, adquirida à Marine Biological Association, e a coleção de animais marinhos do Golfo de Nápoles, oferecidas pela Stazione Zoologica Anton Dohrn¹¹⁶⁸, que dariam ambas entrada no gabinete de Zoologia em 1905.

A conjuntura da Academia permitiria mesmo que o crescimento das coleções se processasse através da exploração naturalista dos territórios ultramarinos, em particular a Angola, à semelhança do que acontecia em Lisboa e Coimbra. Não será de estranhar, visto as relações de amizade que ligavam Augusto Nobre e Francisco Newton, bem como a fama de explorador que este último construía ao serviço do Museu de Lisboa, que a exploração a Angola fosse entregue ao "license" Newton. Indicado por Nobre a Aarão de Lacerda e a Bento Carqueja, Newton partiria para Angola em Fevereiro de 1903¹¹⁶⁹, onde se manteria

¹¹⁶⁷ "Ill^{mo} Ex^{mo} Snr / Tenho a honra de enviar a V. Ex^{cia} o catalogo manuscripto da collecção de conchas do Muzeu Municipal do Porto que V. Ex^{cia} se dignou submeter ao meu estudo. Este catalogo não abrange a totalidade das conchas d'essa collecção porque muitas d'ellas, sobretudo as terrestres e fluviaes, estavam já em tão mau estado de conservação que uma determinação conscienciosa se tornava impossível e porque nas condições em que taes exemplares se encontravam o seu valor é por assim dizer nullo. A mesma observação devo fazer acerca dos bivalvos, uns descorados pella acção da luz durante muitos annos de exposição, outros, a maior parte d'elles, com as valvas isoladas e de tal maneira misturadas as especies que uma separação rigorosa demandaria um tempo demasiadamente longo de que eu não poderia dispor. Se a collecção estivesse em bom estado de conservação seria realmente valiosa por ser bastante rica em especies e em exemplares. Nas condições porem em que se encontrava decidi-me pela catalogação da parte aproveitavel, que é a que o manuscripto representa. Pelo exame d'este catalogo e pela sua confrontação com a parte impressa e elaborada pelo dignissimo antecessor de V.Ex^{cia} podera V Ex^{cia} verificar que a minha classificação diverge por vezes da do catalogo impresso isto em razão d'aquella ser já muito antiquada e nem sempre o numero de especies e exemplares citados corresponder ao que pude encontrar na collecção que examinei. Em razão da auctorisação concedida por V. Ex^{cia} reservei para o Museu desta Academia alguns exemplares das especies cujo numero de exemplares assim o permitia, tendo communicado este facto a Direcção deste Muzeu afim de que a V. Ex^{cia} sejam apresentados os devidos agradecimentos por tão generosa offerta. / Deus Guarde a V. Ex^{cia} / Porto 8 de Fevereiro de 1909 / Ill^{mo} Ex^{mo} Snr Antonio Augusto Rocha Peixoto / Dig^{mo} Director do Muzeu Municipal do Porto / Muzeu de Zoologia da Academia Polytechnica do Porto / O naturalista adjunto / Augusto Nobre" in Pasta MHNUP.

¹¹⁶⁸ Vide Pasta MHNUP

¹¹⁶⁹ "Havendo o explorador naturalista Francisco Newton terminado a sua missão junto do Muzeu de Lisboa, depois de muitos annos de serviços nas colonias portuguezas, eu lembrei-me de procurar conseguir que os serviços d'aquelle intelligente naturalista podessem ser aproveitados em favor do Muzeu de Zoologia da Academia Polytechnica do Porto, o que, então, representava uma difficuldade

pelo menos até Setembro do ano seguinte¹¹⁷⁰. A exploração, que se cingiria principalmente a duas zonas da província de Angola - a zona entre Luanda e o Novo Redondo, e a zona de Moçâmedes - produziria riquíssimas coleções, quer em termos de número, quer em termos de valor científico. Contrariamente às restantes explorações de Newton, a exploração realizada sob os auspícios da Academia Politécnica do Porto, é talvez aquela sobre a qual menos estudo e atenção têm sido dedicada na (curtíssima) bibliografia dedicada aos trabalhos do naturalista apesar da considerável bibliografia científica resultante do estudo das coleções em si mesmas, sendo por isso talvez importante apresentar aqui as poucas informações, todas elas inéditas, disponíveis no escasso material conhecido relativo à missão.

Desde a sua chegada a Angola até praticamente a Março de 1904, Newton terá focado os seus trabalhos nas regiões circundantes de Luanda e Novo Redondo. São várias as referências a localidades próximas como N'Dalla Tando, Golungo Alto, Gumba, Serra de Selles, Cambondo, Cafuxi, Katala, N'Golla Bumba, Quissange e o Rio Luinha. Desta primeira fase de exploração resultariam pelo menos sete remessas de coleções para o Porto:

- Em Junho de 1903, do Novo Redondo, 4 caixas com produtos zoológicos;
- Em Setembro de 1903, de Luanda, 10 caixas com produtos zoológicos;
- Em Outubro de 1903, de N'Dalla Tando, 2 caixas com produtos zoológicos;
- Em Novembro de 1903, de Luanda, 4 caixas com produtos zoológicos, contendo uma delas produtos da "*Bahia de Anna de Chaves - S. Thomé*", porventura enviados para Luanda por algum colaborador seu;
- Em Dezembro de 1903, de Luanda, 2 caixas com produtos zoológicos;

quasi invencível. Exposta, porém, a ideia e as vantagens que resultariam para este estabelecimento ao sr. Bento Carqueja, taes esforços empregou este illustre professor que Francisco Newton era nomeado e partia para a sua missão em Fevereiro de 1903." in Nobre (1905: p. 103-104).

¹¹⁷⁰ É esta a ultima data em que temos referência de artigos coletados por Newton no distrito de Mossamedes. É provável que este tenha sido o ultimo mês de explorações, tendo o naturalista regressado a Portugal após isso. No entanto não temos documentação segura que nos permita afirmar com precisão a data de regresso.

- Em Março de 1904, do distrito de Luanda, "*frascos [...] em quatro caixotes contendo nos outros dous aves, mamíferos, ninhos, etc. fazendo um total de seis caixotes*".

Após chegada destas coleções ao Porto, Augusto Nobre enviaria parte delas, nomeadamente os espécimes de mamíferos, aves, répteis e anfíbios, para Bethencourt Ferreira e Antero de Seabra, ambos do museu de Lisboa, ficando a seu cargo as coleções de malacologia. Esta alocação de coleções por diversos especialistas, claramente reveladora da crescente especialização e de uma já considerável rede interna de colaborações, resultaria na publicação de vários artigos, alguns deles descrevendo novas taxa para a ciência. Sobre os anfíbios e os répteis Bethencourt Ferreira publicaria dois trabalhos, o "*Reptis e Amphibios de Angola da região ao norte do Quanza (Collecção Newton - 1903)*" em 1904¹¹⁷¹, e o "*Algumas especies novas ou pouco conhecidas de Amphibios e Reptis de Angola (Collecção Newton -1903-1904)*" em 1906¹¹⁷². Nestes dois trabalhos, e com base nas coleções de Newton, seriam descritos por Ferreira os seguintes taxa:

- *Rappia nobrei*
- *Hylambates bocagei* var. *leucopunctata*
- *Typhlops bocagei*
- *Rappia bivittata*
- *Rappia osorioi*
- *Rappia seabrai*
- *Rappia fasciata*
- *Arthroleptis carquejai*
- *Rappia bocagei* var. *maculata*
- *Rappia platyceps* var. *angolensis*

¹¹⁷¹ Ferreira (1904)

¹¹⁷² Ferreira (1906). As espécies descritas neste trabalho e no antecedente foram alvo de investigação aprofundada por parte do autor e o catálogo dos espécimes tipo desta coleção encontra-se atualmente *in press*, em co-autoria do autor (autor principal) e de colegas da California Academy of Sciences e da Universidade de Évora (Ceríaco et al. *in press* a).

Relativamente aos mamíferos e às aves, Antero de Seabra publicaria em 1905 o "*Mammíferos e aves da exploração de F. Newton em Angola*"¹¹⁷³ e o "*Aves de Angola da exploração de F. Newton*"¹¹⁷⁴. Após o estudo e identificação, os espécimenes regressariam para o Porto. Da segunda fase da missão, a informação que temos é bem mais deficiente, resumindo-se apenas à indicação de que os espécimenes terão sido coletados por Newton nas localidades de Porto Alexandre, Rio Coroca, Rio Cunene, e zona de Moçâmedes, entre Julho e Setembro de 1904, e à semelhança das coleções da zona norte, viriam também eles a ser trabalhados e publicados por Antero de Seabra e Augusto Nobre¹¹⁷⁵.

Embora destinadas ao ensino, as coleções do gabinete de Zoologia, tornar-se-iam materiais de investigação. Este aproveitamento, iniciado por Nobre logo após a sua nomeação para assistente em 1891, seria uma das principais formas de afirmação do nome da Academia portuense nos meios científicos internacionais ligados à zoologia, e teria em Nobre e na sua dedicação à malacologia e à biologia marinha a sua imagem de marca. A extensa bibliografia de Nobre sobre essas temáticas, iniciada ainda antes do seu regresso ao Porto, seria expandida através dos seus estudos sobre as coleções que se começavam a reunir no gabinete. O programa de investigações associado ao gabinete de Zoologia, mas comum aos restantes investigadores das várias áreas da História Natural da Academia, e também de Coimbra e Lisboa, levaria ao estabelecimento de uma publicação de um novo periódico científico, sob a alçada de Nobre - os *Annaes de Sciencias Naturaes*. Publicados entre 1894 e 1906, sairiam ao todo 10 volumes, onde para além de Nobre, publicariam Gonçalo Sampaio (1865 - 1937), botânico do Porto, Lopes Vieira e Paulino de Oliveira de Coimbra, o ornitólogo amador William C. Tait, entre outros naturalistas nacionais e estrangeiros. Com um enfoque especial no estudo

¹¹⁷³ Seabra (1905a)

¹¹⁷⁴ Seabra (1905b)

¹¹⁷⁵ Seabra (1906a; 1906b; 1906c; 1906d; 1906e; 1907); Nobre (1907).

da fauna e flora nacionais, os *Annaes* reuniriam em si textos da comunidade científica estabelecida a norte do Mondego, e viria em parte a funcionar como uma alternativa ao "*Jornal das Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*" da Academia. A obra de Nobre, quer como responsável pelo desenvolvimento do gabinete, quer pelas suas investigações, quer pela responsabilidade editorial dos *Annaes*, levariam a que este fosse admitido como docente na Faculdade de Ciências do Porto, transformação "republicana" da Academia Politécnica, em 1912, vindo a tomar posse como professor ordinário em 1915. Embora desde há muito Nobre apelidasse o gabinete de Zoologia de "Museu", seria apenas em 1916 que este abriria oficialmente ao público. Sobre a direção de Nobre continuaria o enriquecimento das coleções e investigações sobre as mesmas até praticamente à sua morte, deixando um importante legado à zoologia nacional.

O "Museu Açoreano"

Num semelhante caso de dedicação particular, vale a pena referir o caso especial do "*Museu Açoreano*" de Ponta Delgada, nos Açores. Criado em 1876 por Carlos Maria Gomes Machado (1828 - 1901), licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra e professor da cadeira de "*Introdução aos três reinos*" e Reitor do Liceu de Ponta Delgada, o "*Museu Açoreano*" teria como principal objetivo apoiar o ensino das ciências naturais no Liceu de Ponta Delgada. No entanto, face ao interesse que a História Natural açoriana despertava na comunidade científica internacional, bem como ao interesse da população local cada vez mais interessada no tema, o museu transformar-se-ia rapidamente num museu aberto ao público. A história do "*Museu Açoreano*" é singular em todo o contexto nacional, pois contrariamente à maioria das coleções liceais, no caso açoriano assistiríamos a uma evolução direta de um gabinete de História Natural de liceu para uma instituição museológica autónoma, possuidora de numerosas coleções, e com a sua identidade e programas científicos próprios. Estabelecido no seio do Liceu, então localizado no Convento de Nossa Senhora da Graça de Ponta Delgada, o novo museu viria a substituir as antigas coleções de história natural aí existentes. Segundo Carlos Machado, à altura reitor e professor da cadeira de

história natural, esta coleção encontrava-se em 1876 bastante deteriorada "num armário sem condições algumas de resguardo, e todos os exemplares perdidos pela traça e mais insectos destruidores. [...] tão diminutas, que ainda que tudo se salvasse, de mui pouco aproveitavam"¹¹⁷⁶. Embora localizado no seio do Liceu, a dimensão e público-alvo do museu extravasava, desde a sua conceção por Carlos Machado, o interesse puramente liceal:

"[...] era necessário adquirir muito maior cópia de espécies em história natural; e de preferência as espécies açoreanas, que mais directamente interessam os alunos dêstes estabelecimento; e não só êstes mas o mundo científico em geral. A nossa posição geográfica entre a Europa, América e África dá a êste arquipélago uma feição especial, que muito interessa os naturalistas: vários têm vindo estudá-la, e entre outros principiamente Mousson, Hochstetter, Drouet, e Morelet, Hartung, Reiss e Godman; mas fazendo só uma pequena estação de 3 ou 4 meses, como é possível percorrer e estudar 9 ilhas? É esta a razão por que alguns ramos estão ainda mal estudados, outros completamente desconhecidos, como são, por exemplo, os habitantes do mar. De que vantagem não seria pois colligir num local único os seres do reino animal, vegetal e mineral, que habitam estas ilhas e oferecê-los assim, em pouco tempo, ao exame e observação dos naturalistas, que aqui aportam, facilitando-lhes o progresso e adiantamento das ciências naturais? Daqui a ideia da criação de um museu açoreano, cuja necessidade e vantagens V. Ex.^a reconheceu."¹¹⁷⁷.

Mas para a criação de um museu seriam necessárias aquisições de livros, armários de acondicionamento, materiais de conservação, e muito particularmente espécimenes. A grande maioria destas necessidades seriam supridas por iniciativa particular do próprio Carlos Machado e de vários benfeitores. No que toca aos espécimenes, Carlos Machado exporia o seguinte:

" Dirigi-me a todos os patricios que me constava possuíam objectos apropriados ao fim e pedi-os: devo declarar a V. Ex.^a que raríssimos deixaram de satisfazer aos meus pedidos. Oficiei ainda a muitos patricios residentes na América do Norte, Brasil, Montevideu, Austrália, Índia, China, Angola, Moçambique, etc., etc.; já recebi da América uma pequena remessa e consta-me que está em viagem uma de Pernambuco. Oficiei ao digno Director do Museu Zoológico de Lisboa pedindo-lhe a sua efficacissima protecção e tive o prazer de receber promessa da sua coadjuvação com duplicados do Museu a seu cargo. Oficiei ao meu amigo e snr. dr. Manuel Paulino de Oliveira, único entomologista do nosso país, que já me consta prepara uma colecção portuguesa de insectos para o nosso Museu. Oficiei

¹¹⁷⁶ Anglin (1944: p. 237).

¹¹⁷⁷ Anglin (1944: p. 238).

*ao meu amigo snr. José Maria Rosa de Carvalho, de Coimbra, amador bem conhecido e um dos mais eficazes colaboradores do museu nacional de Lisboa, que gostosamente acedeu ao meu pedido. Oficiei emfim a todos os amadores de Portugal, pedindo-lhes o seu auxilio. Oficiei ainda para França aos sns. H. Drouet e A. Morelet, distintos naturalistas, que vieram estudar este arquipélago sob o ponto de vista de historia natural, e cuja coadjuvação era importantissima por só ele poderem ministrar espécimens das espécies novas, que aqui encontraram e primeiramente foram descritas nas suas obras. M. A. Morelet teve a obsequiosa bondade, não só de me felicitar pelo meu empreendimento, mas de me remeter logo uma colecção da maior parte das espécies concheológicas por êle observadas nos Açôres, estudo a que principalmente se havia dedicado. Tomei conhecimento com um distinto entomologista francês M. Ronpel, cirurgião de 1.^a classe da armada, a quem pedi também protecção para o nosso Museu: acabo de receber dele uma carta, em que me participa ter-me remetido já uma boa colecção de insectos de França, e que partindo em breve para Cabo Verde e Canárias esperava fazer boa colheita de que eu participaria. Já por intervenção e apresentação do mesmo snr. recebi de M. de Lésélene, de Brest, possuidor de uma mui numerosa colecção entomológica e concheológica, oferecimento de espécies da sua colecção em troca de açoreanas. Não posso omitir, Ex.mo Snr., e folgo em o manifestar, a coadjuvação, que tenho recebido dos meus discipulos, e mais estudantes dêste Liceu, procurando espontâneamente espécies indigenas, e mesmo exóticas, para ofertarem ao Museu, desenvolvendo-se-lhes assim o gôsto pelo estudo da ciências naturais, até então aqui desconhecido."*¹¹⁷⁸.

A promessa de Bocage seria cumprida em Julho de 1877, com o envio de 54 exemplares de aves, distribuídas por 50 espécies diferentes, e de dois mamíferos¹¹⁷⁹, aos quais se seguiriam pelo menos mais duas remessas na décadas seguintes¹¹⁸⁰. De outros, como Fortunato Zagury (? - ?), natural de Ponta Delgada mas residente na vila do Dendo, Brasil, seguiriam para o museu micaelense a 17 de Março de 1880 "quatro caixotes, contendo artigos de história natural"¹¹⁸¹.

O "*Museu Açoreano*" abriria as suas portas ao público a 17 de Junho de 1880. Esta abertura ao público, única no contexto dos museus liceais, seria bastante bem recebida por toda a comunidade micaelense, tendo a sala estado cheia de visitantes

¹¹⁷⁸ Anglin (1944: p. 239-241).

¹¹⁷⁹ AHMB Div. 488

¹¹⁸⁰ "*Lista das aves remettidas em 2 de Abril de 1881 p.^a os Açores - pelo Museu de Lisboa*" (AHMB Div. 498), ou ainda "*Lista das aves offerecidas pela Secção Zoologica do Museu Nacional ao Museu Municipal de Ponta Delgada em maio de 1892*" (AHMB Div. 514)

¹¹⁸¹ Anglin (1944: p. 244).

durante os três dias seguintes à sua abertura¹¹⁸². A abertura das portas do museu à comunidade, para além de uma clara aposta na instrução público não liceal, funcionaria também como forma de suprir a inexistência local de um estabelecimento científico capaz de acolher investigações de naturalistas locais e estrangeiros. A abertura ao público permitiria ao Conselho do Liceu, a contratação de um preparador/conservador, legitimaria o pedido ao governo de uma verba especialmente destinada ao museu, bem como a isenção de direitos alfandegários para as encomendas do museu¹¹⁸³. O aumento da verba permitiria, entre outros, a aquisição de novos materiais e espécimes, bem como ressarcir Carlos Machado de algumas das compras que o próprio houvera feito do seu bolso para o Museu¹¹⁸⁴.

É neste contexto que o Museu se começaria a ver rodeado por um conjunto de naturalistas nacionais e estrangeiros, todos com o interesse comum de conhecer e estudar a História Natural do arquipélago. Talvez o mais conhecido seja Francisco de Arruda Furtado, que se ligaria ao museu praticamente desde a sua fundação até 1885, altura em que seria contratado como naturalista pelo Museu de Lisboa, mudando-se para Lisboa até praticamente à sua morte em 1887. Durante o tempo em que foi colaborador do Museu Açoriano, Arruda Furtado distinguir-se-ia como malacologista, mas sobretudo pela sua aguerrida defesa da teoria de Charles Darwin, com quem aliás se correspondeu. Não aprofundaremos muito a biografia de Arruda Furtado, já consideravelmente bem conhecida e trabalhada por diversos autores¹¹⁸⁵, mas parece-nos importante aproveitar algumas questões ligadas à sua atividade naturalista no museu e a sua relação com a comunidade científica

¹¹⁸² Furtado (1880a)

¹¹⁸³ Anglin (1944)

¹¹⁸⁴ Anglin (1944: p. 234)

¹¹⁸⁵ Toda a obra de Arruda Furtado, bem como uma bibliografia detalhada sobre a sua vida e obra pode ser encontrada em www.iac-azores.org/biblioteca-virtual/arruda-furtado (acedido em 22 de Março de 2014).

internacional¹¹⁸⁶. Seria através das coleções por ele recolhidas em São Miguel, e depositadas no Museu Açoriano, que Furtado se assumiria como malacologista. Destes trabalhos e coleções viriam a lume as "*Indagações sobre a complicação das maxilas de alguns hélices naturalizados nos Açores com respeito às das mesmas espécies observadas por Monquin-Tandon em França*"¹¹⁸⁷, o importante trabalho biogeográfico "*A propósito da distribuição dos moluscos terrestres nos Açores*"¹¹⁸⁸, as "*Pequenas contribuições para o estudo da origem das espécies malacológicas terrestres das ilhas dos Açores. Sobre alguns exemplares de Helix aspersa Müller recolhidas nas paragens elevadas e áridas da ilha de S. Miguel*"¹¹⁸⁹, e o estudo "*On Viquesnelia atlantica Morelet et Droüet*"¹¹⁹⁰, publicado nos *Annals and Magazine of Natural History*, que lhe granjearia a fama e o respeito junto da comunidade internacional. Esta fama, cimentada também ela por uma forte rede epistolográfica entre Furtado e vários naturalistas europeus¹¹⁹¹, faria de Furtado e do Museu Açoriano os principais interlocutores nacionais no contexto da exploração da História Natural do arquipélago. Um claro exemplo da sua importância como nodo pivotal desta rede, é o caso do estudos sobre a aracnofauna insular por parte do naturalista francês Eugène Simon (1848 - 1924), para quem Furtado coligiria espécimenes açorianos, e que descreveria várias espécies novas de aranhas, entre elas a *Pardosa Furtadoi*, em honra de Arruda Furtado¹¹⁹². Seriam vários os

¹¹⁸⁶ Foi recentemente localizado na biblioteca central do MUHNAC várias pastas contendo documentação manuscrita inédita de Arruda Furtado, sendo que parte desse material se referirá a documentos pessoais de Arruda Furtado e apontamentos vários sobre as suas investigações durante esta época. Este material encontra-se atualmente em estudo por uma equipa onde o autor se encontra incluído.

¹¹⁸⁷ Furtado (1880b)

¹¹⁸⁸ Furtado (1881a)

¹¹⁸⁹ Furtado (1881b)

¹¹⁹⁰ Furtado (1881c). Graças ao impacto deste trabalho, o mesmo viria a ser republicado em Português no *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* no ano seguinte (Furtado 1882).

¹¹⁹¹ Vide Arruda (2002).

¹¹⁹² Simon (1883).

naturalistas estrangeiros que teriam em Furtado um dos seus principais correspondentes nos Açores, tendo mesmo alguns deles visitado e trabalhado no campo em sua companhia. Terão sido disso exemplos as missões científicas da equipa britânica a bordo do *Challenger* (1873 -1876, estariam em Ponta Delgada em Agosto de 1876), e da equipa francesa a bordo do *Travailleur* e do *Talisman* (1880 a 1883, estariam em Ponta Delgada em Agosto de 1883). A equipa desta última visitaria o museu aquando da sua passagem pelo arquipélago, e deixaria para além de elogios, promessas de intercâmbio¹¹⁹³. Anos mais tarde, já após a morte de Furtado, o Museu e o arquipélago viriam a ser visitados pelo príncipe Alberto do Mónaco nas suas campanhas oceanográficas. Face às constantes solicitações de naturalistas estrangeiros, mas também por se ter tornado um polo agregador da comunidade naturalista Micaelense, o museu "liceal" criado por Carlos Machado em 1876, tornar-se-ia em 1890 independente do Liceu¹¹⁹⁴, passando a sua administração para a égide do Município de Ponta Delgada.

¹¹⁹³ Furtado (1884a)

¹¹⁹⁴ Embora se viesse a manter no mesmo espaço até 1930, época em que seria transferido para o Convento de Santo André, local onde ainda hoje se encontra.

Capítulo 14 – Atividade Científica: Taxonomia, evolucionismo e inserção nas redes internacionais

Após preencher o Museu de Lisboa com as necessidades básicas para a prática científica, nomeadamente coleções representativas dos vários grupos taxonómicos e bibliografia especializada, Bocage possuía a base necessária para iniciar o seu programa de investigações. Tanto as coleções de referência como a bibliografia especializada apresentavam-se como a base imprescindível para o desenvolvimento de investigações maioritariamente baseadas na comparação entre espécimes e descrições. Por outro lado, enquanto as coleções de referência e bibliografia serviriam de base "instrumental" para o desenvolvimento das investigações, as coleções e espécimes remetidos pelos colaboradores e exploradores do Museu apresentar-se-iam como a sua matéria prima.

Para além dos casos já apresentados no primeiro capítulo desta parte, um dos primeiros e mais interessantes trabalhos de Bocage seria o da "redescoberta" da identidade e origem geográfica do famoso Lagarto Gigante de Cabo-Verde, então *Euprepes coctei*, descrito por Duméril e Bibron em 1839 com base num espécimen da Ajuda, capturado por Feijó durante a sua viagem filosófica. Desde a publicação da descrição original, terão sido muito poucas as informações publicadas sobre o lagarto Cabo-Verdiano, e a sua origem geográfica mantinha-se até então desconhecida. O primeiro contacto de Bocage com o lagarto gigante ocorreria na sua primeira visita a Paris, onde acompanhado por Auguste Duméril, filho de um dos descritores da espécie, teria oportunidade de estudar o holótipo. Aquando do seu regresso a Lisboa, Bocage encontraria alguns espécimes semelhantes nas

antigas coleções do Museu de Lisboa¹¹⁹⁵, algo que, apesar da sua importância, não permitiria responder a uma das principais questões sobre a espécie - a sua origem e distribuição geográfica - visto que o espécimen não tinha consigo qualquer tipo de informações associadas. Ao analisar todas as possibilidades, Bocage apontaria o arquipélago Cabo-Verdiano como a provável *terra typica* da espécie, algo que, num misto de sorte e sentido de oportunidade viria a ser confirmado no ano seguinte, graças à remessa de três espécimes vivos, coletados no Ilhéu Branco por Francisco Frederico Hoppfer, médico e chefe dos serviços sanitários em Cabo Verde¹¹⁹⁶. A contribuição de Hoppfer teria a maior importância para o conhecimento da rara espécie, e permitiria a Bocage resolver as questões taxonómicas e de distribuição sobre o misterioso animal, e consequentemente informar toda a comunidade científica sobre essas mesmas descobertas¹¹⁹⁷.

A colaboração de Hoppfer, à semelhança de muitos outros amadores e interessados como já vimos anteriormente, resultaria em importantes descobertas. No entanto o núcleo essencial da estratégia de enriquecimento das coleções, e consequentemente dos estudos zoológicos, seria baseada no trabalho de exploradores contratados pelo governo para a exploração dos territórios coloniais. Devido à impossibilidade de Pinheiro Bayão de assumir a exploração dos territórios ultramarinos da África Ocidental, Bocage viria a contar com o trabalho de dois exploradores, que juntos lhe forneceriam a base material para a maioria da sua obra científica - José de Anchieta e Francisco Newton. José Alberto de Oliveira Anchieta revelar-se-ia como o principal responsável pelo enriquecimento das coleções do Museu e pela sustentação material da obra científica de Bocage¹¹⁹⁸. Anchieta seria contratado pelo governo Português em 1866 para levar a cabo uma

¹¹⁹⁵ Bocage, 1873a

¹¹⁹⁶ AHMB CN H37; Bocage 1873a

¹¹⁹⁷ Bocage 1873b

¹¹⁹⁸ Uma importante biografia de Anchieta, maioritariamente baseada na correspondência entre o explorador e Bocage, cuja localização após o desmantelamento da Biblioteca Geral da Agência do Ultramar é desconhecida, foi publicada em 1985 por Banha de Andrade e constitui um trabalho incomparável no que diz respeito à vida e trabalhos científicos de Anchieta (Andrade 1985)

expedição naturalista aos territórios Portuguese da África Ocidental, com o objetivo de colecionar e remeter para o Museu de Lisboa espécimenes e coleções zoológicas. Apesar dos planos originais incluírem, para além de Angola, a exploração de São Tomé e Príncipe, Anchieta nunca chegaria a visitar São Tomé e Príncipe, vindo a permanecer nos territórios Angolanos de 1866 até à sua morte em 1897.



Figura 39 - Laboratório de Anchieta em Caconda. Fonte: AHMB

Durante as três décadas da sua estadia em Angola, Anchieta iria explorar e colecionar intensivamente as várias províncias, contribuindo como ninguém para o conhecimento da fauna do território. O número de coleções que Anchieta remeteria para Lisboa atingiria valores na ordem dos milhares, tendo por exemplo, durante os trinta e um anos que permaneceria em Angola em missão para o Museu, enviado não menos de quatro mil seiscentos e seis exemplares de aves, perfazendo aproximadamente quinhentas e sessenta espécies, das quais quarenta e seis seriam à altura desconhecidas e viriam a ser descritas por Bocage e por Augusto de

Sousa¹¹⁹⁹. Para os outros grupos taxonómicos os resultados seriam em tudo semelhantes. Para os mamíferos, por exemplo, as remessas compreenderiam mais de cem espécies, o que corresponderia a um acréscimo de pelo menos oitenta espécies para a fauna Angolana, visto que à altura do início da expedição não se conheceriam mais de vinte espécies para o território, e das quais pelo menos vinte cinco seriam também elas desconhecidas para a ciência¹²⁰⁰. No que toca à herpetologia, o contributo de Anchieta seria avassalador, tendo em conta que a primeira lista publicada por Bocage sobre anfíbios e répteis de Angola e Congo, publicada em 1866, apontava a existência de não mais que cinquenta e sete espécies de Angola e vinte e seis do Congo¹²⁰¹, e quase três décadas depois, em 1895, aquando da publicação da sua *Herpétologie d'Angola et du Congo*¹²⁰², o número de espécies para estas regiões cifrava-se nas cento e noventa e duas, cento e setenta das quais coletadas por Anchieta, tendo quarenta e seis delas sido descritas como novas por Bocage¹²⁰³. Esta colaboração intensa entre o explorador e o zoólogo, contribuiriam de forma ímpar para estudo sistemático e compreensivo da fauna Angolana, traduzido em dezenas de artigos publicados ao longo de trinta anos de colaboração e condensados e integrados nas obras *Ornithologie d'Angola*¹²⁰⁴ e *Herpétologie d'Angola et du Congo*¹²⁰⁵. A primeira seria publicada em 1877, tendo sido diretamente patrocinada pelo Ministério da Marinha e do Ultramar, dirigido pelo seu colega Andrade Corvo, e elencaria quase sete centenas de espécies de aves¹²⁰⁶. Esta obra viria na sequência das várias listas das "Aves das

¹¹⁹⁹ Andrade (1985); Bocage (1897)

¹²⁰⁰ Bocage (1897)

¹²⁰¹ Bocage (1866)

¹²⁰² Bocage (1895)

¹²⁰³ Bocage (1895; 1897)

¹²⁰⁴ Bocage (1877b; 1881)

¹²⁰⁵ Bocage (1895)

¹²⁰⁶ Bocage (1877b; 1881)

possessões portuguesas da Africa occidental que existem no Museu de Lisboa", publicadas por Bocage entre 1867 a 1882¹²⁰⁷, e embora subsequentemente Bocage tenha contribuído para aprofundar o conhecimento sobre a avifauna Angola, com publicações como "*Aves de Benguella da exploração Anchieta*"¹²⁰⁸ ou "*Mammiferos, Aves e Reptis da Hanha, no sertão de Benguella*"¹²⁰⁹, tendo sido todos estes trabalhos realizados através do estudo das coleções enviadas por Anchieta, aquela obra manter-se-ia como a referência máxima relativamente à ornitologia dessa região Africana até muito recentemente. A segunda, publicada em 1895, mantém-se ainda hoje como a referência mais completa sobre a herpetofauna de Angola.

Apesar de originalmente a viagem de Anchieta tivesse sido planeada para apenas quatro anos e estendendo-se para além de Angola às províncias de São Tomé e Príncipe, Guiné e Cabo Verde, o facto é que Anchieta permaneceria em Angola até à sua morte, não tendo tido oportunidade de explorar outras regiões. Ainda durante a vida de Anchieta, Bocage conseguiria obter autorização para contratar um segundo explorador naturalista - Francisco Newton. Em Agosto de 1885 o Ministro Pinheiro Chagas atribuiria a Newton a exploração zoológica das possessões Portuguesas do Golfo da Guiné¹²¹⁰. Esta missão, que se estenderia mais tarde a outras províncias ultramarinas, resultaria também ela em importantes descobertas e a consideráveis aumentos nas coleções do museu. Durante as suas funções de explorador zoológico para o Museu de Lisboa, Francisco Newton visitaria as ilhas de Fernando Pó (atualmente Bioko), Príncipe, São Tomé e Ano Bom (atualmente Annobon) no golfo da Guiné, a Guiné Portuguesa, o protetorado de Dahomé (atual Benim), o arquipélago de Cabo-Verde e Timor, remetendo constantemente remessas de espécimenes para Lisboa. Seriam no entanto os seus trabalhos nas ilhas do Golfo da Guiné que produziriam uma maior quantidade de

¹²⁰⁷ Bocage (1867b; 1867c; 1868; 1869b; 1871; 1872; 1873c; 1873d; 1874a; 1874b; 1876a; 1876b; 1877c; 1877d; 1877e).

¹²⁰⁸ Bocage (1895b)

¹²⁰⁹ Bocage (1896, 1897)

¹²¹⁰ Silva (1940)

coleções e descobertas, visto que Newton se dedicaria ao estudo destas durante quase uma década. Os resultados das explorações de Newton nas quatro ilhas do Golfo da Guiné dariam a Bocage os materiais necessários para contribuir para o conhecimento da fauna do arquipélago, algo para o que a manutenção de contactos regulares entre o explorador e Bocage grandemente contribuiria¹²¹¹. Os resultados da colaboração entre Bocage e Newton seriam consideráveis. Através das coleções de Newton, Bocage viria a descrever vinte e um novos taxa, na sua maioria endémicos das ilhas vulcânicas de Príncipe, São Tomé e Annobom, tais como:

Anfíbios

- *Hyperolius Thomensis*
- *Rana Newtoni*
- *Tympanoceros Newtoni*

Répteis

- *Feylinia polylepis*
- *Mabuia Ozorii*
- *Scelotes poensis*
- *Atractaspis dahomeyensis*
- *Philothamnus Girardi*
- *Stenostoma brevicauda*
- *Thyphlops (Onychocephalus) Newtoni*

Aves

- *Amblyospiza concolor*
- *Cinnyris Newtonii*
- *Lanius (Fiscus) Newtoni*
- *Nectarinia thomensis*
- *Phaeospiza thomensis*
- *Scops scapulatus*
- *Terpsiphone Newtoni*
- *Zosterops griseovirescens*

¹²¹¹ A correspondência entre Newton, Bocage e Osório pode ser encontrada no AHMB (cotas CN N10 a CN N149a), mas encontra-se em parte transcrita em <http://www.triplov.com/newton/> (acedido em 10 de Fevereiro de 2014).

Mamíferos

- *Miniopterus Newtonii*
- *Phyllorhina Commersoni* var. *Thomensis*
- *Sorex (Crocidura) thomensis*

Além da nova taxa, as coleções de Newton contribuíram para clarificações da fauna das ilhas, em algumas dúvidas levantadas pelos trabalhos de Bedriaga nas coleções de Adolfo Möller da Universidade de Coimbra¹²¹² e para a produção dos primeiros trabalhos compreensivos no que diz respeito à fauna do arquipélago¹²¹³. De 1895 a 1898 Newton exploraria Timor, mas contrariamente às expedições do Golfo da Guiné, o trabalho de identificação e classificação das suas coleções, não seria feito por Bocage, mas pelos seus discípulos Bethencourt Ferreira¹²¹⁴ e Antero de Seabra¹²¹⁵, e o naturalista do Porto, Augusto Nobre¹²¹⁶. Em Agosto de 1898, Newton iria ser novamente designado para conduzir investigações zoológicas, desta vez no arquipélago de Cabo Verde e na Guiné Portuguesa, onde se iria manter até 1902. O envio de espécimes, seguido de cartas de correspondência, manteve os níveis de expedições posteriores, e esta última expedição de Newton a estas poses Portuguesas iria produzir resultados que Bocage usou para publicar novos artigos especialmente sobre a ornitologia e herpetologia de Cabo Verde e Guiné¹²¹⁷.

¹²¹² Bedriaga (1892; 1894); Bocage (1893); Cerfaco & Marques (2012)

¹²¹³ Bocage (1903; 1905)

¹²¹⁴ Ferreira (1897b; 1898)

¹²¹⁵ Seabra (1897; 1898)

¹²¹⁶ Nobre (1907b)

¹²¹⁷ Bocage (1901; 1902; 1903)

Por sua vez, contrastando com o "Museu Africano" de Bocage¹²¹⁸, os principais temas de estudo na Museu da Universidade focar-se-iam sobretudo na fauna metropolitana (Tabela 12). Embora a maioria destes estudos começassem a ser publicados apenas a partir de 1875, a produção científica baseada nas coleções de Coimbra viria a tornar-se regular ao longo de todo o final do século XIX e início do século XX. Os principais autores destes trabalhos - Lopes Vieira e Paulino de Oliveira - apostariam principalmente no estudo da fauna nacional com base nas coleções do Museu, mas dariam às suas publicações uma ênfase claramente pedagógica e disseminadora dos conhecimentos. As várias "*Tabelas dichotomicas*" serviriam claramente um objetivo de ensino e instrução, permitindo ao estudantes e público interessado a fácil identificação das espécies nacionais. No entanto, esta aparente exclusividade não seria no entanto total, visto que seriam realizados vários estudos sobre as coleções zoológicas trazidas da ilha de São Tomé por Adolpho Möller. Paulino de Oliveira trabalharia as insetos, Lopes Vieira as aves, Augusto Nobre as conchas, e especialistas estrangeiros como Jacques von Bedriaga (1854 - 1906), Fairmare, Karl Wilhelm Verhoeff (1867 - 1944), Alois Friedrich Rogenhoffer (1831 - 1897) e Philipp Bertkau (1849 - 1894) estudariam os anfíbios e répteis, os insetos, o quilópodes e diplópodes, as borboletas e as aranhas (Tabela 12). Embora legitimada pela posse das coleções São Tomenses, a "aventura Africana" de Coimbra não seria particularmente bem vista por Lisboa. Barbosa du Bocage envolver-se-ia mesmo numa violenta e azeda discussão herpetológica com Bedriaga¹²¹⁹, pondo um fim à colaboração do zoólogo russo com Coimbra e aos seus estudos sobre a herpetofauna de São Tomé, bem como de Portugal.

Na segunda metade do século XIX a disseminação do conhecimento produzido, a sua aceitação pela comunidade, e a colaboração entre pares

¹²¹⁸ "A África, é banal querer demonstrar o grande interesse que a todos desperta tudo quanto de lá vem. É o «continente misterioso», onde tudo é grande, fascinante e desconhecido. Ora, em zoologia de África temos nós feito bastante e pode dizer-se que a secção zoológica do Museu de Lisboa é um museu africano. Todos conhecem as explorações do infatigável José de Anchieta e a Ornitologia de Angola do ilustre director e (pode dizer-se) criador da secção zoológica, Dr. Barbosa du Bocage. Mas o mesmo se não pode dizer da zoologia do país e das ilhas, de que o Museu de Lisboa possui colecções incompletas (nenhumas mesmo pelo que respeita às ilhas)." in Furtado (1886)

¹²¹⁹ Ceríaco & Marques (2012)

apresentava-se muito mais do que uma mera questão de cortesia, mas como uma necessidade vital para o avanço científico. Esta necessidade conduziria ao quase obrigatório estabelecimento de redes de contatos entre naturalistas, consideravelmente mais extensas e complexas do que aquelas existentes até então. No caso de Bocage, desde a altura em que necessitara de contactar vários naturalistas estrangeiros de forma a resolver os problemas levantados pela dúvida identidade taxonómica da Cabra do Gerês, bem como dos pedidos de ajuda a Gray ou a Peters aquando dos seus primeiros contatos com exemplares da fauna Africana, a rede de contatos estender-se-ia e manter-se-ia ativa até praticamente à sua morte. Até ao final da sua vida, Bocage corresponder-se-ia com mais de noventa individualidades ligadas à zoologia e à história natural - de *marchands* naturalistas, naturalistas amadores, naturalistas de museus e universidades da Europa e América do Norte, diretores de instituições museológicas e de ensino, etc. Seria clara a preponderância da correspondência internacional sobre a correspondência nacional. A correspondência de Bocage com a comunidade naturalista nacional seria muito menos numerosa, reflexo claro do diminuto número de zoólogos Portugueses então. Tal como referiria mais tarde Baltasar Osório, Bocage “*não tinha talvez em Portugal uma dúzia de leitores para a sua obra*”¹²²⁰, enquanto por toda a Europa, o seu nome era citado em dezenas de trabalhos. Em claro contraste com a aparente negligência Portuguesa, o zoólogo britânico Albert Günther consideraria Bocage um dos mais importantes membros estrangeiros da Sociedade Zoológica de Londres:

*“I can assure you that your papers have always been received with great satisfaction; I think I may say in the name of the Society that we have no other foreign member who gives us as many valuable publications as yourself.”*¹²²¹.

Alguns dos primeiros contatos de Bocage terão sido dirigidos especialmente às várias instituições museológicas internacionais. Num complemento à sua viagem de 1859, Bocage pretendia com estes contatos estabelecer parcerias, colaborações científicas e principalmente a partilha e troca de coleções. A lista de

¹²²⁰ Osório (1909)

¹²²¹ AHMB CE G81

museus contactados por Bocage estender-se-ia, para além de Paris e Londres, a Milão¹²²², Turim¹²²³, Bremen¹²²⁴, Estrasburgo¹²²⁵, Leiden¹²²⁶, Varsóvia¹²²⁷, e a museus Norte Americanos e seus diretores como o caso do museu de Harvard¹²²⁸, à Academy of Natural Sciences de Filadélfia¹²²⁹, e ao Smithsonian Institute¹²³⁰ (Figura 40). Por outro lado seriam vários os especialistas estrangeiros contactados por Bocage de forma a obter informações mais detalhadas, o que por vezes resultaria no próprio envio de ilustrações ou do empréstimos de espécimes para serem estudados e comparados presencialmente. O contato com Wilhelm Peters ou John Edward Gray relativamente aos espécimes de Bayão é disso claro exemplo, bem como o caso das dúvidas taxonómicas sobre as aves Africanas do género *Bucorvus* que levariam Bocage a contatar o zoólogo Americano Daniel Giraud Elliot (1835 - 1915)¹²³¹ de forma a obter a sua opinião. Este pedido de informações far-se-ia também no sentido contrário, sendo vários os naturalistas estrangeiros que contactariam Bocage no sentido de obter informações sobre determinados grupos e/ou espécimes existentes nas coleções do Museu de Lisboa, sendo disso exemplo o caso de Michael Rogers Oldfield Thomas (1858 - 1929). Entre 1891 e 1904, o zoólogo britânico Oldfield Thomas, contactaria Bocage no sentido de lhe pedir várias informações sobre mamíferos Africanos e Portugueses descritos por

¹²²² AHMB CE C13; AHMB CE V6

¹²²³ AHMB CE L6

¹²²⁴ AHMB CE F29

¹²²⁵ AHMB CE S19

¹²²⁶ AHMB CE S22

¹²²⁷ AHMB CE T1

¹²²⁸ AHMB CE A1; A2; A3

¹²²⁹ ANS: A: Coll. 457, Box 3

¹²³⁰ SI - Record Unit 26; SI - Record Unit 33; SI - Record Unit 52; SI - Record Unit 53.

¹²³¹ (AHMB CE E7, E8, E9, Elliot 1877)

Bocage, chegando mesmo a pedir alguns do espécimenes emprestados para que os pudesse estudar mais detalhadamente¹²³².



Figura 40 - Mapa da das localidades Europeias e Mundiais em que Bocage possuía correspondentes.

Outro dos principais temas epistolares seria de facto a aquisição de espécimes. Seriam vários os negociantes especializados - autênticos “*marchands*” naturalistas -, exploradores, bem como naturalistas amadores e diretores de várias instituições científicas e museológicas, que se corresponderiam com o Museu de Lisboa com o principal intuito de vender, trocar e/ou adquirir coleções zoológicas. Negociantes famosos mundialmente como os irmãos Verraux, a casa Deyrolle, o “*Magasin de Zoologie*” Fairmaire, entre outros, tornar-se-iam fornecedores habituais de Bocage e do Museu de Lisboa, na maior parte das vezes através da venda, mas chegando mesmo a propor trocas entre os seus espécimenes e os

¹²³² AHMB CE T9 a T17

valiosos espécimes da África Ocidental Portuguesa apenas existentes nas coleções lisboetas, para posterior revenda. Outros, como Adolphe Boucard (1839 - 1905), a quem as aquisições atingiriam tal número que justificariam, como já vimos, a sua exposição numa sala inteiramente dedicada no museu, iriam contribuir tanto para o enriquecimento das coleções do Museu de Lisboa, Emile Holub (1847 - 1902) ou François Pollen (1842 - 1886) venderiam diretamente o resultado das suas explorações a Bocage, tendo mesmo alguns espécimes adquiridos a Holub sido descritos por Bocage como espécies novas para ciência¹²³³.

Para além do grande incremento das coleções a nível mundial, fruto de cada vez mais e melhores capacidades de transporte e acesso às mais diferentes localizações do planeta, a segunda metade do século XIX traria às ciências biológicas algo bastante mais valioso. A teoria da origem das espécies por seleção natural, publicada por Charles Darwin em 1859, arrasaria por completo várias das concepções vigentes sobre a origem e diversidade do mundo vivo. Ao tentar explicar a diversidade do mundo vivo através de um processo histórico-evolutivo, onde a variabilidade e a seleção natural funcionariam respetivamente como a matéria-prima e o processo de "criação" de novas espécies, contrariamente ao fixismo até então vigente, Darwin ofereceria ao mundo científico uma teoria capaz de explicar a diversidade biológica passada e atual do planeta. Embora a sua teoria focasse pura e exclusivamente o mundo biológico, e em momento algum fosse transposta pelo autor para a sociedade humana ou para o domínio filosófico e teológico, teriam profundos impactos na sociedade. No caso Português esse impacto seria bastante visível, tendo sido adotado por uma considerável parte da *intelligentsia* de então, e particularmente por parte de algumas das figuras principais do movimento Republicano¹²³⁴. No entanto, pouco ou nada se tem aprofundado sobre

¹²³³ A lista de contactos internacionais de Bocage, bem como uma base de dados contendo resumos do conteúdo de todas as cartas dirigidas ao naturalista Português por colaboradores estrangeiros apresenta-se no prelo do contexto da publicação por Luis Ceríaco da obra "*Life and Herpetological Contributions of José Vicente Barbosa du Bocage*", editada pela Society for the Study of Amphibians and Reptiles.

¹²³⁴ As implicações políticas e sociais do Darwinismo em Portugal foram já exploradas por Pereira (2001).

as implicações do Darwinismo no desenvolvimento das ciências biológicas em Portugal, e principalmente na conceção dos museus e das coleções¹²³⁵.

Embora, como vimos anteriormente, as ideias evolucionistas de Lamarck tenham feito parte do discurso científico de Brotero, a tradição lamarckista não sobreviveria. A explicação mais comum durante praticamente toda a primeira metade e primeiros anos da segunda metade do século, seriam claramente fixistas, isto é, associadas à "criação" divina de uma natureza imutável, perfeita e reveladora do poder de Deus. Se analisarmos o discurso de D. Pedro V, aquando dos "relatórios" efetuados pelo monarca aquando das suas visitas às várias instituições ligadas à História Natural durante os seus périplos Europeus, encontramos claras referências ao seu apoio a estas ideias e mesmo a utilização de uma retórica e argumentação inspirada nas ideias principais da Teologia Natural¹²³⁶. O Barão de Castelo de Paiva, na sua obra "*Monographia molluscorum terrestrium fluvialium, lacustrium, insularium Maderensium*", publicada em 1867, apresentaria também na sua introdução vários conceitos típicos dos discursos de Teologia Natural, como também apresentava as ilhas do arquipélago da Madeira, devido aos seus endemismos, como "centros de criação"¹²³⁷. Os "Centros de Criação" eram uma tentativa de explicação para a biogeografia das espécies. Nomeadamente, pretendiam explicar as diferenças encontradas da distribuição da fauna e flora¹²³⁸, e terá sido exatamente esse o tema da defesa de doutoramento de Paulino de Oliveira em 1861. Na sua defesa, intitulada "*Haveria um ou mais centros de criação vegetal?*", o futuro zoólogo argumentaria que a distribuição das plantas não era possível de ser explicada a não ser pela existência de vários centros de

¹²³⁵ Almaça (1999) explora brevemente estas questões, embora de forma muito sintética.

¹²³⁶ "*Personne certainement ne visite par gout ou par plaisir un Musée anatomique, pas même les chirurgiens, car c'est un spectacle assez triste que celui que présentent des lambeaux de l'humanité, qui serait rien, moins que les autres animaux, sans la raison, le vrai point de vue sous lequel on doit dire qu'il ait été créé à l'image et à la ressemblance du Créateur.*" in Leitão (1950)

¹²³⁷ Paiva (1867)

¹²³⁸ Almaça (1999)

criação¹²³⁹. A postura fixista e a adoção de argumentos da Teologia Natural fariam parte da *persona* científica e acadêmica de Paulino de Oliveira, sendo disso claro exemplo o discurso feito pelo próprio aquando das provas de doutoramento de Bernardo Aires, realizadas em 1882 e apadrinhadas pelo príncipe Luís Filipe e presenciadas pelo próprio D. Carlos e membros da família real:

*"Hoje, como na infância das sciencias, existem duas barreiras que a intelligencia humana não póde transpor: uma entre a inércia da materia bruta e os movimentos automáticos de todos os seres organizados, outra entre este movimentos automáticos e os movimentos autonómicos, exclusivos dos animaes. Isto, junctamente com a observação da complexidade das funções orgânicas e harmonia surprehendente e sobrenatural que lhes preside, leva-nos necessariamente até á ideia de um Ser Supremo, Omnipotente, Que dirige o Universo, e a religião fundada n'esta crença é uma consequência inevitável da historia natural. Esta religião, que o próprio estudo da natureza nos descobre, independentemente da revelação divina, impõe-nos obrigações, que encaminham para a felicidade da vida presente e futura, o que constitue a suprema aspiração do homem. O mesmo estudo guia-nos ainda ao cumprimento d'estas obrigações e portanto á realização da suprema felicidade. Com effeito, a necessidade de estudar a natureza transporta-nos ao campo, onde o ar puro que se respira e o exercício indispensável para diferentes investigações robustece o corpo, e o espírito acha-se ahi desopprimido dos cuidados e inquietações que de todos os pontos surgem nos grandes centros de população. Encontramos portanto no estudo da historia natural uma vida que fortifica o corpo, o socego de espírito que purifica a alma, e a contemplação das immensas maravilhas da criação, que nos elevam até á crença do Ser Infinito Que as produziu"*¹²⁴⁰.

¹²³⁹ Oliveira (1862)

¹²⁴⁰ Oliveira (1882)

O número de apoiantes de Darwin no seio da comunidade científica nacional seria no entanto superior ao dos fixistas. Entre eles contavam-se Júlio Henriques, que defenderia em 1865 o seu ato de doutoramento com a dissertação denominada "*As espécies são mudáveis?*", e no qual o botânico seguiria de perto a argumentação de Darwin¹²⁴¹, contrariamente às ideias criacionistas do seu colega Paulino de Oliveira. Para além de Henriques na Botânica, também Albino Giraldes na Zoologia se viria a manifestar partidário de Darwin, tendo mesmo publicado um artigo intitulado "*Questões de Philosophia Natural – O Darwinismo ou a origem das espécies*"¹²⁴², onde exporia e defenderia a ideia da evolução darwinista. Este artigo, que na sua origem havia sido preparado por Giraldes para uma apresentação pública que nunca viria a acontecer, seria comentado por Augusto Filipe Simões, numa breve crítica literária, intitulada de "*O Darwinismo*"¹²⁴³. Augusto Filipe Simões, licenciado em Filosofia e Medicina na Universidade de Coimbra, chega a Évora em 1863 onde toma posse como professor da cadeira de "Introdução à História Natural" do Liceu ao mesmo tempo que toma posse como diretor da Biblioteca Pública de Évora. Esta sua particular e feliz situação conduz a que novamente, os destinos da Biblioteca Pública de Évora e das suas coleções, e os do desenvolvimento da História Natural na região, quer no sentido pedagógico quer museológico, voltem a cruzar-se, de forma quase que indissociável. Augusto Filipe Simões, que mais tarde se viria a tornar uma referência incontornável no domínio científico da Arqueologia, como estudante da faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, havia tido um contacto direto e intenso com a coleção, também ela de origem setecentista, do rico Museu de História Natural da Universidade, bem como conhecia e se correspondia com Albino Giraldes, lente da cadeira de Zoologia da Universidade e diretor da secção zoológica do mesmo museu. Na sua crítica, para além de demonstrar o seu apoio a Giraldes, Simões aproveita para apresentar a sua muito própria interpretação da teoria evolutiva de

¹²⁴¹ Henriques (1865)

¹²⁴² Giraldes (1879a)

¹²⁴³ Simões (1888).

Darwin, transpondo-a para um contexto epistemológico que lhe era mais próximo, o caso da evolução das construções humanas, utilizando para tal a arqueologia como metáfora para as espécies extintas, e as construções modernas como as espécies “mais fortes”¹²⁴⁴. Da área da malacologia erguer-se-iam dois importantes vultos pela defesa do Darwinismo em Portugal: Arruda Furtado e Augusto Nobre. O primeiro, correspondente de Darwin, publicaria ao longo da sua curta vida vários artigos e textos em defesa dos seus ideais evolucionista e anticlericais, para além de tecer várias considerações de índole biogeográfica em alguns dos seus trabalhos científicos¹²⁴⁵. Já Nobre por sua vez, embora apoiante das ideias Darwinistas, seria consideravelmente mais discreto na sua defesa¹²⁴⁶. Na Escola Politécnica, Fernando Matoso dos Santos, Eduardo Burnay e Baltasar Osório, todos eles evolucionistas, partilhariam o facto de terem defendido teses sobre temas evolutivos nos seus concursos a professores da Escola¹²⁴⁷. Pela sua importância como figura de proa da Zoologia nacional, o postura de Bocage perante a obra de Darwin tem despertado particular interesse¹²⁴⁸. Baltasar Osório, evolucionista convicto, apresentaria, embora de forma subtil, a ideia de que Bocage aceitaria algumas ideias de Darwin¹²⁴⁹. Por outro lado Carlos Almaça é claro a catalogar Bocage como *"um criacionista convicto, muito próximo e influenciado por Agassiz, não aceitando, por isso, o evolucionismo e evitando as hipóteses biogeográficas"*¹²⁵⁰. O caso de Bocage é no entanto um pouco mais complexo e singular, merecendo portanto uma nova abordagem. Como referido pela maioria dos seus biógrafos, a personalidade de Bocage afastá-lo-ia de tudo aquilo que fugisse da observação

¹²⁴⁴ Simões (1888)

¹²⁴⁵ Vide www.iac-azores.org/biblioteca-virtual/arruda-furtado (acedido em 22 de Março de 2014).

¹²⁴⁶ Almaça (1999)

¹²⁴⁷ Almaça (1999)

¹²⁴⁸ Marques (2011)

¹²⁴⁹ Osório (1909)

¹²⁵⁰ Almaça (1993: p. 29)

direta dos factos e das evidências. É disso exemplo a sua dissertação apresentada ao concurso para lente de Zoologia da Escola Politécnica de 1848 - "*Desenvolvimento progressivo do systema osseo em um e o mesmo organismo: importancia de algumas formações esqueléticas morbidas para a historia das partes primarias do esqueleto osseo.*" - em que se afastaria totalmente das ideias da "anatomia transcendental" propostas por Saint-Hilaire por as considerar bastante vagas e desprovidas de fatos suficientes que as apoiassem¹²⁵¹. Se associarmos a este desapego por teorias de índole especulativa e consideravelmente controversas, ao uso bastante comum do termo "*criação*" para designar a grande diversidade dos seres vivos em vários textos da sua extensa obra, poderíamos assumir que Bocage fosse de facto um convicto criacionista. Porém a análise de alguns dos seus textos, como também o contacto que teve com centenas de milhares de espécimes, alguns deles de importantes centros de endemismo, como o caso das ilhas do Golfo da Guiné, e a sua relação pessoal e profissional com vários evolucionistas convictos, muitos deles que trabalhariam consigo no museu, levam-nos a reconsiderar esta primeira impressão. Para além da presença da teoria de Darwin como parte integrante do programa da 8ª cadeira aquando da sua regência por Bocage¹²⁵², são vários as evidências que apontam para a hipótese de que este se identificaria, com algumas das questões levantadas pelo naturalista britânico. Numa das suas primeiras publicações "*Origem dos animais domesticos*"¹²⁵³, a seguir à teoria de Darwin, em que Bocage tentava explicar a origem das diferentes espécies domésticas de um ponto de vista geográfico, mas também histórico, seriam várias as referências a "descendência" e "ascendência" entre espécies silvestres e domésticas, bem como os diferentes processos de diversificação. Os processos que conduziriam ao aparecimento das espécies e variedades domésticas apresentavam-se como uma questão que do ponto de vista evolucionista, poderia contribuir grandemente para a compreensão dos processos

¹²⁵¹ AHMCUL Caixa 1585

¹²⁵² Marques (2011: p. 350)

¹²⁵³ Bocage (1860b)

de diversificação e origem das espécies. O tema preenche o primeiro capítulo da Origem das Espécies de Darwin e é analisado mais extensamente na obra "*The variation of Animals and Plants under Domestication*"¹²⁵⁴ publicada em 1868, de forma bastante similar àquela de Bocage. Para ambos era claro que as espécies domésticas teriam tido origem em espécies selvagens, o que contrariaria à partida qualquer argumento fixista. Por outro lado, o contacto com as faunas insulares, nomeadamente aquela do arquipélago Cabo-Verdiano e das ilhas do Golfo da Guiné, rica em endemismos cujos parentescos intrigavam a maioria dos zoólogos, dificilmente se explicariam através da teoria dos "centros de criação". O grande número de evidências biogeográficas, para o qual os trabalhos de Bocage muito contribuiriam, não poderiam ser simplesmente desconsideradas. Quer-nos pois parecer que Bocage partilhava certamente com Darwin e com a maioria dos restantes "evolucionistas" Portugueses a noção de que as espécies não seriam imutáveis, e que a adaptação conduziria de facto à especiação. Pelas suas mãos passariam dezenas de exemplos de casos de endemismos insulares, material precioso do ponto de vista da argumentação evolutiva, centenas de espécies de diferentes regiões geográficas e climáticas, e o "seu" museu encontrava-se repleto de material comparativo. As suas referências ao longo da sua obra a "variedades", "espécies intermédias", "ascendentes" e "descendentes", bem como a familiaridade que teria com alguns dos endemismos insulares que descreveu, levam-nos a crer que, pelo menos, Bocage não seria "um convicto criacionista" como refere Almaça.

A decisão para Bocage não publicar qualquer referência explícita de apoio ou de adesão à teoria, pode dever-se a vários fatores. Pessoalmente, como descrevem os seus biógrafos, Bocage era tido como alguém bastante ponderado e sereno, pouco dado a teorizações ou especulações, norteando a sua vida pessoal e científica pela escrupulosa análise dos factos. À data da publicação da "Origem das espécies", bem como durante toda a vida de Bocage, a teoria de Darwin apresentaria algumas fragilidades teóricas e científicas, como por exemplo a incapacidade de explicar de forma satisfatória a hereditariedade dos caracteres,

¹²⁵⁴ Darwin (1868)

entre outros. É provável que Bocage reconhecesse essas fragilidades e por isso mesmo optasse por não assumir diretamente a defesa da teoria, contrariamente a, por exemplo, o jovem e aguerrido Arruda Furtado. Por outro lado, é importante entender que o meio social e político em que se movimentava era constantemente vítima de ataques violentos por parte do movimento republicano, movimento esse que adotara a teoria de Darwin e a travestira em arma política contra a monarquia e a Igreja.

Podemos no entanto afirmar que a adoção ou recusa das ideias evolucionistas de Darwin não viriam a ter particular impacto na forma como as coleções ou a investigações eram desenvolvidas, quer em Portugal quer no estrangeiro. Não encontramos qualquer tipo de diferença metodológica entre os trabalhos de "criacionistas" e "evolucionistas". Ambos baseavam a sua investigação na comparação entre espécimes e na análise cuidada da bibliografia existente. Entre as listagens e descrições de coleópteros feitas por Paulino de Oliveira e as obras malacológicas de Augusto Nobre, a única diferença assinalável é o grupo animal a ser estudado. O mesmo se passaria com as coleções, pois como já vimos no capítulo anterior, a distribuição espacial destas obedeceria, como já vimos, a uma lógica muito mais geográfica ("*Sala de Portugal*", "*Sala de África Ocidental*", etc.) e tipológica ("*Coleções Gerais*", "*Coleção d'El-Rei*", "*Coleção Boucard*"), do que propriamente a uma organização sistemática e muito menos "evolutiva". É óbvio que no interior destas salas, os organismos se encontrassem separados pelos seus respetivos grupos taxonómicos, mas esta organização não era nada mais do que a manutenção da lógica de organização taxonómica lineana, que apesar de em muitos casos refletir a realidade evolutiva, em nada se devia à adoção de conceitos evolutivos por parte da direção dos museus.

Tabela 12 - Publicações realizadas por naturalistas do Museu de Coimbra, ou por naturalistas externos utilizando as suas coleções		
Data de publicação	Autor(es)	Referência
1876		
" <i>Mélanges Entomologiques sur les Insectes du Portugal</i> "	Manuel Paulino de Oliveira	Oliveira (1876a)
<i>Catalogue des Coleopteres du Portugal</i>	Manuel Paulino de Oliveira	Oliveira (1876b)
1879		
" <i>Catalogo das aves de Portugal existentes actualmente no museu de Coimbra</i> "	Albino Giraldes	Giraldes (1879b)
1886		
" <i>Catálogo dos amphíbios e reptis de Portugal existentes actualmente no museu Zoológico da Universidade de Coimbra</i> "	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1886b)
" <i>Apontamentos para o estudo da Ornithologia de Portugal</i> "	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1886c)
" <i>Mais um réptil para a fauna erpetologica de Portugal</i> "	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1886d)
" <i>Noticia sobre as conchas marinhas da costa de Portugal recolhidas entre o cabo Mondego e Buarcos</i> "	Augusto Nobre	Nobre (1886)
1887		
" <i>Insectos da Ilha de S. Thomé</i> "	Manuel Paulino de Oliveira	Oliveira (1887)
" <i>Aves da Ilha de S. Thomé</i> "	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1887b)
" <i>Remessa de conchas da Bacias do Tejo e do Sado, recolhidas por Adolpho Moller na sua exploração botânica-zoológica, feita entre 13 de Abril a 3 de Maio nos arredores de Lisboa, Sintra, Barreiro, Sesimbra, Arrábida e Setubal</i> "	Augusto Nobre	Nobre (1887a)
" <i>Remessa de conchas da costa do Algarve, recolhidas por Adolpho Moller na sua exploração botânica-zoológica</i> "	Augusto Nobre	Nobre (1887b)
1888		
" <i>Nouveau Oxyrhynque du Portugal</i> "	Manuel Paulino de Oliveira	Oliveira (1888)
1889		
" <i>Subsídios para o estudo das minhocas de Portugal</i> "	Daniele Rosa	Rosa (1889)
" <i>Notas malacológicas VII – Lista de algumas conchas recolhidas pelo sr. Adolpho F. Moller em Lagos em 1889</i> "	Augusto Nobre	Nobre (1889)
1891		
" <i>Les larves des Batraciens recueillies en Portugal par M. Adolphe F. Moller</i> "	Jacques von Bedriaga	Bedriaga (1891)
" <i>Contributions a l'étude de la faune entomologique de S. Thomé</i> "	V. Fairmare	Fairmare (1891)
1892		
" <i>Notes sur les Amphibiens et Reptiles recueillis para M. Adolphe F. Moller aux Iles de la Guinée</i> "	Jacques von Bedriaga	Bedriaga (1892)
" <i>Um novo Lepidoptero da África Occidental</i> "	A. F. Rogenhofer	Rogenhofer (1892)
" <i>Subsídios para o estudo dos arachnideos de Portugal</i> "	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1892)
1893		
" <i>Remarques supplementaires sur les Amphibiens et Reptiles du Portugal et de L'Ile de St. Tomé</i> "	Jacques von Bedriaga	Bedriaga (1893)

"Contributions a l'étude des Chilopodes et Diplopodes de L'île de S. Thomé"	Karl Verhoeff	Verhoeff (1893a)
"Des espèces nouvelles de Diplopodes du Portugal"	Karl Verhoeff	Verhoeff (1893b)
"Explorações Ichthyologicas feitas nas praias da Nazareth e da Povoia de Varzim nos mezes de Agosto e Setembro de 1892 e 1893"	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1893a)
"Aranhas da Ilha de S. Thomé colligidas pelo sr. Adolpho Frederico Moller e classificadas pelo sr. dr. Ph. Bertkau, director do Instituto de anatomia comparada e do Museu Zoológico da Universidade de Bonn."	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1893b)
"Nova lista de especies de aranhas de Portugal, classificadas pelo dr. Ph. Bertkau, de Bonn, e colligidas pelo sr. Adolpho F. Moller, também existentes no Museu da Universidade de Coimbra"	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1893c)
1894		
"Contribution à l'étude des poissons d'eau douce du Portugal d'après la collection du Musée de Zoologia de l'Université de Coimbra"	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1894a)
"Sur les moeurs du Petromyzon marinus, Linn., et du Petromyzon fluviatilis, Linn."	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1894b)
"Étude comparative du squelette du Chien et du Loup"	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1894c)
"Contribution à l'étude de l'ichtyologie maritime"	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1894d)
"Note sur le <i>Lepidopus argenteus</i> , Bomat. vel <i>caudatus</i> ". Gunth."	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1894e)
1895		
"Tabella Dichotomica para a Determinação dos Mammiferos de Portugal"	Manuel Paulino de Oliveira	Oliveira (1895b)
"Opisthobranches du Portugal de la collection de M. Paulino d'Oliveira"	Manuel Paulino de Oliveira	Oliveira (1895c)
"Le maintien de jeunes Petromyzon marinus, L., dans un aquarium d'eau douce, au Musée de l'Université de Coimbra"	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1895b)
"Estudos sobre as condições de vida e multiplicação do gorgulho do milho (<i>Calandra granaria</i> , L.), feitos no Museu Zoológico da Universidade de Coimbra"	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1895c)
1896		
"Reptis e Amphibios da Peninsula Iberica e especialmente de Portugal"	Manuel Paulino de Oliveira	Oliveira (1896a)
"Aves da Peninsula Iberica e especialmente de Portugal"	Manuel Paulino de Oliveira	Oliveira (1896b)
"Correcção à Tabella dichotomica para a determinação dos mammiferos de Portugal"	Manuel Paulino de Oliveira	Oliveira (1896c)
"Catalogo dos Mammiferos de Portugal"	Manuel Paulino de Oliveira & António Xavier Lopes Vieira	Oliveira & Vieira (1896)
1897		
"Catalogo dos Reptis e Amphibios do Continente de Portugal existentes no Museu de Zoologia da Universidade de Coimbra"	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1897)
" <i>Petromyzon planeri</i> Bl."	Adolfo Möller	Möller (1897)
1898		
"Catalogo dos Peixes de Portugal existentes no Museu de Zoologia da Universidade de Coimbra"	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1898a)

<i>"Uma especie de peixe nova para a fauna oceanica de Portugal"</i>	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1898b)
1903		
<i>"Catalogo da Collecção de ninhos e ovos das aves que criam em Portugal, existente no Museu de Zoologia da Universidade de Coimbra"</i>	António Xavier Lopes Vieira	Vieira (1903)

Capítulo 15 – As coleções e os trabalhos científicos de Carlos I

Após a morte de D. Pedro e a transferência total das suas coleções para a Escola Politécnica, o Palácio das Necessidades e a família Real não ficaram alheados de coleções de História Natural¹²⁵⁵. D. Luís terá continuado, ainda que de forma menos intensiva, a manter e a enriquecer o Museu Real com coleções de História Natural¹²⁵⁶, bem como a tradição de ofertas a instituições museológicas nacionais¹²⁵⁷. Embora a documentação existente seja pouco elucidativa sobre este aspeto, deixando no ar várias questões, é legítimo considerar que aquando da transferência do grosso das coleções de D. Pedro V tenham ficado nas Necessidades alguns dos objetos adquiridos ou oferecidos a D. Luís¹²⁵⁸. Este

¹²⁵⁵ Uma versão do presente capítulo encontra-se *in press* (Ceríaco *in press* b)

¹²⁵⁶ Podemos ver em livros de preparação do Museu de Lisboa, tal como o "*Livro das oficinas de preparação que deverá ser escriturado conforme o art.º 4 do regulamento.*" (AHMB Div. 534), iniciado em 1865 e findo em 1873, e naquele sem título mas que regulamentava todos os exemplares entrados no Museu entre 1884 e 1896 (AHMB Div. 537) a referência a vários exemplares enviados por D. Luiz, bem como pela Rainha ou por D. Fernando e mais tarde pelo Príncipe Carlos, ao Museu de Lisboa, tendo alguns deles a referência específica de "Museu Real" (embora haja a possibilidade de alguns dos exemplares terem sido oferecidos ao Museu directamente, sem terem alguma vez sido parte de qualquer coleção régia.). No AHMB existe também uma lista de "*Coleópteros da Austrália off.dos por S. M. El-Rei*" (Rem. 309 AHMB), oferecidos ao Museu de Lisboa a 2 de Junho de 1886, e contendo cerca de 354 espécies.

¹²⁵⁷ Conta-se neste caso a transferência de cerca de 47 exemplares, de 42 espécies diferentes, existentes no "Thesouro" do Paço da Ajuda, para o Museu de Lisboa, por parte do Rei D. Luis em Dezembro de 1873. A este propósito existe no AHMB o seguinte documento: "*Aves que existiam no Thesouro do Paço da Ajuda e que por ordem de S. M. El-Rei vieram para o Museu de Lisboa em dezembro de 1873*" Rem. 67 AHMB, ou de um envio de Coleópteros da Austrália para o mesmo museu a Junho de 1886 ("*Coleópteros da Austrália off.dos por S. M. El-Rei*" AHMB Rem. 309). De forma quase que incessante desde 1866 até 1887 dezenas de remessas, especialmente ricas em aves foram enviadas pelo monarca para o Museu de Lisboa (AHMB Div. 534).

¹²⁵⁸ Atente-se por exemplo à coleção de 21 exemplares de aves de Angola oferecidas por Welwitsch a D. Luís em Março de 1862 ("*Colleção de aves d'Angola off.da pelo Sr. Dr. Frederico Welwitsch* a

pequeno núcleo do Museu Real manter-se-ia como um embrião daquilo que viria a tornar-se uma nova coleção, que viria a ser visitada em 1873 pelo viajante espanhol Modesto Fernandez Y Gonzalez¹²⁵⁹. É também bem provável que tenha sido a pensar no príncipe D. Carlos, nascido a 28 de Setembro de 1863, que D. Luís tenha tomado a opção de não se desfazer de todas as coleções, mantendo-as para que pudessem ser usadas na sua instrução e recreio.

Segundo as descrições de Fernandez Y Gonzalez¹²⁶⁰, é possível constatar a manutenção dos dois principais grupos de coleções - as conchas e aves - embora apresentasse também outros exemplares como minerais, animais e insetos. O número de espécies de aves, cerca de trezentas, revelam que as coleções do Museu teriam sido recomeçadas após a transferência das coleções de D. Pedro, visto que as coleções ornitológicas do falecido atingiriam, como vimos anteriormente, valores imensamente superiores. Pese a sua clara diminuição em termos de coleções e importância científica, o Museu Real continuaria a ser enriquecido. Em Outubro de 1869 François Paul Louis Pollen (1842 - 1886), naturalista holandês enviaria para Barbosa du Bocage uma missiva onde relatava o envio de uma coleção de animais de Madagáscar destinados ao Museu Real, bem como uma cópia de uma sua recente publicação, na esperança de obter o patrocínio do rei Português para futuras explorações¹²⁶¹, bem como em 1972, o ornitólogo Martin

Sua Mag.de, El-Rei, O Senhor D. Luiz 1º - Março 10 - 1862" AHMB Rem. 64), às conchas de Cabo-Verde oferecidas por Rodrigo de Sá Nogueira em Maio do mesmo ano ("*Catalogo das conchas de Cabo Verde off.das pelo sr. Rodrigo de Sá Nogueira a Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Luiz 1º - Maio 1 de 1862*" AHMB Rem. 353), a oferta de uma caixa de "pássaros empalhados" enviada por Francisco Gershy a 2 de Julho de 1863 (ANTT, Casa Real, Caixa 4702); a compra de 118 exemplares de aves à Casa Verraux, em Novembro de 1863 (AHMB Rem. 66); ou ainda à oferta de vários exemplares feitos pelo naturalista François Pollen em Outubro de 1869 (AHMB CE P27)

¹²⁵⁹ Fernandez y Gonzalez (1874) *cit. in* Brigola (2010: p. 186)

¹²⁶⁰ Fernandez y Gonzalez (1874) *cit. in* Brigola (2010: p. 186)

¹²⁶¹ "*Il ya a peu de temps que j'avais l'honneur de vous prevenir de l'envoi d'objets d'histoire naturelle de madagascar que je vous prie de presenter a sa magesté votre auguste Souverain pour sa Museum d'hisotire naturelle à Lisbonne ainsi que la 2^{me} parti de mon ouvrage recherches sur la Fauna de madagascar et des ses dépendances. J'espère vivement que la collection et mon livre seront bien accepté par S. M. le Roi de Portugal et je doute pas que par votre intermediaire Sa majesté dacignera de me donner sa haute approbation puisque S.M. c'est toujours montré reconnaissant envers les hommes de science qui ont sacrifié leurs [?]pour la science das ces pays [?] et malsains. Vous m'obligerez beucoup si vous voulez me seconder auprés S. M. Le Roi enfim d'obtenir ses suffrages [?]*"

Theodor von Heuglin (1824 - 1876) oferecia a D. Luís uma cópia da sua mais recente obra de ornitologia "*Ornithologie von Nordost-Afrikas*"¹²⁶².

D. Carlos teria contacto desde muito jovem com homens e instituições de referência no panorama científico nacional¹²⁶³. Em Janeiro de 1878, então com 14 anos visitaria a Escola Politécnica de Lisboa acompanhado do seu irmão mais novo, o infante D. Afonso, onde seria guiado por Barbosa du Bocage e pelo Conde de Ficalho numa visita ao Museu e o Jardim Botânico¹²⁶⁴. Uma outra visita que muito influenciaria o jovem príncipe, tanto mais pela proximidade familiar entre ambos, seria a visita a bordo do navio oceanográfico do príncipe Alberto do Mónaco, o afamado *Hirondelle*, aquando da sua passagem por Lisboa em 1879. Três anos passados, então em 1882, D. Carlos conheceria o *Travailleur* e a sua tripulação científica, composta pela nata dos naturalistas franceses, que aportara em Lisboa. Entretanto o jovem príncipe começava a interessar-se cada vez mais pela natureza e pelos estudos de história natural, dava início às suas próprias coleções e aprendia diferentes artes que viriam a marcar de forma decisiva o seu futuro como cientista: a caça e a oceanografia. D. Carlos cedo começaria a acompanhar D. Luis em caçadas¹²⁶⁵, e os espécimes capturados seriam classificados e colocados no seu acervo pessoal, enquanto outros eram oferecidos ao Museu de Lisboa¹²⁶⁶. No que toca ao contacto com o mar, também desde muito jovem que D. Carlos o faria,

m'encourager d'enrichir le Museum d'histoire naturelle de Lisbon qui est confié a vos excellents soins."
in AHMB CE P27

¹²⁶² "*Sire, Votre Majesté a doigné me faire avertir par monsieur de Sousa, aide-naturaliste au célèbre mu'seum de Lisbonne, qu'Elle voudrait accepter avec grâce mon ouvrage intitulé "Ornithologie Nordost-afrika's" dont la deuxième parti ne pas terminée, que pendant mon récent voyage dans les regions polaires. Retourné en Allemagne, je prends la liberté de metrrre aux pieds de Votre Majesté l'oeuvre en question. Veuillez, sire l'accueillir avec grace el me permettre de me nommer*" in AHMB CE H16

¹²⁶³ Silva & Seixas (2009: p. 82)

¹²⁶⁴ Silva & Seixas (2009: p. 83)

¹²⁶⁵ Seixas & Silva (2009: p. 289 - 290)

¹²⁶⁶ Seixas & Silva (2009: p. 290). No livro de ofertas para o Museu de Lisboa, presente no AHMB (AHMB Div. 537), registam-se cerca de 25 ofertas do "Príncipe Real" em 1884.

principalmente pela oferta de um pequeno bote que o jovem rei utilizaria durante as estadias em Cascais¹²⁶⁷.

As coleções de História Natural e os projetos ornitológicos

D. Carlos iniciaria em 1887 um dos seus primeiros trabalhos científicos, a preparação da "*Ornithologia de Portugal*"¹²⁶⁸. Conjugando o seu gosto pela história natural com a coleção de aves originária da sua paixão pela atividade cinegética, D. Carlos prepararia inicialmente uma lista das espécies existentes no território nacional (tendo mesmo preparado uma capa para a obra em aquarela, adicionando-lhe algumas informações extra, e que se baseariam principalmente nos conhecimentos que recolhia nas suas caçadas, bem como a lista de exemplares na sua própria coleção. No entanto, este projeto não se finalizaria muito por causa da atribulada vida que teria logo no início do seu reinado em 1889. Com a morte de D. Luís a 19 de Outubro de 1889, D. Carlos seria aclamado rei a 28 de Dezembro do mesmo ano, iniciando o seu reinado numa das épocas mais conturbadas para a história da monarquia nacional. Pouco tempo depois de tomar posse, o país sofreria o Ultimato inglês despoletado pela polémica repartição dos territórios africanos. Este momento de desgaste para a imagem do monarca não seria o único momento complicado que D. Carlos iria enfrentar no início do seu reinado, pois, a 31 de Janeiro de 1891, enfrentaria uma violenta revolta republicana na cidade do Porto, onde por momentos seria mesmo declarada a instauração de um regime republicano e o fim da monarquia. No entanto, enquanto em termos políticos o jovem Rei demonstrava sinais de alguma inadaptação e fragilidade, no sossego do seu Museu no paço das Necessidades continuava a acalentar a realização de projetos de natureza científica, preparando uma nova versão da inacabada "*Ornithologia de Portugal*" de 1887. Seria no mesmo ano, em que a imagem

¹²⁶⁷ Seixas & Silva (2009: p. 299)

¹²⁶⁸ "*Ornithologia de Portugal, anotada por Sua Alteza Real o Sereníssimo Duque de Bragança, D. Carlos. 1887. Relação manuscrita em papel almaço de 35 linhas. São 52 folhas manuscritas, presas por atache.*" Documento 127 BMODC-AVG

nacional houvera sido manchada com a cedência ao *Ultimatum*, que D. Carlos regressaria a dedicar-se aos trabalhos ornitológicos. Em 1890 retomaria o projeto ornitológico, agora denominado de “*Catalogo das Aves de Portugal*”. Rapidamente se dedicaria à preparação da obra, como comprovam os manuscritos¹²⁶⁹, em que enumerava cerca de 85 espécies ocorrentes no território nacional, apresentando a sua sinonímia e nomes vulgares em diversas línguas europeias, para além do português. No entanto, também esta segunda obra ficaria inacabada. Não fossem as publicações da obra do britânico Henry Eeles Dresser, nomeadamente a “*A history of the birds of Europe: including all the species inhabiting the western palaeartic region*” (1871)¹²⁷⁰ e a “*A list of European birds: including all species found in the western palaeartic region: the nomenclature carefully revised*”¹²⁷¹, teria cabido a D. Carlos a pioneira obra de catalogar todas as espécies de aves que ocorreriam em Portugal, apresentando a sua sinonímia e nomes vulgares em diversas línguas. Para atestarmos a sua importância no contexto nacional, bem como internacional, basta-nos recordar que até então pouco se sabia sobre a diversidade e riqueza específica da fauna ornitológica nacional. Para além dos antigos e muitíssimo incompletos trabalhos de Vandelli, as únicas publicações existentes à época sobre a avifauna portuguesa resumiam-se à lista publicada por Augusto de Sousa em 1861, Barbosa du Bocage em 1862 relativa às aves portuguesas existentes nas então ainda incompletas coleções do Museu Nacional de Lisboa, a lista publicada por Smith em 1868, após a sua visita a Portugal durante os meses de Abril e Maio desse ano¹²⁷², e ainda a lista das espécies portuguesas existentes no Museu de Coimbra, publicada em 1878 por Albino Giralde¹²⁷³. Pese a alteração de formato que as publicações de Dresser impuseram à estrutura inicialmente concebida por D.

¹²⁶⁹ “Ornitologia de Portugal. Catalogo das Aves de Portugal (Continente). Espécies sedentárias, de arribação e acidentais, 1883-1890. Manuscrito em folhas de papel almaço de 35 linhas, numeradas de nº 1 ao nº 85 (Em capa original).” Documento 125 BMODC-AVG

¹²⁷⁰ Dresser (1871)

¹²⁷¹ Dresser (1881)

¹²⁷² Smith (1868)

¹²⁷³ Giralde (1879b).

Carlos, a necessidade de publicação de uma obra em que se sistematizasse todo o conhecimento existente sobre as aves de Portugal continuava revestida de total pertinência. Assim, logo em 1893, iniciaria o seu terceiro projeto dedicado à ornitologia portuguesa, o “*Catalogo Illustrado das Aves de Portugal*”¹²⁷⁴. Aproveitando toda a informação que já possuía, o Rei pretendia publicar uma obra onde apresentava duzentas e noventa e duas espécies de aves, contendo informações sobre a sua distribuição, nomenclatura e sinonímia, mas desta vez largamente ilustrada, contendo pranchas coloridas da maioria das espécies referidas. Embora o seu talento e paixão pela pintura o tenham conduzido ao desenho de várias aves¹²⁷⁵, encarregaria o artista espanhol Enrique Casanova (1850 - 1913), seu antigo professor de pintura, de desenhar e colorir as estampas da obra. Recorrendo às coleções do Museu Nacional de Lisboa¹²⁷⁶, mas principalmente às suas próprias coleções, enviaria vários exemplares de aves para a Casanova para serem desenhadas¹²⁷⁷. O “*Catalogo Illustrado das Aves de Portugal – Sedentárias, de Arribação e Accidentaes*” apresentava 20 espécies de aves do território nacional, apresentando a sua nomenclatura em várias línguas, dando a sua sinonímia e anotando algumas informações sobre a sua distribuição geográfica e hábitos ecológicos. Em 1907 publicava-se o segundo fascículo da obra, contendo, à semelhança do primeiro, 20 espécies ilustradas.

A rica coleção de aves de D. Carlos e o seu interesse na área levariam a que Manoel Paulino de Oliveira entrasse em contacto com o rei sobre assuntos ligados à ornitologia. Daquilo que temos conhecimento, os primeiros contactos entre o naturalista e o Rei iniciavam-se a 10 de Janeiro de 1893, em que o primeiro

¹²⁷⁴ Girard (1908)

¹²⁷⁵ Algumas dessas aguarelas encontram-se ainda hoje no Paço de Vila Viçosa.

¹²⁷⁶ “Guia de remessa (5ª) de aves, enviadas por A. Girard para E. Casanova para serem desenhadas. Manuscrito” Documento nº 155 BMOCB-AVG. Contam-se neste documento, datado de 31 de Outubro de 1893, 22 exemplares de 16 espécies, que provavelmente terão sido emprestada pelo Museu Nacional de Lisboa, visto a lista estar escrita em papel do mesmo;

¹²⁷⁷ A este propósito existe na BMOCB-AVG os seguintes documentos: “Documento nº 151; Documento nº 152; Documento nº 153; Documento nº 154; Documento nº 155; Documento nº 156; Documento 159; Documento 160; Documento 161; Documento 162.

oferecia para o Museu Real um exemplar de *Emberiza citrinella*, e solicitava ao rei a oportunidade de, numa das suas deslocações a Lisboa, poder visitar a coleção de aves do Museu Real¹²⁷⁸, pedido que terá sido satisfeito. Uma segunda carta de Paulino de Oliveira relata-nos a sua opinião sobre uma lista de aves de Portugal (certamente referindo-se ao artigo “*Aves de Portugal*”, publicado em 1894 no primeiro volume dos “*Annaes de Sciencias Naturaes*”¹²⁷⁹) editada pelo amador William Tait, aristocrata inglês radicado na cidade do Porto, e discutindo com o Rei-naturalista a identidade de determinada espécie de águia, ao mesmo tempo que lhe enviava mais espécimenes¹²⁸⁰. Esta proximidade intelectual entre os dois homens de ciência, que demonstra bem a capacidade de D. Carlos de “despir” os seus trajes régios, levará a que Paulino de Oliveira venha novamente a requerer a D. Carlos a permissão para visitar as suas coleções, desta vez com o objetivo específico de as consultar atentamente de forma a recolher informações para uma obra referente à ornitologia¹²⁸¹. Tratava-se da obra “*Aves da Península Ibérica e especialmente de Portugal*” que o diretor do Museu de Coimbra viria a publicar em 1896, onde várias vezes referiria os espécimenes e informações que recolhera no Museu Real¹²⁸². D. Carlos nunca deixaria de aumentar o seu Museu com espécimenes de aves e de mamíferos, boa parte deles que ele próprio capturava nas suas caçadas nas herdades da coroa, nas suas férias em Cascais ou em outros locais do país, ou mesmo com vários exemplares de aves marinhas capturadas nas suas expedições oceanográficas¹²⁸³.

¹²⁷⁸ Vide Documentação Transcrita - Apêndice N1

¹²⁷⁹ Tait (1894)

¹²⁸⁰ Vide Documentação Transcrita - Apêndice N2

¹²⁸¹ Vide Documentação Transcrita - Apêndice N3

¹²⁸² Oliveira (1896b: p. 6-7).

¹²⁸³ Existem no “*Registo da Casa de Preparação*” (BMODC – AVG Documento XX) referências a entradas de espécimenes de aves capturadas, bem como mamíferos, por D. Carlos, começando estes em 1901 e estendendo-se, de forma constante, a 1907. A origem dos animais é variada, mas reflecte os locais habitualmente frequentados por D. Carlos, como por exemplo, Vendas Novas, Mafra, Cascais, Vila Viçosa, Queluz, Sesimbra, Alter do Chão, Setúbal e Sintra.

As expedições e o Museu Oceanográfico

O final do século XIX, após o ímpeto inicial dado pelas várias expedições oceanográficas inglesas e francesas, mas muito em particular da do HMS *Challenger*, D. Carlos e o Alberto do Mónaco assumir-se-iam como verdadeiros "soberanos oceanógrafos"¹²⁸⁴. Alberto do Mónaco, então com 27 anos e herdeiro direto ao trono monegasco, iniciaria a sua primeira expedição oceanográfica a bordo do *Hirondelle* em 1875. Até à sua morte, em 1922, realizará cerca de 28 expedições deste género, algumas das quais com resultados científicos de monta, como o descobrimento do Banco da Princesa Alice no mar dos Açores em 1896¹²⁸⁵. Pelas águas portuguesas passariam outras expedições oceanográficas promovidas e patrocinadas por instituições científicas como a Royal Society de Londres, nomeadamente as expedições realizadas pelo iate *Norna*, dirigido pelo naturalista William Saville Kent, em 1870, pelo H.M.S. *Porcupine*, dirigido por John Gwyn Jeffreys, no mesmo ano, e pela visita a Lisboa do H.M.S. *Challenger* em Janeiro de 1873, aquando da sua viagem de circum-navegação entre 1872 e 1876¹²⁸⁶ ou, alguns anos mais tarde, pelo *Muséum National d'Histoire Naturelle* de Paris, com as expedições do *Travailleur* e do *Talisman* entre 1880 e 1883. A quase competição científica entre as duas principais potências na área em questão, a Inglaterra e a França, bem como o singular caso do monarca monegasco, tornavam as questões oceanográficas um tema caro, e aquilo que havia pouco tempo atrás se apresentava como uma questão puramente científica, era já então uma questão de prestígio nacional. D. Carlos, como monarca instruído e interessado, não estava alheio a esta situação, não só pela relação familiar com Alberto do Mónaco, mas também pelo facto de durante a juventude ter visitado pessoalmente os navios oceanográficos *Hirondelle* (1879) e *Talisman* (1882) aquando das suas passagens por Lisboa. Por outro lado, a história da intensa e importante relação entre Portugal e o mar, e a

¹²⁸⁴ Carpine-Lancre, J. (2001)

¹²⁸⁵ Carpine-Lancre (1992)

¹²⁸⁶ Deacon (1997)

paixão desenvolvida pelo rei pelos oceanos nos seus tempos de infância, levariam a que este se dedica-se também aos estudos oceanográficos em Portugal. Assim, em Setembro de 1896 iniciava-se, a bordo do iate *Amélia*, pequena embarcação de 35 metros de comprimentos, com um calado pouco adequado ao mar aberto e desprovida do espaço necessário para um laboratório, a primeira expedição oceanográfica nacional, circunscrita à zona compreendida entre a baía de Cascais e o cabo Espichel. Tendo pesquisado cerca de 57 estações de amostragem diferentes, esta primeira expedição teria resultados surpreendentes. Com um tripulação constituída por elementos seleccionados da Marinha Portuguesa e sempre acompanhado pelo ajudante naturalista Albert Girard, D. Carlos procedia às primeiras investigações oceanográficas, que repetiria todos os anos até à sua morte. A falta de condições e acanhadas dimensões do primeiro iate, e a pertinência dos primeiros resultados, levaram o rei a adquirir uma outra embarcação no ano seguinte, desta vez com mais 10 metros de comprimento que o anterior, maior potência e navegabilidade, mas igualmente sem espaço para laboratório, o *Amélia II*. Com este barco realizar-se-iam duas expedições, a de 1897, entre Sesimbra e o cabo Espichel, e as de 1898, entre o rio Raso e a Arrábida e entre Lagos e Portimão. Nesta última expedição, D. Carlos focar-se-ia no estudo mais aprofundado das espécies de atum da região e da sua pesca e utilidade económica. Os resultados daquela que viria a ficar conhecida como a primeira "campanha do Atum", seriam publicados no ano seguinte sob o título "*Pescas marítimas, I - A pesca do atum no Algarve em 1898. Resultados das Investigações científicas feitas a bordo do yacht "Amélia" e sob a direcção de D. Carlos de Bragança*". Para tal, não só se dedicaria à captura dos exemplares, como também recolheria vários parâmetros relativos à batimetria, ao clima e restantes condições ambientais das diferentes estações de amostragem, como ainda recorreria a informações provenientes das capitánias e portos de pesca. Para a quarta expedição, D. Carlos voltaria a adquirir uma nova embarcação, o *Amélia III*, desta vez já equipado com um canhão-arpoador e um laboratório. O *Amélia III* seria usado em três expedições, a de 1899, ao largo de Sesimbra e novamente entre Lagos e Portimão, retomando os trabalhos da pesca do atum, a de 1900, entre Cascais e Sesimbra, e a de 1901, ao largo do cabo Espichel. Será durante as

campanhas de 1899 que D. Carlos, em complemento à campanha do atum, iniciaria, de forma mais cuidada e metódica, algumas experiências relativas às correntes marítimas e à batimetria da costa algarvia¹²⁸⁷. Embora algumas das informações recolhidas tenham vindo a ser publicadas em 1902, no "*Bulletin des campagnes scientifiques accomplies sur le yacht "Amelia" par D. Carlos de Bragança*"¹²⁸⁸, seriam escassos os resultados destas novas investigações. De facto, inspirado pela publicação em 1905 da "*Carte générale bathymétrique des océans*" por Alberto do Mónaco, o soberano português terá também ele preparado, com o apoio de Girard, uma carta batimétrica da costa portuguesas baseada nas várias informações que já vinha obtendo desde 1896, mas sem conhecer divulgação¹²⁸⁹. Em 1901 o Rei adquiria uma nova embarcação, o *Amélia IV*, onde realizaria todas as campanhas oceanográficas entre 1902 e 1907.

Paralelamente ao "Museu Real" (de História Natural), onde estariam contidas as coleções ornitológicas, mas também de mamíferos e outros animais, bem como coleções mineralógicas, existiria no Palácio das Necessidades, fruto das expedições, um segundo espaço museológico, independente do inicial. Este espaço, que ficaria conhecido como Museu Oceanográfico, era o repositório e mostruário científico dos resultados das diversas campanhas oceanográficas de D. Carlos, sendo as suas coleções maioritariamente constituídas por exemplares de peixes, invertebrados marinhos e material ligado à oceanografia e pescas. Anexo ao Museu Oceanográfico existiria ainda um gabinete de trabalho e uma biblioteca, sendo muito provavelmente a oficina de preparação de exemplares comum aos dois espaços museológicos ¹²⁹⁰. Deste Museu possuímos uma descrição detalhada,

¹²⁸⁷ Pela mesma altura, após a campanha do atum, Albert Girard planeia uma nova campanha sobre um outro importante recurso piscatório nacional, a sardinha, planeando um estudo semelhante sobre o regime das pescas. A este propósito existe na BMODC-AVG o seguinte documento: "Considerações e plano para um estudo científico do régimen da Sardinha em Portugal (Cópia). Dactilografado, com 6 páginas, datado do Porto, 2 de Setembro de 1903. Assinado por Alberto Alexandre Girard." Documento nº57 BMODC-AVG

¹²⁸⁸ Bragança (1902).

¹²⁸⁹ O esboço desta carta existe ainda hoje depositada no Aquário Vasco da Gama, Lisboa.

¹²⁹⁰ Vide Documentação Transcrita - Apêndice O1

realizada por dois jornalistas da revista “*Ilustração Portuguesa*” que profusamente documentam, quer em prosa quer em fotografias, as coleções nele contidas. A dimensão das coleções presentes no Museu Oceanográfico era bastante considerável, ocupando cerca de cinco salas (oito se considerarmos os exemplares expostos na biblioteca, aqueles guardados na arrecadação da terceira sala, e mesmo os exemplares colocados no corredor claustreal de acesso ao Museu¹²⁹¹), levando mesmo os seus visitantes a considerá-la “*uma das mais ricas, Senão a melhor da Europa*” (Figura 41).



Escritório do Museu Oceanográfico e corredor interno dos claustros do Palácio das Necessidades que davam acesso ao mesmo museu



Primeira sala do Museu Oceanográfico (Esq. 1904; Dir. 1908)



Segunda sala do Museu Oceanográfico (Esq. 1904; Dir. 1908)

Figura 41 - Fotografias do Museu Oceanográfico do Paço das Necessidades. As fotografias a sépia foram adaptadas da publicação de 1904 da *Ilustração Portuguesa*, enquanto as a cinza foram adaptadas de Girard (1908).

¹²⁹¹ Vide Documentação Transcrita - Apêndice 01

Deste Museu sairiam vários exemplares para outros museus e coleções europeias, bem como para exposições realizadas um pouco por todo o mundo. Em Novembro de 1902 seriam oferecidos vários exemplares de peixes ao British Museum, Londres¹²⁹², e aquando da sua visita ao *Muséum National d'Histoire Naturelle*, em Paris, onde seria consagrado como cientista e eleito sócio correspondente, o monarca português ofereceria vários exemplares de peixes da sua coleção¹²⁹³. Embora não tenhamos uma data oficial nem a listagem do material enviado, sabemos que às coleções oceanográficas do Mónaco chegariam alguns peixes enviados por D. Carlos¹²⁹⁴.

No que toca à exposição pública das suas coleções, foi um incansável divulgador das suas descobertas científicas. Após a primeira expedição oceanográfica, o rei organizaria a sua primeira exposição, em Abril de 1897, no edifício da Escola Politécnica de Lisboa, lado a lado com as coleções do Museu de Lisboa¹²⁹⁵. Espécimenes zoológicos, tal como invertebrados e peixes conservados em solução, grandes esqualos taxidermizados, aves marinhas e boa parte da parafernália utilizada durante a expedição, seriam expostos nas salas da Escola. A este propósito publicar-se-ia um breve guia/catálogo da exposição, intitulado “*Yacht Ameila – Campanha Oceanographica de 1896*”. Neste o monarca dava conta das razões que o haviam levado a empreender a primeira campanha oceanográfica nacional, revelando a influência das experiências estrangeiras e a importância que as informações recolhidas tinham não só para a ciência como também para a

¹²⁹² “*Échantillons d'Histoire Naturelle offerts par Sa Magesté le Roi du Portugal au British Museum*” – Documento 80 BMODC-AVG

¹²⁹³ “*Liste des Poissons offerts par Sa Magesté le Roi de Portugal au Museum de Paris. Zoologie. Lista dactilografada, sem data, com 3 páginas com os nomes dos peixes, locais de captura e data.*” Documento 78 BMODC-AVG; “*Relação de peixes, manuscrita em 5 folhad de papel almaço, com a indicação do nome e nº do exemplar, local e data de colheita. (Trata-se do borrão da lista de peixes oferecidos ao Museu de Paris).*” Documento nº79 BMODC-AVG. Alguns destes espécimenes existem ainda hoje nas coleções Parisienses.

¹²⁹⁴ Carpine-Lancre & Saldanha (1992: p. 76).

¹²⁹⁵ Bragança (1897)

economia e indústria do mar¹²⁹⁶. Desta primeira campanha resultariam cerca de 600 frascos contendo exemplares em álcool/formol, vários exemplares taxidermizados, exemplares de peixe-lua e "rolins", que se fariam expor lado a lado dos diversos aparelhos utilizados durante a campanha¹²⁹⁷. Para além dos resultados dos trabalhos realizados em profundidade, a exposição contaria ainda com uma "vitrine especial em setenta e dois frascos, separadas as principaes formas pelágicas, e preparadas microscopicamente em cellulas muitas das outras, para o seu mais detalhado exame"¹²⁹⁸, resultantes das capturas pelágicas¹²⁹⁹, bem como um anexo à exposição composto por uma coleção de cem exemplares de aves marinhas, representantes de quarenta e sete espécies, todas elas capturadas aquando da campanha¹³⁰⁰.

Em Maio de 1898, aquando da inauguração do Aquário Vasco da Gama, as coleções de D. Carlos seriam expostas ao público, desta vez na sala do "museu" do Aquário. Por duas ocasiões as coleções reais, a de História Natural e a Oceanográfica, acompanhadas por obras de arte e outras produções do rei, seriam expostas no Palácio de Cristal do Porto, uma vez em 1902 e outra em 1903. Nesta mostra no Porto, inserida na *Exposição Agrícola e de Produtos Minerais*, D. Carlos contribuiria com vários "caixotes" com aves, com "peixes a seco", "peixes em frascos de álcool", "mamíferos a seco" e "peles" dos mesmos¹³⁰¹. Em 1904, aquando do Congresso Marítimo Internacional em Lisboa, que decorreu na Real Sociedade de Geografia de Lisboa, também as coleções oceanográficas de D. Carlos foram expostas, tendo a sessão solene de abertura do mesmo congresso sido presidida pelo rei. No entanto, não só em Portugal as suas coleções seriam exibidas. A nível

¹²⁹⁶ Bragança (1897)

¹²⁹⁷ Bragança (1897)

¹²⁹⁸ Bragança (1897)

¹²⁹⁹ Bragança (1897)

¹³⁰⁰ Bragança (1897)

¹³⁰¹ Documento 179 BMODC-AVG

internacional D. Carlos participaria com vários exemplares de história natural e oceanografia na Exposição Universal de Paris de 1900, na Exposição Internacional de Milão (*Mostra di Pesca e Acquicoltura de Milano*) em 1906¹³⁰², onde uma sala seria dedicada à "*mostra del Re di Portogallo*", e, já após a morte do monarca, na Secção Portuguesa da Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908¹³⁰³. Esta atitude divulgadora não era exclusiva do monarca português, sendo também ela praticada por Alberto do Mónaco, reforçando o paralelo das atividades dos dois monarcas oceanógrafos¹³⁰⁴.

A criação do Aquário Vasco da Gama

No mesmo ano em que D. Carlos iniciaria a sua segunda expedição oceanográfica, estabelecer-se-ia um "Programa Geral" para as comemorações do quarto centenário da chegada de Vasco da Gama à Índia. Seria aí que surgiria a ideia de construir um "*Aquário marítimo e fluvial*", à semelhança de outros aquários da Europa. Embora a comissão geral para as comemorações fosse uma entidade autónoma, a influência de D. Carlos e da sua paixão pelo mar terá

¹³⁰² Existem na BMODC-AVG alguns documentos relativos a esta exposição, tais como: "*Álbum de fotografia de peixes expostos na Exposição de Milão (1902-1903) pertencentes ao Rei D. Carlos I.*" Documento 175 BMODC - AVG; "Fotografia de Medalha de homenagem a D. Carlos, referente à Exposição Internacional de Milão, 1906. Montada em cartão" Documento 192 BMODC - AVG; "Fotografia do reverso da Medalha de Homenagem a D. Carlos, referente à Exposição Internacional de Milão, 1906. Montada em cartão" Documento 193 BMODC - AVG.

¹³⁰³ A este propósito existe na BMODC-AVG a seguinte documentação: "Guia de Remessa e o seu duplicado nº381 do material enviado por S. Magestade El-Rei D. Manuel II para a Secção Portuguesa da Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908. Datado de 30 de Abril de 1908" Documento 180 BMODC-AVG; "Minuta manuscrita de ofício enviado por A. Girard à Comissão Organizadora da Exposição do Rio de Janeiro, informando que o material a enviar pode ser levantado. Datado de 1 de Maio de 1908." Documento 181 BMODC - AVG; "Relação de material para figurar na Exposição do rio de Janeiro remetido a Arnaldo da Fonseca e a Jorge Colaço. Manuscrito." Documento 182 BMODC - AVG; "Minuta de Ofício enviado por A. Girard à Secção Portuguesa da Exposição Nacional do Rio de Janeiro sobre o material a expor. Manuscrito." Documento 183 BMODC - AVG; "Relação de quadros e material oceanográfico a expor no Rio de Janeiro e respectivos valores, e a sua distribuição por caixotes. Manuscrito" Documento 184 BMODC - AVG; "Apontamento do material que pertenceu ao Yacht Amélia e que irá figurar na Exposição do Rio de Janeiro. Datado de 27.04.1908" Documento 185 BMODC - AVG; "Apontamento sobre livros e catálogos (Obra científica do Rei D. Carlos) a figurar na Exposição do Rio de Janeiro. Manuscrito" Documento 186 BMODC - AVG.

¹³⁰⁴ Carpine-Lancre (2001)

certamente contribuído para o sucesso dessa ideia. Citando o referido “*Programa Geral*”, podemos ler que junto a uma exposição denominada Vasco da Gama “[...] *instalar-se-ha um aquário marítimo e fluvial com os respectivos anexos, que será de construção e exposição permanente e que, finda a celebração e exposição Vasco da Gama, ficará sendo propriedade do Estado confiada à administração e exploração da Sociedade de Geographia, com o accordo tecnico da Comissão de Pescarias, nos tempos a regular. [...] O aquário ficará sendo monumento permanente da celebração nacional e à sua entrada principal será erigido um padrão semelhante aos collocados pelos antigos navegadores portuguezes nas terras por elles descobertas.*”.

O aparecimento de aquários públicos era um fenómeno moderno, pois, embora fosse já comum na Europa a existência de tanques contendo peixes ornamentais¹³⁰⁵, a criação de um aquário como hoje o concetualmente definimos, só aconteceria em meados do século XIX em Inglaterra¹³⁰⁶. O “*London’s Zoo Aquarium*” (1853) é considerado como o primeiro aquário aberto ao público do mundo, tendo este exemplo sido seguido por toda a Europa e Estados Unidos durante toda a segunda metade do século¹³⁰⁷. O caso português inserir-se-ia neste movimento seguindo várias opções bastante similares à da maioria dos aquários de então. A sua proximidade física ao mar, de modo a ser mais fácil a captura e bombeamento de água, era comum à maioria dos outros aquários¹³⁰⁸. Por outro lado, também a própria decoração interior do Aquário seguiria a tendência de vários outros aquários Europeus. De acordo com os planos iniciais, patentes nas aguarelas elaboradas por Enrique Casanova, pretendia-se que o interior do aquário apresentasse a aparência de uma gruta, dando a ilusão aos visitantes que se encontravam no fundo do oceano, dando ao aquário uma dimensão cénica bastante

¹³⁰⁵ Robinson (1996)

¹³⁰⁶ Kisling (2001)

¹³⁰⁷ Kisling (2001)

¹³⁰⁸ Robinson (1996)

consistente¹³⁰⁹. Este tipo de cenário tinha já sido adotado em outros aquários da Europa, como o caso do Aquário de Berlim¹³¹⁰, que em 1869 se apresentava da mesma maneira, sendo as rochas utilizadas escolhidas de modo a ilustrar a geodiversidade, aproveitando a dimensão cénica de forma pedagógica.

A construção do Aquário iniciar-se-ia em 1897, na freguesia de Nossa Senhora do Dafundo, Lisboa, muito perto do Rio Tejo, e, embora ainda inacabado, seria inaugurado no ano seguinte. Embora o plano original expresso na aguarela de Casanova nos sugerisse um construção de maiores dimensões e de considerável grau de complexidade, o aquário apresentar-se-ia mais simples.

“Compunham o edifício de um só piso, “dois corpos solidários” estando no primeiro a parte que poderia ser visitada pelo público – a sala de entrada, sala do museu, corredores dos aquários de água salgada e a sala dos aquários de água doce. Uma galeria interior servia os aquários de água salgada, além das salas dos filtros e depósitos de água, e dos quartos do director e do guarda. No segundo corpo do edifício, encontravam-se as várias divisões do serviço – duas cisternas para depósito de água salgada, casas dos motores e dos filtros inferiores, sala de selecção das pescas, laboratórios, gabinete do director e preparador, biblioteca, secretaria, arrecadação, sala de espera e lavabos.”¹³¹¹.

É interessante constatar os meios disponíveis na segunda fase (laboratório, gabinetes, biblioteca), que desde logo anteviam futuras funções de investigação para o estabelecimento, para além da parte expositiva da primeira fase (Figura 42). Na tarde de 20 de Maio inaugurava-se com pompa e circunstância, à qual não faltariam figuras de topo do regime como o Rei, a Rainha, o infante D. Afonso, o ministro da Marinha, vários condes, coronéis e personalidades estrangeiras¹³¹², abrindo as suas portas ao público imediatamente após a inauguração¹³¹³.

¹³⁰⁹ As ilustrações do plano de Casanova podem ainda ser vista na BMODC-AVG.

¹³¹⁰ Strehlow (1996)

¹³¹¹ Caseiro (1998)

¹³¹² Vide Documentação Transcrita - Apêndice P1 e P2

¹³¹³ Vide Documentação Transcrita - Apêndice P1 e P2

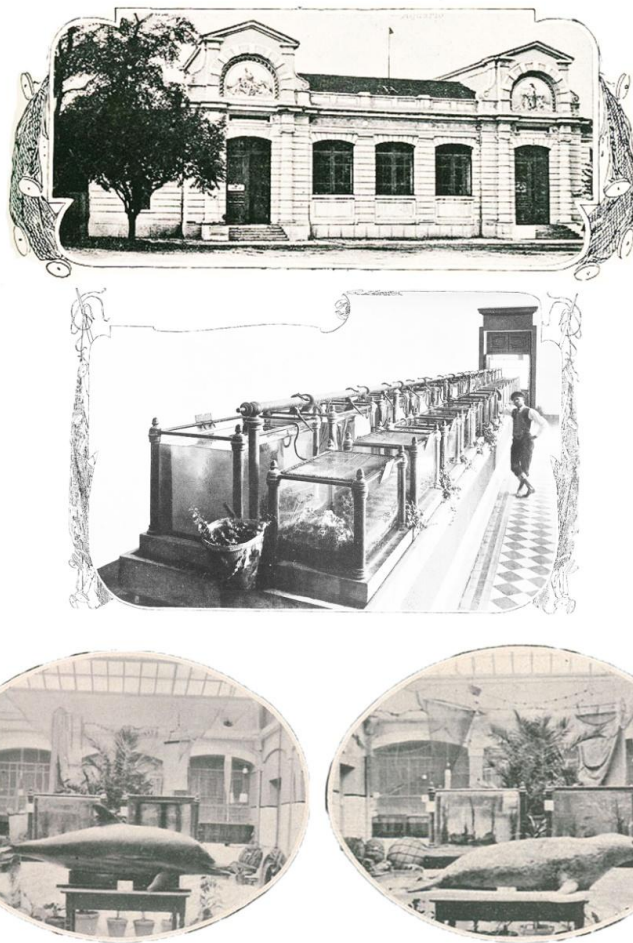


Figura 42 - As instalações do aquário no início do século XX. (Em cima) Fachada do aquário em 1909 (Fonte: 'O Aquario', *Ilustração Portuguesa*, 1909, 184.); (Centro) Sala dos aquários em 1909 (Fonte: *op. sup. cit.*); (Em baixo) Sala do museu em 1914 (Fonte: 'Os Peixes. Impressões do Aquário de Algés', *Ilustração Portuguesa*, 1914, 413.)

Embora o Aquário fosse por sua natureza algo relativamente novo no contexto científico nacional (tratava-se, para além do Jardim Zoológico e de Aclimação de Lisboa aberto ao público em 1884, a segunda coleção “viva” de História Natural no país) o facto é que o Aquário, desde cedo, pretendeu também conter dentro das suas instalações uma área museológica. Não é assim de estranhar que na abertura do aquário, então ainda pobre em espécimes vivos e não completamente finalizado, apresentasse uma sala própria para um “museu”, onde se expunham alguns exemplares zoológicos e material náutico e oceanográfico das coleções iniciadas por D. Carlos nas suas primeiras expedições

oceanográficas¹³¹⁴. Esta dupla natureza das coleções patentes no aquário, que inicialmente se resumia à exposição temporária das coleções do rei e às poucas espécies vivas presentes nos aquários, viria, mais tarde, a revelar-se como uma marca do Aquário, dando-se início em 1913 à publicação de trabalhos científicos baseados nas suas coleções e trabalhos¹³¹⁵.

Pese embora o entusiasmo inicial despertado, os seus primeiros anos não seriam fáceis, roçando mesmo a decadência. Aberto ao público em Maio de 1898, ainda inacabado e com poucas espécies, ainda em Dezembro essa situação não se havia alterado. Em carta ao Príncipe Alberto do Mónaco, D. Afonso faz do estado das coleções uma avaliação negativa¹³¹⁶. Entregue a sua direção à Sociedade de Geografia de Lisboa logo desde a sua abertura, o Aquário atingiria em apenas três anos um estado de degradação tal que em 1901 terá passado a sua administração e direção para o Ministério da Marinha. Para além do estado calamitoso da coleção viva, o relatório dava também conta da pobreza em que se encontrava a biblioteca, possuindo apenas dois livros¹³¹⁷, e a situação do museu. Esta área museológica possuía à altura “*uma banca de casquinha com 12,61 metros de comprimento e 0,78 metros de largo, duas banquetas com tres degraus, tendo estes 0,25 metros de largo e 3,25 metros de comprido, e outra de tres degraus tambem, com a mesma largura e 17,5 metros de comprimento*”, bem como alguns espécimenes¹³¹⁸. Embora inicialmente previsto aquando da fundação do Aquário, o Museu, ou mais especificamente a sua natureza, objetivo e organização não se encontravam ainda definidos, nem nenhum plano ou forma de enriquecimento de coleções haviam até então sido delineados¹³¹⁹.

¹³¹⁴ Vide Documentação Transcrita - Apêndice P1 e P2

¹³¹⁵ Seabra (1913)

¹³¹⁶ Carpine-Lancre & Saldanha (1992: p. 64).

¹³¹⁷ Vide Documentação Transcrita - Apêndice Q1

¹³¹⁸ Vide Documentação Transcrita - Apêndice Q1

¹³¹⁹ Vide Documentação Transcrita - Apêndice Q1

Carlos de Bragança, Zoólogo

Embora já várias vezes referidas em diversas biografias, é importante aprofundarmos a faceta de zoólogo e oceanógrafo de Carlos de Bragança. A forma como geriu, enriqueceu e utilizou as coleções de História Natural preparadas por seu pai, retomando o projeto ornitológico inacabado de D. Pedro, recorrendo não só às fontes publicadas na época, como também à sua vasta experiência pessoal como caçador e ao apoio de naturalistas portugueses, são exemplos de uma personalidade científica que se confunde com a de tantos outros naturalistas europeus seus contemporâneos. A manutenção e gestão dos seus Museus no palácio das Necessidades, que contava com pessoal dedicado à preparação e conservação dos espécimes, são evidências de que a monarquia portuguesa era promotora direta do avanço dos estudos zoológicos nacionais, sendo os Museus e as suas coleções os instrumentos fundamentais para esses estudos, como fonte de informação, repositório e veículos divulgadores de conhecimento. Embora a sua publicação tenha sido interrompida com a morte do Rei, e só já nos finais do século XX, início do século XXI viessem a público as restantes partes da obra, o *“Catálogo Illustrado das Aves de Portugal”* apresenta-se como uma obra de pertinência científica incontestável para a sua época.

D. Carlos revela profissionalismo e conhecimento especializado na publicação de *“Yacht Amélia – Campanha Oceanographica de 1896”*¹³²⁰, que divulga os resultados da sua primeira campanha oceanográfica, em exposição inaugurada na Escola Politécnica a 12 de Abril de 1897. Nela apresenta as diferentes espécies de animais marinhos recolhidos: ou novas espécies da fauna nacional, ou exemplares de dimensões notáveis, ou capturados a grande profundidade. Neste estudo, faz-se alusão feita à famosa teoria de Edward Forbes, a hipótese Azoica, publicada em 1847, a qual assumia a ausência de qualquer tipo de vida a uma profundidade superior a cerca de 500 metros¹³²¹, e aos trabalhos realizados por Barbosa du Bocage e por Brito Capello sobre os esqualos abissais das costas de

¹³²⁰ Bragança (1897)

¹³²¹ Forbes (1847)

Setúbal¹³²² ou aqueles de Bocage sobre as esponjas do género *Hyalonema*¹³²³ e *Hoitenia*¹³²⁴ que punham claramente em causa a hipótese de Forbes¹³²⁵. Estas escolhas revelam não só a contextualização dos seus resultados nos debates contemporâneos, como a atualidade dos seus trabalhos. Identificando a maioria das espécies capturadas, o monarca apresentaria um trabalho de síntese de extremo interesse, o “*Resultados das investigações científicas feitas a bordo do Yacht “Amelia” e sob a direcção de D. Carlos de Bragança – Ichthyologia II Esqualos obtidos nas costas de Portugal durante as campanhas de 1896 a 1903*”, publicado em 1904, onde apresenta um total de trinta e duas espécies de esqualos que ocorriam na costa portuguesa. À listagem e descrição das espécies seguiam-se informações relativas à sua taxonomia, sinonímia, nomes comuns (em Português e Francês), local de captura (complementado por informações geográficas e batimétricas), conteúdo estomacal e outras informações bioecológicas, número total de espécimes conhecidos em coleções de história natural de todo o mundo, referências bibliográficas e forma de captura. Da lista faziam parte uma espécie nova para a fauna nacional, o *Chlamydoselachus anguineus* Garman, 1884, e uma outra considerada nova para a ciência, o *Odontaspis nasutus*. Descrito minuciosamente por D. Carlos, a sua nova espécie seria extensivamente comparada com outras espécies já descritas, analisando as diferentes interpretações dadas aos caracteres distintivos apresentadas por vários especialistas, para que por fim o Rei pudesse apresentar os caracteres distintivos e a sua ilustração.

Embora a precisão e metodologia sistemática com que a descrição da sua nova espécie havia sido feita, a mesma espécie havia sido já descrita anos antes, em 1898 por Jordan, através de um espécimen procedente dos mares do Japão, e sob o nome de *Mitsukurina owstoni*, retirando assim a D. Carlos a autoria daquela que

¹³²² Bocage & Capello (1864)

¹³²³ Bocage, J. V. B. (1864a; 1865b)

¹³²⁴ Bocage (1870a)

¹³²⁵ A este propósito escreveria Bocage em 1870 uma breve mas circunstanciada nota, baseada não só nos seus trabalhos como também nos de outros naturalistas estrangeiros, contestando a hipótese azoica (Bocage 1870b).

ele julgava como uma nova espécie para a ciência. D. Carlos não teria conhecimento do artigo de David Starr Jordan, “*Description of a species of fish (*Mitsukurina owstoni*) from Japan, the type of a distinct family of lamnoid sharks.*” publicado no primeiro volume dos *Proceedings of the California Academy of Sciences*¹³²⁶, tendo-o levado à sua apresentação do *Ondotaspis nasutus* como uma nova espécie. No entanto, a descoberta não deixaria de ser importante pois fora a segunda vez que o espécimen havia sido cientificamente capturado e estudado, e para mais em áreas geográficas completamente distintas.

A familiaridade demonstrada por D. Carlos com a fauna nacional, principalmente com as aves, peixes e invertebrados marinhos, mas também a sua proximidade e conhecimento dos trabalhos levados a cabo pelos naturalistas nacionais, quer no Museu Nacional de Lisboa, no Museu Zoológico da Universidade de Coimbra, e nas restantes instituições museológicas nacionais dedicadas às ciências naturais, levariam o monarca a imaginar uma obra que, a ser concretizada, tornar-se-ia uma *opus magna* da Zoologia nacional. Embora vários trabalhos tenham incidido sobre a sua obra científica, é aparentemente desconhecida até hoje a intenção de Carlos de Bragança de promover a publicação de uma “Zoologia Portuguesa”. Num documento existente nas coleções da Biblioteca do Museu Oceanográfico de D. Carlos, atualmente depositada no Aquário Vasco da Gama¹³²⁷, não assinado nem datado, mas cujo teor e caligrafia não nos deixam dúvidas sobre a sua autoria, expõe a sua orientação:

“Exprimo o meu pensar na orientação que me é dada e se resume.

1º Compilar n’um catalogo simples, sem descrições e sem dados, tudo o que ha publicado sobre zoologia portuguesa.

*2º Servir este por base para se fazer uma zoologia portuguesa, seguindo a ordem a classificação do catalogo. De facto, muito ha publicado sobre Zoologia Portuguesa, mas sem formar, como direi, qualquer corpo ou doutrina.”*¹³²⁸.

¹³²⁶ Jordan (1898)

¹³²⁷ Vide Documentação Transcrita - Apêndice R1

¹³²⁸ Vide Documentação Transcrita - Apêndice R1

Reconhecendo a existência de uma considerável bibliografia relativa à zoologia portuguesa e ibérica, esta obra pretendia apresentar uma síntese geral, de modo a que pudesse servir como base de referência¹³²⁹. Especificando a metodologia e o esquema pretendido, o documento apresenta-nos uma faceta até agora desconhecida de D. Carlos, a de conhecedor das ideias evolucionistas. D. Carlos no entanto pretendia evitar qualquer referência a conceitos evolutivos nesta obra, pretendendo apresentar pura e simplesmente as espécies tal como elas se lhes apresentavam¹³³⁰. Este desejo de D. Carlos não era porventura fácil, não só pela sua dimensão, mas pela própria noção dos limites das espécies. No seio de cada espécie animal, D. Carlos reconhecia a existência de variações que chegavam a "*não ter limite*". Defendia-se assim uma definição abstrata de espécie, baseada num "*tipo*" sujeito a variabilidade, na tentativa de evitar a multiplicação de sinónimos devido à criação de novas taxa que não representariam nada mais do que apenas variações pontuais¹³³¹. Este "*verdadeiro monumento na ciência portuguesa*"¹³³², ainda hoje por concretizar, confirma-nos o interesse dedicado pelo monarca à zoologia, o conhecimento das suas necessidades e limitações, mas sobretudo o seu apoio incondicional ao desenvolvimento dessa área científica.

O fruto dos seus trabalhos científicos, reconhecidos internacionalmente, as suas publicações e coleções manteriam o lugar merecido na História da Ciência nacional, sendo parte delas ainda hoje fundamentais para o estudo de várias questões relacionadas com a fauna marítima Portuguesa. Após a morte de D. Carlos as suas coleções seriam dispersas por várias instituições. Tendo em conta a separação física e conceptual patente entre os dois museus, o de História Natural e o Oceanográfico, também os destinos das coleções neles contidas foram diferentes. No que toca à maioria das coleções de História Natural, constituídas na sua maioria por aves e mamíferos, estas seriam enviadas para o Museu de Lisboa e para o

¹³²⁹ Vide Documentação Transcrita - Apêndice R1

¹³³⁰ Vide Documentação Transcrita - Apêndice R1

¹³³¹ Vide Documentação Transcrita - Apêndice R1

¹³³² Vide Documentação Transcrita - Apêndice R1

Museu da Universidade de Coimbra. Data de 10 de Fevereiro de 1911 o ofício dirigido pelo Secretário-geral do Ministério das Finanças, Camacho Rodrigues, dirigido ao superintendente da administração dos Paços Régios pedindo a transferência da coleção de ornitologia existente no paço das Necessidades para o Museu de Lisboa¹³³³. Essas coleções, constituídas por cerca quinze exemplares aproveitáveis de mamíferos montados, cinco cabeças de mamíferos preparadas, duzentos e quarenta e um exemplares de aves, duzentos e sessenta e quatro aves em pele, e espécimenes variados, seriam recebidas no Museu de Lisboa em Abril do mesmo ano¹³³⁴. As restantes coleções de História Natural seriam enviadas para Coimbra nos dois anos seguintes, tendo seguido em Outubro de 1912 o que sobrava das coleções zoológicas, cerca de trinta aves, três mamíferos, dezassete répteis, trezentas e setenta e três borboletas, e uma coleção de quase quatro mil exemplares de conchas¹³³⁵, e a totalidade das coleções mineralógicas em Setembro de 1913¹³³⁶. As coleções contidas no Museu Oceanográfico tiveram no entanto um destino e um percurso completamente diferente. Após a proclamação da República e do fim da monarquia em Portugal, D. Manuel II, seu filho, ordena a transferência das coleções oceanográficas, bem como toda a documentação e livraria anexas, para as instalações da Liga Naval Portuguesa, no palácio de Palmela ao Calhariz, em Lisboa, onde uma secção específica e denominada "*Secção de Oceanografia D. Carlos I*" tinha sido aberta com o fim específico de receber as coleções. Esta transferência, no entanto, não resolveria os problemas a que a coleção assistiu após a morte de D. Carlos. Em 1913, o governo republicano, em face de uma crise económica e financeira, parou de financiar a Liga Naval Portuguesa, que passou a debater-se com sérias restrições económicas e tornou-se praticamente inapta na

¹³³³ "Lisboa, 10 de Fevereiro de 1911. Ex.^o Snr. Superintendente na Administração dos Bens da extinta monarchia. Queira V.^a Ex.^a providenciar para que seja enviada para o Museu da Escola Polytechnica, enquanto melhor destino lhe não fôr dado, a coleção ornithologica que existe no Paço das Necessidades. Saude e fraternidade. O Secretário Geral, Camacho Rodrigues" in ANTT, MFF, Caixa 7826, ofício nº144

¹³³⁴ Vide Documentação Transcrita - Apêndice S1

¹³³⁵ PNA, DGFP, Livro de Entregas, 14; PNA, Arrolamento das Necessidades, 7181.

¹³³⁶ PNA, DGFP, Livro de Entregas, 21; PNA, Arrolamento das Necessidades, 7361

curadoria das coleções. Isto deixou os herdeiros reais com o problema de encontrar um novo local para a coleção, e até mesmo a ponderar a possibilidade de a vender. O Príncipe Alberto, sabendo disto, correspondeu-se com a viúva real de modo a perceber a situação da coleção¹³³⁷. O rei deposto, D. Manuel II, rapidamente responderia ao seu primo explicando-lhe a corrente situação da Liga Naval e do Museu Oceanográfico, propondo ao monarca monegasco a possibilidade de aquisição das coleções¹³³⁸. Apesar do grande interesse demonstrado por Alberto do Mónaco, a possível aquisição das coleções do falecido monarca estavam para além do poder de decisão do seu primo, visto que o *Musée Oceanographique de Monaco*, como explica Alberto, era já uma instituição independente e que a decisão final sobre a aquisição só poderia ser tomada pela administração¹³³⁹. A aquisição não se chegaria a realizar, e D. Manuel, aquando da realização do seu testamento, a 20 de Setembro de 1915 em Twickenham, Inglaterra, tomaria a decisão de deixar em definitivo as coleções oceanográficas do seu pai à Liga Naval Portuguesa, onde já se encontravam desde 1910, com a condição de que nenhum espécimen ou objecto pudesse alguma vez ser alienado. O catálogo das coleções nas instalações da Liga Naval revela a sua dimensão e natureza. Contavam-se dois mamíferos, duzentos e três exemplares de aves, correspondentes a cerca de oitenta e duas espécies, nove exemplares de carapaças de tartarugas marinhas, uma grande quantidade de peixes e invertebrados marinhos, quer taxidermizados quer em frascos com álcool/formol, bem como um larga variedade de instrumentos oceanográficos¹³⁴⁰. Apesar das ordens explícitas do testamento de D. Manuel II, após a morte do monarca, em 1929, a Liga Naval seria extinta e as coleções transferidas para o Museu dos Condes de Castro Guimarães, em Cascais, até 1935, altura em que foram transferidas para o Aquário Vasco da Gama. Têm sido neste estabelecimento singular e tão ligado à figura de D. Carlos que as coleções se têm

¹³³⁷ Carpine-Lancre & Saldanha (1992: p. 158).

¹³³⁸ Carpine-Lancre & Saldanha (1992: p. 158-159)

¹³³⁹ Carpine-Lancre & Saldanha (1992: p. 159)

¹³⁴⁰ BMODC – AVG Documento nº 200

mantido até aos dias de hoje. No entanto, terão havido algumas remoções e posteriores devoluções de materiais, como o caso do arquivo da coleção. Nele se incluíam os originais das ilustrações das obras ornitológicas de D. Carlos feitas por Casanova, transferido para as instalações da Estação de Biologia Marítima, e só anexado às restantes coleções no Aquário em 1985. Em 1997, alguns exemplares da coleção de D. Carlos foram incorporados no recém-criado Museu do Mar de Cascais, onde se mantêm até aos dias de hoje.

Epílogo - Entre inventários e a "Evolução": os anos de ouro da Zoologia

A segunda metade do século XIX é unanimemente considerada como a época dourada para a História Natural e as suas disciplinas. O grande desenvolvimento observado desde o tempo de Lineu, o crescimento e disseminação das coleções e museus, e a cada vez maior interligação entre ciência e sociedade, levariam a que esta se tornasse uma das áreas científicas de maior crescimento e atenção por parte do público. São disso exemplo a reformulação de vários museus Europeus e da criação dos museus Norte-Americanos e em várias capitais de territórios ultramarinos, a popularidade granjeada pelas viagens de exploração, as várias iniciativas de exposição pública de coleções, etc.

A separação física das coleções de História Natural do British Museum para a gigantesca "catedral" de South Kensington em 1881, com as suas extensas galerias, laboratórios e um quadro pessoal considerável, foi um dos exemplos máximos da importância da História Natural na sociedade Vitoriana, e marcaria de sobremaneira o mundo científico, tornando o Museu Britânico como o novo modelo a ser seguido pela maioria dos museus de todo o mundo¹³⁴¹. Outros Museus viriam a sofrer também importantes ampliações, como o caso do *Muséum* de Paris, cujas coleções, estabelecidas nas antigas instalações do Cabinet du Roi e nas modestas instalações das galerias de anatomia comparada de Cuvier, foram transferidas para as novas e impressionantes edifícios, ainda hoje passíveis de ser

¹³⁴¹ Farber (2000), Yanni (2005)

admirados, em 1889¹³⁴². Com acesso a novas técnicas e materiais de preparação, mas também a uma nunca antes vista capacidade de deslocação e transporte, a realização de expedições e remessas regulares para os museus cresceria exponencialmente. Por sua vez, a época do "Novo Imperialismo" levaria cada vez mais Europeus a estabelecerem-se nos territórios ultramarinos e a explorar os seus recursos. Com o auxílio das várias instruções naturalistas publicadas por museus por toda a Europa, e o fácil acesso a materiais e formas de transporte, os museus e naturalistas ganhariam cada vez mais colaboradores.

A intensa competição entre os Impérios Europeus, manifestar-se-ia também na ciência. O fim do século XIX seria marcado pelo início do que ficou conhecido como o Novo Imperialismo, em contraste com a antiga colonização de África e outros territórios por países Europeus. Esta “corrida por África” levou a muitas tensões entre nações Europeias, e eventualmente a Conferência de Berlim (1884/85) foi realizada de modo a tentar negociar a divisão de Africa por os diferentes poderes Imperiais, definindo “ocupação efetiva” como uma regra pela qual as reclamações e pretensões destes fossem resolvidas. “Ocupação efetiva” era, para além da ocupação física do espaço territorial, a consideração também do quão cada império colonial conhecia a natureza e a diversidade dos territórios. Como consequência desta regra, a maioria dos países estabeleceram (ou intensificaram) programas de expedições extensivas a África. Seriam várias as expedições realizadas por exploradores estrangeiros ao interior Africano, sendo alguns dos mais conhecidos Pierre Savorgnan de Brazza (1852 - 1905), Paul Du Chailu (1831 - 1903), Hemil Holub (1847 - 1902), David Livingstone (1813 - 1873) ou Henry Morton Stanley (1841 - 1904). Entre a propaganda política e as questões geográficas, as expedições realizadas com o alto patrocínio dos governos Europeus produziram também importantes resultados em termos de coleções zoológicas, botânicas e geológicas, que enriqueceriam os museus e fariam parte de centenas de catálogos publicados ao longo de décadas¹³⁴³. As expedições oceanográficas do

¹³⁴² Farber (2000), Yanni (2005)

¹³⁴³ Farber (2000)

britânico HMS *Challenger* e das equipas francesas do *Travailleur* e *Talisman*, para além de missões científicas altamente especializadas, apresentar-se-iam como uma competição política sobre a hegemonia dos mares¹³⁴⁴.

Portugal, devido aos seus vastos territórios coloniais, com atenção especial ao caso específico de Angola e Moçambique, apresentava-se como um importante interveniente no contexto. Desde o final da década de 1860, realizar-se-iam várias expedições aos territórios africanos por exploradores patrocinados pela coroa como Alexandre Serpa Pinto, que em 1869 exploraria a região de Zambeze, de modo a avaliar a bacia hidrográfica e topografia da região oriental de Angola, ou as famosas travessias continentais realizadas por Serpa Pinto, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens entre 1877 e 1885. Embora essencialmente motivadas por interesses políticos, estas expedições produziram alguns resultados científicos, pois seriam coletados e remetidos para os museus metropolitanos vários espécimenes que mais tarde viriam a ser estudados pelos especialistas nacionais. Para além do mais, as interessantes descrições da etnografia e natureza local publicadas nos diários dos próprios exploradores - sendo exemplo máximo a obra de Serpa Pinto "*Como eu atravessei África*"¹³⁴⁵ ou os diários de Capelo e Ivens "*De Benguella às Terras de Iaca*"¹³⁴⁶ e "*De Angola à Contracosta*"¹³⁴⁷ - providenciariam importantes informações e dados que seriam aproveitados em diversos estudos. Os exploradores naturalistas, contratados especificamente para explorarem os territórios da África ocidental Portuguesa com o objetivo de coletar espécimenes zoológicos para os museus metropolitanos, como o caso de José de Anchieta e Francisco Newton, inserir-se-iam também nesta demonstração de soberania política e científica dos ditos territórios, e seriam os principais responsáveis pelo aumento das coleções nacionais e para o desenvolvimento da zoologia ultramarina.

¹³⁴⁴ Lenz & Deacon (1990)

¹³⁴⁵ Pinto (1998)

¹³⁴⁶ Capelo & Ivens (1996)

¹³⁴⁷ Capelo & Ivens (1862)

O papel de Bocage seria muito mais do que de mero recetáculo destas coleções. Entre 1871 e 1878, altura em que eram iniciadas as missões de exploração dos territórios Africanos, João de Andrade Corvo, seu colega dos tempos da Academia, ocuparia o cargo de Ministro da Marinha e do Ultramar, o que granjearia a Bocage uma grande facilidade de acesso e influência à maioria das decisões que pudessem contribuir de algum modo para o desenvolvimento do museu. Bocage manter-se-ia sempre a par do desenvolvimento das questões Africanas. Para além de receber vários relatórios sobre expedições, com o caso da expedição de Ernesto Júlio de Carvalho e Vasconcelos (1852 - 1930) às feitorias Portuguesas de Porto da Lenha e Barra do Rio Zaire (11 de Abril de 1877)¹³⁴⁸, acompanharia de perto as movimentações realizadas por várias potências Europeias em África¹³⁴⁹. O estatuto social de Bocage deve ser tido em conta para se perceber a evolução dos melhoramentos do museu e as suas atividades científicas. Isto também pode explicar a razão de que , após quase 20 anos de pedidos incessantes de fundos e pessoal, todas estas foram concedidas durante meados da década de 1880. Como membro do “Partido Regenerador”, Bocage iria ser eleito deputado por Montemor-o-Novo em 1879, e iria também ter deveres na comissão no que dizia respeito à educação pública e negócios estrangeiros e de territórios ultramarinos. Em 1881 seria nomeado Par do Reino, garantido lhe um dos mais altos postos nas hierarquias políticas do país. Esta posição granjear-lhe-ia uma posição de influência no país, posição essa que iria usar a favor do “seu” Museu. Estando num dos postos mais altos das hierarquias políticas do país, Bocage não usaria os seus poderes apenas para promover o desenvolvimento das ciências naturais em Portugal, as quais sob sua orientação iriam também ser utilizadas como argumento para as políticas portuguesas, especialmente as referentes a Africa. No meio desta teia de interesses políticos, o Museu iria ter um papel essencial e eventualmente lucrar com a situação. No governo de Fontes Pereira de Melo (1819 - 1887), Bocage viria a ocupar os cargos de Ministro da Marinha e Ultramar, de Janeiro a Outubro de 1883, e Ministro dos Negócios

¹³⁴⁸ AHMB Div. 157

¹³⁴⁹ AHMB Div. 165a

Estrangeiros de Outubro do mesmo ano a Fevereiro de 1886, o que levaria a que tivesse influência direta na prossecução das políticas relacionadas com os territórios ultramarinos. Bocage seria também um dos responsáveis pela organização da conferência de Berlim, que viria a definir o futuro do continente africano. Alguns dos seus feitos durante o seu papel como Ministro dos Negócios Estrangeiros, seria por exemplo a criação da comissão cartográfica de África, de modo a mapear todos os territórios contestados, ser o responsável pelos acordos que diziam respeito ao estabelecimento das fronteiras de Guiné-Bissau e Cabinda, bem como a assinatura dos acordos sobre o domínio Português de Zaire com Inglaterra (1884), e a "ligação" dos territórios de Angola e Moçambique, entre Portugal e França (1886). Este último, que viria a ser conhecido por mapa cor-de-rosa, seria novamente apresentado e discutido, já pelo sucessor de Bocage, Henrique de Barros Machado (1843 - 1898), em 1887, em negociações desta vez com o império Alemão. No entanto, após a apresentação pública do plano em 1887, a Inglaterra, viria imediatamente a opor-se às reivindicações Portuguesas, conduzindo a um clima de tensão entre ambos os países, e que viria a originar o conhecido ultimato Inglês a Portugal. Bocage viria a retomar o cargo de Ministro de Negócios Estrangeiros em Outubro de 1890, cargo que manteria até 1892, altura em que seria nomeado Conselheiro de Estado.

No entanto, para além dos exploradores patrocinados pelos Governos e Museus, o crescimento do interesse pelas coleções e espécimenes, e o elevado valor monetário que estas atingiriam na Europa, conduziria ao surgimento de uma nova "classe" de exploradores naturalistas. Apaixonados pela história natural e quase sempre na esperança de virem a afirmar-se como naturalistas de pleno direito, seriam vários os exploradores que, financiando-se a si próprios, viajariam pelas mais diversas latitudes do globo na ânsia de coletar espécimenes e constituir coleções para posteriormente vender a museus metropolitanos, colecionadores privados, ou marchands já estabelecidos que funcionariam como seus agentes¹³⁵⁰. Entre muitos, é esse o exemplo de Alfred Russel Wallace. No entanto o caso

¹³⁵⁰ Murray (2007)

particular de Wallace apresentar-se-ia com um dos poucos casos de sucesso, pois seria dos únicos capazes de conciliar as suas viagens de exploração com a publicação de resultados científicos. Na sua grande maioria estes exploradores viveriam vidas consideravelmente precárias, na tentativa constante de conseguir recuperar os grandes investimentos efetuados nas suas expedições¹³⁵¹. No caso Português, seriam vários os que contactariam com Bocage no intuito de venda destas coleções, como o caso de Adolphe Boucard, de cujas extensas coleções a ele adquiridas justificariam por si só o estabelecimento de uma sala do Museu de Lisboa exclusivamente dedicada para a sua exposição.

Todos estes contributos conduziram invariavelmente ao crescimento das coleções, e conseqüentemente ofereciam aos naturalistas a possibilidade de aprofundar as suas investigações a um nível nunca antes experimentado. O cada vez maior número de espécimenes e constantes atualizações dos elencos faunísticos, obrigariam à adoção de uma abordagem obrigatoriamente diferente das "Enciclopédias" gerais do início do século, a segunda metade do século seria marcada pela publicação de catálogos circunstanciados de coleções, missões e remessas, ou quanto muito "listas" de áreas geográficas claramente circunscritas¹³⁵². Embora a *praxis* científica fosse em tudo semelhante aquela utilizada por Lineu - comparação de caracteres entre espécimenes, análise de semelhanças e diferenças, e separação por grupos - a vastidão de espécimenes e informações publicadas tornariam a investigação cada vez mais aprofundada e especializada. Nenhum naturalista pretendia agora, como no tempo de Lineu, em almejar dominar todos os grupos taxonómicos, especializando-se em determinados grupos em particular¹³⁵³. Face ao grande aumento de dados disponíveis e a um considerável aumento de trabalhos a serem realizados, surgiriam cada vez mais locais de publicação, sendo as publicações periódicas, editadas por sociedades científicas e museus por todo o mundo, o meio

¹³⁵¹ Murray (2007)

¹³⁵² Farber (2000), Murray (2007)

¹³⁵³ Farber (2000)

preferencial para a disseminação de conhecimentos. Este tipo de publicações apresentava da forma mais célere possível as novidades quase diárias das mais recentes descobertas, e apresentavam-se como subscrições obrigatórias para qualquer naturalista que pretendesse manter-se a par dos da sua especialidade. Por sua vez, a crescente complexidade e profundidade teórica da ciência, e a necessidade de troca de informações, fossem elas via carta, troca de publicações ou mesmo empréstimo/oferta de espécimes, obrigaria, como nunca antes, ao estabelecimento de extensas redes entre os vários protagonistas. A maioria dos naturalistas corresponder-se-ia com dezenas, senão mesmo centenas de correspondentes e colegas. O caso Português seria em tudo similar, sendo Bocage um exemplo perfeito desse tipo de trabalhos, bem como do estabelecimento e inserção nessas redes de partilha científica. Fosse a publicação das várias listas das aves dos territórios Portugueses de África Ocidental, a lista das remessas e coleções de Anchieta e dos demais colaboradores, a descrição de novas espécies, ou ainda as suas obras como a *Ornithologie d'Angola* e a *Herpetologie d'Angola et du Congo*, praticamente toda a obra de Bocage se dedicaria a apresentar as novidades que o seu museu recebia e a inventariar a fauna dos vários territórios ultramarinos controlados por Portugal. A situação seria em tudo semelhante para o estudo da fauna metropolitana, com os vários catálogos e listagens publicadas por Albino Girdes, Paulino de Oliveira, Lopes Vieira, Nobre, Furtado ou Osório a seguirem sem qualquer tipo de desvio o modelo também adotado por Bocage para a fauna Africana. Também no que respeita ao estabelecimento de contactos, a maioria dos naturalistas Portugueses manteria uma considerável rede epistolar, sendo novamente Bocage o exemplo máximo da inserção da comunidade naturalista Portuguesa nas redes internacionais. Quer fosse com a intenção de pedidos de informações, compra e venda de espécimes, ou acesso à desconhecida fauna dos territórios ultramarinos Portugueses, seriam dezenas os naturalistas estrangeiros que se corresponderiam com a comunidade científica Portuguesa.

Por sua vez a segunda metade do século seria também marcada por umas das maiores revoluções científicas da história da ciência, a publicação da obra de

Charles Darwin e 1859. Para além do transformismo apresentado por Lamarck, cujo impacto e aceitação haviam sido consideravelmente infrutíferos no meio científico europeu, a explicação mais comum para a diversidade biológica do planeta basear-se-ia na ideia da criação, apoiada ou não nos argumentos da Teologia Natural¹³⁵⁴. Darwin porém viria a apresentar uma hipótese completamente diferente e em total contradição aquela da criação: as espécies não só seriam mutáveis, como também essas alterações seriam resultado de um processo natural - a seleção natural. Embora as ideias de Darwin tenham sido apoiadas por vários seus contemporâneos, como Thomas Henry Huxley, Joseph Dalton Hooker, Alfred Russel Wallace ou Ernst Haeckel, o facto é que naturalistas de relevo não apoiariam a ideia, entre os quais avultam Richard Owen e Louis Agassiz¹³⁵⁵. Contrariamente à natureza indutiva das listas, catálogos e descrições de espécies, a teoria de Darwin era essencialmente especulativa, e o seu impacto no dia-a-dia da maior parte dos naturalistas seriam reduzido. Concordassem ou não com a ideia de que as espécies se alterariam ao longo do tempo através da seleção natural, o fato é que a teoria de Darwin era praticamente irrelevante para o trabalho de identificação, descrição e publicação das extensas listas de espécies que todos os dias chegavam aos museus. O caso Português seria em tudo semelhante ao resto do mundo, pois o grau de aceitação das ideias de Darwin foi consideravelmente elevado. Desde o aguerrido e panfletário Arruda Furtado aos estudos embriológicos de Matoso dos Santos, a evolução por seleção natural seria em geral bem aceite por boa parte dos zoólogos nacionais. Outros porém, quer por claro alinhamento em correntes criacionistas, como o caso de Paulino de Oliveira, quer por algumas reservas quanto à natureza especulativa da obra de Darwin, bem como das implicações sociais e políticas no país, como no caso de Bocage ou de D. Carlos I, manter-se-iam afastados do discurso darwinista.

A segunda metade do século XIX em Portugal seria, à semelhança do resto do mundo, uma época de grande desenvolvimento e legitimação da Zoologia. O

¹³⁵⁴ Farber (2000)

¹³⁵⁵ Farber (2000)

crescimento das suas coleções, a melhoria das condições dos seus estabelecimentos, e a adoção de práticas e ideias modernas, colocariam Portugal na linha da frente da investigação zoológica, com especial enfoque nas faunas dos seus territórios ultramarinos e metropolitanos. Os trabalhos dos naturalistas de Coimbra, Porto, Açores e Lisboa, chegariam a dezenas de naturalistas e instituições pelo mundo fora, servindo como bases fundamentais para o avanço do conhecimento. No entanto, quer pelo seu impacto no desenvolvimento da ciência portuguesa, como no alcance da sua obra, achamos por bem considerar Bocage, como Vandelli o foi para o século XVIII, a figura preponderante da Zoologia portuguesa do século XIX. Poucos naturalistas na história da zoologia do século dezanove, e mesmo em toda a história moderna da ciência, enfrentaram tais tarefas como as que Bocage encarou e ainda conseguiu ser tão produtivo como foi. Bocage teve de reconstruir quase do início um Museu funcional, gerindo-o praticamente sozinho, enquanto o seu tempo se repartia entre diversas atividades diferentes como as aulas ou os deveres políticos, na mesma altura que ele havia sido confiado a estudar e publicar sobre a fauna de um dos maiores impérios coloniais do século dezanove. O trabalho de Barbosa du Bocage foi uma das maiores contribuições para o avanço da Zoologia em Portugal. Nos seus quase cinquenta anos de atividade zoológica, Bocage não só construiu e organizou, virtualmente do zero, uma das maiores coleções zoológicas do mundo, mas ao mesmo tempo, com as entregas dos seus exploradores, descreveu mais de duas centenas de *taxa* animais, e também levou a cabo um extensivo trabalho científico nas coleções. A contribuição de Bocage para o conhecimento da fauna Africana tem um valor inestimável, e ele é universalmente considerado como o mais importante zoólogo Português de sempre. Bocage foi no entanto, um “naturalista de gabinete”, que nunca participou em viagens de exploração, baseando preferencialmente todo o seu trabalho no museu que ele construiu e geriu. Através das instruções e correspondência entre o museu e as expedições naturalistas, é possível caracterizar todo o processo de coleção, armazenamento e subsequente descrição e tratamento taxonómico dos espécimes obtidos. O Museu foi a principal razão para o seu trabalho, enquanto laboratório, armazém, biblioteca e expositor de um conhecimento em expansão. É portanto impossível falar sobre Bocage sem falar do

“seu” museu, e vice-versa, e esta quase simbiótica relação entre o naturalista e o museu iria definir toda Zoologia portuguesa do século dezanove, prolongando-se até ao século vinte como a referência para qualquer zoólogo moderno. Mais do que um nome para o Museu, Bocage deixou toda a sua personalidade científica metamorfoseada em coleções, publicações, espécimes e espécies. O ex-jovem estudante de Medicina de Coimbra, afligido pelos tumultos da guerra civil, rejeitado pela Académica das Ciências em duas ocasiões e confiado com a reconstrução dos estudos de história natural portugueses, manteve as suas atividades científicas quase até à sua morte. Nos seus últimos anos Bocage ficou cego, algo que não o iria impedir de continuar a publicar os seus trabalhos – ele iria pedir ajuda à sua mulher, Maria Teresa, e ditar-lhe os textos¹³⁵⁶. Bocage iria morrer a 3 de Novembro de 1907, com 84 anos, após quase cinco décadas dedicado à Zoologia. Dois meses mais tarde, no dia 1 de Fevereiro de 1908, o Rei Carlos I, o herdeiro oceanográfico de Portugal e patrono apaixonado pelas ciências naturais iria ser alvejado na baixa de Lisboa. Parte das coleções sobreviveriam até aos dias de hoje, tendo-se no entanto perdido o núcleo fundamental das coleções do Museu de Lisboa no terrível incêndio da Escola Politécnica em Março de 1978.

¹³⁵⁶ Osório (1909)

Considerações

Finais

Ao longo deste trabalho, procurámos construir uma narrativa sobre a zoologia e as coleções de História Natural portuguesas dos séculos XVIII, XIX e inícios do século XX. Cumpre-nos agora olhar em retrospectiva para as três partes que o compõem. Tema praticamente esquecido pela historiografia tradicional, a História da “História Natural” e das suas instituições no nosso país resumia-se a pequenos estudos, notas ou memórias internas das próprias instituições e de alguns naturalistas. Na sua maioria publicados por ocasião de comemorações, jubilações ou eventos evocativos, estes estudos nunca atingiram uma profundidade narrativa nem uma dimensão que nos permitisse conhecer de forma detalhada a história destas ciências, das suas coleções e instituições, embora reconheçamos alguns deles como fontes fundamentais para este trabalho¹³⁵⁷. Estudos de outras áreas tão díspares como a Museologia, Economia e Finanças ou mesmo a Teologia e Filosofia, forneceram-nos dados e perspectivas bastante pertinentes e interessantes para a compreensão de alguns momentos, instituições e assuntos diretamente ligadas à Zoologia e às suas coleções embora, e dado o seu principal enfoque mantendo o tema da História Natural em segundo plano.

Seja pelos desafios que se colocam à biodiversidade num mundo em mudança, pelo publicitado "regresso" dos biólogos aos museus, ou pelo reconhecimento das coleções científicas como património histórico e cultural, os museus e as coleções de História Natural voltaram a despertar interesse académico, ao fim de décadas de relativo abandono. A urgente necessidade de salvaguarda das coleções, aliada à desejada renovação do sistema museológico-naturalista nacional, exigem que a comunidade científica esteja preparada para responder a todas as questões que se começam a levantar. A aparência estática e a aura fantasmagórica transmitida pela presença de filas de animais taxidermizados ou em frascos de soluções alcoólicas, em armários e bancadas das várias instituições museológicas dedicadas ao estudo e exposição da "História Natural", fazem por vezes esquecer ao observador que os espécimes aí presentes são o produto final de um longo processo científico, iniciado ainda antes do momento da

¹³⁵⁷ Veja-se por exemplo Almaça (1993b) e Carvalho (1987, 1989).

captura. No entanto, como objetos científicos, espécimes não são tão imóveis como parecem, continuando a movimentar-se fisicamente entre coleções e museus, bem como atravessando continuamente várias fronteiras epistemológicas¹³⁵⁸. As coleções e os seus espécimes são encarados como fonte de espanto e admiração, como testemunho histórico da atividade naturalista ou ainda como objetos de investigação no âmbito de estudos atuais. Esta transdisciplinaridade e constante movimentação das coleções assume-se hoje como uma das áreas de investigação mais férteis no seio da História da Ciência, da Museologia,. Todas as coleções de História Natural têm a sua própria história que, embora inserida numa imbricada rede de relações, paralelismos e contextos análogos, é por si só única. No entanto, e independentemente das razões que conduziram à sua criação - questões de prestígio, razões económicas, científicas ou pedagógicas - o fato é que todas estas coleções partilham processos comuns no que toca à sua constituição, desenvolvimento e dispersão, e enfrentam atualmente desafios bastante semelhantes. Os espécimes contam história e são evidências da existência de redes científicas, entre instituições dedicadas desde há séculos à documentação e estudo da diversidade do mundo vivo, e ilustram claramente o contínuo e progressivo desenvolvimento do conhecimento.

Lourenço & Gessner apresentaram os benefícios de estudos conjuntos de História da Ciência com estudos museológicos e de história das coleções, notando no entanto algumas questões metodológicas e lacunas conceptuais por resolver¹³⁵⁹. Estes tipo de abordagens é particularmente importante no caso das coleções de História Natural, visto que a informação "histórica" associada aos espécimes e às coleções é em si mesma uma importante fonte de dados científicos. Esta informação "histórica" vital para a salvaguarda, preservação e utilização "científica" dos espécimes, é no entanto facilmente perdida ao longo

¹³⁵⁸ Sobre esta assunto veja-se o capítulo intitulado "*Royal collections on the move. Backgrounds, pathways and dispersal of Portuguese Royal Natural History collections, from 18th to 20th century*", em co-autoria do autor e de David Felismino e Inês Gomes, atualmente *in press* (Ceríaco et al. *in press* b).

¹³⁵⁹ Lourenço & Gessner (2013)

do tempo. Torna-se por isso fundamental que o "naturalista", e não apenas para o "historiador", conheça e compreenda os processos, percursos e condições históricas que conduziram os espécimes desde os seus locais de captura até ao local onde hoje se encontram. Atrevemo-nos mesmo a afirmar, apoiando-nos no crescente reconhecimento da importância da interdisciplinaridade e do derrube de paradigmas metodológicos e epistemológicos que durante décadas criaram fronteiras imaginárias, mas praticamente intransponíveis, fomentando preconceitos no seio das comunidades académicas, que para o caso particular da História Natural os estudos de História da Ciência e das suas coleções em boa parte se confundem com o estudo clássico da disciplina, se não mesmo formando parte integrante do mesmo.

A atual demanda para conhecer e catalogar a biodiversidade do nosso planeta, hoje justificada e motivada por razões bastante diferentes daquelas dos séculos passados, depende deste reconhecimento e da tomada de consciência por parte dos naturalistas atuais de que as bases fundamentais deste estudo foram iniciadas há várias gerações e estão na sua maioria depositadas em museus e coleções. Tendo ao dispor de ferramentas e recursos tecnologicamente avançados, atualmente continua-se a depender de métodos, prerrogativas e objetivos em tudo semelhantes àqueles do tempo de Lineu. A comparação e a classificação, seja ela feita através de dados moleculares, etológicos, ecológicos ou morfológicos, continua a ser a principal metodologia empregada, e a manutenção e constituição de coleções mantém-se como prática indispensável, não só para a obtenção de dados, mas também para a própria legitimação do conhecimento produzido. Por muito que novos paradigmas ou conceitos sejam implementados, o facto é que a taxonomia clássica e as coleções manter-se-ão para sempre na base de todo o conhecimento acumulado ao longo de gerações. São elas a prova material e objetiva em que se apoiam as descrições e listas, e o elemento de decisão em qualquer tipo de tomada de decisão relativamente ao nosso conhecimento sobre a biodiversidade mundial. Por exemplo, como podemos confirmar se o espécimen coligido no campo, em determinado local, é de fato uma espécie nunca antes descrita, se não soubermos que coleções existem da região e que trabalhos foram

publicados sobre elas? Por melhor e por mais minuciosa que seja a descrição, sem a possibilidade da sua revisão por terceiros, o seu valor é no mínimo duvidoso. No entanto, as crescentes críticas face ao sacrífico e coleta de animais, à dependência de espécimes conservados em coleções, por vezes de difícil acesso ou em mau estado de conservação, ou às metodologias clássicas baseadas quase que exclusivamente em caracteres morfológicos, encontram no mundo atual terreno fértil. O mundo dos naturalistas, todo o seu *modus vivendi* e *rhythmus* particulares, está hoje posto em causa. Às novas gerações são exigidos níveis de "produção" e publicação, impostos pelas ditaduras bibliométricas em vigor, a quase obrigatoriedade da transformação de toda a produção científica em material acessível ao grande público, entre outras exigências, são praticamente incompatíveis com o estudo sistemático e monográfico dos *taxa*. Se a isto juntarmos o atual cenário de afunilamento dos fundos disponíveis para as ciências clássicas, torna-se claro o cenário pouco favorável com que se depara a abordagem clássica.

Antes de iniciarmos uma revisão crítica ao conteúdo da presente tese, julgamos necessário justificar algumas das opções metodológicas tomadas e as consequências formais e estilísticas daí resultantes. A natureza monográfica da tese, aliada ao objetivo declarado de historiografar a evolução da zoologia e das suas coleções em Portugal, para além de terem resultado numa grande densidade e dimensão dos textos e a profusão de notas de rodapé, citações e transcrições, obrigaram-nos a ter em conta as informações e dados já publicados por outros autores. A aglutinação de trabalhos já publicados aos dados inéditos resultantes da investigação conducente a esta tese, permite-nos construir uma história - a da Zoologia e das Coleções de História Natural nacionais - que até aqui estava por construir, ao mesmo tempo que nos apresentam uma perspetiva o mais completa possível dos temas em questão. Consideramos que a utilização das ideias e dados já publicados em conjugação com os dados novos resultam por si só num resultado global até aqui inédito, pois contextualizado numa temática até então nunca trabalhada. À comunidade académica providenciámos uma "história" até então desconhecida, que urge no futuro solidificar, completar e porventura transformar.

Como referido desde logo na introdução, e como se pode constatar no *corpus* da tese, as três partes seguem uma lógica cronológica. No entanto, os capítulos que as compõem não seguem obrigatoriamente esta lógica, tendo-se por vezes apostado em apresentar de forma sincrónica temas e instituições. Ainda antes de avançarmos porém para uma análise mais detalhada dos resultados e da discussão do conteúdo e cumprimento dos objetivos, pretendemos dar o mote à discussão apresentando desde já, de forma sucinta, algumas das principais conclusões deste estudo:

- 1) No que à Zoologia e às Coleções de História Natural diz respeito, Portugal acompanhou de perto o panorama internacional, tendo para ele contribuído de forma clara e importante, sobretudo nas épocas de Vandelli e de Bocage;
- 2) O desenvolvimento das coleções foi concebido em parte como ferramentas ao serviço da legitimação dos interesses geopolíticos e na estratégia económica do país, sendo por elas claramente moldadas e afetadas;
- 3) As coleções serviram de base material e experimental para a construção, disseminação e legitimação do saber;

Desde a adoção do sistema de classificação lineano, das práticas e metodologias modernas introduzidas por Vandelli, do reconhecimento e uso de ideias de Lamarck por Brotero, a utilização de bibliografia atualizada para a classificação das coleções do museu de Lisboa aquando a sua estadia nas instalações da Academia, à própria obra científica de Bocage, revelam que a ciência portuguesa acompanharia de perto as novidades e tendências internacionais. A ideia da ciência como torre de marfim, e do cientista como sábio afastado da sociedade, é hoje pouco mais que uma infantil caricatura, desprovida de fundamento e claramente contrariada por a grande maioria de estudos históricos e sociais da ciência. Se compreendermos o desenvolvimento científico e das suas instituições como resultado de uma construção social, permeável aos mais

variados interesses e circunstâncias, não só somos obrigados a descartar a referida caricatura, como a situar as instituições científicas e os cientistas como atores sociais. Contrariamente à imagem positivista da evolução da ciência direcionada para a descoberta desinteressada da verdade, a história da ciência demonstra-nos que na maior parte das vezes o desenvolvimento científico não só caminhou lado a lado com as aspirações políticas, económicas e sociais da sociedade, como terão mesmo sido estas aspirações o principal motor do seu desenvolvimento. É exatamente isso a que assistimos na Parte I no programa Vandelliano de criação de coleções, formação de naturalistas e estabelecimento de instruções destinadas ao estudo sistemático da natureza colonial, sendo inegável a subordinação dos estudos naturalistas ao programa político e económico do Iluminismo esclarecido, e muito particularmente à exploração dos recursos naturais das colónias. Ao naturalista cabia a função de explorar, catalogar e estudar os elementos da história natural de forma a contribuir para o desenvolvimento económico e social do Reino, e o estabelecimento de coleções, para além de repositório de descobertas e local destinado ao estudo e investigação, viriam a funcionar como mostruário de produtos e recursos naturais passíveis de serem utilizados nas artes, na medicina e na indústria. Mas para além do utilitarismo fisiocrático atribuído ao estudo da natureza e às suas coleções, o fato é que estes incorporavam em si desde o primeiro momento uma postura e uma metodologia moderna e científica. Vandelli como correspondente e partidário de Lineu, conseguiria implementar em Portugal o sistema classificativo desenvolvido pelo Sueco, bem como a sua atividade seguiria em tudo a de Lineu.

As profundas transformações políticas decorrentes da fuga da família Real para o Brasil em consequência das invasões napoleónicas, os tumultos da guerra civil e as dificuldades económicas e sociais sentidas nos primeiros anos do liberalismo, afetariam sobremaneira o desenvolvimento da ciência nacional, das suas instituições e coleções. Esta época negra, que apresentámos na Parte II desta tese, seria marcada por importantes alterações concetuais relativas à organização das instituições científicas, o que levantaria intensos problemas e conflitos internos. É disso exemplo a quezília entre Assis de Carvalho e Santos do Valle

aquando da transferência das coleções de história natural do extinto "Gabinete Real" para o novo "Museu Nacional", ou ainda a oposição da Academia, vinte anos mais tarde, à transferência das coleções do seu espaço para o edifício da Politécnica.

Já na segunda metade do século XIX, a corrida a África e às possessões ultramarinas representariam uma oportunidade única para o desenvolvimento científico, visto que o estudo da fauna, flora, e geologia das regiões se inseria numa clara lógica de legitimação da posse, complementando a argumentação da ocupação efetiva dos territórios e das "ações civilizadoras". O Museu de Lisboa, através de Barbosa du Bocage, representaria o interesse do Estado Português no conhecimento científico destas regiões, funcionando como mostruário das suas descobertas e local privilegiado para o estudar e conhecer as colónias. Em ambos os períodos - o "Vandelliano" e o "Bocageano" é clara a relação direta entre o interesse político e o científico. A sociedade procuraria encontrar na ciência a legitimação dos seus interesses e o usufruto dos conhecimentos gerados pela investigação. A ciência por seu lado encontraria nos interesses políticos, económicos e sociais uma fonte de financiamento e apoio e motor para o seu desenvolvimento. Consequentemente, sendo as coleções a base fundamental para a investigação científica, e produto direto do investimento em ciência, terão sido nestas fases que o seu crescimento terá sido mais intenso. No entanto esta relação, no que toca às coleções em Lisboa, não é totalmente direta ou verdadeira. Como vimos na Parte II, o crescimento das coleções do Museu de Lisboa na década de quarenta e cinquenta do século XIX terá sido considerável, principalmente fruto de ofertas e remessas variadas. A principal diferença encontra-se talvez na forma como esse aumento terá sido feito, e no uso dado às mesmas. Enquanto no período Vandelliano e no período Bocageano o crescimento das coleções se inseria numa estratégia clara e bem delineada, para o qual terão sido projetadas e realizadas, financiadas diretamente pelo Estado, várias viagens direcionadas exatamente para esse fim, o crescimento assistido durante a direção de Assis de Carvalho ter-se-á devido muito mais à oferta de particulares, e à contribuição de funcionários da máquina colonial. Por sua vez, e contrariamente aos outros períodos em questão, o

crescimento das coleções não estava acompanhado de um projeto científico claro, sendo aparentemente o crescimento das coleções como um objetivo em si mesmo. Enquanto Vandelli pretendia escrever uma "História Natural das Colónias", e Bocage pretendia catalogar e conhecer a fauna metropolitana e das possessões ultramarinas Portuguesas, a indefinição de um programa científico na Academia conduziria ao completo fracasso o projeto do Museu Nacional no seio da Academia e ao próprio deterioramento das suas coleções. De qualquer modo, a história do Museu de Lisboa no seio da Academia é bastante interessante, e insere-se na tese que defendemos - o desenvolvimento da zoologia e das coleções de história natural em Portugal depende diretamente dos interesses políticos, económicos e sociais da época e das condicionantes de então. É assim que se compreende o marasmo científico da primeira metade do século, onde apesar dos grandes planos e ideais do Liberalismo, as debilidades e desorganização do Estado, não conseguiriam aplicar o ímpeto necessário ao desenvolvimento destes estudos, não os extinguindo mas mantendo-os como residuais, em segundo plano para as tarefas de educação.

Por sua vez as coleções de Coimbra, bem como as restantes coleções ligadas a estabelecimentos de ensino que surgiriam quer na segunda metade do século XVIII/início do século XIX (coleções de Mayne e de Cenáculo), quer na segunda metade do século XIX (Academia Politécnica do Porto e Museu Açoriano), teriam uma evolução consideravelmente diferente. Pela sua natureza pedagógica, as coleções destes estabelecimentos nunca atingiriam o quantidade e diversidade daquelas dos vários estabelecimentos lisboetas. A evolução e renovação das suas coleções far-se-ia de forma a responder de forma prioritária às necessidades do ensino, e não propriamente a qualquer programa de investigação. No entanto nenhuma delas deixaria de estar imbuída do espírito da sua época, manifestando os conceitos e paradigmas científicos então vigentes, ao mesmo tempo que serviriam de apoio à investigação de alguns personagens. Isso é particularmente visível na segunda metade do século XIX, nos estudos sobre a fauna portuguesa levados a cabo pelos vários professores da Universidade de Coimbra, pelos

trabalhos iniciais de Augusto Nobre no Porto, e pelo uso das coleções Açorianas por Arruda Furtado e naturalistas estrangeiros.

Como facilmente se compreende, este trabalho não passa de uma primeira contribuição para a estudo e valorização das coleções portuguesas de História Natural e para a história da Zoologia no país. Mesmo que tenhamos conseguido apresentar uma história geral da Zoologia e das suas coleções em Portugal, muito se encontra ainda por estudar. Podemos mesmo afirmar que um dos principais resultados deste trabalho foi a abertura de novas frentes de investigação, até então de difícil acesso devido à inexistência de uma base historiográfica que a apoiasse, bem como da sua natureza críptica. É agora possível estudar com maior detalhe as coleções ainda hoje existentes nos museus nacionais, de maneira a identificar neles espécimenes de particular importância histórica e/ou biológica. Por outro lado, vários dos personagens tratados merecerão estudos biográficos mais aprofundados, pelo seu importante contributo para a ciência Portuguesa. A própria análise e compreensão da importância das coleções Portuguesas para o desenvolvimento da zoologia mundial durante os séculos XVIII, XIX e XX conduz mesmo à reflexão do papel que essas mesmas coleções têm nos dias de hoje, e permitirão responder a questões tão pertinentes como aquelas que hoje se lhes colocam: qual o futuro das coleções portuguesas?; qual a sua inserção nas redes de investigação?; quais serão os seus usos futuros?, etc.

Algumas destas coleções têm sido negligenciadas ao longo de décadas, muitas delas encontrando-se num estado de tal degradação que impede em parte o acesso de investigadores. Este trabalho, na senda de várias outras iniciativas com vista no estudo e salvaguarda destas coleções científicas, pretende no entanto contribuir para a melhoria deste cenário, com consequências positivas para várias áreas. Para os naturalistas atuais, as coleções ficarão novamente acessíveis para estudos científicos, quer para as abordagens taxonómicas e nomenclaturais mais clássicas, quer para as técnicas modernas de análise de DNA, incorporação em bases de dados informáticas, ou para questões ligadas à conservação. Para os historiadores, a história das coleções e dos seus espécimenes apresenta um

autêntico novo mundo de exemplos e dados históricos capazes de ajudar a reescrever ou revisitar vários episódios e épocas históricas, bem como a atividade e práticas de diversos personagens. Para os museus, este contributo oferece uma das mais importantes ferramentas que qualquer curador pode ter - a história e informação o mais completa possível sobre as suas coleções e espécimenes - o que lhes permite fazer uma melhor gestão e curadoria do seu património, bem lhes deixa à disposição várias possibilidades relativas à sua função pedagógica e pública. Coloca-se então sobre os ombros dos naturalistas de hoje todo o peso da responsabilidade de salvaguarda e continuação da obra iniciada por Lineu, e será certamente sobre os ombros dos naturalistas portugueses que recairá a responsabilidade de dar continuidade à obra iniciada por Vandelli, Brotero e Bocage, entre outros.

Fontes bibliográficas

Fontes manuscritas

Arquivo Histórico do Museu Bocage - AHMB

Reservados (Res.)

- Res. 1 - "*Riscos de Alguns Mammaes, Aves, e Vermes do Real Museo de Nossa Senhora d'Ajuda, Ditos de Peixes, e Vermes de Angola, com o prospecto da Embocadura do Dande, Ditos de varios animaes raros de Moçambique, com alguns prospectos e retratos.*"
- Res. 2 - "*Specimen Florae Americae Meridionalis. Olisipone in Regio Viridario Botanico. Anno M.DCC.LXXX*"
- Res. 3 - "*Lepidoptéarum suorum Omne pulchrum Praefectura Fluminensis*"
- Res. 18 - "*Methodo de Recolher, Preparar, Remeter, e Conservar os Productos Naturais Segundo o Plano, que tem concebido e publicado alguns Naturalistas, para o uzo dos Curiozos que vizitão os Certoins, e Costas do Mar.*"

Diversos (Div.)

- Div. 2 - [*Exposição de Bocage à Academia das Ciências de Lisboa sobre a missão de Saint-Hilaire em Portugal (23 de Novembro de 1854)*]
- Div. 3 - [*Carta de Bocage a Rouland, Ministro da Instrução Pública de França (20 de Outubro de 1859)*]
- Div. 4 - [*Carta de Bocage ao Ministro e Secretario de Estado dos Negócios do Reino (20 de Outubro de 1859)*]
- Div. 6 - [*Carta de Isidore Geoffroy Saint-Hilaire ao Visconde de Paiva (26 de Janeiro de 1860)*]
- Div. 7 - [*Carta do Visconde de Paiva a Bocage (2 de Fevereiro de 1860)*]

- Div. 8 - [*Carta de autor desconhecido a Bocage (3 de Março de 1860)*]
- Div. 9 - [*Carta de Bocage a José Maria d'Abreu, Diretor Geral da Instrução Publica (30 de Abril de 1860)*]
- Div. 10 - [*Carta de Bocage a José Maria d'Abreu, Diretor Geral da Instrução Publica (10 de Maio de 1860)*]
- Div. 11 - [*Carta de Bocage ao Marquês de Loulé, Presidente do Conselho de Ministros e Secretário de Estado dos Negócios do Reino (sem data)*]
- Div. 12 - [*Carta de Bocage ao Marquês de Loulé, Presidente do Conselho de Ministros e Secretário de Estado dos Negócios do Reino (sem data)*]
- Div. 13 - [*Carta de Bocage ao Marquês de Loulé, Presidente do Conselho de Ministros e Secretário de Estado dos Negócios do Reino (23 de Julho de 1860)*]
- Div. 14 - [*Carta do Visconde de Paiva ao Marquês de Loulé, Presidente do Conselho de Ministros e Secretário de Estado dos Negócios do Reino (13 de Agosto de 1860)*]
- Div. 16a - "*Relações Dos Productos naturaes que por Ordem Regia se remetterão deste Real Museu ao General Lasnes, Embaixador da Republica Franceza nesta Corte*"
- Div. 16b - "*Relação Dos Productos naturaes que por ordem do General Junot levou deste Real Museu M. Geoffroy de St. Hilaire em Junho e Agosto de 1808*"
- Div. 23 - "*Livro de Registos das Ordens da Academia respectivas ao Museu Nacional. Desde 6 de Outubro de 1836 em diante.*"
- Div. 29 - [Declaração de José de Sá Ferreira Santos do Valle]
- Div. 39 - [Envio de material do convento de S. Francisco (1837)]
- Div. 40 - [Envio de material do convento de S. Francisco (1837) - Catalogo]
- Div. 45 - "*Muséum d'histoire naturelle. Catalogue des Oiseaux offerts à sa Majesté le Roi du Portugal.*"
- Div. 78 - [*Carta do Marquês de Loulé à Secretaria da Escola Politécnica (5 de Setembro de 1860)*]
- Div. 85 - [*Carta de Bocage ao Diretor da Escola Politécnica (23 de Dezembro de 1864)*]
- Div. 87b - "*Catalogue Préliminaire des Poissons D'Eau Douce de Portugal conservés au Muséum d'Histoire naturelle de Lisbonne*" [por Steindachner]
- Div. 88 - [*Carta do Governo da provincia de São Tomé e Príncipe a Bocage (31 de Janeiro de 1860)*]

- Div. 89 - "*Relação de diferentes peças zoologicas que se remettem para o Museu Real de Lisboa, colligidas na Ilha de S. Thomé*"
- Div. 94 - [*Carta do Ministério da Marinha e Ultramar para Bocage (21 de Março de 1865)*]
- Div. 95 - [*Carta de Bocage ao Ministro e Secretário de Estado de Negocios da Marinha e Ultramar (4 de Abril de 1865)*]
- Div. 96 - [*Carta do Ministério da Marinha e Ultramar para Bocage (8 de Maio de 1865)*]
- Div. 97 - [*Carta de Bocage ao Diretor Geral de Instrução Pública (17 de Maio de 1865)*]
- Div. 99 - [*Carta do Ministério da Marinha e Ultramar para Bocage (30 de Junho de 1865)*]
- Div. 100 - [*Carta de Barbosa du Bocage a Manuel Jorge de Oliveira Lima (7 de Julho de 1865)*]
- Div. 101 - [*Carta do Ministério da Marinha e Ultramar para Bocage (14 de Julho de 1865)*]
- Div. 102 - [*Carta de Barbosa du Bocage ao Ministério da Marinha e Ultramar (sem data)*]
- Div. 103 - [*Carta do Ministério da Marinha e Ultramar para Bocage (25 de Julho de 1865)*]
- Div. 105 - [*Carta de Barbosa du Bocage a Manuel Jorge de Oliveira Lima (5 de Janeiro de 1866)*]
- Div. 106 - [*Carta de Manuel Jorge de Oliveira Lima para Bocage (20 de Fevereiro de 1866)*]
- Div. 107 - [*Carta de Barbosa du Bocage a Manuel Jorge de Oliveira Lima (sem data)*]
- Div. 108 - [*Carta de Manuel Jorge de Oliveira Lima para Bocage (21 de Março de 1866)*]
- Div. 109 - [*Carta de Manuel Jorge de Oliveira Lima para Bocage (27 de Julho de 1865)*]
- Div. 110 - [*Carta de Manuel Jorge de Oliveira Lima para Bocage (23 de Maio de 1866)*]
- Div. 111 - [*Carta de Bocage a Manuel Jorge de Oliveira Lima (sem data)*]
- Div. 152 - [*Carta de Otto Finsch para Bocage (17 de Fevereiro de 1876)*]

- Div. 166 - [*Carta de Bocage ao Diretor Interino da Escola Politécnica (11 de Agosto de 1878)*]
- Div. 167 - [*Carta de Bocage a autor desconhecido (11 de Janeiro de 1879)*]
- Div. 120 - [*Carta de autor desconhecido a Bocage (8 de Setembro de 1869)*]
- Div. 121 - [*Carta de Manuel Jorge de Oliveira Lima para Bocage (33 de Abril de 1870)*]
- Div. 155 - [*Carta de Emile Deyrolle a Bocage (12 de Dezembro de 1876)*]
- Div. 156 - [*Carta de Emile Deyrolle a Bocage (19 de ? de 1877)*]
- Div. 157 - "*Relatorio da expedição feita as feitorias portuguezas do Porto da Lenha e Barra do rio Zaire*"
- Div. 158 - [*Carta de Bocage ao Diretor interino da Escola Politécnica (29 de Novembro de 1877)*]
- Div. 170 - [*Carta de Emile Deyrolle a Bocage (23 de Fevereiro de 1880)*]
- Div. 174 - [*Carta de Isac da Costa a Bocage (16 de Agosto de 1880)*]
- Div. 175 - [*Carta da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar para Bocage (13 de Outubro de 1880)*]
- Div. 177 - [*Carta de Bocage a autor desconhecido (sem data)*]
- Div. 184 - [*Carta do Ministerio dos Negocios Estrangerios a Bocage (8 de Fevereiro de 1882)*]
- Div. 185 - [*Carta de Bocage ao Diretor Geral dos Consulados no Ministério dos Negócios Estrangeiros (11 de Fevereiro de 1882)*]
- Div. 186 - [*Carta do Ministerio dos Negocios Estrangerios a Bocage (26 de Abril de 1882)*]
- Div. 188 - [*Carta de Bocage a autor desconhecido (15 de Maio de 1882)*]
- Div. 227 - [*Carta do irmão do Consul de Portugal em Iokohama a Bocage (9 de Junho de 1886)*]
- Div. 231 - [*Cópia de documentação sobre a "Expedição Portuguesa a África Central"*]
- Div. 232 - [*Cópia de documentação sobre a "Expedição Portuguesa a África Central"*]
- Div. 233 - [*Carta da Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar a Bocage (18 Julho de 1887)*]
- Div. 243a - "*Orçamentos para a Sala de Portugal*"
- Div. 246 - [*Carta do Ministério dos Negócios Estrangeiros para Bocage (19 de Dezembro de 1888)*]

- Div. 248 - [*Carta do Ministério dos Negócios Estrangeiros para Bocage (5 de Junho de 1889)*]
- Div. 249 - [*Cópia de ofício*]
- Div. 253 - [*Carta de António Maria de Amorim ao Diretor da Escola Politécnica (10 de Agosto de 1887)*]
- Div. 262 - [*Carta de Francisco Gomes Teixeira a Bocage (25 de Abril de 1890)*]
- Div. 263 - [*Carta de Bocage ao Diretor da Escola Politécnica (8 de Maio de 1890)*]
- Div. 264 - [*Carta de Francisco Gomes Teixeira a Bocage (12 de Maio de 1890)*]
- Div. 266 - [*Rascunho*]
- Div. 267 - [*Carta de Henri Deyrolle a Bocage (17 de Setembro de 1890)*]
- Div. 268a - [*Documento datilografado sobre envio de espécimes para o Museu*]
- Div. 269 - [*Carta do Ministério dos Negócios Estrangeiros a Bocage (23 de Junho de 1891)*]
- Div. 270 - [*Vencimentos do pessoal da Secção Zoológica do Museu de Lisboa (sem data)*]
- Div. 270a - [*Vencimentos do pessoal da Secção Zoológica do Museu de Lisboa (sem data)*]
- Div. 270b - [*Vencimentos do pessoal da Secção Zoológica do Museu de Lisboa (sem data)*]
- Div. 273 - [*Carta de Bocage ao Ministro da Instrução Publica (15 de Fevereiro de 1892)*]
- Div. 275 - [*Carta de Bocage ao Diretor da Escola Politécnica (22 de Abril de 1892)*]
- Div. 277 - [*Carta de Dias Quintas ao Governador do Distrito de Lourenço Marques (25 de Julho de 1893)*]
- Div. 278 - [*Carta de Dias Quintas ao Governador do Distrito de Lourenço Marques (29 de Agosto de 1893)*]
- Div. 280 - [*Carta de João Roza a Bocage (7 de Setembro de 1889)*]
- Div. 287 - [*Carta de Bocage a autor desconhecido (15 de Junho de 1891)*]
- Div. 290 - [*Carta de Bethencourt Ferreira a José Leandro (4 de Maio de 1899)*]
- Div. 296 - [*Carta de Bocage ao Diretor da Escola Politécnica (31 de Março de 1900)*]
- Div. 297 - [*Carta de Bocage ao Diretor da Escola Politécnica (21 de Janeiro de 1901)*]
- Div. 298 - [*Cópia de carta de Abel Andrade para o Diretor da Escola Politécnica (22 de Junho de 1901)*]
- Div. 351 - "*Vencimentos do pessoal do Museu Bocage*"

- Div. 352 - [*Carta de Dias Costa para Bocage (10 de Março de 1904)*]
- Div. 470 - "*Nota do que S.A. O Príncipe Real mandou para o Museo da Universidade de Coimbra em 11 de Janeiro de 1853*"
- Div. 473 - "*Catalogo das conchas expedidas do Museo Real p^a Anvers.*"
- Div. 474 - "*Catalogo das aves offercidas por Sua Magestade El-Rei ao museo do collegio artístico-commercial.*"
- Div. 475 - "*Catalogo das conchas off.das por Sua Magestade ao Museo de Évora.*"
- Div. 476 - "*Catalogo das aves q Sua Magestade, El-Rei, O Senhor D. Luiz offereceo em 17 de Outubro de 1862 a Sua Alteza o Príncipe Humberto*"
- Div. 482 - "*Aves off^{das} ao Museu de Coimbra em 15 de maio de 1871 (da exploração Anchieta)*"
- Div. 483 - "*Aves q. foram p^a o Instituto Mainense em Outubro de 1871.*"
- Div. 488 - "*Aves offerecidas ao Museu municipal de Ponta Delgada (S. Miguel) remettidas ao Sr. Carlos Maria Gomes Machado - Julho de 1877*"
- Div. 491 - "*Remessa para o Museu de Turim em agosto de 1878*"
- Div. 494 - "*Lista das aves offerecidas ao Museu da Universidade de Coimbra em dezembro de 1879*"
- Div. 495 - "*Aves dadas ao Snr. João Soares Ferraz*"
- Div. 496 - "*Lista dos insectos offerecidos pelo Museu de Lisboa ao Real Collegio Militar em abril de 1880*"
- Div. 497 - "*Lista dos animaes cedidos pelo Museu de Lisboa ao Collegio Militar - Abril de 1880*"
- Div. 505 - "*Aves remettidas em 30 de abril de 1887 ao Museu de Coimbra*"
- Div. 507 - "*1887 - Dezembro. aves mandadas p^a o Museu de Coimbra*"
- Div. 508 - "*Lista das aves offerecidas ao Museu de Coimbra em Abril de 1888*"
- Div. 511 - "*Lista das aves offerecidas pelo Museu Nacional de Lisboa ao Museu da Academia Polytechnica do Porto, em Maio de 1890*"
- Div. 514 - "*Lista das aves offerecidas pela Secção Zoologica do Museu Nacional ao Museu Municipal de Ponta Delgada em Maio de 1892*"
- Div. 521 - [*Carta e lista de espécimenes para o Liceu Central de Viseu*]
- Div. 523 - [*Carta e lista de espécimenes para a Academia Politécnica do Porto em Maio de 1904*]
- Div. 534 - "*Livro das officinas de preparação que deverá ser escriturado conforme o art.º 4 do regulamento.*"

- Div. 556 - [Cópia do auto de tomada de posse do Museu de Lisboa - 3 de Novembro de 1858]
- Div. 560 - [*Cópia de carta de Anselmo José Bramcamp ao Diretor da Escola Politécnica (13 de Julho de 1863)*]
- Div. 561 - [*Cópia da autorização de gastos para a transferência do Museu Real para a Escola Politécnica*]
- Div. 562 - [*Cópia de carta de Bocage ao Diretor da Escola Politécnica (27 de Outubro de 1864)*]
- Div. 563 - [*Cópia da autorização de gastos para a transferência do Museu Real para a Escola Politécnica*]

Remessas (Rem.)

- Rem. 30 - [Carta de José Joaquim da Silva Chaves para o Director do Museu Nacional e Real - 23 de Julho de 1834]
- Rem. 42 - "*Catalogo n.º 1. Aves do Soudan offerecidas por M Heuglin, 14 de Março de 1855*"
- Rem. 43 - "*Catalogo n.º [?] Aves da Abyssinia offerecidas pelo Dr. Ruppeck em 11 de Setembro de 1854*"
- Rem. 44 - "*Muséum d'histoire naturelle. Catalogue des Oiseaux offerts à sa Majesté le Roi du Portugal.*"
- Rem. 46 - "*Catalogo n.º 13 Aves remettidas de Turim por Francisco Comba em 15 d'Agosto 1855.*"
- Rem. 47 - "*Aves offerecidas por Parreyf de Vienna em Mayo 1856*"
- Rem. 48 - "*Catalogo n.º 19. Julho de 1857.*"
- Rem. 49 - "*Catálogo das aves do Pará offerecidas pelo Ilmo Senr. Joaquim Maria Ozorio em 27 d'Agosto de 1857.*"
- Rem. 50 - "*Catalogo das aves do Pará off.das pelo Ill.mo snr. Joaquim Maria Osório em 6 de Março de 1858.*"
- Rem. 51 - "*Notes des objets contenus dans la caisse remise par le Capitaine Loche a Monsieur Ravem - Cónsul de Portugal a Alger pour faire parvenut a sa majesté Don Pedro 5, Roi de Portugal.*"
- Rem. 52 - "*Collecção de Aves do Cabo de Boa Esperança off.da a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro 5.º em 9 de Abril de 1859.*"

- Rem. 53 - "*Collecção d'Aves, comprada em Inglaterra, por S. Alteza O Senhor Infante D. Luiz. Junho 16 de 1859*"
- Rem. 54 - "*Catalogo das Aves off.das a Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro 5 pelo sr. Dr. Bernardino António Gomes, em 10 de Dezembro de 1859.*"
- Rem. 55 - "*Aves colligidas na viagem de S. A. o sr. Infante D. Luiz entrado a 16 de Outubro de 1860*"
- Rem. 56 - "*Catalogo das aves compradas a mr Verraux em 11 Janeiro 1861*"
- Rem. 57 - "*Catalogo das aves compradas a mr Verraux – Março 6 de 1861*"
- Rem. 58 - "*Catalogo das aves da ilha de S. Thomé e do Continente de África, off.das pelo a Sua Magestade, El-Rei, O Senhor D. Pedro 5., pelo sr. António Gomes Roberto, Pharmaceutico graduado do Estado da Índia, em 18 de Março de 1861*".
- Rem. 59 - "*Catalogo das aves de Angola, oferecidos a Sua Magestade, El-Rei, O Senhor D. Pedro 5, pelo sr.dr. Frederico Welwitsch. Março de 1861*"
- Rem. 60 - "*Collecção de Aves compradas a mr Verraux, Abril 22-1861*"
- Rem. 62 - "*Catalogo das aves compradas por Sua Magestade, El-Rei, O Senhor D. Luis em Inglaterra – Agosto 27 de 1861*"
- Rem. 63 - "*Catalogo das aves compradas por Sua Magestade, El-Rei, O Senhor D. Pedro 5. a mr Verraux, em Setembro de 1861*"
- Rem. 64 - "*Collecção de aves d'Angola off.da pelo Sr. Dr. Frederico Welwitsch a Sua Mag.de, El- Rei, O Senhor D. Luiz 1º - Março 10 - 1862*"
- Rem. 65 - "*Envoi fait a Sa Magesté le Roi de Portugal et des Algarves (15 décembre 1861). Legado do Sr. Gama Machado*"
- Rem. 66 - "*Catalogo das aves compradas por Sua Magestade, El-Rei, O Senhor D. Luiz I a mr Verraux em Novembro 20 de 1863*"
- Rem. 67 - "*Aves que existiam no Thesouro do Paço da Ajuda e que por ordem de S. M. El-Rei vieram para o Museu de Lisboa em dezembro de 1873*"
- Rem. 258 - "*Catalogue de Reptiles donnée au musée de Lisbonne - 1860*"
- Rem. 291 - "*Extracto de uma carta do Dr. Peters ao Marquez de Sá da Bandeira em 28 d'Abril 1848*"
- Rem. 302 - "*Catalogue des Coléoptères offerts au Musée de Lisbonne Par le Muséum d'Hisotire naturelle de Paris - Décembre 1860 / Insectes Lepidoptères donnés au Musée de Lisbonne par le Muséum de Paris*"
- Rem. 307 - "*Collecção de insectos oferecida ao Museu de Lisboa por mr. Aubrey Le Comte em 1866*"

- Rem. 307a - [*Carta de Ignacio Bolívar a Bocage (10 de Junho de 1880) e estudo sobre ortópteros*]
- Rem. 307b - "*Liste des insectes envoyés pour déterminer à Monsieur I. Bolivar en Janvier 1888*"
- Rem. 307c - "*Lista dos orthopteros d'Africa duplicados da 1ª colleção típica offerecidas ao Sr. I. Bolivar em Janeiro de 1888*"
- Rem. 307d - "*Liste systematique des Orthoptères du Musée de Lisbonne que j'ai examine diverses reprises*"
- Rem. 307e - "*Liste des Orthoptères offerts au Musée de Lisbonne par Ign. Bolivar en n° 1889*"
- Rem. 307f - [*lista de ortópteros*]
- Rem. 307g - [*lista de ortópteros*]
- Rem. 307h - "*Ortopteros de Africa del Museo de Lisboa*"
- Rem. 309 - "*Coleópteros da Austrália off.dos por S. M. El-Rei*"
- Rem. 314 - "*Catalogo de uma Collecção geral de Arachnideos, Myriapodos e Insectos comprados a Deyrolle (Pariz - 1859)*"
- Rem. 314a - "*Catalogo de uma Collecção geral de Arachnideos, Myriapodos e Insectos comprados a Deyrolle (Pariz - 1859)*"
- Rem. 317 - "*Catalogue des Crustacés de la collection de Monsieur Guérin Méneville*"
- Rem 317a - "*Catalogue des Crustacés de la collection de Monsieur Guérin Méneville*"
- Rem. 325 - "*Conchas terrestres e fluviaes off.das pelo Dr. Peters. 9 Novembro 1854.*"
- Rem. 328 - "*Conchas compradas a Bernardi a 10 Maio de 1853*"
- Rem. 330 - "*Conchas compradas a Bernardi em 5 de Janeiro de 1853*"
- Rem. 331 - "*Conchas compradas a Bernardi em 17 de Fevereiro de 1853*"
- Rem. 333 - "*Conchas da Ilha da Madeira de Porto Santo off.das pelo Conselheiro Lourenço José Maria em 1 de Maio de 1852.*"
- Rem. 334 - "*Conchas off.das por Raimundo José Pinto em 23 d'outubro de 1856.*"
- Rem. 335 - "*Conchas compradas a M. Cuming em Novembro de 1854*"
- Rem. 336 - "*Conchas compradas a Verraux em 22 Fevereiro 1854*"
- Rem. 337 - "*Conchas compradas a Verraux em 10 Dezembro 1851*"
- Rem. 340 - "*Conchas compradas a Cuming*"
- Rem. 341 - "*Collecção de Fosseis e mineraes, off.dos a S. Mag. El-Rei pelo snr. Collares*".

- Rem. 342 - "*Catalogo das conchas que S. Mag.de comprou a Mr. Cuming em julho de 1857*"
- Rem. 343 - "*Recebido neste Real Museu em 27 de Maio de 1858. Conchas de Moçambique, remetidas de Berlim pelo Dor. Peters a S. Mag.*"
- Rem. 344 - "*Collecção malacologica off.da por M. Drouet em 23 de junho de 1858.*"
- Rem. 345 - "*Collecção conchyologica off.da a S. Magestade, em 26 de Julho de 1858.*"
- Rem. 346 - "*Collecção conchyologica vinda em 28 de Março de 1859*"
- Rem. 347 - "*Conchas vindas em 28 de Junho de 1857*"
- Rem. 348 - "*Catalogo das conchas offerecidas ao Museo de Sua Magestade El-rei o Senhor D. Pedro 5. p. D. Patricis M^a Paz em 22 de Junho de 1860.*"
- Rem. 351 - "*Conchas off.das pelo D. Patrício Paz.*"
- Rem. 352 - "*Catalogo das conchas da ilha de S. thomé off.das pelo Sr. Gomes Roberto.*"
- Rem. 353 - "*Catalogo das conchas de Cabo-Verde off.das pelo Sr. Rodrigo de Sá Nogueira a Sua Mag.de El Rei O Senhor D. Luiz 1^o - Maio 1 de 1862*"
- Rem. 356 - "*Catalogo das conchas offercidas pelo sr. Dr. Welwitsch ao Museo Real*"
- Rem. 356a - "*Index numericus Collectionis malacologicae*"
- Rem. 357 - "*Catalogo das conchas colligidas durante a viagem de Sua Alteza o Senhor Infante D. Luiz a Cabo Verde e Angola nos meses de Agosto, Setembro e Outubro de 1860*"
- Rem. 382 - "*Relação das produçoens da natureza que Francisco Luis de Menezes ajuntou de Goa, e remete para Lisboa para o Muzeu do Senhor João Roland van Dek.*"
- Rem. 390 - [Carta de Cláudio Lagrange datada de 12 de Junho de 1840]
- Rem. 391 - "*Relação dos Exemplares Zoológicos vindos de Nova Gôa, remetidos pelo Phisico-mór do Estado da India, o Dr. Francisco Maria da Silva*"
- Rem. 392 - [Carta do Físico-Mor do Estado da India (7 de Março de 1849)]
- Rem. 392a - "*Relação dos diferentes Animaes que vao para o Museu d'academia Real das sciencias de Lisboa...*"
- Rem. 393 - [Carta de Gomes Roberto a Bocage (22 de Abril de 1863)]
- Rem. 394 - [Carta de Gomes Roberto a Bocage (21 de Fevereiro de 1864)]
- Rem. 395 - [Carta de Gomes Roberto a Bocage (1 de Junho de 1864)]
- Rem. 396 - [Carta de Gomes Roberto a Bocage (1 de Agosto de 1864)]
- Rem. 397 - [Carta de Gomes Roberto a Bocage (16 de Agosto de 1864)]
- Rem. 398 - [Carta de Gomes Roberto a Bocage (21 de Dezembro de 1864)]

- Rem. 399 - [*Carta de Gomes Roberto a Bocage (1 de Julho de 1865)*]
- Rem. 400 - [*Carta de Gomes Roberto a Bocage (16 de Junho de 1866)*]
- Rem. 401 - [*Carta de Gomes Roberto a Bocage (9 de Fevereiro de 1867)*]
- Rem. 402 - [*Carta de Gomes Roberto a Bocage (22 de Abril de 1863)*]
- Rem. 403 - [*Carta de Gomes Roberto a Bocage (27 de Agosto de 1870)*]
- Rem. 404 - [*Carta de Gomes Roberto a Bocage (sem data)*]
- Rem. 407 - [*Carta de Eduardo de Freitas Almeida a Bocage (4 Outubro de 1864)*]
- Rem. 408 - [*Carta de Eduardo de Freitas Almeida a Bocage (7 Outubro de 1864)*]
- Rem. 412 - "*Aves da India (Damão) offerecidas pelo Sr. Francº Lourenço da Silva (1864)*"
- Rem. 413 - "*Relação dos productos zoologicos que Francisco Lourenço da Silva 2º Pharmaceutico do Estado da India remetteu ao Muzeu Nacional de Lisboa*"
- Rem. 414 - [*Carta de Francisco Lourenço da Silva a Bocage (27 de Outubro de 1866)*]
- Rem. 415 - [*Carta de Francisco Lourenço da Silva a Bocage (10 de Abril de 1867)*]
- Rem. 427 - "*Relação das aves embalsamadas e remetidas pelo vapor de [?]India do ministério da marinha e ultramar*"
- Rem. 437 - "*Catalogos das Collecções de Vertebrados do Museu da Academia das Sciencias de Lxª*"
- Rem. 438 - "*Relação dos objectos exportados do Museo Real por Ordem de Sua Mag.de El-Rei o Senhor D. Pedro 5º*"
- Rem. 559 - "*Primeira Remessa da Real Expedição feita em a Ilha de S. Nicolao, e remetida ao Ill.mo e Ex.mo S.r Martinho de Mello e Castro para o Real Gabinete da Ajuda em 1784*"
- Rem. 558a - "*Lista da prª Remessa da Real Expedição da Ilha de S. Nicolao feita em 1784 que remeteo p.ª o Real G.º do Principe N. Snr. o seu indigno Naturalista nesta Ilha de Cabo V.de José da S.ª Feijó*"
- Rem. 558b - "*Lista da Segunda Remesa da Real Expedição da Ilha de S. Nicolao feita em 1784 Que remeteo p.ª o Real Gabinete do Prince N. Sñr o seu indigno Naturalista bas Ilhas de C. Verde João da S.ª Feijó*"
- Rem: 558c - "*Lista das Produccions de Sta Luzia; Ilheos RazoM e Brco que observou, recolheo, e remeteo p.ª o Real Gabinete do Prince N. Sñr. em o anno de 1784 o seu indigno Naturalista destas Ilhas de Cabo Verde João da Silva Feijó*"

- Rem. 558d - *"Lista da Remessa das Produções da Ilha de S.^{to} Antam feita na Real Expedição para o Real Gabinete da Historia Natural do Principe N. Snr. pelo Naturalista João da S.^a Feijó 1785"*
- Rem. 558e - *"Lista da Remessa das Prouçoens de S. Vicente feita na Real Expedição para o Real Gabinete do Principe N. Snr. pelo Naturalista João da S.^a Feijó 1785"*
- Rem. 558f - *"Lista da Remesa da Expedição da Ilha do Fogo 1784"*
- Rem. 561 - *"Relação da remessa dos productos Naturaes feita ao Real Muzeo pela Gallera S.^{ta} Izabel, e S.^{ta} Anna 1787"*
- Rem. 442 - *"Relação das pessas contidas no Gabinete q tive a honra offercer a S. Mag."*
- Rem. 584 - *"Descriptio Animalium quorundam Brasiliensium"*
- Rem. 435 - *"Lista das Produções Zoologicas Recebidas Por ordem de S. Mag.^e Do Real Mozeu d'Ajuda Em Junho, Julho, Setembro, e Outubro de 1795. Apresentadas A Academia Real das Sciencias Disposta conforme o Sistema de Carlos Lineu"*
- Rem. 382 - *"Relação das produções da natureza que Francisco Luis de Menezes ajuntou de Goa, e remete para Lisboa para o Museu do Senhor José Roland vanDek"*
- Rem. 384 - *"Relação das Produções da Natureza que Francisco Luis de Menezes de Goa, remete para Lisboa como Socio Correspondente da Real Academia das Sciencias, para nela serem apresentadas. Em Fevereiro de 1783."*
- Rem. 385a - *"Lista do que vai neste canozinho (Para a Real Academia das Siencias de Lisboa)"*
- Rem. 385b - *"Lista das produções da natureza remetidas para a Real Academia das Siencias de Lisboa pelo Socio Correspondente de Goa Francisco Luis de Menezes. Em Março de 1785"*
- Rem. 385c - *"Lista de que remete Francisco Luis de Menezes de Goa para a Real Academia das Sciencias de Lisboa. Em Março de 1787."*
- Rem. 385d - *"Pelo conhecimento junto Hum caixotinho com letreiro à margem o seguinte"*
- Rem. 387a - *"Relação dos volumes e doqelles contem"*
- Rem. 389 - *"Relação dos Instrom^{tos} e efeitos mais precisos para se buscarem, prepararem, arrecadarem e remeterem as couzas naturaes..."*
- Rem. 345 - *"Collecção Conchylyologica off^{da} a S. Magestade, em 26 de Julho de 1858"*
- Rem. 442 - *"Relação das pessas contidas no Gabinete q tive a honra de offerecer a S. Mag."*

- Rem. 558a - "*Lista da prª Remessa da Real Expedição da Ilha de S. Nicolao feita em 1784 que remeteo p.ª o Real Ge do Principe N. Snr. o seu indigno Naturalista nestas Ilhas de Cabo Verde Jozé da Sª Feijó. - 2ª da Sua Expª*"
- Rem. 558b - "*Lista da Segunda Remessa da Real Expedição da Ilha de S. Nicolao feita em 1784 que Remeteo pª o Real Gabinete do Prince N. Snr. o seu indigno Naturalista nestas Ilhas de C. Verde João da S.ª Feijó. - 3ª de Sua Expª*"
- Rem. 558c - "*Lista das Produccoens de Sª Luzia; Ilheos Razo; e Brco qye observou, recolheo, e remeteo pª o Real Gabinete do Prince N. Snr. em o anno de 1784 O seu indigno Naturalista destas Ilhas de Cabo Verde João da silva Feijó - 4- Remessa.*"
- Rem. 558d - "*Lista da remessa das Produccoens da Ilha de Sª Antam feita na Real Expedição para o Real Gabinete da Historia Natural do Principe N. Snr. pelo Naturalista João da Sª Feijó 17-16-85*"
- Rem. 558e - "*Lista da Remessa das Produccoens de S. Vicente feita na Real Expedição para o Real Gabinete do Principe N. Snr. pello Naturalista João da Sª Feijó 17-12-85*"
- Rem. 558f - "*Lista da Remesa da Expedição da Ilha do Fogo 17-28-84*"
- Rem. 559 - "*Primeira Remessa da Real Expedição feita em a Ilha de S. Nicolau e remetida ao Illmo e Exmo Sr Martinho de Mello e Castro para o Real Gabinete da Ajuda em 1784*"
- Rem. 561 - "*Rellação da remessa dos productos Naturaes feita ao Real Muzeo pella Gallera Sª Izabel e Sª Anna 17-26-87*"
- Rem. 584 - "*Descriptio Animalium quorundam Brasiliensium*"

Correspondência Nacional (CN)

- CN B19 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (7 de Junho de 1863)*]
- CN B20 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Félix de Brito Capello (10 de Outubro de 1863)*]
- CN B21 - [*Nota das remessas do Duque de Bragança (10 de Outubro de 1863)*]
- CN B22 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (5 de Abril de 1865)*]
- CN B23 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (9 de Maio de 1865)*]
- CN B24 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (1 de Outubro de 1865)*]
- CN B25 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (18 de Outubro de 1865)*]
- CN B26 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (9 de Dezembro de 1865)*]
- CN B27 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (25 de Dezembro de 1865)*]
- CN B28 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (31 de Dezembro de 1865)*]

- CN B29 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (29 de Janeiro de 1866)*]
- CN B30 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (4 de Abril de 1866)*]
- CN B31 - [*Carta de Pinheiro Bayão a Bocage (18 de Abril de 1866)*]
- CN B32 - [*Cópia das cartas dirigidas por Bocage a Albert Günther*]
- CN B35 - [*Carta de Bocage ao Ministro e Secretário de Estado da Marinha e Ultramar (4 de Abril de 1865)*]
- CN B91 - [*Carta de Lourenço Belfort a Domingos Vandelli (27-28-1765)*]
- CN B92 - [*Carta de Luis Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (08-02-1769)*]
- CN B93 - [*Carta de Luis Pinto de Balsemão a Domingos Vandelli (01-12-1772)*]
- CN C2 - [*Carta de Eugénio do Canto a Bocage (10 de Junho de 1863)*]
- CN C2a - [*Carta de Eugénio do Canto a Bocage (4 de Setembro de 1863)*]
- CN C11 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (9 de Julho de 1863)*]
- CN C12 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (20 de Julho de 1863)*]
- CN C13 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (30 de Julho de 1864)*]
- CN C14 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (15 de Agosto de 1864)*]
- CN C15 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (22 de Agosto de 1864)*]
- CN C16 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (28 de Agosto de 1864)*]
- CN C17 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (22 de Outubro de 1864)*]
- CN C18 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (4 de Novembro de 1864)*]
- CN C19 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (17 de Novembro de 1864)*]
- CN C20 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (29 de Novembro de 1864)*]
- CN C21 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (13 de Dezembro de 1864)*]
- CN C22 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (29 de Abril de 1865)*]
- CN C23 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (20 de Dezembro de 1865)*]
- CN C24 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (22 de Janeiro de 1866)*]
- CN C25 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (2 de Fevereiro de 1866)*]
- CN C26 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (18 de Março de 1866)*]
- CN C27 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (1 de Maio de 1866)*]
- CN C28 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (18 de Maio de 1866)*]
- CN C29 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (12 de Junho de 1866)*]
- CN C30 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (27 de Junho de 1866)*]
- CN C31 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (11 de Junho de 1866)*]
- CN C32 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (1 de Outubro de 1866)*]
- CN C33 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (6 de Novembro de 1866)*]

- CN C34 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (15 de Novembro de 1866)*]
- CN C35 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (6 de Fevereiro de 1867)*]
- CN C36 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Matoso dos Santos (20 de Maio de 1884)*]
- CN C37 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (12 de Junho de ?)*]
- CN C38 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (6 de Novembro de ?)*]
- CN C39 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (sem data)*]
- CN C40 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (sem data)*]
- CN C41 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (sem data)*]
- CN C42 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (sem data)*]
- CN C43 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (sem data)*]
- CN C44 - [*Carta de Rosa de Carvalho a Bocage (sem data)*]
- CN C101 - [*Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli (29-04-1803)*]
- CN C112 - [*Carta de Luis Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres a Domingos Vandelli (27-07-1773)*]
- CN C8 - [*Carta de José Maria Cardoso a Júlio Mattiazi (?-06-1787)*]
- CN C66 - [*Carta de Le Cocq a Bocage (19 de Agosto de 1864)*]
- CN C90 - [*Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli (15-03-1802)*]
- CN C98 - [*Carta de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Domingos Vandelli (03-01-1803)*]
- CN F1 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (24-04-1783)*]
- CN F10 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (10-05-1785)*]
- CN F11 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (21-08-1785)*]
- CN F12 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (16-02-1784)*]
- CN F13 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (25-11-1785)*]
- CN F16 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (21-05-1788)*]
- CN F17 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (12-03-1789)*]
- CN F18 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (25-04-1790)*]
- CN F19 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (06-06-1791)*]
- CN F2 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (09-05-1783)*]
- CN F20 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (26-01-1794)*]
- CN F21 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (23-04-1796)*]
- CN F3 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (24-05-1783)*]
- CN F4 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (26-09-1783)*]
- CN F5 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (16-02-1784)*]

- CN F6 - [*Carta de João da Silva Feijó a Júlio Mattiazi (29-02-1784)*]
- CN G1 - [*Carta de Pedroso Gamito a Bocage (13 de Julho de 1863)*]
- CN G2 - [*Carta de Pedroso Gamito a Bocage (22 de Janeiro de 1864)*]
- CN H37 - [*Cópia de "Reino Animal" de Frederico Hopffer*]
- CN K1 - [*Carta de Giuseppe Landi a Domingos Vandelli (1770)*]
- CN M30 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (5 de Março de 1865)*]
- CN M31 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (29 de Março de 1865)*]
- CN M32 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (14 de Maio de 1865)*]
- CN M33 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (14 de Junho de 1865)*]
- CN M34 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (17 de Novembro de 1865)*]
- CN M35 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (9 de Janeiro de 1866)*]
- CN M36 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (29 de Janeiro de 1866)*]
- CN M37 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (9 de Março de 1866)*]
- CN M38 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (15 de Maio de 1866)*]
- CN M39 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (1 de Junho de 1866)*]
- CN M40 - [*Carta de João Paulo Mira a Bocage (15 de Março de 1868)*]
- CN M48 - [*Carta de J. Monteiro a Bocage (7 de Agosto de 1865)*]
- CN M57 - [*Carta de Júlio Mattiazi a João de Silva Feijó (09-10-1784)*]
- CN M59 - [*Carta de Júlio Mattiazi a Joaquim José da Silva (05-01-1785)*]
- CN M60 - [*Carta de Júlio Mattiazi a José Maria Cardoso (25-11-1785)*]
- CN M61 - [*Carta de Júlio Mattiazi a Manuel Galvão da Silva (sem data)*]
- CN M62 - [*Carta de Júlio Mattiazi a Joaquim José da Silva (sem data)*]
- CN N10 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (19 de Agosto de 1885)*]
- CN N11 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Agosto de 1885)*]
- CN N12 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (21 de Outubro de 1885)*]
- CN N13 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (16 de Junho de 1886)*]
- CN N14 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (21 de Julho de 1886)*]
- CN N15 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (21 de Novembro de 1886)*]
- CN N16 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Dezembro de 1886)*]
- CN N17 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Janeiro de 1887)*]
- CN N18 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Fevereiro de 1887)*]
- CN N19 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (21 de Março de 1887)*]
- CN N20 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (11 de Maio de 1887)*]

- CN N21 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Maio de 1887)*]
- CN N22 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (5 de Junho de 1887)*]
- CN N23 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (25 de Junho de 1887)*]
- CN N24 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (27 de Julho de 1887)*]
- CN N25 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (12 de Agosto de 1887)*]
- CN N26 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (29 de Agosto de 1887)*]
- CN N27 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (10 de Setembro de 1887)*]
- CN N28 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (26 de Setembro de 1887)*]
- CN N29 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Novembro de 1887)*]
- CN N30 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (26 de Dezembro de 1887)*]
- CN N31 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Janeiro de 1888)*]
- CN N32 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Janeiro de 1888)*]
- CN N33 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Março de 1888)*]
- CN N34 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Maio de 1888)*]
- CN N35 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (15 de Junho de 1888)*]
- CN N36 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Junho de 1888)*]
- CN N37 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (26 de Julho de 1888)*]
- CN N38 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Agosto de 1888)*]
- CN N39 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Setembro de 1888)*]
- CN N40 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Setembro de 1888)*]
- CN N41 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Outubro de 1888)*]
- CN N42 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (25 de Novembro de 1888)*]
- CN N43 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (26 de Novembro de 1888)*]
- CN N44 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Dezembro de 1888)*]
- CN N45 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Dezembro de 1888)*]
- CN N46 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Dezembro de 1888)*]
- CN N47 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (1 de Março de 1889)*]
- CN N48 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (1 de Março de 1889)*]
- CN N49 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (31 de Março de 1889)*]
- CN N50 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (31 de Maio de 1889)*]
- CN N51 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (31 de Maio de 1889)*]
- CN N52 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Junho de 1889)*]
- CN N53 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (30 de Julho de 1889)*]

- CN N54 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Agosto de 1889)*]
- CN N55 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Agosto de 1889)*]
- CN N56 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (27 de Agosto de 1889)*]
- CN N57 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Setembro de 1889)*]
- CN N58 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Setembro de 1889)*]
- CN N59 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (26 de Novembro de 1889)*]
- CN N60 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (27 de Dezembro de 1889)*]
- CN N61 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Janeiro de 1890)*]
- CN N62 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Janeiro de 1890)*]
- CN N63 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Fevereiro de 1890)*]
- CN N64 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Abril de 1890)*]
- CN N65 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Abril de 1890)*]
- CN N66 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (25 de Maio de 1890)*]
- CN N67 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (25 de Maio de 1890)*]
- CN N68 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Setembro de 1890)*]
- CN N69 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Setembro de 1890)*]
- CN N70 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (28 de Outubro de 1890)*]
- CN N71 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (25 de Dezembro de 1890)*]
- CN N72 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Maio de 1891)*]
- CN N73 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Julho de 1891)*]
- CN N74 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Julho de 1891)*]
- CN N75 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Julho de 1891)*]
- CN N76 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Setembro de 1891)*]
- CN N77 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Setembro de 1891)*]
- CN N78 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (26 de Outubro de 1891)*]
- CN N79 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (27 de Outubro de 1891)*]
- CN N80 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (27 de Janeiro de 1892)*]
- CN N81 - [*Carta de Francisco Newton a Baltasar Osório (7 de Abril de 1892)*]
- CN N82 - [*Carta de Francisco Newton a Baltasar Osório (20 de Abril de 1892)*]
- CN N83 - [*Carta de Francisco Newton a Baltasar Osório (31 de Outubro de 1892)*]
- CN N84 - [*Carta de Francisco Newton a Baltasar Osório (31 de Outubro de 1892)*]
- CN N85 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (19 de Novembro de 1892)*]
- CN N86 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Novembro de 1892)*]

- CN N87 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Novembro de 1892)*]
- CN N88 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (15 de Dezembro de 1892)*]
- CN N89 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (15 de Dezembro de 1892)*]
- CN N90 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (21 de Janeiro de 1893)*]
- CN N91 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (21 de Janeiro de 1893)*]
- CN N92 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (1893)*]
- CN N93 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (sem data)*]
- CN N94 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (sem data)*]
- CN N95 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (31 de Janeiro de 1893)*]
- CN N96 - [*Carta de Francisco Newton a Baltasar Osório (sem data)*]
- CN N97 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Março de 1893)*]
- CN N98 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Março de 1893)*]
- CN N99 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Abril de 1893)*]
- CN N100 - [*Carta de Francisco Newton a Baltasar Osório (23 de Abril de 1893)*]
- CN N101 - [*Carta de Francisco Newton a Baltasar Osório (23 de Maio de 1893)*]
- CN N102 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (30 de Maio de 1893)*]
- CN N103 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (2 de Agosto de 1893)*]
- CN N104 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Agosto de 1893)*]
- CN N105 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (25 de Agosto de 1893)*]
- CN N106 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (19 de Outubro de 1893)*]
- CN N107 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Fevereiro de 1894)*]
- CN N108 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (25 de Maio de 1894)*]
- CN N109 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (sem data)*]
- CN N110 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (6 de Julho de 1894)*]
- CN N111 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (12 de Agosto de 1894)*]
- CN N112 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (16 de Agosto de 1894)*]
- CN N113 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (21 de Agosto de 1894)*]
- CN N114 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (7 de Outubro de 1894)*]
- CN N115 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (25 de Outubro de 1894)*]
- CN N116 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (29 de Outubro de 1894)*]
- CN N117 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (25 de Novembro de 1894)*]
- CN N118 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (29 de Novembro de 1894)*]
- CN N119 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (17 de Dezembro de 1894)*]

- CN N120 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (5 de Fevereiro de 1895)*]
- CN N121 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (23 de Fevereiro de 1895)*]
- CN N122 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Março de 1895)*]
- CN N123 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (5 de Abril de 1895)*]
- CN N124 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Maio de 1895)*]
- CN N125 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (29 de Maio de 1895)*]
- CN N126 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (29 de Julho de 1895)*]
- CN N127 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (5 de Novembro de 1897)*]
- CN N128 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (sem data)*]
- CN N129 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (sem data)*]
- CN N130 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (24 de Julho de 1899)*]
- CN N131 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (10 de Março de 1900)*]
- CN N132 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (sem data)*]
- CN N133 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (16 de Julho de 1900)*]
- CN N134 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (13 de Agosto de 1900)*]
- CN N135 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (1 de Outubro de 1900)*]
- CN N136 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (3 de Dezembro de 1900)*]
- CN N137 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (23 de Maio de 1901)*]
- CN N138 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (13 de Junho de 1901)*]
- CN N139 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (7 de Setembro de 1901)*]
- CN N140 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (29 de Setembro de 1901)*]
- CN N141 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (9 de Outubro de 1901)*]
- CN N142 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (18 de Novembro de 1901)*]
- CN N143 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (21 de Novembro de 1901)*]
- CN N144 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (11 de Dezembro de 1901)*]
- CN N145 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (13 de Janeiro de 1902)*]
- CN N146 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Janeiro de 1902)*]
- CN N147 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (9 de Maio de 1902)*]
- CN N148 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (20 de Maio de 1902)*]
- CN N149 - [*Carta de Francisco Newton a Bocage (?) (22 de Junho)*]
- CN P5 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (5 de Agosto de 1865)*]
- CN P6 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (Agosto de 1865)*]
- CN P7 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (24 de Agosto de 1865)*]

- CN P8 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (18 de Outubro de 1865)*]
- CN P9 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (28 de Outubro de 1865)*]
- CN P10 - "*Relatorio sobre os exemplares remetidos ao museu nacional de Lisboa pelo pharmaceutico militar Manuel Leyguarde Pimenta*"
- CN P11 - "*Relação dos productos d' historia natural remetidos ao museu Nacional de Lisboa no barco Villa da Praia pelo pharmaceutico militar Manuel Leyguarde Pimenta*"
- CN P12 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (5 de Janeiro de 1866)*]
- CN P13 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (16 de Janeiro de 1866)*]
- CN P14 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (15 de Março de 1866)*]
- CN P15 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (16 de Março de 1866)*]
- CN P16 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (28 de Abril de 1866)*]
- CN P17 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (5 de Abril)*]
- CN P18 - [*Carta de Manuel Joaquim Pimenta a Bocage (13 de Novembro)*]
- CN P19 - "*Relação dos exemplares d' historia natural que podem ser comprados ao preparador Baoudouin, residente em Bissau*"
- CN P24 - [*Carta Fernando Pires a Bocage (25 de Novembro de 1867)*]
- CN S1 - [*Carta de Júdice dos Santos a Bocage (28 de Março de 1865)*]
- CN S2 - [*Carta de Júdice dos Santos a Bocage (15 de Julho de 1865)*]
- CN S3 - [*Carta de Júdice dos Santos a Bocage (24 de Agosto de 1865)*]
- CN S4 - [*Carta de Júdice dos Santos a Bocage (5 de Março de 1866)*]
- CN S20 - [*Carta de Joaquim José da Silva a Júlio Mattiazi (1783)*]
- CN S21 - [*Carta de Joaquim José da Silva a Júlio Mattiazi (07-08-1785)*]
- CN S21a - [*Carta de Joaquim José da Silva a Júlio Mattiazi (13-04-1786)*]
- CN S22 - [*Carta de Joaquim José da Silva a Júlio Mattiazi (24-05-1787)*]
- CN S23 - [*Carta de Joaquim José da Silva a Júlio Mattiazi (09-07-1787)*]
- CN S24 - [*Carta de Joaquim José da Silva a Júlio Mattiazi (13-08-1787)*]
- CN S25 - [*Carta de Joaquim José da Silva a Júlio Mattiazi (12-10-1787)*]
- CN S26 - [*Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazi (16-06-1783)*]
- CN S27 - [*Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazi (28-01-1784)*]
- CN S28 - [*Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazi (18-08-1784)*]
- CN S30 - [*Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazi (15-12-1786)*]
- CN S31 - [*Carta de Manuel Galvão da Silva a Júlio Mattiazi (28-08-1790)*]
- CN S49 - [*Carta de António José da Silva a Júlio Mattiazi (18-12-1787)*]

- CN S51 - [*Carta de Luis Pinto de Sousa a Domingos Vandelli (14-03-1804)*]
- CN S58 - [*Carta de Giuseppe Landi a Domingos Vandelli (03-02-1772)*]
- CN T5 - [*Carta de João Toulson a Bocage (1 de Setembro de 1864)*]
- CN T6 - [*Carta de João Toulson a Bocage (20 de Abril de 1866)*]
- CN T7 - [*Carta de João Toulson a Bocage (1 de Setembro de 1866)*]
- CN V42 - [*Conde do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (05-11-1803)*]
- CN V47 - [*Conde do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (04-06-1804)*]
- CN V57 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (12-06-1805)*]
- CN V60 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (31-05-1806)*]
- CN V61 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (27-06-1806)*]
- CN V62 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (09-07-1806)*]
- CN V63 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (07-07-1807)*]
- CN V64 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (09-07-1807)*]
- CN V65 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (11-10-1806)*]
- CN V66 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (31-05-1806)*]
- CN V67 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (09-07-1807)*]
- CN V68 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (05-09-1807)*]
- CN V69 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (03-10-1807)*]
- CN V70 - [*Carta do Visconde de Anadia a Domingos Vandelli (21-10-1807)*]

Correspondência Estrangeira (CE)

- CE A1 - [*Carta de Alexander Agassiz a Bocage (29 de Abril de 1865)*]
- CE A2 - [*Carta de Alexander Agassiz a Bocage (12 de Setembro de 1865)*]
- CE A3 - [*Carta de Alexander Agassiz a Bocage (21 de Dezembro de 1868)*]
- CE A7 - [*Carta de Carlo Ludovico Allione a Domingos Vandelli (12-09-1769)*]
- CE A8 - [*Carta de Carlo Ludovico Allione a Domingos Vandelli (22-10-1773)*]
- CE B60 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (1765 ?)*]
- CE B61 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (06-05-1769)*]
- CE B62 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (06-05-1768)*]
- CE B63 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (24-?-1768)*]
- CE B64 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (04-07-1768)*]
- CE B65 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (05-03-1768)*]

- CE B66 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (?-07-1767)*]
- CE B67 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (14-09-1767)*]
- CE B68 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (26-05-1766)*]
- CE B69 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (25-?-1765)*]
- CE B70 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (15-?-1765)*]
- CE B72 - [*Carta de Ferdinando Bassi para Domingos Vandelli (14-11-1768)*]
- CE B73 - [*Carta de Ludovico Bellardi para Domingos Vandelli (14-?-1767)*]
- CE B75 - [*Carta de Joseph Banks a Domingos Vandelli (26-02-1768)*]
- CE B76 - [*Carta de Joseph Banks a Domingos Vandelli (07-07-1772)*]
- CE B77 - [*Carta do Barão de Hupsch a Domingos Vandelli (15-04-1773)*]
- CE C13 - [*Carta de Emilio Cornalia a Bocage (27 de Março de 1865)*]
- CE C25 - [*Carta de Pierre Cusson a Domingos Vandelli (23-09-1770)*]
- CE C26 - [*Carta de Pierre Cusson a Domingos Vandelli (1772)*]
- CE C27 - [*Carta de Pierre Cusson a Domingos Vandelli (10-06-1776)*]
- CE C28 - [*Carta de Heinrich Johan Nepomuk von Crantz a Domingos Vandelli (13-05-1771)*]
- CE D22 - [*Carta de Antoine Laurent de Jussieu a Domingos Vandelli (30-06-1786)*]
- CE E4 - [*Carta de Milne-Edwards para Bocage (sem data)*]
- CE E7 - [*Daniel Giraud Elliot para Bocage (13 de Julho de 1877)*]
- CE E8 - [*Daniel Giraud Elliot para Bocage (1 de Novembro de 1877)*]
- CE E9 - [*Daniel Giraud Elliot para Bocage (1 de Dezembro de 1877)*]
- CE F29 - [*Carta de Otto Finsch para Bocage (30 de Agosto de 1871)*]
- CE F59 - [*Carta de Fillipo Fabrizzi a Domingos Vandelli (?-06-1769)*]
- CE G73 - [*Carta de Albert Günther a Bocage (14 de Abril de 1863)*]
- CE G74 - [*Carta de Albert Günther a Bocage (5 de Agosto de 1863)*]
- CE G75 - [*Carta de Albert Günther a Bocage (19 de Setembro de 1864)*]
- CE G76 - [*Carta de Albert Günther a Bocage (24 de Julho de 1865)*]
- CE G77 - [*Carta de Albert Günther a Bocage (23 de Janeiro de 1866)*]
- CE G78 - [*Carta de Albert Günther a Bocage (6 de Maio de 1866)*]
- CE G79 - [*Carta de Albert Günther a Bocage (29 de Junho de 1866)*]
- CE G81 - [*Carta de Albert Günther a Bocage (19 de Julho de 1867)*]
- CE G100 - [*Carta de Robert Jacob Gordon a Domingos Vandelli (?-05-1770)*]
- CE G101 - [*Carta de Paul Dietrich Giseke a Domingos Vandelli (18-04-1776)*]
- CE G103 - [*Carta de Antoine Gouan a Domingos Vandelli (14-08-1778)*]

- CE G104 - [*Carta de Antoine Gouan a Domingos Vandelli (08-04-1783)*]
- CE G105 - [*Carta de André Thouin a Domingos Vandelli (25-03-1791)*]
- CE H16 - [*Carta de Theodor von Heuglin a D. Luis (26 de Fevereiro de 1872)*]
- CE H28 - [*Carta de John Hill a Domingos Vandelli (12-12-1772)*]
- CE I1 - [*Carta de António Iurra a Domingos Vandelli (1768 ?)*]
- CE I2 - [*Carta de António Iurra a Domingos Vandelli (15-11-1768)*]
- CE I3 - [*Carta de António Iurra a Domingos Vandelli (06-02-1768)*]
- CE I4 - [*Carta de António Iurra a Domingos Vandelli (16-10-1769)*]
- CE I5 - [*Carta de António Iurra a Domingos Vandelli (26-11-1771)*]
- CE L6 - [*Carta de Michelle Lesson a Bocage (30 de Novembro de 1863)*]
- CE M40 - [*Carta de João Jacinto Magalhães a Domingos Vandelli (24-04-1772)*]
- CE M41 - [*Carta de Adolph Modeer a Domingos Vandelli (06-12-1775)*]
- CE M42 - [*Carta de Saveri Manetti a Domingos Vandelli (10-09-1775)*]
- CE O1 - [*Carta de Alcide d'Orbigny para D. Pedro V (05-01-1856)*]
- CE O3 - [*Carta de Casimiro Ortega a Domingos Vandelli (22-06-1777)*]
- CE O4 - [*Carta de Casimiro Ortega a Domingos Vandelli (08-12-1778)*]
- CE O5 - [*Carta de Casimiro Ortega a Domingos Vandelli (15-03-1791)*]
- CE P4 - [*Carta de Wilhelm Peters a Bocage (7 de Julho de 1869)*]
- CE P5 - [*Carta de Wilhelm Peters a Bocage (7 de Junho de 1870)*]
- CE P27 - [*Carta de François Pollen a Bocage (10 de Outubro de 1869)*]
- CE P34 - [*Carta de Peter Simon Pallas a Domingos Vandelli (10-09-1781)*]
- CE P35 - [*Carta de João Manso Pereira a Domingos Vandelli (?-12-1794)*]
- CE R28 - [*Carta de Christen Friis Rottbøll a Domingos Vandelli (14-11-1770)*]
- CE R30 - [*Carta de G. G. Renault a Domingos Vandelli (07-04-1783)*]
- CE S19 - [*Carta de Schimper a Bocage (19 de Janeiro de 1862)*]
- CE S22 - [*Carta de Schlegel a Bocage (6 de Março de 1861)*]
- CE S59 - [*Carta de Johan Christian Daniel Schreber a Domingos Vandelli (19-12-1767)*]
- CE S60 - [*Carta de Jacob Christian Schäffer para Domingos Vandelli (?-11-1767)*]
- CE S61 - [*Carta de Jacob Christian Schäffer para Domingos Vandelli (?-11-1767)*]
- CE S63 - [*Carta de Jean François Seguiet para Domingos Vandelli (08-04-1770)*]
- CE T1 - [*Carta de Tacjanowski a Bocage (3 de Fevereiro de 1866)*]
- CE T9 - [*Carta de Oldfield Thomas a Bocage (15 de Setembro de 1891)*]
- CE T10 - [*Carta de Oldfield Thomas a Bocage (25 de Agosto de 1896)*]

- CE T11 - [*Carta de Oldfield Thomas a Bocage (28 de Outubro de 1896)*]
- CE T12 - [*Carta de Oldfield Thomas a Bocage (24 de Julho de 1897)*]
- CE T13 - [*Carta de Oldfield Thomas a Bocage (11 de Maio de 1897)*]
- CE T14 - [*Carta de Oldfield Thomas a Bocage (8 de Fevereiro de 1898)*]
- CE T15 - [*Carta de Oldfield Thomas a Bocage (21 de Janeiro de 1904)*]
- CE T16 - [*Carta de Oldfield Thomas a Bocage (12 de Setembro de 1904)*]
- CE T17 - [*Carta de Oldfield Thomas a Bocage (20 Maio de 1904)*]
- CE V3 - [*Carta de Achille Valenciennes para D. Pedro V (30-07-1856)*]
- CE V6 - [*Carta de Antonio Villa a Bocage (2 de Dezembro de 1862)*]

Alexandre Rodrigues Ferreira (ARF)

- ARF. Aguarelas
- ARF. 11a - "*Relação dos Volumes em que forão as Produçoens Naturaes da Primeira Remessa, da Villa de Barcelos Capital da Capitania de S. Joseph do Rio Negro, para o Real Gabinete de História Natural. Aos 26 de Junho de 1785*"
- ARF. 11b - "*Relação dos Volumes em q fôraõ as Produçoens Naturaes da Segunda Remessa da Villa de Barcelos, Capital da Capitania de S. Joseph do Rio Nêgro, para o Real Gabinete de Historia Natural. Aos 20 de Abril de 1786*"
- ARF. 11c - "*Relação dos Volumes em que fôrão as Produçoens Naturaes da terceira remessa da Villa Capital de Barcellos do Rio Nêgro para o Real Gabinête de Historia Natural. Aos 18 de Agosto de 1786*"
- ARF. 11d - "*Relação dos Volumes em q fôrão as Produçoens Naturaes da Quarta Remessa, da Villa de Barcellos, Capital da Capitania de S. Joseph do Rio Negro, para o Real Gabinête de História Natural. Aos 17 de Novembro de 1786*"
- ARF. 11e - "*Relação dos Volumes em que fôraõ as Produçoens Naturaes da 5.^a remessa, da Villa de Barcellos Capital do Rio Nêgro, para o Real Gabinête de Historia Natural. Aos 24 de Fevereiro de 1787*"
- ARF. 11f - "*Relação dos Volumes em que fôraõ as Produçoens Naturaes da Sexta Remessa, da Villa de Barcellos, Capital da Capitania de S. Joseph do Rio Negro, para o Real Gabinête de Historia Natural. Aos 4 de Mayo de 1787*"
- ARF. 11g - "*Relação dos Productos Naturaes que fôraõ incluidos nos 23 Caixoens de madeira, nas 6 Frasqueiras, e no Barril, que se remetterão por Septima remessa da*

Villa de Barcellos, Capital do Rio Nêgro, para o Real Gabinête de Histoira Natural. Aos 30 de Setembro de 1787"

- ARF. 11h - "*Relaçã dos Productos Naturaes, que fôraõ incluidos nos 29 Caixoens de madeira, (e em huma dellas incluida huma Caixa de folha de Flandres) nas 27 Frasqueiras, e nos 2 Barriz, que se remetteraõ por Outava, e ultima Remessa, da Villa de Barcellos, Capital da Capitania de S. Jozé do Rio Nêgro, para o Real Gabinête de Historia Natural. Aos 21 de Junho de 1788"*
- ARF. 11i - "*Relaçã dos Productos Naturaes, que vaõ incluidos nas duas Frasqueiras, e em hum Barril, por appendix da oitava, e ultima remessa do Rio Nêgro"*
- ARF 11j - "*Relaçã dos Volumes, em que fôraõ producçoens Naturaes, para o Real Gabinête de Historia Natural, aos 16 de Junho de 1785"*
- ARF 11l - "*Relaçã dos Productos Naturaes, q vao incluidos nos 10 Caixoens de madeira, nas 5 Caixas de folha d Flandres, no Barril, e na Frasqueira; e mais hua Gayolla com huma Cóbria Sucurujú viva, que se remettem por segunda remessa da Villa de Barcellos Capital do Rio Nêgro, para o Real Gabinête de Historia Natural. Aos 30 d Março de 1786"*
- ARF 12 - "*Relaçã dos Productos Naturaes recolhidos em Viagem da Expediçã Philosófica pelo Rio da Madeira acima, que vaõ incluidos nas 24 Frasqueiras, nos 10 Barriz encapados de madeira, e nos 17 Caixoens, incluindo dentro de hum delles huma caixa de Folha de Flandres : os quaes se remettem p.^{or} Primeira Remessa, da Primeira Cachoeira de Santo António do referido Rio para o Real Gabinete de Historia Natural. Aos 30 de Janeiro de 1789"*
- ARF 13 - "*Relaçã dos Productos Naturaes que remette o D.^{or} Naturalista Alexandre Roiz Ferreira, para o Real Gabinete de Historia Natural; em os 17 Volumes, q constituem a Primeria Remessa da Capitania de Mato Grosso."*
- ARF 14 - "*Relaçã Geral de todos os Productos Naturaes dos trez Reinos Animal, Vegetal, e Mineral; além das Curiosidades artificiaes dos Gentios, e Indios domesticados: As quaes se observaraõ, recolherao, prepararaõ, e remetteraõ para o Real Gabinête de Historia Natural, em Diligencia da Expediçã Philosófica: desde 28 de Outubro de 1783, em que chegou à Cidade do Pará, até 21 de Junho de 1788, em que da Villa de Barcellos, Capital da Capitania do rio Negro, se remetteo a Oitava, e ultima Remessa dos Productos do dito Rio; e Decima Terceira Remessa dos Productos recolhidos em todo o Estado do Graõ-Pará"*
- ARF 18 - "*Alexandri Rudericii Ferreira Testudo torticollis"*

- ARF 19 - "*Memoria Sobre o Peixe Pirá-urucú, de que já se remetterão dous da Villa de Santarem para o Real Gabinête de Historia Natural, e agora se remetem mais cinco desta Villa de barcellos, os quais vão incluidos nos cinco Caixoens, que constituem parte da Sexta Remessa do Rio Nêgro*"
- ARF 24 - "*Relação das Pessoas occupadas no Real Gabinete de Historia Natural, e Jardim Botanico. Seus Nomes, Empregos, Ordenados, Ou Jornaes que vencem, e repartiçoens por onde os vencem. Tudo como nella se declara.*"
- ARF 26a - "*Relacao Dos Productos naturaes e industriaes que deste Real Museu se remetterao para a Universidade de Coimbra em 1806*"
- ARF 39a - "*Abuzo da Conchyologia em Lisboa. Para servir de introdução á minha Theologia dos Vermes (1781)*"

Arquivo Histórico do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa - AHMCUL

- Cota 1585 - [*Processo de Barbosa du Bocage*]
- Cota 1838 - [*Vários documentos sobre o Museu e Jardim Botânico*]
- Cota 1863 - "*Livro de Registo dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Regias Determinaçoes, que baixão ao Real Jardim Botânico, Laboratória Chimico, Musêo, e Casa do Risco*".
- Cota 1864 - "*Livro de Registos dos Decretos, Portarias, Avisos, e outras Régias Determinações que baixão ao Real Museu e Jardim Botânico, sendo Director delles O Dr. Feliz de Avellar Brotero*".

Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra - AHUC

- Processo do Professor Ribeiro de Paiva
- Processo do Professor Paulino de Oliveira
- Caixa Museu de História Natural

Arquivo Nacional da Torre do Tombo - ANTT

- Ministério do Reino, Maço 444, Cx. 555 (1821-1833) - "Resposta de Félix de Avelar Brotero a uma portaria do ministro Filipe Ferreira de Araújo e Castro."
- Ministério do Reino, Maço 279, Cavalariças Reaes
- MFF, Cx. 7826, ofício nº144
- MFF, Caixa 7826, ofício nº 236
- Casa Real, Cx. 6414
- Casa Real, Cx. 6415
- Casa Real, Cx. 6416
- Casa Real, Cx. 4393
- Casa Real, Cx. 4702

Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa - BACL

- Actas das Sessões 1849
- Actas das Sessões 1850
- Actas das Sessões 1851
- Livro de Secretaria 1B
- Livro de Secretaria 2B
- Livro de Secretaria 4B
- Livro de Secretaria 5B
- Livro de Secretaria 18B
- Livro de Secretaria 28B
- Livro de Secretaria 94B
- Série Azul, Ms. 791 - "*Frei José Mayne, Requerimento a S. M. concernente á doação do gabinete de História Natural, Pintura e Artefactos, assim como de bens para instituir uma escola pública e, desenvolver a Livraria do convento de N. S. de Jesus de Lisboa (1792)*"

- Série Azul, Cod. 203 - "*Descrisoens de istoria natural apresentadas à Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo Socio Correspondente Francisco Luis de Menezes, Mestre de Campo de Auxiliares com exercicio nas Ordenansas de Goa. Em 1788*"
- Série Azul, Cod. 209 - "*Historia Natural e Descrição do Terió, ou Bicho Vergonhozo: Apresentada a Real Academia das Sciencias de Lisboa pelo Socio Correspondente de Goa, Francisco Luis de Menezes.*"

Bibliothèque Centrale du Muséum national d'Histoire naturelle (Paris, França) - BCMNHN

- Ms. 2441 - "*Fonds manuscrits*"
- *Fondes anciens, piece nº 17, Comptes rendus de l'Assemblée des Professeurs du Muséum 1855.*

Biblioteca Nacional de Portugal - BNP

- Mss. 215, nº 31 - "*Relação dos objectos entregue à Academia Real das Ciências pelo Depósito das Livrarias do Extintos Conventos.*"
- Manuscritos Reservados, COD. 3750 - "*Dominici Vandelli Philosophi Ac Medici Regii Botanices Professoris, Regiae Scientiarum Academiae Upsaliensis, Florentinae, Physiocriticorum Senensis, Litterariae Ravennatis, Patavinae, Lusatiensis eco. Socii Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii Specimenque Historiae Naturalis Lusitaniae Cum novis generibus et Specibus*"

Biblioteca Nacional de Portugal - BNP

- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 566 CXXXVII/1-4
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 566 CXXXVII/1-4
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 566 CXXXVII/1-4
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 1413
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 1371

- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 43 CXXVII/1-1
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 329 CXXVII/1-2
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 3194
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 3197
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 3549 CXXVII/2-7
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - CXXVIII/1-4, Doc. N.º 50
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 2159 CXXVII/1-11
- Cartas de Frei Manuel do Cenáculo - Carta 2160 CXXVII/1-11

Museu de História Natural da Universidade do Porto - MHNUP

- Pasta de documentação antiga (não catalogada)

Biblioteca de Zoologia da Universidade de Coimbra - BZUC

- *"Catalogo da Collecção Zoologica do Museu da Universidade de Coimbra, coordenada e classificada segundo o Reino Animal de C. Cuvier, pelos Doutores H. de Couto d'Almeida, e J. M. d'Abreu. Lentes da Faculdade de Filosofia. Julho de 1849",*
- Estampas avulsas de Zoologia.

Biblioteca do Museu Oceanográfico D. Carlos, Aquário Vasco da Gama -

BMODC-AVG¹³⁶⁰

¹³⁶⁰ A descrição dos documentos segue aquela utilizada no *"Catálogo da Biblioteca do Museu Oceanográfico D. Carlos I"* publicado por A. Ferreira no *"Relatório de Actividades do Aquário Vasco da Gama"* (n.º 4, Março de 1987).

- Documento 57 - *“Considerações e plano para um estudo científico do regímen da Sardinha em Portugal (Cópia). Dactilografado, com 6 páginas, datado do Porto, 2 de Setembro de 1903. Assinado por Alberto Alexandre Girard.”*
- Documento 78 - *“Liste des Poissons offerts par Sa Magesté le Roi de Portugal au Museum de Paris. Zoologie. Lista dactilografada, sem data, com 3 páginas com os nomes dos peixes, locais de captura e data.”*
- Documento 79 - *“Relação de peixes, manuscrita em 5 folhad de papel almaço, com a indicação do nome e nº do exemplar, local e data de colheita. (Trata-se do borrão da lista de peixes oferecidos ao Museu de Paris).”*
- Documento 80 - *“Échantillons d’Histoire Naturelle offerts par Sa Magesté le Roi du Portugal au British Museum”*
- Documento 125 - *“Ornitologia de Portugal. Catalogo das Aves de Portugal (Continente). Espécies sedentárias, de arribação e acidentais, 1883-1890. Manuscrito em folhas de papel almaço de 35 linhas, numeradas de nº 1 ao nº 85 (Em capa original).”*
- Documento 127 - *“Ornitologia de Portugal, anotada por Sua Alteza Real o Sereníssimo Duque de Bragança, D. Carlos. 1887. Relação manuscrita em papel almaço de 35 linhas. São 52 folhas manuscritas, presas por atache.”*
- Documento 140 - *“Carta manuscrita de 10 de Janeiro de 1893 do Prof. M. Paulino de Oliveira para o Rei D. Carlos, enviando um exemplar de Emberiza citrinella, capturada na Guarda.”*
- Documento 141 - *“Carta manuscrita datada de 3 de Abril (sem indicar o ano) do Prof. M. Paulino de Oliveira para o Rei D. Carlos, enviando exemplares de aves para estudo.”*
- Documento 142 - *“Carta manuscrita datada de 8 de Junho (sem indicação do ano) do Prof. M. Paulino de Oliveira, para o Rei D. Carlos, enviando aves para estudo e solicitando autorização para visitar o Museu Real”*
- Documento 153 - *Guia de remessa (3ª) de aves, enviadas por A. Girard para E. Casanova para serem desenhadas. Manuscrito”*
- Documento 154 - *Guia de remessa (4ª) de aves, enviadas por A. Girard para E. Casanova para serem desenhadas. Manuscrito”*
- Documento 155 - *“Guia de remessa (5ª) de aves, enviadas por A. Girard para E. Casanova para serem desenhadas. Manuscrito”*

- Documento 156 - "*Guia de remessa (6ª) de aves, enviadas por A. Girard para E. Casanova para serem desenhadas. Manuscrito. (Com uma nota anexa).*"
- Documento 159 - "*Guia de remessa de aves, enviadas por A. Girard para E. Casanova para serem desenhadas. Datado de 21.4.1896. Manuscrito.*"
- Documento 160 - "*Guia de remessa de aves, enviadas por A. Girard para E. Casanova para serem desenhadas. Datado de 11 de Dezembro de 1896. Manuscrito.*"
- Documento 161 - "*Guia de remessa de aves, enviadas por A. Girard para E. Casanova para serem desenhadas. Datado de 11 de Dezembro de 1896. Manuscrito.*"
- Documento 162 - "*Guia de remessa de aves, enviadas por A. Girard para E. Casanova para serem desenhadas. Datado de 22 de Dezembro de 1896. Manuscrito.*"
- Documento 175 - "*Álbum de fotografia de peixes expostos na Exposição de Milão (1902-1903) pertencentes ao Rei D. Carlos I.*"
- Documento 179 - "*Minuta manuscrita, endereçada ao Administrador Geral da Sereníssima Casa de Bragança e remetida pelo Conservador do Museu Real devolvendo o material emprestado para figurar na Exposição Agrícola do Porto em 1903 (Em anexo a lista de material)*"
- Documento 180 - "*Guia de Remessa e o seu duplicado nº381 do material enviado por S. Magestade El-Rei D. Manuel II para a Secção Portuguesa da Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908. Datado de 30 de Abril de 1908*"
- Documento 181 - "*Minuta manuscrita de ofício enviado por A. Girard à Comissão Organizadora da Exposição do Rio de Janeiro, informando que o material a enviar pode ser levantado. Datado de 1 de Maio de 1908.*"
- Documento 182 - "*Relação de material para figurar na Exposição do rio de Janeiro remetido a Arnaldo da Fonseca e a Jorge Colaço. Manuscrito.*"
- Documento 183 - "*Minuta de Ofício enviado por A. Girard à Secção Portuguesa da Exposição Nacional do Rio de Janeiro sobre o material a expor. Manuscrito.*"
- Documento 184 - "*Relação de quadros e material oceanográfico a expor no Rio de Janeiro e respectivos valores, e a sua distribuição por caixotes. Manuscrito*"
- Documento 185 - "*Apontamento do material que pertenceu ao Yacht Amélia e que irá figurar na Exposição do Rio de Janeiro. Datado de 27.04.1908*"
- Documento 186 - "*Apontamento sobre livros e catálogos (Obra científica do Rei D. Carlos) a figurar na Exposição do Rio de Janeiro. Manuscrito*"
- Documento 192 - "*Fotografia de Medalha de homenagem a D. Carlos, referente à Exposição Internacional de Milão, 1906. Montada em cartão*"

- Documento 193 - "*Fotografia do reverso da Medalha de Homenagem a D. Carlos, referente à Exposição Internacional de Milão, 1906. Montada em cartão*"
- Documento 200 - "*Lista manuscrita em folhas de papel almaço com a distribuição de mobiliário por várias salas, referindo também instrumentos e exemplares de animais conservados. Sem data nem referência ao local. (Museu Nacional da Marinha ?) (Em pasta original)*"
- Documento 208 - "*Manuscrito em "Linguados", agrafados, com 9 páginas. Sobre a necessidade de se publicar uma Zoologia de Portugal e seus limites. (Pelo teor e letra parece ser de D. Carlos).*"
- Documento XX - "*Registo da Casa de Preparação*"

Smithsonian Institution Archives (Washington D.C., EUA) - SI

- Record Unit 26: Roll #2 Bocage p. 156 - [*Carta de Bocage ao Secretário do Smithsonian (17 de Abril de 1863)*]
- Record Unit 26: Roll #5 Cunha 12/8/1863 - [*Carta de António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior ao Secretário do Smithsonian (8 de Dezembro de 1863)*]
- Record Unit 53: Vol. 30 p. 122 - [*Carta de António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior ao secretário assistente do Smithsonian (29 de Janeiro de 1864)*]
- Record Unit 26: Reel #5 Cunha 4/18/1864 - [*Carta de António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior ao Secretário do Smithsonian (18 de Abril de 1864)*]
- Record Unit 26: Reel 13 - Portugal 10/26/1865 - [*Carta de António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior a F. Baird (26 de Outubro de 1865)*]
- Record Unit 26: Roll #2 Bocage p. 143 - [*Carta de Bocage ao Secretário do Smithsonian (9 de Julho de 1867)*]
- Record Unit 53: Vol. 30 p. 293 - [*Carta de Cope a Bocage (13 de Março de 1868)*]
- Record Unit 53: Vol 42 p. 651 - [*Lista de espécimes de répteis de Portugal enviados por Bocage ao Smithsonian (Junho de 1868)*]
- Record Unit 53: Vol. 41 p. 403 - [*Carta de Cope a Bocage (Julho de 1868)*]
- Record Unit 53: Vol. 41 p. 404 - [*Carta de Cope a Bocage (Julho de 1868)*]
- Record Unit 52: Vol. 36 p. 14 - [*Carta de Bocage a ? (8 de Julho de 1868)*]
- Record Unit 33: Vol. 11 p. 319 - [*Carta de Bocage a ? (29 de Julho de 1868)*]

- Record Unit 33: Vol. 14 p. 193 - [*Carta de Joseph Henry a Bocage (22 de Abril de 1869)*]
- Record Unit 26: Vol. 84 p. 103 - [*Carta de Bocage a Joseph Henry (26 de Maio de 1869)*]
- Record Unit 26: Vol. 101 p. 477-482 - [*Carta de Bocage a Baird (13 de Fevereiro de 1870)*]
- Record Unit 33: Vol. 23 p. 315-316 - [*Carta de Joseph Henry a Bocage (14 de Março de 1871)*]
- Record Unit 26: Vol. 94 p. 254 - [*Carta de António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior a Joseph Henry (18 de Março de 1871)*]
- Record Unit 26: Vol. 117: p. 348 - [*Carta de António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior a Joseph Henry (15 de Junho de 1871)*]
- Record Unit 26: Vol. 117 p. 350 - [*Carta de António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior a Joseph Henry (10 de Outubro de 1871)*]
- Record Unit 26: Vol. 108 p. 58 - [*Carta de Bocage a Joseph Henry (28 de Outubro de 1871)*]
- Record Unit 53: Vol. 45 p. 598 - [*Carta de Spencer Baird a António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior (9 de Fevereiro de 1871)*]
- Record Unit 33: Vol. 21 p. 238-239 - [*Carta de Joseph Henry a Bocage (15 de Fevereiro de 1872)*]
- Record Unit 26: Vol 94 p. 254 - [*Carta de António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior a Spencer Baird (6 de Março de 1872)*]
- Record Unit 26: Vol 182 p. 83-85 - [*Carta de Bocage a ? (26 de Dezembro(?) de 1876)*]
- Record Unit 33: Vol. 57 p. 260-263 - [*Carta de Joseph Henry a Bocage (1 de Setembro de 1877)*]
- Record Unit 33: Vol. 57 p. 439 - [*Carta de Joseph Henry a António M. de Cunha Pereira de Sotto-Maior (29 de Setembro de 1877)*]
- Record Unit 33: Vol 71 p. 435 - [*Carta de Spencer Baird a Bocage (31 de Agosto de 1877)*]
- Record Unit 33: Vol 125 p. 144-145 - [*Carta de Spencer Baird a Bocage (26 de Junho de 1882)*]

Academy of Natural Sciences (Filadélfia, EUA) - ANS

- Coll. 457, Box 3 - [Carta de Bocage a Edward Cope (8 Julho de 1867)]
- Coll. 457, Box 3 - [Carta de Bocage a Edward Cope (9 de Julho de 1868)]
- Coll. 457, Box 3 - [Carta de Bocage a Edward Cope (27 de Dezembro de 1870)]
- Coll. 457, Box 3 - [Carta de Bocage a Edward Cope (16 de Fevereiro de 1878)]

Fontes impressas

Academia das Sciencias de Lisboa. 1923. *Escritos de El-Rei D. Pedro V. Vol 1*. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Allbers, J.C. 1854. *Malacographia maderensis sive enumeratio molluscorum quae in insulis Madaerae et Portus Sancti aut viva extant aut fossilia reperiuntur*. Typis et impensis Georgii Reimeri, Berlin.

Alexander, E. P. & Alexander, M. 2008. *Museums in Motion: An Introduction to the History and Functions of Museums*. AltaMira Press, Plymouth

Allen, D. 1996. *Tastes and Crazes*. Pp. 394-407 in Jardine, N., Secord, J. A., & Spary, E. C. 1996. *Cultures of Natural History*. Cambridge Univeristy Press, Cambridge.

Almaça, C. (2002c) – Introdução. In: Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira, A expedição philosophica pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. I: Documentos do Museu Bocage de Lisboa, Volume I, pp: 9-23. Kapa Editorial.

Almaça, C. .1996b. *Ciríaco, um negro pigarço do século XVIII*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa.

Almaça, C. 1989. Documentos do arquivo histórico do Museu Bocage relativos à exploração histórico-natural angolana do Dr. Frederico Welwitsch. *Arquivos do Museu Bocage*, 22: 335-347.

Almaça, C. 1991a. *Os portugueses e o conhecimento das faunas exóticas*. Oceanos, Lisboa.

Almaça, C. 1991b. *Frei Cristóvão de Lisboa e a zoologia brasileira*. Oceanos, Lisboa.

Almaça, C. 1991c. *As classificações zoológicas. Aspectos históricos*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa

Almaça, C. 1991d. *The beginning of the Portuguese mammalogy*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa.

Almaça, C. 1993a. *Evolutionism in Portugal*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa.

Almaça, C. 1993b. *Bosquejo histórico da Zoologia em Portugal*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa.

Almaça, C. 1993d. Os portugueses do Brasil e a Zoologia pré-lineana. In: *A Universidade e os Descobrimentos*, p: 175-193. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

Almaça, C. 1993e. The beginning of Portuguese carcinology. In: *History of Carcinology*, pp: 31-39. Balkema, Rotterdam.

Almaça, C. 1994. O Professor Germano da Fonseca Sacarrão. Aspectos da sua obra científica e didáctica. In: *Professor Germano da Fonseca Sacarrão (1914-1992)*, pp: 5-22. Museu Nacional de História Natural, Museu Bocage, Lisboa.

Almaça, C. 1995. *Uma controvérsia antropológica de 1881 (Oliveira Martins e Eduardo Burnay)*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa.

Almaça, C. 1996a. *A natural history museum of the 18th century: the Royal Museum and Botanical Garden of Ajuda*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa.

Almaça, C. 1997a. *Early Evolutionism in Portugal*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa

Almaça, C. 1997b. Falconers: the first Portuguese naturalists. *Archives of Natural History (London)* 24: 175-187.

Almaça, C. 1997c. Augusto Nobre and marine biology in Portugal. In: *One Hundred Years of Portuguese Oceanography*, pp: 125-134. Museu Bocage, Lisboa

Almaça, C. 1997d. *Lamarck et l'évolutionnisme au Portugal*. 119 Congr. Nat. Soc. Hist. Scient., pp: 689-693. Amiens (1994)

Almaça, C. 1998. *Baleias, focas e peixes-bois na História Natural portuguesa*. Museu Bocage, Museu Nacional de História Natural, Lisboa.

Almaça, C. 1999. *O darwinismo na Universidade portuguesa*. Museu Bocage, Museu Nacional de História Natural, Lisboa.

Almaça, C. 2000a. *O homem medieval e a biodiversidade*. Museu Bocage, Museu Nacional de História Natural, Lisboa.

Almaça, C. 2002b. *A zoologia pré-lineana no Brasil*. Museu Bocage, Museu Nacional de História Natural, Lisboa.

Almaça, C. 2005. *Albert Monard e o Museu Bocage*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa.

Almaça, C., Domingues, A., Faria, M. 1993c. *Viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira*, Academia de Marinha, Lisboa.

Almanach de Lisboa (1799)

Andrade, A. A. B. 1985. *O Naturalista José de Anchieta*. Instituto de Investigação Científica Tropical, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Lisboa.

Anglin, J. H. 1944. O Museu Municipal de Carlos Machado. *Insulana* 1(2): 230-253

Anónimo. 1781. *Breves instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos produtos e noticias pertencentes à historia da natureza para formar hum Museo Nacional*". Lisboa – Na regia officina typografica

Anónimo. 1816. Noticia da pelle de uma Phoca oferecida ao Museu da Universidade de Coimbra pelo Conselheiro e Commendador Antonio Fernando Pereira Pinto de Araujo, Abade de Lobrigos. *Jornal de Coimbra* 9 (45): 163-165.

Anónimo. 1817a. *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle* Vol. 10, Paris.

Anónimo. 1817b. *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle* Vol. 9, Paris.

Anónimo. 1817c. Peixes. Observações sobre alguns peixes do mar e rios do Algarve. *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* 5: 1-48.

Anónimo. 1818. *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle*. Vol. 19, Paris.

Anónimo. 1838. *Programa dos Estudos da Academia Politécnica do Porto no Ano Lectivo de 1838 para 1839*. Imprensa Constitucional, Porto.

Anónimo. 1840 *Elementos da História Natural dos Animaes, seguidos de um vocabulário franco-lusitano segundo a nomenclatura do Doutor Brotero*. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Anónimo. 1879. Anuário Academia Polytechnica do Porto - 1878-1879

Anónimo. 1889. Anuário Academia Polytechnica do Porto - 1888-1889

Anónimo. 1889. Cartas do Dr. José Monteiro da Rocha a D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. *O Instituto* 37(5): 358-340.

Anónimo. 1904. Uma Visita ao Museu Oceanographico. *A Ilustração Portuguesa* 21

Anónimo. 1906. O Occidente – Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro. Volume XXIX, nº1:004, 20 de Novembro de 1906

Anónimo. 1909a. Commercio do Porto, 11 de Dezembro de 1909.

Anónimo. 1933. Sem título [transcrição de documentos de relativos a Joaquim José da Silva]. *Arquivos de Angola* 1(1)

Anónimo. 1933. Sem título [Transcrição de documentos relativos à missão de Joaquim José da Silva em Angola]. *Arquivos de Angola* 1(1), sem paginação

Antunes, M. T. & Balbino, A. C. 2003. *Herbário de peixes do Brasil do séc. XVIII. Testemunho Histórico de Acontecimentos Controversos*. Pp. 75-119. In Ferrão C. & Soares, J. P. M. (Eds) 2003. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira II. A expedição philosophica pelas capitancias do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá*. Coleção da Academia das Ciências de Volume I, Kapa Editorial, Lisboa

Antunes, M. T. & Taquet, P. 2002. Le Roi Dom Pedro V et le Paléontologue Alcide d'Orbigny: un episode des relations scientifiques entre le Portugal et la France. *Comptes-Rendus Palevol* 1: 639-647.

Antunes, M. T. 2003. *Alexandre Rodrigues Ferreira, D. Vandelli & E. Geoffroy Saint-Hilaire/ Aspectos da História, Novos dados e Interpretação*. Pp. 11-21, In Ferrão C. & Soares, J. P. M. (Eds) 2003. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira II. A expedição philosophica pelas capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá*. Coleção da Academia das Ciências de Volume I., Kapa Editorial, Lisboa

Appel, T. A. (1987) *The Cuvier-Geoffroy Debate: French Biology in the decades before Darwin*. Oxford University Press.

Areia, M. L., Rodrigues, M. A. & Hartmann, T. 1991. *Memórias da Amazônia. Alexandre Rodrigues Ferreira e a Viagem Philosophica pelas Capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. 1783-1792*. Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Argenville, D. 1780. *La conchyliologie, ou, Histoire naturelle des coquilles de mer, d'eau douce, terrestres et fossiles : avec un traité de la zoomorphose, ou, représentation des animaux qui les habitent, ouvrage dans lequel on trouve une nouvelle méthode de les diviser*. De Bure, Paris.

Arruda, L. M. 2002. *Correspondência científica de Francisco de Arruda Furtado*. Instituto Cultural de Ponta Delgada, Ponta Delgada.

Asma, S. 2001. *Stuffed Animals and Pickled Heads: The Culture and Evolution of Natural History Museums*. Oxford University Press, New York.

Ayres, C. 1927. *Para a história da Academia das Ciências de Lisboa*. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Baptista, M. D. 1797. *Ensaio de Huma Descrição, Física, e Economica de Coimbra, e seus arredores. Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa 1: 254-268*.

Barbosa, I. V. 1885. *Apontamentos para a história das collecções e dos estudos de zoologia em Portugal*. Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, Lisboa.

Barbut, J. 1799. *Helminthologia Portugueza em que se descrevem alguns generos das duas primeiras ordens, intestinaes, e molluscos da classe sexta do reino animal, vermes, e se exemplificação com varias amostras de suas especies, segundo o systema do cavalheiro Carlos*

Linne, por Jaques Barbut, Traduzida debaixo dos auspicios, e ordem de sua alteza real o Principe do Brasil Nosso Senhor, Por Fr. José Mariano da Conceição Velloso, Menor Reformado da Provincia do Rio de Janeiro, Pensionado por Sua Magestade. Officina de João Procopio da Silva, Lisboa.

Barjona, M. J. 1823. *Tábuas mineralógicas.* Imprensa da Universidade, Coimbra.

Basto, A. M. 1938. *Memória Histórica da Academia Politécnica do Porto.* Imprensa Portuguesa, Porto.

Bastos, F. A. M. 1863. *Memorias para a Historia de Sua Magestade Fidelíssima El-Rey o Senhor Dom Pedro V.* Imprensa da Universidade, Coimbra.

Bates, H. W. 1944. *O naturalista no rio Amazonas.* Companhia Editora Nacional, São Paulo.

Bauer, A. M., Günther, R. & Klipfel, M. *The herpetological contributions of Wilhelm C. H. Peters (1815-1883) with an introduction, annotated bibliography, and synopsis of taxa.* Society for the Study of Amphibians and Reptiles, New York

Bedriaga, J. 1891. Les larves des Batraciens recueillies en Portugal par M. Adolphe F. Moller. *O Instituto* 38: 588-593; 668-677; 821-829.

Bedriaga, J. 1892. Notes sur les Amphibiens et Reptiles recueillis para M. Adolphe F. Moller aux Iles de la Guinée. *O Instituto* 39: 498-507; 642-648; 736-742; 814-820; 901-907.

Bedriaga, J. 1893. Remarques supplementaires sur les Amphibiens et Reptiles du Portugal et de L'Ile de St. Tomé. *Instituto* 40: 766-773; 848-856; 927-936

Bedriaga, J. 1894. Réponse à M.J.V. Barboza du Bocage. *O Instituto* 41: 346-348

Biagioli, M. 1993. *Galileo, Courtier. The practice of science in the culture of absolutism.* Univeristy of Chicago Press, Chicago.

Biblioteca Nacional de Lisboa. 1972. *Exposição de Obras Antigas e Revistas Portuguesas de Farmácia.* Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa.

Bloch, M. E.; Schneider, J. G. 1801. *M. E. Blochii Systema Ichthyologiae iconibus cx illustratum. Post obitum auctoris opus inchoatum absolvit, correxit, interpolavit J. G. Schneider.* Saxo. Berolini

Bloch. 1791. *Naturgeschichte der Ausländischen Fische*, Vol 5. Berlin.

Blunt, W. 2002. *Linnaeus: The compleat naturalist.* Princeton University Press, New Jersey.

Bocage, J. V. B. 1860b. A origem dos animaes domesticos. *Diário de Lisboa* 7, 13 e 27.

Bocage, J. V. B. 1862a. *Instruções praticas sobre o modo de coligir, preparar e remeter produtos zoológicos para o Museu de Lisboa.* Imprensa Nacional, Lisboa.

Bocage, J. V. B. 1862b. Relatório apresentado ao conselho da Escola Polytechnica em sessão de 1 de fevereiro de 1862, ácerca do plano geral dos trabalhos de exploração zoológica e approved na mesma sessão. *Diário de Lisboa* 46

Bocage, J. V. B. 1863a. Liste des mammifères et Reptiles observés en Portugal. *Revue et Magasin de Zoologie*, 15: 329 – 333.

Bocage, J. V. B. 1863b. Breve noticia ácerca de alguns productos zoologicos da India portugueza, offerecidos ao Museu de Lisbôa pelo sr. A. Gomes Roberto. *Diario de Lisboa*, nº 245.

Bocage, J. V. B. & Capello, F. B. 1864. Sur quelques espèces inédites de Squalidae de la tribu Acanthiana, Gray, qui fréquentent les côtes du Portugal. *Proceedings of the Zoological Society of London* 1864: 260-268

Bocage, J. V. B. 1864a *Note sur la découverte d'un zoophyte de la famille Hyalochaetides sur la côte du Portugal* *Proceedings of the Zoological Society of London*, p. 265

Bocage, J. V. B. 1864b. *Noticia ácerca da descoberta nas costas de Portugal d'um Zoophyto da familia Hyalichaetides. Brandt (Hyalonema Lusitanica. Nob.).* Memoria apresentada á Acad. Real das Sciencias de Lisboa. 8

Bocage, J. V. B. 1864c. "*Notícia ácerca dos Arvicolas de Portugal*". Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa. 12 p.

Bocage, J. V. B. 1864d. Notice sur un Batracien nouveau du Portugal (*Chioglossa lusitanica*, nob.). *Proceedings of the Zoological Society of London*: 264 – 265, plate 21.

Bocage, J. V. B. 1864e. Note sur un nouveau Batracien du Portugal, *Chioglossa lusitanica*, et sur une Grenouille de l'Afrique occidentale, *Rana Bragantina*. *Revue et Magasin de Zoologie*, 16:248 – 254, plate 21.

Bocage, J. V. B. 1865a. Relatório acerca da situação e necessidades da secção zoológica do Museu de Lisboa apresentado a Sua Excelência o Ministro e Secretário dos Negócios do Reino. Imprensa Nacional, Lisboa.

Bocage, J. V. B. 1865b. Sur l'Habitat du *Hyalonema lusitanicum*. *Proceedings of the Zoological Society of London* 1865(3): 62-663.

Bocage, J. V. B. 1866. Lista dos reptis das possessões portuguezas d'Africa occidental que existem no Museu de Lisboa. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 1(1): 37 – 56.

Bocage, J. V. B. & Capello, F. B. 1866. Apontamentos para a Ichthyologia de Portugal - Peixes Plagiostomos - Primeira Parte - Esqualos. Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.

Bocage, J. V. B. 1867a. Batraciens nouveaux de l' Afrique occidentale (Loanda et Benguella). *Proceedings of the Zoological Society of London*, 3: 843 – 846.

Bocage, J. V. B. 1867b. Aves das possessões portuguezas da Africa occidental que existem no Museu de Lisboa. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 1(2): 129 – 153.

Bocage, J. V. B. 1867c. Aves das possessões portuguezas da Africa occidental que existem no Museu de Lisboa (segunda lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 1(4): 324 – 339, Plate 6 (figures 1 – b').

Bocage, J. V. B. 1868. . Aves das possessões portuguezas d' Africa occidental que existem no Museu de Lisboa (terceira lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 2(5): 38 – 50.

Bocage, J. V. B. 1869a. Éponges siliceuses nouvelles de Portugal et de l'île de Saint-Iago (archipel de Cap-vert). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 2(6): 159 – 163, Plates 10 (figures 1 – 2c) and 2 (figures 1 – 2b).

Bocage, J. V. B. 1869b. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (quarta lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 2(8): 333 – 352.

Bocage, J. V. B. (1870a) *Sur l'existence de la "Hoitenia Carpenteri." Wyv. Thomson dans les côtes du Portugal.* *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 3(9): 69 – 70.

Bocage, J. V. B. (1870b) *A vida animal nas grandes profundidades do oceano.* *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes III* (9): 71 – 72.

Bocage, J. V. B. 1871. Aves das possessões portuguezas da Africa occidental (quinta lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 3(12): 266 – 277.

Bocage, J. V. B. 1872. Aves das possessões portuguezas da Africa occidental que existem no Museu de Lisboa (sexta lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 4(13): 66 – 71.

Bocage, J. V. B. 1873a. Note sur l' habitat de l' Euprepes coctei Dum. et Bibr.. *Proceedings of the Zoological Society of London*: 703 – 704.

Bocage, J. V. B. 1873b. Sur l' habitat et les caractères zoologiques du "Macroscincus coctei" ("Euprepes coctei " Dum. et Bibr.). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 4 (16): 295 – 306.

Bocage, J. V. B. 1873c. Aves das possessões portuguezas da Africa occidental (setima lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 4 (14): 194 – 200.

Bocage, J. V. B. 1873d. Aves das possessões portuguezas d' Africa occidental (oitava lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 4(16): 281 – 294.

Bocage, J. V. B. 1874a. Aves das possessões portuguezas d' Africa occidental (nona lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 5 (17): 32 – 46.

Bocage, J. V. B. 1874b. Aves das possessões portyguezas d'Africa occidental (decima lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 5(17): 47 – 60.

Bocage, J. V. B. 1876a. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (undecima lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 5(19): 146 – 154.

Bocage, J. V. B. 1876b. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (duodecima lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 5(20): 248 – 257.

Bocage, J. V. B. 1877a. Relatorio ácerca da situação do serviço zoologico do Museu de Lisboa, apresentado ao Director da Escola Polytechnica. Imprensa Nacional, Lisboa.

Bocage, J. V. B. 1877b. *Ornithologie d'Angola*. Ouvrage publié sous les auspices du ministère de la marine et des colonies. Lisbonne.

Bocage, J. V. B. 1877c. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (decima-terceira lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 6(21): 60 – 70.

Bocage, J. V. B. 1877d. Aves das possessões portuguezas d' Africa occidental (decima quarta lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 6(22): 142 – 150.

Bocage, J. V. B. 1877e. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (decima-quinta lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 6(22): 151 – 157.

Bocage, J. V. B. 1878a. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (decima sexta lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 6(23): 193 – 207.

Bocage, J. V. B. 1878b. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (decima setima lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 6(24): 260 – 280.

Bocage, J. V. B. 1879. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (decima oitava lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 7(26): 100 – 102.

Bocage, J. V. B. 1880a. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (decima nona lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 7(28): 229 – 246.

Bocage, J. V. B. 1880b. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (vigesima lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 8(29): 62 – 70.

Bocage, J. V. B. 1881a. "Ornithologie d'Angola", 2e partie. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 8(31): 232.

Bocage, J. V. B. 1881b. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (vigésima primeira lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 8(30): 120 – 125.

Bocage, J. V. B. 1882a. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (vigésima segunda lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 8(32): 291 – 298.

Bocage, J. V. B. 1882b. Aves das possessões portuguezas d'Africa occidental (vigésima terceira lista). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, 9(34): 80 – 84.

Bocage, J. V. B. 1889. José Augusto de Sousa. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 1(2): 145 – 146.

Bocage, J. V. B. 1893a. Bibliographie. J. de Bedriaga - Remarques supplémentaires sur les Amphibiens et les Reptiles du Portugal et de l'île de St. Thomé. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 3(10): 140 – 141.

Bocage, J. V. B. 1895a. *Herpétologie d'Angola et du Congo* Ouvrage publié sous les auspices du ministère de la marine et des colonies. Lisbonne.

Bocage, J. V. B. 1895b. Aves de Benguella da exploração Anchieta. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 4(13): 21 – 23.

Bocage, J. V. B. 1896. Mammiferos, Aves e Reptis da Hanha, no sertão de Benguella. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 4(14): 105 – 114.

Bocage, J. V. B. 1897. José d'Anchieta. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 5(18): 126 – 132.

Bocage, J. V. B. 1900. Aves do archipelago de Cabo Verde. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 6(21): 39 – 47.

Bocage, J. V. B. 1902. Aves e reptis de Cabo Verde. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 6(24): 206 – 210.

Bocage, J. V. B. 1903a. Contribution à la faune des quatre îles du Golfe de Guinée. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 7(25): 25 – 59.

Bocage, J. V. B. 1903b. Aves da Ilha de S. Nicolau, Archipelago de Cabo Verde. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 7(25): 1 - 2.

Bocage, J. V. B. 1905. Contribution à la faune des quatre îles du Golfe de Guinée (suite). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série*, 7(26): 65 – 96.

Bocage, J.V. B. 1860a Relatorio apresentado ao conselho da Escola Polytechnica pelo lente da 8ª cadeira, ácerca das collecções scientificas recentemente adquiridas para o Gabinete zoológico e Museu de Lisbôa e de alguns outros resultados da sua viagem scientifica ao estrangeiro. *Diario do Governo*, 2 de Janeiro

Bocage, J.V.B. 1857. Noticia sobre uma collecção de conchas das ilhas da Madeira e Porto Santo, offerecidas ao Museu de Lisbôa pelo sr. João d'Andrade Corvo. *Annaes das Sciencias e Letras, Academia das Sciencias de Lisbôa*, 1: 204-211

Bocage, J.V.B. 1857a. Memoria sobre a Cabra montez da Serra do Gerez. *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Classe de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 2(4).

Bocage, J.V.B. 1857b Noticia zoológica sobre a Cabra-Montez da Serra do Gerez. *Annaes das Sciencias e Letras, Academia das Sciencias de Lisbôa*, 1: 21-31

Bocage, J.V.B. 1862a. Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoológicos para o Museu de Lisboa. *Imprensa Nacional, Lisboa*.

Boessenkool, S., Star, B., Sofield, R. P., Seddon, P. J. & Waters, J. M. 2010. Lost in translation or deliberate falsification? Genetic analyses reveal erroneous museum data for historic penguin specimens. *Proceedings of the Royal Society B* 277(1684): 1057-1064.

Bolívar, I. 1881. Études sur les insectes d'Angola qui se trouvent au Museum National de Lisbonne. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Academia Real das Sciencias de Lisboa*, VIII (30): 107-119.

Bolívar, I. 1889a. Ortópteros de Africa del Museo de Lisboa. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Segunda Série, I (2): 73-112, 1 estampa.~

Bolívar, I. 1889b. Ortópteros de Africa del Museo de Lisboa (continuación). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Segunda Série, I (3): 150-173

Bolívar, I. 1890. Ortópteros de Africa del Museo de Lisboa (conclusión). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, Academia Real das Sciencias de Lisboa, Segunda Série, I (4): 211-232, 1 estampa.

Bonnemains, J., Argentin, J.-M. and Marin, M. (eds). 2000. *Mon voyage aux Terres Australes: Journal personnel du commandant Baudin*, Éditions Imprimerie Nationale, Paris

Bour, R. 2006. Identity of *Testudo gigantea* SCHWEIGGER, 1812 and Rediscovery of the Type Specimen. *Emys* 13(4):12-23.

Bragança, C. 1897. *Yacht Ameila – Campanha Oceanographica de 1896*. Imprensa Nacional, Lisboa

Bragança, C. 1902. *Bulletin des campagnes scientifiques accomplies sur le yacht "Amelia" par D. Carlos de Bragança Vol. I*. Imprimerie Nationale, Lisbonne

Bragança, C. 1904. *Resultados das investigações scientificas feitas a bordo do Yacht "Amelia" e sob a direcção de D. Carlos de Bragança – Ichthyologia II Esqualos obtidos nas costas de Portugal durante as campanhas de 1896 a 1903*. Imprensa Nacional, Lisboa

Bragança, C. 2002. *Catalogo Illustrado das Aves de Portugal (Sedentárias, de arribação e accidentaes) – Estampas*. Aquário Vasco da Gama, Lisboa.

Brigola, J. C. P. & Ceríaco, L. M. P. *in press(a)*. Um projecto de musealização para o Real Gabinete de Historia Natural da Ajuda (1768-1836). História, Colecções, Espaços. *in* Livro resultante do encontro HETSCI - Espaços e Actores de Ciências (ainda sem editores, nem título definitivo).

Brigola, J. C. P. 2003. *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.

Brigola, J. C. P. 2010. *Os viajantes e o "livro dos museus"*. Dafne Editora, Porto.

Brites, G. 1911. O Museu Zoológico da Universidade. *A Ilustração Portuguesa* 267

Brooke, J. H. 2003. *Ciência e Religião*. Porto Editora, Porto.

Brotero, F. A. 1788. *Compendio de Botanico, ou Noções Elementares Desta Sciencia, segundo os melhores Escritores modernos, expostas na lingua Portuguesa*. Edição particular, Paris.

Brotero, F. A. 1793. *Principios de Agricultura Philosophica*. Imprensa da Universidade, Coimbra

Brotero, F. A. 1800. *Phytographia Lusitaniae selectior, seu novarum et aliarum minus cognitarum stirpium, quae in Lusitania sponte veniunt, descriptiones. Fascic. Ius*. Typographia Domus Chalcographicae, Typoplasticae, AC Litterariae Ad Arcum Caeci, Lisboa.

Brotero, F. A. 1804. *Flora Lusitanica: seu plantarum, quae in Lusitania vel sponte crescunt: vel frequentius coluntur, ex florum praesertim sexuleus systematic distributarum: synopsis*. Ex Typogr. Regia, Lisboa.

Brotero, F. A. 1817. Noções Historicas das Phocas em geral e particular, com as descrições das que se conservão no Real Museu do Paço de Nossa Senhora da Ajuda. *Jornal de Coimbra*, 11: 151-172

Brotero, F.A. 1802. Description of Callicoca ipecacuanha. *Transactions of the Linnean Society* 6: 137-141

Broussonet, P. M. A. 1782. *Ichthyologia, sistens piscium descriptiones et icones*. Decas I, London.

Bruckert, R. 2003. *Coleção de Pássaros do Muséum national d'Histoire naturelle, Paris*. Pp. 37-173. in Ferrão, C. & Soares, J. P. M. 2003. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira II - Coleção do Muséum national d'Histoire naturelle, Paris*. Kapa Editorial.

Burnay, L. P. & Monteiro, A. A. 1988. *História da Malacologia em Portugal*. Publicações ocasionais da Sociedade Portuguesa de Malacologia, Lisboa.

Capello, F. B. 1866. "*Descrição de algumas especies novas ou pouco conhecidas de Crustaceos e Arachnidios de Portugal e possessões portuguezas do Ultramar*". Typographia da Academia, Lisboa.

Capello, F. B. 1867. Peixes novos de Portugal e da Africa occidental e caracteres distinctivos d'outras especies já conhecidas. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Academia Real das Sciencias de Lisboa, I (2): 154-169.*

Capello, F. B. 1868. Noticia ácerca de um peixe pouco conhecido proveniente do Brasil. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, 2(5): 64-69.*

Capello, F. B. 1869. Memoria relativa a um exemplar de «Squalus maximus» Lin. pescado nas costas de Portugal. *Jornal das Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes N^a(n^o): 233-238 (+ 1 estampa)*

Capelo, H. & Ivens, R. 1962. *De Angola à Contracosta*. Publicações Europa-América, Lisboa

Capelo, H. & Ivens, R. 1996. *De Benguella às Terras de Iaca*. Publicações Europa-América, Lisboa

Cardoso, J. L. 2003. From Natural history to political economy: the enlightened mission of Domenico Vandelli in late eighteenth-century Portugal. *Studies in History and Philosophy of Science* 34:781-803.

Carpine-Lancre, J. & Saldanha, L. 1992. Dom Carlos I (Roi de Portugal), Albert I (Prince de Mónaco) – Souverains océanographes. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Carpine-Lancre, J. 1992. L'Hirondelle aux Açores. *Açoreana* (suplemento).

Carpine-Lancre, J. 2001. *Oceanographic sovereigns: Prince Albert I of Monaco and King Carlos I of Portugal*. Pp. 56-68 in Deacon, M., Rice, T. and Summerhayes, C. *Understanding the oceans: a century of ocean exploration*. UCL Press, London.

Carreira, A. 1986. *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (Século XVIII)* por João da Silva Feijó. Instituto Caboverdiano do Livro, Praia.

Carvalho, F. A. 1836. *Instrucções sobre o modo de preparar, e conservar accidentalmente os diferentes exemplares zoológicos, que houverem de ser conduzidos das possessões portuguesas ultramarinas até á sua definitiva preparação*. Academia Real das Ciências de Lisboa, Lisboa.

Carvalho, J. A. S. 1872. *Memória histórica da faculdade de philosophia*. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Carvalho, J. C. M. 1983. *Viagem filosófica pelas capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá (1783-1792)*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Carvalho, R. 1979. *Relações entre Portugal e a Rússia no século XVIII*. Sá da Costa, Lisboa.

Carvalho, R. 1987. *A História Natural em Portugal no Século XVIII*. Ministério da Educação - ICALP, Lisboa.

Carvalho, R. 1989. *A Actividade Pedagógica da Academia das Ciências de Lisboa nos séculos XVIII e XIX*. Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa.

Casaleiro, P., Rufino, A., Heitor, F. & Mota, P.. 2011. *Redescoberta da colecção ictiológica do século XVIII no Museu da Ciência, Universidade de Coimbra*. Livro de Actas do Congresso Luso Brasileiro de História da Ciência Pp. 1006-1018 in Fiolhais, C., Simões, C. & Martins, D. 2011. *Livro de Actas do Congresso Luso Brasileiro de História da Ciência*. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Caseiro, C. 1998. *A casa grande do mar – Aquário Vasco da Gama 1898-1998*. Aquário Vasco da Gama, Lisboa.

Castel-Branco, C. 2007. *Félix de Avelar Brotero - Uma História Natural*. Livros Horizonte, Coimbra.

Castilho, A. F. 1817. A Faustissima Exaltação de Sua Magestade Fidelissima, o Senhor D. João Vi. Ao throno. *Jornal de Coimbra* 11(2): 282-368.

Cerboni, T. M. 1768. *Theologiae Naturalis*. In Typographeo S. Michaelis ad Ripam

Ceríaco, L. M. P. & Bour, R. 2012. *Schweigger's (1812) chelonian types from the extinct eighteenth century Portuguese "Royal cabinet of natural history of Ajuda": some contributions for their identification and nomenclatural implications*. *Zootaxa* 3395: 18-32

Ceríaco, L. M. P. & Marques, M. P. M. 2011. *Peixes em Herbário. Uma técnica científico-museológica do século XVIII*. Pp. 1204-1219 in Fiolhais, C., Simões, C. & Martins, D. 2011. *Livro de Actas do Congresso Luso Brasileiro de História da Ciência*. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Ceríaco, L. M. P. & Marques, M. P. M. 2012. A brief correction to the recently erected nominal taxon *Hyla molleri* Bedriafa, 1890, with some historical remarks. *Alytes* 28: 168-171.

Ceríaco, L. M. P. 2013. Sobre um monstro bicorporeo eborense do século XVIII. *Midas* 2, DOI: 10.4000/midas.281

Ceríaco, L. M. P. in press. Some historical notes about the possible precedence of "Lacerta Xiphidiura" Carvalho, 1836, as the first identification of the Brazilian Spiny-tailed lizard *Hoplocercus spinosus* Fitzinger, 1843, and general remarks to early nineteenth century Portuguese zoology. *Bibliotheca Herpetologica*

Ceríaco, L. M. P. in press b. The Natural History and Oceanographic Collections of King Carlos I (1863-1908). In Lopes, M., Luis, C. & Garcia-Pereira, P. (in press). History of Natural History Collections in Portugal and Brazil: New Perspectives on Collecting, Institutions and Transfers, Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Lisboa, Portugal

Ceríaco, L. M. P., Brigola, J. C. P. & Oliveira, P. G. L. 2013. *Os Monstros de Vandelli e o percurso das coleções de História Natural do Século XVIII*. Pp. 121-132. in Fiolhais, C., Simões, C. & Martins, D. 2013. *História da ciência Luso-Brasileira. Coimbra entre Portugal e o Brasil*. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Ceríaco, L. & Brigola, J. *in press a. Coleccionismo naturalista na Évora do Séc. XIX: as colecções como fundamento da Teologia Natural no discurso de Frei Manuel do Cenáculo.* in Gesteira, H. M., Carolino, L. M. & Marinho, P. (*in press*) *Formas e Representações do Império* (título não definitivo). Editoria Paz e Terra, Rio de Janeiro.

Ceríaco, L. M. P., Blackburn, D. W., Marques, M. P. & Calado, F. M. *in press a.* Catalogue of the amphibian and reptile types specimens of the Natural History Museum of the University of Porto in Portugal, with some comments on problematic taxa. *Alytes*.

Ceríaco, L. M. P., Gomes, I. & Felismino, D. *in press b.* Royal collections on the move. Backgrounds, pathways and dispersal of Portuguese Royal Natural History collections, from 18th to 20th century. In Lopes, M., Luis, C. & Garcia-Pereira, P. (*in press*). *History of Natural History Collections in Portugal and Brazil: New Perspectives on Collecting, Institutions and Transfers*, Museu Nacional de História Natural e da Ciência, Lisboa, Portugal.

Cheeke, A. 2011. Comments on the proposed conservation of usage of *Testudo gigantea* Schweigger, 1812 (currently *Geochelone (Aldabrachelys) gigantea*; Reptilia, Testudines) (Case 3463) 1. *Bulletin of Zoological Nomenclature* 68(4):294-297

Corado, R. 2005. The importance of information on specimen labels. *Ornitologia Neotropical* 16: 277-278.

Correia, C. P. 1998. O ovário de Eva. Relógio de Água, Lisboa.

Costa, M. F. 2001. Alexandre Rodrigues Ferreira e a capitania de Mato Grosso: imagens do interior. *História, Ciências, Saúde* 8: 993-1014.

Costa, P. F. & Leitão, H. 2009. Portuguese Imperial Science, 1450 - 1800: A Historiographical Review. In Bleichmar, D., de Vos, P., Huffine, K. & Sheehan, K. (eds). Pp. 35-53 . *Science in the Spanish and Portuguese Empires, 1500 - 1800*. Stanford University Press, Stanford.

Costa, P. F. 2005. *O Corpo Insólito*. Porto Editora, Porto.

Cotteril, F. P. D. 1997. *The second Alexandrian tragedy, and the fundamental relationship between biological collections and scientific knowledge*. Pp. 227-241. in Nudds, J. R. &

Pettitt, C. W. 1997. *The value and valuation of natural science collections*. Geological Society of London, London.

Cruz, A. L. 2002. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do século XVIII. *História: Questões e Debates* 36: 61-08.

Cuisin, J. 2003. *No encaço de Alexandre Rodrigues Ferreira. Pássaros e Mamíferos entre Brasil e França*. Pp. 13-35. in Ferrão, C. & Soares, J. P. M. 2003. *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira II - Coleção do Muséum national d'Histoire naturelle*, Paris. Kapa Editorial.

Cunha, O. R. 1991. *O naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Uma análise comparativa de sua viagem filosófica (1783-1793)*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Cuvier, C. 1798. *Tableau élémentaire de l'histoire naturelle des animaux*. Baudouin, Paris.

Cuvier, C. 1815. *Quadro elementar da Historia Natural dos animais*. Londres

Cuvier, G. & Valenciennes. 1829. *Histoire Naturelle des Poissons*, Vol 3. Chez F. G. Levrault, Paris.

Cuvier, G. & Valenciennes. 1830. *Histoire Naturelle des Poissons*, Vol 5. Chez F. G. Levrault, Paris.

Cuvier, G. & Valenciennes. 1830. *Histoire Naturelle des Poissons*, Vol 6. Chez F. G. Levrault, Paris.

Cuvier, G. & Valenciennes. 1840. *Histoire Naturelle des Poissons*, Vol 14. Chez Pitois-Levrault, Paris.

Cuvier, G. & Valenciennes. 1840. *Histoire Naturelle des Poissons*, Vol 15. Chez Pitois, Paris.

Cuvier, G. & Valenciennes. 1846. *Histoire Naturelle des Poissons*, Vol 18. Chez Bertrand, Paris.

Cuvier, G. & Valenciennes. 1850. *Histoire Naturelle des Poissons*, Vol 22. Chez Bertrand, Paris.

Cuvier, G. 1818. Sur les poissons du sous-genre Mylètes. *Memoires du Museum National d'Histoire Naturelle (N. S.) (Série A) Zoologie* 4: 444-456.

Cuvier, G. 1819 Sur les poissons du sous-genre *Hydrocyon*, sur deux nouvelles espèces de *Chalceus*, sur trois nouvelles espèces du *Serrasalmes*, et sur l'*Argentina glossodonta* de Forskahl, qui est l'*Albula gonorhynchus* de Bloch. *Mémoires du Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris (N. S.) (Série A) Zoologie* 5: 351-379

Cuvier, G.. 1816. *Le Règne Animal distribué d'après son organisation pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée. Les reptiles, les poissons, les mollusques et les annélides.* Chez Deterville, Paris

Cuvier. 1829. *Le Règne Animal, distribué d'après son organisation, pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée. Vol. 2.* Chez Déterville, Paris.

Daget, J. & Saldanha, L. 1989. *Histoires Naturelles Franco-Portugaises du XIX Siecle.* Publicações Avulsas do Instituto Nacional de Investigação das Pescas, Lisboa.

Dance, S. P. 1980. Hugh Cuming (1791-1865) Prince of collectors. *Journal of the Society for the Bibliography of Natural History* 9(4):477-501.

Dantes. 2009: Vol. 1. *O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli.* Dantes Editora, Rio de Janeiro.

Dantes. 2009. Vol . 2. *De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli: correspondência entre naturalistas.* Dantes Editora, Rio de Janeiro.

Darwin, C. R. 1839. *Journal of researches into the geology and natural history of the various countries visited by H. M. S. Beagle.* Henry Colburn, London.

Darwin. C. R. 1868. *The variation of Animals and Plants under Domestication* Vol. 1 & 2. John Murray, London.

Daston, L. & Park, K. 1998. *Wonders and the Order of Nature 1150-1750.* Zone Books, New York.

- Daston, L. 2000. *Biographies of Scientific Objects*. University of Chicago Press, Chicago.
- Daston, L. 2004. *Things that Talk: Object Lesson from Art and Science*. Zone Books, New York.
- Daszkiewicz, P. 2002. *A few Portuguese letters and manuscripts brought to Paris by Etienne Geoffroy Saint-Hilaire, now in the library of Muséum National d'Histoire Naturelle*. Publicações Avulsas do Museu Bocage, Lisboa
- Daugeron, B. 2009. *Collections naturalistes entre science et empires (1763-1804)*. Publications Scientifiques du Muséum national d'Histoire naturelle, Paris
- Deacon, M. 1997. British Marine Scientists in Portuguese seas 1868-1870. Pp. 65-110 in Saldanha, L. & Ré, P. 1997. *One Hundred years of Portuguese Oceanography*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa.
- Defer, T. R. & Hernández-Camacho, J. I. 2002 The true identity and characteristics of *Simia albifrons* Humboldt, 1812: Description of Neotype. *Neotropical primate* 10: 49-64.
- Delicado, A. 2009. *A musealização da ciência em Portugal*. Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia, Lisboa.
- Desmarest, A. G. 1820. *Mammalogie ou Description des espèces de mammifères*. Chez Mme Veuve Agasse, Paris
- Dettelbach, M. 1996. Humboldtian Science. Pp. 287 - 304 in Jardine, N., Secord, J. A., & Spary, E. C. 1996. *Cultures of Natural History*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Domingues, A. 1991. *Viagens de exploração geográfica na amazónia em finais do século XVIII; política, ciência e aventura*. Centro de Estudos de História do Atlântico, Funchal.
- Domingues, A. 2001. Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos* 8: 823-838.
- Dresser, H. E. 1871. *A history of the birds of Europe: including all the species inhabiting the western palaearctic region*. Published by the Author, London.

Dresser, H. E. 1881. *A list of European birds: including all species found in the western palaeartic region: the nomenclature carefully revised*. Published by the Author, London.

Duméril, C. & Bibron, G. 1839. *Érpetologie générale ou histoire naturelle complete des Reptiles*, Vol. 5. Librairie Encyclopédique de Roret, Paris.

Duméril, C. & Bibron, G.. 1837. *Érpetologie générale ou histoire naturelle complete des Reptiles*, Vol. 4. Librairie Encyclopédique de Roret, Paris.

Duméril, C. & Bibron, G.. 1835. *Érpetologie générale ou histoire naturelle complete des Reptiles*, Vol. 1. Librairie Encyclopédique de Roret, Paris.

Elliot, D. G. 1877. *A Monograph of the Bucerotidae, or Family of the Horn bills*. Published by the Author, London.

Erxleben, J. C. P. 1777. *Systema Regni Animalis per classes, ordines, genera, species, varietates cum synonymia et historia animalium*. Impensis Weygandianis, Leipzig.

Espada, M. J. 1875. Nota biográfica. Patricio M. Paz y Membiela, *Anales de la Sociedad Española de Historia Natural (Actas)*, 4: 24-29.

Fairmare, V. 1891. Contributions a l'étude de la faune entomologique de S. Thomé. *O Instituto* 39: 112-116; 640-641.

Falcão, E. C. 1970. *Viagem filosófica às Capitánias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. Gráfica Brunner, São Paulo.

Farber, P. L. 2000. *Finding Order in Nature - The Naturalist Tradition from Linnaeus to E. O. Wilson*. The John Hopkins University Press, Baltimore & London.

Feijó, J. S. 1815. Ensaio Económico sobre as Ilhas de Cabo Verde. *Memórias Económicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa* 5: 172-193.

Fernandes, A. 1944. *Felix de Avellar Brotero e a sua obra*. Tipographia Alcobacense, Alcobaça

Fernandes, A. C., Antunes, M. T. & Brandão, J. M. 2012. O Monstro de Prados e Simão de Pires Sardinha: considerações sobre o primeiro relatório de registro de um fóssil brasileiro. *Filosofia e História da Biologia* 7: 1-22.

Ferreira, A. R. 1972. *Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias Zoologia e Botânica*. Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro.

Ferreira, A. R. 1974. *Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias Antropologia*. Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro.

Ferreira, J. J. B. 1897a. Reptis da India no Museu de Lisboa. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série, V (18): 212-234*.

Ferreira, J. J. B. 1897b. Sobre alguns reptis ultimamente enviados á secção zoologica do Museu de Lisboa. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série, V (18): 111-116*.

Ferreira, J. J. B. 1898. Reptis de Timôr no Museu de Lisboa. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série, V (19): 151-156*.

Ferreira, J. J. B. 1904. Reptis e amphibios de Angola da região ao norte do Quanza (Collecção Newton - 1903). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série, VII (26): 111-117*.

Ferreira, J. J. B. 1906. Algumas espécies novas ou pouco conhecidas de Amphibios e Reptis de Angola (Collecção Newton - 1903-1904). *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, Segunda Série, VII (27): 159-171*

Ferreira, J. J. B. 1907. Sur quelques exemplaires de Tortues gigantesques du Musée de l'École Polytechnique de Lisbonne. *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles, Lisbonne, I (3) : 80-84, pl. IV*.

Ferreira, J. J. B. 1911. Sur une Tortue marine du Muséum Bocage (Lisbonne). *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles, Lisbonne, V (1) : 59-62*.

- Ferreira, J. J. B. 1923. Trabalhos de erpetologia do Museu Bocage I e II: Emydosáurios e tartarugas da Coleção Antiga, provenientes da exploração do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira no Norte do Brasil (1783-1793). *Jornal de Sciencias Matemáticas, Físicas e Naturais*, 3ª Série 14: 77-89.
- Ferreira, J. J. B. 1926. A missão de Geoffroy Saint-Hilaire em Espanha e Portugal durante a invasão francesa, em 1808. *Boletim da segunda classe* 17: 208-227.
- Figueira, M. 1857. 'Uma visita ao museu de Sua Magestade o Senhor Dom Pedro V'. *Gazeta médica de Lisboa*, 105: 140-142
- Findlen, P. 1996. *Courting nature*. Pp. 57-74. in Jardine, N., Secord, J. A., & Spary, E. C. 1996. *Cultures of Natural History*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Findlen, P. 1996. *Possessing Nature: Museums, collecting, and Scientific Culture in Early Modern Italy*. University of California Press, Berkeley.
- Fitzinger, L. 1843. *Systema Reptilium, Fasciculus Primus*. Braumüller et Seidel Bibliopolas, Viena.
- Flint, R. W. 1996. *American showmen and European dealers – Commerce in Wild Animals in Nineteenth-Century America*. Pp. 97-108 in Hoage, R. J. & Deiss, W. A. (eds). 1996. *New Worlds, New Animals – From Menageries to Zoological Parks in the Nineteenth Century*. The John Hopkins University Press, London
- Forbes, E. 1847. *Travels in Lycia, Milyas, and the Cibyrtis*. John Van Voorst, London
- Forsskal, P. 1775. *Descriptiones animalium quae in itinere ad Maris Australis terras per annos 1772 1773 et 1774 suscepto*. Post mortem auctoris edidit Carsten Niebuhr. Hauniae.
- Frazier, J. 2009. *Testudo gigantea* Schweigger, 1812 (currently *Geochelone (Aldabrachelys) gigantea*; Reptilia, Testudines): proposed conservation of usage of the specific name by maintenance of a designated neotype, and suppression of *Testudo dussumieri* Gray, 1831. *Bulletin of Zoological Nomenclature* 66(1):34-50.
- Fretey, J. & Bour, R. 1980. Redécouverte du type de *Dermochelys coriacea* (Vandelli) (Testudinata, Dermochelyidae). *Bolletino di zoologia* 47: 193-205.

Furtado, A. 1880a. Variedades - Ciência e Natureza. *Era Nova* 1:83-88.

Furtado, A. 1880b. Indagações sobre a complicação das maxilas de alguns hélices naturalizados nos Açores com respeito às das mesmas espécies observadas por Monquin-Tandon em França. *A Era Nova* 1: 135-147

Furtado, A. 1881a. A propósito da distribuição dos moluscos terrestres nos Açores. *A Era Nova* 1: 267-283

Furtado, A. 1881b. Pequenas contribuições para o estudo da origem das espécies malacológicas terrestres das ilhas dos Açores. Sobre alguns exemplares de *Helix aspersa* Müller recolhidas nas paragens elevadas e áridas da ilha de S. Miguel. *A Era Nova* 12: 548-552

Furtado, A. 1881c. On *Viquesnelia atlantica* Morelet et Droüet. *Annals and Magazine of Natural History* (5),7, 39: 250-254

Furtado, A. 1882. *Viquesnelia atlantica* Morelet et Droüet. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 32: 305-308

Furtado, A. 1886. Catálogo geral das collecções de Molluscos e conchas da secção zoológica do Museu de Lisboa. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 43: 103-150

Furtado, A. 1884a. Revue scientifique - Les Açores au point de vue scientifique. *Gazette Française du Portugal* 2

Genoways, H. H. & Andrei, M. A. 2008. *Museum originis: readings in early museum history and philosophy*. Left Coast Press, Walnut Creek.

Gippoliti, S. & Amori, G. 2011. A new species of mole-rat (Rodentia, Bathyergidae) from the Horn of Africa. *Zootaxa* 2918: 39-46.

Gippoliti, S. & Bruner, E. 2007. The role of historical research in the study of primatological collections: case studies from the Museo di Antropologia "G. Sergi", Rome. *Journal of Anthropological Sciences* 85:157-162.

Giraldes, A. 1879a. *Questões de Philosophia Natural – O Darwinismo ou a origem das espécies*. Livraria Central de S. Diogo Pires, Coimbra.

Giraldes, A. 1879b. *Questões de Philosophia Natural - Catalogo das aves de Portugal existentes actualmente no museu de Coimbra*. Livraria Central de S. Diogo Pires, Coimbra.

Giraldes, A. 1884. Variedades - A nova sala de Zoologia. *Anuario da Universidade de Coimbra* 1883-1884: 243-248

Giraldes, A. 1886. Relatório do Professor de Zoologia 1885-1886. *Anuario da Universidade de Coimbra* 1885-1886: 323-333

Girard, A. 1908. *A obra científica*. Pp. 55-94 in. J. Collaço, A. Palhares & R. Torralba (eds) *S. M. El-Rei D. Carlos I e a sua obra artística e científica*. A. Palhares, Lisboa

Gmelin, J. F. 1789. *Caroli a Linné ... Systema Naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species*. G. E. Beer, Leipzig.

Gomes, I. 2011. Os Gabinetes de História Natural dos Antigos Liceus - Um estudo exploratório a partir dos textos legislativos. Livro de Actas do Congresso Luso Brasileiro de História da Ciência Pp. 1185-1201 in Fiolhais, C., Simões, C. & Martins, D. 2011. *Livro de Actas do Congresso Luso Brasileiro de História da Ciência*. Universidade de Coimbra, Coimbra.

Goodman, D. 1980. *Buffon's Natural History*. Open University Press, Milton Keynes.

Gray, J. E. 1854. Account of a ms. of Laurence Theodore Gronow lately purchased for the British Museum, with a collection of dry fish which it describes. *The Annals and magazine of natural history* 13: 41-45.

Günther, A. 1865a. Descriptions of new species of batrachians from West Africa. *Proceedings of the Zoological Society of London* 1864: 479-482

Günther, A. 1865b. Fourth account of new Species of Snakes in the Collection of the British Museum. *The Annals and magazine of natural history* 15: 89-98

Guyader, H. 2004. *Geoffroy Saint-Hillaire – A visionary naturalist*. The University of Chicago Press, Chicago.

Gwinn, N. E. & Rinaldo, C. 2009. The Biodiversity Heritage Library: sharing biodiversity literature with the world. *IFLA Journal* 35: 25-34.

Hamy, E. T. 1908. La mission de Geoffroy Saint-Hilaire en Espagne et en Portugal (1808). Histoire et documents. *Nouvelle Archives du Muséum* 10(4):1-66.

Hankins, T. L. 2004. *Ciência e Iluminismo*. Porto Editora, Porto.

Henriques, J. 1865. *As espécies são mudáveis?* Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Hoffmannsegg, G. von. 1807. Beschreibung vier affenartiger Thiere aus Brasilien. *Mag. Ges. Naturforsch. Fr. Berlin* 1: 83-104.

Humboldt, A. 1812a [1811] Sur les singes qui habitent les rives de l'Orénoque, du Cassiquiare et du Rio Negro. Pp. 305-335 in Humboldt, A. V. & Bonpland, A. 1811. *Recueil d'observations de zoologie et d'anatomie comparée, faites dans l'océan Atlantique, dans l'intérieur du nouveau continent et dans la mer du Sud pendant les années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803, Vol. 1*. Paris.

Humboldt, A. 1812b [1811] Sur les singes du Royaume de la Nouvelle-Grenade et des Rives de l'Amazone. Pp. 336-344 in Humboldt, A. V. & Bonpland, A. 1811. *Recueil d'observations de zoologie et d'anatomie comparée, faites dans l'océan Atlantique, dans l'intérieur du nouveau continent et dans la mer du Sud pendant les années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803, Vol. 1*. Paris.

Humboldt, A. 1812c [1811] Tableau synoptique des Singes de l'Amérique. Pp. 353-363 in Humboldt, A. V. & Bonpland, A. 1811. *Recueil d'observations de zoologie et d'anatomie comparée, faites dans l'océan Atlantique, dans l'intérieur du nouveau continent et dans la mer du Sud pendant les années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803, Vol. 1*. Paris.

Humboldt, A. V. & Vallencienes, A. 1821 [1833]. Recherches sur les poissons fluviatiles de l'Amérique Équinoxiale. p. 145–216 in Humboldt, A. V. & Bonpland, A. 1833. *Recueil d'observations de zoologie et d'anatomie comparée, faites dans l'océan Atlantique, dans*

l'intérieur du nouveau continent et dans la mer du Sud pendant les années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803, Vol. 2. Paris.

Humboldt, A. V. & Bonpland, A. 1811. *Recueil d'observations de zoologie et d'anatomie comparée, faites dans l'océan Atlantique, dans l'intérieur du nouveau continent et dans la mer du Sud pendant les années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803, Vol. 1.* Paris.

Humboldt, A. V. & Bonpland, A. 1833. *Recueil d'observations de zoologie et d'anatomie comparée, faites dans l'océan Atlantique, dans l'intérieur du nouveau continent et dans la mer du Sud pendant les années 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803, Vol. 2.* Paris.

Jordan, D. S. 1898. Description of a species of fish (**Mitsukurina owstoni**) from Japan, the type of a distinct family of lamnoid sharks. *Proceedings of the California Academy of Sciences* 1: 199-201.

Kisling, V. N. 2001. *Ancient Collections and Menageries*, Pp. 1-48 in Kisling, V. N. (ed) 2001. *Zoo and Aquarium History – Ancient Animal Collections to Zoological Gardens.* CRC Press, Boca Raton.

Kragh, H. 2003. *Introdução à Historiografia da Ciência.* Porto Editora, Porto.

Kuhn, T. S. 1962. *The Structure of Scientific Revolutions.* University of Chicago Press, Chicago.

Kury, L. 1998. Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750-1830). *Revue d'Histoire des Sciences* 51(1): 65-92.

Kury, L. 2004. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-18109). *História, Ciência, Saúde - Manguinhos* 11: 109-129.

Lamarck, J. B. 1809. *Philosophie zoologique, ou Exposition des considérations relatives à l'histoire naturelle des animaux [...]*. L'Imprimerie de Duminil-Lesueur, Paris.

Larsen, A. 1996. *Equipment for the field.* Pp. 338 -357 in Jardine, N., Secord, J. A., & Spary, E. C. 1996. *Cultures of Natural History.* Cambridge University Press, Cambridge.

Leal, C. 2007. *Na Sombra da História Natural: O Ensino Liceal das Ciências Biológicas e Geológicas (1895-1954)*. Lisboa. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.

Leitão, R. A. 1950. Diário de D. Pedro V – Viagem a Inglaterra em 1854. *Revista da Faculdade de Letras* 7(3): 42-116

Leitão, R. A. 1970. *Diário da Viagem a França D'el-Rei Dom Pedro V (1855)*. Fundação Calouste-Gulbenkian/Centro Cultural Português, Paris.

Leitão, R. A. 2011. *D. Pedro V. Um Homem e um Rei*. Texto Editores, Lisboa.

Lemos, F. 1980. Relação geral do estado da Universidade (1777). Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Lima, A. P. & Santos-Junior, J. R. 1944. Cartas inéditas de e para Brotero. *Anuário da Sociedade Broteriana* XX: XX-XX.

Lima, A. P. 1947. *Brotero e a arborização de Cabo Verde*. Boletim Geral das Colónias, Lisboa.

Lima, A. P. 1953. *O Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*. Agência Geral do Ultramar, Lisboa.

Lima, A. P. 1954. Ainda o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. *Boletim da Sociedade Broteriana* 228: XX-XX.

Linnaeus, C. 1758. *Systema naturae*. Laurentii Salvii, Holmiae.

Linnaeus, C. 1766. *Systema naturae*. Laurentii Salvii, Holmiae.

Linnaeus, C. 1785. *Reflections on the study of nature*. George Nicol, London.

Lopes, M. M. 2009. *O Brasil descobre a pesquisa científica: as ciências naturais e os museus no século XIX*. Hucitec-UnB, São Paulo.

Lourenço, M. C. & Felismino, D. 2013. Between Teaching and Collecting: The lost Cabinet of Physics of Princes José and João of Portugal (1777-1808). Pp 137-153. *In*

- Bennet, J. & Talas, S. (eds.). 2013. *Cabinets of Experimental Philosophy in Eighteenth-Century Europe*. Brill,
- Lourenço, M. & Gessner, S. 2013. Documenting Collections: Cornerstones for more history of science in museums. *Science & Education*: Doi: 10.1007/s11191-012-9568-z
- Lowe, R.T. 1831. Primitiae faunae et florum Maderae et Portus Sancti. *Transactions of the Cambridge Philosophical Society* 4: 5-66.
- Lowe, R.T. 1852. Brief diagnostic notices on new Maderan Land Shells. *Annals and Magazine of Natural History* 10: 112-120; 275-279.
- Lowe, R.T. 1854. Catalogus Molluscorum Pneumatorum Insularum Maderenseium. *Proceedings of the Zoological Society of London* 28: 161-218.
- Lowe, R.T. 1860. The Cyclostomas of Madeira belonging to the genus *Craspedopoma* of Pfeiffer: with description of four new Madeiran and one new Canarian species. *Annals and Magazine of Natural History* 6: 114-118.
- MacGregor, A. 2008. *Curiosity and Enlightenment: Collectors and Collections from the Sixteenth to Nineteenth Century*. Yale University Press, New Haven & London.
- Machado, A. (1837) *A Zoologia na Academia Politécnica do Porto*. Imprensa Portuguesa, Porto.
- Mackenzie, J. 2009. *Museums and Empire: Natural History, Human Cultures and Colonial identities*. Manchester University Press, Manchester.
- Marques, D. G.. 2011. *A recepção das teorias transformistas e evolucionistas na comunidade portuguesa: o caso da Escola Politécnica de Lisboa (1872 - 1911)*. Pp. 345-359 in Fiolhais, C., Simões, C. & Martins, D. 2011. *Livro de Actas do Congresso Luso Brasileiro de História da Ciência*. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Michahelles . 1830. Reue füdeuropäische Amphibien. *Ísis von Oken* 23: 189-195
- Möller, A. 1897. Petromyzon planeri Bl. *O Instituto* 44: 90-91

Mónica, M. F. 2000. Correspondência entre D. Pedro V e seu tio, o Príncipe Alberto. ICS/Quetzal Editores, Lisboa.

Morelet, A. 1845. *Description des mollusques terrestres et fluviatiles du Portugal*. pp. [1-3], I-VII, 1-116, Pl. I-XIV. Paris. (Bailliere).

Muller, J. & Henle, J. 1841. *Systematische Beschreibung der Plagiostomen*. Verlag von veit und comp, Berlin

Müller, J. & Troschel, F. H. 1844 Synopsis generum et specierum familiae Characinorum. (Prodromus descriptionis novorum generum et specierum). *Archiv für Naturgeschichte* 10(1): 81-99.

Murray, N. 2007. *From birds of Paradise to Drosophila. The Changing Roles of Scientific Specimens to 1920*. p. 113-134 in Kete, K (ed.). 2007. *A Cultural History of Animals in the Age of Empire*. Berg. Oxford, New York.

Nobre, A. 1886. Noticia sobre as conchas marinhas da costa de Portugal recolhidas entre o cabo Mondego e Buarcos. *O Instituto* 34: 349-352

Nobre, A. 1887a. Molluscos recolhidos na exploração botânico-zoologica, feita pelo sr. Adolpho Moller nas bacias do Tejo e do Sado. *O Instituto* 34: 611-623.

Nobre, A. 1887b. Molluscos marinhos do Algarve. *O Instituto* 35: 17-29; 74-82; 146-152; 201-203; 253-255; 315-317; 477-481; 542-548.

Nobre, A. 1889. Notas malacologicas VII – Lista de algumas conchas recolhidas pelo sr. Adolpho F. Moller em Lagos em 1889. *O Instituto* 36: 137-139; 212; 297-298.

Nobre, A. 1889. Recherches anatomiques et histologiques sur le *Cynops boscai* Lat. *Revista da Sociedade Carlos Ribeiro* 1: 162-177

Nobre, A. 1892. Catalogo do Gabinete de Zoologia. *Annuário Academia Polytechnica do Porto* 1891-1892: 49-102

Nobre, A. 1893. Reptis e batrachios de Portugal existentes no Laboratório de Zoologia da Academia Polytechnica do Porto. *Annuário Academia Polytechnica do Porto* 1892-1893: 85-108

Nobre, A. 1895. Catálogo do gabinete de Zoologia. *Annuário Academia Polytechnica do Porto* 1894-1895: 43-88

Nobre, A. 1897. Catálogo do gabinete de Zoologia. *Annuário Academia Polytechnica do Porto* 1896-1897: 146-166

Nobre, A. 1905. Molluscos Terrestre e Fluviaes da exploração de Francisco Newton em Angola. *Annaes de Sciencias Naturaes* 9: 103-118

Nobre, A. 1907. Mollusques de l'exploration scientifique de Francisco Newton à Timor. *Bulletin de la Societé Portugaise des Sciences Naturalles* 1: 205-234

Nobre, A. 1945. *Leça da Palmeira. Recordações e Estudos de há sessenta anos*. Oficinas Gráficas Augusto Costa & C^a, Porto.

Nunes, M. F. N. & Brigola, J. C. P. 1999. *José Mariano da Conceição Veloso (1724-1811) - Um frade no Universo da Natureza*. Pp. 51-75 in Tudela, A. P., Campos, F. M. G. & Curto, D. R (eds). 1999. *A Casa Literária do Arco do Cego (1799-1801), Bicentenário*. Biblioteca Nacional-Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

Oliveira & Nodari. 2012. Percepções do mundo natural nas "diligências filosóficas" de João da Silva Feijó na capitania do Ceará (1799-1816).

Oliveira, F. 2009. Os biólogos em Portugal: caracterização social, formação e emprego. Pp. 143-164. in Gonçalves, M. E. & Freire, J. 2009. *Biologia e Biólogos em Portugal- Ensino, Emprego e Sociedade*. Esfera do Caos Editores, Lisboa.

Oliveira, M. M. & Langguth, A. 2006. Rediscovery of Marcgrave's capuchin monkey and designation of a neotype for *Simia Flavia* Schreber, 1774 (Primates, Cebidae) (with 7 figures). *Boletim do Museu Nacional* 563: 1-16

Oliveira, M. P. & Vieira, A. X. L. 1896. *Catalogo dos Mammiferos de Portugal*. Imprensa da Universidade. Coimbra

Oliveira, M. P. 1862. *Haveria um ou mais centros de criação vegetal?*. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Oliveira, M. P. 1876a. "*Mélanges Entomologiques sur les Insectes du Portugal*". Imprensa da Universidade, Coimbra.

Oliveira, M. P. 1876b. Catalogue des Coleopteres du Portugal. *O Instituto* 22: 116-117

Oliveira, M. P. 1882. Discurso do Lente de Véspera, servindo de Decano, Dr. Manuel Paulino d'Oliveira.

Oliveira, M. P. 1887. Insectos da Ilha de S. Thomé. *O Instituto* 34: 460-462

Oliveira, M. P. 1888. Nouveau Oxyrhynque du Portugal. *O Instituto* 36: 78-79

Oliveira, P. 1895a. Préparation et conservation de quelques animaux par l'aldéhyde formique. *Annaes de Sciencias Naturaes*, 2: 69-76

Oliveira, M. P. 1895b. *Tabella Dichotomica para a Determinação dos Mammiferos de Portugal*. Imprensa da Universidade. Coimbra

Oliveira, M. P. 1895c. Opistobranches du Portugal de la collection de M. Paulino d'Oliveira. *O Instituto* 42: 574-593

Oliveira, M. P. 1896a. *Reptis e Amphibios da Peninsula Iberica e especialmente de Portugal*. Imprensa da Universidade. Coimbra

Oliveira, M. P. 1896b. *Aves da Peninsula Iberica e especialmente de Portugal*. Imprensa da Universidade. Coimbra

Oliveira, M. P. 1896c. *Correcção à Tabella dichotomica para a determinação dos mammiferos de Portugal*. *Annaes de Sciencias Naturaes*, Porto, III

Osório, B. 1894. Zoologia Portugueza Antiga. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* 11(3): 97-116.

Osório, B. 1909. *Memórias do Museu Bocage*. Imprensa Libanio da Silva, Lisboa.

- Paiva, C. 1860. Descrição de dois Insectos Coleopteros de Camboja. *Annals and Magazine of Natural History* (3) 9:360-362.
- Paiva, C. 1867. *Monographia molluscorum terrestrium, fluviatilum, lacustrium insularum maderensium*. Typis Academicis, Lisboa.
- Paley, W. 2006. *Natural Theology*. Oxford University Press, Oxford.
- Pallas, P. S. 1773. *Reise durch verschiedene Provinzen des Rußischen Reichs. Zweyter Theil, zweytes Buch vom Jahr 1771*. Kayserliche Academie der Wissenschaften, St. Petersburg.
- Pataca, E. M. 2003. A confecção de desenhos de peixes oceânicos nas Viagens Philosophicas (1783) ao Pará e a Angola. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos* 13(3): 979-991.
- Pataca, E. M. 2011. Coletar, preparar, remeter, transportar. Práticas de História Natural nas viagens filosóficas Portuguesas (1777-1808). *Revista Brasileira de História da Ciência* 4: 125-138.
- Pereira, A. L. 2001. *Darwin em Portugal (1865-1914)*. Filosofia. História. Engenharia Social. Almedina, Coimbra.
- Pereira, M. R. M. 2002. Um jovem naturalista num ninho de cobras: a trajetória de João da Silva Feijó em Cabo Verde, em finais do século XVIII. *História: Questões e Debates* 36: 29-60.
- Pinto, S. 1998. *Como eu atravessei África*. Europa-América, Lisboa.
- Raby, P. 2002. *Alfred Russel Wallace: a Life*. Princeton University Press, London.
- Raminelli, R. 1998. Ciência e colonização - Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Revista Tempo* 7: 157-182.
- Raminelli, R. 2001. Do conhecimento físico e moral dos povos: iconografia e taxionomia na Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *História, Ciência, Saúde* 8: 969-992.
- Ramos, A. M. 2008. *Os Monstros na literature de cordel portuguesa do século XVIII*. Edições Colibri/Instituto de Estudos de Literatura Tradicional, Lisboa.

- Reig-Ferrer, A. 2005. Recordando al Dr. Reinaldo Brehm en el 175 aniversario de su nacimiento. *Argutorio*, 15: 48-55.
- Reis-Júnior, J. A. 1934. *Aves de Portugal. XV Accipitriformes*. Araújo & Sobrinhos e Sucessores, Porto.
- Ribeiro, V. 1904. *Breve noticia ácerca dos Estudos Zoológicos em Portugal*. Empresa da Historia de Portugal, Lisboa.
- Robbins, L. 2002. *Elephant Slave's & Pampered Parrots. Exotic Animals in Eighteenth-Century Paris*. John Hopkins University Press, Baltimore.
- Roberto, A. 1863. Objectos de Historia Natural da India Portuguesa. *Jornal de Pharmacia e Sciencias Medicas da India Portuguesa* 12: 117 - 120.
- Robison, M. H. 1996. *Foreword*. Pp. VII-XII in Hoage, R. J. & Deiss, W. A. (eds). 1996. *New Worlds, New Animals – From Menageries to Zoological Parks in the Nineteenth Century*. The John Hopkins University Press, London
- Rode, P. 1938. Catalogue des types de mammifères du Museum National d'Histoire Naturelle, I Ordre des Primates A. – Sous-ordre des Simiens. *Bulletin du Museum National d'Histoire Naturelle de Paris* 10(3):202-251.
- Rodrigues, M. A. 1992. *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis: 1772-1937*. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Rogenhofer, A. F. 1892. Um novo Lepidoptero da África Occidental. *O Instituto* 40 : 683
- Rosa, D. 1889. Subsídios para o estudo das minhocas de Portugal. *O Instituto* 37 : 22-24.
- Sá, J. A. 1783. *Compendio de observaçoens que se fórmaõ o plano da viagem politica, e filosófica, que se deve fazer dentro da pátria*. Officina de Francisco Borges Sousa, Lisboa.
- Sacarrão, G. F. 1953. As origens dos estudos zoológicos Portugueses. *Naturália* 4(1): 34-51.
- Sacarrão, G. F. 1968. A obra do Dr. Barboza du Bocage e a Zoologia em Lisboa anteriormente à fundação da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais* 7: 1-16.

Saint-Hilaire, E. G. 1806. Sur les Singes à main imparfaite ou les Atèles *Annales du Muséum National d'Histoire Naturelle* 7: 270-271.

Saint-Hilaire, E. G. 1809. Récapitulation des catalogues contenant le détail des objets recueillis au Portugal. *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle* 12:434-438

Saint-Hilaire, E. G. 1809. Sur l'accroissement des collections des mammifères et des oiseaux du Muséum d'Histoire naturelle. *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle* 13: 87-97.

Saint-Hilaire, E. G. 1812. Tableau des quadrumanes ou des animaux composant le premier ordre de la classe des mammifères. *Annales du Muséum d'Histoire Naturelle de Paris* 19:85-122.

Saint-Hilaire, I. G. 1847. *Vie, Travaux et Doctrine scientifique d'Étienne Geoffroy Saint-Hilaire*. Chez P. Bertrand, Paris.

Saint-Hilaire, I. G. 1843. Description des mammifères nouveaux ou imparfaitement connus de la collection du Muséum d'Histoire Naturelle et Remarques sur la classification et les caractères des mammifères. *Archives du Muséum d'Histoire Naturelle* 4: 5-42

Saldanha, L. 1990. *The Forbe's Azoic Theory and the Portuguese Zoologist of the 19th Century*. Pp. 166-173. in Lenz, W. & Deacon, M. 1990. Ocean Sciences: Their History and Relation to Man. Proceedings of the 4th International Congress on the History of Oceanography (1987). Bundesamt für Seeschifffahrt und Hydrographie 23.

Saldanha, L. 1997. *King Carlos de Brangança, the father of the Portuguese oceanography*. Pp. 19-38 in Saldanha, L. & Ré, P. 1997. *One Hundred years of Portuguese Oceanography*. Publicações avulsas do Museu Bocage, Lisboa.

Schlenker, L. 2007. *Plants and Empire: Colonial Bioprospecting in the Atlantic World*. Harvard University Press, Harvard.

Schinz, H. R. 1822. *Das Thierreich eingetheilt nach dem Bau der Thiere als Grundlage ihrer Naturgeschichte und der vergleichenden Anatomie*. Vol. 2. Berlin.

Schreber, J.C.D., 1774. Die Säugthiere in Abbildungen nach der Natur mit Beschreibungen. *Erlangen Theil* 1(4):.57-64, pls.27-34

Schweigger, A. F. 1812. Prodrumus Monographiae Cheloniorum. *Koenigsberger Arch. Naturwiss. Math.* 1:271-368, 406-462.

Seabra, A. 1897. Noticia sobre algumas especies do genero "Pteropus" provenientes da ilha de Timor. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 5(18): 117-125.

Seabra, A. 1898. Sobre um caracter importante para a determinação dos generos e especies dos "Microchiropteros" e lista das especies d'este grupo existentes nas colleções do Museu Nacional. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 5(20): 247-258.

Seabra, A. 1905a. Mammiferos e aves da exploração de F. Newton em Angola. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 7(26): 103-110.

Seabra, A. 1905b. Aves de Angola da exploração de F. Newton. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 7(26): 118-128.

Seabra, A. 1906a. Nota sobre a existencia de "Diomedea imutabilis" nas costas occidentaes de Africa. Nota sobre a existencia de "Diomedea imutabilis" nas costas occidentaes de Africa. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 7(27): 141-142.

Seabra, A. 1906b. Aves de Porto Alexandre. *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* 7(27): 143-148.

Seabra, A. 1906c. A proposito de algumas especies de Microchiropteros d'Angola. *Annaes de Sciencias Naturaes* 10: 81-82

Seabra, A. 1906d. Ribeirinhas e palmípedes das margens do Rio Cunene. *Annaes de Sciencias Naturaes* 10: 83-90

Seabra, A. 1906e. Aves da exploração de Fr. Newton em Angola - Subsídios para o conhecimento da distribuição geographica das aves d'África occidental. *Annaes de Sciencias Naturaes do Porto* 10: 153-159.

Seabra, A. 1907. Sur quelques Oiseaux d'Angola envoyés par Francisco Newton. Contribution à l'étude de la distribution géographique des Oiseaux de l'Afrique occidentale. *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles* 1: 41-45

Seabra, A. 1913. Sur quelques espèces remarquables de Poissons des cotes du Maroc et du Portugal. *Bulletim Societé Portugaise des Sciences Naturelles* 6:117-118.

Serra, C. 1804. De l'état des sciences et des lettres parmi les Portugais pendant la seconde moitié du siècle dernier. *Archives Littéraires de l'Europe* 1: 63-77, 269-290.

Serrão, J. V. 1994 . *Domingos Vandelli - Aritmética política, economia e finanças*. Banco de Portugal, Lisboa.

Shapin, S. & Schaffer, S. 1985. *Leviathan and the Air-Pump: Hobbes, Boyle, and the Experimental Life*. Princeton University Press, New Jersey.

Silva, A. 1901. *O Aquário Vasco da Gama – Relatório apresentado a sua Ex^a o Ministro da Marinha e Ultramar sobre o estado d'este estabelecimento e a sua reorganização*. Imprensa Nacional, Lisboa.

Silva, A. 1907. Um grande sabio Portuguez: J. V. Barbosa du Bocage. *Ilustração Portuguesa* 94: 737-744.

Silva, A. J. F. 1854. Relatório das trabalhos da classe de sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes da Academia Real das Sciencias de Lisboa desde a sua instalação no 1^o de Março de 1852 até 16 de Junho de 1854. *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras. Nova Serie* 1(1): 1-29.

Silva, C. P. 2007. As viagens filosóficas de João da Silva Feijó (1760-1824) no Ceará. *História: Questões e Debates* 47: 179-201.

Silva, I. C. & Seixas, M. M. 2009. *D. Carlos de corpo inteiro*. Objectiva, Lisboa.

Silva, J. D. 1940. *Francisco Newton: Explorador-Naturalista: apontamentos para uma biografia*. Agência Geral das Colónias, Lisboa.

Silva, M. G. 1862. Observações sobre a história natural de Goa feitas no ano de 1784. Imprensa Nacional, Nova Goa.

Simões, A. F. 1888. *Esriptos diversos*. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Simões, A., Diogo, M. P. & Carneiro, A. 2006. Cidadão do Mundo. Uma biografia científica do Abade Correia da Serra. Porto Editora, Porto.

Simon, E. 1883. Matériaux pour servir á la fauna arachnologique des iles de l'Océan Atlantique. Études arachnologiques. *Annales de la Société Entomologique de France* 21: 259-314.

Simon, J. (1983) *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808)*. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.

Smith, A. C. 1868. A Sketch of the Birds of Portugal. *Ibis*, 10: 428–460

Sousa, J. A. 1861. Relação das aves de Portugal existentes no Museu de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Pedro V. *Gazeta Medica de Lisboa* 9(2): 17-21.

Spary, E. 1996. *Political, natural and bodily economies*. Pp. 178 - 196 in Jardine, N., Secord, J. A., & Spary, E. C. 1996. *Cultures of Natural History*. Cambridge Univeristy Press, Cambridge.

Spary, E. C. 2000. *Utopia's Garden. French natural history from Old Regime to Revolution*. University of Chicago Press, Chicago and London.

Spary, E. C. 2003. "Peaches which the patriarchs lacked": Natural History, Natural Resources, and the Natural Economy in France. *History of Political Economy* 35: 14-41.

Steindachner, F. 1877. Die Süßwasserfische des südöstlichen Brasilien (III). *Sitzungsberichte der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften. Mathematisch-Naturwissenschaften Classe* 74: 559-694.

Strehlow, H. 1996. *Zoos and aquariums of Berlin*. Pp. 63-72 in Hoage, R. J. & Deiss, W. A. (eds). 1996. *New Worlds, New Animals – From Menageries to Zoological Parks in the Nineteenth Century*. The John Hopkins University Press, London

Stroud, P. T. 2000. The emperor of nature: Charles-Lucien Bonaparte and his world. University of Philadelphia Press, Philadelphia.

Tait, W. 1894. Aves de Portugal. *Annaes da Sciencias Naturais* 1: 21-30; 67-74; 115-122; 187-192; .

Temminck C. J. 1827. *Monographies de mammalogie, ou Description de quelques genres de mammifères dont les espèces ont été observées dans les différens musées del'Europe*. Chez G. Dufour et Ep D'Ocagne, Paris.

Themido, A. A. 1947. As focas das costas de Portugal. *Memórias e Estudos do Museu Zoológico de Coimbra* 179: 1-12

Tree, I. 2003. *The Bird Man: The Extraordinary story of John Gould*. Ebury Press, London.

Universidade de Coimbra. 1772. *Estatutos da Universidade de Coimbra* - vol. 3. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Valenciennes, A. 1836. *Poissons. Catalogue des principales espèces de poissons, rapportées de l'Amérique méridionale*. Pp. 1-11 in d'Orbigny, A. 1836. *Voyage dans L'Amérique Méridionale (le Brésil, la République Orientale de l'Uruguay, la République Argentine, la Patagonie, La République du Chili, la République de Bolivia, la République du Pérou), exécuté pendant les années 1826, 1827, 1828, 1829, 1830, 1832 et 1833*. Bertrand et Levrault, Paris.

Vandelli, D. 1761. *Epistola de Holothurio, et Testudine coriacea ad celeberrimum Carolum Linnaeum equitem Naturae curiosorum. Dioscoridem II, Ex Typographia Conzatti, Patavii,*

Vandelli, D. 1768. *Dissertatio de Arbore Draconis, seu Dracaena. Accedunt: Dissertatio de Studio Historiae Naturalis Necessario in Medicina, Oeconomia, Agricultura, Artibus, & Commercio; et Conspectus musei Dominici Vandelli, Apud Antonium Rodericium Galliardum Typographum Regiae Curiae Censoriae*. Lisboa

Vandelli, D. 1771a. *Hortus Olisiponensis Exhibens Plantas Exoticas Horti Regii Specimenque Historiae Naturalis Lusitaniae Cum novis generibus et Specibus*. online em <http://purl.pt/15104>

Vandelli, D. 1771b. *Fasciculus plantarum cum novis generibus, et speciebus*. Typographia Regia, Lisboa.

Vandelli, D. 1776. *Dissertatio de monstribus*. Imprensa da Universidade, Coimbra
Vandelli, D. 1788. *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural*. Real Officina da Universidade, Coimbra.

Vandelli, D. 1789a. Memória sobre algumas produções naturais deste reino, das quais se poderia tirar utilidade. *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências* 1: 176-186

Vandelli, D. 1789b. Memória sobre algumas produções naturais das conquistas, as quais ou são pouco conhecidas, ou não se aproveitam. *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências* 1: 187-206

Vandelli, D. 1789c. Memória sobre as produções naturais do reino, e das conquistas, primeiras matérias de diferentes fábricas, ou manufacturas. *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências* 1: 233-236

Vandelli, D. 1789d. Memória sobre a ferrugem das oliveiras. *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências* 1: 8-9

Vandelli, D. 1790a. Memória sobre o modo de aproveitar o carvão de pedra, e os paus betuminosos deste reino. *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências* 2: 309-310.

Vandelli, D. 1790b. Memória sobre o encanamento do Mondego. *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências* 2: 18-27

Vandelli, D. 1790c. Memória sobre as Águas Livres. *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências* 2: 375-380

Vandelli, D. 1790d. Memória sobre várias misturas de matérias vegetais na factura dos chapéus. *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências* 2: 307-308

Vandelli, D. 1797. *Florae, e faunae lusitanicae specimen*. *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa* 1: 37-79.

Vandelli, D. 1994. *Aritmética Política, Economia e Finanças (1770-1804)*. Banco de Portugal, Lisboa.

Vaz, F. A. L. 2009. *D. Manuel do Cenáculo. Instruções Pastorais, Projectos de Bibliotecas e Diário*. Porto Editora, Porto.

Verhoeff, K. 1893a. Contributions a l'étude des Chilopodes et Diplopodes de L'Ile de S. Thomé. *O Instituto* 40: 33-34

Verhoeff, K. 1893b. Des espèces nouvelles de Diplopodes du Portugal. *O Instituto* 40: 369-370

Vicente, F. L. 2003. *Viagens e Exposições: D. Pedro V na Europa do Século XX*. Gótica, Algés.

Vieira, A. X. L. 1883a. O Processo Taxidermico seguido no gabinete de zoologia da Universidade de Coimbra para a preparação das Aves. *O Instituto* 31: 20-29; 77-81

Vieira, A. X. L. 1883b. Meios de conservação das colecções de aves utilizados actualmente no muzeu da Universidade de Coimbra. *O Instituto* 31: 127-132

Vieira, A. X. L. 1886a. Noticia acerca dos produtos zoologicos trazidos da Ilha de S.Thomé para o Museu Zoologico da Universidade de Coimbra, pelo Sr. Adolpho F. Moller, em 1885. *O Instituto* 34: 235-241.

Vieira, A. X. L. 1886b. *Catálogo dos amphibios e reptis de Portugal existentes actualmente no museu Zoologico da Universidade de Coimbra*. Anuario da Universidade de Coimbra, Ano Lectivo de 1886 a 1887: 334-342.

Vieira, A. X. L. 1886c. Apontamentos para o estudo da Ornithologia de Portugal. *O Instituto* 34: 339-343.

Vieira, A. X. L. 1886d. Mais um réptil para a fauna erpetologica de Portugal. *O Instituto* 34: 301-302

Vieira, A. X. L. 1887a. Superioridade da Naphtalina como agente de conservação das collecções zoológicas. *O Instituto* 34: 399-400.

Vieira, A. X. L. 1887b. Aves da Ilha de S. Thomé. *O Instituto* 34: 562-565.

Vieira, A. X. L. 1892. Subsídios para o estudo dos arachnideos de Portugal. *O Instituto* 40: 615-618

Vieira, A. X. L. 1893a. Explorações Ichthyologicas feitas nas praias da Nazareth e da Povoia de Varzim nos mezes de Agosto e Setembro de 1892 e 1893. *O Instituto* 40: 335-645

Vieira, A. X. L. 1893b. Aranhas da Ilha de S. Thomé colligidas pelo sr. Adolpho Frederico Moller e classificadas pelo sr. dr. Ph. Bertkau, director do Instituto de anatomia comparada e do Museu Zoológico da Universidade de Bonn. *O Instituto* 40: 403-404

Vieira, A. X. L. 1893c. Nova lista de especies de aranhas de Portugal, classificadas pelo dr. Ph. Bertkau, de Bonn, e colligidas pelo sr. Adolpho F. Moller, também existentes no Museu da Universidade de Coimbra. *O Instituto* 40: 924-926

Vieira, A. X. L., 1894a. Contribution à l'étude des poissons d'eau douce du Portugal d'après la collection du Musée de Zoologie de l'Université de Coimbra. *Annaes de Sciencias Naturaes* 1(2): 53-61.

Vieira, A. X. L., 1894b. Sur les moeurs du *Petromyzon marinus*, Linn., et du *Petromyzon fluviatillis*, Linn. *Annaes de Sciencias Naturaes* 1(2): 78-83.

Vieira, A. X. L. 1894c. Étude comparative du squelette du Chie et du Loup. *Annaes de Sciencias Naturaes* 1(3): 109-114.

Vieira, A. X. L. 1894d. Contribution à l'étude de l'ichthyologie maritime. *Annaes de Sciencias Naturaes* 1(3): 137-139.

Vieira, A. X. L. 1894e. Note sur le *Lepidopus argenteus*, Bomat. vel *caudatus*, Günth. *Annaes de Sciencias Naturaes* 1(4): 165-167.

Vieira, A. X. L. 1895a. A preparação e conservação das collecções zoológicas de vertebrados nos Museus. *Annaes de Sciencias Naturaes* 2:61-68.

Vieira, A. X. L. 1895b. Le maintien de jeunes *Petromyzon marinus*, L., dans un aquarium d'eau douce, au Musée de l'Université de Coimbre. *Annaes de Sciencias Naturaes* 2:14-16.

Vieira, A. X. L. 1895c. Estudos sobre as condições de vida e multiplicação do gorgulho do milho (*Calandra granaria*, L.), feitos no Museu Zoológico da Universidade de Coimbra. *Annaes de Sciencias Naturaes* 2:141-146.

Vieira, A. X. L. 1897. *Catalogo dos Reptis e Amphibios do Continente de Portugal existentes no Museu de Zoologia da Universidade de Coimbra*. Imprensa da Universidade, Coimbra

Vieira, A. X. L. 1898a. *Catalogo dos Peixes de Portugal existentes no Museu de Zoologia da Universidade de Coimbra*. Imprensa da Universidade, Coimbra

Vieira, A. X. L. 1898b. Uma espécie de peixe nova para a fauna oceânica de Portugal. *Annaes de Sciencias Naturaes* 5: 119-120

Vieira, A. X. L. 1903. Catalogo da Collecção de ninhos e ovos das aves que criam em Portugal, existente no Museu de Zoologia da Universidade de Coimbra. *Annaes de Sciencias Naturaes* 8: 101-113.

Vilhena, J. 1921. *D. Pedro V e o seu Reinado*. Imprensa da Universidade, Coimbra.

Villena, M. Almazán, J. S., Muñoz, J. & Yague, F. 2009. *El gabinete perdido. Pedro Franco Dávila y la Historia Natural del Siglo de las Luces*. Consejo Superior de Investigaciones Cientificas, Madrid.

Whittaker, K. 1996. *The culture of curiosity*. Pp. 75 - 90. in Jardine, N., Secord, J. A., & Spary, E. C. 1996. *Cultures of Natural History*. Cambridge Univeristy Press, Cambridge.

Winker, K. 2004. Natural History Museums in a Postbiodiversity era. *BioScience* 54(5): 455-459.

Yanni, C. 2005. *Nature's Museums: Victorian Science and the Architecture of Display*. Princeton Architectural Press, New York.

Yoon, C. K. 2010. *Naming Nature: The Clash between Instinct and Science*. W. W. Norton & Company, New York.

